napoleão mendes
de almeida

Gramática Metódica da Língua Portuguêsa

GRAMÁTICA METÓDICA
DA
LÍNGUA PORTUGUÊSA

De acôrdo com a

Nova Nomenclatura Gramatical

Nas primeiras páginas: texto completo da Nomenclatura Gramatical Brasileira

13.ª Edição

(Do 257.º ao 276.º MILHEIRO)

TRABALHOS
DO
Prof. NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

autor das "Questões Vernáculas" (1.200 artigos, publicados de 1936 a 1953 no "O Estado de S. Paulo")

●

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA — Curso único e completo

ANTOLOGIA REMISSIVA — 1.ª parte (1.ª e 2.ª série)

ANTOLOGIA REMISSIVA — 2.ª parte (3.ª e 4.ª série)

CRASE, COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS, INFINITIVO PESSOAL

DICIONÁRIO DE ERROS, CORREÇÕES E ENSINAMENTOS DE LÍNGUA PORTUGUÊSA

NOÇÕES FUNDAMENTAIS DA LÍNGUA LATINA — Para as 4 séries ginasiais

O PERÍODO LATINO — Curso colegial e universitário

●

CURSO DE PORTUGUÊS POR CORRESPONDÊNCIA

Peça o prospeto, grátis e sem compromisso, diretamente ao autor.

CURSO DE LATIM POR CORRESPONDÊNCIA

Peça o prospeto, grátis e sem compromisso, diretamente ao autor.

●

ENDERÊÇO DO AUTOR:

Cx. postal 4455 — Tel. 32-9688 — S. Paulo (Brasil).

R. Líbero Badaró, 346 - 4.º — Salas 8, 9 e 10.

Oficinas Gráficas: Rua Sampson, 265 — Fone, 9-3244
Departamento Editorial: Rua Fortaleza, 53 — Fone, 32-1149
Varejo: LIVRARIA ACADÊMICA — Praça Ouvidor Pacheco e Silva, 28 — Fones: 32-1296 e 32-0619 — Caixa Postal, 2362
End. Teleg.: *Acadêmica* — SÃO PAULO

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

(CURSO ÚNICO E COMPLETO)

A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos.

13.ª Edição

De acôrdo com a nova nomenclatura gramatical

EDIÇÃO SARAIVA
SÃO PAULO
1961

Gramáticos, dicionaristas e professôres consultados:

Adolfo Coelho
Álvaro Guerra
Aulete
Botelho de Amaral
P.e Caetano Oricchio
Cândido de Figueiredo
Carlos Góis
Carlos Pereira
Carneiro Ribeiro
Domingos Vieira
Côn. F. M. Bueno de Sequeira
Fernando V. Peixoto da Fonseca
Francisco Fernandes
Frederico Diez
Gonçalves Viana
J. J. Nunes
João Ribeiro
P.e José Rodrigues
Júlio Ribeiro
Leite de Vasconcelos
P.e Luís Garcia de Oliveira
M. Rodrigues Lapa
Mário Barreto
Mário Casasanta
Marques da Cruz
Max Müller
Otelo Reis
Otoniel Mota
P.e Pedro Adrião
Rui Barbosa
Said Ali
Sandoval de Figueiredo
Soares Barbosa

A êsses eminentes mestres, de reconhecida competência e comprovada moral didática, meus louvores e agradecimentos.

Peço tomar nota das seguintes abreviaturas que se verão nestas páginas:

§ — parágrafo
\+ — mais (indica reunião)
= — igual a, o mesmo que
ac. — acusativo
adj. — adjetivo
adv. — advérbio
ár. — árabe
cf. — confira
dir. — direto
ex. — exemplo
exs. — exemplos
exc. — exceção
excs. — exceções
fr. — francês
fut. — futuro
gr. — grego
imp. — imperfeito
ind. — indicativo — indireto
lat. — latim *ou* latino
m. q. — mesmo que
n. — nota
obj. — objeto
obs. — observação
obss. — observações
p. — pessoa
p. ex. — por exemplo
part. — particípio
perf. — perfeito
pl. — plural
port. — português
pr. — pronuncie
pref. — prefixo
prep. — preposição
pres. — presente
pret. — pretérito
q. — que
qto. — quanto
rar. — raramente
sing. — singular
ss. — seguintes
suf. — sufixo
V. — Veja (*)
v. — verbo
v. intr. — verbo intransitivo
v. pron. — verbo pronominal
v. tr. — verbo transitivo

Além dessas, outras abreviaturas se encontrarão fàcilmente compreensíveis.

(*) V. é também abreviação de "*vide*", palavra latina que, no caso, corresponde a *veja*.

PROGRAMA DE PORTUGUÊS

(Portaria 966 — 2/10/51)

Procurar os diversos assuntos do programa nos verbetes do ÍNDICE ANALÍTICO.

CURSO GINASIAL

1.ª Série

1 — *a*) Leitura e interpretação de excertos breves e fáceis de prosadores e poetas brasileiros dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. *c*) Reprodução resumida e oral de assuntos lidos em aula; narração oral de fábulas e contos populares. *d*) Recitação de pequenas poesias já interpretadas. *e*) Breves exercícios escritos de redação, feitos em aula, a propósito de textos lidos, com subsídios ministrados pelo professor. *f*) Ortografia.

2 — Estudo gramatical a propósito da leitura: *a*) A oração, tipos de oração, funções das palavras na oração; exercícios de análise sintática. *b*) Conhecimento das categorias gramaticais mediante a análise léxica de textos já analisados sintàticamente; emprêgo dos numerais mais comuns. *c*) Gênero; número, exceto o plural dos compostos; graus do substantivo, do adjetivo e do advérbio, considerando-se apenas as formações analíticas e as sintéticas mais usuais. *d*) Conjugação: emprêgo freqüente dos verbos regulares e dos irregulares principais, especialmente no imperativo e nos tempos derivados do tema do perfeito; vozes do verbo; redação de frases com verbos apassivados. *e*) Exercícios orais e escritos de concordância nominal e concordância verbal. *f*) Noções de sintaxe de regência; emprêgo dos pronomes átonos, especialmente *lo* (*o*, *no*); emprêgo da preposição *a* e do pronome *lhe* (objeto indireto). *g*) O período de duas orações; coordenação e subordinação; subordinadas introduzidas pelos conetivos mais correntes; valor das orações substantivas, adjetivas e adverbiais; exemplificação e prova.

2.ª Série

1 — *a*) Leitura e interpretação de textos em prosa e verso de autores brasileiros dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. *c*) Reprodução resumida e oral de assuntos lidos em aula; narração oral de ocorrências da vida escolar e social. *d*) Recitação de pequenas poesias já interpretadas. *e*) Breves narrações escritas e cartas familiares, feitas em aula, com subsídios ministrados pelo professor. *f*) Ortografia.

2 — Estudo gramatical a propósito da leitura: *a*) Análise sintática do período composto, escolhendo-se trechos breves e evitando-se as sutilezas e os subentendidos; o vocativo e a interjeição; o adjunto adnominal, o apôsto, o predicativo e o adjunto adverbial; exercícios: substituição da subordinada adjetiva pelo adjunto atributivo ou pelo apôsto; da substantiva pelo complemento ou sujeito não oracional; da adverbial pelo adjunto equivalente. *b*) Conhecimento das categorias gramaticais mediante exercícios de análise léxica de períodos já analisados sintàticamente. *c*) Gênero, insistindo-se nas palavras de duplo gênero e nas de gênero duvidoso; estudo do plural dos compostos; estudo complementar dos graus dos substantivos, adjetivos e advérbios. *d*) Conjugação: emprêgo dos verbos irregulares, especialmente no imperativo e nos

tempos compostos; exercícios para o emprêgo dos tratamentos de *tu*, *você*, *o senhor*; vozes do verbo; conversão da voz passiva na ativa e vice-versa; o agente da passiva; distinção entre agente e sujeito. *e*) Exercícios orais ou escritos de concordância verbal. *f*) Sintaxe de regência: estudo ocasional das preposições e locuções prepositivas mais comuns; emprêgo dos pronomes pessoais regidos de preposição; exercícios de regência verbal; emprêgo dos pronomes átonos, como na 1.ª série. *g*) Formação de frases com o verbo *haver*, principalmente impessoal; outros verbos impessoais. *h*) Composição de palavras: exemplos de palavras de composição evidente; derivação: ligeiras noções de derivação sufixal, prefixal e parassintética; afixos de uso mais freqüente.

3.ª Série

1 — *a*) Leitura e interpretação de textos de prosadores e poetas brasileiros e portuguêses dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. c) Exercícios orais: impressões de leituras feitas fora da classe, narração de episódios da história do Brasil. *d*) Exercícios de redação, feitos em aula: descrições, narrações, dissertações, cartas, diálogos, correspondência social.

2 — Tratar-se-á da seguinte matéria, a propósito dos textos lidos em aula: *a*) Recapitulação sistemática do gênero, número, grau; numerais; revisão dos verbos irregulares; conclusão do estudo da conjugação; estudo complementar da concordância nominal e da concordância verbal; exercícios para o emprêgo dos tratamentos: *você*, *vossa senhoria*, *vossa excelência*; exercícios de regência verbal; análise completa de períodos compostos; formação de palavras: prefixos e sufixos latinos e gregos. *b*) Observações essenciais sôbre a colocação das palavras na oração e das orações no período. c) Emprêgo dos tempos e dos modos, principalmente do mais-que-perfeito simples e do infinitivo pessoal. *d*) Sintaxe do pronome se. *e*) Emprêgo e colocação dos pronomes átonos, simples ou aglutinados *f*) Estudo elementar de versificação: verso, contagem das sílabas, acentuação, rima; a redondilha maior, a redondilha menor e o decassílabo.

4.ª Série

1 — *a*) Leitura e interpretação de textos de prosadores e poetas brasileiros e portuguêses dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. *c*) Exercícios orais: impressões de leituras feitas fora da classe, narração de episódios da história do Brasil, exposição de pontos do programa já tratados em aula. *d*) Exercícios escritos: descrição de paisagens, cenas e tipos; cartas, requerimentos, dissertações, notícias para jornais.

2 — Revisão: *a*) Quadros das conjunções coordenativas e subordinativas; quadros dos demais conetivos subordinativos. *b*) Quadros sinóticos das orações coordenadas e das subordinadas conjuntivas; quadro das orações reduzidas.

3 — A propósito da leitura feita em aula, tratar-se-á dos seguintes assuntos: *a*) Análise sintática; conversão de orações de forma conjuntiva em reduzidas. *b*) Figuras de sintaxe. c) Linguagem afetiva. *d*) Linguagem figurada. *e*) Noções elementares de fonética: o vocábulo, a sílaba, o fonema; fisiologia do aparelho fonador; classificação dos fonemas; hiatos, ditongos e tritongos; grupos consonantais. *f*) Estudo complementar da formação de palavras: composição, derivação, famílias etimológicas de origem latina; radicais gregos mais usados; hibridismos. *g*) Comentário gramatical de textos lidos; exercícios gramaticais, predominando os referentes à concordância, à regência e ao uso dos tratamentos. *h*) Estudo complementar da versificação.

CURSO CLASSICO E CURSO CIENTÍFICO

1.º Ano

1 — *a*) Leitura, interpretação, análise literária elementar, comentário gramatical e filológico de textos de autores brasileiros e portuguêses, a partir do século XVIII.

b) Exercícios de exposição oral: impressões de leituras feitas fora da classe. *c*) Composição escrita: dissertações sôbre temas comuns da vida escolar e da vida social, provérbios e pensamentos célebres; elogio de feitos notáveis, de virtudes cívicas e domésticas; cartas; notícias para jornal. *d*) Organização de pequenas antologias pelos alunos, com auxílio do professor.

2 — *a*) A língua portuguêsa: sua origem, história e domínio. As demais línguas românicas. O latim vulgar, seus caracteres. *b*) Noções elementares de fonética histórica: acento tônico; alterações fonéticas; vocalismo e consonantismo. Formas divergentes. Justificação histórica de algumas regras de ortografia. O desaparecimento do neutro. Redução das declinações; os casos; sobrevivência do acusativo. Redução das conjugações. Fatos devidos à analogia. Desaparecimento de tempos; criações românicas. *c*) Formação do vocabulário português. *d*) O português no Brasil; contribuição brasileira para o léxico da língua. *e*) Leitura e interpretação de poucos textos brevíssimos de autores da época anteclássica. *f*) Arcaísmos.

2.º Ano

1 — *a*) Leitura, interpretação, análise literária, comentário gramatical e filológico de textos de autores brasileiros e portuguêses, a partir do século XVI. *b*) Exercícios orais: impressões de leituras feitas fora da aula; exposição de matéria do programa. c) Composição escrita: dissertações sôbre temas sociais e assuntos literários; artigos para a revista escolar; pequenos ensaios de crítica. *d*) Revisão de provas tipográficas.

2 — *a*) A literatura; influências a que está sujeita; a sua posição entre as demais artes. *b*) O folclore e a sua importância na literatura. c) Escolas literárias. O estilo: virtudes e defeitos. *d*) Gêneros de composição em prosa. Gêneros de composição em verso.

3 — *a*) Períodos em que se pode dividir a história literária portuguêsa; justificação histórica. *b*) As fases clássicas da literatura portuguêsa; influências estrangeiras. As academias. *c*) O Romantismo e sua significação histórica e política. *d*) A reação anti-romântica e suas várias expressões. Estudo de textos dos autores mais notáveis. e) Parnasianismo e Simbolismo. *f*) A fase contemporânea e as grandes expressões modernas.

3.º Ano

1 — *a*) Leitura, interpretação, análise literária, comentário gramatical e filológico de textos de autores brasileiros e portuguêses. *b*) Exercícios orais: resumo de assuntos lidos fora da classe; exposição de pontos de literatura. c) Composição escrita: dissertações morais e literárias, pequenos ensaios de crítica; artigos para a revista escolar; trabalhos de livre escolha do aluno.

2 — *a*) Formação e desenvolvimento da literatura brasileira. A literatura dos viajantes e dos catequistas no século XVI. A poesia, a prosa e a oratória no período colonial. O chamado grupo baiano. Os poetas do grupo mineiro. *b*) O Romantismo no Brasil. Precursores. Caracteres do Romantismo brasileiro. c) A reação anti-romântica. Autores de transição. *d*) Os parnasianos e a sua técnica. e) O Simbolismo e as tendências modernas da poesia e da prosa brasileiras.

NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA

(Veja-se, no Prefácio, o verbete *Nomenclatura Gramatical*)

PORTARIA 36 — 28/1/59

(Fielmente copiada do Diário Oficial de 11/5/59)

O Ministro de Estado da Educação e Cultura, tendo em vista as razões que determinaram a expedição da Portaria n.º 152, de 24 de abril de 1957, e considerando que o trabalho proposto pela Comissão resultou de minucioso exame das contribuições apresentadas por filólogos e lingüistas, de todo o País, (*) ao Anteprojeto de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira,

Resolve:

Art. 1.º — Recomendar a adoção da Nomenclatura Gramatical Brasileira, que segue anexa à presente Portaria, no ensino programático da Língua Portuguêsa e nas atividades que visem à verificação do aprendizado, nos estabelecimentos de ensino.

Art. 2.º — Aconselhar que entre em vigor:

a) para o ensino programático e atividades dêle decorrentes, a partir do início do primeiro período do ano letivo de 1959;

b) para os exames de admissão, adaptação, habilitação, seleção e do art. 91, a partir dos que se realizarem em época para o período letivo de 1960.

DIVISÃO DA GRAMÁTICA

Fonética
Morfologia
Sintaxe

INTRODUÇÃO

Tipos de análise:

Fonética
Morfológica
Sintática.

PRIMEIRA PARTE

FONÉTICA

I — A FONÉTICA pode ser:

Descritiva
Histórica
Sintática.

II — FONEMAS:

vogais
consoantes
semivogais

(*) A falsidade desta afirmação é sobejamente sabida do magistério brasileiro (N. M. A.).

1. Classificação das vogais

   Classificam-se as *vogais:*

   a) quanto à *zona de articulação,* em:
      anteriores, médias e *posteriores*

   b) quanto ao *timbre,* em:
      abertas, fechadas e *reduzidas*

   c) quanto ao *papel das cavidades bucal e nasal,* em:
      orais e *nasais*

   d) quanto à *intensidade,* em:
      átonas e *tônicas.*

2. Classificação das consoantes

   Classificam-se as *consoantes:*

   a) quanto ao *modo de articulação,* em:
      oclusivas
      constritivas { fricativas, laterais, vibrantes }

   b) quanto ao *ponto de articulação,* em:
      bilabiais
      labiodentais
      linguodentais
      alveolares
      palatais
      velares

   c) quanto ao *papel das cordas vocais,* em:
      surdas e *sonoras*

   d) quanto ao *papel das cavidades bucal e nasal,* em:
      orais e *nasais.*

III — 1. Ditongos

   Classificam-se os *ditongos* em:
      crescentes e *decrescentes*
      orais e *nasais*

2. Tritongos

   Classificam-se os *tritongos* em:
      orais e *nasais*

3. Hiatos

4. Encontros consonantais

Nota — *Os encontros ia, ie, io, ua, ue, uo,* finais, átonos, seguidos ou não de *s*, classificam-se quer como ditongos crescentes, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguêsa: *histó-ri-a* e *histó-ria; sé-ri-e* e *sé-rie; pá-ti-o* e *pá-tio; ár-du-a* e *ár-dua; tê-nu-e* e *tê-nue; vá-cu-o* e *vá-cuo.*

IV — Sílaba

   Classificam-se os vocábulos, *quanto ao número de sílabas,* em:
      monossílabos, dissílabos, trissílabos e *polissílabos.*

V — Tonicidade

1. Acento:
   principal
   secundário

2. Sílabas:
   tônicas
   subtônicas
   átonas { pretônicas, postônicas }

3. Quanto ao *acento tônico,* classificam-se os vocábulos em:
   oxítonos
   paroxítonos
   proparoxítonos

4. Classificam-se os *monossílabos* em:
átonos
tônicos
5. Rizotônico
Arrizotônico.
6. Ortoepia
7. Prosódia.

Nota — São *átonos* os vocábulos sem acentuação própria, isto é, os que não têm autonomia fonética, apresentando-se como sílabas átonas do vocábulo seguinte ou do vocábulo anterior.

São *tônicos* os vocábulos com acentuação própria, isto é, os que têm autonomia fonética.

Pode ocorrer que, conforme mantenha, ou não, sua autonomia fonética, o mesmo vocábulo seja átono numa frase, mas tônico em outra.

Tal pode acontecer também com vocábulos de mais de uma sílaba: serem átonos numa frase, mas tônicos em outra.

Segunda Parte

MORFOLOGIA

a) quanto a sua estrutura e formação;
b) quanto a suas flexões; e
c) quanto a sua classificação

A. Estrutura das palavras:

1. Raiz
Radical
Tema
Afixo { prefixo / sufixo
Desinência { nominal / verbal
Vogal temática
Vogal e consoante de ligação.
2. Cognato

B. Formação das palavras

1. *Derivação*
Composição
2. *Hibridismo*

C. Flexão das palavras

Quanto a sua *flexão*, as palavras podem ser:
variáveis
invariáveis

D. Classificação das palavras:

Substantivo
Artigo
Adjetivo
Numeral
Pronome
Verbo
Advérbio
Preposição
Conjunção
Interjeição

I — Substantivos:

1. Classificam-se os *substantivos* em:
comuns e *próprios*
concretos e *abstratos*.

Nota — Entre os comuns mencionem-se, especialmente, os *coletivos*.

2. Formação do *substantivo:*
primitivo e *derivado*
simples e *composto*

3. Flexão do *substantivo:*
a) *gênero:*
masculino
feminino
epiceno
comum de dois gêneros
sobrecomum
b) *número:*
singular
plural
c) *grau:*
aumentativo
diminutivo

II — Artigo:

1. Classificação do *artigo:*
definido
indefinido

2. Flexão do *artigo:*
a) *gênero:*
masculino
feminino
b) *número:*
singular
plural

III — Adjetivo:

1. Formação do *adjetivo:*
primitivo e *derivado*
simples e *composto.*

2. Flexão do *adjetivo:*
a) *gênero:*
masculino
feminino
b) *número:*
singular
plural
c) *grau:*
comparativo { de *igualdade* / de *superioridade* { *analítico* / *sintético* } / de *inferioridade* }
superlativo [*relativo* { de *superioridade* / de *inferioridade* } / *absoluto* { *sintético* / *analítico* }]

3. Locução adjetiva.

IV — Numeral:

1. Classificação do *numeral:*
cardinal
ordinal
multiplicativo
fracionário.

2. Flexão do *numeral:*
a) *gênero:*
masculino
feminino
b) *número:*
singular
plural

V — Pronome:

1. Classificação do *pronome:*
pessoal { *reto* / *oblíquo* (*reflexivo, não reflexivo*) / *de tratamento* }
possessivo
demonstrativo
indefinido
interrogativo
relativo

2. Flexão do *pronome:*
   a) *gênero:*
   masculino
   feminino
   b) *número:*
   singular
   plural
   c) *pessoa:*
   primeira
   segunda
   terceira.
3. Locução pronominal

Nota — Os que fazem as vêzes de substantivo chamam-se *pronomes substantivos;* os que acompanham o substantivo, *pronomes adjetivos.*

VI — Verbo:
1. Classificação do *verbo:*
   regular
   irregular
   anômalo
   defectivo
   abundante
   auxiliar
2. Conjugações:
   Três são as conjugações:
   a 1.ª com o tema terminado em *a*
   a 2.ª com o tema terminado em *e*
   a 3.ª com o tema terminado em *i*
3. Formação do *verbo:*
   primitivo e *derivado*
   simples e *composto.*
4. Flexão verbal:
   a) *modo:*
   indicativo
   subjuntivo
   imperativo
   b) *formas nominais* do verbo:
   infinitivo { *pessoal* { *flexionado* / *não flexionado*; *impessoal* }
   gerúndio
   particípio
   c) *tempo:*
   presente
   pretérito [*imperfeito*; *perfeito* { *simples* / *composto* }; *mais-que-perfeito* { *simples* / *composto* }]
   futuro { *do presente* { *simples* / *composto* }; *do pretérito* { *simples* / *composto* } }

Notas:

a) O verbo *pôr* (e os dêle formados) constitui anomalia da 2.ª conjugação.
b) A denominação *futuro do pretérito* (*simples* e *composto*) substitui a de *condicional* (*simples* e *composto*).

   d) *número:*
   singular
   plural
   e) *pessoa:*
   primeira
   segunda
   terceira
   f) *voz:*
   ativa
   passiva { com *auxiliar* / com *pronome apassivador* }
   reflexiva
5. Locução verbal

VII — ADVÉRBIO:

1. Classificação do advérbio:

a) de *lugar*
de *tempo*
de *modo*
de *negação*
de *dúvida*
de *intensidade*
de *afirmação*

b) *advérbios interrogativos* { de *lugar*, de *tempo*, de *modo*, de *causa* }

2. Flexão do advérbio:

— grau:

a) *comparativo* { de *igualdade*, de *superioridade*, de *inferioridade* }

b) *superlativo absoluto* { *sintético*, *analítico* }

c) *diminutivo*

3. Locução adverbial

Notas:

a) Podem alguns advérbios estar modificando tôda a oração;

b) Certas palavras, por não se poderem enquadrar entre os advérbios, terão classificação à parte. São palavras que denotam exclusão, inclusão, situação, designação, retificação, realce, afetividade etc.

VIII — PREPOSIÇÃO:

1. Classificação das *preposições:*
essenciais
acidentais
2. Combinação
3. Contração
4. Locução prepositiva

IX — CONJUNÇÃO:

1. Classificação das *conjunções:*

coordenativas { *aditivas*, *adversativas*, *alternativas*, *conclusivas*, *explicativas* }

subordinativas { *integrantes*, *causais*, *comparativas*, *concessivas*, *condicionais*, *consecutivas*, *finais*, *temporais*, *proporcionais*, *conformativas* }

Nota — As conjunções *que, porque,* e equivalentes, ora têm valor coordenativo, ora subordinativo; no primeiro caso, chamam-se *explicativas;* no segundo, *causais.*

2. Locução conjuntiva

X — INTERJEIÇÃO:

Locução interjetiva

XI — 1. Palavra
2. Vocábulo
3. Sincretismo
Sincrético
4. Forma variante
5. Conectivo.

TERCEIRA PARTE

SINTAXE

A. I — Divisão da sintaxe:

a) de *concordância* { nominal / verbal

b) de *regência* { nominal / verbal

c) de *colocação*

Nota — Na colocação dos *pronomes oblíquos* átonos, adotam-se as denominações de *próclise*, *mesóclise* e *ênclise*.

B. Análise Sintática

I — DA ORAÇÃO:

1. *Têrmos essenciais* da oração:
   sujeito
   predicado
   a) Sujeito
   — simples
   composto
   indeterminado
   — oração sem sujeito
   b) Predicado
   — *nominal*
   — *verbal*
   — *verbo-nominal*
   c) Predicativo
   — do *sujeito*
   — do *objeto*
   d) Predicação verbal:
   — *verbo de ligação*
   — *verbo transitivo* { *direto* / *indireto*
   — *verbo intransitivo*
2. *Têrmos integrantes* da oração:
   — *complemento nominal*
   — *complemento verbal: objeto* { *direto* / *indireto*
   — *agente da passiva*
3. *Têrmos acessórios* da oração:
   — *adjunto adnominal*
   — *adjunto adverbial*
   — *apôsto*
4. Vocativo.

II — DO PERÍODO:

1. Tipos de *período:*
   simples
   composto
2. Composição do *período:*
   coordenação
   subordinação
3. Classificação das orações:
   a) *absoluta*
   b) *principal*
   c) *coordenada*
   - *assindética*
   - *sindética*: *aditiva*, *adversativa*, *alternativa*, *conclusiva*, *explicativa*
   d) *subordinada*
   — *substantiva*
   - *subjetiva*
   - *objetiva* { *direta* / *indireta*
   - *completiva-nominal*
   - *predicativa*
   - *apositiva*
   — *adjetiva* { *restritiva* / *explicativa*

— *adverbial*
- *causal*
- *comparativa*
- *consecutiva*
- *concessiva*
- *condicional*
- *conformativa*
- *final*
- *proporcional*
- *temporal*

As *orações subordinadas* podem apresentar-se, também, com os verbos numa de suas *formas nominais;* chamam-se, neste caso, *reduzidas:*

de *infinitivo*
de *gerúndio*
de *particípio,*

as quais se classificam como as *desenvolvidas: substantivas* (*subjetivas* etc.), *adjetivas, adverbiais* (*temporais* etc.).

Notas:

1. *Coordenadas* entre si podem es ar quer *principais,* quer *independentes,* quer *subordinadas* (*desenvolvidas* ou *reduzidas*).
2. Devem ser abandonadas as classificações:
   a) de *lógico* e *gramatical, ampliado* e *inampliado, complexo* e *incomplexo, total* e *parcial,* para qualquer elemento oracional;
   b) de *oração* quanto à *forma* (*plena, elítica* etc.), quanto à *ordem* (*direta, inversa, partida* etc.), quanto ao *conectivo* (*conjuncional, não conjuncional, relativa*).
3. Na classificação da *oração subordinada* bastará dizer-se:
   oração subordinada substantiva subjetiva (ou qualquer outra);
   oração subordinada adjetiva restritiva ou *explicativa;*
   oração subordinada adverbial causal (ou qualquer outra).

APÊNDICE

I — Figuras de Sintaxe

anacoluto
elipse
pleonasmo
silepse

II — Gramática Histórica

aférese
altura (som)
analogia
apócope
assimilação — total, parcial, progressiva, regressiva
consonantismo
consonantização
convergente
crase
desnasalização
despalatalização
dissimilação — total, parcial, progressiva, regressiva
ditongação
divergente
elisão
empréstimo
epêntese
etimologia
haplologia
hiperbibasmo
intensidade (som)
metátese
nasalização
neologismo
palatalização
paragoge
patronímico
prótese
síncope
sonorização
substrato
superstrato
vocalismo
vocalização

III — Ortografia

abreviatura
alfabeto
dígrafo — grupo de lêtras que representam um só fonema.
Exs.: *ch* (chave)
gu (guerra)
lh (palha)
nh (manhã)
qu (quero)
rr (carro)
ss (passo)
homógrafo
homófono
lêtra — maiúscula, minúscula
notações léxicas
acento — agudo, grave, circunflexo
apóstrofo
cedilha
hífen
til
trema
sigla

IV — Pontuação

aspas
asterisco
colchêtes
dois pontos
parágrafo (§)
parênteses
ponto de exclamação
ponto de interrogação
ponto e vírgula
ponto final

V — Significação das Palavras

antônimo
homônimo
sinônimo
sentido figurado

VI — Vícios de Linguagem

barbarismo
cacofonia
preciosismo
solecismo

ORTOGRAFIA

A título de ajuda, dou aqui a relação dos mais importantes acentos exigidos pela chamada *ortografia de 43.*

DEVEM TRAZER ACENTO

1 — Os **oxítonos** e os monossílabos tônicos terminados em **a, e, o**: *há, jacá, pé, rapé, vê, só, avô, avó.*

Cuidado, pois, em não acentuar os terminados em *i, u: vi, Levi, tu, tatu, Botucatu* (Releia a regra).

2 — Os **proparoxítonos**: *público, vendêramos, fôlego, pêndulo, dicionário, régua, fizéssemos.*

3 — Os **homógrafos fechados**: *êste, êsse, aquêle, êle, tôda, sôbre, fôsse, fêz, fôr, vêzes.*

4 — Os **substantivos** *pêlo, pêra, pôlo, pólo*;
as **formas verbais** *pôr, pára, pélo, péla, pélas*;
o **quê** e o **porquê** ou quando substantivos ou quando isolados ou em fim de frase.

5 — Quando ligados por hífen, os elementos dos compostos que já têm acento próprio: *arco-íris.*

6 — As **formas verbais** que, terminadas em *r, s, z*, têm essas lêtras suprimidas antes de *lo, la, los, las: amá-lo, vendê-lo, pô-lo, fá-lo-á.*

Se a vogal final fôr *i* ou *u*, não levará acento: *parti-lo, pu-lo.*

7 — As vogais **i** e **u** quando, tônicas, vierem **antecedidas de vogal** com a qual não formem ditongo: *aí, caí, juízo, saúde, viúvo, Tatuí, Jaú, Jundiaí, contribuí.*

Se depois do *i* e do *u* vier *l, m, n, nh, r, z* e estas consoantes não começarem sílaba nova, não se usará acento: *juiz, contribuinte.*

8 — Os grupos **ei, eu, oi** quando **abertos**: *idéia, chapéu, lençóis, bóio.*

9 — Os **oxítonos** em **em, ens**: *alguém, também, vinténs.*

10 — Os **paroxítonos**:

a) terminados em **l, n, r, x**: *amável, hífen, açúcar, tórax;*
b) terminados em **ditongo**: *fósseis, fôsseis, tinheis, farieis, púnheis;*
c) terminados em **ôo**: *vôo, vôos, abençôo;*
d) terminados em **i, u** (ou *is, us*) e **um**: *lápis, bônus, álbum;*
e) terminados em **ão**: *sótão, órgão, acórdão, bênção.*

11 — **Trema**: emprega-se no *u*, quando, pronunciado, vem depois de *g* ou *q* e antes de *e* ou *i*: *agüentar, argüição, eloqüência, tranqüilo.*

12 — **Acento grave**: Quando a uma palavra, que tiver acento agudo, fôr acrescentado o sufixo adverbial *mente* ou uma terminação que seja precedida da consoante *z*, o acento agudo será transformado em grave: *sòmente* (só + mente), *pèzinho* (pé + zinho), *amigàvelmente* (amigável + mente), *avòzinha* (avó + zinha).

O circunflexo e o til permanecem: *simultâneamente, irmãzinha, avôzinho.*

13 — **Crase**: A crase é indicada pelo **acento grave**: ***à, àquele.***

14 — Note mais os seguintes acentos de **formas verbais**:

singular	*plural*
êle tem	**êles têm**
êle vem	**êles vêm**
êle vê	**êles vêem**
êle crê	**êles crêem**
êle lê	**êles lêem**
que êle dê	**que êles dêem**

PREFÁCIO

Antes de mais nada, importa dizer que ensinar Gramática não é ensinar História Geral. Entre o fato histórico e o fato lingüístico muita diferença há de objeto, de método de exposição e, principalmente, de maneira de aprender. O fato histórico é por si completo; o fato lingüístico necessita explicação, necessita justificação, necessita exemplos, necessita argüição. O fato histórico impõe-se; a regra gramatical expõe-se. O fato histórico é ouvido, ao passo que no terreno da Gramática os fatos são argüídos, são exemplificados. O fato histórico carece de objeções, quando o gramatical se acompanha de corolários, de notas, de exceções. O fato histórico passa-se, o gramatical explica-se.

Unidade de estudo: A seriação no ensino admite-se em certas disciplinas, mas sou inteiramente contrário à seriação do estudo da gramática portuguêsa. Gramática não é Geografia, que se estuda sob aspetos diversos, econômicos, políticos, geral, físico, regional, humano. A Gramática deve ser estudada integralmente, de princípio a fim. Resultado da fragmentação do ensino da Gramática em opúsculos ou em partes que tudo encerram menos método, é não encontrarmos na quarta série ginasial um aluno que saiba flexionar um substantivo composto, que saiba positivamente em que consiste um superlativo, um pronome relativo, um verbo defectivo, uma conjunção subordinativa, um período, que saiba distinguir e definir o objeto direto, indicar a diferença entre os pronomes o e *lhe*, interpretar um *mo* na frase, conjugar um verbo com segurança. O estudo deve ser um, seguido, profundo. A própria Gramática é em si metódica, por si próprio seu estudo é gradativo. Das noções elementares de linguagem vai o aluno ampliando seus conhecimentos, aos poucos mas intensivamente, vagarosa mas completamente.

Estudar Gramática não é fazer "paciência de baralho", em que as cartas vêm fora de ordem, e ensiná-la não é propor "quebra-cabeça", em que se dão, misturadas, peças de um jôgo que no fim do ginásio o aluno vá recompor sòzinho, de acôrdo com um desenho, com um modêlo que êle mesmo não sabe qual é.

Do próprio movimento das livrarias se consegue comprovação da leviandade do ensino da língua: trinta mil exemplares vendem de uma gramática "elementar" e, do mesmo autor, dez mil da gramática de "curso superior". Sinal de que isso? — Um têrço, tão sòmente um têrço de nossos escolares estuda com rigor nosso idioma — supondo-se que a compra de um livro equivalha ao seu estudo.

A Gramática ou se estuda ou não se estuda. O "age quod agis" tem no caso aplicação completa; o estudo da Gramática ou se faz ou não se faz. Se o aluno está estudando o "substantivo", deverá estudar tudo, mas tudo quanto diz respeito a essa classe de palavras, no que se refere à fonética, à morfologia e, quanto possível, à própria sintaxe.

A gramática portuguêsa deve ser única e completa, de tal forma que, entregue no primeiro ano ginasial ao aluno, êste a leve não só até o fim do estudo da disciplina, mas até o fim da vida. Isto de "curso elementar" e de "curso superior" em gramática de nosso idioma é aberração de ensino da língua. A própria Gramática é gradativa, didàticamente perfeita, e por si próprio seu estudo é pedagógico, sem que de nenhuma forma necessário seja aplicar no seu ensino a vergonhosa exploração comercial da distinção entre curso elementar e curso superior da língua portuguêsa para um curso que é um, o ginasial, para um aluno que é um, o brasileiro, para uma finalidade que é uma, aprender nosso idioma. Em se tratando da língua nossa, não há

distinção entre essencial e secundário, entre elementar e superior. Cabe ao professor, de acôrdo com as necessidades e possibilidades do aluno, saber como ensinar tudo, mas tudo é preciso ensinar.

Incrível, mas verdade: De uma feita, na véspera de ler seu discurso num "almôço intelectual", movido não sei por que liberdade, liga-me o telefone um indivíduo que, dizendo-se admirador meu e não sei mais o quê, sai-se com umas perguntinhas, dentre as quais esta: "O verbo "reaver" como devo conjugar no subjuntivo presente?" — No dia seguinte, ao ler meu jornal, dou com o discurso do "almôço intelectual" e aí encontro, uma a uma, as perguntas do telefonema de véspera; só então identifiquei o anônimo admirador: valente membro de várias academias e de outras tantas instituições intelectuais, orador, polemista, conferencista de centros espíritas e católicos, uma "sumidade" enfim, uma das maiores "honras" de "nossa literatura".

Vem-me à mente aquela passagem de Anatole France: A diferença entre o ignorante e o sábio está em andar êste tateando, mui medrosa e cautelosamente, as paredes de um quarto escuro, e em andar aquêle despreocupadamente, feliz e sem mêdo, pelo meio da escuridão. Talvez visando a essa felicidade é que não cuidam do sério aprendizado de nosso idioma, para que, despreocupados das regras de gramática, livres das tradições dos bons escritores, possam dizer e escrever a torto e a direito, o que pensam.

A análise não constitui estudo independente: A análise lógica é fruto do estudo da gramática e não fator de conhecimentos gramaticais. A análise é meio de averiguação da correção de um texto, e como tal é sinônimo de discernimento, de verificação, de comprovação, de aplicação do que seguramente se conhece. Corrigirá um texto não quem souber analisar — empregando-se aqui o verbo na acepção costumeira, quase materializada — mas quem souber as regras de gramática. Quem sabe gramática sabe analisar, quem só estuda análise jamais saberá a contento gramática.

É por não saber analisar que um indivíduo coloca mal um oblíquo, flexiona mal um verbo, pratica um barbarismo? Nada disso: é tão sòmente por desconhecer as leis do idioma pátrio.

Da análise por diagrama que dizer? — Mecanização improfícua e nefasta do raciocínio. Eu seria o primeiro a defender e a propalar a análise por diagrama se trouxesse conhecimentos ao aluno, se evitasse barbarismos crassos de concordância, de regência, de colocação.

Quando se diz que um indivíduo não sabe analisar os têrmos essenciais da oração, deve-se entender que êle não sabe nada, absolutamente nada, de gramática, e não entender que não fêz um estudo especial, particular, de uma parte inexistente da gramática.

Quem sabe gramática sabe analisar, e é o livro de leitura que vai prestar-se para isso comprovar, não deixando de lado o professor nenhuma passagem do autor que tenha relação com o já ensinado ou que sugira a mínima questão já aprendida num compêndio completo e uno.

Leituras anotadas: Outro despautério pedagógico no ensino da gramática portuguêsa está nos livros de leitura anotados. Justifica-se êsse sistema em estudos especializados, mas nunca em estudos por si inteiros. Seria muito engraçado aprender inglês lendo notas, comentários, críticas de trechos de autores inglêses, aprender História Natural lendo o "Eu Sei Tudo", aprender História Geral lendo telegramas de jornais. Como ler não se aprende em gramáticas, tampouco se aprende gramática em livros de leitura. A leitura é suplemento do ensino de gramática, é meio de comprovação e só o professor sabe o que deve ser observado para esta ou aquela classe. Da leitura deve o professor valer-se como meio de recordação das regras ensinadas; "repetita juvant", e no ensino da Gramática as repetições se impõem.

O compêndio: Tôdas as nossas gramáticas, na ordem em que atualmente vêm expondo as classes de palavras, encerram grave êrro de método. Observe-se que tôdas trazem o pronome antes do verbo, expondo e explicando completamente a

primeira classe para depois passar à segunda. Como irá o aluno compreender a função dos pronomes oblíquos se não sabe classificar o verbo quanto à predicação? Como perceberá a diferença entre os pronomes o e *lhe*, se desconhece a diferença entre verbo transitivo direto e verbo transitivo indireto? Como compreenderá a função do reflexivo *se*, se ainda não estudou o verbo quanto à voz?

Outra coisa de que me queixo é trazerem nossas gramáticas na sintaxe muita coisa que pode ser explanada na própria morfologia. Para que exigir hoje do aluno a definição e a classificação desta ou daquela classe de palavras, para, sòmente depois de muitas páginas e, conseguintemente, depois de meses ou anos, ensinar-lhe a função e emprêgo?

Nomenclatura gramatical: A Gramática do nosso idioma, por fôrça de simples portaria (publicada no "Diário Oficial" de 11 de maio de 1959), sofreu modificações já na terminologia, já na divisão, já na própria conceituação de fenômenos lingüísticos. Tal qual aconteceu com a "ortografia", que — após ter vivido por 20 anos ao capricho de portarias e de acordos — só por um passe de mágica, dado por interêsse comercial muito antes que educacional, veio a tornar-se oficial, a nomenclatura gramatical entra em cena, também agora num palco em que se vêem ratos de ministério. Se assim não é, considerem-se por ora êstes dois fatos: dois meses antes de publicada no "Diário Oficial", já havia livro impresso de acôrdo com essa portaria; da autoria de um dos elementos da comissão elaboradora da reforma, um livro traz o mesmo título de tradicional gramática, despudoradamente antecedido do adjetivo "moderna".

De tal monta são êsses e outros fatos, que chego à triste conclusão de que é uma falsidade o que está na portaria que designou uns tantos professôres para estudarem e proporem o projeto: "um dos empecilhos maiores, se não o maior, à eficiência do ensino da língua portuguêsa tem residido na complexidade e falta de padronização da nomenclatura gramatical em uso nas escolas e na literatura didática".

Qual o professor de português que ignora repousar no ridículo número de aulas a verdadeira e fundamental causa da deficiência do ensino de nossa gramática? (Nenhum país culto existe em que o idioma nacional não seja ensinado diàriamente. Na Itália e na Alemanha Ocidental há 8 horas semanais de idioma pátrio, contraste chocante com as nossas 3 parcas horas semanais, em nosso país que, por estatística da ONU, é o que mais férias escolares e mais feriados tem). O passar o verbo "pôr" a considerar-se mera irregularidade da segunda irá facilitar ao aluno decorar-lhe a conjugação? Por passar agora a "crase" a ser considerada mera parte de "apêndice" de gramática irá ser mais compreendida e mais fàcilmente praticada? Será por passar o condicional a chamar-se "futuro do pretérito" que o seu estudo e emprêgo ficarão facilitados? Por constituírem "artigo" e "numeral" categorias gramaticais autônomas é que irão todos agora conhecê-los melhor? Por passar-se a Gramática a dividir-se em "apêndice" irá ser mais eficiente e difundido o seu ensino?

Repito: De tal monta são êsses e outros fatos, que chego à triste conclusão de que outra foi a finalidade da portaria 36: Malogrados na adoção de seus livros, uns tantos professôres engendraram uma autêntica rasteira nos autores que os humilhavam.

A despeito disso tudo, aqui apresento a "Metódica" enquadrada na nova terminologia, certo de que ela continuará a merecer a aceitação até aqui obtida, aceitação que a colocou, há anos, em primeiro lugar entre as gramáticas portuguêsas impressas assim no Brasil como em Portugal.

Questionários e índice analítico: Disse no início, no distinguir o fato histórico do lingüístico, que o ensino dêste necessita argüição. O professor precisa interrogar, pesquisar no aluno o conhecimento e as deficiências. Nem de outra forma poderia ser; se as normas de gramática se acompanham de corolários, de notas, de observações, de exceções, como inteirar-se o professor do completo estudo e aproveitamento da lição senão argüindo, perguntando, objetando? Daí a necessidade de trazerem as gramáticas questionários, auxílio para o professor, incentivo para o aluno. Gramática portuguêsa não se ensina fazendo-se discursos, despejando-se egoísmos e despeitos. Todos os alunos devem ter o texto adotado; um lerá uma regra, outro

a repetirá com palavras próprias, um terceiro verá o exemplo, aqueloutro o justificará. Não é despejando retórica, não é movimentando cabeça nem membros que o professor deve ensinar gramática. Isto de dizer um professor de português: "Eu ensino, o aluno que estude no livro que quiser" — é a maior confissão de falta de método, de falta de escrúpulo, de falta de seriedade na docência de nosso idioma.

Chamo aqui a atenção para os títulos que encabeçam tôdas as páginas de minha gramática; a simples leitura de qualquer dêsses títulos, em qualquer das páginas, indicará, racional e minuciosamente, em que ponto da gramática se encontra o estudante. O bom aluno deve saber, quando uma dúvida o assalta, em que parte da gramática procurar-lhe a devida solução, sem perda de tempo no folhear e revirar páginas. A primeira palavra dos títulos que encabeçam as páginas indica uma das grandes partes da gramática; a segunda denota as divisões da primeira; a terceira, as divisões da segunda, e assim por diante.

Reconhecendo, outrossim, de grande utilidade para um livro didático, elaborei um índice alfabético e analítico. Não é preciso dizer do trabalho que isso me deu; tudo fiz para que minha gramática viesse a animar, o mais possível, a herança que nossos avós nos legaram, estimular o escrupuloso estudo do idioma de nossa terra e estreitar o elo de nacionalidade que a todos nos cinge.

Conclusão: A não ser as observações feitas sob o título "O Compêndio", o que importa não é reformar, mas ensinar, aprender, estudar. Má é a gramática cujas páginas constituem outras tantas prateleiras de vitrina, que expõem mercadorias de tôda a procedência, dando ao espectador o trabalho de escolha do melhor artigo. Boa é a gramática que, numa mistura de simplicidade e erudição, expõe com raciocínios simples e têrmos chãos o que de melhor existe no terreno de nosso idioma, que o apresenta ao aluno como diamante despojado dos cascalhos e impurezas, já lapidado, pronto já para usado, que se abstém, quanto possível, de informações históricas, hipóteses e configurações; a tais dados deve recorrer o suficiente para que o aluno perceba a razão de ser do estado atual de nosso idioma.

O professor deve ser guia seguro, muito senhor da língua; se outra fôr a orientação de ensino, vamos cair na "língua brasileira", refúgio nefasto e confissão nojenta de ignorância do idioma pátrio, recurso vergonhoso de homens de cultura falsa e de falso patriotismo. Conhecer a língua portuguêsa não é privilégio de gramáticos, senão dever do brasileiro que preza sua nacionalidade. É êrro de conseqüências imprevisíveis acreditar que só os escritores profissionais têm a obrigação de saber escrever. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos. A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade, se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?

GRAMÁTICA METÓDICA

CAPÍTULO I

LINGUAGEM

1 — Como todos os outros animais, nós agimos; mas, a diferença dêles, manifestamos e externamos nossa ação, mediante o dom que nos é próprio, a **linguagem**, que outra coisa não é senão a propriedade que temos de, por meio de *palavras*, comunicar-nos entre nós, exteriorizando o nosso pensamento, relatando fatos e coisas internas ou externas, acontecidas ou ainda por acontecer.

2 — Êsse meio de comunicação poderá ser feito com simples sons orais, com sinais, com arranjos convencionais, gestos, disposição dos objetos que nos cercam; teremos, então, além da linguagem por meio de sons orais, que se denomina *linguagem* falada ou *glótica*, a *linguagem* **mímica**, feita por gestos, e a *linguagem* escrita ou *gráfica*, feita por sinais, marcas, gravações, arranjos etc..

3 — **Palavra** é, pois, a parte de que se compõe a linguagem, e pode ser constituída por um simples som ou pela combinação de sons, ou, ainda, pela representação dêsses mesmos sons. A linguagem indica o pensamento; as palavras, como partes que são da linguagem, indicam as partes do pensamento, ou seja, as idéias.

4 — Conquanto constitua a linguagem dom comum de todos os homens, nem todos êles se comunicam pelas mesmas palavras. O conjunto de palavras, ou melhor, a linguagem própria de um povo chama-se **língua** ou **idioma**.

5 — Pode a lingua ser *viva*, *morta* e *extinta*.

6 — **Língua viva** é a atualmente falada por um povo ou tribo. Assim, são *línguas vivas* o *português*, o *francês*, o *italiano* etc.

7 — Chama-se **língua morta** a que já não é usada por nenhum povo ou tribo, mas sobrevive em documentos. São exemplos de línguas mortas o *latim* (língua primitivamente falada pelos latinos, habitantes do *Lácio*, que tinha por capital Roma), o *hebraico*, o *sânscrito* (língua clássica da India).

8 — **Língua extinta** diz-se a que não é falada nem deixou provas de sua existência. Tal se chama a língua dos etruscos, a dos celtas e

a dos primitivos habitantes da terra. Sabemos que tais línguas existiram porque alguma língua devem ter falado êsses povos.

9 — A palavra, como representação material, isto é, como som ou aparência gráfica, chama-se **vocábulo**. Como índice da idéia que ela encerra, chama-se **têrmo**. Por isso é que se diz: "Falar em bom *têrmo*" e não: "Falar em bom *vocábulo*", da mesma maneira que não se diz: "Pronunciar bem um *têrmo*", mas: "Pronunciar bem um *vocábulo*" (ou *palavra*).

10 — A reunião de vocábulos forma o **vocabulário**; quando dispostos os vocábulos em ordem alfabética e acompanhados de suas significações, tal reunião é denominada **dicionário** ou **léxico**.

11 — Se a reunião de vocábulos forma o *vocabulário*, a reunião de têrmos, isto é, de palavras enquanto expressam uma idéia, forma a **frase** ou *locução*, que virá a ser a expressão do pensamento. A **frase** constitui, pois, o elemento fundamental da linguagem.

O livro de Pedro — Os grandes olhos de Maria — são *frases*, porquanto constituem reunião de têrmos ou idéias, sem nada afirmar nem negar.

12 — Se a frase encerrar uma declaração, isto é, se afirmar ou negar alguma coisa, ela passará a chamar-se **oração**. Exs.: *O livro de Pedro é grande — Os grandes olhos de Maria fecharam-se.*

GRAMÁTICA

13 — Denomina-se **gramática** a reunião ou exposição metódica dos fatos de uma língua.

Da mesma maneira que a música possui sua *artinha*, ou seja, o conjunto de princípios, normas, ensinamentos e regras concernentes a essa arte, também as línguas possuem cada uma a sua *gramática*, isto é, o conjunto de tôdas as normas para o seu perfeito uso.

14 — Quando tal estudo abrange, simultâneamente, diversas línguas congêneres, isto é, filiadas à mesma origem e, portanto, semelhantes, êle constitui o que se denomina **gramática geral** (ou **comparativa**). Desta espécie é a *Gramática das Línguas Românicas* de Frederico Diez (pronuncie *Ditz*).

15 — Se a gramática visar apenas aos fatos de uma língua particular, ela será **gramática particular**, que passará a chamar-se *portuguêsa*, *francesa*, *inglêsa* etc., conforme a língua particular que estudar.

16 — A gramática particular tem um fundo de generalidade no que concerne à lógica, mas se preocupa essencialmente dos fatos peculiares de determinada língua, estudando-lhe os fatos particulares, o método e as regras apropriadas para o seu perfeito uso.

17 — A gramática particular pode ocupar-se exclusivamente da origem de uma língua e dos processos de sua formação e se chamará **gramática histórica.**

18 — Se, porém, visar aos fatos atuais de uma língua, mostrando e ensinando as regras vigentes para o seu perfeito manuseio, sem cogitar da sua formação, ela será **gramática expositiva.**

19 — Esta última, isto é, a *gramática expositiva*, que também se chama *normativa*, *descritiva* ou *prática*, é a que vamos estudar com relação à nossa língua, não deixando de ver, na *Etimologia* (§ 610 e ss.), os principais fatos operados na passagem do latim para o português.

DIVISÃO DA GRAMATICA

20 — Três são as grandes partes da gramática:

Fonética
Morfologia
Sintaxe

21 — **Fonética** (do gr. *phonê* = *som*) é a parte da gramática que estuda os vários sons ou fonemas lingüísticos.

22 — **Morfologia** (gr. *morphê* = figura + *logia* = estudo) é a parte que estuda a palavra em si, quer no *elemento material*, isto é, quanto à forma, quer no *elemento imaterial*, ou seja, quanto à idéia que ela encerra.

23 — **Sintaxe** (do gr. *syntáxis* = arranjo) é a parte que estuda a palavra não em si, mas com relação às outras que com ela se unem para exprimir o pensamento.

Se a *fonética* e a *morfologia* estudam a *palavra*, a *sintaxe* estuda a *frase*, quer completa quer incompleta.

24 — Daí a diferença entre *análise fonética*, *análise morfológica* e *análise sintática*.

Análise fonética é a que considera a palavra quanto ao som.

Análise morfológica é a que considera a palavra em si (classe de palavras, flexão, elementos mórficos, acento, terminação, grafia, número de sílabas etc.).

Análise sintática é a que considera a palavra com relação às outras que se acham na mesma oração.

Nota — Em certos programas de ensino ou de concursos pede-se erradamente *análise gramatical* para contrastar com *análise sintática*. *Análise gramatical*, com tal sentido, é expressão técnica da língua francesa.

QUESTIONARIO

1 — Que é *linguagem?*
2 — Quantas e quais as suas espécies?
3 — Que é *palavra?*
4 — Qual a diferença entre *linguagem* e *língua?*
5 — Que é *língua viva?*
6 — Que é *língua morta?*
7 — Que é *língua extinta?*
8 — Qual a diferença entre *vocábulo* e *têrmo?*
9 — Qual a diferença entre *vocabulário* e *dicionário?*
10 — Qual a diferença entre *frase* e *oração?* Exemplos.
11 — Que é *gramática?*
12 — Quantas *espécies* existem de *gramáticas?* — Definir cada espêcie.
13 — Quais as partes em que se divide a gramática? — Definir cada uma delas.
14 — Que é *análise morfológica?*
15 — Que é *análise sintática?*

Capítulo II

FONÉTICA

25 — A *fonética* (definição: § 21) pode ser *descritiva*, *histórica* e *sintática*.

26 — A *fonética* é **descritiva** quando estuda os sons da voz humana no seu *processo* de formação.

27 — A fonética passa a chamar-se **histórica** quando estuda os sons da voz humana na sua *transformação* através dos tempos.

28 — A fonética é **sintática** quando estuda os fenômenos fonéticos operados nos encontros vocabulares. Êsses fenômenos serão vistos no decurso da gramática; por ora, sirva-nos de exemplo de fenômeno fonético sintático o operado em *amá-lo*, forma resultante do encontro amar + o (§ 825).

FONEMAS

29 — Os sons elementares, isto é, os sons fundamentais da voz humana denominam-se **fonemas**, que se classificam em:

vogais
consoantes
semivogais

30 — Quando representados por escrito, os fonemas denominam-se **lêtras**.

31 — *Vinte e três* são as lêtras usadas em português; o seu conjunto sistematizado denomina-se *alfabeto* [1].

32 — As lêtras classificam-se, quanto à *forma*, em *maiúsculas* e *minúsculas;* quanto à *natureza*, em *vogais* e *consoantes*.

---

(1) A palavra *alfabeto* provém da reunião, feita no grego, dos elementos gregos *alfa* e *beta*, que são os nomes das duas primeiras lêtras dêsse idioma. *Abecedário*, nome de origem latina, é tirado das três primeiras lêtras latinas: *a*, *b*, *c*, e significa o mesmo que *alfabeto*. Outra palavra que igualmente tem relação com as lêtras do alfabeto é *elemento*. Dada a extensão do *alfabeto*, dividiam-no os mestres em duas partes para que mais fàcilmente o decorassem os alunos. O *l* e o *m* (*éle*, *ème*) iniciavam a segunda metade: daí a palavra *elemento*, donde *elementar*, que significa *primário*.

Foram eliminadas do alfabeto português as lêtras *k*, *w* e *y*, que sòmente em casos especiais continuam a ser usadas.

Maiúsculas	*Minúsculas*	*Nomes*
A	a	á
B	b	bê
C	c	cê
D	d	dê
E	e	é
F	f	éfe
G	g	gê
H	h	agá
I	i	i
J	j	jóta
L	l	éle
M	m	ême
N	n	êne
O	o	ó
P	p	pê
Q	q	quê
R	r	érre
S	s	ésse
T	t	tê
U	u	u
V	v	vê
X	x	xis
Z	z	zê

33 — **Vogais** são as lêtras que se pronunciam sem auxílio de outra lêtra: *a, e, i, o, u.*

Nota — As vogais e e *o*, quando isoladamente citadas, devem ser pronunciadas com som aberto. Não se diz: "Êsse *ô* é acentuado", "Esta palavra escreve-se com *ô*", — mas sim: "Êsse *ó* é acentuado", "Esta palavra escreve-se com *ó*". O mesmo procedimento devemos ter com a vogal *e*.

34 — **Consoantes** (*com* = junto; *soante* = que soa) são as lêtras que só podem soar com o auxílio de uma vogal.

Nota — O nome das lêtras nem sempre corresponde ao fonema, isto é, ao som que elas representam; o *m* chama-se *ême*, mas soa *me* (médico); ùnicamente nas vogais (*a, e, i, o, u*) é que o nome corresponde ao som.

35 — **Semivogais** — São assim chamados o *i* e o *u* quando aparecem num ditongo. Exemplos de *i* semivogal: *rei, foi, maior;* exemplos de *u* semivogal: *pau, ouro, água.*

36 — Rigorosamente, deveríamos ter tantas lêtras quantos são os fonemas que emitimos em português. De igual maneira, as lêtras deveriam ter sempre o mesmo som. Muito pelo contrário, das lêtras que possuímos em português, uma há, o *h*, que nenhum valor fonético tem; outras representam o mesmo som (o *s* e o c); outras, ainda, ora têm um, ora outro som: *ca* (ka), *ce* (sse).

37 — O nosso alfabeto recebemos do latim, com duas modificações:

1 — O *u* e o *v* em latim (e no português antigo) se escreviam da mesma maneira, em forma de *v*; por isso se vêem em fachadas de prédios ou em escritos de importância inscrições como — *TEATRO MVNICIPAL, CVRIA METROPOLITANA.*

2 — Igualmente, o *i* e o *j* confundiam-se gràficamente na única forma I (*i*); por isso se vêem encabeçando as imagens do crucifixo as iniciais INRI, cujos *ii* correspondem a *jj*: I(J)esus Nazarenus Rex I(J)udeorum.

No próprio latim já os gramáticos distinguiam, na pronúncia, o *v* vogal (= u) do *v* consoante, mas a distinção gráfica o português só começou a fazer do século XVI em diante, e até o século XVIII e grande parte do XIX ainda se escrevia *dvvida* (= dúvida).

38 — O latim recebeu o alfabeto do grego, com as seguintes modificações:

1 — Exclusão de três lêtras, que representavam aspiração, coisa inexistente em latim:

Grego	Latim
Θ (ϑ) — théta = *th*: Θεολογία (8 lêtras)	= *Th*eologia (9 lêtras)
Φ (φ) — phi = *ph*: Φιλοσοφία (9 lêtras)	= *Ph*ilosop*h*ia (11 lêtras).
Χ (χ) — chi (kí) = *ch*: Χριστός (7 lêtras)	= *Ch*ristus (8 lêtras).

2 — Conseqüente invenção do *h* para representar gràficamente a aspiração grega; esta aspiração havia em grego nas lêtras acima e no comêço de certas palavras, o que se representava com o sinal (ʽ), o *espírito áspero*: ὑποχριτής = *h*ipócrita.

3 — Supressão do grupo composto ψ (psi), igual a *ps*: ψυχή (psiké), que em latim deu *psyche* (psique).

4 — Supressão do η (éta) e do ω (ômega), correspondentes, respetivamente, a *e longo* e *o longo.*

5 — Criação do c, variante do *kappa* grego: κέντρον (kéntron), *centrum* (em português *centro*).

6 — Introdução do *q* (que sempre se fazia acompanhar de *u*), correspondente ao *koppa* do alfabeto dórico, que, por sua vez, tirou-o do fenício *koph*.

7 — Introdução do *F* (digama), trazido do eólico.

Em resumo: O latim extirpou 6 lêtras do alfabeto grego (ϑ, φ, χ, ψ, η, ω), criou 4 (*h*, c, *u*, *j*; as duas últimas já na decadência e na passagem para o português) e importou 2 (*f* e *q*).

39 — Não foram os gregos os inventores do alfabeto; receberam-no dos fenícios, tendo o trabalho de eliminar certas aspirações. De sua parte, foram os fenícios buscá-lo dos egípcios, precursores do alfabeto.

40 — Quando ainda não existia o alfabeto, a idéia se representava por *símbolos*. Os egípcios representavam primitivamente as idéias por meio dos *hi roglifos*, os babilônios pelo método denominado *cuneiforme* e, ainda hoje, os japonêses e os chineses não possuem lêtras.

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *fonética?*
2 — Como pode ser a *fonética?*
3 — Quando a fonética é *descritiva*, quando *histórica* e quando *sintática?*
4 — Que são *fonemas?*
5 — Que são *lêtras?*
6 — Que é *alfabeto?*
7 — Como se classificam as lêtras (§ 32).
8 — Que são *vogais?*
9 — Que são *consoantes?*
10 — Que são *semivogais?*
11 — O número de lêtras de um alfabeto não deve corresponder ao número de fonemas do idioma? Acontece isso com o português? (§ 36).

Capítulo III

VOGAIS

41 — Classificam-se as *vogais:*

a) quanto à *zona de articulação*, em:
anteriores
médias
posteriores

b) quanto ao *timbre*, em:
abertas
fechadas
reduzidas

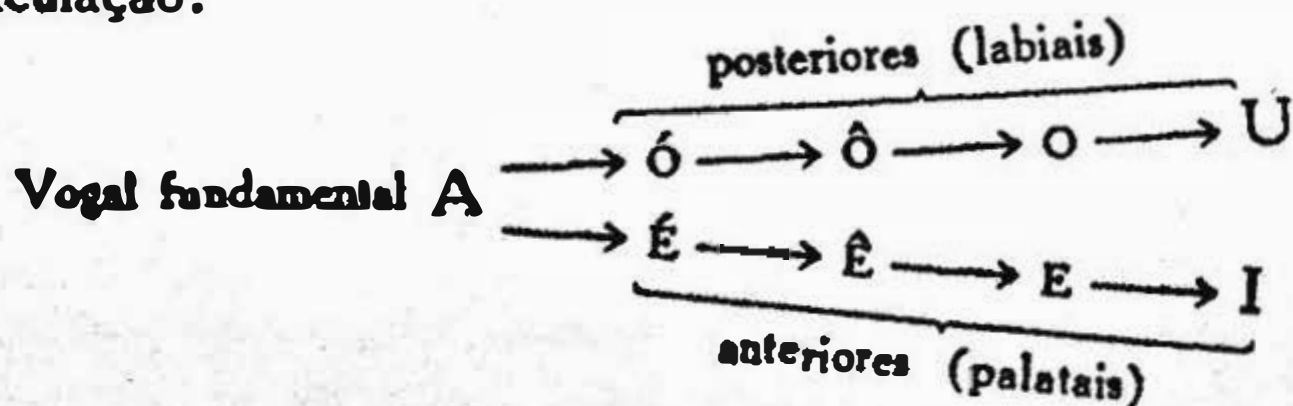
c) quanto ao *papel das cavidades bucal e nasal*, em:
orais
nasais

d) quanto à *intensidade*, em:
átonas
tônicas

42 — Quanto à **zona de articulação** — São **médias** as várias espécies da vogal *a*, que se considera *vogal fundamental* por ser a que primeiro se ouve quando vibram as cordas vocais e quando não se contrai nenhuma das partes móveis da bôca (É a que primeiro emite a criança). À medida que formos diminuindo a arcada dentária inferior, mediante movimento da língua e do véu palatal (*úvula*, vulgarmente chamada *campainha*), passaremos para a vogal *e;* a continuar nesse movimento, o *e*, a princípio aberto, passa para e fechado, até que se obtém o som *i* (**anteriores** ou *palatais*).

Se, nos movimentos acima, contrairmos os lábios, do *a* passaremos para o *o aberto*, dêste para o *o fechado*, e, finalmente, para o *u* (**posteriores** ou *labiais*).

Gràficamente, poderemos assim representar as vogais orais, quanto à zona de articulação:

posteriores (labiais)
Vogal fundamental A → Ó → Ô → O → U
→ É → Ê → E → I
anteriores (palatais)

43 — Quanto ao **timbre** — Além de **abertas** (á, é, ó) e **fechadas** (ê, ô), as vogais podem ser **reduzidas**, o que se dá quando são leve, abafada e imprecisamente articuladas as vogais de sílabas não acentuadas, quer venham no fim, quer no meio, quer no princípio do vocábulo. Por vêzes, *e*, *o*, *u* reduzidos finais confundem-se, respectivamente com *i*, *u*, *o*: saudad*es* (saudad*is*), Pedr*o* (Pedr*u*), *e* (*i*), Paul*o* (Paul*u*), vi*u* (vi*o*).

Obs. — É estranho ao português falado no Brasil o *a fechado* (*â*). Não condizendo com o nosso sistema de vocalização, é injustificável exigir que no Brasil se pronuncie *mâs* (conjunção), *pâra* (preposição), *câda*.

44 — Quanto ao **papel das cavidades bucal e nasal** — **É oral** (ou *pura*) a vogal cujo som, proveniente da vibração das cordas vocais, ressoa todo na bôca.

Se, na emissão dêsses sons, desviarmos para as fossas nasais parte do ar expelido pelos pulmões, o que se consegue mediante abaixamento do véu do paladar, obteremos as *vozes* **nasais:** *an* (*ã*), *en*, *in*, *on* e *un*. Vogal nasal é, portanto, aquela em cuja emissão parte do ar é desviada para as fossas nasais.

45 — Quanto à **intensidade** — São **tônicas** as vogais de sílabas acentuadas (pernambuCAno); são **átonas** as de sílabas não acentuadas, quer venham no fim, quer no meio, quer no princípio do vocábulo: PERNAMBUcaNO.

46 — Do acima exposto, poderemos enfeixar as vogais no seguinte quadro:

A	aberto	— já, caro
	fechado	— (*não existe no Brasil*)
	reduzido	— valeu, tôla
	nasal	— irmã, ando
E	aberto	— pé, careca
	fechado	— lê, prêto
	reduzido	— saudades
	nasal	— refém, entre
I	agudo	— li, fio
	fechado	— (*não existe*)
	reduzido	— pálido, pisada
	nasal	— fim, tinta
O	aberto	— avó, agora
	fechado	— avô, bôlsa
	reduzido	— prêto, dado
	nasal	— som, conta
U	agudo	— angu, pulo
	fechado	— (*não existe*)
	reduzido	— fábula, puxar
	nasal	— um, fundo

47 — Conclui-se, do quadro acima, serem 17 as **vozes** (ou *fonemas vogais*) da língua portuguêsa falada no Brasil.

GRUPOS VOCÁLICOS

48 — As vogais podem na palavra encontrar-se reunidas em grupos de duas ou mais. Quando se dá isso, as vogais formam *grupos vocálicos*. *Grupo vocálico*, portanto, é a reunião, é a seqüência de duas ou mais vogais. Conforme o número de vogais que encerram e conforme a pronúncia a que obedecem, os grupos vocálicos denominam-se **ditongos, tritongos** e **hiatos.**

49 — **Ditongo** denomina-se o grupo de duas vogais, e se classifica em *crescente* e *decrescente*, *oral* e *nasal*.

O ditongo é **crescente** quando a voz passa ligeiramente sôbre a primeira das duas vogais. São os seguintes os nossos **ditongos crescentes:**

1 — *ea* — côd*ea*, ígn*ea*, plúmb*ea*
2 — *eo* — nív*eo*, áur*eo*, marmór*eo*
3 — *ia* — glór*ia*, histór*ia*
4 — *ie* — sér*ie*, superfíc*ie*
5 — *io* — ilusór*io*, Már*io*, f*io*, p*io*, pav*io*
6 — *oa* — pásc*oa*, mág*oa*
7 — *oe* — perd*oe*, mag*oe*, s*oe* (do v. *soar*)
8 — *ua* — ág*ua*, contíg*ua*, contín*ua*
9 — *ue* — tên*ue*, contin*ue*, acent*ue*, rec*ue*
10 — *ui* — ruim, tuim (na pronúncia, acentua-se o *i*, constituí)
11 — *uo* — árd*uo*, exíg*uo*

50 — O ditongo é **decrescente** quando a voz se apóia mais na primeira vogal, e pode ser *oral*, quando emitido só pela bôca, ou *nasal*, quando parte do ar é expelido pelo nariz.

São os seguintes os nossos **ditongos decrescentes:**

ORAIS	1 — *ai*	— m*ai*s, c*ai*bo, s*ai*, v*ai*, c*ai*
	2 — *au*	— *au*tor, p*au*, bacalh*au*
	3 — *éi* (aberto)	— quart*éi*s, r*éi*s
	ei (fechado)	— f*ei*ra, l*ei*te, r*ei*s
	4 — *éu* (aberto)	— v*éu*, c*éu*, chap*éu*, tabar*éu*
	eu (fechado)	— m*eu*, s*eu*, morr*eu*, sand*eu*
	5 — *iu*	— r*iu*, v*iu*
	6 — *ói* (aberto)	— m*ói*, d*ói*, s*ói*s, anz*ói*s, God*ói*
	oi (fechado)	— b*oi*, aç*oi*te, f*oi*ce, c*oi*tado
	7 — *ou*	— v*ou*, d*ou*, tes*ou*ro, p*ou*co
	8 — *ui*	— f*ui*, circ*ui*to, int*ui*to, R*ui*, az*ui*s, infl*ui*, contrib*ui*, constit*ui*
NASAIS	1 — *ãe*	— p*ãe*s, c*ãe*s, m*ãe*s
	2 — *ão*, *am*	— c*ão*, ir*ão*, m*ão*, órg*ão*, bênç*ão*, disser*am*, for*am* (= dissérão, fôrão)
	3 — *em* (ẽi)	— b*em*, t*em*, ca*em*, mo*em* (= bẽim, tẽim, cãim, mõim)
	4 — *õe*	— p*õe*, coraç*õe*s, liç*õe*s
	5 — *ui*	— m*ui*to (= mũĩto)

Diante dos quadros dêste e do parágrafo anterior, pode-se dizer que, em geral, há ditongo crescente quando a segunda vogal é *a*, *e*, *o*, e ditongo decrescente quando a segunda vogal é *i* ou *u*.

Notas: 1.ª — O ditongo *ui* pode ser ora decrescente, ora crescente.

a) Quando *decrescente* êsse grupo deverá pronunciar-se de um só impulso de voz, e, se o acento tônico recair nêle, receberá o acento a primeira das vogais do grupo.

a *vogal prepositiva*. Assim, as palavras *gratuito*, *fortuito*, *circuito*, *fluido* e *intuito* têm o acento no *u* e não no *i*, por ser decrescente o ditongo *ui* dessas palavras.

b) Quando *crescente*, as vogais se pronunciam com leve separação de voz: *ruim*, *pituíta*, *ruído* (com acento tônico no *i*), *drúida* (pronuncie *drú-ida*).

2.ª — Pràticamente, considera-se uma única sílaba o ditongo decrescente, e duas o crescente: *chapéu*, *troféu* são palavras de duas sílabas, e *níveo*, *áureo*, de três. Na poesia, porém, terá o poeta liberdade de desdobrar em duas sílabas o decrescente (fenômeno denominado *diérese*, que significa *divisão*), e, vice-versa, fazer do crescente uma só sílaba (*sinérese* = contração), mas nunca poderá alterar o acento correspondente ao grupo vocálico; *circuito*, quer o poeta considere palavra de 3 quer de 4 sílabas, sempre terá o acento no *u*, e *ruim*, quer de 2, quer de 1, sempre no *i*.

3.ª — Se o ditongo decrescente se considera uma única sílaba, o crescente constitui duas sílabas; portanto, quando o crescente, que finaliza a palavra, não é acentuado, com tôda a certeza o acento recai na sílaba que o antecede, ou seja, na antepenúltima, tendo a palavra acentuação proparoxítona; logo, pela ortografia oficial, que manda se acentuem as palavras proparoxítonas, a sílaba que antecede o ditongo crescente átono *deve* ser acentuada: côdea, ígnea, plúmbea, níveo, glória.

51 — Tritongo é o grupo de três vogais, das quais a do meio é que recebe o impulso da voz: *fiéis*, esp*ião*, esp*iões*.

Será *oral* ou *nasal* o tritongo se oral ou nasal fôr a vogal do meio.

52 — Hiato denomina-se o grupo de duas vogais que se pronunciam distintamente, em duas diferentes emissões de voz: s*aú*de, gr*aú*do, tr*iu*nfo.

Nota — Os encontros *ea*, *eo*, *ia*, *ie*, *io*, *oa*, *ua*, *ue*, *uo*, quando finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos crescentes, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da língua portuguêsa:

cô-de-a e *cô-dea*
ní-ve-o e *ní-veo*
histó-ri-a e *histó-ria*
sé-ri-e e *sé-rie*
pá-li-o e *pá-lio*
pás-co-a e *pás-coa*
ár-du-a e *ár-dua*
tê-nu-e e *tê-nue*
vá-cu-o e *vá-cuo*

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *vogal reduzida?*
2 — Que diz das pronúncias *pâra*, *mâs?*
3 — Como se pronunciam as três vogais grifadas da frase: "Pedro e Paulo"?
4 — Que é *grupo vocálico?*
5 — Quantas espécies há de grupos vocálicos? Quais são?
6 — Que é *ditongo?*
7 — Que diferença existe entre ditongo crescente e ditongo decrescente?
8 — Que é *diérese?*
9 — Que é *sinérese?*
10 — Quantas sílabas há na palavra *pituíta?*
11 — Responda o mesmo quanto ao vocábulo *circuito* e explique as razões do acento.
12 — Quantas sílabas há em *pio*, *fio* e quantas em *viu*, *riu?* — Por quê? Pode dar-se o contrário? Onde?
13 — Que é *tritongo?*
14 — Que é *hiato?* Exemplos.

CAPÍTULO IV

CONSOANTES

A) — CLASSIFICAÇÃO

55 — Se, de um lado, as vogais se produzem mediante *modificações* da bôca, as consoantes, por outro, são o produto da *interrupção* da correnteza de ar expelida pelos pulmões.

Enquanto as vogais são produzidas *livremente*, as consoantes são produzidas ou *apertadamente* ou *explosivamente*, isto é, encontram sempre um obstáculo, maior ou menor, à passagem do ar expelido dos pulmões.

No ato de desobstruir a passagem do ar, ouve-se o ruído proveniente da separação das partes que estavam impedindo a saída do ar, e, logo a seguir, quase concomitantemente, o som de uma vogal, resultante dessa desobstrução. Daí o nome de *consoante* (com + soante), isto é, som acompanhado de vogal.

56 — As articulações de que resultam os fonemas consoantes podem ser ilimitadas. A mínima modificação da bôca irá alterar a natureza dos fonemas, e o número de tais modificações se multiplicará se os considerarmos produzidos por diversos indivíduos, principalmente se de raças e línguas diferentes. Gràficamente, costumam ser reduzidas tais consonâncias aos caracteres gráficos denominados *consoantes*.

57 — Podemos, em português, contar 19 consonâncias:

Consonâncias	Representação gráfica	Exemplos
1. BE	*b*	*b*ater, *b*erro, *b*ôbo
2. CE	*c* (antes de *e*, *i*)	*c*edo, pare*c*ido
	ç (antes de *a*, *o*, *u*)	pa*ç*o, cabe*ç*a, a*ç*úcar
	s (inicial ou acompanhado de consoante)	*s*apo, pa*ss*o, fal*s*o
	x (em casos especiais)	apro*x*imar
3. DE	*d*	*d*a*d*o, a*d*esão
4. FE	*f*	*f*oi, *f*armácia
5. JE	*j*, *g* (antes de *e*, *i*)	*j*á, *g*ente
6. GUE	*g* (antes de *a*, *o*, *u*)	*g*ôsto, *g*ato
	gu (antes de *e*, *i*)	*gu*erra
7. QUE	*c* (antes de *a*, *o*, *u*)	*c*ão
	c (antes de consoante)	*c*ristão
	qu	*qu*ero, or*qu*estra
8. LE	*l*	*l*uz, *l*atim
9. ME	*m*	*M*aria
10. NE	*n*	*n*osso, i*n*umano
11. PE	*p*	*p*or, *p*ara
12. RRE (forte)	*r* (inicial ou acompanhado de consoante)	*r*ato, ca*r*ne, ca*rr*o, hon*r*a
13. RE (brando)	*r* (entre vogais)	ca*r*o, mo*r*ada
14. TE	*t*	*t*odo, *t*eatro
15. VE	*v*	*v*oto, *v*ista
16. XE	*x*, *ch*	*x*arope, *ch*arque
17. ZE	*z*	*z*ero
	s (entre vogais)	ro*s*a
	x (em casos especiais)	e*x*emplo
18. LHE	*lh*	mo*lh*ado, ô*lh*o
19. NHE	*nh*	se*nh*or, so*nh*o

58 — Fácil será, do quadro acima, deduzir os defeitos do nosso alfabeto (V. § 36): 1) Lêtras há que representam consonâncias diversas — *r*: *r*oda (*rr*oda); ca*r*o (ca*r*o); *s*: sol (çol), casa (caza); *x*: ei*x*o (ei*ch*o), se*x*o (se*ks*o), pró*x*imo (pró*ss*imo). 2) Outra existe que nenhuma consonância representa, o *h*. 3) Existência de mais de uma lêtra para representar uma só consonância: *lh* (fi*lh*o), *nh* (cu*nh*ado).

59 — As nossas consoantes classificam-se:

a) quanto ao **modo de articulação**, em:

oclusivas (duras, explosivas) — quando exigem um prévio fechamento total da correnteza de ar: *p*, *b*, *t*, *d*, *c* (duro), *q*, *g* (duro);

constritivas (contínuas) — quando o fechamento não é total. Subdividem-se em:

fricativas, se o ar é expelido mediante atrito, fricção: *f*, *v*, *s*, c (brando), *ç*, *z*, *x*, *ch*, *j*, *g* (brando);
laterais, se o ar flui entre a língua e as bochechas: *l*, *lh*;
vibrantes, se concorre vibração da ponta da língua: *r* (brando), *r* (forte);

b) quanto ao **ponto de articulação**, em:
bilabiais — quando o fechamento do ar é feito pelos lábios: *p*, *b*, *m*;
labiodentais — quando feito pelos dentes superiores e lábio inferior: *f*, *v*;
linguodentais — quando feito pela ponta da língua, prêsa acima dos incisivos superiores: *t*, *d*;
alveolares — quando feito pela ponta da língua ligeiramente encostada no alvéolo dos dentes superiores: *n*, *c*, *z*;
palatais — quando feito pela parte anterior da língua ligeiramente encostada no céu da bôca: *x*, *ch*, *g*, *j*, *nh*, *lh*;
velares (guturais) — quando feito pela parte posterior da língua duramente encostada no véu do paladar: *c* (duro), *q*, *g* (duro);

c) quanto ao **papel das cordas vocais**, em:
surdas (fortes, ásperas) — quando as cordas vocais não vibram: *p*, *t*, c (duro), *q*, *s*, *c*, *x*, *ch*, *r*;
sonoras (brandas, doces) — quando as cordas vocais vibram: *b*, *d*, *g*, *m*, *n*, *nh*, *v*, *z*, *j*, *l*, *lh*;

d) quanto ao **papel das cavidades bucal e nasal**, em:
orais — quando o ar é expelido todo pela bôca: *p*, *t*, *k*;
nasais — quando parte do ar é expelido pelo nariz: *m*, *n*, *nh*.

Em quadro, assim podemos apresentar as consoantes:

§ 60.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES PORTUGUESAS

Quanto ao modo de articulação	OCLUSIVAS			CONSTRITIVAS					
				Fricativas		Laterais		Vibrantes	
Quanto ao papel das cordas vocais	surdas	sonoras		surdas	sonoras	surdas	sonoras	surdas	sonoras
Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal	orais	orais	nasais	orais	orais	orais	orais	orais	orais
Quanto ao ponto de articulação: Bilabiais	p	b	m	—	—	—	—	—	—
Labiodentais	—	—	—	f	v	—	—	—	—
Linguodentais	t	d	—	—	—	—	—	—	—
Alveolares	—	—	n	s, c, ç	z, s (brando)	—	l	r (forte), rr	r (brando)
Palatais	—	—	nh	x, ch	j, g (brando)	—	lh	—	—
Velares	c (duro), q	g (duro)	—	—	—	—	—	—	—

Nota — Outros nomes, que aqui são apresentados em ordem alfabética, poderão ser encontrados para indicar as consoantes, mormente em gramáticas de outros idiomas:

apicais, assim chamados o *t*, o *d*, o *s* e o *z*;
ásperas, que equivalem às surdas;
brandas, que equivalem às sonoras;
chiantes, assim chamados o *j*, o *g* brando, o *ch* (de palavras como *chapéu*) e o *x* (de palavras como *xadrez*);
contínuas, que equivalem às constritivas;
dentais, que equivalem às linguodentais;
doces, que equivalem às sonoras;
duras, que correspondem às oclusivas;
explosivas, que equivalem às oclusivas;
fortes, que equivalem às surdas;
geminadas, ou *dobradas*, quando repetidas e seguidas: *aSSim*, *caRRo*, *faCÇão;*
guturais, que equivalem às velares;
heterorgânicas, quando não produzidas pelas mesmas partes da bôca: o *p* e o *t*.
homorgânicas, quando produzidas no mesmo lugar da bôca: o *p* e o *b*;
intervocálica, quando entre vogais: ré-G-io, lú-C-ido, pe-G-ada (A pronúncia desta palavra é *pegáda*, com acento tônico na sílaba *ga*).
labiais, que equivalem às *bilabiais;*
liqüidas, assim chamados o *r* e o *l;*
molhadas, assim chamados o *lh* e o *nh;*
sibilantes, assim chamados o *s*, o *z* e o *c* brando.

B) — ORIGEM E PRONÚNCIA

B

62 — O **b** freqüentemente substitui outra bilabial ou uma labiodental, ou por uma delas se permuta em português: *suPerbum*, soberbo; *buBare*, bufar; *aFricum*, ábrego; *raPHanum*, rábano; *duBitare*, duvidar; *morBum*, mormo.

Quando intervocálico, o **b** latino freqüentes vêzes desaparece na formação popular do português: *preBendam*, *preenda*, *prenda*.

O **b** é *levemente* pronunciado:

a) no meio dos vocábulos, quando em grupo com outras consoantes: *substância*, *obcecar*, *objeto*, *abdicar*, *abstenção;*

b) no fim de palavras estrangeiras: *Adib*, *Horeb;*

c) na preposição *sob*.

C

63 — O **c** pode proceder:

1) de outro **c**: caro de *Carum;*

2) de **qu**: cinco de *QUinQUe*, nunca de *numQUam*, caderno de *QUaternum*, catorze de *QUatuordecim*, cartola de *QUartolam;*

3) de **t** seguido de **i** ou **e** e mais uma vogal: viço de *viTIum*, poço de *puTEum*, intenção de *intenTIonem* (não confunda *intenção* = propósito, com *intensão* = intensidade), Helvécia de *HelveTIam;*

4) do grupo **st**: môço de *muSTeum*.

64 — Procura-se hoje corrigir a grafia de várias palavras em que o **c** não se justifica. Caso interessante opera-se com o verbo *tecer;* o latim *texĕre* deveria em português ter dado *texer* ou *tesser*. A grafia errônea consagrou-se por causa do grande número de verbos terminados em **ecer** (obedecer, perecer, parecer, padecer, merecer etc.).

Era o **c** em latim sempre pronunciado como **k**: *Cicero*, *Kikero; discere*, *diskere*. Na decadência do latim, e, conseguintemente, na formação das línguas neolatinas, o som de gutural explosiva forte continuou antes de **a**, **o**, **u**: **caro**, **corpo**, **culpa**, mas abrandou-se antes das vogais **e** e **i**, como também antes de **a**, **o** e **u** quando acrescido da *cedilha* (*Cedilha* quer dizer **c pequeno** e se constitui de um pequeno **c** virado para trás que se sotopõe ao **c**, que então se denomina **c cedilhado** — e não "c cedilha"): *pareço*, *pareça*. Jamais se emprega **c cedilhado** antes de **e** nem de **i**.

65 — Só aparecem dois **cc** ou o grupo **cç** quando o primeiro **c** é pronunciado: *seCCionar*, *infeCÇão;* o mesmo se diga do grupo *ct: duCto*, *infeCto*. É êste um ponto que origina freqüentes e sérias discrepâncias em em português; uma infinidade de palavras há em que o **c**, em tais casos, é pronunciado em Portugal e o não é no Brasil. O contrário também, não poucas vêzes, se verifica. Em Portugal pronuncia-se o **c** de *faCto*, de *faCtura*, o que não se dá entre nós.

Quando final de palavras estrangeiras, o **c** soa levemente: *Isaac*, *Habacuc*.

D

66 — Nem sempre o nosso **d** corresponde ao **d** latino; é, não raro, resultado do abrandamento do **t**: *laTum*, lado; *amaTum*, amado. Algumas vêzes tem origem num **l**: *scaLam*, escada; *Laxare*, deixar; *amyLum*, amido.

É freqüente, na derivação popular, a queda do **d** latino entre vogais: *caDere*, *cair; viDere*, *ver; raDium*, *raio*.

Quando final de palavras estrangeiras, o **d** ora é pronunciado, como em *Gad*, *Nenrod*, *Talmud*, *Cid*, ora não, como em *David*, *Madrid*. Uma vez que, nestas duas últimas palavras, o **d** não é pronunciado, tampouco deve ser escrito: *Davi*, *Madri*.

F

67 — Comumente originário do **f** latino, corresponde, outras vêzes, ao **ph**: *PHasianum*, *faisão*; e ao **b**: *buBalum*, búfalo.

Sempre que possível, impõe-se o aportuguesamento de palavras estrangeiras terminadas em *f*: *turfe*.

G

68 — Quase sempre proveniente de um **g** etimológico, outras vêzes o **g** é conseqüência do abrandamento do **c duro** ou do **q latinos**: *Catum*, gato; *ciConiam*, cegonha. Outras vêzes provém de um **v**: *Vastare*, gastar; de um **w**: *Werra* (palavra alemã, quer dizer *contenda*), guerra; *Wilhelm*, Guilherme; de um **z**: *ZinZiber*, gengibre; de um **t**, seguido da terminação breve *icum*: *viaTicum*, viagem; *silvaTicum*, selvagem.

O **g** é velar antes de **a**, **o**, **u**; é palatal antes de **i**, **e**; antes destas duas vogais o **g** pode também ser velar; para tanto intercala-se um **u**, que ora se pronuncia, ora não; é uma questão que apresenta sérias divergências de pronúncia em grande número de vocábulos nossos. Ùnicamente o uso é juiz neste ponto.

Era desconhecido dos latinos o som chiante: *ge*, *je*, *xis*, *chá*. O **g** para os latinos sempre tinha som duro, ainda que seguido de **e** ou de **i**; *angelus*, por exemplo, era por êles pronunciado *ânghelus* (= anjo).

O **g** soa brandamente no final de vocábulos estrangeiros: *Azag* (azágh').

O **g** intervocálico também cai na derivação popular: *liGamen*, *liame*; *leGalem*, *leal*; *ruGam*, *rua*; *reGem*, *rei*. Interessante é o caso da queda do **g** inicial de *germanum* que em português deu *irmão*.

J

69 — O **j** é resultante da degeneração do **i** latino, mas nem sempre corresponde a essa lêtra; podem produzi-lo:

1) o **h**, na combinação **hi** (ou *hy*): *HIerosolyman*, *Jerusalém*; *HYacinthum*, *Jacinto*;

2) o **g**: *Gesiminum*, *jasmin*;

3) o **l**: *Lolium*, *joio*;

4) as combinações **di**, **si**, **se**, **ve**, seguidas de vogal: *hoDIe*, hoje; *DIurnalem*, jornal; *eccleSIam*, igreja; *caSEum*, queijo; *foVEum*, fojo.

5) A vogal grega ι (ióta), diretamente ou através do latim, quando inicial seguida de outra vogal ou quando intervocálica sem formar ditongo; essa é a origem do *j* das palavras *Jônia, Déjoces, jaspe, jota, jerarquia* (ao lado da forma erudita *hierarquia*).

O som do j é sempre brando e invariável: *José, adjetivo.*

K

70 — Hoje o k se encontra proscrito de nosso alfabeto; é substituído por **qu** antes de **e** e **i**: *querosene, quiosque, quilo, quilômetro, faquir;* e por **c** em qualquer outra situação: *calendas, cágado, calidoscópio, cleptomania, cleptofobia.*

Nota — É conservado nas abreviaturas de *quilo* (*K.*), *quilograma* (*Kg.*), *quilolitro* (*Kl.*) e *quilômetro* (*Km.*). O *k* não faz parte do abecedário português; é contudo empregado em um ou outro vocábulo de nome próprio estrangeiro e em palavras estrangeiras que entraram na linguagem. Limita-se o seu emprêgo a *kantismo, kantista, kaiserista, kaiser, Kepler, kepleriano, kepléria, Kiries, Kiel, Kiew, Kummel, Kant, Kardec, Bismarck, Kiang-Si, Shakespeare...*

L

71 — Além do **l** originário, outras letras deram **l** em português:

1) o **n**: *aNnimam,* alma;

2) o **r**: *aRbitrium,* alvitre;

3) o **d**: *juDicare,* julgar;

4) o **m**: *Memorare,* lembrar.

O **l intervocálico** geralmente cai na passagem do latim para o português, quando popularmente derivada a palavra: *coeLum, céu; saLire, sair; veLum, véu.*

Diferente é o som do **l**, conforme venha colocado antes ou depois da vogal por êle modificada: *lago, algo.* Por isso é que a palavra *mal-estar* (resultante da junção do advérbio *mal* ao verbo *estar*) se pronuncia e se separa silàbicamente *mal-es-tar* e não *ma-les-tar,* uma vez que o **l** modifica a vogal **a** a êle anteposta.

M

72 — O **m** só algumas vêzes deixa de corresponder ao **m originário**. Isso acontece no final de certas palavras: *soNum,* som; *boNum, bom; siC, sim; neC,* nem.

Quando posposto à vogal que êle modifica, o **m** transforma-se em mero sinal de nasalização: *embora* (= *ẽbora*), *com* (= *cõ*), *tempo*

(= *tēpo*). Em *emoldurar*, o m conserva seu valor literal, por estar modificando a vogal que se lhe segue e não a anteposta: *e-mol-du-rar;* mas em *bem-aventurado* o m constitui simples sinal de nasalização, por estar modificando a vogal que o antecede, o e, e não a que se lhe segue, o a; corretamente, assim se pronuncia essa palavra: *bē-aventurado*.

N

73 — Raríssimos são os casos em que o **n** deixa de corresponder a um **n** etimológico: *Libellum*, *nível*; *Mespilum*, *nêspera*.

Acontece com o **n** o mesmo que com o **m** quando modifica a vogal que o antecede: *antes* (= *ā*-tes), *entre* (= *ē*-tre), *onze* (= *ō*-ze). Em *enumerar*, por estar modificando a vogal a êle posposta e não a anteposta, o **n** conserva seu valor alfabético: *e-numerar*. No final de certas palavras eruditas o som do **n** aproxima-se do som alfabético: *cóloN*, *hífeN*. Quando tais palavras passam a ser de uso generalizado, geralmente perdem o **n** final: *cacófato* em vez de *cacófatoN*, *léxico* em vez de *léxicoN*, *germe* em vez de *gérmeN*, *espécime* em vez de *espécimeN*, *certame* em vez de *certâmeN*, *regime* em vez de *regímeN*, *exame* e não *exâmeN*.

P

74 — O **p** tem origem noutro **p**, com exceção de poucos casos, como em *soprar*, do latim su*FF*lare.

Quando não pronunciado, o **p** inicial não se escreve: *salmo*, *Tolomeu*, *tisana* (e não *psalmo*, *Ptolomeu*, *ptisana*); note-se que em *tisana* o **p** inicial não era escrito nem na ortografia mista.

O mesmo se diga do **p** medial: *exceção*, *setembro*, *assunção* (e não *excepção*, *septembro*, *assumpção*).

Escrever-se-á sempre que fôr sonoro: *oPção*, *concePção*, *Pneumonia*...

Q

75 — É o **q** proveniente ou de um **q** (*q*ual de *q*ualem) ou de um **c** duro (*q*uente de calentem, *q*ueda de caída).

O **q** sempre se liga às vogais por intermédio de um **u**; êste passa a fazer parte integrante do **q** e não entra na contagem das sílabas. Grande é a confusão que o grupo literal **qu** traz para a pronúncia de nossas palavras, pois o **u** ora é pronunciado, ora não, sem nenhuma regra nem critério, tornando-se solução única para cada caso averiguar como a generalidade do povo pronuncia o vocábulo.

R

76 — Quatro podem ser as origens do **r** português:

1) um **r** originário: ma*r* de ma*r*e; *r*ei de *r*egem;

2) um **l**: *r*ouxinol de *l*usciniolum (de *luscus* e *canĕre*, que canta no crepúsculo); b*r*ando de b*l*andum;

3) um **d**:ciga*rr*a de cica*d*am;

4) um **s**: Ma*r*selha (cidade da França) de Ma*s*siliam.

77 — **L** e **r** freqüentemente se permutam. Em certas palavras essa troca já se arraigou: a*r*mazém provém de a*l*mazém (derivado árabe); alugue*l* emprega-se hoje em vez de alugue*r* (mais certo, mas quase desusado); b*r*ando tem origem em b*l*andum.

Noutras palavras vemos ora o **r** ora o **l**: f*l*auta (esta é a melhor forma) e f*r*auta; f*l*echa (forma mais usada) e f*r*echa. Em outras, essa troca constitui êrro: def*r*uxo por def*l*uxo, e assim endef*r*uxado, quando o certo é endef*l*uxado (pronuncie "deflusso", "endeflussado"); desfa*r*car em vez de desfa*l*car; muitos exemplos poderia oferecer de palavras que são erradamente pronunciadas pelas crianças, como esta: qué*l*o em vez de que*r*o.

Rotacismo (**rô** é o nome do **r** grego) é o êrro que consiste em empregar **r** em vez de **l**; o êrro contrário, empregar **l** em lugar de **r**, chama-se **lambdacismo** (**lambda** é o nome do **l** grego).

S

78 — O mais das vêzes, o **s** de nossas palavras corresponde a um **s** de origem: vaso (latim vasum), pêso (latim pensum).

Sempre que o étimo de uma palavra nossa acusar **s**, esta consoante deverá ser conservada em português; por isso é que não se justificam certas grafias, como *portuguez*, *inglez*, *pêzames*, *apezar* etc.; dado o étimo, com **s** devem ser essas palavras escritas. Temos muitas outras: asa e não *aza* (do latim ansam); mês e não mez (do latim mensem); país e não paiz (do fr. pays); três e não trez (do latim tres); gás e não gaz (do gr. cháos, pelo flamengo gees); atrás, atrasar e não atraz, atrazar (do latim trans); quis e não quiz (do lat. quaesivi); pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram e não puz, puzeste etc. (do lat. posui, posuisti, posuit etc.); através (de a + transverse); revés (lat. reverse) e não revez; ao invés (lat. inversus) e não ao envez (*vez* escreve-se com **z**, mas nada de comum tem com estas três últimas palavras).

Algumas vêzes o **s** provém de **x**: ensaio (do latim exagium); outras vêzes é resultado da assimilação da primeira letra de um grupo

consonantal: gêsso de *gypsum*; isso de *ipsum* (V. § 119); pode ainda resultar da alteração do **d** latino: prêsa de *praedam*.

79 — Dois sons tem o **s**: *sibilante forte* e *sibilante brando*.

A) Tem som **sibilante forte**, que é o seu som literal, ou seja, correspondente ao que tem no alfabeto:

1) quando inicia palavras: sal, sapato, salto;

2) nas palavras compostas, quando a parte começada com *s* é usada isoladamente, e então a palavra se escreve com dois **ss**: *reSSoar* (re + soar), *reSSecar* (re + secar);

3) quando, no meio de palavras, vem precedido ou seguido de consoante: consolação, denso, frasco, haste, rapsódia.

B) Tem som **sibilante brando**, conseguintemente som acidental, correspondente ao do **z**:

1) quando se acha entre vogais: bondoso, asa, mesa, casa, presumir, resumir etc.;

2) nas palavras cujo primeiro elemento é *trans*, visto constituir o **n** dêste prefixo mero sinal de nasalização: transoceano (= trãsoceano), transigência (= trãsigência).

80 — Afora êsses casos, outros há em que seu som varia; em *obSéquio* tem som acidental de **z**, mas em *subSistência* tem som forte de **c**. O uso é o que nos deve, em tais casos, guiar; assim que o **s** da palavra *casino*, não obstante vir entre vogais, tem o som sibilante forte. Quando explicações não houvesse dessa exceção (A pronúncia cassino explica-se pela pronúncia do espanhol, que nos serviu de intermediário dessa palavra, tendo-a recebido do italiano), seria motivo bastante para justificá-la o seu uso generalizado; *cassino*, assim mesmo, com dois **ss**, devem grafar os que seguem o sistema ortográfico oficial.

Nota — Tratando-se de prefixo terminado em **s**, êste terá o som de **z** quando se lhe seguir vogal, mas valerá dois **ss**, isto é, terá som forte, quando o elemento posposto ao prefixo tiver um **s** inicial etimológico. Em *tranSação* soa **z** porque o segundo elemento começa por vogal; em *tranSubstanciação* soa de maneira forte porque dois **ss** existem etimològicamente, ou seja, porque o segundo elemento tem um **s** etimológico, **s** êste que desapareceu diante do já existente no prefixo (trans-substanciação).

Outros exemplos do primeiro caso: transigir, transatlântico; do segundo: transudar, transumir.

T

81 — O **t** origina-se de outro **t**: *tanto* de *tantum*, *terra* de *terram*. Conserva-se em certas palavras e locuções latinas usadas em português: *deficit*, *superavit*, *habitat*, *occiput*. — *Etc.*, abreviação latina de

et cetera (ou *et caetera*, notando-se que o ditongo latino *ae* se pronuncia *é*) que quer dizer "e outras coisas", pronuncia-se *ed cétera*.

Nota — Aproveito a oportunidade para indicar um êrro muito freqüente. Assim como antes da conjunção e só em raros casos se emprega vírgula, da mesma maneira só raras vêzes se emprega vírgula antes do *etc.*, pois essa locução encerra a conjunção e, razão esta que condena, ainda, o emprêgo dessa conjunção antes do *etc.*, sendo muito errado dizer: "...peras, maçãs e etc.".

V

82 — O **v** pode originar-se:

1) de um **v** etimológico: *v*idro de *v*itrum, *v*ida de *v*itam, severo de se*v*erum;

2) de um **f** (ou **ph**): tre*v*o de tri*f*olium (= três fôlhas), Cristó*v*ão de Cristo*ph*orum (= que transporta Cristo);

3) de um **b**: go*v*êrno de gu*b*ernum, li*v*ro de li*b*rum;

4) de um **p**: escô*v*a de sco*p*am (em latim significa *vassoura*).

Há casos em que o **v** latino, quando intervocálico, desaparece: bo*v*em deu *boi*.

X

83 — O **x** representa cinco sons:

1) som alfabético, chiante: *x*adrez, *x*eque, *x*enxém, pra*x*e, bai*x*o, gra*x*o, ve*x*ar, som êste que era desconhecido dos romanos;

Nota — Não se confunda a palavra *xeque* (derivado árabe), que indica um lance do jôgo de xadrez, com *cheque* (derivado inglês), que especifica título bancário, ordem de pagamento.

2) som de sibilante forte (**ss**): sinta*x*e, trou*x*e, a*x*ioma;

3) som de sibilante branda (**z**): e*x*ame, e*x*istir, e*x*ecrar, ê*x*ul (êzul), e*x*angue (êzângue);

4) som de **cs**: se*x*o, ne*x*o, comple*x*o, into*x*icar, síle*x*, tóra*x*;

5) som de **s**: te*x*to (têsto), flu*x* (flus), índe*x* (índes), e*x*ceção (esseção), fêni*x* (fênis).

Obs. — Conservou-se o **x** em *todos* os cinco casos acima vistos; ninguém, pois, vá tirar o **x** de "exceção".

O **x** português pode provir:

a) dum **x** ou **xs**: enxugar de exucare ou exsucare (= tirar o suco);

b) da combinação **sc**: mexer de miscere (= misturar), faixa de fasciam);

c) de um **s**: bexiga de vesicam, enxertar de insertare, puxar de pulsare, enxabido de insapidum, enxôfre de sulphur.

d) de dois **ss**: graxo de crassum (= espêsso, grosso), roxo de russeum (= vermelho carregado).

Z

84 — É grande a confusão existente entre o **z** e o **s**. Se o **s** quase sempre corresponde a um **s** originário, o **z**, além de equivaler a um **z** etimológico (zelador de zelatorem, zodíaco de zodiacum), pode ter mais quatro origens:

1) um **c** intervocálico: voz de vocem, paz de pacem, dez de decem, dizer de dicere, vizinho de vicinum, juízo de judicium, vez de vicem;

2) a combinação **qu**: cozer de co*qu*ere, cozinha de co*qu*inam;

3) o grupo **ti**, seguido de vogal: prezar (de onde vem prezado) de pre*ti*are, razão de ra*ti*onem;

4) o grupo **ph**: gonzo de gom*ph*um (= cavilha, prego).

Notas: 1.ª — O sufixo **ez**, que denota qualidade ou estado, sempre se escreve com z, porque tem origem na terminação latina **itia**, onde encontramos o grupo **ti** seguido de vogal: pequeno+*ez* = pequenez; surdo+*ez* = surdez.

Duas observações se impõem: *a*) êsse sufixo tende a confundir-se, se não a ser de todo substituído pelo sufixo **eza**: duro+*eza* = dur*eza*; belo+*eza* = bel*eza*; malvado+*eza* = malvad*eza*;

b) não devemos confundir êsse sufixo com a terminação **ês** ou com a terminação **esa**, provenientes de outras origens; *português*, *prêsa*, *defesa*, *despesa*, *emprêsa*, *represa*.

2.ª — "Ao invés de" significa "ao contrário de": "Ao invés de vender, comprou ainda mais uma fazenda". "Em vez de" significa, simplesmente, "em lugar de": "Em vez de comprar uma, comprou duas fazendas". — Neste segundo exemplo não teria sentido dizer "ao invés de".

ENCONTROS CONSONANTAIS E DÍGRAFOS

85 — Duas ou mais consoantes podem vir juntas na mesma palavra, mas com certa distinção. Quando, num grupo de duas consoantes, a segunda é **l** ou **r** (chamadas em outros idiomas consoantes líqüidas), o encontro é mais forte, isto é, o grupo é mais uno: céreBRo, têneBRa, CLave. Em latim, a vogal que antecede tais grupos consonantais é breve na prosa, mas breve ou longa, à vontade do poeta, no verso.

Já noutros grupos tal união não se verifica; há mais separação entre as consoantes, e na pronúncia errada ou na derivação popular pode aparecer uma vogal: aD(e)Vogado, dificuL(i)Dade, fenômeno chamado *anaptixe* (ou *suarabácti*).

Outras vêzes, duas consoantes ocorrem juntas como representantes de um único som; é o que se dá com o *ch*, com o *lh*, com o *nh*, e com as geminadas *rr* e *ss*, que por isso se chamam **dígrafos** (gr. *di* = dois, *grafo* = grafar). Em última análise, o dígrafo corresponde a uma deficiência do alfabeto, ou seja, à inexistência de uma só lêtra para indicar o som.

CH

86 — Em grande número de vocábulos, êste grupo tem som idêntico ao som alfabético do **x**, som inexistente em latim (O latim não possuía o som chiado).

Diversas podem ser suas origens:

1) o **pl**: *ch*ão de *pl*anum, *ch*eio de *pl*enum, *ch*uva de *pl*uviam, *ch*orar de *pl*orare;

2) o **cl** e **scl**: *ch*ave de *cl*avem, ma*ch*o de mascu*l*um (mas*cl*um);

3) o **fl**: *ch*ama de *fl*ammam.

4) Mais uma fonte existe do **ch** chiante: o **ch** francês, que, por sua vez, provém de um **c** duro latino. Assim, o latim capellum deu *ch*apeau em francês, donde nos veio *ch*apéu; carrucam deu em francês *ch*arrue e daí o português *ch*arrua.

LH

87 — A combinação literal ou *dígrafo* **lh** corresponde, quanto ao som, ao duplo **l** ou **l molhado** do espanhol: *llorar*, *llano*, *molla*, *manilla*, palavras que em espanhol se pronunciam *lh*orar, *lh*ano, mo*lh*a, mani*lh*a.

O grupo **lh** não existe em latim. No mais das vêzes, corresponde ao **l** latino que tenha por função evitar hiatos: mu*lh*er de mu*li*ĕrem, fô*lh*a de fo*li*a, mi*lh*o de mi*li*um.

Nossos caboclos abrandam o hiato de maneira diferente: mu-*ié* por mu*lh*er, mí-*io* por mi*lh*o, fô-*ia* por fô*lh*a, à semelhança do **ill** francês: bata*ill*e (batá-*ie*), bata*lh*a; bi*ll*et (bi-*iê*), bi*lh*ete, que nossos caboclos dizem bi-*iê*te; mei*ll*eur (me-*iêr*), me*lh*or, que nossos caipiras dizem mi-*ió*.

O dígrafo **lh** tem às vêzes origem num duplo **l** latino ou num duplo **l** espanhol: cente*lh*a de scinti*ll*am, verme*lh*o de vermi*ll*um, embru*lh*ar do espanhol embro*ll*ar.

Outras vêzes resulta das combinações:

1) **bl**: tri*lh*o de *triBuLum*, mediante queda do **u** postônico (**u** que vem depois da sílaba acentuada);

2) **cl**: abe*lh*a de *apiCuLam;* governa*lh*o de *gubernaCuLum;* arte*lh*o de *artiCuLum;* gra*lh*a de *graCuLum;* joe*lh*o (antigamente *geolho*) de *genunCuLum;*

3) **dl**: ra*lh*ar de *raDuLare* (= raspar);

4) **gl**: te*lh*a de *teGuLam;*

5) **pl**: esco*lh*a de *scoPuLam* (= vassourinha);

6) **tl**: rô*lh*a de *roTuLam* (= rodilha).

88 — Não havendo em português lêtra especial que representasse o som contínuo lingual molhado, criou-se o grupo **lh**. Mas há vêzes, e isso é de importância observar, em que o grupo literal **lh** não representa som molhado; tal acontece em palavras compostas em que o **l** é lêtra final do primeiro componente, e o **h** lêtra inicial do segundo; por isso é que *filharmônico* se deve pronunciar fi-LAR-mônico (de *fil+harmônico*), *gentilhomem* se pronuncia genti-LO-mem (de *gentil+homem*).

A tendência ortográfica é tirar o **h** ou separar os elementos por hífen.

NH

89 — É outro dígrafo inexistente em latim; se o **lh** corresponde ao **l** que tenha por função evitar hiato, o **nh** corresponde ao **n** de idêntica finalidade. Assim é que de se*n*iorem tivemos se*nh*or, de te*n*ĕo, te*nh*o, de ve*n*io, ve*nh*o.

O *nh* pode ainda ter origem:

1) num duplo **n**: gru*nh*ir de gru*nn*ire;

2) num **d**: ni*nh*o, de ni*d*um;

3) na combinação **gn**: cu*nh*ado de co*gn*atum (= da mesma origem), le*nh*o de li*gn*um.

90 — Da mesma maneira que o **lh**, o **nh** nem sempre representa som molhado, por pertencer o **n** ao primeiro elemento do composto e o **h** ao segundo: *inhábil* pronuncia-se *i-NÁ-bil*, visto pertencer o **n** ao prefixo **in** e o **h** ao adjetivo *hábil*. Pela mesma razão *anhelo*, *anhelar*, *inhalar*, *inherente*, *inhóspito*, *inhumano* pronunciam-se *a-NE-lo*, *a-NE-lar*, *i-NA-lar*, *i-NE-rente*, *i-NÓS-pito*, *i-NU-mano*. Atualmente o **h** medial foi abolido em todos êsses casos.

CONCLUSÕES

91 — 1) Do estudo da origem e da pronúncia de nossas consoantes vemos a tendência que tem o nosso idioma de abrandar as consonâncias,

preferindo a uma consoante forte latina a respetiva homorgânica branda em português. O francês e o espanhol, conquanto diferentemente, seguem êsse processo; de exemplo sirvam-nos duas palavras latinas: *catum* em português deu, mediante abrandamento do **c** duro inicial, *g*ato; o francês também abrandou, mas em **ch** chiado: *ch*at; *plorare* em português se abrandou em *ch*orar e em espanhol em *ll*orar (lhorar). As terminações fortes latinas abrandam-se em português: felici*t*a*t*em, felici*d*a*d*e, ae*t*a*t*em, i*d*a*d*e; o **p** latino freqüentemente se abranda em **b**: sa*p*ĕre, sa*b*er; ainda mais se abrandando, o **b** latino dá freqüentemente **v**: ama*b*am, ama*v*a, passando a consoante de oclusiva para constritiva.

2) Vimos, no estudo do **f**, que *f*aisão é simplificação de *ph*asianum; acrescentamos agora que em *tisana* já ninguém escreve o **p** mudo inicial existente no latim *ptisanam*.

3) A eliminação do **h** inicial era fato já averiguado no próprio latim: *Annĭbal* é grafia corrente ao lado de *Hannĭbal; humĕrus* (ombro) freqüentemente se grafava *umĕrus; Hariŏlus* aparecia freqüentemente *Ariŏlus*.

QUESTIONÁRIO

1 — Qual a diferença ou diferenças entre *vogal* e *consoante?* (§ 55).
2 — Que significa a palavra *consoante?* (§ 55).
3 — Que dizer do nosso alfabeto com relação às consonâncias que êle representa? (V. § 58).
4 — Que são *consoantes oclusivas?*
5 — Que são *consoantes constritivas?*
6 — Que são *consoantes fricativas?*
7 — Que são *consoantes laterais?*
8 — Que são *consoantes vibrantes?*
9 — Que são *consoantes bilabiais?*
10 — Que são *consoantes labiodentais?*
11 — Que são consoantes *linguodentais?*
12 — Que são *consoantes alveolares?*
13 — Que são *consoantes palatais?*
14 — Que são *consoantes velares?*
15 — Que são *consoantes surdas?*
16 — Que são *consoantes sonoras?*
17 — Que são *consoantes orais?*
18 — Que são *consoantes nasais?*
19 — A uma *consoante dobrada* que outro nome podemos dar? (§ 60, n.).
20 — Dois exemplos de palavras em que entrem *consoa tes intervocálicas* (§ 60, n.).
21 — Donde proveio o c inicial das palavras caderno, cartola e catorze?
22 — Como se deve escrever: *Helvétia* ou *Helvécia?* Por quê?
23 — Quando o c se diz cedilhado? (Resposta: "O c se diz cedilhado quando traz debaixo de si...).
24 — Como se escreve e como se pronuncia o nome da capital da Espanha?
25 — Qual o étimo (= vocábulo etimológico, palavra originária) e quais os significados da palavra *jornal?* (§ 69, 4).
26 — Separe silàbicamente a palavra *malestar* (§ 71).
27 — Está correta esta divisão silábica: *be-ma-ven-tu-ra-do?* Por quê?
28 — Que diz desta grafia e acentuação: *especímen?*

29 — Corrija, mediante auxílio do dicionário, as palavras grifadas dos seguintes textos: O procedimento do menino foi muito *exprobado*. Afinal, aquilo era um *opróbio* para a família tôda. — Que terrível castigo lhe foi *infringido*! — O pai do avô chama-se bisavô; o pai do bisavô, trisavô; o pai do trisavô, *tataravô*.
30 — Que é *rotacismo?* Exemplos.
31 — Que é *lambdacismo?* Exemplos?
32 — Escreva o pretérito perfeito de *pôr* e de *querer* (Não se esqueça do que ficou dito no § 78).
33 — Por que a palavra *cassino* deve de preferência ser escrita com dois **ss**?
34 — *Et caetera* como se abrevia e que significa? Explique a pronúncia dessa locução latina e indique os cuidados que se devem tomar no seu emprêgo.
35 — Quantas e quais as consonâncias que o **x** representa? Exemplos.
36 — *Xeque* e *cheque* são palavras diferentes? Que significam?
37 — *Coser*, com a significação de costurar, escreve-se com **s** por vir do latim *conSuere*. *Cozer*, com a significação de "submeter à ação do fogo", por que se grafa com **z**?
38 — *Presado* está corretamente escrito? Por quê?
39 — Por que "ao invés" se escreve com **s** e *vez* com **z**? (§ 78; § 84, 1).
40 — Quando o **lh** não constitui *dígrafo*? Exemplos.
41 — Responda, exemplificadamente, o mesmo quanto ao **nh**.

CAPÍTULO V

TONICIDADE — ORTOEPIA — PROSÓDIA

A) — SÍLABA

95 — É a **prosódia** a parte da **FONÉTICA** que estuda os acentos. As palavras requerem, para a sua exata pronunciação, conhecimento de todos os sons que, um a um, concorrem para a sua formação. Êste estudo insulado dos sons, quer vogais, quer consonantais, foi o que acabamos de fazer; da reunião dêsses sons obtêm-se, primeiramente, as *sílabas*, que se pronunciam de uma só emissão de voz; **sílaba** é, pois, o som ou a reunião de sons que se pronunciam de uma só emissão de voz. Da reunião das sílabas obtêm-se os *vocábulos: au-tor, ca-iu, in-tui-to, ní-ve-o, tê-nu-e.* O estudo da tonicidade dos sons assim reunidos constitui o objeto da *prosódia*, e a sua correta observância é que se chama **ortoepia.**

96 — O vocábulo, de acôrdo com o número de sílabas, diz-se:

a) **monossílabo,** quando de uma única sílaba (gr. *mônos* = só, único): *pó, só, já, os, as, me;*

b) **dissílabo,** quando de duas sílabas (gr. *dis* = dôbro): *mor-to, vi-vo, ti-o;*

c) **trissílabo,** quando de três sílabas (gr. *tris* = triplo): *má-go-a, pa-li-to, por-tu-guês;*

d) **polissílabo,** quando de mais de três sílabas (gr. *polýs* = numeroso): *qua-drú-pe-de, cons-ti-tu-i-ção.*

B) — ACENTO

97 — Dividiam, ainda, os gregos e os latinos as sílabas em **breves** e **longas,** ou seja, quanto à *quantidade*. **Breves** chamavam-se as que ocupavam um só tempo na prolação, e **longas** as que ocupavam dois. É êste um ponto muito importante em grego e em latim para a versificação. Se entre nós os versos se fazem pelo *número* de sílabas (§ 1003 e ss.), naquelas línguas o verso se baseia na *quantidade* silábica. Pela *natureza* da vogal ou pela *posição* que ela ocupa no vocábulo, sabe-se se ela é *breve* ou *longa*.

Pràticamente pode-se isso saber de um bom dicionário latino; a vogal que em cima traz uma meia lua (◡) é *breve;* a que vem encimada de um traço horizontal (‾) é *longa.*

Quantidade é, pois, em latim, o tempo que uma sílaba leva para ser pronunciada.

98 — Em português não se leva em consideração a *quantidade* das sílabas; quando entre nós se diz que uma sílaba é *breve*, pretende-se com isso significar que ela não é acentuada, da mesma maneira que uma vez acentuada diz-se *longa*, coisa que não condiz com o que realmente se deveria entender por *quantidade silábica*. No grego e no latim o *acento tônico* de um vocábulo depende da *quantidade* das suas sílabas, ao passo que em português se dá o inverso: a *quantidade* das sílabas de um vocábulo depende do seu *acento tônico*.

99 — Se, em geral, tôdas as sílabas devem ser bem pronunciadas para que se obtenha boa pronúncia do vocábulo, uma sílaba existe em todos os vocábulos, cujo conhecimento é indispensável: **a sílaba tônica.** Assim se denomina, dentre as sílabas que formam o vocábulo, aquela sôbre a qual recai o *acento tônico* da palavra, isto é, aquela cujo *tom* (lat. *tonus*, donde *tônico*) predomina; as outras, então, dizem-se **átonas.**

Uma sílaba átona será **pretônica** ou **postônica** se vier antes ou depois da sílaba tônica:

100 — Do latim **ad,** preposição que significa *com, junto de,* mais *cantum*, do verbo *cano* (= cantar), a palavra *acento* significa *harmonia, acompanhamento*, mas hoje se adota para especificar o *icto*, ou seja, o *golpe* que se dá à voz no pronunciar-se determinada sílaba de uma palavra.

Não se confunda **acento tônico** (também denominado *acento prosódico* ou *icto*) com **acento diacrítico** (gr. *diacriticós* = que se pode distinguir), ou seja, com os sinais gráficos com que se indicam os valores das vogais: *acento agudo* (´), *acento grave* (`), *acento circunflexo* (^) e *til* (~), que iremos estudar no § 132 e ss.

101 — O acento tônico pode, em português, ocupar três posições, recaindo ou na *última* ou na *penúltima* ou na *antepenúltima* sílaba. Segundo esses três casos, classificam-se os vocábulos em:

1.º) **Oxítonos,** quando o acento tônico está na *última* sílaba: *uruBU, naRIZ, feiJAO.*

2.º) **Paroxítonos,** quando o acento tônico cai na *penúltima* sílaba: *MAto, reNHIdo, sacerDOte.*

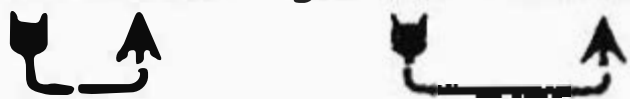
3.°) **Proparoxitonos,** quando recai o acento tônico na *antepenúltima* sílaba: *Ó-ti-mo, CÂN-di-do, ca-PI-tu-lo* (V. § 50, n. 3).

102 — Vocábulos átonos — Vocábulos tônicos: São **átonos** os vocábulos sem acentuação própria, isto é, os que não têm autonomia fonética, apresentando-se como sílabas átonas do vocábulo seguinte ou do vocábulo anterior: *me, te, se, em, de* e outros, sôbre os quais a voz passa sem se apoiar.

São **tônicos** os vocábulos com acentuação própria, isto é, os que têm autonomia fonética: *só, Deus, casa, estudo.*

Pode ocorrer que, conforme mantenha, ou não, sua autonomia fonética, o mesmo vocábulo seja átono numa frase, porém tônico em outra: "Quero *que* saia" (átono) — "Quer o *quê?*" (tônico).

Tal pode acontecer, também, com vocábulos de mais de uma sílaba: serem átonos numa frase ("Não fiz *porque* não pude"), mas tônicos em outra: "Quero saber o *porquê* disso".

103 — Quando se apóia no acento do vocábulo posposto, o vocábulo átono diz-se **proclítico** (*pro* = para frente, *clísis* = inclinação): Ele *me disse.* Já *lhe contei.*

Quando se apóia no vocábulo anteposto, o vocábulo átono chama-se **enclítico**: man*dá*ram-*me*, *fiz-lhe.*

Palavras enclíticas são, pois, aquelas que para efeito de acentuação se apóiam na palavra anteposta; proclíticas são aquelas que se apóiam no acento da palavra posposta.

104 — Dentro de nossa língua, é impossível enfeixar as nossas palavras em regras especiais que determinem o seu acento. Em regra geral, êste é dado aos nossos vocábulos de conformidade com o acento que têm na língua de origem e não de acôrdo com a terminação ou qualquer característico no próprio português. Assim, se dizemos que *Gibraltar* é *oxitono* e *Amílcar paroxitono* (palavras de idêntica terminação) é por ser êsse o acento etimológico.

Desde que a quase totalidade de nossas palavras provêm do latim, é de muita importância conhecer as regras de prosódia dessa língua. Êste ponto é tão importante e ao mesmo tempo tão simples que aqui vou expor as regras, ou melhor, a regra de prosódia latina, recomendando ao aluno que veja antes o que disse no § 97. Em latim, quando a penúltima sílaba de um vocábulo é breve, o acento recua para a antepenúltima; quando a penúltima fôr longa, o acento cairá sôbre ela. Suponhamos querer o aluno tirar a limpo o verdadeiro acento da palavra *prototipo;* bastar-lhe-á abrir um bom dicionário latino, que aí verá a sigla breve (˘)

sôbre a penúltima sílaba — *tȳ* — sinal de que o acento deverá recuar para a sílaba *to: proTÓtipo.* Fôsse o acento de *ibero* que quisesse averiguar, veria que o acento certo em português é *ibéro*, por ser longa a penúltima sílaba, o que se indica por meio de um tracinho: *bē*. Há, no entanto, certas palavras em que o acento errado se consagrou:

ídolo (port.) — idōlo (latim)
acônito (port.) — aconīto (latim)

105 — Ao invés de regras, não digo inúteis, mas supérfluas para os diversos casos de acentuação, darei, para maior proveito do aluno, um rol de palavras que vão agrupadas de acôrdo com o acento que mais lhes convém, tôdas elas, para maior clareza, com o respectivo sinal diacrítico.

OXÍTONAS

Belvedér
Hangár
Gibraltár
Harêm
Refêm
Chancelér (xan-sse-lér)
Sutíl (= tênue)

PAROXÍTONAS

Acórdão
Ámen (*amém* é popular)
Apoteóse
Bênção
Bolívar
Filantrôpo
Fléxil (fléksil)
Frângão
Getúlo
Gôlfão
Grácil
Ibéro
Libído
Líquen (líken)
Lódão
Bômbix (bôn-biks)
Bórax (bó-raks)
Cânon
Choromândel (pronuncie *xo*)
Misantrôpo
Orégão
Órfão
Órfã
Pegáda
Períto
Projétil
Púgil
Réptil
Rubríca
Cível (*civíl* é oxítono)
Decâno
Díspar
Fêmur
Fênix (fênis)
Sóror
Sótão
Súlfur
Sútil (subst. = cabana; adj. = cosido, costurado)
Téxtil
Tórax (tóracs)
Uréter
Vítor
Zângão (macho da abelha)

PROPAROXÍTONAS

Ádito
Aeródromo
Ágape
Álacre
Alcáçova
Antífrase
Antístrofe
Arquétipo
Areópago
Aríete
Atlântida
Azáfama
Brâmane
Crisântemo
Cômputo (substantivo)
Drúida
Édito
Ênfase
Energúmeno
Epíteto
Ésquilo (nome próprio)
Êxodo (ézodo)
Gárrulo
Gênese
Górgona
Grandíloquo
Hipódromo
Horóscopo
Híadas
Ignívomo
Íngreme
Ínterim
Ládoga

Lúcifer	Notívago	Partênope	Pródromos	Quasímodo	Végeto
Madrépora	Óbice	Pérfuro	Prófugo	Sátrapa	Velódromo
Módena	Ômega	Pérgamo	Prônubo	Sêneca	Zéfiro
Niágara	Orquídea	Perífrase	Protótipo	Síndrome	

Nota — Outras exigem cuidado; *edito*, p. ex., será paroxítono ou proparoxítono conforme a significação. Nos casos dúbios, consulte-se o *Dicionário de Erros*.

106 — Acento principal — Acento secundário: Acontece haver em certos vocábulos, além do acento tônico que predomina na palavra, acento que então se diz acento **principal**, um segundo acento, **secundário**. Tal se dá em compostos cujo primeiro elemento conserva o acento que lhe é próprio. Assim, no advérbio *sùbitamente*, além do acento tônico na sílaba *men*, existe um segundo acento na sílaba inicial, motivado pela acentuação própria do adjetivo "*súbito*". Êste segundo acento chama-se *secundário* e a sílaba sôbre que êle recai chama-se sílaba *subtônica*. A perfeita pronúncia desta palavra requer obediência aos dois acentos: sùbita*mên*te; seria mal pronunciada se deslocássemos o acento secundário para a segunda sílaba: su-*bi*-ta-*mên*-te.

Outros exemplos: *sotéropolitano* e não *sóteropolitano* (o nascido em Salvador, capital da Bahia); *hemócitológico* e não *hêmocitológico* nem *hemocitológico; antrôpologia* e não *ântropologia; áerovia* e não *aérovia* (o *e* se separa do *a* inicial: *á-e-ro* e não *áiro*); *áeroplano* (á-e-ro) e não *aéroplano*.

107 — Acento rizotônico — Acento arrizotônico: O acento tônico é **rizotônico** quando cai no radical da palavra, que então se diz **rizotônica:** *fútil*, *louvo*. É **arrizotônico** quando cai depois do radical, e a palavra então se diz **arrizotônica:** *futil-idade*, *louv-emos*.

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *sílaba*?
2 — Separe as sílabas dos seguintes vocábulos: *chapéu*, *pavio*, *sentiu*, *influi*, *tênue* (Não acertará a resposta o aluno que não tiver estudado os quadros dos parágrafos 49 e 50).
3 — Que vem a ser *dissílabo*? Exemplos.
4 — Quando um vocábulo é *polissílabo*?
5 — Que entende, no estudo das *sílabas*, por *quantidade*? Por outras palavras: Que vem a ser *sílaba longa* e *sílaba breve*?
6 — Que é *sílaba tônica*?
7 — Que são *sílabas átonas*? Exemplo.
8 — Dê a definição de *acento*.
9 — Que são *acentos diacríticos*?
10 — Com relação ao acento tônico, como podem ser as palavras em português? Definições e exemplos.
11 — Que são palavras *enclíticas*?
12 — Palavras de igual terminação podem ter acento diferente? Por quê? (V. comêço do § 104).
13 — Qual a regra latina de acentuação?
14 — Tem dúvida sôbre a acentuação de alguma palavra?
15 — Que é *acento secundário* e como se chama a sílaba sôbre que êle recai?
16 — 2 exemplos de palavras em que, além da tônica, haja uma *sílaba subtônica*.
17 — Quando o acento é *rizotônico*, e quando *arrizotônico*?

CAPÍTULO VI

METAPLASMOS

110 — Existe uma parte da gramática histórica, que precisamos aqui estudar; é a relativa às *transformações* ou *alterações* que os vocábulos sofrem *sem que seu sentido se altere*. Diversas espécies há dessas transformações, mas um nome existe que a tôdas elas se aplica: **Metaplasmo** (gr. *metaplasmós* = transformação). *Metaplasmo* é, pois, o nome que se dá às várias espécies de transformações ou alterações que os vocábulos sofrem sem que se altere o seu sentido.

Essas transformações, também denominadas *figuras de dicção*, não se fazem a revelia, por esta ou aquela pessoa, mas, sim, pelo uso generalizado. Os metaplasmos, além de limitados pelo uso, são restritos a certas palavras, conforme passaremos a ver.

111 — Os diversos casos de alterações prosódicas efetuam-se de uma destas maneiras: ou por *adição*, ou por *subtração*, ou por *substituição*, ou por *transposição* de sons.

ADIÇÃO

112 — O **acréscimo** de sons aos vocábulos pode efetuar-se no *princípio*, no *meio*, e no *fim* do vocábulo. Em cada um dêsses casos, o *metaplasmo* tem denominação especial:

A) **Prótese** (gr. *próthesis* = colocação anterior) — É o metaplasmo que consiste no acréscimo de uma lêtra ou sílaba no *comêço* do vocábulo:

*a*lagoa (lagoa)	*a*figurar (figurar)
*a*levantar (levantar)	*a*rrenegar (renegar)
*a*ssoalho (soalho)	*a*rrodear (rodear)

Obs.s.: 1.ª — Lembro aqui e em todos os metaplasmos o que disse no início do § 110: "Estas alterações se produzem *sem que se altere o sentido do vocábulo*". Assentado isso, de forma alguma se pode considerar caso de prótese a palavra *acatólico*, porque o *a* inicial está modificando o sentido da palavra *católico*; é partícula que, nesse vocábulo, traz-lhe idéia de negação (*a* = não) — V. § 630, n. 1.

2.ª — Palavras que em línguas estrangeiras começam por "*s*" **impuro** (Assim se denomina o *s* que, vindo no início da palavra, é seguido de consoante e não de vogal: sport, Stockolm) devem receber em português um e inicial, que nesse caso se chama "*e*" protético; exemplos: *e*stoque (ingl. *stock*), *e*sporte (ingl. *sport*), *E*stocolmo (*Stockolm*, capital da Suécia), *e*spontâneo (lat. *spontaneum*).

Esse é o motivo por que não podemos escrever expontâneo, explêndido, uma vez provenientes de palavras latinas começadas por *s* impuro.

B) **Epêntese** (gr. *epénthesis* = inserção) — Consiste no acréscimo de um som ou lêtra no *meio* da palavra:

Mavorte (*Marte*, deus da guerra)
estralar (*estalar*)
fralda (*falda*)
listra (*lista*)

C) **Paragoge** (gr. *paragogé* = colocação posterior) — Consiste no acréscimo de uma lêtra ou sílaba no *fim* do vocábulo:

mártire (*mártir*) felice (*feliz*)

Obs. — *Mavorte*, *mártire*, *felice* e outros acréscimos não constituem, rigorosamente, *figuras de dicção*; são formas usadas no português antigo, que hoje só se empregam como *licenças poéticas*, isto é, como liberdades de que só em poesia se pode lançar mão.

SUBTRAÇÃO

113 — A **subtração** de sons, da mesma maneira que a *adição*, pode operar-se no *princípio*, no *meio* e no *fim* do vocábulo, donde mais três espécies de *metaplasmos*:

A) **Aférese** (gr. *aphairesis* = espoliação) — Consiste na supressão de uma lêtra ou sílaba no *início* da palavra:

té (*até*) *Zé* (*José*) *inda* (ainda)

Obs. — Não se vá citar um mesmo exemplo tanto para *prótese* quanto para *aférese*; *Zé* é aférese de *José*, mas *José* não é prótese de *Zé*, porque *José* não é metaplasmo. Os exemplos de todos os metaplasmos representam fenômenos operados dentro do português.

B) **Síncope** (gr. *syncopé* = corte) — Consiste na supressão de uma lêtra ou sílaba no *meio* da palavra:

imigo (inimigo) *soidão* (solidão)
mór (maior) *per'la* (pérola)

Nota — Lembro aqui, e para a *aférese*, a observação deixada na lêtra C do parágrafo antecedente.

C) **Apócope** (gr. *apocopé* = amputação) — Consiste na supressão de uma lêtra ou sílaba no *fim* do vocábulo:

grã, *grão* (grande) *val* (vale) *mui* (muito)
bel (belo) *dês que* (desde que)

Nota — Em português regra nenhuma existe para o emprêgo de *mui* em lugar de *muito*, mas poderemos, segundo a eufonia, empregar *mui* sòmente como advérbio: *mui* pouco, *mui* sorrateiramente.

114 — Há dois casos especiais de *apócope*, que são estudados separadamente:

A) **Sinalefa** (gr. *synaloiphé* = fusão) — Consiste na *fusão* de duas palavras, mediante supressão da última vogal da primeira palavra:

do (de + o) *lho* (lhe + o) *estoutro* (êste + outro)
minh'alma (minha + alma) *nestúltima* (nesta + última)

Obs. — Era largamente usado o *apóstrofo* (') para indicar a *sinalefa*; hoje a tendência é eliminá-lo, principalmente nos casos em que a fusão se opera entre preposições e artigos ou entre pronomes. Há até casos em que o seu emprêgo não se justifica: Em *n'o*, *n'um*, contrações da preposição *em* com os artigos *o* e *um*, o que realmente desapareceu foi o *e* inicial; pelo que, coerentemente assim se deveriam escrever: *'no*, *'num*. Para não incorrer nessa esdruxulez é preferível não usar o *apóstrofo*.

B) **Ectlipse** (gr. *ecthlipsis* = ato de esmagar; pronuncie *ect-lipse*) — Consiste na supressão do *m* final da preposição *com* diante de vocábulos começados por vogal: *co'o* ou *c'o* (*com* + o), *co'um* (*com* + um) — V. § 137.

Nota — A *ectlipse* só é usada na conversação comum e na poesia.

SUBSTITUIÇÃO

115 — A **substituição** (ou *permuta*) consiste na troca de um som (ou lêtra) por outro, e pode-se efetuar de duas maneiras: por *crase* e por *assimilação*.

116 — **Crase** (gr. *crásis* = mistura) é a fusão escrita e oral de duas vogais idênticas.

Nesse sentido, a palavra *crase* pode ser aplicada às grafias *têm* (em vez de teem, 3.ª pess. pl. do ind. pres. do v. *ter*), *vêm* (em lugar de veem, 3.ª pess. pl. do ind. pres. do v. *vir*), mas essa denominação visa a especificar principalmente a contração ou fusão da preposição *a* com: 1.°) o artigo definido ou pronome substantivo feminino átono *a*, *as*; 2.°) os demonstrativos *aquêle*, *aquela*, *aquêles*, *aquelas* e *aquilo*.

Essa contração expressa-se, na grafia, mediante o acento grave: **à**, **às**, **à**quele, **à**quela, **à**queles, **à**quelas e **à**quilo.

à = *a* (preposição) + *a* (artigo ou pronome)

Dessa explanação depreendem-se **as regras para o perfeito uso da crase:**

1.ª regra — **É condição essencial**, "sine qua non", que a crase venha **ANTES DE PALAVRA FEMININA.**

Dessa maneira, **de nenhum modo** poderemos usar crase antes de nomes masculinos. Erros gravíssimos constituem formas como estas: Êle foi *à* pé — Isto pertence *à* seu irmão — Compras *à* prazo — porquanto *pé, irmão* e *prazo* são palavras de gênero masculino. Sendo a crase a contração da *preposição a* com o *artigo feminino a*, como crasear o *a* antes de nomes masculinos, se o artigo dêstes nomes é *o*? Nessas locuções o *a* é simplesmente preposição.

Pela mesma razão, não se pode crasear o *a* antes dos *verbos*, porque são considerados do gênero masculino: Êle está *a* morrer — Êle se pôs *a* gemer — e nunca: Êle está *à* morrer — Êle se pôs *à* gemer.

2.ª regra — É necessário que a palavra **DEPENDA DE OUTRA QUE EXIJA A PREPOSIÇÃO "A"**. Êrro seria na frase "*A rosa murchou*" crasear o *a*, porquanto *rosa* é sujeito e o *a* que o antecede é simples artigo.

3.ª regra — É necessário que a palavra **ADMITA O ARTIGO FEMININO "A"**. Na frase: "Êle foi *a* Roma" — não podemos crasear o *a* que antecede *Roma* porque ela não admite antes de si o artigo feminino *a*. Diz-se: "Roma é cidade linda" e não: "*A* Roma...". Prova isto que o *a* da oração "Êle foi *a* Roma" é simples preposição, não podendo conseguintemente ser craseado.

Nota — Todavia, quando queremos particularizar, empregamos a crase. Exs.: Refiro-me *à Roma de César* — Reporto-me *à Lisboa de Camões* — porque se diz: "*A* Roma de César foi opulenta" — "*A* Lisboa de Camões criou fama".

117 — Regras práticas para o emprêgo da crase:

1.ª regra prática — Existe uma regra prática que é, na maioria das vêzes, ótima norma para o emprêgo da crase: *Emprega-se a crase sempre que, substituindo-se o vocábulo feminino por um masculino, aparece a contração "ao" antes do nome masculino.* Suponhamos haver dúvida em crasear o *a* na oração: "Eu vou *a* cidade". Uma vez que se diz: "Eu vou *ao* teatro" — na oração "Eu vou *a* cidade" *deve* ser craseado o *a*.

Para que se possa aplicar essa regra prática, é necessário o cumprimento de tôdas as regras anteriores; assim, em: "Eu vou *a* Roma", de nada valerá aplicar a regra prática, uma vez que *Roma* não admite antes de si o artigo feminino.

Da mesma maneira, não se emprega a crase quando, substituindo-se na locução o nome feminino por outro masculino, não aparece a forma *ao;* por isso é que não se craseia o *a* da expressão: "Êle foi ferido *a* bala", porque não se diz: "Foi ferido *ao* cacete", mas sim "ferido *a* cacete", o que vem demonstrar que o *a* nessa frase é apenas preposição. Assim, não se pode grafar: "Escrever uma carta *à* máquina, *à* mão, *à* tinta", porque não se diz: "Escrever uma carta *ao* lápis".

2.ª regra prática — Craseia-se o *a* de uma frase quando pode ser substituído por *para a, na, pela, com a*, ou, de conformidade com o caso,

por qualquer preposição acompanhada do artigo *a;* assim, craseia-se o *a* em: "Dei isso *à* Casa de Misericórdia", porque se pode dizer: "Dei isso *para a* Casa de Misericórdia". "Estou *às* portas da morte", com crase no *as*, porque se poderia dizer: "Estou *nas* portas da morte". "*Às* três horas", porque se pode dizer: "*Pelas* (per + as) três horas" (A pequena mudança de sentido nessas substituições não impede a aplicação da regra).

Nota — A 1.ª condição essencial, vista no parágrafo anterior ("De nenhum modo poderemos usar crase antes de nomes masculinos") diz respeito à contração da preposição *a* com o artigo ou pronome *a, as*. Tratando-se de *aquêle, aquela, aquêles, aquelas, aquilo,* basta que haja a preposição *a* antes dessas palavras para que ocorra a crase. Se na expressão "para aquêle menino" substituirmos o *para* por *a*, teremos dois *aa* seguidos, que deverão contrair-se: *a aquêle* = àquele. Não importa, nos casos em que aparece êsse demonstrativo, o gênero gramatical. Exemplos: "Dei um lápis àquela menina" — "Recorri àquele homem" — "Refiro-me àquilo".

Os verbos dêsses exemplos exigem a preposição *a*, a qual, vindo encontrar-se com o *a* que inicia o demonstrativo, com êle se funde.

118 — Conclusões do estudo da crase:

1.ª — Será livre o emprêgo da crase quando livre fôr o emprêgo do artigo feminino. Em: "Dei isto *a* minha irmã" fica à vontade do autor o emprêgo da crase, porque tanto, nesse caso, empregamos o artigo feminino ("A minha irmã não está"), como o deixamos de fazer ("Minha irmã não está"). Se o possessivo estivesse no plural, como na oração: "Dei isto *às* minhas irmãs" — deveríamos sem dúvida crasear o *as*, o que evidentemente demonstra a 1.ª regra prática: "Dei isto *aos* meus irmãos".

2.ª — Ùnicamente quando ficar comprometida a clareza da frase é que poderemos fugir das regras acima; é difícil atinar com o significado da sentença: "Fique a vontade em seu lugar", onde não sabemos se *a vontade* é sujeito ou locução adverbial. Se queremos dizer: "Fique *você* a vontade", isto é, *a gôsto*, podemos crasear o *a*, embora de encontro a tôdas as regras acima expostas: "Fique *à* vontade em seu lugar".

3.ª — Nas expressões "Vestir-se *à* Luís XV" — "Móveis *à* Luís XIV" o *a* aparece craseado, por modificar a palavra feminina *moda*, oculta nessas frases: Vestir-se *à* (moda de, pela moda de) Luís XV.

Êsse fenômeno se dá tôdas as vêzes em que nomes próprios masculinos constituem denominações de coisas do gênero feminino: "Dirigi-me *à* Gustavo Barroso" (= *à fragata* Gustavo Barroso) — "Vou *à* Melhoramentos" (= *à Companhia* Melhoramentos).

Nos exemplos desta 3.ª conclusão estão realmente subentendidos os nomes femininos citados (*fragata, companhia*), porque êles realmente existem nessas denominações; trata-se de elipse real e não de elipse forçada. Esclareço isto porque há quem ponha crase em "Vou *a* Santos", alegando estar subentendida a palavra *cidade* — o que é totalmente falso.

4.ª — O *a*, quando seguido de nome plural, é mera preposição; não pode, por isso, levar crase: "Quanto *a* referências..." — "Chegou *a* vias de fato" — "Daremos *a* pessoas dignas...".

5.ª — Possuímos duas palavras femininas que, ordinàriamente, não admitem o artigo: casa, na acepção de morada, residência: "Vim *de* casa" — "Estive *em* casa" — "Ó *de* casa" — são expressões que mostram claramente a não existência do artigo antes do vocábulo *casa*, pois do contrário as expressões seriam: "Vim *da* casa" — "Estive *na* casa" — "Ó *da* casa". Daqui fàcilmente concluiremos ser êrro crasear o *a* antes dessa palavra, **quando empregada com o sentido de lar, residência, domicílio**: "Eu vou *a* casa", e não: "Eu vou *à* casa".

Se, porém, o vocábulo *casa* vier seguido de uma especificação qualquer, como "A Casa X", "A casa de Pedro", é admissível e necessária a crase (quando, naturalmente, essa palavra estiver em relação complementar): "Fui *à* Casa Anglo-Brasileira" — "Dirigi-me *à* casa de Pedro" — "Irei *à* Casa da Moeda" — pois, aplicando-se a segunda regra prática, diremos: "Estive *na* Casa da Moeda" — "Vim *da* casa de Pedro".

6.ª — Outro caso de supressão do artigo se dá com a palavra **terra** na acepção de *chão firme*, empregada para contrastar com o elemento movediço do mar: "Estive *em* terra" — "Iremos *por* terra". Portanto, dadas as mesmas razões que aduzimos no caso anterior, devemos escrever: "Levamo-lo *a* terra" (e não *à*) — "Chegamos ainda hoje *a* terra" (e não *à*).

7.ª — O emprêgo da crase antes de **nomes próprios femininos** obedece à possibilidade ou não do artigo: se antes de nomes próprios femininos de pessoas íntimas por relações de parentesco, amizade ou política empregamos o artigo (*a* Maria, *a* Laura, *a* Noemi, *a* Chiquinha), é claro que êsses nomes, quando em relação complementar, devem vir precedidos de *a* craseado: "Vou levar isto *à* Maria" — "Darei o dinheiro *à* Laura" — "Direi isso *à* Noemi" — "Entregue o documento *à* Chiquinha". Se, porém, costumamos referir-nos a essas pessoas conhecidas sem empregar artigo (Laura está doente — Maria não veio), é também claro que êsses nomes, quando em relação complementar, não devem vir precedidos de *a* craseado: "Escrevi *a* Laura" (e não *à* Laura).

Tratando-se de pessoas célebres ou a nós não íntimas, não empregamos o artigo: Maria Cristina, Maria Stuart, Ana Bolena, Joana d'Arc (e não: *A* Maria Cristina, *a* Maria Stuart, *a* Ana Bolena, *a* Joana d'Arc). Quando tais nomes estiverem em relação complementar, não poderão vir precedidos de crase: "Impuseram condições *a* Maria Stuart" (e não *à*).

8.ª — Três nomes existem — **Europa, Ásia e África** — que outrora não levavam artigo; daí o dizer "Meter lanças *em* África". Êsses nomes, e mais os de alguns países, como *Espanha*, *França*, *Inglaterra*,

Holanda, não exigem obrigatòriamente o artigo, quando regidos de preposição: vir *de* França, Leão *de* França, estar *em* Holanda. Pois bem, o emprêgo da crase antes de tais nomes é livre, tal qual acontece com a crase antes de possessivos.

9.ª — Uma vez que os pronomes de tratamento começados por possessivos (*sua* senhoria, *vossa* majestade, *sua* santidade) não admitem o artigo antes de si, *jamais* poderão vir precedidos de *a* craseado: "Dei isso *a* vossa senhoria" (e não: *à* vossa senhoria).

10.ª — Chamo aqui a atenção para o seguinte: As expressões "devido a", "relativo a", "referente a", "com respeito a", "quanto a", "obediência a" e outras devem ter o *a* craseado quando vêm antes de nomes femininos determinados pelo artigo:

devido *à* morte do pai	referente *à* prisão
devido *às* dificuldades	com respeito *à* situação
obediência *às* leis	quanto *à* natureza

A aplicação da 1.ª regra prática obriga-nos evidentemente a essa crase: se o certo é "devido *ao* falecimento", é claro que, se em vez de *falecimento* pusermos uma palavra feminina, o *a* deverá ser craseado.

Está claro que se disséssemos "devido *a* dificuldades imprevistas", "obediência *a* leis injustas" não estaríamos empregando o artigo e, como atrás ficou observado (n.º 4 dêste §), o *a* é sòmente preposição, pelo que não pode ser craseado).

11.ª — Suponhamos estas duas orações: "... nação *a* que você se refere" e: "... nação *à* qual você se refere". Por que razão o *a* não deve ser craseado na primeira sentença e deve ser craseado na segunda? A aplicação da 1.ª regra prática prova-nos que o primeiro *a* é sòmente preposição e que o segundo é contração da preposição *a* com o artigo feminino *a:* "O país *a* que você se refere" e "O país *ao* qual você se refere".

12.ª — Com essas considerações, finalizo o estudo da crase; muitos exemplos e muitos outros casos poderia ventilar, mas seria isso desnecessário ao aluno, ao qual bastam as regras práticas para resolver qualquer dificuldade. Que necessidade haverá de ensinar, com regras especiais, que antes de *uma*, de *essa*, de *esta* etc. não se usa crase? Essa e outras questões estão englobadas na regra prática da substituição; é impossível dizer "*ao* um", "*ao* êsse", logo não é possível crasear o *a* nas expressões: "Dei *a* uma velhinha..." — "Mandei *a* essa cidade...".

Quanto ao *uma*, há o caso da expressão de tempo "*à* uma hora", na qual entra o numeral e não o indefinido, e o numeral admite determinação; se as horas são passíveis de determinação, a primeira hora, ou seja, a uma hora está no mesmo caso: "Isso aconteceu *às* duas da tarde" — "Estuda *da* uma *às* cinco" — "Morreu *à* uma da madrugada".

Obs. — Nunca se deve fazer ouvir os dois *aa* da crase; é êrro gravíssimo e constitui verdadeira tolice a pronúncia reforçada da crase.

119 — Assimilação: Consiste êste *metaplasmo* na influência que, no vocábulo, uma consoante exerce sôbre uma segunda, a ponto de fazer com que esta seja substituída por outra que àquela se assemelhe.

Se à palavra *regular* fôr acrescentado o prefixo *in* (= não), para que se obtenha a idéia de "não regular", o *n* do prefixo se assimilará ao *r* inicial de *regular: in* + regular = *ir*regular.

Assimilação é, pois, o metaplasmo que consiste na substituição de uma consoante por outra que se assemelhe (*similis*, em latim, quer dizer *semelhante;* de *similis* é que veio a palavra *assimilação*) à consoante mais próxima.

120 — A assimilação pode ser *progressiva*, quando a modificação se opera na consoante que vem *depois; regressiva*, quando a que vem *antes* é que se acomoda à segunda, sendo êste o tipo mais freqüente de *assimilação*.

ASSIMILAÇÃO REGRESSIVA

su*b* + por = su*p*por	i*n* + lustre = i*l*lustre
i*n* + romper = i*r*romper	a*d* + tender = a*t*tender
a*d* + provar = a*p*provar	a*d* + quisição = a*c*quisição

ASSIMILAÇÃO PROGRESSIVA

nos*t*ro = nosso en + *l*o = en*n*o (§ 121, 3) vos*t*ro = vosso

Obs.s: 1.ª — Como acontece com a maioria dos fenômenos metaplásticos, a *assimilação* visa a facilitar a pronúncia. É a *assimilação* um fenômeno que se opera *paulatinamente*, de acôrdo com a evolução da língua. Assim, no exemplo que dei no início desta lição (*in* + *regular* = *irregular*), a assimilação do *n* em *r* não se fêz ato contínuo à criação do composto; a palavra viveu anos, no latim, na forma *iNRegular*. É fácil concluir dêsse exemplo a quase não existência, em rigor, de assimilações operadas dentro do português; na quase totalidade, são conseqüência de fatos operados no latim ou ainda no grego.

2.ª — Duas conclusões tiraremos da observação anterior:

a) Em palavras como *sublocar*, *sublunar*, as lêtras que concorrem para a formação do grupo consonantal *bl* devem ser pronunciadas separadamente: *sub'locar*, *sub'lunar*, conservando cada qual seu valor literal. Isso porque essas palavras se formaram dentro do português, sem que, até hoje, nenhuma assimilação nelas se tenha efetuado.

Outras, como *abrenunciar*, *ablegar*, *sublevação* pronunciam-se *a-BRE-nunciar*, *a-BLE-gar*, *su-BLE-vação*, por terem vindo já formadas do latim.

b) Ainda que se usasse a ortografia mista, não haveria razões para se duplicarem consoantes em palavras como *acordo*, *acordar*, *acerto*, *acertar* (que muitos escreviam com dois *cc*), porquanto tais palavras foram formadas em português. Em *approximar*, *apparecer* dobravam-se os *pp*, porque êsses vocábulos foram criados no latim (*ad* + *proximare*, *ad* + *parere*) e nos vieram já na forma assimilada, ao passo que as outras foram criadas dentro de nossa língua (*a* + *cordar*, *a* + *certo*), nelas entrando apenas o prefixo *a* e não *ad*, que em português não existe.

3.ª — A assimilação diz-se total (*perfeita*, *completa*) quando dela resultam duas consoantes idênticas (i*ll*ustre, i*ll*ícito); obtém-se então uma *consoante geminada*, que pràticamente nenhum valor prosódico tinha em português, uma vez que era pronunciada como se fôsse consoante simples. Tal não se dava no latim, como ainda hoje não se dá com o italiano, língua em que a geminada é articulada distintamente da simples,

mediante demora na articulação: *tutto* = *tut...'to*, *quello* = *quêl...'lo*, tal qual fazemos com as geminadas *rr* e *ss*: *carro* = *cár...'ro*, *passo* = *pás...'so*.

Conseqüência disso foi terem sido suprimidas as geminadas sem valor prosódico.

121 — Dentro do português, poucos são os casos de assimilação. Deixando de lado considerações que, não raro, nem ao próprio latim interessam, vejamos alguns, que se nos afiguram importantes, dada a elucidação que trazem para pontos sôbre que muito freqüentemente aparecem dúvidas.

1 — O pronome oblíquo *nos*, quando junto dos pronomes oblíquos *o*, *a*, *os*, *as* (*nos+o*, *nos+a*, *nos+os*, *nos+as*), provoca o emprêgo das formas *lo*, *la*, *los*, *las*: *nos+lo*, *nos+la*, *nos+los*, *nos+las* (*). Da junção *nos+lo*, *nos+la* etc. conseqüência natural foi a assimilação do *s* em *l*: no*l*-lo, passando-se então para a forma *no-lo*.

O mesmo se diga das combinações *vos+o*, *vos+a* etc., que resultaram em *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las* (vos+lo = vol-lo = *vo-lo*).

2 — Substituindo o objeto direto pelo correspondente pronome oblíquo na oração "Devemos amar o próximo", obtemos: "Devemos *amar-o*". Como no caso anterior, também aqui aparece a forma arcaica *lo*: *amar+lo*; desta junção, a conseqüente assimilação *amal-lo*, e desta, a forma *amá-lo*.

Êste mesmo fenômeno se observa em *fi-lo* (*fiz+o*), *di-lo* (*diz+o*), *amemo-la* (*amemos+a*), *ei-lo* (*eis+o*) — V. § 825.

Observe-se que a forma *amá-lo*, quando resultante da junção *amar+o*, deve trazer acento: amá-lo.

Existe ao lado da forma *amá-lo*, resultante do infinitivo *amar* mais *lo*, outra forma semelhante, *ama-lo*, proveniente de *amas*, 2.ª pessoa do sing. do indicativo presente (tu *amas*), mais o artigo *lo*, havendo supressão do *s*: *ama*(*s*)-*lo*. Esta segunda forma não deve ser confundida com a anterior e se distingue na acentuação: Aquela se pronuncia *amá-lo*, com acento no segundo *a*, ao passo que a segunda se pronuncia *âma-lo*, com acento no primeiro *a*. A ortografia oficial obriga-nos a colocar acento na forma proveniente do infinitivo (amá-lo) e não obriga nenhum acento na forma resultante de *amas+lo*, mas a pronúncia neste segundo caso deve ser sempre com o acento no primeiro *a*.

O mesmo se deve observar quanto aos verbos da segunda conjugação:

vendê-lo (*vender* mais *lo*): acentua-se o 2.º e e coloca-se acento circunflexo sôbre êle;

vende-lo (*vendes* mais *lo*): o acento cai no 1.º e, mas não há necessidade de colocar acento sôbre êle.

Exemplos: "Nunca o sentiste, e *julga-lo* tirânico?" — "Quanto à fala, *pode-la* adelgaçar quanto quiseres".

(*) Desta maneira arcaica de grafar o artigo temos prova nas expressões *a la fé*, *a la mira*, *a la arma* (que deu *alarma*).

3 — A contração *no* (de *em*+*o* — V. § 114, obs.) é resultante das seguintes passagens, cujas razões já devem ser compreendidas pelo aluno:

Em-o → *en-lo* (*en* é forma arcaica de *em*) → *enno* (assimilação progressiva) → *eno* → *no*.

Tôdas essas passagens se encontram registradas em documentos da língua, ou seja, nos escritos que nos legaram os escritores dos diversos períodos de evolução do nosso idioma.

122 — Existe uma espécie de assimilação que merece ser tratada separadamente: a assimilação do *n* em *m*. Essas duas lêtras eram primitivamente pronunciadas de maneira diferente, ainda quando ferissem a vogal antecedente. Dêsse fato nascia a assimilação do *n* em *m* "sempre" que encontrasse as bilabiais oclusivas *b* e *p* ou um *m*:

in + buir = *imbuir*   *in* + par = *impar*   *in* + mergir = *immergir*
in + berbe = *imberbe*   *in* + plicar = *implicar*   *in* + movel = *immovel*

Obs.s: 1.ª — A ortografia oficial manda que se escreva *imergir*, *imóvel*, com um só *m*, mas convém saber o aluno que na formação dessas palavras entrou a partícula latina *in*.

2.ª — Uma recíproca podemos seguramente tirar: Se o *n* sempre se assimila em *m* antes de *b* e *p*, não se deverá usar *m* quando a consoante imediata não for uma dessas bilabiais. *Com*, quando isolado, escreve-se com *m*, mas deverá ser escrito com *n* quando agregado a palavras que não se iniciem por *b* nem por *p*: *coNtigo*, *coNsigo*, da mesma maneira que se grafa *coNtíguo*, *coNtingente*, *coNseguir*, *coNselho*. O mesmo se diga das palavras *coNquanto*, *circuNflexo*, *eNfim* etc.

TRANSPOSIÇÃO

123 — **Transposição** — Consiste êste metaplasmo na deslocação de sons em certos vocábulos.

A **transposição** pode efetuar-se por *hipértese* e por *metátese*.

a) A transposição denomina-se **hipértese** (gr. *hypérthesis* = translação) quando a deslocação de sons se opera de uma sílaba para outra: *Desvairar* é hipértese de *desvariar*, *ressaibo* de *ressábio*, *paLavRa* de *paRaboLam*.

b) A transposição denomina-se **metátese** (gr. *metáthesis* = troca) quando a deslocação de sons se opera na mesma sílaba: *sôbRE* é metátese de *supER*, *entRE* de *intER*.

Os casos de hipértese e de metátese só são aceitos quando operados no período de formação do português; qualquer transformação feita hoje é considerada vício de pronúncia, como *fRoL* em vez de *fLoR*, *pROque* em vez de *pORque*, *tROcer* em vez de *tORcer*, *pERciso* em vez de *pREciso*, *fiDaGal* em vez de *fiGoDal* ("ódio figadal" e não "ódio fidagal").

Nota — Em geral, usa-se a denominação "metátese" para indicar qualquer caso de transposição de sons.

124 — Existe um caso metaplástico, denominado **intercalação eufônica**, que consiste na introdução de um *n* quando às formas verbais terminadas em som nasal (*fazem, amavam, tem, têm, puseram, poriam, dão, trouxessem* etc.) segue-se o pronome oblíquo *o* (*a, os, as*): *fazem-o* = *fazem-No; amavam-a* = *amavam-Na; puseram-os* = *puseram-Nos; trouxeram-as* = *trouxeram-Nas, dão-o* = *dão-No.*

Os escritores antigos (e, às vêzes, com pedantismo, os modernos) recorriam a essa *intercalação eufônica* em casos como êstes: "Tanto é mor a dor quanto é mor quem *n*a deu" — "Quando êle era menino não *n*o arrancou o povo dos braços de seu pai?"

QUESTIONÁRIO

1 — Dê uma definição clara e precisa de *metaplasmo*.
2 — Que outro nome podemos dar aos metaplasmos?
3 — De quantas maneiras se processam os metaplasmos?
4 — Divisão, definição e exemplos de metaplasmos de *adição*.
5 — Que diz da grafia *Scandinávia?*
6 — Explique, com têrmos e exemplos seus, a *observação* feita no estudo da aférese (V. § 113, A, obs.).
7 — Que diz do apóstrofo?
8 — Que nome se dá ao metaplasmo que consiste na supressão do *m* no fim de *com*, quando antecede vogal?
9 — As seguintes orações estão certas ou erradas? (Explicar — note o *a* grifado — as razões do êrro ou do acêrto de cada oração).
a) Dei isto *à* ela.
b) Recorri *a*quela senhora.
c) Ele se pôs *à* chorar.
d) Seu título *a* vista tem desconto de 3%.
e) Eu partirei *a*s três horas.
f) Eu irei *a* Lisboa.
g) Quanto *a* natureza, as lêtras se dividem em vogais e consoantes.
h) *A* êste menino dei uma maçã, *a*quêle dei uma pêra. (Também o 1.° *a* é grifado: V. o n.° 12 do § 118).
i) Refiro-me *à* filha de Maria e não *a* de Lúcia.
j) Este livro pertence *a* sua mãe.
l) Vá *a* vontade (V. § 118, 2.ª conclusão. Não se esqueça de fazer a distinção).
m) Veio *a* noite (Não se esqueça de fazer a distinção).
n) No alto de um outeiro, *a* igual distância de Recife e de Olinda ...
o) *A* que horas você costuma chegar *a* casa? (Note que também o 1.° *a* é grifado: V. o n.° 11 do § 118).
p) Irei *a* casa de Maria.
q) Por êste navio, não chegaremos hoje *a* terra.
r) Você não deve contar isso *a* Dulce (Veja bem o que ficou dito no n.° 7 do § 118).
s) Crimes e heroísmos foram atribuídos *à* Joana d'Arc.
t) Hoje mesmo comunicarão *a* Vossa Majestade o fato.
u) Você em minha casa *à* esta hora?!
v) Os carros chocaram-se devido *a* neblina.
x) O trem parte *à* uma hora.

10 — Que é *assimilação?*
11 — Como pode ser a assimilação? Explicação e exemplos.
12 — Entre a *progressiva* e a *regressiva*, qual a assimilação mais freqüente?
13 — Faça, expondo as razões, a separação silábica das palavras *sublevação* e *sublenhoso* (Cuidado com a separação da primeira).
14 — Quais as geminadas conservadas em português? Exemplos.
15 — Qual a etimologia de *alarma?*
16 — Explique as palavras grifadas do período: "*Ama-lo; deves fazê-lo* porquanto é êle o teu melhor amigo" (Cuidado com a primeira).
17 — Que entende pela palavra *documento*, quando se fala em *documentos da língua?*
18 — Que diz das grafias *consigo, contigo, contanto, conquanto* e *enfim?*
19 — Qual a diferença entre *hipértese* e *metátese?*
20 — Que diz da palavra *desvairado?*
21 — *Percisa* não constitui caso de metátese? Por que então se diz errada essa transposição de sons?
22 — Que diz destas formas: Quem *na* deu — Não *no* disse?

Capítulo VII

ORTOGRAFIA

127 — Denomina-se **ortografia** (gr. *orthós* = correto, *graphia* = escrita) a parte da gramática que estuda a exata figuração dos sons, ou seja, a correta escrita dos vocábulos.

É esta a terceira e última parte da fonologia e nela se estudam:

A) os *sistemas ortográficos*
B) as *notações ortográficas*
C) a *partição dos vocábulos*
D) o *emprêgo das maiúsculas*
E) as *abreviaturas*

A) — SISTEMAS ORTOGRÁFICOS

128 — Três são os sistemas de que podemos valer-nos para escrever os nossos vocábulos: o **fonético**, o **etimológico** e o **misto**.

129 — O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na exata e fiel figuração dos sons, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer lêtra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar.*

É o sistema seguido pelo espanhol, onde a cada lêtra corresponde uma consonância.

130 — O **sistema etimológico** representa as palavras de acôrdo com a grafia de origem, reproduzindo tôdas as lêtras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar* (V. lista do § 131).

É preciso notar que êste sistema não foi o primeiro que se usou em português. Os primitivos documentos da língua trazem as palavras grafadas pelo sistema fonético. No século XV é que se operou a modificação gráfica mediante esforços dos latinistas. Foi êsse um empreendimento que nunca logrou seu intento, e aí começou a embaralhada gráfica do português.

131 — O **sistema misto** é o sistema resultante do choque dos dois primeiros; por êste sistema, a maioria das palavras se grafam eti-

mològicamente, e pequeno número fonèticamente. Não foi criado por gramáticos, mas pelo povo.

Apresento aqui algumas palavras que no sistema misto são usadas de acôrdo com a fonética, e ponho ao lado, entre parênteses, a respectiva grafia etimológica não seguida:

abcesso (abscesso)
anedota (anecdota)
agora (haghora)
asma (asthma)
autor (auctor)
carater (character)
caridade (charidade)
caro (charo)
carta (charta)
catecismo (catechismo)
cedula (schedula)
centelha (scentelha)
cirro (scirro)
corda (chorda)
dito (dicto)
ditongo (diphthongo)
encetar (inceptar)
escola (eschola)
escultura (esculptura)
esgoto (exgotto)
espatula (espathula)
fleugma (phleugma)
idade (edade)
igual (egual)
igreja (egreja)
isento (exempto)
kilometro (chilometro)
lugar (logar)
matar (mactar)
monotongo (monophthongo)
ponto (poncto)
pranto (prancto)
pratica (practica)
santo (sancto)
scisma (schisma)
sete (septe)
tamanho (tammanho)
tratar (tractar)

B) — NOTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

132 — Denominam-se **notações ortográficas** (também chamadas *notações léxicas, fônicas* ou *prosódicas*) os diferentes sinais que se podem apensar aos nossos vocábulos. É diversa a função dêsses sinais, o que fàcilmente se depreende do seu estudo. São êles os seguintes:

133 — **O acento agudo** (´), que se coloca sôbre as vogais para indicar o *som aberto* ou *agudo: já, pé, avó.*

134 — **O acento grave** (`), empregado para indicar a crase (*à, às, àquele, àquela, àqueles, àquelas, àquilo*) e a subtônica de vários vocábulos: *avòzinha, sòmente, fàcilmente* etc.

135 — **Acento circunflexo** (^), que indica o *som fechado: lê, avô.*

136 — **O til** (~), que marca o som nasal da vogal ou do ditongo; no ditongo, a primeira das vogais é que deve trazer o til: *irmã, não, põe.*

Das vogais, quando isoladas no vocábulo, isto é, sem constituírem ditongo, ùnicamente o *a* pode vir com *til: romã, pagã.* Das demais vogais, sòmente o *o* pode trazer êsse sinal, mas apenas quando concorre para a formação de ditongos e nêle recai o acento tônico: *limões, corações.*

O sinal de nasalização das demais vogais, incluindo-se a vogal o, quando isoladas, é representado pelo *m* ou pelo *n* (*tem, fim, bom, um*)

e o próprio *a nasal*, quando não acentuado, deve, *pelo sistema ortográfico misto*, seguir esta norma: *orpham* (masculino), *orphan* (feminino), *iman, orgam;* a ortografia oficial, porém, manda que assim se escrevam essas palavras: *órfão, órfã*, bem como *bênção, sótão, zângão* etc.

137 — O **apóstrofo** ('), que se emprega nos casos de *ecthipse* (§ 114, B): *co'o, co'êste;* para indicar a *sinalefa* (114, A, obs.): *minh'alma, d'água* — e em certos casos de *síncope: per'la* (pérola), *esp'rança* (esperança).

138 — A **cedilha,** que se coloca sob o *c* (§ 63), ùnicamente antes das vogais *a, o* e *u: castiçal, castiço, açúcar.*

139 — O **hífen** (-), que se presta:

1) para ligar os elementos de grande número de palavras compostas: *couve-flor, guarda-chuva, carta-bilhete;*

2) para ligar os pronomes oblíquos aos verbos quando a êles vêm pospostos ou nêles se intercalam: *disse-me, contaram-lhe, dir-lhe-ei, far-nos-ia;*

3) para, no fim da linha, indicar a partição dos vocábulos:

.... *di-*
go .... *vos-*
so.

Nota — **Trema:** emprega-se no *u*, quando, pronunciado, vem depois de *g* ou *q* e antes de *e* ou *i: agüentar, argüição, eloqüência, tranqüilo.*

C) — PARTIÇÃO DOS VOCÁBULOS

140 — Por **partição dos vocábulos** compreende-se o processo que devemos seguir no cortar um vocábulo quando não cabe todo em uma linha.

Dificilmente encontramos quem já não tenha tido dúvidas neste ponto. É preciso saber que existem dois processos de divisão silábica: o *etimológico* e o *fonético*.

141 — Pelo **sistema etimológico** as sílabas se separam de acôrdo com a origem da palavra. É complicadíssimo êsse processo e possível apenas a pessoas muito versadas em assuntos etimológicos. Palavras como *outrora* e *agora* deveriam, por êsse sistema, ser silàbicamente separadas *outr-ora* (outra + hora) e *ag-ora* (hac + hora). É fácil ver o quase absurdo dêsse processo, segundo o qual as seguintes palavras complicadamente assim se separam:

apo-strofar — **ev-angelho** — **post-ergar**
con-stelação — **met-encéfalo** — **pros-ódia**
eu-stomia — **par-óquia** — **sin-ônimo**

142 — Pelo **sistema fonético** a partição já se torna mais fácil por mais acessível, visto efetuar-se de acôrdo com a pronúncia das sílabas. Por êste sistema, com maior facilidade se separam os exemplos que ficaram no parágrafo anterior:

apos-trofar	e-vangelho	pos-tergar
cons-telação	me-tencéfalo	pro-sódia
eus-tomia	pa-róquia	si-nônimo

143 — Há ocasiões em que a aplicação dêste processo oferece dificuldades. Exponho, por isso, as seguintes normas, baseadas no sistema ortográfico vigente:

a — **NORMAS GERAIS:**

1) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia: *subs-cre-ver, de-sar-mar, bi-sa-vô, e-xér-ci-to, ex-ce-der.*

2) Não passar para a linha seguinte sílaba ou sílabas que encerrem sentido ridículo: após-*tolo*, cô-*mico.*

3) É preferível, quando se escreve a mão, passar para a linha seguinte a vogal inicial a deixá-la isolada: *emancipado, atrofia* e não e-mancipado, *a*-trofia.

b — **CONSOANTE INICIAL:**

A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-dose, dze-ta, gno-ma, mne-mônico, pneu-mático.*

c — **GRUPOS VOCÁLICOS:**

1) Não se separam as vogais dos ditongos decrescentes nem dos grupos em que existe *u* pertencente aos dígrafos *gu, qu: nEU-tro, nAI-pe, rEI-na-do, i-gUAl, i-gUAIs, cir-cUI-to* (Não se esqueça de que o acento desta palavra cai no *u*), *cOI-ta-do, gUI-zo* — e nunca *nE-Utro, nA-Ipe, rE-Ina-do, i-gU-Al, i-gU-Ais, cir-cU-Ito* etc.

2) Não se devem separar as vogais dos ditongos crescentes finais átonos: *his-tó-rIA* (e não *his-tó-rI-A*), *ar-má-rIO* (e não *ar-má-rI-O*), *es-pé-cIE* (e não *es-pé-cI-E*).

3) As vogais que se pronunciam distintamente podem ser separadas: *vO-Ar, pO-EI-ra, prO-Ê-mio, mI-Ú-do, cI-Ú-me, trI-Un-fo, ins-trU-O.*

4) As vogais idênticas separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *cA-A-tin-ga, cO-Or-de-nar, dU-Ún-vi-ro, frI-Is-si-mo, gE-Ena, cO-Or-te* (Não confunda esta palavra, que significa tropa armada e se pronuncia *coórte*, com o substantivo *côrte* = palácio real, nem com *corte*, que significa incisão e se pronuncia *córte*).

d — **LETRAS INTERVOCALICAS:**

A consoante simples vai para outra linha quando modifica a vogal que se lhe segue: *que-Ri-do, ca-Ro, si-Nô-ni-mo, i-No-pe-ran-te, de-Sen-ga-nar, de-Sa-gra-do de-Sen-vol-ver, de-Si-lu-são, e-Xór-dio, e-Xas-pe-rar.*

Nota — A consoante simples não passa para a outra linha, quando modifica a vogal antecedente: *beM-aventurado, recéM-assado, maL-estar.*

e — **GRUPO DE DUAS CONSOANTES:**

1) As geminadas cc, cç, rr e ss separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *oC Cipital, suC-Ção, proR-Rogar, reS-Surgir.*

2) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *aB-Dicar, aC-Ne, beT-Samita, daF-Ne, draC-Ma, éT-Nico, nuP-Cial, oB-Firmar, oP-Ção, siG-Matismo, suB-Por, suB-Jugar, piC-Meu, eliP-Se, aD-Jetivo, traN-Sandino.*

Notas: 1.ª — Não se separarão duas consoantes quando forem conjuntamente pronunciadas, nem as dos dígrafos *ch, lh* e *nh*: *a-BLu-ção, a-BRa-sar, a-CHe-gar, fi-LHo, ma-NHã, de-PRe-ciar, re-TRó-GRa-do, ne-VRál-gi-co.*

2.ª) As consoantes dos grupos *bl, br* e *dl* separar-se-ão quando forem separadamente pronunciadas: *suB-Lingual, suB-Rogar, aD-Legação.* Não se separarão, de acôrdo com a nota anterior, quando forem conjuntamente pronunciadas: *su-BLevação, co-BRança, DLim* (palavra onomatopaica, que exprime toque de campainha).

3.ª) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *adoleS-Cente, convaleS-Cer, deS-Cer, inS-Ciente, preS-Cindir, reS-Cisão.*

f — **GRUPOS DE TRÊS OU MAIS CONSOANTES:**

Os grupos de três ou mais consoantes separam-se fonèticamente, pertencendo sempre à sílaba antecedente o *s*: *oBS-TRuir, demoNS-TRar, reS-PLendor, superRS-Tição, circuNS-Tância, iNS-TRuir, coNS-Tituição, peRS-Picácia, inteRS-Tício, suBS-Tabelecer.*

D) — EMPRÊGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

144 — Emprega-se lêtra inicial *maiúscula:*

1 — No comêço do período, notando-se que indicam fim de período, além do *ponto final* (.), o *ponto de interrogação* (?) e o *ponto de exclamação* (!), *quando equivalem a ponto final:*

*N*ão estavam onde julgávamos.

*I*sso costuma acontecer todos os dias? *S*erá por causa do excessivo calor?

Que tragédia foi aquela! *T*odos pereceram.

Nota — O ponto de interrogação e o de exclamação não equivalem a ponto final quando não indicam fim de período:

Oh! que belo!
↑ não indica fim de período — ↓ lêtra minúscula

Você fêz isso? perguntei.
↑ não indica fim de período — ↓ minúscula
(O período vai até a palavra *perguntei*)

2 — No comêço das *citações:*

O presidente começou dizendo: "*N*ão admito objeções".

Nota — Quando os *dois pontos* abrem *enumeração*, esta se inicia com *minúscula:* "Queremos o seguinte: um lápis, uma pena e uma borracha" — V. § 966, 3, n.

3 — No comêço dos *versos:*

*F*oi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
*I*r os degraus do túmulo descendo.

Nota — Alguns poetas tentaram introduzir o emprêgo das minúsculas no início dos versos, sempre que a prosa o permitisse.

4 — Nos *nomes próprios: P*edro, *A*lfredo, *B*rasil, *P*aris.

Notas: 1.ª — Nos nomes próprios constituídos de locução como *Rio de Janeiro, América do Norte*, a partícula *de* (ou outras) escreve-se com *minúscula.*

2.ª — Nessas locuções, o primeiro nome também se escreve com *minúscula* quando é suscetível de várias especificações e vem depois de iniciado o período: O *rio* Amazonas. O *rio* Negro. A *rua* da Glória.

3.ª — Os nomes dos meses, por não serem próprios, devem ser escritos com letra minúscula: "S. Paulo, 8 de janeiro de 1911".

É claro que, nos nomes de vias e lugares públicos, que são nomes próprios, os nomes dos meses devem ser escritos com maiúscula: "Rua 15 de Novembro".

4.ª — Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, mas ainda quando representam coletivamente uma nação: romanos, atenienses, gregos, romenos, estremenhos, brasileiros, campineiros, mocoquenses, santarritenses.

5 — Nos *títulos* de produções artísticas, artigos, trabalhos escritos, livros, jornais e outras publicações:

*T*ransfiguração (de Rafael)
*M*inha *T*erra
Guia *P*rático do *M*arceneiro
*L*usíadas (de Camões)
*A F*ôlha da *M*anhã
*N*otas e *I*nformações

6 — Nas designações de sociedades, corporações etc.:

*S*ociedade dos Comerciários
Colégio *U*niversitário

7 — Nos nomes comuns, tomados individualmente, com sentido especial:

a Capital (referindo-se a determinada capital);
a *I*greja (a entidade católica, e não o lugar, o templo);
o *E*stado (a organização política).

Nota — Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando empregados em sentido geral e indeterminado.

8 — Nos nomes abstratos, tomados personificadamente:

a *I*ra, o *Ó*dio, a *I*nveja.

9 — Nos epítetos e alcunhas, quer usados com os respectivos nomes próprios, quer empregados em lugar dêles:

Pedro, o *G*rande — D. Manuel, o *V*enturoso.
o *L*idador, o *T*emerário.

10 — Os nomes dos pontos cardeais, quando designativos de regiões do globo e não quando especificativos de limites geográficos:

Os habitantes do *S*ul.
O *O*riente contra o *O*cidente.

11 — Na palavra *Deus* (do cristianismo) e nas que designam atributos a êle referentes: o *C*riador, o *O*nipotente, o *F*ilho.

145 — Não posso prescindir de aqui acrescentar certas ponderações que criteriosamente costumam pôr em prática os que prezam nossa língua e seus característicos:

De idioma para idioma varia o critério seguido no emprêgo das maiúsculas. Línguas há, como o alemão, que com maiúsculas escrevem todos os substantivos, quer próprios, quer comuns. Entre nossas línguas irmãs, varia a orientação seguida neste ponto.

O latim escrevia com maiúscula não sòmente os nomes próprios, mas certos adjetivos dêles derivados. Todos os adjetivos que especificassem *nacionalidade* (africano, cartaginês, gaulês), *línguas* (grego, latim), *festas pagãs* (bacanais, saturnais) eram escritos *em latim* com maiúscula.

Os *nomes dos meses*, derivados uns de nomes próprios, consagrados outros a personalidades ou a divindades pagãs, filiavam-se à mesma orientação, sendo todos *em latim* escritos com maiúscula.

Aconteceu tal norma não ser seguida pelo português, que reservou as maiúsculas para os nomes verdadeiramente próprios, *geográficos* e *pessoais*, passando a grafar com minúscula os adjetivos dêles derivados, estando neste caso incluídos os *nomes dos meses*. Não há que estar com raciocínios nem com ficções infundadas sôbre a justificativa ou não da maiúscula nesta ou naquela espécie de nomes comuns; a tradição é que justifica êsse uso.

Conclusão: Da mesma maneira que os nomes das *nacionalidades*, *línguas*, *festas pagãs*, *dias da semana* e *estações do ano*, também os *nomes dos meses* são *em português* tradicionalmente escritos com *minúscula*.

Nota — O sistema ortográfico vigente impõe que se empregue inicial maiúscula: *a*) nos tratamentos de reverência (Vossa Majestade, Vossa Senhoria); *b*) nos nomes de artes ou de ciências (Gramática, Pintura, Música); *c*) para, no estilo epistolar, realçar ou indicar deferência (Marido, Espôsa, Pai, Mãe, Padre, Capitão); *d*) nos nomes das estações do ano (durante o Verão, depois do Inverno).

E) — ABREVIATURAS

146 — É tradicional na língua o emprêgo de diversas abreviaturas, que ora consistem na inicial seguida de ponto (*V.* = você, *D.* = dom), ora nas primeiras lêtras e o ponto (*Rev.* = reverendo), ora em algumas lêtras e o ponto (*Exa.* = excelência, *Exmo.* = excelentíssimo). Neste último caso, o lugar mais conveniente para o *ponto abreviativo* seria no meio da abreviatura, e não no fim, quando fôsse necessário escrever tôdas as lêtras na mesma linha. O "Pequeno Vocabulário Ortográfico da L. Portuguêsa" foge da dificuldade, apresentando tais abreviaturas com as lêtras finais em tipos menores acima do ponto (B.^{el} — Obr.^{mo}), o que é ou impraticável ou intolerável nas máquinas de escrever e nas linotipos comuns.

Seguem-se, na ordem alfabética, algumas das abreviaturas mais usadas:

A.D.	anno Domini (no ano do Senhor)	Ib.	ibidem (= no mesmo lugar)	q.to	quanto
A.C.	anno Christi (no ano de Cristo)	Id.	idem (= o mesmo)	Rev.mo	reverendíssimo
Am.o	amigo	Il.mo	ilustríssimo	S. E. ou O.	salvo êrro ou omissão
At.o	atento	m.to	muito	S. M. J.	salvo melhor juízo
B.el	bacharel	muit.mo	muitíssimo	S.r	senhor
C.el	coronel	N. B.	Nota bene	S.res	senhores
Cr.o	criado	O. D. C.	Oferece, dedica, consagra	S.ra	senhora
D.	dom (1)	Obr.o	obrigado	S. S.	sua senhoria (ou sua santidade)
DD.	digníssimo (2)	P. D.	pede deferimento	SS. SS.	suas senhorias
D.a	dona	P.E.F.	por especial favor	V.	você (ou "Vide" = Veja)
Dr.	doutor	P.O.M.	por obsequiosas mãos	V. A.	vossa alteza
E. C.	era cristã	P. S.	post-scriptum	V. Ex.ia	vossa excelência
E. M.	em mãos	q.	que	V. M.	vossa majestade
etc.	et caetera	q.do	quando	V. Rev.ma	vossa reverendíssima
Ex.a	excelência			V. S.	vossa senhoria
Ex.mo	excelentíssimo			VV. SS.	vossas senhorias
Fr.	frei (3)				

(1) Pronuncie como se escreve (e não *dão*). Proveniente do lat. "dominum", significa etimològicamente "senhor"; de acôrdo com o étimo, "dona" é seu legítimo feminino: D.^{a} Inês de Castro.

Quanto ao seu emprêgo observe-se o seguinte:

a) É título honorífico de monarcas e nobres portuguêses: D. Pedro I, D. João de Castro.

b) Precede nomes de prelados do clero: D. Duarte, D. Mourão.

c) Precede o nome de membros da ordem beneditina: Dom Mauricio.

d) É errôneo seu emprêgo em traduções do italiano, língua em que "D." designa o simples padre: Padre Bosco.

e) A palavra em italiano usada para designar prelados do clero é "monsignore", que erradamente costumam traduzir por "monsenhor", quando agora é que deve ser traduzida por "D.": D. Masella.

(2) Emprega-se um só ponto quando a duplicação indica plural ou superlativo: *VV.* = vocês; *DD.* = digníssimo.

(3) *Frei* só se emprega quando seguido de nome: *Frei Roberto* é um *frade* [illegible]

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *ortografia?*
2 — Que se estuda nesta parte da gramática?
3 — Quantos e quais são os *sistemas ortográficos?*
4 — Quais os *caracteristicos* e que diz do *sistema ortográfico fonético?*
5 — Responda o mesmo, exemplificadamente, quanto ao *etimológico.*
6 — Em que consiste o *sistema ortográfico misto?*
7 — Que são *notações ortográficas?*
8 — Discorra sôbre o *acento grave.*
9 — Quanto ao efeito de nasalização, compare o *til* com o *m* ou *n.*
10 — Que é *hífen* e quais os seus fins?
11 — Que diz da *partição dos vocábulos?*
12 — Faça a *partição* (como se cada sílaba tivesse de ser escrita em outra linha) dos seguintes vocábulos:

abaixar	desanimar	lígneo	adjetivo
anunciar	elipse	proscênio	dicção
ginasial	malévolo	abstinência	perscrutar
inabdicável	executar	saúde	consignar

13 — Declarar se está certo o emprêgo da miúscula na lêtra grifada do período: "Quem fêz isso? *P*erguntou êle".
14 — E nesta oração: Êle costuma ir à *I*greja.
15 — Declare o mesmo em: Pedro comprou muitas frutas: *B*ananas, peras, maçãs, jabuticabas etc.
16 — Ainda o mesmo em: Nunca vi o *R*io Amazonas.
17 — Escreva, por extenso, a data de hoje.
18 — Abrevie as palavras *amigo, doutor, senhor* e *ilustríssimo,* dando explicação das abreviaturas.
19 — Reproduza, corrigidas, as seguintes orações:

a) Ante o imprevisto do desastre fiquei tão esbaforido (= com pavor) que todos ficaram pasmos
b) Não queira ir; fazer-lhe-ão perguntas humilhantes.
c) O brasileiro gosta de sua terra; raramente imigra.
d) O torpedo fêz o navio emergir imediatamente.
e) Por que você não usa o dentrifício que te dei?

CAPÍTULO VIII

MORFOLOGIA

150 — Concluído o estudo da *fonética*, nas suas três partes, *descritiva*, *histórica* e *sintática*, passaremos agora para a segunda parte da Gramática, denominada *morfologia* (gr. *morphê* = figura + *logia* = estudo), que trata das palavras:

a) quanto a sua *estrutura* e *formação;*
b) quanto a suas *flexões;*
c) quanto a sua *classificação.*

151 — Se observarmos tôdas as palavras que formam o nosso idioma, notaremos, quanto à idéia que encerram, que elas se agrupam em dez grandes grupos, denominados *classes*. **Classes** são, pois, os diversos grupos em que estão distribuídas as palavras do idioma segundo a **idéia** que indicam. Vejamos quais são as dez classes a que pode pertencer uma palavra portuguêsa.

152 — **SUBSTANTIVO**: Existem palavras que sempre designam *coisa, ser, substância*. Tôda a palavra que encerra essa idéia denomina-se **substantivo.** *Substantivo* é, pois, como o próprio nome está a indicar, tôda a palavra que especifica *substância*, ou seja, coisa que possua existência, ou *animada* (*homem, cachorro, laranjeira*) ou *inanimada* (*casa, lápis, pedra*), quer *real* (*sol, automóvel*), quer *imaginária* (*Júpiter, sereia*), quer *concreta* (*casa*), quer *abstrata* (*pureza*).

153 — **ARTIGO**: Artigo é a palavra que tem por fim individualizar a coisa: *o, a, um, uma.*

154 — **ADJETIVO**: Uma terceira classe de palavras existe, a dos **adjetivos** (lat. *ad* = junto + *jectum* = pôsto, colocado), à qual pertencem tôdas as palavras que se referem a substantivo, para indicar-lhe um atributo: homem *inteligente*, cachorro *bom*, laranjeira *alta*.

155 — **NUMERAL**: A esta classe pertencem as palavras que encerram idéia de número: *um, dois, primeiro, décuplo.*

156 — **PRONOME**: A quinta classe compreende os **pronomes** (lat. *pro* = em lugar de), ou seja, palavras que ou substituem ou podem substituir um nome, um substantivo: *êle, que, quem.*

157 — VERBO: As palavras pertencentes à sexta classe denominam-se **verbos**: tais são as palavras que encerram idéia de *ação* (*escrever, cortar, andar, ferir*) ou *estado* (Pedro *é* bom).

158 — ADVÉRBIO: A sétima classe é constituída dos **advérbios**. *Advérbio* (lat. *ad* = junto + *verbum* = palavra) é tôda a palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.

Exs.: "O orador falou *admiràvelmente*" — (Neste exemplo, *admiràvelmente* é advérbio por estar indicando a maneira pela qual foi praticada a ação de *falar*).

"Rosas *muito* brancas" — (O adjetivo *brancas* tem o sentido modificado, reforçado pelo advérbio *muito*).

"Êle veio *bastante* cedo" — "Neste último exemplo, *cedo* já é advérbio, por estar modificando o verbo *veio*, mas, por sua vez, está sendo reforçado, na sua significação, pela palavra *bastante*, que, portanto, é também *advérbio*).

159 — PREPOSIÇÃO: A esta classe pertencem tôdas as palavras que servem para ligar duas outras. **Exs.**: Livro *de* Pedro — Fui *a* Paris — Passei *por* Lisboa.

160 — CONJUNÇÃO: É tôda a palavra que serve para ligar, não palavras, como a preposição, mas *orações*. **Exs.**: Fomos cedo *e* voltamos tarde. Desejo *que* venhas.

161 — INTERJEIÇÃO: Constitui esta a última das classes das nossas palavras; nela estão incluídas tôdas as que exprimem manifestações súbitas, repentinas, momentâneas do nosso íntimo. **Exs.**: *Ai! Oh!*

Notas: 1.ª — Quando se pergunta a um aluno a que classe pertence determinada palavra; pretende-se saber em qual dêsses dez grupos ela se enquadra, isto é, se a palavra é substantivo, se é adjetivo, se é verbo etc.

2.ª — O estudo das palavras em classes chamava-se taxeonomia (gr. *táxis* = distribuição, classificação + *nomia* = legislação) e então se pedia ao aluno: "Analise taxeonômicamente a palavra...".

162 — FLEXÃO: Tomando-se por base a *flexão*, poderemos dividir as dez classes de palavras em *dois* grandes grupos:

1 — **Variáveis** (ou *flexíveis*): *substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome* e *verbo*.

2 — **Invariáveis** (ou *inflexíveis*): *advérbio, preposição, conjunção* e *interjeição*.

163 — Por *invariável* ou *inflexível* entende-se que a palavra não se flexiona, isto é, não sofre nenhuma alteração na última sílaba.

Nas palavras variáveis dá-se o nome **desinência** à parte final flexível; à parte que resta da palavra, tirando-se a desinência, dá-se o nome **tema** ou **radical**. Assim, na palavra *estudioso* a desinência é o *o* final, porque pode ser mudado para *a*: *estudios-a*; o restante — *estudios* — vem a ser o *tema*.

OUTROS EXEMPLOS: Em *ferrenho* temos o tema *ferrenh* e a desinência *o*; em *louvar* o tema é *louv*, sendo *ar* a desinência, porque esta terminação pode ser mudada para *o*, *as*, *a* etc.: *louv-o*, *louv-as*, *louv-a*.

A flexão de uma palavra sempre acarreta modificação na idéia que ela encerra; essa modificação pode operar-se quanto ao *gênero* (menin-*o*, menin-*a*), quanto ao *número* (menin-*o*, menin-*os*), quanto à *pessoa* (louv-*o*, louv-*as*), quanto ao *tempo* (louv-*o*, louv-*ei*) etc.

FLEXÃO é, pois, a propriedade que têm certas classes de palavras de sofrer alteração na parte final.

QUESTIONÁRIO

1 — De que trata a *morfologia*?
2 — Qual a diferença entre *morfologia* e *fonética*?
3 — Que são *classes de palavras*? *Quantas* e *quais* são?
4 — Que se toma por base para a classificação das palavras em categorias? (V. § 151).
5 — Que é *substantivo*?
6 — Que é *artigo*?
7 — Que é *adjetivo*?
8 — Que é *numeral*?
9 — Que é *pronome*?
10 — Que é *verbo*?
11 — Que é *advérbio*?
12 — Que é *preposição*?
13 — Que é *conjunção*?
14 — Que é *interjeição*?
15 — Quando o professor pergunta ao aluno a que classe pertence uma palavra (*lápis*, por exemplo), que pretende saber o professor?
16 — Que é *flexão*?
17 — Que é *desinência*?
18 — Que é *radical* ou *tema*?

CAPÍTULO IX

SUBSTANTIVO

CLASSIFICAÇÃO

164 — Classificam-se os substantivos em:

comuns e *próprios*
concretos e *abstratos*
primitivos e *derivados*
simples e *compostos*

Nota — Entre os comuns mencionam-se, especialmente, os *coletivos*.

165 — COMUM: É o substantivo que serve para indicar diversos sêres da mesma classe. *Árvore* é substantivo *comum* porque se presta para indicar tanto o jequitibá, o eucalipto, o pinheiro, como a laranjeira, o mamoeiro etc. *Lápis* é outro substantivo comum, pois tanto indica o lápis de Pedro quanto o de Paulo. *Livro, homem* constituem, como muitos outros, exemplos de substantivos comuns.

166 — PRÓPRIO: É o substantivo que expressa, em determinadas classes, um único ser dessa espécie: *Caramuru, Jorge VI, Pio XII* são *substantivos* (ou *nomes*) *próprios*, por individualizarem sêres da classe das pessoas.

167 — São **próprios** os substantivos que designam:

1 — *pessoas: Alberto, José, Fernando;*
2 — *coisas personificadas:* a *Fortuna*, a *Inveja;*
3 — *nações, estados, cidades, localidades, acidentes geográficos: Brasil, Recife, Itatiaia, Tocantins.*
4 — *entidades, organizações, corporações jurìdicamente constituídas: Associação dos Comerciários, A Casa do Professor, O Diário do Povo.*

Os exemplos do quarto grupo constituem *locuções substantivas*, isto é, são substantivos formados por mais de uma palavra.

Obs. — Repiso aqui o que ficou esclarecido no § 145: Os nomes dos meses não são próprios. Como vemos, não podem ser incluídos nessas quatro classes; acrescente-se, ainda, que os nomes dos meses indicam tão sòmente *frações do tempo*, tal qual acontece com os nomes dos dias da semana e com os das estações do ano.

168 — Nos substantivos próprios de pessoas devemos distinguir diversas partes: o *nome*, verdadeiro indicativo da pessoa (correspondente ao "petit nom" dos franceses) e o *sobrenome*, designativo da família:

Antônio de Oliveira
nome — sobrenome

O nome e o sobrenome podem ser *simples*, como no exemplo dado, ou *compostos:*

Antônio Luís de Oliveira Santos
nome composto — sobrenome composto

Notas: 1.ª — Da mesma maneira que no quarto caso do parágrafo antecedente, o conjunto das partes dos nomes próprios de pessoas constitui *locução substantiva*.

2.ª — O nome civil completo foi sempre desultòriamente formado; num mesmo povo, os princípios jurídicos referentes ao caso variam de época a época, numa confusão que atinge a própria terminologia dos elementos constitutivos do "nome completo", confusão que impossibilita qualquer critério fixo para o caso. A terminologia acima dada baseia-se no uso, afastando-se em parte da empregada na nova legislação (que data de 1939), terminologia nova que só confusões viria trazer ao aluno, com especificações e sutilezas inúteis quando não contraditórias.

169 — Diversos sobrenomes terminados em es designavam, antigamente, filiação: *Rodrigues* (filho de *Rodrigo*), *Lopes* (filho de *Lopo* ou *Lôbo*), *Nunes* (filho de *Nuno*), *Álvares* (filho de *Álvaro*), *Mendes* (filho de *Mem* ou *Mendo*), *Sanches* (filho de *Sancho*) etc. Tais substantivos se denominam **patronímicos**.

Obs. — Outros idiomas há que também possuem sufixo para indicar filiação; haja vista o russo, com as terminações *vitch*, para indicar *filho*, e *vna*, para designar *filha: Ivanovitch* (filho de Ivã), *Ivanovna* (filha de Ivã).

170 — CONCRETO: É assim chamado o substantivo que designa coisa que tem subsistência própria, isto é, coisa que existe de per si: *livro, lápis, homem, luz, Deus.*

171 — Entram nessa classe também os *concretos fictícios*, assim chamados os substantivos que designam coisas ou pessoas imaginárias, coisas ou pessoas que se supõem hipotèticamente existentes por si: *saci-pererê, sereia, Júpiter* (divindade pagã) etc.

172 — ABSTRATO: É o substantivo que designa coisa que não tem subsistência própria, ou seja, designa coisa que só existe em outra coisa, o que se dá, principalmente, com os derivados em que entram os sufixos ez e eza*: pequenez, delicadeza.*

173 — PRIMITIVO: É o substantivo de que derivam outros vocábulos. *Ferro* é substantivo primitivo porque dêle derivam outras palavras: *ferreiro, ferraria, ferradura, ferrugem, férreo* etc.

174 — DERIVADO: É o que procede de outra palavra. *Guerreiro* é derivado por provir de *guerra* (*guerra* + eiro).

175 — SIMPLES: É o substantivo constituído de uma só palavra: *casa, chapéu.*

176 — COMPOSTO: É o substantivo formado da reunião de duas ou mais palavras: *bôca-de-leão, couve-flor, malmequer.*

177 — COLETIVO: É assim chamado o substantivo comum que, embora na forma singular, exprime, quanto à idéia, diversos sêres: *multidão, rebanho.*

Sòmente a quem ler um dicionário inteiro e muito bom será facultado respigar um belo rol de coletivos, que a qualquer curiosidade satisfaça; até que alguém assim proceda, esta listinha, que não pode ser completa, oferece um aspeto diferente das que até agora se viram. Ao contrário de apresentar já o coletivo, para depois discriminar os indivíduos, oferece primeiro o indivíduo — coisa, animal, pessoa — porque aqui é que está a necessidade do consulente; a quem não souber o significado do coletivo *corso*, qualquer dicionário o mostrará de pronto, mas a quem necessitar saber o coletivo de *sardinha*, quando em cardume no mar, dificilmente será dado descobrir que é *corso*.

Antes, porém, alguns esclarecimentos:

1 — Não se encontram nesta lista coletivos formados do próprio radical da palavra, acrescido de sufixos designativos de coleção; assim, não se declara aqui que o coletivo de *taquara* é *taquaral*, nem que o de *sapo* é *saparia*, ou que o de *árvore* é *arvoredo*, e que o de *corda* é *cordoame*, o de *casa* é *casario;* ainda que não conhecedor dos sufixos que indicam coleção, o aluno inteligente saberá procurar no dicionário, próximo do nome, o coletivo correspondente.

2 — Não obstante ser incompleta esta lista, não vá o aluno acreditar na existência de nome coletivo para todo e qualquer substantivo.

3 — Com exceção de alguns, os substantivos, de que se pretende saber o coletivo, aparecem no singular, para facilidade de consulta.

4 — Na busca de coletivos que indiquem o número certo dos elementos da coleção, isto é, o conjunto de dois, de três etc., devem ser procurados na lista êsses números.

5 — A presente lista não dispensa o dicionário, cuja consulta se impõe principalmente quando um mesmo indivíduo tem o seu ajuntamento designado por vários coletivos. Ademais, muitos se empregam em sentido figurado que por vêzes nem o dicionário traz.

6 — Muitas vêzes, no usar um coletivo — *miríade*, por exemplo — não basta redigir *miríade*; é necessário acrescentar o especificativo "de estrêlas"; "um cardume de peixes", "um enxame de abelhas", e não

simplesmente "um cardume", "um enxame", a menos que o contexto já esclareça o coletivo.

7 — Chamo a atenção para os verbetes *coisas* e *pessoas*, onde muitos coletivos se encontram.

abelha — enxame, cortiço, colmeia.
alho — quando presos pelas hastes entrelaçadas: réstia, enfiada, cambada.
alimento — V. *mantimento*.
amigo — quando em assembléia: tertúlia.
anedota — anedotário, repertório.
animal — em geral: piara, pandilha (brasileirismo do Sul).
— todos, de uma região: fauna.
— de carga, de cavalgadura: récua, récova.
— de raça, para reprodução: plantel.
— ferozes ou selvagens: alcatéia (de lôbos, de panteras, de hienas...).
— criados geralmente no campo, para serviços de lavoura ou para consumo doméstico ou para fins industriais ou comerciais: gado (gado bovino, ovino... de cria, de engorda).
— V. também *pessoas* ou *animais*.
anjo — teoria.
aplaudidor — quando pago: claque.
argumento — carrada.
arma — quando tomadas ao inimigo: troféu.
artista — de teatro, de cinema..., quando trabalham em conjunto: companhia, elenco.
árvore — em geral e quando em linha: alamêda, carreira, rua, souto — V. *vegetal*.
— quando constituem maciço: arvoredo, bosque.
— quando altas, de troncos retos, a aparentar parque artificial: malhada.
asneira — chorrilho, acervo.
assassino — choldra, choldraboldra.
— V. *pessoas más*.
assistente — assistência.
astro — reunidos a outros do mesmo grupo: constelação.
autógrafo — quando em lista especial de coleção: álbum.
ave — em geral, quando em grande quantidade: bando, nuvem.
bandeira — quando tomadas ao inimigo: troféu.
barco — V. *navio*.
bêbedo — corja, súcia, farândula — V. *pessoas más*.
bêsta — V. *burro*.
bispo — reunidos para decidir pontos de doutrina: concílio. O concílio diz-se "ecumênico" quando composto dos bispos de tôda a cristandade e presidido pelo papa.
bôca-de-fogo — (peça de artilharia): bateria.
boi — armentio, armento, manada, maromba (quando em manadas), ponta (de gado), junta ou cingel (quando são dois no mesmo jugo).
borboleta — panapaná.
botão — abotoadura.
— quando em fileira: carreira.
bugio — V. *macaco*.
burro — tropa, manada, récua.
— quando carregados: comboio.
busto — (estátua, quando em coleção): galeria.
cabelo — cacho, trança, madeixa.
cabra — fato.
cachorro — V. *cão*.
cadeira — (quando dispostas em linha): linha, carreira, fila, fileira, renque.

cálice — baixela.
camelo — (quando, em comboio, conduzem mercadoria): cáfila.
canção — quando reunidas em livro: cancioneiro.
— quando populares, de uma época ou região: folclore.
canhão — bateria.
cão — matilha, canzoada, chusma.
capim — feixe, paveia, braçada, braçado.
cardeal — reunidos para a eleição do papa: conclave.
— reunidos sob a direção do papa: consistório.
carro — unidos para o mesmo destino: comboio, composição.
carta — correspondência.
— carta geográfica: atlas.
carvalho — quando já crescidos, mas ainda não adultos: malhada.
casa — reunidas quase sempre em forma de quadrado: quarteirão, quadra.
cavaleiro — (pessoa a cavalo): cavalgada, tropel, piquete (de cavalaria).
cavalgadura — piara, récua.
cavalo — manada.
cebola — quando prêsas pelas hastes entrelaçadas: réstia, enfiada, cambada.
cédula — bolada, bolaço.
cem anos — século.
cereais — (em geral): V. *grão*.
chave — quando num mesmo cordel ou argola: molho, penca.
cigano — bando. cabilda.
cinco anos — qüinqüênio, lustro
cinco vozes ou instrumentos — quinteto.
clérigo — V. *padre*.
cliente — clientela, freguesia.
coisas — em geral: acervo, acumulação, barda (de pratos, de erros), batelada (de arroz, de madeira...), bloco, chusma, data (de sal, de pancadas...), disparate, fartadela, fartão, fartura, grupo, meda, monte, montão, multidão, mundo, pinha, reunião, união.
— antigas e em coleção ordenada: museu.
— bem unidas e em quantidade: bastida (de paus, de taquaras, de ripas...).
— comerciáveis: sortimento (de fazendas, de louças...).
— em fila: carreira (de botões, de lâmpadas, de cadeiras...), linha, renque.
— em lista metódica: catálogo (de livros, de plantas...).
— em lista de anotação: rol, relação.
— em quantidade com que se enche o regaço (= porção): arregaçada (de flôres, de saudades...).
— em quantidade que se pode abranger com os braços: braçada.
— em quantidade que pode carregar um carro (= grande porção): carrada (de tijolos, de terra, de razões, de argumentos...).
— em série: seqüência, série, seqüela, coleção.
— em sucessão ininterrompida e rápida: chorrilho (de sortes, de disparates).
— enfiadas em linha, em seqüência: enfiada (de pérolas, de mentiras, de asneiras...), fieira, renque, ramal (de contas, de pérolas...).
— heterogêneas: congérie, mixórdia, choldra, salgalhada, choldraboldra.
— mal ordenadas: farragem.
— para a execução de qualquer obra ou para determinado fim: aparelho.
— reunidas e sobrepostas: monte, montão, cúmulo, pilha (de livros, de sacos...), resma (de papéis), rima.
— reunidas e colecionadas pela natureza, uso etc.: coleção, classe.
— quando caem do ar, em porção: saraiva, granizo (de pelouros, de flechas, de balas), chuva (de rosas...), chuveiro (de luz, de raios...).
— quando, em coleção ou série, formam um todo: jôgo (de pratos, de instrumentos...).
— quando, pesadas, caem repentinamente: avalancha, alude.

coisas ou *animais* — quando enfiados ou dependurados no mesmo gancho, cordel: cambada (de cebolas, de peixes...), enfiada, réstia (de cebolas...), molho (de chaves).
coisas, animais ou *pessoas* — (em geral): ajuntamento, chusma, coleção, concentração, concurso, conglobação, conglomeração, cópia, enfiada, legião, manga, mó, mole, monte, montão, multidão, pinha, quantia, quantidade, reunião, roda, soma, tropel, união.
coluna — colunata, renque.
comerciante — quando em reunião para tratar de interêsses da corporação: câmara.
concorrente — assembléia, concorrência.
condensador elétrico — bateria.
cônego — cabido.
contrabandista — partida.
copo — baixela.
corda — em geral: cordoalha.
— quando no mesmo liame: maço.
— de navio: enxárcia, cordame, cordoalha, cordagem, massame.
correia de carro — apeiragem.
credor — junta.
criança — V. *pessoas em geral*.
cura — (eclesiásticos de uma diocese): sínodo (assembléia religiosa).
deputado — quando oficialmente reunidos: câmara.
dez — (grupo ou total composto de dez unidades): dezena.
— anos: década.
dinheiro — bolada, bolaço.
disco — discoteca.
disparate — apontoado.
dois — animais ou pessoas de sexo diferente: casal.
— animais ou pessoas do mesmo ou de sexo diferente, ou duas coisas: par.
— animais (principalmente muares): parelha, junta (de bois).
— anos: biênio.
— meses: bimestre (quando adjetivo, significa que dura dois meses).
— vozes: dueto.
doze — (coisas, animais): dúzia.
eclesiástico — (em assembléia religiosa): sínodo — V. *padre*.
égua — piara.
embarcação — frota — V. *navio*.
êrro — barda.
escola — (de ordem mais elevada, cujo ensino abrange todos os ramos da instrução superior): universidade.
escravo — na mesma morada: senzala.
— quando a caminho para um mesmo destino: comboio.
— quando aglomerados: tropa, bando.
escrito — em prosa e em verso, em homenagem a homem ilustre: poliantéia.
espectador — assistência.
espiga — amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, braçado, gavela, lio, molho, paveia.
— de milho: atilho (quando prêsas pela própria palha).
estaca — fincadas umas ao lado das outras em forma de cêrca: paliçada.
estado — quando unidos em nação: federação, confederação, república.
estampa — em coleção: iconoteca.
— explicativas: atlas.
estátua — quando em coleção: galeria.
estrêla — quando cientìficamente agrupadas: constelação.
— quando em quantidade: acervo.
— quando em grande quantidade: miríade.
estudante — quando, em grupo, cantam ou tocam: estudantina.

— quando vagueiam, dando concertos: tuna.

família — quando, sob a autoridade de um chefe, vivem na mesma região e provêm de um tronco comum: tribo.

— de selvagens: tribo, cabilda.

feno — braçada, braçado.

filhote — ninhada.

filme — filmoteca, cinemoteca.

fio metálico — quando reunidos em feixe: cabo.

flor — antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, bouquet (galicismo).

— quando ligadas ao mesmo pedúnculo: cacho.

foguete — quando agrupados em roda ou num travessão: girândola.

fôlha — (de papel): V. *papel*.

fotografia — quando em livro de coleção: álbum.

frade — quanto ao local em que moram: convento.

— quanto ao fundador ou quanto às regras a que estão sujeitos: ordem (dos franciscanos, dos beneditinos...).

frase — quando, mal ordenadas, formam um discurso chôcho ou disparatado: apontoado.

freguês — freguesia, clientela.

fruta (em geral) — quando ligadas ao mesmo pedúnculo: cacho, penca.

— a totalidade das colhidas num ano: colheita, safra.

garôto — cambada, bando, chusma — V. *pessoas*.

gato — cambada.

gente — V. *pessoas*.

grão — manípulo (= o que a mão pode abranger), manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado.

gravura — quando colecionadas: iconoteca.

habitante — povo, população.

herói — falange.

hiena — alcatéia — V. *animal*.

ilha — arquipélago.

índio — quando formam bando: maloca.

— quando em nação: tribo.

inseto — quando se deslocam em sucessão: correição.

— quando em grande quantidade: miríade, nuvem.

— quando nocivos e em quantidade: praga.

instrumento — cirúrgico: aparelho.

— de artes e ofícios: ferramenta.

jornal, revista — hemeroteca.

jurado — júri, conselho de sentença, corpo.

ladrão — bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha (brasileirismo do Sul).

lâmpada — quando em fileira: carreira.

lei — quando reunidas cientìficamente: código, consolidação, corpo.

— quando colhidas aqui e ali: compilação.

lenha — molho, feixe, talha (= 50 molhos), carrada (= 4 talhas).

lêtra — (em ordem sistematizada): alfabeto, abecedário, abc.

lição — (sôbre um assunto): curso.

livro — biblioteca.

lôbo — alcatéia, caterva — V. *animal*.

macaco — capela.

malfeitor — bando, choldra, hoste, jolda, malta, manalha, matilha, matula, pandilha, quadrilha (quando organizados), seqüela, súcia, tropa — V. *pessoas más*.

mandamento — (de Deus): decálogo.

mantimento — (em geral): sortimento, provisão.

— quando em saco, em alforje: matula, farnel.

— quando em cômodo especial: despensa.

mapa — atlas (quando ordenados, num volume), mapoteca (coleção).
máquina — maquinaria.
marinheiro — maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação.
— quando em grupo desordenado: chusma.
mastro — (de navio): mastreação.
— considerados juntamente com as vêrgas, remos etc.: palamenta.
médico — quando em conferência, e um é o assistente do enfêrmo: junta.
membro — (de uma sociedade) — V. *pessoas*.
menino — V. *garôto* e *pessoas*.
mercadoria — (em geral): sortimento, provisão.
metal — (não precioso, que entra na construção de uma obra ou artefato): ferragem.
mil anos — milênio.
ministro — ministério.
— quando reunidos para tratar de um assunto: conselho.
montanha — cordilheira, serrania.
monte — cordilheira, serrania, serra.
móvel — mobília, aparelho, trem.
música — repertório (quanto a quem conhece); coleção.
músico — (com o instrumento): banda, charanga, filarmônica, orquestra.
nação — quando unidas para o mesmo fim: coligação, liga, aliança, confederação.
navio — frota, flotilha (pequena frota).
— de guerra: esquadra, armada, marinha.
— quando reunidos para o mesmo destino: comboio.
nota — (dinheiro): bolada, bolaço.
— (crítica de uma produção artística ou científica): comentário.
nove dias — novena.
oito dias — oitava (espaço em que a Igreja celebra alguma festa solene).
órgão — quando concorrem para uma mesma função: aparelho, sistema.
ouvinte — auditório.
ovelha — rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário.
— que dão leite: alavão.
— que ainda não deram cria nem estão prenhes: alfeire.
ôvo — postos pela galinha durante certo número de dias: postura.
— quando no ninho: ninhada.
padre — em geral: clero, clerezia.
— quando subordinados à jerarquia da Igreja: clero secular.
— quando subordinados a regras especiais: clero regular.
palavra — vocabulário.
— quando em ordem alfabética e seguidas da significação: dicionário, léxico.
— quando proferidas sem ordem, sem nexo: palavrório.
pantera — alcatéia — V. *animal*.
papel — caderno (em sentido estrito, técnico: cinco fôlhas — em sentido lato: fôlhas ligadas), mão (cinco cadernos), resma (vinte mãos), bala (dez resmas).
— quando no mesmo liame e como que batidas as fôlhas a maço: maço.
parente — quando em reunião: tertúlia.
partidário — facção, partido, torcida.
partido político — quando unidos para o mesmo fim: coligação, aliança, coalizão, liga.
pássaro — em geral e em grande quantidade: nuvem.
pau — quando fincados e unidos em trincheira: bastida, paliçada. — V. *vara*.
peça — destinadas a aparecer juntas na mesa: baixela, serviço.
— de artigo comerciável, quando em volume para transporte: fardo (de fazendas, de fumo, de alfafa...), magote: "As peças de sêda vinham aos magotes de cem e de quinhentas".
— de artilharia: bateria.
— de roupa (quando enroladas): trouxa. Quando pequenas e atadas ou cosidas umas às outras para se não extraviarem na lavagem: apontoado.
— literária: antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea,

peixe — em geral e quando na água: cardume.
— miúdo: boana.
— em depósito de água, para conservar ou criar: aquário.
— em fieira: cambada, espicha, enfiada.
— à tona: banco, manta.
pena — na ave: plumagem.
peregrino — caravana, romaria, romagem.
pessoas ou *animais* — chusma, cópia, facção, fila, fileira, magote, malta, partida, partido, quadrilha, rancho, tropa.
pessoas — (em geral): aglomeração, assembléia, banda, bando, cenáculo, chusma, colmeia, concentração, coorte, gente, golpe (antiquado), grupo, legião, leva, magote, mare-magnum, massa, mó, mole, multidão, pessoal, piara, pinha, populaça, putissi, reunião, roda, rôlo, troça, troço, tropel, turba, turma, zé-povinho.
— V. também *pessoas* ou *animais*.
pessoas — em sentido depreciativo: corja, caterva, choldra, farândula, récua, súcia — V. *pessoas más*.
— em sucessão ininterrompida e rápida: chorrilho.
— curiosas: pinha.
— ilustres por qualquer título: plêiade, pugilo, punhado.
pessoas más — (malfeitores em geral): alcatéia, cáfila, canzoada, corja, matula, súcia.
— quando em grande porção: bando, horda (de vândalos, de salteadores...), réstia.
— quando em bando organizado: quadrilha.
— quando em reunião clandestina: conluio, conventículo, conciliábulo, cabala.
pessoas — quando cantam juntas: côro.
— quando em acompanhamento solene: comitiva, cortejo, procissão, préstito, teoria, séquito.
— quando em desordem: choldraboldra, pandemônio, rôlo, turbamulta.
— quando em grupos ou divisões de uma série ou conjunto, ou quando se distinguem das outras pelas ocupações, natureza: classe (de alunos, de profissionais, de homens...).
— quando empenhadas em agradar outrem: côrte.
— quando equipam, governam ou dirigem um barco, um aeroplano: tripulação.
— quando incumbidas de um mesmo serviço material: turma (de pedreiros, de calceteiros...).
— quando o serviço é de outra natureza: corpo (de jurados, de professôres... legislativo, sanitário...).
— quando moram em promiscuidade: cortiço.
— quando pagas para aplaudir: claque.
— quando reunidas em assembléia política popular: comício, "meeting".
— quando reunidas em romaria: romaria, romagem, peregrinação.
— quando reunidas para diversão: farrancho, rancho.
— quando reunidas para julgar: jure, corpo de jurados, conselho.
— quando reunidas para modificar, estabelecer situações políticas: convenção, liga, dieta.
— quando reunidas para tratar de um mesmo assunto: comissão (de técnicos, de professôres, de representantes...), conselho, congresso, conclave, convênio, corporação.
— quando se revezam: turno.
— quando sujeitas ao mesmo estatuto: agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade.
— quando unidas por votos religiosos ou ligadas pelo mesmo interêsse ou condições de vida, de costumes: cenáculo, classe, comunidade, confraria, congregação, irmandade, ordem, sinédrio.
— quando viajam ou passeiam juntas: caravana.
pilha elétrica — bateria.
planta — de uma região — flora.

— sêca para classificação: herbário.
poesia lírica lusitana ou *espanhola* — cancioneiro.
ponto — apontuado.
porco — manada, piara, vara, vezeira.
povo (= nação): aliança, coligação, confederação, liga.
prato — baixela, barda.
princípio — (filosófico, político, moral): sistema, escola.
prisioneiro — quando em grupo, em conjunto: leva.
— quando a caminho para o mesmo destino: comboio.
professor — de estabelecimento secundário ou primário: corpo docente.
— de faculdade superior: congregação.
quadro — de pintura: pinacoteca, galeria.
quarenta — (dias, meses, anos etc.): quarentena.
quatro anos — quadriênio.
— versos: quarteto, quadra.
— vozes: quarteto.
razão — carrada.
recruta — leva.
religioso — quanto ao lugar de vida em comum: convento — V. *pessoas, quando unidas por votos religiosos.*
remos, mastros e *vêrgas* — palamenta.
retrato — quando em coleção e representam personagens ou assuntos históricos, comuns ou da vida real: galeria.
ripa — quando em conjunto e bem unidas: bastida.
roupa — de homem: terno (paletó, calça e colête), aparelho (calça e paletó).
— de noiva, de colegial, de criança recém-nascida: enxoval.
— em geral, de vestir exteriormente: vestuário, fato.
— em geral, de vestir internamente: roupa branca.
sardinha — quando em cardume no mar: corso.
saudade — arregaçada.
sectário — facção.
seis meses — semestre.
— vozes ou instrumentos — sexteto, sêxtuor.
sêlo — quando em livro de coleção: álbum.
selvagem — cabilda, tribo.
senador — quando em reunião oficial: senado.
sete dias — semana.
— vozes ou instrumentos — septeto, setimino, séptuor.
sócio — associação.
— em reunião: assembléia.
soldado — pelotão, companhia, batalhão, regimento, brigada, divisão, exército.
— em ordem de marcha: hoste, partida.
— quando guarnecem um lugar: guarnição.
— outros coletivos: coluna, destacamento, patrulha, piquête, esquadrão, grupo, trôço, falange, tropa.
som — orquestra.
talher — baixela.
taquara — quando em conjunto e bem unidas: bastida.
tolice — acervo.
trabalhador jornaleiro dos campos — maltesia, rancho.
tradições e crenças populares orais ou *escritas* — folclore.
trecho literário — analecto, antologia, catalecto, compilação, florilégio, seleta, silva.
três — conjunto de peças (garfo, colher e faca) de que cada pessoa se serve quando come: talher.
— dias: tríduo.
— meses: trimestre, quartel (do ano).
— anos: triênio.

— versos: tercêto.
— vozes: tercêto.
trigo — meda (= feixe).
tripulante — (de navio): tripulação, equipagem, marinhagem, maruja.
— de avião: tripulação.
turista — caravana.
utensílio — em geral, quando destinados ao mesmo fim: trem (de cozinha, de lavoura...).
— de cozinha: bateria.
— de lavoura: apeiragem.
— de mesa (pratos, copos, talheres, cálices...): baixela.
vaca — armentio, armento.
vadio — cambada, manada, malta, súcia — V. *pessoas más*.
vagão — comboio.
vara — braçada, braçado, molho, feixe — V. *pau*.
vegetal — (em geral): mão, mão-cheia, massa, maciço ("À esquerda do vale está um maciço de verdura do mais belo viço"), molho, paveia. — V. *árvore*.
velhaco — V. *malfeitor*.
vereador — quando oficialmente reunidos: câmara.
vêrgas, mastros e *remos* — palamenta.
versos — estrofe, estância.
viajante — V. *pessoas quando viajam*.
vinte — (grupo ou total composto de vinte elementos): vintena.
vinte e cinco anos: quartel de século — "No último quartel do século 20" — A palavra *quartel* indica também a quarta parte do ano (trimestre).

QUESTIONÁRIO

1 — Como se classificam os substantivos?
2 — Que são substantivos *concretos fictícios?* Exemplos.
3 — Os substantivos *eletricidade, Deus* são concretos ou abstratos?
4 — Por que é que *Pedro* é substantivo próprio?
5 — Os nomes dos *meses* são próprios? Por quê? (Veja bem a observação do § 167).
6 — Cite um exemplo de nome próprio pessoal, especificando as partes que o constituem.
7 — Que são substantivos *patronímicos?* Exemplos.
8 — Cite 5 exemplos de substantivos *comuns*.
9 — Cite 2 exemplos de substantivos primitivos, com seus respectivos derivados.
10 — Que é substantivo *coletivo?* Exemplos.
11 — Explique o significado dos seguintes coletivos: *matilha, vara, alcatéia, cáfila*.
12 — Aplique o que aprendeu nesta lição aos substantivos: *lição, agradecimento, lusco-fusco* (Modêlo: *mesa* — comum, concreto, primitivo, simples).

CAPÍTULO X

FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

180 — Como há pouco acabamos de ver (§ 162 e 163), os substantivos são flexíveis. Pois bem, as palavras que pertencem a esta classe podem flexionar-se de três maneiras diferentes:

a) quanto ao **gênero**
b) quanto ao **número**
c) quanto ao **grau**

Daí, os três tipos de flexão dos substantivos: flexão *genérica*, flexão *numérica* e flexão *gradual*.

Nota — Havia no latim mais um tipo de flexão, a flexão *casual*. De acôrdo com a função lógica (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.) que a palavra exercia na oração, tinha ela uma terminação, uma desinência, um *caso* especial; assim, se *Pedro* era o sujeito de uma oração, êste nome terminava em *us* — caso *nominativo*: *Petrus* est bonus (*Pedro* é bom); se era complemento restritivo, terminava em *i* — caso *genitivo*: liber *Petri* (livro *de Pedro*); se objeto indireto, em *o* — caso *dativo*: Librum dedi *Petro* (Dei o livro *a Pedro*); se objeto direto, em *um* — caso *acusativo*: Vidi *Petrum* (Vi *Pedro*); se empregado em orações imperativas, exclamativas ou de apêlo, em *e* — caso *vocativo*: Hoc vide, *Petre* (Veja isto, *Pedro*); se adjunto adverbial, também em *o* — caso *ablativo*: Cum *Petro* ambulavĭmus (Passeamos *com Pedro*) (*).

Tal tipo de flexão desapareceu em nossa língua, onde, qualquer que seja a função sintática que na oração exerça o substantivo, êste conserva sempre a mesma terminação.

Na própria língua portuguêsa, quando se diz que determinada palavra exerce *função de acusativo*, entende-se que ela exerce *função de objeto direto*; de igual maneira, por *função dativa* entende-se *função de objeto indireto*.

Para substituir os casos, as línguas neolatinas usam as *preposições* e o *artigo*, além de outros recursos que mais tarde veremos; essa é a razão por que se diz que o latim é língua *sintética*, e as neolatinas, *analíticas*: *Liber Petri* (2 palavras) — *O livro de Pedro* (4 palavras).

O alemão, o grego, o russo são também línguas sintéticas, porquanto a função sintática dos nomes da frase é indicada nesses idiomas por *casos*.

De todos os casos latinos acima vistos, o mais importante para nós é o caso *acusativo*, porquanto dêle vieram, com raras exceções, todos os nossos vocábulos, motivo por que o *acusativo* é para nós considerado o *caso lexicogênico*, isto é, o caso que deu origem aos nossos vocábulos; assim, *corpo* veio do latim *corpus*, acusativo neutro da terceira declinação; *árvore* de *arborem*, acusativo feminino da mesma declinação etc. (§ 613).

(*) O aluno que desejar conhecer bem a função dêsses casos, com grande proveito para si no que diz respeito à análise dos têrmos da oração em português, estude as 7 (sete) primeiras lições de meu livro "Noções Fundamentais da Língua Latina".

FLEXÃO GENÉRICA

181 — Quanto ao gênero, um substantivo pode ser:

masculino
feminino
epiceno
comum de dois gêneros
sobrecomum

182 — MASCULINO, FEMININO: Quando dizemos que um animal é *macho*, queremos indicar o *sexo real*, físico, do animal ou de qualquer outro ente animado; se dizemos que a *égua* é a *fêmea* do cavalo, especificamos o sexo dêsse animal, com relação ao sexo do cavalo.

Passando do terreno físico para o terreno da gramática, não se irá dizer que *égua é palavra fêmea*, mas, sim, que *égua é palavra do gênero feminino*. Do mesmo modo, o cavalo, como animal, é macho, mas a palavra *cavalo* é do *gênero masculino*.

Dessa rudimentar explicação, compreende-se que o *gênero gramatical* de um substantivo corresponde ao sexo real do ser que êsse substantivo designa.

Gênero gramatical é a indicação do sexo real ou suposto dos sêres.

Está claro que, por haver dois sexos, dois devem ser os *gêneros gramaticais*: o *gênero masculino* e o *gênero feminino*.

183 — Tratando-se de sêres animados, de sêres vivos, fácil é especificar o sexo e, conseguintemente, dizer se a palavra que designa o ser vivo é de gênero *masculino* ou *feminino*. Mas *lápis*, *livro*, *porta*, *janela* de que gênero serão se essas palavras não especificam sêres vivos? Qual o critério que iremos adotar no atribuir a essas palavras êste ou aquêle gênero gramatical?

O latim, da mesma maneira que o grego, costumava atribuir aos nomes das coisas o *gênero neutro* (*ne* = não + *uter* = um e outro) que, como a própria palavra está a indicar, não especifica *nem um nem outro* gênero gramatical, pela mesma razão por que as coisas não têm nenhum dos dois sexos. Assim, *flumen* (rio), *bellum* (guerra), *caput* (cabeça), *mare* (mar), *cornu* (chifre) etc. são em latim palavras *neutras*, com terminações especiais, diferentes das terminações do masculino e do feminino, porque os objetos designados por êsses nomes não possuem sexo.

Mas a nem tôdas as palavras se estendeu essa orientação, e o nomes das coisas inanimadas passaram, a semelhança das que designam sêres vivos, a ter uns o gênero masculino, outros o feminino (§ 614).

Para tanto, *supunha-se*, ou por meio da *terminação* da palavra, ou pela *analogia* com outras, o gênero masculino ou o feminino. A orientação no atribuir o gênero gramatical aos nomes de sêres inanimados varia de língua para língua; se *mulher*, ente animado, é substantivo feminino em

tôdas as línguas, *lua*, que designa ser inanimado, pode ser feminino numa língua, como no português, e masculino noutra, como o é no alemão.

Não podendo aplicar o latim o gênero neutro a todos os nomes de coisas, conseqüência natural foi o desaparecimento do neutro nas línguas neolatinas, não obstante haver ainda resquícios dêsse gênero: *aquêle* (masc.), *aquela* (fem.) e **aquilo** (neutro); *êste*, *esta*, **isto**; *êsse*, *essa*, **isso**; *todo*, *tôda*, **tudo**; **algo** (alguma coisa); **nada** (nenhuma coisa); **al** (outra coisa) são reminiscências do gênero neutro.

184 — Tratando-se, pois, de nomes de coisas, o gênero gramatical que se lhes atribui é *fictício*, baseado ora na *terminação* do vocábulo, ora na *significação*.

TERMINAÇÃO

185 — São **masculinos** os substantivos terminados em:

1 — *o*, *i*, *u*: *litro*, *batismo*, *álibi*, *jaborandi*, *pó*, *nó*, *dó*, *biju*, *caju*, *maracatu*.

Excetuam-se: *tribo*, *avó*, *mó*, *enxó*, *lei*, *grei*.

2 — *é*: *café*, *rapé*, *uarubé*, *cabriolé*.

Excetuam-se: *galé*, *libré*, *maré*, *sé*, *chaminé*, *fé*, *ré* (retaguarda), *guiné*.

Obs. — Dos terminados em *e* átono são uns masculinos (*pente*, *pote*, *leque*, *aparte*, *estandarte*, *debate*) e femininos outros: *bronquite*, *ode*, *fome*, *lide*, *sêde* etc.

3 — *em*, *im*, *om*, *um*: *armazém*, *brim*, *dom*, *bodum*.

Exceções: — *ordem*, *adem* e todos os terminados em *gem*: *aragem*, *linguagem*, *personagem* (o personagem é francesismo), *origem*, *penugem* etc.

4 — *en*: *ámen*, *líquen*.

5 — *au*, *éu*, *eu*, *ói*: *cacau*, *chapéu*, *liceu*, *cambói*.

6 — *l*: *graal*, *tonel*, *anil*, *anzol*, *paul*.

Exceções: — *cal*, *catedral*, *bacanal*, *moral* (= moralidade) e outros que, primitivamente adjetivos, passaram a ser substantivos, conservando o gênero do substantivo que costumavam acompanhar, como *a vogal* (a *lêtra* vogal), *a diagonal* (a *linha* diagonal) etc.

7 — *r*: *alamar*, *escaler*, *nadir*, *furor*, *calembur*.

Exceções: — *beira-mar*, *colher*(ér), *côr*, *dor*, *flor*.

8 — *s*: *caos* (pronuncia-se *cáos*), *lápis*, *cais*.

Excetua-se *cútis*.

Obs. — Os terminados em *z* distribuem-se pelos dois gêneros — masculinos: *albornoz*, *alcatraz*; — femininos: *paz*, *foz*, *noz*.

9 — *x: tórax, index.*

Excetua-se *fênix* (fênis).

186 — São **femininos** os substantivos terminados em:

1 — *a: cama, barca, orelha.*

As palavras terminadas em *a* originam-se quase tôdas da primeira declinação latina.

Exceções: — *anacoreta, cometa, dia, planêta, trema* e muitos outros de origem grega, como *dilema, eczema, eurema, lema, poema, teorema, epigrama, grama, miligrama, telefonema, zeugma* etc.

Excetua-se, igualmente, a maioria dos terminados em *a* agudo, quase todos derivados de línguas americanas ou de línguas orientais: *fubá, gambá, jacá, maná, xará, indaiá, jatobá, maracujá* etc.

2 — *ã: avelã, manhã.*

Exceções: — *afã, talismã, ímã.*

3 — *ção*, quando abstratos: *viração, rotação, afeição.*

4 — *gem* (V. 185, 3): *linguagem, homenagem, aragem.*

5 — *dade* e *ice: cidade, verdade, tolice, velhice.*

SIGNIFICAÇÃO

187 — Por êste processo, atribui-se o gênero aos substantivos que designam sêres inanimados, mediante analogias, comparações e pela classificação do objeto designado pelo substantivo.

Dessa maneira, consideram-se:

A) **masculinos**: Os nomes dos *montes* (Vesúvio, Etna), *mares* (Mediterrâneo, Atlântico), *rios* (Amazonas, Nilo), *meses* (janeiro, dezembro) e *ventos* (aquilão, tufão).

B) **femininos**: 1 — As partes do mundo: *Europa, Ásia, África, América, Oceânia.* 2 — As ciências e as artes liberais: *magistratura, medicina, engenharia, advocacia, pintura, escultura.* 3 — Os nomes próprios de *regiões, cidades, vilas, ilhas: Amazônia, Londres* (a populosa Londres), *Paris* (a bela Paris), *Marajó* (Marajó é linda).

Excetuam-se *Cairo, Pôrto* e *Rio de Janeiro.*

188 — Escapam dêste processo as *lêtras do alfabeto* e as *notas musicais*, não obstante pertencerem às classes das *lêtras* e das *notas*, nomes êstes femininos: o *a*, dois *ss*, o *ré*, o *si*.

Os nomes das *frutas* e das *flôres* igualmente não obedecem a essa norma, sendo uns masculinos e outros femininos: o *figo*, a *pêra*, o *côco*, a *maçã*, a *rosa*, o *cravo*, a *violeta*, o *jasmim*.

189 — Como vemos, tais processos são fracos substitutivos do gênero neutro latino. Um bom dicionário, o mais das vêzes, é o mais seguro meio para a discriminação do gênero das palavras que designam sêres inanimados.

Note-se que os dicionários costumam trazer as abreviaturas s. *m.* (ou simplesmente *m.*) para indicar substantivo masculino; s. *f.* (ou apenas *f.*) para indicar substantivo feminino.

PARTICULARIDADES

200 — A questão do *gênero dos substantivos* não pára nas normas vistas nos parágrafos anteriores; outros fatos há, particulares, que necessitam ser estudados isoladamente. O uso, fator soberano da consolidação de uma língua e das leis que a regem, consagra certas formas que, embora esquisitas, tornam-se comuns e de emprêgo cotidiano na bôca do povo.

É o que se passa, em português, com o gênero de certos substantivos. São fatos que, adstritos a pequeno número de palavras, denominam-se *particularidades genéricas*.

201 — **EPICENO:** Considerados quanto à flexão genérica, certos substantivos se denominam **epicenos.** Nessa classe estão incluídos os substantivos para os quais o uso consagrou uma *única forma, com um único gênero gramatical*, para designar os dois sexos. Assim, *baleia, cobra, tubarão, jacaré* são substantivos que designam tanto o macho como a fêmea dêsses animais; mas, note-se bem isto, êstes nomes têm gênero gramatical *determinado* e *fixo: baleia* e *cobra* são substantivos de gênero gramatical feminino; *tubarão* e *jacaré*, masculino; aquêles *sempre* se usam com o artigo *a*, êstes *sempre* com o artigo *o*.

Como discriminar, então, na linguagem, o sexo real dêsses animais? Isso é feito mediante o acréscimo dos adjetivos *macho* e *fêmeo: a baleia macha, a baleia fêmea; o tubarão macho, o tubarão fêmeo*.

Não nos admiremos da forma *fêmeo;* esta palavra, no caso presente, é adjetivo e, como tal, deverá flexionar-se de acôrdo com o gênero do substantivo a que se refere; o mesmo se observe com o adjetivo *macho*, que, referindo-se a nomes femininos, deverá flexionar-se em *macha*. *A pulga macha, flôres machas, palmeira macha.* Pode-se, ainda, indiferentemente, dizer: *o macho da pulga, a fêmea do jacaré.*

Geralmente, os nomes de *répteis* (a cobra, o jacaré), *batráquios* (o sapo, a rã), *peixes* (o salmão, a sardinha), *insetos* (o pernilongo, a pulga) e outros animais inferiores são **epicenos;** dos quadrúpedes e das

aves, uns há que também são **epicenos** (a zebra, o rinoceronte), mas outros possuem duas formas, uma para cada gênero: *o cachorro, a cachorra; o cavalo, a égua.*

202 — COMUM DE DOIS GÊNEROS: Outro grupo de palavras constituem os substantivos **comuns de dois,** assim denominados os substantivos que não possuem gênero gramatical; prestam-se para os dois sexos, e o artigo que os acompanha se flexiona de acôrdo com o sexo que se quer indicar; são diferentes, portanto, dos **epicenos,** pois êstes possuem gênero gramatical próprio e o artigo que os acompanha não se flexiona.

Artista, pianista, jovem, selvagem, consorte, cliente, lente são, rigorosamente, substantivos sem gênero, que se considerarão masculinos ou femininos, conforme a homem ou a mulher se referirem, obedecendo o artigo ao sexo que se queira designar:

o (homem) *pianista*	*a* (mulher) *pianista*
o " *jovem*	*a* " *jovem*
o " *consorte*	*a* " *consorte*
o " *selvagem*	*a* " *selvagem*
o " *lente* (professor)	*a* " *lente* (professôra)

Concluindo: o gênero gramatical dos *epicenos* independe do sexo, não variando, conseguintemente, o artigo que os acompanha; o gênero dos *comuns de dois* obedece ao sexo, e, de acôrdo com êste, flexiona-se o artigo.

203 — SOBRECOMUM: Outros substantivos existem, como *vítima, criança, algoz, testemunha,* que, de gênero fixo, aplicam-se indiferentemente a homem ou a mulher: *João é uma criança — Maria é um algoz de seu pai — A vítima Pedro Mariano foi internada.*

204 — Muitos substantivos têm gênero próprio quando designam coisas, objetos, mas tornam-se *comuns de dois* quando passam a especificar *ofícios:*

a lente (vidro de aumento)	*o lente, a lente* (professor, a)
a língua (idioma)	*o língua, a língua* (intérprete)
a guia (documento que acompanha uma encomenda)	*o guia, a guia* (condutor, a)
a trombeta (instrumento musical)	*o trombeta, a trombeta* (a pessoa que toca êsse instrumento)
a guarda (serviço de vigilância, proteção)	*o guarda, a guarda* (a pessoa encarregada de vigiar ou guardar)

205 — Outros substantivos existem que sempre designam coisas, mas têm gênero diverso, conforme a significação com que são empregados:

a capital (cidade principal)	*o capital* (fundo monetário)
a crisma (ato religioso)	*o crisma* (o óleo usado nesse ato)
a cura (ato de curar)	*o cura* (padre)
a cisma (dúvida)	*o cisma* (cisão da Igreja)

206 — Quanto ao processo de formação do feminino dos substantivos, podemos dividir o caso em três partes:

1.ª — A maioria dos substantivos passa para o feminino mediante simples troca da terminação masculina pela terminação feminina (Em alguns é acrescentada):

masculino	*feminino*
cachorr*o*	cachorr*a* (vários significados)
deputad*o*	deputad*a*
elefant*e*	elefant*a* (antigamente, *elefoa*)
gigante	gigant*a*
juiz	juíz*a*
menin*o*	menin*a*
monge	mon*ja*
parente	parent*a*
soberan*o*	soberan*a*
zagal	zagal*a*

2.ª — Outros substantivos sofrem alterações no radical antes de receberem a desinência feminina, ou, ainda, vão para o feminino com desinência especial:

masculino	*feminino*
abade	abadêssa
avô	avó
conde	condêssa
duque	duquesa
frade	freira
herói	heroína
ladrão	ladra
marquês	marquesa
papa	papisa
pardal	pardoca, pardaloca, pardaleja
perdigão	perdiz
poeta	poetisa
príncipe	princesa
profeta	profetisa
rei	rainha
réu	ré
sacerdote	sacerdotisa
varão	virago

3.ª — Certos substantivos têm o feminino inteiramente diverso do masculino:

masculino	*feminino*
bode	cabra
cão	cadela
carneiro	ovelha
cavalo	égua
compadre	comadre
genro	nora
homem	mulher

padrasto	madrasta
pai	mãe
zângão	abelha

207 — Observe-se a existência de substantivos com duas formas, uma masculina e outra feminina, que guardam certa analogia de sentido, nuns muito próxima (alguns são até sinônimos: *chinelo*, *chinela*) e noutros mais afastada:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
banheiro	banheira	caldo	calda
barco	barca	cano	cana
casco	casca	modo	moda
cêrco	cêrca	pôrto	porta
cinto	cinta	ramo	rama
fôsso	fossa	saco	saca
jarro	jarra	trilho	trilha

208 — Noutros substantivos há apenas aparência de flexão de gênero; são palavras de etimologia e significação diferentes:

mico (espécie de macaco) — *mica* (lâmina de brilho metálico).
cão (animal: lat. *canem*) — *cã* (cabelo branco; lat. *canus, a, um*). Este substantivo sempre se usa no plural.

Outros exemplos: *caso, casa; prato, prata* etc.

209 — Tratando-se de substantivos compostos, o gênero é dado de acôrdo com a idéia que se quer fazer ressaltar; *carta-bilhete* é do gênero feminino, porque a idéia principal é dada pelo elemento *carta*, sendo *bilhete* apenas um especificativo: *A carta em forma de bilhete.* Nesses casos o elemento principal costuma vir em primeiro lugar, tornando-se fácil, conseguintemente, a determinação do gênero do composto: *o papel-moeda, a moeda-papel.*

QUESTIONÁRIO

1 — De quantas maneiras pode flexionar-se o substantivo? Quais são elas?
2 — Que diz da *flexão de caso?*
3 — Que se entende em português quando se diz que determinada palavra exerce função de *acusativo?*
4 — Que vem a ser caso *lexicogênico?*
5 — Quanto ao gênero, como pode ser o substantivo?
6 — Porque a língua latina se chama *sintética* e as neolatinas *analíticas?*
7 — Discorra sôbre o *gênero neutro*. Há resquícios dêsse gênero em português?
8 — Qual o critério seguido pelo português e pelas línguas neolatinas para determinar o gênero das palavras que designam sêres inanimados?
9 — *Dó* é palavra *masculina* ou *feminina?* Por quê? Tenho *muito dó* — ou — tenho *muita dó* de fulano?
10 — *Ilhó* (furo por onde passa um cordão, atacador, fita etc.) de que gênero é?
11 — Qual o gênero de *cal?* Cal *misturada* com areia — ou — cal *misturado* com areia?

12 — *Um* ilustre personagem — ou — *uma* ilustre personagem? Por quê?
13 — Dois *gramas* ou duas *gramas*? Um *telefonema* ou uma *telefonema*? Por quê?
14 — *S. Paulo* (capital) é *populoso* ou *populosa*? Por quê?
15 — Que entende por *particularidades genéricas*?
16 — Que são substantivos *epicenos*?
17 — Como discriminar o gênero dêsses substantivos?
18 — Que espécie de substantivos compreendem os *epicenos*?
19 — Qual a diferença entre substantivos *epicenos* e *comuns de dois*? (Estude bem o § 202).
20 — O substantivo *soprano* é epiceno ou comum de dois?
21 — Três exemplos, que não constem na lição, de substantivos *comuns de dois*.
22 — Que é substantivo *sobrecomum*?
23 — Com relação ao gênero, que diz do substantivo *lente*?
24 — De quantas maneiras se pode obter o feminino dos substantivos? Discorrer, com exemplos, sôbre cada caso.
25 — Qual o feminino de *juiz*, *parente*, *elefante* e *deputado*?
26 — Qual o feminino de *ladrão*, *varão*, *réu* e *perdigão*?
27 — Que diz dos substantivos *saco* e *saca*?
28 — Que diz dos substantivos *cão* e *cã*? É capaz de citar outros exemplos?
29 — Qual o gênero de *rosa-cravo*? Por quê?

CAPÍTULO XI

FLEXÃO NUMÉRICA

212 — Os substantivos, tal qual se encontram nos dicionários, indicam um só elemento, uma única unidade, ou seja, encontram-se sempre na forma *singular*. Se tivermos necessidade de indicar mais de um ser, *flexionaremos numèricamente* o substantivo, e diremos então que o substantivo passou para o *plural*.

Isto de poder o substantivo indicar um ou mais objetos é o que em gramática se chama *número*. **Número gramatical** é, pois, a propriedade que têm os substantivos de indicar um ou mais objetos.

213 — Conclui-se, da explicação supra, haver em português dois números, o **singular** e o **plural**. Exemplos: *casa* (singular), *casas* (plural); *homem* (singular), *homens* (plural).

Nota — Há no grego mais um número, o *dual*, com desinência especial, assim denominado por indicar apenas duas unidades. Êsse número nenhum resquício deixou nem no latim, nem no português:

ἡ βίβλος = o livro	αἱ βίβλοι = os livros	τὼ βίβλω = os *dois* livros.
singular	plural	dual

214 — Dos dois exemplos dados (*casa*, *casas*; *homem*, *homens*), vemos ter constituído o caraterístico do plural o *s* final, observando-se que em *casa* bastou seu simples acréscimo, ao passo que em *homem* houve alteração antes de ser acrescentado o *s*. Estudemos, pois, as regras, condições e alterações necessárias para a indicação do plural dos substantivos.

215 — Os substantivos terminados em *vogal*, quer oral quer nasal, vão para o plural mediante simples acréscimo de um *s:*

singular	*plural*	*singular*	*plural*
caderno	cadernoS	nó	nóS
romã	romãS	pá	páS

Nota — O *s* como lêtra caraterística do plural português é reminiscência do acusativo plural latino, caso que (*lexicogênico*, como sabemos) termina, no plural, em *s*, em tôdas as declinações latinas (*).

(*) V. meu livro *Noções Fundamentais da Língua Latina*, § 121.

216 — Os substantivos terminados em *ão* não passam para o plural de maneira idêntica:

1 — Uns se flexionam mediante simples acréscimo do s, de acôrdo com a primeira regra:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
irmão	irmãos	grão	grãos
cidadão	cidadãos	desvão	desvãos
mão	mãos	corrimão	corrimãos

2 — Outros vão para o plural mudando o *ão* em *ães:*

singular	*plural*	*singular*	*plural*
cão	cães	tabelião	tabeliães
capelão	capelães	pão	pães

3 — Um terceiro grupo passa para o plural mudando o *ão* em *ões:*

singular	*plural*	*singular*	*plural*
canhão	canhões	limão	limões
fração	frações	rincão	rincões

Nota — Diversos substantivos terminados em *ão* possuem dois plurais (***plural duplo***):

singular	*plural*
sacristão	sacristãos, sacristães
guardião	guardiães, guardiões

Outros há que possuem os três plurais (***plural triplo***): *ãos, ães* e *ões:*

singular	*plural*		
vulcão	vulcãos	vulcães	vulcões
pião	piãos	piães	piões

Obss.: 1.ª — A quem possui rudimentos de latim torna-se fácil saber o plural dos nomes terminados em *ão*. Basta confrontar o acusativo plural latino da palavra: o *n* passa a sua *nasalização* para a vogal anterior por meio do til (~), conservando-se inalterada a vogal que vem depois do *n*. Assim, o plural de *pão* é *pães*, por ser *panes* (com *e* depois do *n*) o acusativo plural latino; de *lição* é plural *lições*, por ser *lectiones* (com a terminação *ones*) o plural em latim; de *grão* é *grãos*, por corresponder ao latim *granos* (com *o* depois do *n*):

pã(n)es   liçõ - es   grã(n)os
lectio(n)es

Essa norma se aplica também aos substantivos de plural duplo ou triplo, no caso de querer a pessoa dar preferência a um dos plurais, pois bastará averiguar qual das diversas formas corresponde ao acusativo plural latino. *Vulcão*, por exemplo, tem três plurais, mas o plural *vulcãos* é o que corresponde ao plural latino *vulcAnOs*.

2.ª — Palavras há, no entanto, terminadas em *ão*, que não possuem formas correspondentes em latim: a tendência, em tais casos, é flexioná-las, no plural, em *ões*: *botão*, *botões*; *vagão*, *vagões*.

3.ª — Existem algumas palavras em *ão* que passam para o plural sem obedecer ao plural latino; assim, o plural de *escrivão* é *escrivAEs*, ao passo que em latim é *scribAnOs*; *capitão*, *capitAEs* (lat. *capitAnOs*), por influência do espanhol *capitAnEs*; *tabelião*, *tabeliAEs* (lat. *tabelliOnEs*).

4.ª — Os nomes terminados em *ão átono* (V. § 136) seguem a regra geral: *órgão*, *órgãos*; *sótão*, *sótãos*; *zângão*, *zângãos*.

217 — Os terminados nas nasais *em*, *im*, *om* e *um* põem-se no plural mediante mudança do *m* em *ns*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
armazém	armazéns	som	sons
espadim	espadins	debrum	debruns

218 — Os substantivos terminados na nasal *n* fazem o plural, no Brasil, de acôrdo com a primeira regra:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
líquen	liquens	abdômen	abdomens

Escapam dêsse processo as palavras de cunho erudito: *cânon*, *cânones*. *Germe* e *espécime* devem ser usados de preferência a *gérmen* e *espécimen*, seguindo, para o plural, a regra geral: *germes* e *espécimes*.

Nota — *Líquen* é palavra paroxítona; seu plural, bem como o de *abdômen* é, em Portugal, em *es*: *líquenes*, *abdômenes*.

219 — Os terminados em *al*, *ol* e *ul* vão para o plural mediante troca do *l* por *is*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
pombal	pombais	paiol	paióis
paul	pauis	taful	tafuis

Excetuam-se: 1 — *cal*. Na acepção de substância empregada pelos pedreiros, essa palavra não tem plural; na acepção de *calha*, isto é, de rêgo ou cano por onde escorre água, o plural é *cales*. Note-se, ainda, que o gênero dessa palavra é, sempre, feminino: "*A* cal não está boa".

2 — *mal*, que no plural é *males*.

3 — *cônsul* e seus compostos fazem no plural *cônsules*.

4 — *real* — com a significação da antiga moeda brasileira, tem por plural *réis*; com a significação de moeda espanhola, *reales*; como adjetivo, tem o plural *reais*.

220 — Os terminados em *el*, acentuado ou não, fazem o plural mediante troca do *l* por *is:*

singular	*plural*	*singular*	*plural*
hotel	hotéis	batel	batéis
cível	cíveis	nível	níveis

O substantivo *mel* tem, além de *méis*, o plural irregular *meles*, forma usual em Portugal.

221 — O plural dos substantivos terminados em *il* depende do acento da palavra:

a) Os terminados em *il tônico* fazem o plural em *is*, também tônico:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
funil	funis	barril	barris
cantil	cantis	carril	carris

b) Os terminados em *il átono* fazem o plural em *eis*, também átono:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
projétil	projéteis	réptil	répteis
téxtil (adj.)	téxteis	verosímil	verosímeis

Jamais pronuncie *projetil, reptil, textil;* o acento dessas palavras, no singular e no plural, deve cair sempre no *e*. Quanto a *téxtil*, a pronúncia geral no Brasil é com *e* aberto, ao contrário da que se vê indicada nos dicionários de Portugal, *têxtil*.

222 — Os substantivos terminados em *r* ou *z* passam para o plural mediante simples acréscimo de *es:*

singular	*plural*	*singular*	*plural*
altar	altares	nariz	narizes
bilhar	bilhares	noz	nozes
faquir	faquires	açúcar	açúcares

223 — Os substantivos que no singular terminam em *s* ou *x dúplice* (cs) não se alteram no plural:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
um pires	dois pires	um tórax	dois tórax
um cais	dois cais	um alferes	dois alferes

Excetua-se *deus*, cujo plural é *deuses*, bem como todos os nomes que, errôneamente grafados com *z*, devem terminar, dada a etimologia, em *s*: *mês, meses; cós, coses; gis, gises; luís, luíses; retrós, retroses; rês, reses; ilhós* (que também se escreve *ilhó*), *ilhoses*.

Nota — As palavras terminadas em *x* com som de *s* (V. § 83, 5) vão para o plural mediante troca do *x* por *ces*: index (índes), *índices*; *cálix, cálices*; *apêndix, apêndices*.

Tais nomes, mesmo no singular, já se grafam, de preferência, com *ce* final: *índice, cálice, apêndice*.

224 — É regra geral que as palavras, no se flexionarem numèricamente, conservam o acento do singular. Algumas, porém, terminadas em *r*, cujo plural se faz mediante acréscimo de *es* (terminação proveniente do acusativo plural da terceira declinação latina), oferecem certa dificuldade. Mas é preciso notar: Assim como a flexão plural *es* é latina, da mesma forma o acento do plural obedece às regras de prosódia do latim mais que às regras da prosódia portuguêsa. Essa é a razão por que, ao lado de *cadáveres, éteres*, existem outros plurais que merecem ser estudados isoladamente, sempre com vistas para o latim (os acentos que aparecem em algumas de tais palavras visam a evidenciar com clareza a sílaba tônica):

Caráter — plural: *caractéres*.

Uréter — cada um dos dois canais que conduzem a urina dos rins para a bexiga; plural: *uretéres*.

Catéter — sonda que se aplica à bexiga na extração de cálculos; plural: *catetéres*.

Estáter — moeda judaica de prata; plural: *estatéres*.

Masséter — músculo da face; plural: *masseléres*.

Esfíncter — nome de diversos músculos, sujeitos à vontade, ductos, canais ou aberturas naturais do corpo; plural: *esfinctéres*.

O acento dos plurais acima condiz inteiramente com o acento latino dessas palavras.

Sóror — plural: *sorores*: acentuação seguramente fundada no latim.

Lúcifer — *luciferes*: mudança forçada da sílaba tônica, já por não haver em português palavras com acento na quartúltima sílaba, já por ser etimològicamente breve a penúltima.

As duas palavras seguintes seguem a regra geral:

Táler — moeda alemã; plural: *táleres*.

Nenúfar — gênero de plantas aquáticas; plural: *nenúfares*.

Dois plurais merecem menção especial:

Víveres — mantimentos; proparoxítono, pelo francês *vivres*.

Quaisquer, plural de *qualquer*. Fenômeno semelhante se opera com *gentil-homem* que, além da flexão terminal, sofre flexão no primeiro elemento: *gentis-homens* (gentís-ómens).

PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

225 — Parece, a princípio, para quem lê uma gramática, serem muitas e difíceis as regras a que obedece o plural dos *substantivos compostos* (§ 176). Mas, após reflexão, notaremos serem elas muito fáceis, porquanto se baseiam na flexibilidade dos componentes dêsses substantivos, de tal maneira que, resumidamente, poderemos dizer:

1.º) Só o segundo elemento do composto varia, quando apenas êle fôr variável.

2.º) Variam os dois elementos, quando ambos forem variáveis.

3.º) Não varia nenhum dêles, quando nenhum dêles fôr variável.

É isso coisa facílima e ao alcance de todos. Limitar-me-ei a explanar o que acima ficou dito formulando exemplos e dando explicações do plural de certos compostos.

226 — PRIMEIRA REGRA: Apenas o último elemento vai para o plural, sempre que o primeiro fôr ou *invariável* ou *apocopado* ou *justaposto*.

1.º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é INVARIÁVEL.**

Vimos no § 162 quais as classes de palavras invariáveis. Note-se bem que, para o presente caso, entram também nessa classe os *verbos*, *sempre que constituam o primeiro elemento* do substantivo composto. A razão disso é clara, visto só se flexionarem os verbos quando funcionam como tais na oração; na formação dos substantivos compostos os verbos perdem, para efeito flexional, o caráter verbal. O mesmo se diga, neste particular, quanto aos pronomes.

Quer isso dizer que sòmente o segundo elemento é que é verdadeiramente constituído por substantivo, seguindo êste as regras já estudadas de flexão numérica.

EXEMPLOS:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
guarda-chuva	guarda-chuvas	ave-maria	ave-marias
guardanapo	guardanapos	bentevi	bentevis
porta-bandeira	porta-bandeiras	vice-rei	vice-reis

Notas: 1.ª — O primeiro elemento do composto *ave-maria* é também, etimològicamente, verbo (lat. *avere* = saudar, dar os bons dias, *ave* = salve); essa é a razão do plural *ave-marias*.

2.ª — Os compostos que têm o último elemento constituído por verbo flexionam-se a exemplo de *bentevi*, *bentevis*, como se fôssem vocábulos simples.

singular	*plural*	*singular*	*plural*
luze-luze	luze-luzes	vaivém	vaivéns
malmequer	malmequeres	corre-corre	corre-corres
ruge-ruge	ruge-ruges	troca-troca	troca-trocas
		fogo-apagou	fogo-apagous

Excetuam-se *ganha-perde* e *leva-traz*, que no plural não se flexionam: *os ganha-perde*, *os leva-traz*.

3.ª — À semelhança dos exemplos da nota precedente, também os substantivos compostos de palavras repetidas só recebem flexão no último elemento:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
lufalufa	lufalufas	lengalenga	lengalengas

É exceção dêste caso o composto *zum-zum*, que no plural faz *zuns-zuns*, devendo-se de preferência grafar *zunzum* (sing.) e *zunzuns* (plural).

Obss.: 1.ª — Como podemos fàcilmente observar, em alguns dos substantivos compostos o uso separa os elementos mediante o *hífen* (§ 139), deixando de colocá-lo em outros. Cumpre observar que o emprêgo de tal sinal constitui atualmente verdadeiro abuso na formação dos compostos, mormente em palavras novas e de cunho erudito. De acôrdo com a tradição da língua, é êsse sinal, em grande parte de casos, inteiramente inútil, *tornando-se-nos mais acertado eliminá-lo.*

Pela ortografia atual, "separar-se-ão com hífen os vocábulos compostos cujos elementos conservem a sua independência fonética: *porta-voz*, *guarda-pó*, *contra-almirante*". — Acontece, porém, que logo a seguir o dispositivo ortográfico traz a seguinte **nota**: "Não raro o uso reúne, sem o hífen, os elementos dos compostos: *clarabóia*, *parapeito*, *malmequer*, *malferido*".

Vê-se que a balbúrdia do hífen continua a mesma, porquanto a "nota" desfaz o imperativo da regra, baseando-se no "uso", que neste ponto é falho e contraditório.

O que eu posso assegurar é que o hífen não deve aparecer quando o vocábulo é composto por prefixação, isto é, quando se antepõe a uma palavra já existente uma preposição ou partícula para formar outra palavra de que necessitamos.

Quem escreve *sub-prefeito* deveria, para maior gáudio do leitor, escrever *sub-pre-feito*, pois tanto é prefixo *sub* quanto *pre*. Êste se une e aquêle não, por quê? Não será pelo fato de coexistirem dois prefixos, pois que se tornariam imperiosas formas como *in-procedente* e *re-produção*.

É interessante ver, num mesmo período, o composto *supra-sensível*, com os elementos separados pelo hífen, e, logo a seguir, *insensível*, modestamente, sem nenhum enfeite.

Se em *antecedente*, *antemuro*, *anteface* não há hífen, tampouco deverá havê-lo em *ante-projeto*, *ante-nupcial*, *ante-ontem* etc. Grafêmos *anteprojeto*, *antenupcial*, *anteontem*, que o faremos mais portuguêsmente. *Subproduto*, *superprodução*, *prejurídico*, *propigmentação*, *suprarrenal*, *postoperatório* são formas que sòmente assim se poderão escrever, coerente e vernàculamente, ao lado de *submeter*, *superfície*, *autonomia*, *preleção*, *suprassenso*, sempre sem hífen, uma vez que são compostos por prefixação.

2.ª — Aqui enxerto uma passagem de Cândido de Figueiredo, autor português que doutrinava com dados práticos e pessoais, tornando-se autoritário mas interessante em certos ensinamentos. Escreveu-lhe certa pessoa, estranhando o plural *guarda-portões*; dizia ela:

— "*Guarda*, pessoa que guarda, tem plural (*o guarda*, *os guardas*); por que o não há de ter nesse composto?"

— Principalmente, responde C. de F., porque ali não entra o substantivo *guarda*, mas sim o verbo *guardar*, como em *porta-machado*, *porta-voz* não entra o substantivo *porta*, mas o verbo *portar*.

— "Mas se forem *vários guardas* de um só portão?"
— Sempre *guarda-portões* (homens que *guardam* portão ou portões).
— "E se forem guardas de vários portões?"
— Idem: sempre *guarda-portões*, como os *guarda-fatos*, os *guarda-fios*, os *guarda-jóias*, os *porta-machados*, os *pinta-monos*, os *troca-tintas*.

3.ª — O plural de *guarda-marinha* tem originado dúvidas e divergências entre gramáticos. Nesse composto, o elemento *marinha* não é adjetivo, mas substantivo, e *guarda* é do verbo *guardar;* conseguintemente, o plural obedece à mesma regra a que está sujeito *guarda-portão*, ou seja, deve ser *guarda-marinhas*.

Há gramáticos que preferem o plural *guardas-marinha*, dizendo que houve supressão da preposição *de: guardas de marinha;* êsse raciocínio é, porém, falho, porquanto viria justificar plurais como *guardas-portão* (guardas *de* portão), o que evidentemente constitui êrro; seja como fôr, se o *de* caiu, "é mais lógico atribuir-lhe plural de acôrdo com a estrutura de hoje: *os guarda-marinhas*".

O vocabulário da Academia, de 1943, oferece o plural *guardas-marinhas*, que não podemos aceitar: *guarda* é aí verbo e não substantivo. Compare-se com o composto *guarda-barreira*, cujo plural é *guarda-barreiras*.

4.ª — É necessário aceitar que o emprêgo, nos compostos, do elemento *pára* em vez de *guarda* constitui galicismo: *guarda-lama*, *guarda-brisa* e *guarda-quedas* são formas que deveriam ser usadas em lugar de *pára-lama*, *pára-brisa*, *pára-quedas*. É verdade que todos dizem *pára-raios*, mas é incontestável que *guarda-raios* seria a forma preferível.

5.ª — Certos compostos cujo primeiro elemento é a palavra *guarda* vão para o plural com a flexão de ambos os elementos. Tal se dá quando a palavra *guarda* é *substantivo* e o segundo elemento é *ADJETIVO: guardas-campestres*, *guardas-civis*, *guardas-fiscais*, *guardas-florestais*, *guardas-maiores* (senhoras que guardavam as damas do paço), *guardas-menores* (empregados inferiores dos tribunais da Relação), *guardas-mores*, *guardas-municipais*, *guardas-nacionais*, *guardas-nobres*, *guardas-noturnos*, *guardas-reais*, *guardas-republicanos*.

6.ª — Há certos compostos de *guarda* que, ainda no singular, trazem o segundo elemento pluralizado; tanto no singular como no plural, as formas dos seguintes nomes são: *guarda-cadeiras*, *guarda-calhas*, *guarda-chaves* (o que abre e fecha as portas da cadeia, carcereiro), *guarda-costas*, *guarda-damas* (escudeiro que acompanhava damas), *guarda-fechos* (peça de espingarda), *guarda-fios* (que no singular também se diz *guarda-fio*), *guarda-jóias*, *guarda-livros* (e não *guarda-livro*), *guarda-móveis*, *guarda-pratas*, *guarda-quedas* (forma preferível a *pára-quedas*), *guarda-raios* (preferível a *pára-raios*), *guarda-selos* (chanceler-mor), *guarda-vassouras*, *guarda-vestidos*.

2.º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é APOCOPADO.**

Quando, num composto, o primeiro elemento é apocopado (§ 113, C), êste não se flexiona, indo para o plural apenas o segundo componente:

singular	*plural*
pern(a)alta	pernaltas
grand(e)-almirante	grand-almirantes
grand(e)-oficial	grand-oficiais
plan(o)alto	planaltos
grão-mestre	grão-mestres
sant(o)elmo	santelmos

3.º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é JUSTAPOSTO sem hífen.**

Note-se que *justaposição* vem a ser a reunião de duas palavras para expressar um só objeto ou idéia, conservando ambos os elementos a sua integridade gráfica e prosódica; p. ex.: *pontapé*, *claraboia*, *varapau*.

De acôrdo com a definição que dei de *justaposição*, a palavra *couve-flor* é também composta por justaposição; é, de fato, mas só nos interessam no momento os justapostos que se escrevem *sem hífen*, isto é, os compostos perfeitos. Pois bem, nos justapostos que se escrevem sem hífen só o último elemento vai para o plural:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
montepio	montepios	cantochão	cantochãos
terrapleno	terraplenos	lugartenente	lugartenentes

227 — SEGUNDA REGRA: Vão os dois elementos para o plural quando ambos são variáveis e separados por hífen:

singular	*plural*
banho-maria	banhos-marias
caneta-tinteiro	canetas-tinteiros
capitão-mor	capitães-mores
couve-flor	couves-flôres
mestre-sala	mestres-salas
obra-prima	obras-primas
porco-espinho	porcos-espinhos
quinta-feira	quintas-feiras
redator-chefe	redatores-chefes
tenente-coronel	tenentes-coronéis
vagão-tanque	vagões-tanques

Exceções: *a*) Não varia o segundo elemento quando êste encerra idéia de *finalidade*:

singular	*plural*
escola-modêlo (para modêlo)	escolas-modêlo
café-concêrto (para concêrto)	cafés-concêrto
navio-escola (para escola)	navios-escola

Notas: 1.ª — O plural de *chá-dançante* é *chás-dançantes*; vai para o plural o primeiro elemento por ser variável, e o segundo por ser adjetivo. O mesmo se dá com *fator-ambiente*, cujo plural é *fatôres-ambientes*.

2.ª — Isto de encerrar o segundo elemento de um substantivo composto idéia de finalidade é assunto mais ou menos delicado e quase sempre inseguro. Por que o plural de *mestre-sala* é *mestres-salas*, e o de *navio-escola*, *navios-escola*? Muito bem chama Vasco Botelho de Amaral tais compostos de "espúrios" e, a meu ver, o plural deveria trazer os dois elementos flexionados: *escolas-modelos*, *cafés-concertos*, *navios-escolas*, *pombos-correios*, *carros-correios*.

b) Só varia o segundo elemento de certos compostos de cunho estrangeiro:

singular	*plural*
glória-patri	glória-patris
padre-nosso	padre-nossos
salvo-conduto	salvo-condutos

Note-se que o plural de *mapa-mundi* é *mapas-mundi.*

228 — TERCEIRA REGRA: Não se flexionará nenhum dos elementos, quando forem ambos invariáveis ou quando o último já estiver no plural:

singular	*plural*
um quebra-nozes	dois quebra-nozes
um bota-fora	dois bota-fora
um saca-rôlhas	dois saca-rôlhas

229 — QUARTA REGRA: Só o primeiro elemesto irá para o plural, quando estiver unido ao segundo pela preposição *de:*

singular	*plural*
pão-de-ló	pães-de-ló
ôlho-de-cabra	olhos-de-cabra
coração-de-boi	corações-de-boi
chefe-de-seção	chefes-de-seção

PARTICULARIDADES

230 — O que se passa com o *gênero*, passa-se, igualmente, com o *número* dos substantivos. Certos substantivos sofrem, no passar para o plural, modificações ora gráficas, ora prosódicas, ora de significação; estas e outras particularidades iremos agora estudar.

231 — SUBSTANTIVOS QUE SÓ SE EMPREGAM NO SINGULAR

1 — Os substantivos que, em vez de designarem indivíduos, designam *massa:*

o ouro, a prata, o ferro, o oxigênio.

Palavras como essas sòmente são suscetíveis do número plural quando empregadas em *sentido figurado*, ou quando designam *partes, divisões, espécies* da massa:

Não tenho *níqueis* nem *pratas* (moedas). Acabaram-se os *fósforos* (palitos de fósforo). O navio levantou *ferros* (âncoras).

2 — Os substantivos designativos de *produtos vegetais* e *animais*:

o feijão, o arroz, a cana, o açúcar, o mel, o leite.

Quando se trata não do todo, da substância do produto, mas das suas *qualidades* ou *espécies*, ou quando são êsses substantivos empregados em *sentido figurado*, admite-se, então, o plural: "Os *vinhos* portuguêses são afamados" — "Há em S. Paulo muitos *cafés*" (= estabelecimentos) — "Produzamos *cafés* finos" (= tipos de café) — "Quero dois *cafés*" (= xícaras de café).

Nota — Observe-se a diferença entre *comi laranjas, bebi vinhos, derramei tintas* e *comi laranja, bebi vinho, derramei tinta*; no primeiro caso designamos as espécies (comi laranjas de várias espécies) e no segundo, o gênero.

3 — Os substantivos que exprimem *noções abstratas, virtudes* e *vícios*:

a preguiça, a sensatez, a caridade, a ociosidade.

Quando essas palavras deixam o seu significado próprio para indicar a *prática*, os *atos* da virtude ou vício, são então flexíveis: Devemos fazer *caridades* e evitar *malvadezas*.

É interessante notar, neste particular, a diferença de sentido que implica o plural, o qual traz até, não poucas vêzes, sentido pejorativo à expressão:

franqueza	franquezas	(atrevimento)
confiança	confianças	(liberdades)
graça	graças	(chistes de mau gôsto)
leviandade	leviandades	(atos de leviandade)
vaidade	vaidades	(atos de vaidade)
caridade	caridades	(atos de caridade)
fraqueza	fraquezas	(misérias, baixezas)
liberdade	liberdades	(atrevimento)

Ainda sem designar virtudes nem vícios, palavras há que no plural assumem outra significação:

o bem (o que é bom)	os bens (propriedades)
a honra (estima)	as honras (cargos, dignidades)
o zêlo (esmêro)	os zelos (ciúmes)

4 — Os substantivos designativos de *artes, ciências, sistemas religiosos, filosóficos* ou *políticos:*

a lógica, a teodicéia, a filosofia, o budismo, o comunismo, o fascismo (pronuncie *fa-ssis-mo*), *o materialismo.*

Em orações como: "Tenho muitas *físicas* e diversas *filosofias*" — as palavras *física* e *filosofia*, tal qual nas observações dos casos anteriores, estão empregadas em sentido figurado: podem, pois, flexionar-se em número. Êsses plurais significam *tratados, obras* de diversos autores, sôbre física, sôbre filosofia.

5 — Quando substantivada, uma palavra pertencente a qualquer classe flexiona-se normalmente: "Sem *senões* nem *talvezes*" — "Ouvimos os *prós* e os *contras*" — "*Sins* e *nãos* foram ouvidos a um só tempo" — "Os *setes* e os *noves* do baralho estão marcados" — "*Ais* lancinantes se ouviam".

Dois, três, seis e *dez*, quando substantivados, não admitem flexão para o plural: "Os *dez* do baralho".

232 — SUBSTANTIVOS QUE SÓ SE EMPREGAM NO PLURAL

1 — Os nomes de *famílias* ou *classes de animais* e de *plantas:*

as compostas, as saxifragáceas, os marsupiais.

Nota — Dizendo-se "O girassol é uma *composta*" — tem-se por fim designar um indivíduo da família.

2 — Outros substantivos:

os Alpes
as alpondras
as alvíssaras
os anais
os Andes
as arras
os arredores
os avós (antepassados)
as belas-artes
as bragas
as calendas
as completas (hora canônica)
as efemérides
as endoenças
os esponsais
as exéquias
os fastos (anais)
as fauces
as férias
as fezes
as finanças
as humanidades (estudos generalizados)
os idos
as lêtras (as belas-lêtras)
os manes
as matinas (hora canônica)
as nonas (hora canônica)
as núpcias
os pampas
os penates
os pósteros
os Pireneus
as primícias
os sirtes
os víveres

Obs. — *Parabéns* e *pêsames*, conquanto antigamente fôssem empregados no singular ("Vossa senhoria me dá o *pêsame* dos achaques com que vivo, e juntamente o *parabém* da enfermidade com que hei de morrer" — VIEIRA), hoje só se empregam no plural.

Notas: 1.ª — Outros substantivos há que, não obstante virem na forma plural, conservam o valor singular: *Amazonas, Atenas, Buenos Aires, Burgos.*

O substantivo *Estados Unidos* tem forma e valor plural: "Os Estados Unidos *formam, constituem, são...*" e não: "Os Estados Unidos *forma, constitui, é...*"

2.ª — Certos substantivos existem que se usam no plural, por implicarem idéia de mais de uma parte: *alforjes, luvas, algemas, ventas, óculos, andas, bofes.*

Em Portugal o mesmo fenômeno se opera com *as ceroulas, as calças* e *as tesouras.*

Êsses substantivos nos fazem lembrar o *dual* grego (§ 213, nota).

233 — PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS

Em regra, isto é, pelos caraterísticos que os acompanham, os nomes próprios não deveriam flexionar-se; entretanto, aplicados como simples nomes comuns, para designar ora homens de qualidades semelhantes, ora pessoas da mesma família, perdem o caráter de nomes próprios, e podem, então, flexionar-se:

os Cíceros, os Aristóteles, os Andradas, os Prados.

Nota — Neste caso, a não flexão dos nomes próprios constitui *galicismo*, ou melhor, *galicismo arcaico*, porque o próprio francês já vai introduzindo o plural dos nomes próprios.

Vêzes há, no entanto, em português, em que o plural se torna impossível, ou pela difícil flexão, ou pela deformação da palavra, ou por ser o nome de cunho nitidamente estrangeiro: *os Val, os Wilson, os Clemenceau, os Goncourt.*

234 — OUTRAS PARTICULARIDADES

1 — Assim como o acento do plural deve ser idêntico ao do singular (§ 224), da mesma maneira as vogais devem ter no plural o mesmo som que têm no singular:

cachôrro	cachôrros	encôsto	encôstos
gôsto	gôstos	desgôsto	desgôstos
colôsso	colôssos		

Nota — Aqui, como em outros lugares, estou colocando o sinal diacrítico sòmente para indicar a pronúncia, visto que na escrita corrente nem tôdas essas palavras são acentuadas.

Todavia, certas palavras existem em que o *o* da sílaba tônica, fechado no singular, passa a soar aberto no plural:

abrôlho	despôjo	fôsso	poço	tijolo
cachopo	destrôço	globo	porco	tôco
caroço	escolho	impôsto	pôrto	tojo
chôco	esfôrço	jôgo	pôsto	tôrno
corno	fogo	miolo	povo	tremôço
côro	forno	ôlho	renôvo	trôço
corpo	fôro	osso	rôgo	trôco
corvo	fôrro (*)	ôvo	socorro	

Todos os vocábulos compreendidos nesta regra, quer constituam exceções quer não, encontram-se em meu livro "Ortografia Oficial", com indicação da pronúncia do singular e do plural.

Note-se que em Portugal os substantivos *almôço* e *pescoço* fazem no plural *almóços* e *pescóços*.

Obss. 1.ª — Quando tais nomes têm o feminino aberto (o pôrco, a *pórca*), o plural do masculino pronuncia-se também com *o* aberto:

pôrco	p*ó*rca	p*ó*rcos	chôco	ch*ó*ca	ch*ó*cos
fôsso	f*ó*ssa	f*ó*ssos	pôço	p*ó*ça	p*ó*ços

Todavia, *sogro* e *tôldo* fazem no plural *sôgros* e *tôldos*, não obstante ser o feminino com *o* aberto (a s*ó*gra, a t*ó*lda).

2.ª — Com segurança podemos formular esta regra: Os substantivos *femininos* conservam no plural o mesmo som, *aberto* ou *fechado*, do singular:

arrôba	—	arrôbas	peróba	—	perόbas
bôlha	—	bôlhas	rôlha	—	rôlhas
cebôla	—	cebôlas	róda	—	ródas
cóta	—	cótas	senhóra	—	senhóras (§ 258, n. 1)
escôda	—	escôdas	sôpa	—	sôpas
espôsa	—	espôsas	sóva	—	sóvas
fôlha	—	fôlhas	tóda (ave)	—	tódas
móda	—	módas			

Essa é a razão por que o plural de *bôda* (celebração de casamento, noivado) é, indiscutìvelmente, *bôdas* (no plural, a palavra significa festa de aniversário de casamento, de ordenação sacerdotal etc.).

2 — O plural dos diminutivos em *zinho* e *zito* opera-se acrescentando-se *zinhos* e *zitos* ao plural do substantivo primitivo, tirando-se o s do plural do normal.

singular	*plural*
pãozinho	pãe(s)zinhos
carretelzito	carretèi(s)zitos
coraçãozinho	coraçõe(s)zinhos
florzinha	flore(s)zinhas

(*) Guarnição interna.

3 — As palavras estrangeiras, usadas em nossa língua, devem adaptar-se, o quanto possível e o permitir o uso, à forma gráfica portuguêsa; uma vez consolidado o aportuguesamento gráfico do estrangeirismo, fácil será flexionar-se numèricamente:

singular	*plural*
bife (inglês *beef*)	bifes
bonde (ingl. *bond*)	bondes
cicerone	cicerones (it. *ciceroni*)
clube (ingl. *club*)	clubes
diletante	diletantes (it. *dilettanti*)
espíquer (ingl. *speaker*)	espíqueres
lanche (ingl. *lunch*)	lanches
líder (ingl. *leader*)	líderes
repórter	repórteres (ingl. *reporters*)
revólver	revólveres (ingl. *revolvers*)
trâmuei (ingl. *tramway*)	trâmueis
vagão (ingl. *waggon*)	vagões

4 — Alguns substantivos há, provindos do latim, que nenhuma alteração gráfica sofreram no passar à nossa língua. Entre outros, temos *álbum*, *ultimatum*, *post-scriptum*, *desideratum*, *te-deum* etc. Embora escritas na forma latina, essas palavras se arraigaram de tal maneira em nosso idioma, que hoje são consideradas de todo portuguêsas; sem saber o que seja latim, qualquer criança sabe o que é *álbum*, e qualquer caboclo nosso, o significado de *memorandum*. Assentado isto, um único plural resta a essas palavras, de acôrdo com as nossas regras (§ 217): *álbuns*, *ultimatuns*, *post-scriptuns*, *veredictuns*, *desideratuns*, *te-deuns*.

Note-se que há a tendência de vernaculizar a grafia de semelhantes palavras: *memorando*, *ultimato*, *veredito*, *tedéu*.

5 — Temos, em último lugar, o plural de palavras gràficamente inadaptáveis ao português, como *shilling*, *penny*, *lady*, *deficit* etc.; destas palavras, umas vão para o plural mediante simples acréscimo de *s*, modificando-se outras, no plural, de acôrdo com as leis da língua a que elas pertencem:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
deficit	deficits	penny	pence
habitat	habitats	shilling	shillings
lady	ladies	superavit	superavits
meeting	meetings		

Notas: 1.ª — Um vocábulo árabe existe em nossa língua, *álcool*, cuja pronúncia deveria ser, de acôrdo com o étimo, *alcóol*, paroxítono, mas não é assim pronunciado, senão proparoxìtonamente, *álcool*. No plural, conquanto seja irregular a deslocação do acento, é *alcoóis*, com acento no segundo o, a semelhança de *lençóis*, *anzóis*, *caracóis*.

A palavra será, assim, no singular, *álcool*, e no plural, *alcoóis*.

2.ª — Uma curiosidade nos apresentam as expressões *pater famílias, filho famílias, mater famílias, filha famílias*, em que o elemento *famílias* corresponde ao antigo genitivo singular da 1.ª declinação latina, significando essas expressões: *pai de família, filho de família, mãe de família, filha de família*. Tais expressões são geralmente empregadas no singular; caso se necessite pô-las no plural, deve-se aportuguesar o primeiro elemento: *pais famílias, mães famílias*.

3.ª — *Gol*, do inglês *goal*, tem o plural à inglêsa: *gols*.

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *número gramatical*?

2 — Quantos e quais são os *números gramaticais*? Exemplos.

3 — Existe em português *número dual*?

4 — Que caracteriza o plural português? Por quê?

5 — Os nomes terminados em *ão* passam para o plural de igual maneira? — Resposta completa e com exemplos.

6 — Por que o plural de *grão* termina em *ãos*, o de *pão* em *ães* e o de *lição* em *ões*?

7 — Qual o plural de *cidadão, vilão, corrimão, tabelião* e *limão*?

8 — Os substantivos terminados em *n* como vão para o plural? (V. *todo* o § 218).

9 — Qual o significado de *cânon*? No plural, como se escreve e como se acentua essa palavra?

10 — Qual o plural de *cal*? De que gênero é essa palavra?

11 — Qual o plural de *real*?

12 — Qual o plural de *réptil*? Por quê?

13 — Qual o plural de *caráter, sóror* e *Lúcifer*? (Lembre-se de que *caráter* no plural tem *c* antes do *t*).

14 — Corrija esta oração: "Diga umas coisas qualquer àqueles gentilhomens".

15 — Dê e justifique o plural dos seguintes substantivos: *papa-vento, guarda-portão, vice-rei, bentevi, ave-maria* e *salve-rainha*.

16 — *Vaivém* e *ruge-ruge* como se flexionam no plural? Por quê?

17 — Qual é o plural de "o ganha-perde"?

18 — *Lenga-lenga* e *zum-zum* como se flexionam numèricamente?

19 — Que diz da grafia *sub-delegado*?

20 — Qual o plural de *guarda-marinha* e qual o singular de *guarda-livros*?

21 — Qual o plural de *aguardente* e *grand-oficial*? Por quê?

22 — Qual o plural de *lugartenente*? Por quê?

23 — Qual o plural de *couve-flor, banho-maria* e *segunda-feira*? Por quê?

24 — Ponha no plural os substantivos *café-concêrto, chá-dançante, padre-nosso, salvo-conduto* e *mapa-mundi*.

25 — *Saca-rôlhas* a que gênero pertence? Dê e explique o plural.

26 — Qual o plural dos substantivos *bôca-de-leão* e *perna-de-pau*?

27 — Estão corretos êstes plurais: "*20 convites-circulares*" — "*2 cartões-convites*"? (Saiba distinguir).

28 — Que entende por *particularidades numéricas*?

29 — Qual o plural de *ouro*? Por quê? Outros exemplos.

30 — *Ferro* tem plural? Quando? Outros exemplos.

31 — Qual o plural de *café?* Por quê?

32 — *Caridade* tem plural? Justifique sua resposta, dando e explicando outros exemplos.

33 — *Honras* tem significação idêntica à do singular *honra?*

34 — O plural *lógicas* que diferença apresenta de significado, comparado com o singular?

35 — Que diz do plural de *sete?*

36 — Que significam os vocábulos *efemérides, fastos* e *penates?*

37 — Faça uma oração da qual constitua sujeito o substantivo *Estados Unidos* (Empregue um verbo que não seja *ser*).

38 — Que diz do plural dos nomes próprios?

39 — Corrija: "Perdi *o meu óculos*" — "Comprei *um óculos* muito *bom*".

40 — Qual o plural de *desgôsto* e *caroço?*

41 — Qual o plural de *irmãozinho* e *limãozinho?*

42 — Qual o significado e o plural dos substantivos *cicerone* e *diletante?*

43 — *Post-scriptum, lady, deficit* como se flexionam numèricamente?

44 — Faça uma oração, empregando a locução *pater familias.*

CAPÍTULO XII

FLEXÃO GRADUAL

235 — Com êste capítulo concluiremos o estudo da primeira classe de palavras. Não quer isso dizer que jamais venhamos a falar em **substantivo**; trataremos ainda dêle, mas na sua função sintática, isto é, quanto ao papel que lhe cabe representar na oração; êste estudo constitui objeto da sintaxe; quando, porém, necessário e oportuno, farei considerações sintáticas na própria morfologia, visando com isso ao imediato aproveitamento do aluno, a par de conhecimento mais completo, mais uno e mais prático da questão.

236 — Sabemos ser função do substantivo designar as coisas, as substâncias; ora, o que substancialmente existe pode ter tamanhos diversos; pode ter tamanho normal, comum, como pode ser grande ou pequeno.

Pois bem, possuímos em nosso idioma diversas desinências que, acrescentadas ao radical dos substantivos, podem especificar o tamanho da coisa que êles designam. A esta propriedade do substantivo de indicar as dimensões do ser por êle nomeado dá-se o nome *flexão gradual* ou, simplesmente, *grau dos substantivos*.

237 — Flexionado quanto ao grau, o substantivo pode ser:

aumentativo, quando indica a coisa aumentada em seu tamanho normal: *livrão;*

diminutivo, quando indica a coisa diminuída de seu tamanho natural: *livrinho.*

Outros exemplos:

substantivos	graus	
	aumentativo	*diminutivo*
macaco	macacão	macaquinho
homem	homenzarrão	homenzinho
nariz	narigão	narizinho
muro	muralha	murinho
velho	velhão	velhote

238 — Dos poucos exemplos acima, vemos serem diversas as desinências, terminações ou sufixos graduais, quer aumentativos, quer diminutivos; na verdade, êles são abundantíssimos, tanto para o grau aumentativo

quanto para o diminutivo; aqui ofereço a lista dêles, com exemplos que deverão ser lidos, estudados e quanto possível decorados:

1 — SUFIXOS AUMENTATIVOS

aça barbaça, barcaça, bocaça, pernaça
aço animalaço, balaço, ricaço
alha fornalha, muralha
alhão vagalhão, porcalhão
alho lençalho
ancra bicancra
anha barriganha
anzil corpanzil
ão febrão, buracão
arra bocarra, bandarra
arrão santarrão
asco penhasco
astro medicastro, poetastro
az vilanaz, tolaz, tracalhaz, lobaz
ázio balázio, gatázio, copázio
eira bigodeira, canseira, fogueira
eirão vozeirão
eiro cruzeiro
ório finório
orra patorra, cabeçorra
rão casarão
zão papelzão, mamãozão, pèzão
zarrão homenzarrão, canzarrão

2 — SUFIXOS DIMINUTIVOS

acho populacho, riacho
apo fiapo
cula partícula
culo homúnculo, corpúsculo
ebre casebre
eca soneca
echo folecho
eco livreco
ejo lugarejo, animalejo, papelejo
el cordel, fardel, carretel
ela caixela, lamela, rodela
elo colunelo
elha cravelha
elho folhelho, artiguelho
epo folepo
eta naveta, caixeta
ete bailete, cunhete
eto coreto, folheto
ica pelica, pelotica
icho governicho, coelhicho
ico burrico, namorico
il covil, cabanil
ilha presilha, espadilha, pontilha, flotilha
ilho folilho, fundilho, quartilho
ilo codicilo
im espadim, bolsim, hastim
inha mesinha, cartinha
inho livrinho, caderninho
ino Antonino, maestrino
ipo folipo
isco pedrisco, lambisco
ita Pedrita, cabrita
ito palito, mosquito
oila moçoila
ola sacola, casola, rapazola
olo bolinholo
oque cavalicoque
ota bolota, aldeota, Maricota
ote caixote, fidalgote, serrote
oto leiroto, perdigoto
ucho papelucho
ula célula, fórmula
ulo glóbulo, módulo, nódulo
zinha mãezinha, mãozinha
zinho irmãozinho, tatuzinho

Nota — Deve o aluno estudioso aproveitar-se de tôdas as ocasiões que possam enriquecer-lhe o vocabulário, procurando no dicionário o significado de palavras desconhecidas.

239 — Os sufixos graduais mais comuns em português são *ão*, para o aumentativo, e *inho*, para o diminutivo, correspondentes às formas latinas *onem* e *inum*. A êsses sufixos acrescentou-se, depois, a consoante de

ligação *z*. Eruditamente, ouve-se dizer *papelão* e *papelinho*, sendo popularmente mais difundidas as formas *papelzão* e *papelzinho*. Note-se que, com os oxítonos terminados em vogal, oral ou nasal, sempre se emprega a forma *zinho*, e o mesmo se dá com o maior número dos proparoxítonos:

pá — pàzinha	filó — filòzinho
limão — limãozinho	lâmpada — lâmpadazinha

Obs. — É interessante notar a preferência que dão no norte ao sufixo *zinho*; as próprias palavras paroxítonas, às quais, no sul, acrescentam o sufixo *inho* (cidadinha, caderninho, cachorrinho), no norte as fazem terminar, no diminutivo, em *zinho*: "Recife é uma *cidadezinha pequeninazinha* mas *interessantezinho*".

240 — É fácil ver a abundância de sufixos graduais existentes em nossa língua; empregamo-los também com os adjetivos, notando-se que, neste caso, a forma aumentativa traz, muitas vêzes, sentido pejorativo, isto é, de desprêzo, de ironia:

bôbo	bobão, bobalhão	bobinho
bonito	bonitão	bonitinho, bonitote
santo	santarrão	santinho

O próprio diminutivo é passível de nova flexão diminutiva:

pequenino — pequeninote — pequenininho
pequerrucho — pequerruchinho
pequetito — pequetitinho

Obss.: 1.ª — Nem sempre o diminutivo implica diminuição no tamanho do ser; muito freqüentemente o seu emprêgo denota carinho: *paizinho, mãezinha, amiguinha*.

2.ª — Na linguagem familiar, o diminutivo se aplica até aos verbos e aos advérbios: *dormindinho, cedinho* (muito cedo), *longinho* (bastante longe), *agorinha* (neste momento).

Tais formas devem ser evitadas, havendo algumas, como *elinho* e *vocezinho* (diminutivos de *êle* e *você*), que são até ridículas, pois os pronomes jamais podem sofrer flexão gradual.

3.ª — No trato doméstico, os nomes próprios têm desinências ou formas especiais diminutivas; recebem o nome de *hipocorísticos* êsses vocábulos familiares ou infantis, sobretudo quando nêles há duplicação de sílaba (*papá, Lili*):

Alexandre — Xandu.
Ana — Aninhas, Anazinha, Naninha, Anita, Anicota, Nicota, Anica, Anoca, Aniquita, Nanoca, Nanàzinha, Naná, Ná.
Aparecida — Cida, Cidinha.
Carlos — Carlito, Calu, Calão.
Carlota — Carlotinha, Lota, Lotinha, Loló, Lolota.
Domingos — Dominguinhos, Minguinho, Mingu.
Evangelina — Vanju.
Fernando — Nandu.
Isabel — Isabelinha, Zabelinha, Belinha, Beloca.
João — Janjão, Jango, Joca, Jangote, Janguta.
Joaquim — Joaquinzinho, Quim, Quinzinho, Quinquim, Quincas, [illegible].

José — Zé, Zèzinho, Zèzito, Zezé, Zezeca, Zeca, Zequinha, Zequita, Juca, Zuza, Zuzu, Cazuza.
Luís — Luisito, Luizinho, Lulu, Lula.
Manuel — Mandu, Manduca.
Maria — Mariazinha, Marieta, Mariquinha, Mariquita, Marica, Maricas, Maricota, Maroca, Cota, Cotinha.
Pedro — Pedrinho, Pedrito, Pedroca, Pedrota, Piroca.

4.ª — A flexão gradual, ao invés de indicar variação de tamanho, pode significar desprêzo, ironia, emprestando à expressão sentido pejorativo: *poetaço, poetastro, tenentaço, mulheraço, mestraço, santarrão, fradalhão, populacho, vulgacho, papelucho.*

5.ª — Nenhuma dificuldade há na flexão genérica das terminações graduais; note-se apenas que o feminino dos aumentativos em *ão* termina em *ona*: *chorão, chorona; valentão, valentona; poltrão, poltrona.*

6.ª — Dá-se com o aumentativo de certos substantivos femininos fenômeno muito curioso: mudança de gênero. *Porta* é substantivo feminino, mas *portão* é masculino; houve certa mudança de sentido, é verdade, mas a mudança de gênero pode ser averiguada em outros casos:

normal	*aumentativo*	*normal*	*aumentativo*
a cabeça	o cabeção	a casa	o casarão
uma figura	um figurão	a máquina	o maquinão
a caixa	o caixão	a caldeira	o caldeirão

7.ª — Observe-se que o feminino de diversas palavras nossas foi tirado do diminutivo, guardando porém a significação normal:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
galo	galinha	cão	cadela

8.ª — Há formas normais em português provindas de diminutivos latinos:

abelha (de *apiculam*, dimin. de *apis*)
ovelha (de *oviculam*, dimin. de *ovis*)
orelha (de *ouriculam*, dimin. de *auris*)
janela (de *januellam*, dimin. de *janua* = porta)

9.ª — Alguns substantivos flexionados em *ão* perderam o valor aumentativo, assumindo significação especial: *florão* (ornato de arquitetura), *portão* (entrada), *caixão* (ataúde), *cascão* (sujidade).

Igualmente, outros há com flexões diminutivas, com significado normal; *tabernáculo* era, entre os hebreus, a *pequena taberna* que guardava as coisas sagradas.

10.ª — Por que o diminutivo de *ave* se escreve com *z* (*avezinha*) e o diminutivo de *aviso* se escreve com *s* (*avisinho*)?

Sempre que o sufixo fôr *zinho*, o diminutivo se grafará com *z*:

ave + zinha — aveZinha
flor + zinha — florZinha
pastel + zinho — pastelZinho
colônia + zinha — colôniaZinha

Se o sufixo fôr simplesmente *inho*, dependerá da forma normal a grafia: *avisinho* escreve-se com *s*, porque *aviSo* se escreve com essa lêtra; *narizinho* escreve-se com *z*, porque é com *z* que se escreve *nariZ*. Outros exemplos:

aSinha — aS(a) + inha
caSinha — caS(a) + inha
raSinho — raS(o) + inho
braSinha — braS(a) + inha
raiZinha — raiZ + inha

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *grau dos substantivos?* (V. a parte final do § 236).
2 — Quantos e quais são os graus dos substantivos? Exemplos.
3 — Qual o diminutivo de *pé, irmã* e *vintém?*
4 — Que diz dos diminutivos *mãezinha* e *amiguinha?*
5 — Que diz desta oração: "Êle saiu *agorinha* mesmo"?
6 — Critique também estoutra: "Coitado *delinho!*"
7 — *Cazuza, Cotinha, Beloca, Piroca, Quincas* e *Mingu* são diminutivos de que nomes?
8 — Que diz das formas aumentativas *poetastro* e *santarrão?*
9 — Qual o feminino de *poltrão?* Por quê?
10 — *Calinha* de que grau é? (Não se deixe enganar pela terminação: V. bem a obs. 7 do § 240).
11 — Que diz, quanto ao étimo, dos substantivos *abelha* e *janela?*
12 — Que diz, quanto à flexão gradual, dos substantivos *caixão* e *florão?*
13 — Por que *casinha* se escreve com *s* e *avezinha* com *z?*

CAPÍTULO XIII

ARTIGO

243 — **Artigo** é a palavra variável que tem por fim *individualizar*, isto é, *indicar* a coisa; essa *individualização* ou *indicação* pode ser feita de duas maneiras: ou de maneira precisa, *definida*, ou de maneira imprecisa, *indefinida*. Daí as duas espécies de artigos e respectivas flexões de gênero e de número:

A) Artigos **definidos:**

o — masculino singular — *o* homem
a — feminino " — *a* mulher
os — masculino plural — *os* homens
as — feminino " — *as* mulheres

B) Artigos **indefinidos:**

um — masculino singular — *um* homem
uma — feminino " — *uma* mulher
uns — masculino plural — *uns* homens
umas — feminino " — *umas* mulheres

Obss.: 1.ª — Que o artigo *individualiza*, isto é, *indica*, *aponta* um objeto, é coisa fora de dúvida; consideremos a expressão *meu filho*. A omissão do artigo, nesse caso, deixa-nos entrever a existência de outros filhos; se, acrescentando à expressão o artigo *o*, dissermos *o meu filho*, já outro sentido ela adquire, pois o artigo virá *indicar*, *individualizar* a coisa expressa, denotando a existência de um único filho ou de um filho todo especial, mais querido que os outros; daqui a diferença entre as expressões: "Mário é amigo de Paulo" e "Mário é *o* amigo de Paulo".

Tão citado quanto expressivo, sirva-nos êste exemplo de Vieira: "Os outros também eram seus filhos, não o negara Jacó; mas *o* seu filho era José. Vai muito de ser filho a ser *o* seu filho".

O artigo indefinido não tem a mesma precisão de individualização que o definido; dizendo *um amigo meu*, não declaramos a existência ou não de outros amigos, como, ainda, no caso de existência de outros, não o fazemos sobressair.

2.ª — *El*, *lo*, *la* são formas arcaicas do artigo definido, usadas no período em que o português se estava formando. *El* é hoje apenas empregado em *el*-rei (= o rei) e *El*dorado (região fantástica do Amazonas).

O *lo*, com suas variantes numéricas e genéricas, é ainda muito empregado junto aos verbos — *louvá-lo* (louvar-lo), *dizê-lo* (dizer-lo), *louva-lo* (louvas-lo), *amá-lo* (amas-lo), *di-lo* (diz-lo), *deu-no-lo* (deu-nos-lo) — e em certos casos como *a la fé* (*A la fé* que não fui eu = Juro que não fui eu), *a la mira* (Estava *a la mira* = Estava espreitando), *a la arma* (donde *alarma*: dar o *alarma*), *a la moda* (Êle anda *a la moda* = Êle anda de acôrdo com a moda), *a l'obra* (*A l'obra*, gritou o feitor = Ao trabalho, gritou o feitor) — Vide todo o § 121.

3.ª — O *artigo definido* português bem como o francês (*le, la, les*), o italiano (*il, lo, la, i, gli, le*) e o espanhol (*el, lo, la, los, las*) proveio do demonstrativo latino *ille, illa, illud*. De *illum*, acusativo de *ille*, tivemos *illo, ello* (el)*lo*, e de *illam* obtivemos o correspondente feminino *a*.

De que a forma *lo* foi a primitiva não há dúvida: "A forma *tôdollos*, que se encontra nos clássicos remotos, não é mais do que *todos los*, em que o *s* de *todos* se assimilou ao *l* do artigo. Que a forma pronominal primitiva também foi *lo*, provam-no fatos incontestáveis. Se antigamente se escrevia *amallo* (hoje *amá-lo*), foi porque o *r* do infinitivo se assimilou ao *l* do pronome. Donde se vê claramente que o elemento absorvente foi o *l* do pronome, não o *r* do infinitivo. Por isso é mais de acôrdo com os fatos históricos e com a lógica escrever *amá-lo*, e não *amal-o*.

Resta explicar a razão por que a forma *lo* deixou cair o *l* e se reduziu ainda a *o* no artigo. Êsse fenômeno começou com as formas pronominais. Como, em vez de *manda-o*, por exemplo, dizia-se *mânda-lo*, no presente do indicativo, sucedeu que o *l*, sendo intervocálico, caiu (§ 71). A analogia completou a tarefa, estendendo depois ao artigo a forma reduzida do pronome" — Otoniel Mota.

4.ª — Possuímos duas palavras que ordinàriamente não admitem o artigo: *casa*, na acepção de morada, residência, e *palácio*, na significação de gabinete de trabalho de chefe de govêrno: vim *de* casa, estive *em* casa, vou *a* palácio, não estive *em* palácio.

Outro caso de supressão do artigo se dá com a palavra *terra* na acepção de *chão firme*, empregada para contrastar com o elemento movediço do mar: "Estive em terra", "Iremos *por* terra".

5.ª — Constitui êrro em português o abusivo emprêgo dos indefinidos *um, uma*, como faz o francês; citarei alguns casos e exemplos oferecidos por Mário Barreto:

Soava na igreja rumor alegre (e não: *um* rumor alegre) — Falou em tom perentório (e não: em *um* tom perentório) — Respondeu com voz lenta e solene (e não: com *uma* voz...).

Entre outros casos em que sobeja em português o artigo indefinido, podemos citar os seguintes:

a) sempre antes do adjetivo *outro* e do advérbio *tão*: Dobramos outra fila de montanhas (e não: *uma* outra fila) — Estava em tão mau estado (e não: em *um* tão mau estado);

b) ordinàriamente antes dos adjetivos *certo, semelhante, tal*: Disseram-me certa coisa (e não: *uma certa* coisa) — Com *certa* serenidade (e não: com *uma certa* serenidade) — É digno de capitanear *tal* batalhão (e não: *um tal* batalhão) — *Semelhante* trabalho é longo (e não: *um semelhante* trabalho);

c) com elegância, antes do predicativo do verbo *ser*, se tal supressão convém à harmonia: João *é* homem de mérito (e não: João *é um* homem de mérito) — Tu *és* mulher de duas caras (e não: Tu *és uma* mulher de duas caras).

6.ª — É elegante a interposição da conjunção *como* entre o indefinido e o substantivo por êle modificado: "Sinto passar em volta de nós *uma como* aura fugitiva". Pode até, às vêzes, dar-se a inversão: "Sentiu *como um* estalo na cabeça".

7.ª — O indefinido indica aproximação e equivale a "pouco mais ou menos", quando junto a cardinal: "Êle tem *uns* quarenta anos" — "*Uns* duzentos ao todo".

8.ª — A presença do indefinido traz refôrço em certas frases exclamativas, refôrço que então se revela na própria entonação de voz: "Estava com *uma* fome!"

244 — Quanto ao emprêgo do artigo definido, note-se que

A) *É êle* USADO:

1 — Antes de nomes próprios de pessoas íntimas por relações de parentesco ou políticas: *O João, a Maria, o Arnaldo.*

Nota — Diz-se, porém, *Rui Barbosa, Carlos Pereira, Roosevelt, Maria Cristina*, ou por não nos serem íntimas tais pessoas ou por serem elas célebres.

O emprêgo da crase antes de nomes próprios femininos obedecerá à possibilidade ou não do artigo *a* (§ 118, 7).

2 — Salvo exceções, que não são poucas, com os nomes próprios geográficos: *o Rio de Janeiro, a Argentina, os Estados Unidos.*

Notas: 1.ª — *Europa, Ásia e África* não levavam outrora artigo; daí o dizer "Meter lanças em África". Êsses nomes, bem como os de alguns países, como *Espanha, França, Inglaterra, Holanda*, não exigem obrigatòriamente o artigo, *quando regidos de preposição:* vir *de* França, Leão *de* França, estar *em* Holanda.

2.ª — O emprêgo da crase antes de tais nomes, quando femininos, baseia-se no que ficou dito no § 118, 1.

3 — Antes de nomes que designam criações literárias, artísticas: *o Guarani, a Vênus de Milo, os Sertões, os Lusíadas, os Serões Gramaticais.*

4 — Quando se designam embarcações; neste caso, o gênero será dado de acôrdo com o tipo de embarcação: se se tratar de navio, será usado o artigo masculino, se de fragata, o feminino: *o Princesa Mafalda* (navio), *a Almirante Barroso* (fragata).

5 — Antes dos epítetos, agnomes ou alcunhas: José Bonifácio, *o* Môço; Maria, *a* Louca; Filipe, *o* Belo.

6 — Em função pronominal, para substituir nome anteriormente citado, sempre que se tornar necessário: "Entre a esquadra alemã e *a* inglêsa" (A omissão do *a* grifado traria outro sentido à expressão, dando-nos a entender uma só esquadra, de navios alemães e inglêses).

7 — Para substantivar palavras e frases: *o sim, o de, o para, o começar, o dá cá toma lá.*

B) *É êle* OMITIDO:

1 — Em provérbios, máximas e orações sentenciosas: "*Amor* com amor se paga" (e não: "O amor...") — "*Cortesia* obriga a cortesia" (e não: "*A* cortesia...") — "*Mocidade* vaidosa não chegará jamais à virilidade útil" (e não "*A* mocidade...") — "*Motorneiro* atento não conversa em serviço" (e não: "O motorneiro...").

2 — Quando se define a coisa: "*Botânica* é a parte da história natural que..." — "*Gramática* é a ciência que..." (e não "*A* botânica é..." — "*A* gramática é...").

Note-se que nas definições entra o verbo *ser;* não havendo êste verbo, não há definição e, portanto, o artigo deve aparecer: "*A* gramática *divide-se* em duas partes..." — "*A* botânica *trata* de...".

3 — Nos vocativos: "Que quer, *homem?*"

Se colocássemos o artigo, o sentido da oração ficaria alterado: "Que quer *o* homem?"

4 — Antes dos pronomes de tratamento começados por possessivos: *sua senhoria, vossa majestade* etc.

É isso sinal de que tais expressões não podem vir precedidas de *a* craseado: "Dei isso *a* vossa senhoria" (e não: *à* vossa senhoria).

Nota — Não se tratando de expressões de tratamento, é indiferente o emprêgo do artigo antes dos possessivos: *meu caderno, o meu caderno, teu lápis, o teu lápis.* O ouvido ou o sentido, de acôrdo com o que ficou dito na 1.ª observação do § 243, é o que regula êsse emprêgo.

5 — Antes de datas: "Isto se deu *em* 3 de maio" (e não: *no* 3 de maio, como fazem os italianos). Quando, porém, queremos especificar a festa, empregamos o artigo: "O 7 de setembro foi solenemente comemorado".

6 — Sempre que desnecessário, antes de apôsto: "Livro do abade Moreaux, notável polígrafo" (e não, como faz o francês: "Livro do abade Moreaux, *o* notável polígrafo").

QUESTIONARIO

1 — Que é *artigo* e como se divide?
2 — Que é *artigo definido?*
3 — Que é *artigo indefinido?*
4 — A presença do *artigo definido* ou a do *indefinido* ou a ausência de ambos podem trazer à expressão diferença de sentido? Explique, com exemplos, esta questão.
5 — Que diz das formas *el* e *lo?*
6 — Por que *amá-lo* é mais correto que *amal-o?*
7 — Por que a crase em "vou *à* casa de tarde" constitui êrro? Quanto ao emprêgo da crase, há mais palavras femininas nas mesmas condições de *casa?*
8 — Que diz das expressões: *Uma outra coisa há — Tenho um certo receio — Nunca vi um semelhante homem — Isto é um caso de polícia?*
9 — E desta outra: "*Estava com uma fome!*"?
10 — Quando podem os nomes próprios personativos femininos vir precedidos de crase? Por quê?
11 — Que diz, quanto ao uso do artigo, sôbre os substantivos *Europa, Ásia* e *África?*
12 — É certo, tratando-se de uma embarcação — uma fragata, por exemplo — empregar a crase na expressão: *Dirigiu-se à Almirante Barroso?*
13 — Nas definições, coloca-se artigo antes do têrmo que se define? Qual o verbo que entra nas definições?
14 — Por que é êrro empregar a crase na expressão: *Falo à vossa majestade?*
15 — Entre as expressões "meu lápis" e "o meu lápis" há diferença de pureza gramatical? (Não estou falando em diferença de sentido: V. bem a nota do n.º 4 da lêtra B do § 244).
16 — Que diz do emprêgo do artigo antes das datas?
17 — Que diz do emprêgo do artigo antes do apôsto?

CAPÍTULO XIV

ADJETIVO

247 — A esta classe pertencem tôdas as palavras que se referem ao substantivo para indicar-lhe uma qualidade, ou seja, **adjetivo é tôda a palavra que modifica a compreensão do substantivo,** afetando, quanto à idéia, a substância da coisa: homem *inteligente*, laranjeira *alta*, rapaz *estudioso*, homem *magnânimo*.

248 — Antes de entrar no estudo da classe dos adjetivos, façamos as seguintes

Obss.: 1.ª — Do fato de vir o adjetivo qualificando o substantivo, resulta muitas vêzes que, tirando-se o substantivo, continua sendo êste fàcilmente subentendido, sem prejuízo para o sentido; assim é que se diz "o *cego*" — "um *avarento*" — "aquêle *perverso*" etc. Tais adjetivos assumem então o caráter do substantivo, e é disso confirmação o fato de poderem vir acompanhados de um artigo. Sempre que tal acontece, tais adjetivos se dizem adjetivos substantivados. **Adjetivo substantivado** é, pois, o adjetivo que exerce função de substantivo.

2.ª — Vice-versa, o substantivo pode passar para a classe dos adjetivos. Tal sucede sempre que o substantivo se relaciona com outro substantivo, passando, pois, a ser modificativo, e, por conseguinte, a funcionar como adjetivo: menino *prodígio*, filho *homem*, laranja *lima*, comício *monstro*, homem *máquina*.

Prodígio, *homem*, *lima* e *máquina* são substantivos, mas, por virem modificando substantivos, tornam-se adjetivos. Diz-se, nesses casos, que o **substantivo** está **adjetivado. Substantivo adjetivado** é, portanto, o substantivo que exerce função de adjetivo.

3.ª — É tão freqüente êsse fenômeno de intercâmbio taxeonômico (passagem de uma classe para outra), que certos adjetivos perderam inteiramente o seu caráter próprio; haja vista, dentre muitas, a palavra *môço*. *Mustĕus* é registrado nos dicionários latinos como *adjetivo* e, no entanto, nos dicionários portuguêses, *môço* é, em primeiro lugar, classificado, definido e estudado como **substantivo.**

Essa é a razão por que o latim, que imprime na gramática o mais forte cunho lógico possível, designa, conjuntamente, as duas primeiras classes de palavras, o substantivo e o adjetivo, sob a denominação genérica *nome: nomen substantivum, nomen adjectivum.*

4.ª — Acontece, às vêzes, que o adjetivo indica uma qualidade já intrínseca, própria, inerentemente existente no substantivo: neste caso, diz-se que o adjetivo é **explicativo**: pedra *dura*, água *mole*, neve *branca*, brasa *quente*.

Quando, porém, menciona qualidade que pode existir ou deixar de existir no substantivo, o adjetivo chama-se **restritivo**: homem *branco*, homem *prêto*, homem *bom*, homem *mau*.

249 — ADJETIVOS PÁTRIOS — Na classe dos adjetivos estão incluídos os nomes que indicam a *nacionalidade*, a pátria, o lugar, a procedência de uma coisa. Êsses adjetivos derivam do próprio nome da nação ou do lugar, e daí a razão de se chamarem **pátrios**. Tais adjetivos podem também denominar-se **gentílicos** (ou *étnicos*) quando designativos da raça ou região de origem: *africano*, *asiático*, *saxão* (pronuncie *sakção*).

Alguns adjetivos pátrios:

Arábia	árabe	arábico
Áustria	austríaco	
Bahia	baiano	
Bélgica	belga	
Brasil	brasileiro	brasilense, brasílio, brasílico
Checoslováquia	checoslovaco	
China	chinês	chim, chino
Egito	egípcio	egipcíaco, egiptano
Escócia	escocês	
Espanha	espanhol	
Estados Unidos da América do Norte	norte-americano	
Inglaterra	inglês	ânglico, anglicano (= que segue o anglicanismo)
Java	javanês	jau (jáu)
Judéia	judeu	judaico, judengo, judio
Lisboa	lisboeta, lisbonense	
Minas	mineiro	
Noruega	norueguês	
Pérsia	persa	pérsico, persiano
Polônia	polonês	polônio (*polaco* é forma pejorativa)
Pôrto	portuense	
Portugal	português, lusitano, luso	
São Paulo	paulista, paulistano	
Sergipe	sergipano, sergipense	
Suécia	sueco (é)	
Suíça	suíço	

Notas: 1.ª — Os adjetivos pátrios que vêm na primeira coluna prestam-se tanto para *pessoas* quanto para *coisas*, e podem ser empregados substantivamente: o *inglês*, o *francês*, o *judeu*. Os da segunda coluna prestam-se para coisas: goma *arábica*, gôlfo *pérsico*, plagas *brasílicas*.

2.ª — Entre *paulista* e *paulistano* costuma ser feita a seguinte diferença: *Paulista* é o natural do Estado de São Paulo; *paulistano*, o nascido na cidade de São Paulo.

Diferença semelhante se faz entre os nascidos no Estado do Rio, que se denominam *fluminenses* (lat. *flumen* = rio), e os nascidos no Distrito Federal, chamados *cariocas* (tupi-guarani *cariboca* = descendente de branco).

3.ª — *Brasileiro* era o que comerciava com pau-brasil, como se chamava *mineiro* o que trabalhava nas minas, *campineiro* o que vivia nas campinas. Com a fixação dos nomes *Brasil, Minas* e *Campinas*, passaram aquêles substantivos à classe de adjetivos pátrios.

Outros adjetivos pátrios:

Afeganistão	afagão, afegão, afegane
Algarve	algarvio, algarviense
Andaluzia	andaluz
Anju (*fr.* Anjou) .	angevino
Aragão	aragonês
Arécio (Arezzo) ..	aretino
Argel	argelino
Artésia (*fr.* Artois)	artesiano
Batávia	batavo
Baviera	bávaro
Beira	beirão (*f.* beiroa), beirense
Belém	belemita, belemense
Beócia	beócio
Borgonha	borgonhão, borgonhês
Braga	bracarense
Bragança	bragançâo, bragançano, brigantino, bragantino
Buenos Aires	portenho, bonairense, buenairense
Cádis	gaditano
Canárias	canário
Cândia	candiota
Caracas	caraquenho
Catalunha	catalão
Ceilão	cingalês
Chaves	flaviense
Chile	chileno
Chipre	chipriota, cipriota
Coimbra	coimbrão, coimbrês, conimbricense
Congo	conguês, congo
Córsega	corso
Dalmácia	dálmata
Damão	damanense
Damasco	damasceno, damasquino
Douro	duriense
Entre Rios	entrerriano
Equador	equatoriano
Estremadura	estremenho
Etiópia	etíope, etiópico, etiópio (*f.* etiopisa)
Évora	eborense
Finlândia	finlandês, finês, fino
Flandres	flamengo
Gália	galo, gaulês
Galiléia	galileu
Galiza	galego
Gasconha	gascão
Granada	granadino
Guimarães	vimaranense
Guiné	guinéu
Hungria	húngaro, magiar
Índia	indiano, índio
Índia Portuguêsa .	canará, canarês, canari, canarim, canarino
Jerusalém	hierosolimitano
Juiz de Fora	juizforense
Lima	limenho
Lombardia	lombardo
Londres	londrino
Macau	macaísta, macaense
Madagáscar	malgaxe, malgaxo
Madri	madrileno
Maiorca	maiorquino
Malaca	malagueiro, malaquista, malaguês
Málaga	malaguenho, malaguês
Mancha	manchego
Manchúria	manchu
Marajó	marajoara
Marrocos	marroquino
Milão	milanês
Minho	minhoto
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol
Montenegro	montenegrino
Nápoles	napolitano, partenopeu (de *Partênope*, antigo nome de Nápoles)
Nazaré	nazareno (nazáreo)
Ovar	ovarino
Palermo	panormitano
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Rodes	ródio
Romênia	romeno (ê)

Salamanca .... salmantino, salamanquino	Sião .... siamês
Salvador (Baía) .. salvadorense, soteropolitano	Sintra .... sintrão (*f.* sintrã)
Samaria .... samaritano	Tânger .... tangerino, tingitano
Santarém .... santareno	Terra do Fogo .. fueguino
Sardenha .... sardo	Três Corações .... tricordiano
Sertãozinho ...... sertanezino	Tunes .... tunesino, tunisino
	Tui .... tudense, tudino
	Veneza .... veneziano

250 — LOCUÇÃO ADJETIVA: Assim como os substantivos do quarto grupo do § 167 e os do § 168 constituem **locuções substantivas**, isto é, substantivos analìticamente expressos por mais de uma palavra, também os adjetivos podem ser expressos por **locuções**, ou seja, por mais de uma palavra.

Se, quando dizemos "altar *marmóreo*", indicamos uma qualidade por meio do adjetivo *marmóreo*, igual qualidade indicamos quando dizemos "altar *de mármore*", empregando, para qualificar o substantivo *altar*, mais de uma palavra: *de mármore*.

É verdade que existe certa diferença de sentido nessas expressões, pois um "altar *marmóreo*" pode não ser *de mármore* e, sim, imitação; mas a função do adjetivo *marmóreo* e a da locução *de mármore* é a mesma: qualificar o substantivo *altar*.

Outros exemplos de **locuções adjetivas**:

coisa *sem pé nem cabeça* — trem *de carreira*
torneira *de água quente* — piano *com três pedais*

251 — Quanto à **formação**, o adjetivo pode ser:

primitivo e *derivado*
simples e *composto*

1. **PRIMITIVO** é o que dá origem a outro: *formal*, *pardo*, *leve*.

2. **DERIVADO** é o proveniente de outro: *formalístico*, *pardacento*, *leviano*.

3. **SIMPLES** é o constituído de uma só palavra: *luso*, *cirúrgico*.

4. **COMPOSTO** é o formado de duas palavras: *luso-brasileiro*, *médico-cirúrgico*.

QUESTIONÁRIO

1 — Que é adjetivo?
2 — Que é *adjetivo substantivado*? Construa uma oração com adjetivo nessas condições.
3 — Que é *substantivo adjetivado*? Construa uma oração com substantivo nessas condições.

4 — "Um guerreiro môço" — "Um môço guerreiro": Nessas frases, qual o substantivo e qual o adjetivo?

5 — Entre adjetivo *explicativo* e *restritivo* qual a diferença?

6 — Que são *adjetivos pátrios?* Exemplos.

7 — Quais são os adjetivos pátrios de *Brasil, China, Judéia* e *Polônia?*

8 — Explique, com exemplos seus, o que ficou escrito **na nota 1 do § 249.**

9 — Que é *locução adjetiva?* Exemplos.

10 — Quanto à formação, como pode ser o adjetivo?

CAPÍTULO XV

FLEXÃO DO ADJETIVO

255 — Os adjetivos, assim cómo os substantivos, flexionam-se de três maneiras diferentes:

a) quanto ao *gênero*
b) quanto ao *número*
c) quanto ao *grau*

Se em certas línguas, como, por exemplo, no inglês, o adjetivo tem uma única forma, invariável, quer o substantivo seja masculino ou feminino, quer singular ou plural, em português o adjetivo se flexiona de acôrdo com o gênero e com o número do substantivo a que se refere.

Sôbre as regras dêsses dois tipos de flexão do adjetivo pouco há que dizer, visto serem quase idênticas às regras dos substantivos. Veremos, apenas, certas normas, ponderações e cuidados que êsses dois tipos de flexão requerem.

Flexão genérica

256 — Os adjetivos terminados em *eu* fazem o feminino em *éia*:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
ateu	atéia	europeu	européia
cananeu	cananéia	galileu	galiléia
eritreu	eritréia	hebreu	hebréia

EXCEÇÕES:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
judeu	judia	sandeu	sandia
meu	minha	seu	sua
teu	tua		

Nota — Há três adjetivos terminados em *éu* — *ilhéu, incréu* e *tabaréu* — que no feminino se flexionam: *ilhoa, incréia* e *tabaroa.*

257 — Os adjetivos terminados em *oso* passam a ter o primeiro *o* aberto no feminino e no plural de ambos os gêneros (coloco acento nos exemplos sòmente para indicar a pronúncia):

bondôso	bondósa	bondósos	bondósas
mimóso	mimósa	mimósos	mimósas

258 — Os adjetivos terminados em *ês*, *ol*, *or* e *u* vão para o feminino mediante simples acréscimo da desinência *a*:

português — portuguêsa	cru — crua	espanhol — espanhola
camponês — camponesa	nu — nua	defensor — defensora

Excetua-se *mau* que faz *má*.

Notas: 1.ª — Antigamente, os adjetivos terminados em *es* (que se grafava *ez*), *ol* e *or* eram, quanto ao gênero, uniformes, isto é, de uma única forma, invariáveis: ela é *autor*, temos uma *defensor*, uma *pastor*, minha *senhor*, mulher *pecador*, manceba *morador*...: dentre os terminados em *or*, êsse fenômeno ainda se observa nos comparativos *inferior*, *melhor*, *menor*, *pior* etc.; neste particular é interessante observar o que se passa com *superior*, que, permanecendo genèricamente invariável quando adjetivo (É ela *superior* a mim), varia quando empregado substantivadamente: A *superiora* do convento.

Quanto ao feminino de *senhor*, cumpre observar a vocalização da sílaba tônica, fechada em Portugal — *senhôra* — e aberta no Brasil: *senhóra*.

Por mais teimosos pretendamos ser, jamais poderemos seguir os portuguêses na verdadeira pronúncia dêsse feminino; Mário Barreto chegou a chamar *pedantesca* a pronúncia fechada dêsse nome no Brasil. Na verdade, é ridículo doutrinar para o Brasil essa pronúncia, para deixar como exceção o nome "Nossa Senhora".

"Mulher *espanhol*" é como antigamente se dizia, como, ainda hoje, dizemos "ameixa *reinol*" (Certa espécie de ameixa preta, conhecida por êsse nome por ser do *reino*, isto é, de Portugal).

"Mulher *português*", proveniência *inglês*" são construções antigas; os italianos adotam até hoje essa invariabilidade para os adjetivos em *ês*: "una donna *portoghese*" — "La letteratura *inglese*".

Conservam-se invariáveis: *cortês*, *montês*, *pedrês*, *soez*.

Dos terminados em *u*, constitui exceção o adjetivo *hindu*, que permanece invariável. Quanto a êste adjetivo, note-se o êrro em que incide a imprensa, empregando-o para designar o nascido na Índia. Quem nasce na Índia é indiano, e o indiano pode ser e pode não ser hindu. *Hindus* são chamados os indianos que não professam o maometanismo.

2.ª — Dos adjetivos terminados em *or*, uns há que vão para o feminino mediante a desinência *triz*: *imperador*, *imperatriz*; *diretor*, *diretriz* (diretora); *gerador*, *geratriz*; *ator*, *atriz*.

Contrastando com a terminação *triz*, de cunho erudito, existe a desinência *eira*, acentuadamente popular, empregada em palavras que designam *ocupações modestas* ou *frívolas* (*arrumadeira*, *lavadeira*, *costureira*, *bailadeira*, *engomadeira*, *rachadeira*, *aguadeira*, *bisbilhoteira*, *namoradeira*) ou *máquinas*, *instrumentos* (*assadeira*, *braçadeira*, *criadeira*, *cuspideira*, *escumadeira*).

259 — Dos adjetivos terminados em *ão*, há uns que fazem o feminino em *ã* (são, *sã*; vão, *vã*; aldeão, *aldeã*; anão, *anã*; ancião, *anciã*; charlatão, *charlatã*; pagão, *pagã*), outros em *oa* (ermitão, *ermitoa*; tabelião, *tabelioa*) e um terceiro grupo, constituído de adjetivos aumentativos, em *ona*: chorão, *chorona*; poltrão, *poltrona* (V. § 240, obs. 5).

Excetua-se para o último caso o adjetivo *folgazão*, que faz *folgazã*.

260 — São **uniformes**, isto é, têm uma única forma para os dois gêneros, os adjetivos terminados em:

1 — *al*, *el*, *il*, *ul*: geral, fatal, fiel, cruel, fácil, gentil, a ul, curul.
2 — *ar*, *er*: regular, particular, esmoler (palavra oxítona).
3 — *az*, *iz*, *oz*, *uz*: eficaz, capa , feliz, atroz, feroz, lapuz.
Exceção: andaluz, *andaluza*.

4 — *m, s:* jovem, ruim (pronuncia-se com acento no *i*), simples, menos.
Exceções: bom, *boa;* um, *uma;* algum, *alguma;* nenhum, *nenhuma;* dois, *duas;* os nomes das centenas: duzentos, *duzentas;* trezentos, *trezentas* etc.
5 — *e:* forte, leve, breve, gigante (flexiona-se em *giganta* quando substantivo).

Nota — É ainda invariável, quanto ao gênero, o adjetivo *só:* Ele está *só* — Ela está *só.*
Só, quando adjetivo, equivale ao adjetivo *sòzinho* e flexiona-se quanto ao número: Êles estão *sós* (= sòzinhos) — Elas estão *sós* (= sòzinhas) — V. § 527, n. 10.

Flexão numérica

261 — A flexão numérica dos adjetivos obedece às mesmas regras que regulam o número dos substantivos. Devemos, no entanto, observar o seguinte:

A — Nos **adjetivos compostos,** só o último elemento se pluraliza:

singular	*plural*
luso-brasileiro	luso-brasileiros
poético-musical	poético-musicais
anglo-normando	anglo-normandos
médico-cirúrgico	médico-cirúrgicos
nu-proprietário	nu-proprietários

Exceção: Um menino *surdo-mudo,* dois meninos *surdos-mudos* (no fem.: *surda-muda, surdas-mudas*).

Notas: 1.ª — Quanto ao feminino, os adjetivos compostos obedecem a igual critério: só varia o segundo elemento; exemplo: "sociedade luso-brasileira". Observe-se, no entanto, o seguinte: Os nomes de *plantas,* de *flôres* e de *objetos,* quando empregados para designar *côres,* passam a considerar-se do gênero neutro, ou, pràticamente, do gênero masculino: côr rosa-escur*o*, côr violeta-pálid*o*, tonalidade rosa-clar*o* — e não: côr rosa-escur*a*, côr violeta-pálid*a*, tonalidade rosa-clar*a*. Conseguintemente, assim devemos dizer: blusa rosa-claro, fita violeta-escuro — sem flexão genérica nem numérica: vestidos rosa-escuro.
Como, porém, se efetua a concordância quando, em vez de nome de flôres, de plantas ou de objetos, vem *nome de outra côr?* Dever-se-á dizer "blusa amarelo-claro", "fita amarelo-escuro" ou "blusa amarelo-clara", "fita amarelo-escura"? Em tal caso, seguirão os adjetivos *verde-amarelo, amarelo-escuro, azul-claro* etc., para efeito de concordância, a regra dos adjetivos compostos. Permanecendo invariável o primeiro elemento, varia o segundo de conformidade com o gênero e com o número do substantivo a que o adjetivo composto se refere: "blusa amarelo-clar*a*", "fita verde-amarel*a*", "roupa amarelo-escur*a*", "tonalidade amarelo-clar*a*", "vestidos verde-amarel*os*", "chapéus azul-clar*os*", "gravatas vermelho-rox*as*". O mesmo se diga do adjetivo composto *azul-marinho:* "vestido azul-marinh*o*", "blusa azul-marinh*a*", "vestidos azul-marinh*os*", "blusas azul-marinh*as*".
Um terceiro caso se apresenta: Adjetivos compostos ha, designativos de côres, cujo primeiro elemento é nome de côr, e o segundo, nome de coisa ou de animal: *verde-mar, verde-pavão, verde-montanha, azul-turquesa, azul-ferrete* — Nenhum dos elementos varia: "papéis verde-montanha", "coxins azul-ferrete", "fazendas branco-marfim".
2.ª — Deve-se dizer *raios ultra-violeta* e não *raios ultra-violetas.* Diz-se *raios infra-vermelhos,* mas *vermelho* é legítimo adjetivo, ao passo que no outro caso a côr é designada por nome de planta e não por adjetivo.

3.ª — Em adjetivos compostos como *greco-turco*, *hispano-suíço* etc., o primeiro elemento obedece à forma de origem, à forma erudita e não à usual, à popular: *greco-turco* e não *grego-turco*, *hispano-suíço* e não *espanhol-suíço*.

B — É preciso fixar que os adjetivos são modificados por advérbios, classe de palavras, que não varia; conseguintemente, quando a palavra *meio* modifica adjetivo, não pode variar nem em gênero nem em número: "Ela está *meio* doente" — "As portas estão *meio* abertas".

Notas: 1.ª — Quando *meio* significa *metade de um*, é numeral, e, então, deverá concordar com o substantivo a que se refere: "25 *meias* garrafas", "*meia* vida minha", obra *meia* acabada". Se porém dissermos "obra *meio* acabada", a palavra *meio* deixará de significar *metade de um* e de ser numeral, para passar a funcionar como advérbio, por estar modificando o adjetivo *acabado*, e significar então "mais ou menos", "um pouco":

janela *meio* aberta — (advérbio = *um pouco*)
janela *meia* aberta
ou: *meia* janela aberta } — (numeral = *metade*)

2.ª — É verdade que se diz comumente "meio dia e *meio*", mas não se pode negar que a forma correta é "meio dia e *meia*", pois a palavra a que êsse adjetivo se refere é *hora*: "meio dia e *meia* (hora)".

Flexão gradual

262 — Antes de tudo uma observação: Não se confunda *grau do substantivo* com *grau do adjetivo*. Se os substantivos têm por função indicar coisas, o *grau do substantivo* faz referência ao *tamanho* dessas coisas, tamanho que pode ser aumentado ou diminuído; tratando-se, porém, de *grau do adjetivo*, visa-se a *qualidade* por êle expressa, qualidade que pode ser elevada a um grau maior e, ainda, a um grau sumo, supremo.

263 — Duas são as flexões de grau do adjetivo: a **comparativa** e a **superlativa**.

Dizendo: "Pedro é *estudioso*" — atribuímos ao indivíduo Pedro uma qualidade, expressa normalmente. Dizendo: "Pedro *é mais estudioso*", reforçamos a qualidade, elevando-a a um grau maior; o adjetivo passa para o grau *comparativo*. Dizendo, por último: "Pedro é *estudiosíssimo*", reforçamos ainda mais a qualidade de Pedro, elevando-a ao último grau, ao grau máximo, e o adjetivo, então, está no grau *superlativo*.

Nota — Conclusão clara dêste parágrafo: Só os adjetivos são suscetíveis de grau, pois só êles encerram idéia de qualidade, que pode ser elevada em sua significação. Daí a razão por que são erradíssimos superlativos como *muitíssimo*, *tantíssimo*. O pronome adjetivo não comporta variação gradual. Pelo mesmo motivo, condenada é a expressão "*coisíssima* nenhuma", tolerada apenas em linguagem caseira, porquanto, se nem o pronome adjetivo é suscetível de grau, muito menos se poderão empregar no superlativo os substantivos.

Estas podem ser as **flexões de grau** do adjetivo português:

264 — GRAU COMPARATIVO: O adjetivo está no *grau comparativo* quando exprime a qualidade em relação a outras coisas que também a tenham em porção **igual** (Pedro é *tão estudioso* como Paulo), em porção **maior** (Pedro é *mais estudioso* do que Paulo) ou em porção **menor** (Pedro é *menos estudioso* do que Paulo).

Daí, três espécies de comparativos: de **igualdade**, de **superioridade** e de **inferioridade**.

1.ª — Comparativo de **igualdade** é o que põe em paridade de condições duas coisas ou duas qualidades: "Êle é tão enérgico como (ou *quanto*) o irmão" (comparando sêres) — "Êle é tão enérgico como (ou *quanto*) ponderado" (comparando qualidades).

2.ª — Comparativo de **superioridade** é o que, no comparar dois indivíduos, atribui a qualidade mais a um do que a outro — "O filho era *mais inteligente* que o pai" (comparando dois sêres, dois indivíduos) — ou salienta a existência de uma qualidade em maior porção que outra: "Êle é *mais rico* que *feliz*" (comparando qualidades).

3.ª — Comparativo de **inferioridade** é o que põe em posição inferior um dentre os dois elementos comparados: "O pai era *menos ajuizado* que o filho", ou o que, ao atribuir duas qualidades a um mesmo indivíduo, denota a existência de uma das qualidades em menor grau que a outra: "O pai era *menos usurário* que *perverso*" (comparando qualidades).

265 — Pelos exemplos que acima ficaram, é fácil deduzir o processo de formação dos comparativos:

a) No comparativo de igualdade, o adjetivo vem antecedido do advérbio *tão;* o segundo têrmo de comparação, quer constituído de substantivo, quer de outro adjetivo, vem antecedido de *como*, ou de *quanto*, ou de *quão:* "Êle é *tão* bom *quanto* sábio, *tão* rico *quão* magnânimo e *tão* bonito *como* o irmão".

b) No comparativo de superioridade, o adjetivo vem antecedido do advérbio *mais* (do latim *magis;* o italiano e o francês tiraram êste advérbio comparativo do latim *plus*) e o segundo têrmo da comparação

vem antecedido de *que* ou *do que:* "Êle é *mais* rico *que* o irmão" — "Êle é *mais* probo *que* rico".

c) No comparativo de inferioridade, o adjetivo vem precedido do advérbio *menos* e seguido de *que* ou *do que:* "Êle é *menos* prudente *que* o filho".

Notas: 1.ª — É infundado dizer que o emprêgo da partícula *que*, em vez de *do que*, nos comparativos de superioridade e de inferioridade, constitui galicismo; é maneira mais aproximada do latim e tão certa quanto a segunda.

2.ª — *Mais* e *menos* admitem ainda encarecimento, por meio do advérbio *muito:* "*muito mais* importante", "*muito menos* cuidadoso".

Não se deve estranhar a expressão *muito pouco;* o *muito* reforça aí intensivamente e não quantitativamente. *Muito pouco*, *muito menos*, *bem mal* são construções legítimas: "*Muito pouco* sei de português" — "Eu sei *muito menos* do que êle" — "O médico achou-o *bem mal*".

3.ª — O adjetivo *tamanho* significa, dada a etimologia latina (*tam magnum*), *tão grande:* "Tamanha algazarra houve que os vizinhos ficaram alarmados" (§ 586).

4.ª — Em certas expressões comparativas, entra como *têrmo de ligação* a preposição *de:* "Há mais *de* vinte anos" — "Fica a menos *de* duas léguas" — "Êle é maior *de* vinte e um anos".

266 — Os adjetivos *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* possuem formas sintéticas para os comparativos de superioridade, formas provenientes do latim:

bom — *melhor*	grande — *maior*
mau — *pior*	pequeno — *menor*

Os comparativos analíticos *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno*, que eram as formas antigamente usadas, foram substituídas pelas formas sintéticas; *mais pequeno*, no entanto, perdurou até nossos dias, podendo com acêrto empregar-se.

Obss.: 1.ª — No caso de comparação de duas qualidades, empregam-se os comparativos analíticos e não os sintéticos: "Êle é *mais* bom do que mau" — "Ela é *mais grande* do que pequena".

2.ª — Não estranhe o aluno quando se diz que *menor* é comparativo de *superioridade*, ou quando se diz que *pior* é comparativo de *superioridade*. Não há nisso nenhuma contradição, pois o que é "menor" encerra "*maior* pequenez" que uma coisa simplesmente pequena; da mesma forma, o que é "pior" encerra "*maior* maldade" do que uma coisa simplesmente má.

Nota — Há vários adjetivos terminados em *or*, provindos de comparativos latinos, que em português perderam tal fôrça, sendo hoje empregados com sentido positivo e, muitos dêles, como substantivos.

interior (mais para dentro)
exterior (mais para fora)
anterior (mais para cá, próximo)
ulterior (mais para lá, afastado)

inferior (mais para baixo)
superior (mais para cima)
prior (lat. *prior* = mais importante)
major (lat. *major* = maior)
júnior (lat. *junior* = mais jovem)
senhor (lat. *senior* = mais velho)

Interior emprega-se substantivamente para contrastar com *capital* (José mora no *interior* e seu irmão em *São Paulo*) e para contrastar com *litoral* (Percorremos o *litoral* e o *interior* do Brasil).

267 — *Bom humor, mau humor, bom gôsto, mau gôsto, boa vontade, má vontade, boa fé, má fé* são em português expressões que se consideram substantivos compostos (*bom-humor, bom-gôsto, má-vontade*); quer isso dizer que, em frases comparativas, o *mais* não poderá fundir-se com os adjetivos *bom, boa, mau, má*, que antecedem êsses nomes; diz-se, então: *mais mau humor, mais má vontade, mais boa fé, melhor boa fé, pior má vontade, melhor bom gôsto.* Êrro cometeremos se dissermos: "Tenho *melhor vontade*" — "Tem êle *melhor gôsto* que eu" — porque o que se pretende considerar é a *boa vontade*, o *bom gôsto*, e não, simplesmente, a *vontade*, o *gôsto*.

268 — As formas sintéticas *melhor, pior* são também formas comparativas dos advérbios *bem, mal* (Hoje dormi *melhor*. Ela cantou *pior* do que se esperava), mas as formas analíticas (**mais bem, mais mal**) é que se devem usar:

a) quando se compara a maneira de praticar a mesma ação praticada pelo mesmo sujeito: "Meu irmão canta *mais bem* que mal" (Quando se compara a mesma ação praticada por sujeitos diferentes a forma é a sintética: "Meu irmão canta melhor que eu, mas joga pior");

b) antes de particípio: "A lição foi *mais bem compreendida* hoje" — "Êle é o *mais mal vestido* da classe";

c) quando *bem, mal* fazem parte de adjetivo composto: *mais bem-aventurado, mais mal-humorado.*

269 — **GRAU SUPERLATIVO:** O adjetivo está no grau superlativo quando exprime a qualidade em seu grau máximo:

aluno *estudiosíssimo* | pico *altíssimo*
lição *facílima* | lugar *salubérrimo*
caligrafia *péssima* | preço *mínimo*

270 — Duas espécies há de superlativos: o **absoluto** e o **relativo.**

271 — **Superlativo absoluto:** Quando o superlativo modifica a coisa expressa pelo substantivo, sem fazer nenhuma referência a outra coisa congênere, o superlativo chama-se **absoluto**; assim, constituem exem-

plos de **superlativos absolutos** os que ficaram acima, porque modificam os indivíduos *aluno*, *lição*, *caligrafia* etc., sem referência a outros indivíduos da mesma classe.

Obs. — O superlativo absoluto, além de poder constituir-se de uma só palavra — **superlativo sintético** — pode também ser expresso por mais de uma palavra — **superlativo analítico** — fazendo-se preceder o adjetivo de um advérbio que dê à expressão fôrça superlativa: *muito sábio, bastante sábio, extremamente sábio, muito ruim, excessivamente ruim, o mais difícil, o mais sábio.*

272 — O superlativo sintético forma-se mediante acréscimo, ao radical do adjetivo, das terminações *íssimo*, *limo* ou *rimo*, terminações provindas da forma latina *timo*, que ainda se conserva em *íntimo* (lat. *intimus* = extremamente profundo). *Íssimo* proveio de *timo* mediante abrandamento do *t* em *s*, aparecendo antes a terminação *is*, incremento latino que finaliza a forma positiva: *legalis + simo*, *familiaris + simo*. *Limo* e *rimo* provieram de *simo*, mediante assimilação progressiva do *s* em *l* (faci*ls*imo-faci*ll*imo) e em *r*: saluber*s*imo-salub*érr*imo.

Nota — "Os superlativos absolutos em *íssimo* (lat. *issimus*) são de origem erudita e moderna. Antes do século XVI, em espanhol como em português, dizia-se *mui muito*, em vez de *muitíssimo*. As formas em *íssimo* nasceram na Itália pelos tempos do Renascimento e se irradiaram para a França, Espanha e Portugal. Na França elas não vingaram, ficando limitado o seu uso apenas aos títulos, como *illustrissime* etc. (No Livro de Esopo já se lê entretanto: "Ó gema preciosa e *nobilíssima*"). O nosso caboclo desconhece tais formas, e exprime o encarecimento de uma qualidade por meio de perífrases: diz "um horrô de feio", em vez de *feíssimo*" (Otoniel Mota).

273 — As regras para a formação do superlativo absoluto são as seguintes:

1.ª — Os adjetivos terminados em *l*, *r* e *u* passam para o superlativo sem nenhuma modificação:

atual-íssimo	**hostil-íssimo**	**popular-íssimo**
central-íssimo	**servil-íssimo**	**cru-íssimo**

EXCEÇÕES: *a*) Para os adjetivos terminados em *vel* átono adota-se o radical latino, terminado em *bil*:

amável — **amabil-íssimo**
delével — **delebil-íssimo**
horrível — **horribil-íssimo**
móvel — **mobil-íssimo**
solúvel — **solubil-íssimo**
louvável — **laudabil-íssimo** (e não *louvabilíssimo*)

b) Ainda com o radical latino forma-se o superlativo dos adjetivos:

cruel — **crudel-íssimo**
fiel — **fidel-íssimo**
infiel — **infidel-íssimo**

c) Diversos adjetivos terminados em *il* passam para o superlativo com o acréscimo da terminação *limo:*

fácil	— facil-limo (facílimo)
difícil	— dificil-limo (dificílimo)
símil (= semelhante)	— simil-limo (simílimo)
dissímil	— dissimil-limo (dissimílimo)
grácil (= frágil)	— gracil-limo (gracílimo)
húmil (= humilde)	— humil-limo (humílimo)

2.ª — Os adjetivos terminados em *m* mudam o *m* em *n:*

comum — comun-íssimo

3.ª — Para os terminados em *ão* e para os terminados em *z* adota-se o radical latino (que termina em *n* para os primeiros e em c para os segundos), acrescidos de *íssimo:*

vão	— van-íssimo	são	— san-íssimo
cristão	— cristian-íssimo	chão	— chan-íssimo
feroz	— feroc-íssimo	rapaz	— rapac-íssimo

4.ª — Os terminados em *e*, *o* e *io* deixam cair essas vogais:

leve	— lev-íssimo	tôlo	— tol-íssimo
suave	— suav-íssimo	cheio	— che-íssimo
lindo	— lind-íssimo	feio	— fe-íssimo

Notas: 1.ª — Os adjetivos terminados em *oso* (*bondoso*, *formoso*, *cuidadoso*) conservam, no superlativo, a divergência de vocalização operada entre o positivo masculino e o feminino: *bondôso*, *bondósa; formôso*, *formósa;* diverge assim o superlativo masculino do superlativo feminino: bondôsíssimo, bondósíssima; penôsíssimo, penósíssima.

2.ª — Os adjetivos terminados em *co* mudam o *c* em *qu*, e os terminados em *go* mudam o *g* em *gu*, para conservarem o valor gutural do positivo:

caduco	— cadu*qu*íssimo	rico	— ri*qu*íssimo
maluco	— malu*qu*íssimo	sêco	— se*qu*íssimo
gago	— ga*gu*íssimo	cego	— ce*gu*íssimo

Parco, *público* e *pudico* seguem a regra geral: *parcíssimo*, *publicíssimo*, *pudicíssimo*.

Antigo e *amigo* fazem, alatinadamente, *antiquíssimo* e *amicíssimo*.

3.ª — Os adjetivos terminados em *ro* e *re*, como *áspero* e *livre*, passam para o superlativo mediante acréscimo da terminação *rimo* ao nominativo latino dessas palavras:

áspero	— aspér-rimo	acre	— acér-rimo
íntegro	— integér-rimo	célebre	— celebér-rimo
mísero	— misér-rimo	célere	— celér-rimo
negro	— nigér-rimo	livre	— libér-rimo
próspero	— prospér-rimo	pobre	— paupér-rimo
pulcro	— pulquér-rimo	salubre	— salubér-rimo
		úbere	— ubér-rimo

Excetua-se *nobre*, que faz *nobilíssimo*.

274 — Para muitos adjetivos o superlativo é tirado do superlativo latino, havendo alguns que, além dessa forma latina, possuem outra forma de acôrdo com as regras acima expostas:

bom	ótimo	bonissimo
mau	péssimo	malissimo (1)
grande	máximo	grandissimo
pequeno	mínimo	pequenissimo
alto	supremo (sumo)	altissimo
baixo	ínfimo	baixissimo
doce	dulcíssimo	docissimo
amargo	amaríssimo	amarguissimo
magro	macérrimo	magrissimo
benévolo	benevolentíssimo	
sábio	sapientíssimo	
sagrado	sacratíssimo	
frio	frigidíssimo	

Nota — *Ótimo, péssimo, máximo, mínimo, supremo, sumo* e *ínfimo* são superlativos *heterogêneos*, isto é, correspondem a positivos de que são morfològicamente diversíssimos.

275 — **Superlativo relativo:** Quando o superlativo, além de atribuir a certa coisa uma qualidade no grau sumo, põe em relação essa coisa com outras congêneres, toma o nome de *superlativo relativo*: "João é *o mais estudioso dos colegas*".

Se o superlativo absoluto pode ser formado analítica ou sintèticamente, o superlativo relativo quase sempre se processa analìticamente, mediante anteposição do artigo definido ao comparativo do adjetivo (*o* mais doente, *o* mais sábio), e fazendo-se seguir o adjetivo da preposição *de*: "Cícero foi o mais eloqüente *dos* oradores".

Nota — Vêem-se, construídos à latina, superlativos como êstes: "Foi Cícero o *eloqüentíssimo dos* oradores" — "É a rosa a *pulquérrima dentre* as flôres".

276 — **Observações finais sôbre a flexão gradual:**

1.ª — A significação, já em si absoluta, de certos adjetivos qualificativos impede modificações ou flexões de grau: *eterno, infinito, imenso, onipotente, quadrado, redondo, mortal, imortal, infalível, primeiro* etc.

Notas: *a*) Se em escritores se encontram os adjetivos *certíssimo, imensíssimo, perfeitíssimo, diviníssimo, mortalíssimo, portuguesíssimo, latiníssimo*, as desinências superlativas são em tais casos puramente pleonásticas, nada acrescentando à idéia expressa pelo adjetivo positivo.

b) Vemos o adjetivo *morto* flexionado gradualmente na trilhada e conhecida expressão: "*Mais morto* do que vivo".

2.ª — *Ótimo, péssimo, salubérrimo* etc., por serem já superlativos, não são passíveis de grau; *mais salubérrimo, muito ótimo* constituem erros deploráveis.

(1) Do arcaico *malo*.

3.ª — Os substantivos, uma vez empregados como adjetivos, são passíveis de grau: "Sou *mais irmão* do presidente que você" — "Pedro é *mais escultor* do que poeta".

4.ª — O mesmo valor dos advérbios que, no latim, se antepunham aos adjetivos para formar os superlativos analíticos, tinham nessa língua as preposições *per* e *prae* em composição: *perdifficilis, praeclarus, permagnus, praegelidus, perlongus* etc. Por essa razão é que o verbo *PREferir* já encerra idéia de "querer *mais*", pelo que não se deve dizer "*Prefiro mais*..."; o certo é "Preferir uma coisa a outra coisa": "Prefiro o estudo ao brinquedo" — "Prefiro ler a ouvir".

5.ª — É interessante observar que o diminutivo traz, para alguns adjetivos e advérbios (V. § 240, obs. 2), sentido intensivo: *juntinho* dêle (muito junto), *agarradinhos* ao salário (muito agarrados), *sossegadinhos* (muito sossegados), *cedinho* (muito cedo).

277 — Não posso deixar de confessar minha contrariedade em assim ter explanado a flexão gradual dos adjetivos; tal questão, da maneira por que tradicionalmente costuma ser explicada pelos nossos gramáticos, não condiz com o estado atual da língua; fàcilmente se poderá observar que, no grau comparativo, nenhuma flexão sofreu o adjetivo; a idéia de qualidade foi reforçada mediante acréscimo de advérbio e não por meio de desinência especial; não há, conseguintemente, flexão. Quer se diga: "Pedro é *valente*" quer: "Pedro é mais *valente*" quer, ainda: "Pedro é o mais *valente*" — o adjetivo sempre permanece inflexível. Dizendo: "Pedro é bastante bom", reforçamos a qualidade do indivíduo Pedro, mas não podemos, com rigor, dizer que colocamos o adjetivo *bom* no grau superlativo. Não considerando as formas latinas do comparativo de superioridade de *bom, mau, grande* e *pequeno*, flexão, verdadeiramente, há apenas no superlativo absoluto sintético, mediante as desinências *íssimo, limo* ou *rimo*.

O caso foi esclarecido visando a proveito teórico para o aluno, pondo-o a par do assunto, para, no caso de vir a estudar línguas como o inglês, o alemão, o latim ou o grego, não estar alheio ao fato; nessas línguas o adjetivo sofre realmente alteração na desinência de acôrdo com o grau que expressa.

QUESTIONÁRIO

1 — Como se flexionam os adjetivos?
2 — Que diz da flexão genérica dos adjetivos terminados em *eu*? Exemplos e exceções.
3 — Que ocorre com o feminino dos adjetivos terminados em *oso*? Exemplos.
4 — Como passam para o feminino os adjetivos terminados em *or*? Há exceções?
5 — Que diz da pronúncia do feminino de *senhor*?
6 — Que diz da palavra *hindu*, empregada por *indiano*?
7 — *Curul* é adjetivo? Que significa e como se flexiona no feminino?

8 — Faça duas orações com *adjetivos compostos* flexionados no *plural do feminino*.
9 — Redija duas frases em que *meio* funcione como numeral e duas em que funcione como advérbio.
10 — Qual a diferença entre *grau do substantivo* e *grau do adjetivo?*
11 — Quantos e quais os graus dos adjetivos? Exemplos.
12 — Onde está o êrro desta oração: "Esse é um caso como tantíssimos outros"? Por quê?
13 — O *comparativo* como se divide? Exemplos.
14 — Explique a formação do comparativo de igualdade. Exemplos.
15 — Entre: "Êle é mais rico *do que* o irmão" e "Êle é mais rico *que* o irmão" há diferença de pureza gramatical?
16 — *Tamanho* que significa? Construa uma oração com êsse adjetivo.
17 — Que diz da preposição *de* como têrmo de ligação dos comparativos? Exemplos.
18 — Que entende por *forma sintética*, e que tem isso que ver com o comparativo?
19 — "Mais pequeno" é forma errada? E "mais grande"? Por quê? Esta última quando pode ser empregada? Exemplos.
20 — Etimològicamente, em que grau está e que significa o vernáculo *senhor?* Cite outras palavras nas mesmas condições.
21 — Construa uma oração comparativa de superioridade com o substantivo *bom humor*, e outra com *má fé*. Justifique a construção.
22 — Quantas espécies há de superlativos? Explicação e exemplos.
23 — Como se forma o superlativo ab oluto sintético?
24 — Qual o superlativo sintético de *amável?* Por quê?
25 — Quais os seis adjetivos que vão para o superlativo mediante acréscimo de *limo?* (Dê os sinônimos de *grácil*).
26 — *Chão*, como adjetivo, que significa? E *rapaz?* Qual o superlativo sintético dêsses dois adjetivos? Por quê?
27 — Em que sílaba cai o acento tônico de *pudico*, qual o significado e qual o superlativo sintético?
28 — Qual o superlativo sintético de *negro?* Por quê?
29 — Qual o superlativo de *imortal?* Por quê?
30 — "Muito ótimo" é expressão errada? Por quê?
31 — Possuímos, realmente, em português *flexão gradual?* Explique a resposta.

Capítulo XVI

NUMERAL

280 — **Numeral** é a palavra que encerra idéia de número.

281 — **CLASSIFICAÇÃO DO NUMERAL:** O numeral pode ser:

cardinal
ordinal
multiplicativo
fracionário

Cardinal é o numeral que indica *quantidade: um, dois, cem, mil.*
Ordinal é o numeral que indica *ordem: primeiro, décimo.*
Multiplicativo é o numeral que determina o *número de vêzes: salto triplo* = salto efetuado em três vêzes; *sêxtupla* aliança = aliança entre seis países de uma só vez.
Fracionário é o numeral que indica *partes, divisões da unidade: meia* laranja, um *oitavo* de polegada, dois *onze avos* de uma melancia.

Com essa divisão, podemos expor os **numerais** da seguinte maneira:

cardinais	*ordinais*	*multiplicativos*	*fracionários*
um	primeiro primário primo	simples singelò	(impossível)
dois	segundo secundário	duplo, dúplice binário, dobre	meio
três	terceiro terciário tercionário terçã	triplo, tríplice ternário trino	têrço
quatro	quarto quaternário quartã	quádruplo quaternário	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto

cardinais	*ordinais*	*multiplicativos*	*fracionários*
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo setenário	sétuplo septêmplice	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono noveno	nônuplo	nono
dez	décimo decimal dezeno	décuplo	décimo
onze	undécimo décimo primeiro	undécuplo	onze avos
doze	duodécimo décimo segundo	duodécuplo	doze avos
treze	décimo terceiro	(não há)	treze avos
catorze	décimo quarto	" "	catorze avos
quinze	décimo quinto	" "	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	" "	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	" "	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	" "	dezoito avos
dezenove	décimo nono	" "	dezenove avos
vinte	vigésimo	" "	vinte avos
trinta	trigésimo	" "	trinta avos
quarenta	quadragésimo	" "	quarenta avos
cinqüenta	qüinquagésimo	" "	cinqüenta avos
sessenta	sexagésimo	" "	sessenta avos
setenta	setuagésimo	" "	setenta avos
oitenta	octogésimo	" "	oitenta avos
noventa	nonagésimo	" "	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
cento e um	centésimo primeiro	(não há)	cento e um avos
duzentos	ducentésimo	" "	(igual ao ordinal)
trezentos	tricentésimo	" "	" " "
quatrocentos	quadringentésimo	" "	" " "
quinhentos	qüingentésimo	" "	" " "
seiscentos	sexcentésimo	" "	" " "
setecentos	setingentésimo	" "	" " "
oitocentos	octingentésimo	" "	" " "
novecentos	nongentésimo	" "	" " "
mil	milésimo	" "	" " "
milhão	milionésimo	" "	" " "
bilhão	bilionésimo	" "	" " "
trilhão	trilionésimo	" "	" " "

Obs. — A leitura do cardinal composto faz-se da seguinte maneira:
Se o número se compõe de:

a) *dois algarismos* — põe-se a conjunção *e* entre os algarismos:
86 = oitenta *e* seis;

b) *três algarismos* — põe-se a conjunção *e* entre cada um dos três algarismos:
654 — seiscentos e cinqüenta *e* quatro;

Nota — A forma *cento* é que entra para contar de 101 (cento e um) até 199 (cento e noventa e nove).

c) *quatro algarismos* — omite-se a conjunção e entre o primeiro algarismo e os restantes:
4455 = quatro mil, quatrocentos e cinqüenta e cinco.

Nota — Se o primeiro algarismo da centena final for *zero*, aparecerá então o *e*: 3048 = três mil e quarenta e oito. Aparecerá ainda o e quando os dois últimos forem representados por *zeros*: 1400 = mil *e* quatrocentos.

d) *vários grupos de três algarismos*: omite-se o e entre cada um dos grupos:
3.444.225.528.367 = três trilhões, quatrocentos e quarenta e quatro bilhões, duzentos e vinte e cinco milhões, quinhentos e vinte e oito mil, trezentos e sessenta e sete.

Nota — Quanto ao último grupo de algarismos, deve-se também aqui observar o que ficou notado na lêtra *c*.

282 — FLEXÃO DO NUMERAL:

Quanto ao gênero: Dos *cardinais* só variam *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e as centenas de *duzentos* em diante (*duzentas*, *trezentas*... *novecentas*).

Os *ordinais* variam normalmente, como os adjetivos (*terçã*, *quartã* só variam em número).

Dos *multiplicativos*, são invariáveis *simples* e as formas terminadas em *ice*.

Dos *fracionários*, variam normalmente os de *dois* até *dez* (*meia*, *têrça*... *décima*) e tôdas as formas iguais às dos ordinais.

Quanto ao número: Dos *cardinais*, só admitem plural as formas terminadas em *lhão*: *milhões*, *trilhões* etc.

Os *ordinais* flexionam-se normalmente, bem como os *multiplicativos* (com exceção de *simples*), e os *fracionários* de *dois* até *dez* ou iguais aos ordinais.

283 — *a*) Não se deve confundir o numeral cardinal *um* com o artigo indefinido *um*; *um*, quando cardinal, indica realmente número e tem por plural *dois*; na prática, descobre-se que *um* é cardinal quando admitir o acréscimo de *só*, *único*: "*Um* (só) homem é bastante para erguer isso". Quando artigo indefinido, *um* pode ser substituído por *certo*, *determinado*: "Fiquei conhecendo hoje *um* homem, de que há muito

ouvi falar"; neste caso, o plural de *um* é *uns* e admite, por contraposição, o adjetivo *outro:*

"*Um* arca iroso aqui co'adversário,
Um cai além do alfanje atravessado,
Outro vinga e mata o que matara." (Camões)

b) *Um* pode ainda ser adjetivo, quando significa *igual, mesmo* (A verdade é sempre *uma*), *indivisível, uno* (Deus é *um*).

c) Como indefinido, o *um*, repetido, presta-se para contraposição: "*Um* te deixa agôsto, *um* te acha setembro". Outras vêzes é indefinido neutro, equivalente a *uma coisa:* "Prometer é *um*, dar é outro".

d) Ainda como indefinido, o *um* pode assumir a significação de *alguém, uma pessoa:* "Por mais que *um* queira, não consegue simpatizar com êle".

284 — Os cardinais *dezesseis, dezessete, dezoito* e *dezenove* eram no latim erudito expressos pelas formas sintéticas *sexdĕcim, septemdĕcim, octodĕcim* e *novemdĕcim*, as quais, no latim popular, foram substituídas pelas analíticas *decem et sex, decem et septem, decem et octo* e *decem et novem;* destas provieram os vernáculos dezesseis, dezessete, dez(e)oito, dez*e*nove. Não se justificam, pois, as formas dez*a*sseis, dez*a*ssete, dez*a*oito e dez*a*nove.

285 — *Primário* e *secundário*, embora conservem a significação de ordinais, podem, ao mesmo tempo, assumir diversos significados: curso *primário* (curso elementar, fundamental, básico); curso *secundário* (segundo curso), caso *secundário* (de menor importância).

Terciário, quaternário, setenário sempre conservam relação com os cardinais primitivos, mas indicam épocas, seqüência de dias, meses ou anos: período *terciário*, era *quaternária; setenário* das Dores.

Ainda derivados de numerais, outros adjetivos existem que designam *idade* ou *data: qüinquagenário* (50 anos), *sexagenário* (60 anos), *setuagenário* (70), *octogenário* (80), *nonagenário* (90), *centenário* (100), *milenário* (1000).

286 — Os multiplicativos *duplo, triplo, quádruplo, quíntuplo, sêxtuplo, sétuplo, óctuplo, nônuplo, décuplo, undécuplo, duodécuplo* e *cêntuplo* são formados dos respectivos cardinais acrescidos da terminação *plo*, do latim *plus*, que significa *mais*. Vários dêsses multiplicativos têm as variantes terminadas em *plice* (dúplice, tríplice), do verbo latino *plicare*, que significa *dobrar; simples* etimològicamente significa *sem dobra* (sine plica), isto é, *aberto, patente, claro*.

Obss.: 1.ª — O multiplicativo *dobre* (pronuncie *dóbre*) usa-se como adjetivo na acepção de *duplo* ("*Dobre* morte ao cavalo e ao cavaleiro") e de *fingido*, que *ilude as duas partes* (Ânimo *dobre*, espia *dobre*); como substantivo indica o dobrar dos sinos por finados: "Cuidou escutar o *dobre* fúnebre dos sinos de Santa Cruz".

A forma *dôbro* é sempre empregada como substantivo: O *dôbro* d trabalho.

2.ª — *Singelo* é multiplicativo quando significa não dobrado, não composto, simples: *escrituração por partidas singelas* (= aquela em que para cada artigo se indica apenas um credor ou um devedor) — a diferença de *escrituração por partidas dobradas*, aquela em que para cada artigo se reconhece ao mesmo tempo um credor e um devedor.

É adjetivo na acepção de puro, natural, inocente, ingênuo, inofensivo, lhano: "Em tempos de nossos singelos avós", "singelos corações".

Entra ainda a palavra nas locuções adverbiais *ao singelo* (= de modo simples, sem pompas) e *às singelas* (= a sós, sem companhia).

287 — Na prática, os fracionários, com exceção de *meio*, são empregados como substantivos:

meio alqueire de terra

um *têrço* de laranja

288 — *Avos* é substantivo fictício, tirado da terminação de *oitavo*.

289 — Por brevidade, empregam-se os *cardinais* em lugar dos *ordinais* na enumeração de séries de *objetos*, *capítulos*, *artigos*, *parágrafos*, *dias* e *trabalhos*: Moro na casa *trezentos e oito* (em vez de *tricentésima oitava*, como deveria ser, visto tratar-se de *ordem*), no dia *trinta e um* (em vez de *trigésimo primeiro*), capítulo *dois* (em vez de capítulo *segundo*).

Note-se que nesse caso os cardinais *um* e *dois* não variam de gênero: Casa vinte e *um*, página vinte e *dois*, lição *um*, lição *dois*, observando-se ainda que, se colocarmos o numeral antes do substantivo, usaremos o ordinal: na *vigésima oitava* casa, no *trigésimo* dia, *segundo* capítulo, *primeira* lição.

Notas: 1.ª — O primeiro dia do mês é sempre indicado pelo ordinal; não se deve dizer: "No dia *um* de maio", mas: "No dia *primeiro* de maio" — "*Primeiro* de abril" etc.

2.ª — Na linguagem forense se diz: "Aos 24 dias do mês de abril" — "A fôlhas trinta e duas".

3.ª — V. n.º 5 do § 231.

4.ª — Se o ordinal de 1000 é *milésimo*, o ordinal de 2000 é segundo milésimo, o de 3000 *terceiro milésimo*, e assim por diante. Igualmente, se o do milhão é *milionésimo*, o de 2 milhões é *segundo milionésimo* etc.: "Faço pela milésima vez e falarei pela segunda milésima se fôr preciso" — "No terceiro milésimo tricentésimo trigésimo terceiro dia" (No 3333.º dia).

290 — Na sucessão de reis, *papas* e *séculos* usa-se o *ordinal* até *dez* (Leão *primeiro*, Luís *segundo*, Henrique *oitavo*, Carlos *nono*, Pio *décimo*, século *oitavo*) e o *cardinal* de onze em diante: Luís *onze*, Leão *treze*, Luís *quinze*, século *treze*, século *vinte*.

291 — *Ambos* é forma *dual* e significa *um e outro, os dois:* Marido e mulher, *ambos* faleceram. *Ambas* as casas ruíram.

Observe-se que as construções *ambos os dois, ambos de dois, ambos e dois* são expressões que, conquanto tivessem sido usadas pelos antigos, não passam hoje de expressões vulgares que devem ser evitadas.

292 — Na expressão "um *conto* de réis" a palavra *conto* está empregada em vez de *milhão* (um *milhão* de réis).

293 — Têm ainda relação com os numerais certas palavras como *dezena, década, centena, cento, milhar, dúzia, par* e *casal.*

Nota — *Casal* aplica-se ao ajuntamento do macho e da fêmea (*casal* de canários, *casal* de baleias); *par* refere-se a dois objetos que costumam andar juntos (*par* de luvas, *par* de óculos).

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *numeral?*
2 — Os numerais como se classificam? Definir cada uma das classes.
3 — Escreva por extenso os números 2045510 e 44800327200.
4 — Redija duas orações, na primeira das quais entre o *um* como cardinal e, na segunda, como artigo indefinido.
5 — O *um* tem ainda outros empregos? Quais? Exemplos.
6 — Que diz das formas *dezaseis, dezanove?*
7 — Como se chama o indivíduo que tem 50 anos?
8 — Etimologia e significado da palavra *simples.*
9 — Expresse, por extenso, mediante ordinais, os números grifados das frases: "No *1938°* ano depois de Cristo" — "Doze horas correspondem à *730°* parte do ano".
10 — "Moro na casa vinte e uma" é expressão certa? Por quê? (Estude bem o § 289 e não se esqueça de justificar a construção "lição *um*").
11 — Que dia vem depois de 31 de julho?

CAPÍTULO XVII

VERBO

QUANTO À PREDICAÇÃO

297 — Necessário se torna, neste ponto da gramática, abrir um parêntese para certas questões, cujo conhecimento muito importa para a perfeita compreensão da classe de palavras que devemos pròximamente estudar, o **pronome**.

Assim como há séculos anteriores a Cristo e séculos posteriores a Cristo, da mesma forma há questões anteriores ao estudo do verbo quanto à predicação e lições posteriores a êsse estudo. Esta lição esclarece coisas já estudadas e, principalmente, é base indispensável para a compreensão de muito importantes assuntos que iremos daqui em diante estudar.

Se a gramática não expuser, no momento conveniente, a questão dos verbos quanto à predicação, o aluno não poderá compreender a função dos pronomes oblíquos; como perceberá a diferença entre os pronomes **o** e **lhe**, se desconhecer a diferença entre objeto direto e objeto indireto?

Razão de método, pois, é que obriga esta alteração na ordem em que costumeiramente as gramáticas expõem as classes de palavras. O aluno deve aplicar ao presente estudo tôda a atenção.

298 — Sabemos ser **verbo** tôda a palavra que indica ação ou resultado de ação (estado). Quem *escreve*, quem *desenha*, quem *pinta*, quem *anda*, quem *quebra*, quem *olha*, quem *abre*, quem *fecha* pratica ações diversas: ação de *escrever*, ação de *desenhar*, ação de *pintar* etc., ações expressas por palavras que se denominam *verbos*.

Ora, sabemos que não existe ação sem causa; se um *pires*, por exemplo, aparece quebrado, alguém deverá ter praticado a ação de *quebrar*. Ou uma pessoa, ou um animal, ou uma coisa qualquer, como o vento, quebrou o pires. Pois bem, essa *pessoa* ou *coisa* que praticou a ação de *quebrar* é em gramática chamada **sujeito** ou **agente da ação verbal**.

299 — PREDICAÇÃO: Assim como tôda a ação requer uma causa, assim também tôda a ação produz um efeito.

Se, quando dizemos: "*Pedro escreveu uma carta*" — atribuímos a causa a Pedro, da mesma maneira a ação de escrever produziu um efeito; qual o resultado da ação que Pedro praticou, ou seja, que é que Pedro escreveu? — *Uma carta:*

Observando, entretanto, outros verbos, notaremos que a ação por êles expressa não produz, como no exemplo dado, nenhum efeito. Assim, quando dizemos: "*O pássaro voou*" — não perguntamos "*Que é que êle voou?*" Quer isso dizer que a ação fica tôda no sujeito do verbo, sem produzir resultado algum.

Qual a razão da desigualdade entre êsses dois verbos? É a seguinte: O verbo do primeiro caso é de *predicação incompleta*, ao passo que o verbo do segundo caso é de *predicação completa*. Expliquemos:

O verbo é chamado também **predicado,** porque atribui, *predica* uma ação a alguma pessoa ou coisa; pois bem, quando essa ação fica tôda no sujeito, diz-se que o verbo é de *predicação completa;* quando não, ou seja, quando a ação, que o verbo exprime, exige uma pessoa ou coisa sôbre que recair, diz-se que o verbo é de *predicação incompleta.*

A pessoa ou coisa que se acrescenta ao verbo para lhe *completar* a significação, ou seja, o **complemento, o recipiente da ação verbal** chama-se **OBJETO.**

300 — INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS: Os verbos dividem-se, pois, em dois importantes grupos: verbos de **predicação completa** e verbos de **predicação incompleta**; verbo de predicação completa é o que não exige nenhum complemento, ou seja, é o que tem sentido completo; assim, são de predicação completa verbos como *voar*, *correr*, *fugir*, *morrer*, *andar*, porque nenhuma palavra exigem depois de si; têm todos êles sentido completo: a águia *voa*, a lebre *corre*, o ladrão *fugiu*, Pedro *morreu*, a criança *anda* — são orações constituídas de apenas dois têrmos, sujeito e verbo, sem nenhuma necessidade, para o sentido, de um terceiro têrmo. Tais verbos se chamam **INTRANSITIVOS.**

Outra classe de verbos, bastante diferente dessa, é a dos verbos de **predicação incompleta,** isto é, verbos que exigem depois de si um complemento, ou seja, um têrmo que lhes complete o sentido: eu *escrevi*, êle *perdeu*, nós *seguramos*, Maria *ganhou* — não são orações de sentido inteirado, pois não sabemos que foi que eu escrevi, que foi que êle perdeu, que seguramos nós, que ganhou Maria; os verbos que nessas orações entram exigem um têrmo que lhes complete o sentido, e a oração tôda passará a ter três têrmos: sujeito, verbo e complemento; eu escrevi *uma carta*, êle perdeu *a carteira*, nós seguramos *o ladrão*, Maria ganhou *um colar*. Tais verbos se chamam **TRANSITIVOS** (do lat. *transire* = *passar*).

301 — VERBOS TRANSITIVOS: Existem duas espécies de verbos transitivos:

a) **Transitivos DIRETOS**: São os verbos cuja ação passa *diretamente* para a pessoa ou coisa sôbre que recai. Quando dizemos: "*Pedro estudou a lição*" — não colocamos nenhuma preposição entre *estudou* e *a lição*.

Tôda vez que a um verbo transitivo se seguir diretamente a pessoa ou coisa sôbre que recai a ação, êsse verbo será **transitivo direto**. Tal pessoa ou coisa sôbre que recai, *diretamente*, a ação verbal chama-se **objeto direto**.

Exemplos de verbos transitivos diretos: *ver, beber, derrubar, pegar, segurar, deixar, abrir* etc.

b) **Transitivos INDIRETOS**: Não podemos dizer: "Pedro *depende* o pai" — unindo diretamente ao verbo *depender* o objeto *o pai*. Empregando a preposição *de*, dizemos sempre: "Pedro *depende d-o* pai". — O verbo *depender* é também de predicação incompleta (De que depende Pedro?), mas não é perfeitamente igual ao verbo *estudar*, porque se liga *indiretamente* (por meio de preposição) ao objeto.

Tais verbos são chamados **transitivos indiretos**, e o seu complemento se denomina **objeto indireto**.

Exemplos de verbos transitivos indiretos: *gostar* (*de* alguma coisa), *obedecer* (*a* alguma coisa), *corresponder* (*a* alguma coisa), *recorrer* (*a* alguma coisa) etc.

Notas: 1.ª — Sendo transitivo, não importa que o verbo tenha dois objetos, um direto, outro indireto:

Dei *um presente* (obj. direto) *a meu pai.* (obj. indireto)

2.ª — Por necessidade didática chamaremos "transitivo direto-indireto" o verbo que traz um objeto direto e outro indireto.

3.ª — Quando a preposição exigida pelo verbo transitivo indireto é *a* e o objeto é nome feminino determinado, êsse *a* deve ser craseado: "Refiro-me à morte do amigo" — "Recorri àquela mulher" (§ 116).

302 — VERBOS DE LIGAÇÃO: Quando dizemos *Pedro é bom*, não atribuímos a Pedro nenhuma ação, e, sim, uma *qualidade*, a qualidade de *ser bom*. Tais verbos são também de predicação incompleta (Que é Pedro?) e, conseguintemente, requerem um complemento, com a diferença de ser êste constituído de qualidade e não de pessoa ou coisa.

Mesmo quando se diz — *Pedro é pedra* — embora o complemento seja constituído por *coisa* (pedra), êste complemento não é efeito de nenhuma ação praticada por Pedro, senão que indica um estado, uma qualidade de Pedro, a qualidade de ser como pedra.

Tais verbos são chamados **verbos de ligação**, e seu complemento se chama **predicativo** (jamais *objeto*).

Exemplos de verbos de ligação: *ser, estar, andar, ficar, permanecer* etc.

303 — Os verbos **transitivos** podem ser empregados intransitivamente, isto é, como verbos de predicação completa; assim, o verbo *estudar* é transitivo, porque "quem estuda estuda alguma coisa"; mas podemos, com sentido, dizer: "Pedro *estuda*" — sem nenhum objeto, empregando o verbo *estudar* em sua acepção geral, sem especificar a coisa ou coisas que Pedro estuda.

Vice-versa, um verbo de predicação completa pode ser empregado como verbo de predicação incompleta: "Êle *viveu* dias horríveis" é oração em que se dá ao verbo *viver* (intransitivo por natureza) o objeto direto *dias horríveis*. Outros exemplos: "*Andei* duas léguas", "*Calei* razões", "*Adormeci* a dor" (= fiz adormecer), "O general *cessou* o ataque" (= fêz cessar).

304 — **REGÊNCIA VERBAL:** Quando indagamos se tal verbo exige objeto direto ou indireto, ou quando, exigindo objeto indireto, procuramos saber se a preposição que o liga ao objeto deve ser *de* ou *por* ou *com* ou *a* ou *para* ou *em* etc., estamos procurando saber a *regência* do verbo.

Vemos daí que regência verbal só diz respeito a verbos de predicação incompleta, pois que os intransitivos, sendo completos, não regem palavra alguma.

Os bons dicionários mostram, através de exemplos, a verdadeira regência de um verbo. O aluno inteligente deverá ver os exemplos que o dicionarista apresenta após cada significado do verbo, e do exemplo deduzirá a regência, sem preocupar-se com o nome que o autor porventura empregue para designar o verbo.

305 — Muitos verbos possuem duas ou mais regências, conservando, em qualquer delas, o mesmo sentido e correção: Puxar *a* espada, *da* espada ou *pela* espada. Outros, conforme a regência, têm significado especial; está neste caso o verbo *assistir;* com objeto direto significa *prestar socorro, cuidar, tratar:* "O médico *assiste* o enfêrmo". Com a preposição *a*, significa *estar presente:* "*Assisti ao* despecho da questão", "*Assistir a* uma missa".

Outro exemplo do presente caso constitui o verbo *querer; querer* uma coisa significa *desejar* uma coisa; *querer a* uma coisa, *a* uma pessoa — significa *estimar* essa coisa, amá-la.

Nota — É tão importante esta questão de "regência verbal" que sôbre ela existem dicionários especializados, que só trazem os verbos de nosso idioma e a respectiva regência, com exemplos elucidativos (Voltarei ao assunto na sintaxe — parágrafo 773 e ss. — onde explanarei certas curiosidades e particularidades regenciais; por ora baste-nos isso).

QUADRO SINÓTICO DO PRESENTE CAPÍTULO

VERBO (Quanto à Predicação)

- predicação completa: intransitivo (sem objeto)
- predicação incompleta: transitivo
  - direto (objeto direto: não há preposição entre o verbo e o complemento)
  - indireto (objeto indireto: há preposição entre o verbo e o complemento)
- de ligação: predicativo

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *sujeito* ou *agente da ação verbal?* Dê exemplos.
2 — Que é *complemento* ou *recipiente da ação verbal?* Dê exemplos.
3 — Que é verbo de predicação completa? Que outro nome tem? Exemplos.
4 — Que é verbo de predicação incompleta? Exemplos.
5 — Quantas espécies existem de verbos de predicação incompleta? *Definir* cada espécie e *exemplificar* com orações.
6 — Como se denomina o complemento do verbo transitivo direto?
7 — Como se denomina o complemento do verbo transitivo indireto?
8 — Como se denomina o complemento do verbo de ligação?
9 — Um verbo de predicação incompleta pode ser empregado sem nenhum complemento? Quando? Exemplo.
10 — Através de que devemos indagar de um dicionário a regência de um verbo?
11 — Os verbos conservam sempre a mesma regência? Neste particular, que diz do sentido do verbo?
12 — Faça o quadro sinótico do estudo do verbo quanto à predicação.

CAPÍTULO XVIII

PRONOME

308 — Pronome é a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo: *Êle* (Pedro) não está — *Alguém* (que não sabemos quem seja) está em casa.

309 — CLASSIFICAÇÃO: O pronome pode ser:

pessoal
possessivo
demonstrativo
indefinido
interrogativo
relativo

Nota — Quanto à forma, alguns pronomes portuguêses se apresentam por mais de uma palavra, ou seja, por locuções pronominais: *cada qual, cada um, o qual.*

310 — Pronome pessoal é o que, ao mesmo tempo que substitui o nome de um ser, põe êsse nome em relação com a *pessoa gramatical.*

311 — PESSOA GRAMATICAL: É a relação entre a linguagem e os sêres.

Quando fazemos uso do dom que nos é próprio, a linguagem, colocamos tudo quanto nos cerca em três posições, em três relações; umas coisas nós relacionamos com a pessoa que fala, outras colocamos em referência à pessoa com que falamos, e outras fazemos relacionar com a pessoa de que falamos.

Está claro que a pessoa que fala é, realmente, *pessoa* (a não ser quando, metafòricamente, atribuímos o dom da linguagem aos irracionais, aos vegetais, como nas fábulas), mas podemos dirigir-nos e referir-nos, indiferentemente, a pessoas e a coisas, mas estas coisas a que nos dirigimos ou às quais nos referimos são, em gramática, consideradas *pessoas*, e, daí, o nome **pessoa gramatical**, que outra coisa não é senão a **relação existente entre a linguagem e os sêres.**

Pois bem, as pessoas gramaticais são representadas, taxeonômicamente, por pronomes, denominados pronomes *pessoais*; o pronome que representa a pessoa que fala, ou seja, a **primeira pessoa** gramatical, é

eu; a pessoa com que falamos é representada por *tu*, que se denomina pronome da **segunda pessoa** gramatical; finalmente temos o pronome *êle* (ou *ela*), que representa a **terceira pessoa** gramatical, ou seja, a pessoa de que falamos.

Tôdas essas pessoas têm os seus plurais: *nós* é o plural de *eu* e representa as pessoas que falam; *vós* é o plural de *tu* e representa as pessoas com que falamos; *êles* (ou *elas*) é o plural de *êle* (ou *ela*) e representa as pessoas de que falamos.

312 — O pronome pessoal pode ser:

reto
oblíquo { *reflexivo* / *não reflexivo* }
de tratamento

313 — Os pronomes pessoais dividem-se em **retos** e **oblíquos**, de acôrdo com o *caso*, isto é, de acôrdo com a função sintática que exercem na oração.

Pronomes retos são os que têm por função representar o *sujeito* do verbo da oração; são retos os pronomes *eu*, *tu*, *êle* (ou *ela*), *nós*, *vós*, *êles* (ou *elas*): *Eu* devo estudar, *tu* podes ir, *êle* deve vir, *nós* não concordamos etc.

Pronomes oblíquos são os que na frase exercem função complementar, isto é, são os que têm por função representar o complemento do verbo: "Mandaram-*me* embora" (o *me* exerce função de objeto direto) — "Disseram-*nos* diversas coisas" (o *nos* exerce função de objeto indireto) — "Mário vai sair *comigo*" (o *comigo* exerce função de adjunto adverbial de companhia).

Essa é a razão por que não se deve dizer: "Estas laranjas são para *mim* chupar" — porquanto o *mim* está aí exercendo *função subjetiva* (função *subjetiva* quer dizer "função de *sujeito*"). Correta, assim deve ficar a construção: "Estas laranjas são para *eu* chupar". — Se dissermos simplesmente: "Estas laranjas são para mim", a construção estará certa, mas se a essa expressão acrescentarmos um verbo qualquer no infinitivo, o *mim* deverá ser substituído por *eu*, porque exercerá a função de sujeito dêsse infinitivo; o infinitivo é que, em tal caso, é regido pela preposição, e não o pronome (Estas laranjas são *para* quê? Para chupar. — Quem vai chupar? *Eu*).

Obs. — No Brasil, até mesmo entre doutos, comete-se o comezinho êrro de dar para objeto direto o pronome do caso reto (caso nominativo, caso do sujeito) ouvindo-se a cada passo solecismos como êstes: "Só vejo *êle* de tarde" — "Pegue eu" — "Olhe *êle* ali".

314 — Em quadro, assim podemos distribuir os pronomes pessoais:

PRONOMES PESSOAIS			
Pessoa gramatical		**Retos**	**Oblíquos**
Singular	1.ª	eu	me, mim, migo
	2.ª	tu	te, ti, tigo
	3.ª	êle, ela	o, a, lhe, se, si, sigo
Plural	1.ª	nós	nos, nosco
	2.ª	vós	vos, vosco
	3.ª	êles, elas	os, as, lhes, se, si, sigo

Nota — Dizem-se *reflexivos* os oblíquos que podem referir-se ao sujeito de uma oração: Eu *me* feri, êle *se* feriu (§ 394; § 408), e *não reflexivos* os que não podem referir-se ao sujeito de uma oração: Viu-*o*, entregou-*lhe* o livro.

315 — **Pronomes de tratamento:** São assim chamadas as palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: *fulano, beltrano, sicrano, a gente, você, vossa mercê, vossa excelência, vossa senhoria, sua senhoria, sua majestade.*

Algumas fórmulas de tratamento:

Papa	—	Santidade (Santíssimo Padre)
Cardeal	—	Eminência
Bispo	—	Excelência Reverendíssima
Padre, Frade	—	Reverendíssimo
Freira	—	Reverendíssima
Rei	—	Majestade (Senhor)
Príncipe	—	Alteza (Sereníssimo Senhor)
Reitor (de universidade)	—	Magnificência (Magnífico Reitor)
Juiz	—	Meritíssimo
Presidente e secretário de estado e demais pessoas de altos cargos ou de posição eminente na classe	—	Excelência
Demais autoridades, oficiais ou particulares	—	Senhoria

Essas fórmulas de tratamento passam a ser pronomes de tratamento quando antecedidas de *sua* ou *vossa:*

Sua emprega-se quando nos referimos à pessoa: "Vi *sua* santidade o Papa Pio XII quando estive em Roma";

Vossa emprega-se quando nos dirigimos à pessoa: "Acabo de receber o diploma que *Vossa* Santidade se dignou enviar-me".

Em ambos os casos, o verbo sempre na 3.ª pessoa.

Notas: 1.ª — Alguns dêsses pronomes são suscetíveis de plural: *vossas majestades, vossas senhorias, vocês* etc. Observe-se que o plural de *você* (Êste pronome não é usado em Portugal) costumam pronunciar *vocêis*, antepondo um *i* ao *s* do plural, pronúncia que devemos evitar e condenar.

2.ª — Como pronome, deve-se escrever *a gente* com os elementos separados: "*A gente* não faz isso por gôsto". Com os elementos ligados, o sentido torna-se outro — *operante, comissário, emissário*: *agente* químico, *agente* policial, *agente* diplomático.

3.ª — É infundada a doutrina dos que obrigam a que sempre se diga "de V. Rev.ma", "a V. Rev.ma", repetindo-se enfadonhamente o "V. Rev.ma". Êste tratamento, como todos os demais de cortesia, pode muito bem aparecer na forma oblíqua. Em português muito bom e menos monótono podemos, sem temor de êrro, dizer: "Formulamos-*lhe*", "pedimos-*lhe*", "vemos na *sua* pessoa", em vez de: "Formulamos a V. Rev.ma", "pedimos a V. Rev.ma", "na pessoa de V. Rev.ma".

316 — É de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a uniformidade de tratamento, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por *vós*, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos pronomes possessivos. Se o tratarmos por *tu*, usaremos os oblíquos *te, ti, contigo* e os possessivos *teu, tua, teus, tuas* (jamais *seu, sua*). Se o tratarmos por *vossa senhoria, senhor, você*, diremos *o, lhe, seu, sua* etc. (V. § 328).

317 — Os pronomes pessoais retos não devem ser empregados desnecessàriamente; o francês, o inglês e outras línguas enunciam sempre o sujeito da oração, mas em português o pronome reto geralmente só se emprega:

a) quando necessário para a *clareza*: "*Êle* passa bem, mas *ela* está adoentada";

b) quando há *contraste*: "*Eu* rio, *tu* choras";

c) quando, *sujeito*, vem modificado por subordinada adjetiva (§ 900): "*Eu*, que nunca deixei de dizer verdade, não mentiria agora pela primeira vez";

d) quando o *sujeito* é *composto*: "*Eu* e Pedro iremos";

e) para dar *ênfase* (= *fôrça de expressão*): "*Tu* me atraiçoaste, *tu* violaste a fé jurada, *tu* te mostraste indigno de minha confiança".

318 — As formas *mim, ti* e *si* sempre se usam antecedidas de preposição: *de mim, a ti, de si para si*.

319 — As formas *migo, tigo, sigo, nosco* e *vosco* provêm do latim *mecum, tecum, secum, nobiscum* e *vobiscum*, palavras compostas da preposição *cum* e das flexões pronominais latinas (cum+me, cum+te, cum+se etc.) colocadas em ordem inversa. Em português, tais formas (nas formas *go* e *co*), vêm outra vez acompanhadas da preposição *com* como se já não bastasse o *cum* que as acompanha: *com+mi+go* (= cum+me+cum), *com+ti+go* (= cum+te+cum), *com+vos+co* (= cum+vobis+cum) (V. § 122, 2.ª obs.).

Êsse fato demonstra quanto se transformou o latim, perdendo certos vocábulos latinos a forma e o próprio significado etimológico [1].

Nota — Manda, entretanto, a eufonia que se diga *com nós mesmos* (ou *mesmas*) e *com nós próprios* (ou *próprias*) em vez de *conosco mesmos* e *conosco próprios*. A mesma regra se deve observar quanto às formas *com vós mesmos* (ou *mesmas*) e *com vós próprios* (ou *próprias*). *Conosco* e *convosco* usam-se desacompanhados de completivos: Com nós alunos isso não se dá — Com vós professôres desejo falar (e não: *conosco alunos*, *convosco professôres* — porque o pronome está acompanhado de um completivo, isto é, de um têrmo que completa o pronome).

320 — As formas oblíquas *me*, *te*, *nos* e *vos* servem, indiferentemente, tanto para objetos diretos, como para objetos indiretos.

EXEMPLOS: "Eu *te* louvo" (objeto direto — verbo transitivo direto) — "Eu *te* obedeço" (objeto indireto — verbo transitivo indireto) — "Nós *vos* louvamos" (objeto direto — verbo transitivo direto) — "Nós *vos perdoamos*" (objeto indireto — verbo transitivo indireto).

As formas pronominais oblíquas **o** e **lhe** da terceira pessoa não podem ser usadas indiferentemente; a forma oblíqua *o* jamais poderá funcionar como objeto indireto, e a forma *lhe* jamais como direto. Comete êrro gravíssimo quem diz: "Eu *lhe vi*", porque o verbo *ver* é transitivo direto, e, portanto, o oblíquo deve ser *o*. Da mesma forma, erra enormemente quem diz: "Eu *o obedeço*", porque o verbo *obedecer* é transitivo indireto, e, portanto, o oblíquo deve ser *lhe*.

O seguinte quadro elucida a questão:

OBJETOS			
Direto (*compl. de verbo trans. direto*)		**Indireto** (*compl. de verbo trans. indireto*)	
Singular	me te se, *o*	Singular	me te se, *lhe*
Plural	nos vos se, *os*	Plural	nos vos se, *lhes*

Nota — Vimos no § 302 que os verbos de ligação se completam com o predicativo (jamais objeto). Acrescentemos agora: Pode aparecer com tais verbos, além do predicativo, que é exigido pelo verbo para que tenha sentido completo, uma palavra que determine ou complete o predicativo, ou seja, uma palavra que manifeste relação de prejuízo ou benefício (interêsse), proximidade, semelhança etc.: "Pedro é bom

(1) V. *Noções Fundamentais da Língua Latina*, § 182, n. 8.

ra o pai" — "Êle é favorável *a mim*" — "Isso não parece bom *para o povo*". Substituindo êsse complemento pelo correspondente pronome oblíquo, temos: "Pedro *lhe* é bom" — "Êle *me* é favorável" — "Isso não *lhe* parece bom".

321 — Combinações pronominais: Quando um verbo transitivo vem com dois objetos, um direto e outro indireto, iremos, para substituir êsses dois objetos pelos respectivos pronomes, empregar duas formas pronominais oblíquas: uma que irá representar o objeto direto e outra, o indireto.

Suponhamos a oração: "Dei a Pedro o livro"; substituamos o objeto indireto *a Pedro* pelo correspondente pronome oblíquo, conforme vimos no parágrafo anterior: "Dei-*lhe* o livro".

Substituamos, também, o objeto direto pelo seu pronome correspondente: "Dei-lho".

Dei — *lhe* + *o*
↓ *a Pedro* (obj. indireto) ↓ *o livro* (obj. direto)

Outros exemplos de combinações pronominais:

Uma vez que na oração venha expresso ou o objeto direto ou o objeto indireto, já não será possível a combinação pronominal. "Não sei quando lho darei o *livro*" é construção redondamente errada, visto vir já expresso o objeto direto de *darei* (o livro); nessa oração só é possível o pronome *lhe:* "Não sei quando *lhe* darei o livro". Se não viesse expresso o objeto direto, então, sim, poderíamos combinar os pronomes:

322 — Eis o quadro das combinações pronominais:

me + o = mo (ma, mos, mas)	nos + o = no-lo (no-la, no-los, no-las)
te + o = to (ta, tos, tas)	vos + o = vo-lo (vo-la, vo-los, vo-las)
lhe + o = lho (lha, lhos, lhas)	lhes + o = lho (lha, lhos, lhas)

Notas: 1.ª — V. lêtra A do § 114.

2.ª — Os pronomes *se* e *o* jamais podem vir juntos na mesma oração: nunca devemos dizer: não *se o* sabe, faz-*se-o*, vê-*se-o* (V. § 406).

3.ª — Da leitura dos clássicos pode-se concluir não serem usadas construções como: "Teus pais *te nos* confiaram" — "Nosso chefe *nos te* enviou".

A construção usada é: "Teus pais *te* confiaram *a nós*" — "Nosso chefe *nos* enviou *a ti*".

Encontram-se e são usadas construções com *se nos*, *se me*, *se lhe* etc., com o *se*, ora reflexivo, ora passivo, não com o *te* nem com o *nos* em verdadeira função objetiva direta, isto é, como recipientes de ação praticada por outra pessoa gramatical: "Foram-*se-me* as esperanças" — "Lançou-*se-me* ao pescoço" — "Vota-*se-lhe* ali uma espécie de culto" — "Afiguram-*se-nos* monstros" — "Quando uma figura *se nos* mostra no ar" — "Possível *se me* faz todo o impossível" — "Tudo *se te* deve" — "Que *se me* dá a mim de mim, sem vós?".

323 — Os pronomes pessoais são sempre **substantivos**, porque sempre fazem as vêzes de substantivo. Os demais pronomes ora são pronomes substantivos, ora pronomes **adjetivos**, o que se dá quando acompanham substantivo.

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *pronome?*
2 — Dê a *classificação* dos pronomes.
3 — Que é *pronome pessoal?*
4 — Que é *pessoa gramatical?*
5 — Que são pronomes pessoais *retos?*
6 — Que são pronomes pessoais *oblíquos?*
7 — "Isto é para mim ficar bom": Corrija e explique a correção.
8 — Quando um oblíquo se diz *reflexivo?*
9 — Quando um oblíquo se diz *não reflexivo?*
10 — Que são *pronomes de tratamento?*
11 — *Uniformidade de tratamento:* Explique o que é isso.
12 — Explique a etimologia de *comigo* e *convosco.*
13 — Qual o certo: *conosco mesmos* ou *com nós mesmos?*
14 — Faça duas orações com o pronome oblíquo "o" (O aluno já sabe que o verbo deve ser transitivo direto), e faça outras com o oblíquo "lhe" (Já sabe o aluno que o *lhe* exerce função de objeto indireto).
15 — Faça três orações em que entre, numa, a combinação pronominal *ma;* noutra, *lho;* na última, *no-lo* (Justifique as construções).

Capítulo XIX

POSSESSIVO

327 — Possessivo: Assim se denomina a palavra que traz idéia de posse, indicando a pessoa a que pertence uma coisa.

São os seguintes os nossos **possessivos:**

masculino		feminino	
singular	*plural*	*singular*	*plural*
meu	meus	minha	minhas
teu	teus	tua	tuas
seu	seus	sua	suas
nosso	nossos	nossa	nossas
vosso	vossos	vossa	vossas
seu	seus	sua	suas

328 — Da definição de **possessivo** fàcilmente se deduz que tais palavras têm, na frase, duplo papel: um de indicar a *coisa possuída*, outro de indicar a *pessoa gramatical possuidora.*

pessoas gramaticais	*pronomes pessoais*	*possessivos*
primeira do singular	eu	meu, minha, meus, minhas
segunda do singular	tu	teu, tua, teus, tuas
terceira do singular	êle (ela)	seu, sua, seus, suas
primeira do plural	nós	nosso, nossa, nossos, nossas
segunda do plural	vós	vosso, vossa, vossos, vossas
terceira do plural	êles (elas)	seu, sua, seus, suas

Quer isso dizer que os possessivos devem ser empregados de acôrdo com a pessoa gramatical; se tratarmos a pessoa com que falamos por *vós*, deveremos empregar, para indicar sêres pertencentes a essa pessoa, os possessivos *vosso, vossa, vossos, vossas;* se a tratarmos por *tu*, deveremos empregar os possessivos *teu, tua, teus, tuas.*

Observe-se, porém, que no Brasil (com exceção do Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul; neste último estado flexionam, popularmente, o verbo na 3.ª do sing.: "Tu quer", e consideram ríspido o *você*) quase nunca tratamos por *tu* a pessoa com que falamos; sempre tratamos o interlocutor por um pronome de tratamento: *você, senhor, vossa senhoria* (V. S.), *vossa excelência* (V. Exa.). Ora, todos êstes tratamentos são considerados da terceira pessoa gramatical; quer isso dizer que, quando assim tratarmos a pessoa a que nos dirigimos, deveremos empregar os possessivos correspondentes à terceira pessoa gramatical (seu, sua, seus,

suas), não nos deixando iludir pelo *vossa* que aparece em "*vossa senhoria*", "*vossa excelência*". Estes tratamentos, como ainda *vossa majestade* (V. M.) e *vossa alteza* (V. A.), são todos da terceira pessoa gramatical.

Conseguintemente, se tratarmos uma pessoa por *vossa excelência*, cometeremos êrro crasso se dissermos: "V. Exa., com *vosso* espírito elevado...".

Exemplos do correto emprêgo dos possessivos:

"Não deves (tu) fazer com *teu* irmão o que fazes com *teu* filho" — "Podeis (vós) voltar a *vossa* pátria" — "V. Exa., com a morte de José, perde o *seu* maior amigo" — "Vossa majestade deve providenciar o bem estar de *seu* povo".

Notas: 1.ª — Se, tratando uma pessoa por *vós*, escrevermos: "Deveis socorrer o menino e *seu* pai", nenhum êrro cometeremos, pois o *seu* se refere a *menino* e não à pessoa a que nos dirigimos, e a expressão equivale a estoutra: "Deveis socorrer o menino e o pai *dêle*". — Há quem, em casos como êsse, empregue, juntamente com o possessivo *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, as variações pronominais *dêle*, *dela*, *dêles*, *delas*, dizendo: *seu pai dêle*, *seus pais dêles*, *sua mãe dêle*, *suas mães dêles*. Tais modos de dizer, ainda que aforados em textos portuguêses de bom cunho, devem evitar-se, dando-se outra feição ao fraseado.

2.ª — *Seu*, na forma singular, pode referir-se a vários indivíduos: "...homens, mas *sua* doutrina..." (= a doutrina dêles). Dirigindo-nos a várias pessoas, portanto, devemos dizer "seu aproveitamento" (= o aproveitamento de vocês), e não "seus aproveitamento", porque *seu*, embora se refira a mais de uma pessoa, deverá concordar com *aproveitamento*, que está no singular. Quando o substantivo estiver no plural é que o possessivo se flexionará: "Meninos, *seus* pais devem..." Se os meninos forem irmãos, já deveremos dizer: "Meninos, *seu* pai deve...". Em conclusão: Os possessivos concordam em português com a coisa possuída e não com o possuidor.

329 — O emprêgo dos possessivos *seu*, *sua*, *seus*, *suas* pode trazer ambigüidade à expressão, quando há na oração mais de uma terceira pessoa; não sabemos, por exemplo, na expressão: "Pedro foi com o amigo à casa de *seu* mestre" — a quem se refere o possessivo *seu*; não se percebe se se trata do mestre de Pedro ou do mestre do amigo.

Em tais casos, impõe-se, para a clareza, ou que se coloque a coisa possuída perto do possuidor: "Pedro foi à casa de seu mestre com o amigo" — ou que se modifique a expressão, mediante acréscimo de têrmos ou locuções elucidativas: "Pedro foi, com o amigo, à casa do mestre dêste".

Nota — Leiamos êste conselho de Botelho de Amaral: Não devemos repetir em demasia, e muito menos pròximamente, os possessivos *seu*, *sua*, *seus*, *suas* etc. Um grande escritor redigiu: "A igreja... com o *seu* largo portão vermelho aberto para o *seu* adro...". Melhor, parece-nos, ficaria: "A igreja... com o largo portão vermelho aberto para o *seu* adro..." ou: "A igreja... com o *seu* largo portão vermelho aberto para o adro...".

330 — Antes de nomes que indicam *partes do corpo* ou *faculdades do espírito*, omite-se comumente o possessivo, quando se trata de partes do corpo ou faculdades do espírito referentes ao próprio sujeito da oração: "Quebrei a perna" — e não "Quebrei a *minha* perna"; "Pedro

machucou o pé" — e não "Pedro machucou o *seu* pé"; "Êle perdeu o juízo" — e não: "Êle perdeu o seu juízo".

Nota — Igual cuidado devemos ter com a palavra *casa*, na acepção de *moradia, lar, residência*: "Vim de casa" — e não: "Vim de *minha* casa"; "Êle já saiu de casa" — e não: "Êle já saiu de *sua* casa". O possessivo só é empregado para dar ênfase à expressão: "Estou em *minha* casa".

331 — É interessante notar que, com certos substantivos abstratos, os possessivos trazem significação diferente à expressão, conforme vierem colocados antes ou depois: A sentença: "Queremos *notícias tuas*" indica o mesmo que "Queremos *notícias sôbre ti*"; se disséssemos: "Queremos *tuas notícias*", expressaríamos vontade de que a pessoa a que nos dirigimos nos envie notícias sôbre quaisquer coisas. Outros exemplos: Tenho *piedade sua* (Tenho piedade de você) e: A *sua piedade* deve ser recompensada (A piedade que você tem...). *Ódio vosso* (Ódio que nutrem a vossa pessoa) e *vosso ódio* (Ódio que essa pessoa nutre a outrem).

332 — Não se deve julgar que o possessivo *meu* tem o mesmo significado que a locução *de mim*, nem, igualmente, que *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso* equivalham a *de ti*, *de si*, *de nós*, *de vós;* é incorreto dar a tais locuções o valor possessivo; não se deve dizer *casa de mim*, *fazenda de vós*, mas *minha casa*, *vossa fazenda*. Apenas a terceira pessoa é que admite a forma *dêle* como possessivo: *livro dêle*, *automóvel do senhor*, *filho de vossa senhoria* etc.

333 — O possessivo indica *aproximação de cálculo* em expressões como estas: "Tinha *meus* trinta anos..." — "Alfredo possui *seus* quarenta contos".

Nota — Vejamos alguns significados e empregos especiais de *seu:* *a*) no plural, com a significação de parentes, família, amigos ou partidários: Como vão os *seus?* Quem sai aos *seus* não degenera; *b*) bens ou coisas próprias de cada um: Não tem dez réis de *seu*. Dar o *seu* a seu dono. Um pobre frade que de *seu* não tinha mais que o breviário; *c*) próprio, particular, pessoal: Mais sabe o tolo no seu do que o sábio no alheio; *d*) *não ter um momento de seu* = não dispor de tempo; *e*) *ter o seu tanto de...* = ter alguma qualidade, mas não muito pronunciada: Êste homem tem o seu tanto de tolo; *f*) *uma das suas* = ato ou dito próprio da pessoa: Fazer das suas. Diga uma das suas; *g*) *dizer na sua* = pretender, dar a entender nas suas palavras: Diz então na sua que tem de tôda a casta? *h*) *ficar na sua* = persistir, permanecer na sua opinião ou teima: Preferiu êle ficar na sua?

334 — Em certos casos, é possível e elegante a substituição do possessivo pelo correspondente pronome oblíquo: Machucaram-*lhe* a cabeça (Machucaram a cabeça *dêle*) — Levaram-*lhe* o filho (Levaram o *seu* filho) — Captei-*lhe* a confiança (Captei a *sua* confiança).

Transcrevo aqui as seguintes ponderações de Carlos Góis (Dicionário de Galicismos): "Ressumbra francesia, e nada tem de idiomático, o emprêgo irritante, impertinente do *adjetivo possessivo*, sempre que: *a*) o possuidor estiver patente, manifesto, lògicamente suprido: "Tenho *minha* perna inchada" (J'ai ma jambe enflée), em vez

do correto: "Tenho *a* perna inchada"; *b*) fôr possível substituir o possessivo (*meu, teu, seu, nosso, vosso*) pelas variações pronominais oblíquas com fôrça possessiva (*me, te, lhe, nos, vos*), emprêgo êsse que constitui um dos mais lindos ornamentos e torneios plásticos do português, em que a nossa língua supre, com rara habilidade, a carência de pronome equipolente do *en* francês ou do *ne* italiano (= dêle, dela): "As lágrimas que corriam de *seus* olhos" (Les larmes qui coulaient de *ses* yeux), em vez do correto: "As lágrimas que *lhe* corriam dos olhos" — "Pedro abusou de *minha* confiança" (Pierre a abusé de *ma* confiance), em vez do correto: "Pedro abusou-*me* da confiança" etc.; *c*) fôr possível substituir o possessivo pelo demonstrativo *próprio* (outro recurso de que se serve o português): "Recebeu-me no *próprio* quarto" e não: "Recebeu-me em *seu* quarto".

Carlos Góis exagera nas lêtras *b* e *c*; uma coisa é estilo, que pode ser popular ou elevado, outra é gramática. Não é possível dizer que erra quem diz "Você abusou da minha confiança".

335 — Pronomes substantivos — Pronomes adjetivos: Os possessivos, como todos os pronomes, são pronomes adjetivos quando acompanham substantivo; são pronomes substantivos quando fazem as vêzes de substantivo:

"De que côr é *teu* chapéu? — O *meu* é branco"

pronome adjetivo — pronome substantivo

Isso é importante distinguir, porque em certos idiomas, como o inglês, essa diferença de função acarreta diferença de forma:

"O *meu* livro" — "Êste livro é *meu*"

my (pron. adj.) — mine (pron. substantivo)

336 — Também os artigos podem exercer função pronominal substantiva:

"*O* homem que você prendeu não é *o* que procuramos"

artigo (mod. o subst. *homem*) — pron. substantivo (substitui *homem*)

"*As* laranjas dêste ano são melhores que *as* do ano passado"

artigo (mod. *laranjas*) — pron. substantivo (substitui *laranjas*)

Nota — Vê-se que a forma pronominal articular evita a fastidiosa repetição do nome. Há até vêzes em que nem mesmo se usa o pronome:

"Chorando êle *males* de ódio, eu (*os*) da fortuna"

337 — Os numerais também se tornam pronomes quando desacompanhados de substantivo: "Eu tenho dez anos, você tem *quinze*" — "Eu ganhei o primeiro prêmio; você, o *segundo*" — "Dei um salto triplo, você deu um *sêxtuplo*" — "José bebeu um litro de vinho, seu irmão bebeu *meio*".

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *possessivo?*
2 — Corrija a construção: "Vossa alteza podeis solucionar o caso dêste vosso súdito".
3 — Que diz da construção: "O menino quebrou o seu brinquedo dêle"?
4 — Que diferença de sentido indicam as orações "Meninos, seus pais devem..." e "Meninos, seu pai deve..."?
5 — Que diz desta oração: "Pretendo, caro amigo, passar as férias com Pedro em sua fazenda"?
6 — "Machuquei o meu nariz" — "Pedro contundiu os seus olhos": são orações corretas? Por quê?
7 — Há diferença entre as expressões *saudades suas* e *suas saudades?* Por quê?
8 — Que diz da expressão: "O pai de Mário tem seus trinta anos"?
9 — Explique a construção desta oração: "Roubaram-me o chapéu".
10 — Quando um pronome se diz *substantivo* e quando se diz *adjetivo?* Um exemplo de cada caso.
11 — Também os artigos podem exercer função pronominal substantiva? Exemplo.

CAPÍTULO XX

DEMONSTRATIVO

340 — Demonstrativo: Assim se denomina a palavra que *localiza* o substantivo (*êste* homem, *êsse* homem, *aquêle* homem) ou o *identifica* (o *mesmo* homem, o *próprio* homem, o *tal* homem).

A) Os que *localizam*, isto é, os que determinam o lugar, são os seguintes:

masculino	*feminino*	*neutro*
êste	esta	isto
êsse	essa	isso
aquêle	aquela	aquilo

Notas: 1.ª — *Isto* (esta coisa), *isso* (essa coisa), *aquilo* (aquela coisa) são formas neutras de *êste, êsse, aquêle*, e só funcionam como *pronomes substantivos*.

2.ª — *Êste, êsse, aquêle* e respectivos femininos podem vir combinados com a palavra *outro*: *êste outro, estoutro; esta outra, estoutra* etc. Todos os que localizam, quando antecedidos das preposições *de* e *em*, podem com elas combinar-se, sem apóstrofo: *dêste, desta, disto; neste, nesta, nisto* etc.

B) Os que *identificam* a coisa que se nomeia são:

masculino	*feminino*
mesmo	mesma
próprio	própria
tal	tal

341 — ÊSTE, ÊSSE, AQUÊLE: Que tais demonstrativos *localizam* é fácil ver; quando dizemos "Eu vi *êste* homem", mostramos claramente que nos referimos a um *homem* que está perto de nós; dizendo "Eu vi êsse homem", determinamos um *homem* que está afastado de nós, mas perto da pessoa com que falamos; por último, dizendo "Eu vi *aquêle* homem", referimo-nos a um *homem* afastado de nós e, ao mesmo tempo, afastado da pessoa a que nos dirigimos.

Notas: 1.ª — Os demonstrativos *êste* e *aquêle* localizam não sòmente com relação às pessoas, mas ainda com relação aos têrmos de um período; *êste*, numa oração, refere-se ao têrmo mais próximo, ou seja, ao enunciado em segundo lugar, e *aquêle* refere-se ao mais afastado, ao enunciado em primeiro lugar: "Duas nações existem que dominavam o mundo: a Inglaterra e a França; *esta* (a *França*, têrmo que está mais próximo) pela ciência, *aquela* (a *Inglaterra*, têrmo mais afastado) pelo denodo".

2.ª — Os demonstrativos *êste* e *êsse* têm também a seguinte propriedade de indicação: *êste* apresenta coisa que se pretende mostrar, coisa desconhecida ou coisa

que se tem na frente de quem fala ou mais perto do que outras já citadas ou tratadas; *êsse* indica coisa já apresentada, conhecida: "Prestem atenção *nisto*" (que vou dizer) — "Não foi *isso* que mandei comprar".

3.ª — Outras vêzes, em lugar de *êsse* emprega-se *êste*, para referir-se, em confronto com outras, a coisa mais presente, mais do momento, mais à mão, embora já apresentada, já conhecida: "Não foi êste o livro que mandei comprar" — "Isto é outra coisa!" — "Êste assunto não me agradou".

4.ª — É elegante a interposição da conjunção *como* entre os demonstrativos *êste*, *êsse*, *aquêle* e o substantivo por êles modificado: "Êste *como* brado de revolta repercutiu em todos os peitos" — "Êsse *como* sol" — "Aquela *como* deusa" — em vez de: "Esta coisa que parece brado..." — "Essa coisa que parece sol..." — "Aquela coisa que parece deusa".

Note-se que, em tais casos, o demonstrativo toma o gênero e o número do têrmo de comparação: *Êstes* (masc. pl.) como *brutos* (masc. pl.) — *Estas* (fem. pl.) como *ninfas* (fem. pl.).

342 — MESMO: 1 — Quando *mesmo* modifica, na oração, os pronomes *eu*, *tu*, *nós* e *vós*, deve flexionar-se de acôrdo com o gênero e com o número da pessoa representada por êsses pronomes: *eu mesmo* (homem) — *eu mesma* (mulher) — *tu mesmo* (homem) — *tu mesma* (mulher) — *nós mesmo*, *nós mesma* (quando o *nós* está empregado em lugar de *eu*: *Nós mesmo* investigamos o caso) — *nós mesmos*, *nós mesmas* (quando o *nós* representa, de fato, mais de uma pessoa) — *vós mesmo*, *vós mesma* (quando o *vós* vem empregado em lugar de *tu*: *Vós mesma*, minha aluna, deveis redigir as respostas) — *vós mesmos*, *vós mesmas* (quando o *vós* se refere, realmente, a mais deu ma pessoa).

Nota — Passa-se com o demonstrativo *próprio* fenômeno idêntico ao que se dá com o demonstrativo *mesmo*: *eu próprio*, *eu própria*, *nós próprio*, *nós própria*, *nós próprios*, *nós próprias* etc. (V. o § 769, I).

2 — *Mesmo* funciona como pronome neutro em frases como: "É o *mesmo*" (= É a *mesma coisa*) — "O *mesmo* ouvi eu" — "Redunda no *mesmo*" — "Vem a ser o *mesmo*".

Notas: 1.ª — Ouve-se — mas isto é permitido apenas em linguagem familiar — o superlativo *mesmíssimo* em frases como: "É a *mesmíssima* coisa".

2.ª — Idêntica função neutra tem *mesmo* quando flexionado no feminino em expressões em que se subentende a palavra *coisa*: "Fiquei na mesma" — "Deu na mesma".

3 — *Mesmo* funciona também como advérbio: "Êle não quer *mesmo*" — "Hoje *mesmo*" — "Estive *mesmo*" — "Ela quer *mesmo* sair".

4 — Há um emprêgo condenável do demonstrativo *mesmo*: Criou-se a custa de ensinamentos de origem duvidosa, verdadeira aversão às formas *a ela*, *dela*, *para ela* etc.

Não sei se por temor de, no emprêgo do pronome *ela*, formar palavras grotescas, como "bôca *dela*", ou se para evitar a repetição contínua dêsse pronome, costumam certos autores, *infalìvelmente*, substituí-lo por *a mesma*, *da mesma*, *para a mesma*, *com a mesma* etc.

É verdadeiramente ridícula essa substituição, que só logra atestar fraqueza de estilo, falta de colorido e de recursos sintáticos. Assim é que freqüentemente vemos passagens como estas: "Vou à casa de minha mãe; falarei com *a mesma* sôbre o assunto" — "Realizou-se ontem a esperada festa; *à mesma* compareceram...".

É caso de perguntar se o interlocutor tem outra mãe ou se o cronista assistiu a outra festa.

Outros exemplos dêsse êrro: "... nova ortografia, visto que os trabalhos serão corrigidos pela mesma" — "Devemos estudar português e as matérias que têm relação com o mesmo". Êsse disparate se evidencia em trechos de confirmante pobreza sintática como êste: "A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., e os mesmos dedicam à mesma tôdas as energias".

Reproduzamos, corrigidos, os exemplos dados: "Vou à casa de minha mãe, com quem falarei sôbre o assunto" (*ou:* e com ela falarei sôbre o assunto) — "Realizou-se ontem a esperada festa, à qual compareceram..." — "... nova ortografia, visto por esta deverem os trabalhos ser corrigidos" — "Devemos estudar português e as matérias com êle relacionadas" (e as matérias correlatas com êsse estudo — e as matérias que mantêm com essa disciplina relação) — "A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., que a ela dedicam tôdas as energias" (*ou:* que lhe dedicam...).

5 — Outros empregos de *mesmo:*

a) com o significado de *em pessoa, próprio, idêntico:* "... eu sou a mesma pontualidade" — "Mas quem há de amar as môscas, sendo a mesma imundícia?" — "Cristo era a mesma Inocência" — "... como o declarou o mesmo Cristo" — "... fundada em sua semelhança mesma" — "... de uma terra mesma nasceram duas tão contrárias";

b) para indicar com mais ênfase e distinção a pessoa ou coisa determinada pelos demonstrativos *êste, êsse, aquêle:* "Êste mesmo livro";

c) para identificar, comparativamente, uma pessoa ou coisa: "Respondeu-lhe com a mesma serenidade" — "... os mesmos e ainda maiores estragos" — "Esta roupa é a mesma de ontem" — "Exerce a mesma função de antes".

6 — Evitavam os clássicos o emprêgo de "até mesmo", de "ainda mesmo" e de "nem mesmo", combinações que êles substituíam por construção mais vigorosa: Até o mesmo Deus (em vez de *até mesmo Deus*), ainda a mesma natureza (em vez de *ainda mesmo a natureza*), e até as mesmas ilhas se fazem continente (em vez de *e até mesmo as ilhas...*), nem os mesmos advogados (em vez de *nem mesmo os advogados*), até a mesma inocência vos não abranda (em vez de *até mesmo a inocência...*).

7 — Três significados pode apresentar a expressão "assim mesmo".

a) *igualmente:* "Assim mesmo tratarei com el-rei" — "Pondere assim mesmo como nas Sagradas Lêtras";

b) *apesar disso, contudo, ainda assim:* "A prova máxima não era assim mesmo concludente" — "Quis assim mesmo o govêrno aliciar no círculo algum proprietário" — "Assim mesmo o autor é bonito";

c) *dêsse mesmo modo, como estais dizendo:* "Falei assim mesmo" — "Pois aconteceu assim mesmo".

8 — Os mestres de nossas lêtras não tinham a tôla preocupação de evitar cacófatos no empregar *mesmo: da mesma maneira, na mesma miséria, da mesma mão.*

9 — Com a significação de *próprio*, cabe às vêzes a elegante posposição do *mesmo* ao substantivo: "Em virtude da natureza mesma" — "Com admiração da gente mesma".

343 — TAL: Exemplos do emprêgo do demonstrativo *tal:* "Ditosa pátria que *tal* filho tem" — "E em nome *tal* és tu quem falas?" — "*Tal* era em resumo o estado político e moral da Espanha".

Notas: 1.ª — O demonstrativo *tal* pode funcionar como adjetivo quando posposto a substantivo ou pronome: "Homens *tais* devem ser punidos severamente" — "Minha terra tem primores, que *tais* não encontro eu cá" (= semelhantes, dêsse modo).

2.ª — Idêntica função exerce *tal*, quando, na frase, entra em correlação com *qual* ("Era *tal* o brilho da lua *qual* o do sol poente"), *como* ("*Tal* era o doente *como* um cadáver") ou com outro *tal* ("*Tal* vida *tal* fim").

3.ª — *Tal* funciona como pronome substantivo em frases como: "Não há *tal*" — que equivale a dizer: "Não há *tal coisa*"; "Não creio *tal*" — que é o mesmo que dizer: "Não creio *isso*"; "Quando *tal* ouviu..." (= quando ouviu *tal* coisa...).

4.ª — Quanto ao emprêgo de *um* antes de *tal*, V. § 243, obs. 5, b.

344 — Outras expressões em que se emprega *tal:*

a) "Antônio de *tal*" (o *tal* representa o sobrenome, que não se conhece, da pessoa).

b) "*Tal ou tal*" — locução equivalente a *êste ou aquêle, um ou outro:* "O que se passou sem testemunho em *tal ou tal* coração, em *tal ou tal* espírito".

c) "*Tal qual*" (ou *tal e qual*), expressão que significa *igual, sem diferença nenhuma:* "*Tal qual* sem tirar nem pôr" — "Dessas brenhas contêm nossas matas *tais* e *quais*, mas com fôlhas" — V. § 583, n.

d) "*Tal ou qual*", locução que significa "mais ou menos", "uma espécie de": "E era tão baixo aquêle *tal ou qual* abrigo".

e) "*Outro tal*" (ou: "*outro que tal*"), que significa "semelhante a outro de que já se falou": "Na outra parte da ponte fêz *outro tal* reparo" — "E talvez não fôsse La Fontaine, mas foi *outro que tal*, que vale o mesmo".

f) "*Que tal?*" — locução que exprime surprêsa e admiração ou equivale à interrogação "Que lhe parece?".

345 — Os demonstrativos são pronomes substantivos quando fazem as vêzes do substantivo:

"Não é *êste* o homem que me agrediu"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

"Êste homem é perverso, mas *aquêle* é pior"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

"*Aquilo* podia tê-lo matado"
↓
pronome substantivo
(= *aquela coisa*)

"Não disse *tal*"
↓
pronome substantivo
(= *isso*)

"*Êste* homem é bom, *aquêle* é mau"

Êste ↓ pronome adjetivo (acompanha o subst. *homem*)

aquêle ↓ pronome substantivo (substitui *homem*)

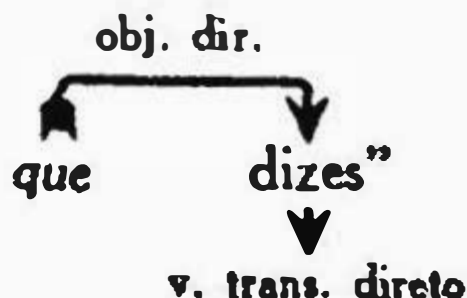
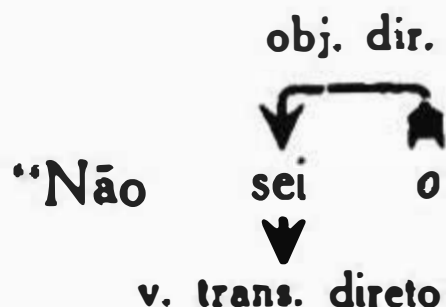
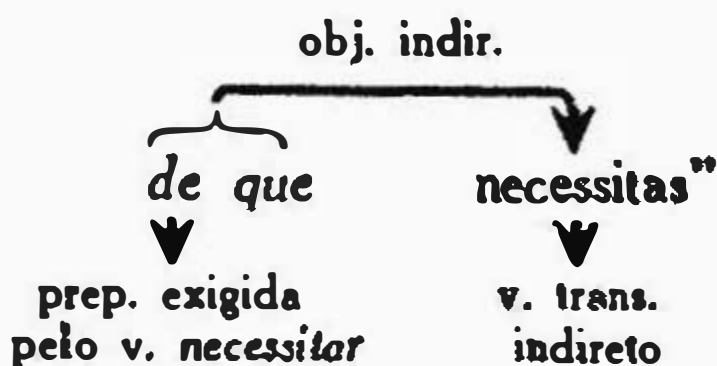
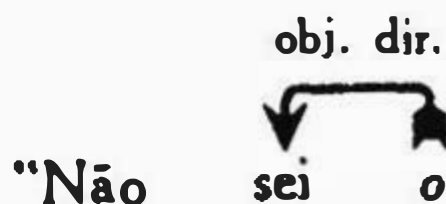
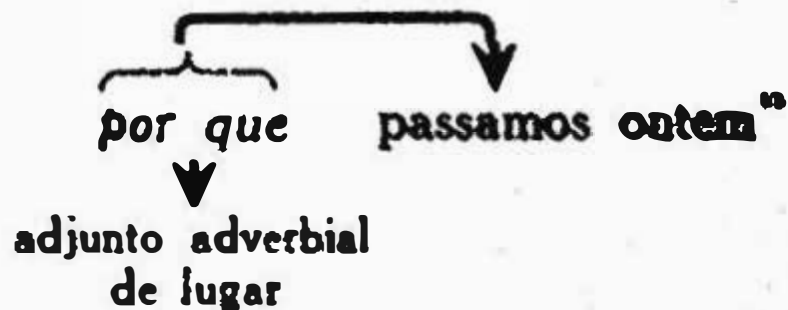
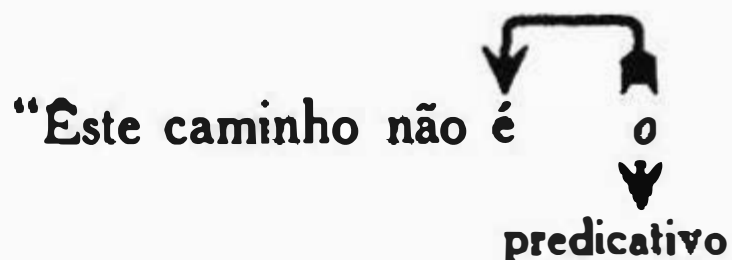
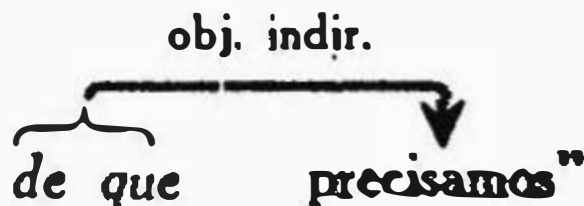
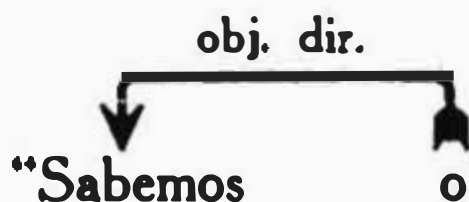
Notas: 1.ª — O artigo *o* funciona também como demonstrativo neutro e, em tal caso, pode substituir tanto um nome quanto um verbo, tanto um adjetivo quanto, ainda, uma oração inteira.

"Não sei *o* (*aquilo*, a coisa) que queres".
"Não *o* fiz por gôsto (não fiz *isso*)".
"Vou estudar minha lição e vou fazê-*lo* (= estudar a lição) com acuro".
"Deves ser estudioso e deves sê-*lo* sempre" (deves ser *isso*, isto é, *estudioso*).
"Quem contou êsse caso? — Não importa sabê-*lo*" (não importa saber *isso*, isto é, *quem contou êsse caso*).
"Sois espiã? — Não o sou" (não sou *isso*, isto é, *espiã*).

2.ª — O demonstrativo *o* substitui as formas neutras *isto*, *isso* e *aquilo*, quando seguidas de *que*: "Oiça *o* que (= *isto* que) lhe digo" — "Não tenho *o* que (= *isso*, *essa coisa* que) me pede" — "Não compreendi *o* que (= *aquilo* que) disse o mestre".

3.ª — A forma "*o* que" pode ainda equivaler a "*aquêle* que", da mesma maneira que as formas "*a* que", "*os* que" e "*as* que" equivalem a "*aquela* que", "*aquêles* que" e "*aquelas* que". Embora "o que" equivalha a "aquêle que", constitui italianismo o emprêgo invariável e contínuo de "aquêle que" em vez do castiço "o que". Sòmente quando exigida pela clareza ou pela eufonia é que é empregada a forma "aquêle que": "Êsse homem é *aquêle* a *que* já me referi" (e não "o a que").

Na forma *o que* (e, igualmente, nas demais) entram dois pronomes; um demonstrativo — *o* — e outro relativo — *que* — cujo antecedente é o mesmo demonstrativo *o*.

Essa será a análise de *o que*, quando encaixado num período. No período: "Não sei *o que* dizes" — o demonstrativo *o* pertence ao verbo *sei*, do qual constitui objeto direto, e o relativo *que* pertence ao verbo *dizes*, do qual constitui também objeto direto:

Claro está que, se o segundo verbo do período, ou seja, o verbo de que depende o "que", fôr transitivo indireto, o "que" deverá, como todos os complementos de verbos transitivos indiretos, vir antecedido da preposição exigida pelo verbo:

Tais construções continuarão certas se deslocarmos a preposição que rege o relativo *que* para antes do demonstrativo: "Não sei *do que* se trata" — em vez de: "Não sei *o* || *de que* se trata".

4.ª — Manda a eufonia que se empreguem os demonstrativos *aquêle*, *aquelo* em vez de *o*, *a* em construções como: "Consoantes chiantes são *aquelas cujo* som produz chiado" e não: "...*as cujo som*..." — "Êsse homem é *aquêle a que* já me referi" — e não: "...*é o a que*..." (Releia a primeira parte da nota 3 dêste mesmo parágrafo).

5.ª — As combinações dos demonstrativos (§ 340, n. 2) podem igualmente funcionar como pronomes:

"Não foi êste homem, foi *aqueloutro*"

6.ª — O demonstrativo *êsse* é por vêzes empregado com o seu significado etimológico (lat. *ipse* = mesmo):

"O que acreditar em mim, êsse será escolhido"

7.ª — Para maior esclarecimento do presente assunto, reproduzo aqui um artigo meu, publicado no "O Estado de S. Paulo":

A incúria, que de um lado vemos, do estudo dos fatos do idioma é de outro agravada pela leviandade de doutrina sôbre certos assuntos de nossa gramática. Já

não me lembra o livro em que vi taxativamente expresso: Não se deve dizer "tudo o que", mas "tudo que", por ser impossível o emprêgo conjunto de dois pronomes.

Além de nada explanar, essa regra é gratuita e, para o caso, inteiramente destituída de aplicação. Ao contrário de fazer graçolas em matéria gramatical, deveriam êsses chocarreiros estudar um pouco mais de gramática, em suprimento do acanhado poder de raciocínio. Há poucos dias ainda, verberei a deficiência do programa de português em omitindo os "determinativos". É ponto êste necessário, pelos ensinamentos que intrìnsecamente contém e, ainda mais, para a perfeita compreensão do que venha a ser "pronome adjetivo". Ditos assim, sem nenhuma explicação, êsses têrmos técnicos nada parecem querer dizer e, de fato, nada dizem para quem não estudou gramática nem para os que estudaram português através de livros programados.

Julgando-me dispensado de aqui definir classes de palavras e supondo não ser procedimento regular fazer um autor propaganda de seus livros em artigos de colaboração, tratarei do caso sem mais delongas. *Todo* possui a forma neutra *tudo*, a qual funciona ou como pronome substantivo (Quero tudo — Vi tudo), ou como pronome adjetivo, quando acompanha outra forma neutra — *tudo isso*, *tudo aquilo*: Quero tudo isso — Vi tudo aquilo — Farei tudo isto.

Assentemos então, desde logo, que nas orações "Quero tudo isso", "Vi tudo aquilo", "Farei tudo isto" — a palavra *tudo* é pronome adjetivo e não substantivo. O êrro parte de não saberem êsses truões — no plural digo porque mais de um existe — nem ao menos taxeonômicamente analisar os têrmos de uma oração.

Acrescentando a essas orações uma subordinada adjetiva, teremos, para dar um só exemplo: Vi tudo aquilo que você fêz.

Sabemos, no entanto, que a forma articular "o" funciona também como demonstrativo neutro; exemplos: Não sei "o" que queres (= Não sei "aquilo" que queres). Não "o" fiz por gôsto (= Não fiz "isso" por gôsto). Troquemos, no exemplo mais acima dado, "aquilo" por "o", e teremos destruída a afirmação de invencioneiros de regras: "Vi tudo o que você fêz". Neste período, "o" é pronome substantivo demonstrativo neutro, objeto de "vi"; "tudo" é pronome adjetivo indefinido neutro, que acompanha o "o"; "que" é pronome relativo, objeto direto de "fêz", e tem por antecedente o "o" da oração anterior.

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *demonstrativo*?
2 — Quais são os *demonstrativos* da língua portuguêsa?
3 — Os demonstrativos que localizam podem combinar-se?
4 — Construa um período, no qual entrem os demonstrativos *êste* e *aquêle*, referindo-se a dois têrmos antecedentemente expressos, conforme explicação feita na 1.ª nota do § 341.
5 — Explique a locução : "Aquelas *como* estrêlas..."
6 — Corrija: "Vós *mesmo*, dona Maria, deveis ir" (Justifique a correção).
7 — Numa conversa, uma senhora diz, referindo-se à própria pessoa: "Nós próprio iremos estudar o caso" — Há nessa oração êrro? Por quê?
8 — Que diz da expressão: "É o mesmíssimo caso"?
9 — Que diz do emprêgo de "o mesmo", "a mesma", como substitutivos dos pronomes *êle* e *ela*?
10 — Redija quatro orações, em que *tal* esteja em correlação com *qual*, *como*, *que* e *tal*.
11 — Dois exemplos em que *tal* equivalha a *tal coisa*.
12 — Dê exemplos seus a todos os itens do § 344, explicando o significado das expressões.
13 — Construa orações semelhantes às citadas na nota 1 do § 345.
14 — Analise sintàticamente as palavras grifadas da oração: "Eu fiz *o que* pediste" (Nota 3 do § 345).

Capítulo XXI

INDEFINIDO

349 — Indefinido: Assim se chama a palavra que determina o substantivo de modo vago, de maneira imprecisa: *outro* homem, *muita* chuva, *certa* vez.

São os seguintes os nossos indefinidos:

algum	mais	qualquer
bastante	menos	quem quer
cada	muito	quanto
certo	nenhum	tanto
diferentes	outro	todo
diversos	pouco	vários

Notas: 1.ª — *Todo* é também chamado coletivo universal; *cada* é chamado distributivo; os demais, partitivos.

2.ª — Teríamos de modificar a Gramática em vários passos, fôssemos fazer a revolucionária inclusão de *um* entre os indefinidos. "Faça alguma coisa" não é "Faça uma coisa". Há, é verdade, certa analogia de função entre o *um* e os indefinidos (V. o § 283), mas não nos permite isso sua inclusão entre êstes.

350 — TODO: Era norma entre os escritores antigos suprimir o artigo depois do indefinido *todo*, quer viesse no singular, quer no plural: *Todo* homem, *todos* homens, *tôda* parte da terra, *tôdas* partes, *tôdas* Espanhas.

Entre escritores e professôres de hoje, há quem ensine que *todo* tem a significação de *cada* ou, ainda, de *todos*, quando, no singular, vem desacompanhado do artigo e que, acompanhado do artigo, êsse adjetivo passa a significar *inteiro*, e, assim, fazem distinção entre "*todo* homem" (= *cada* homem, *todos* os homens) e *todo o* homem (= o homem *inteiro*). Cabe-me dizer que essa distinção é gratuita e infundada; *todo* tem, de fato, a significação especial de *inteiro*, mas quando vem depois do substantivo (e, neste caso, é adjetivo): "Eu trabàlho *todo* o dia (= *cada* dia, *todos* os dias) e o dia *todo*" (= o dia *inteiro*). Vindo antes do substantivo, *todo* pode ou não significar *inteiro*, mas deve vir sempre seguido do artigo; se o plural *todos* hoje sempre vem acompanhado do artigo (*todos os* homens, *tôdas as* partes), nada mais simples que proceder igualmente com o singular, sem necessidade de inventar diferenciações de sentido. Se é arcaica a omissão do artigo depois do plural *todos*, pode-se dizer também arcaica essa omissão depois do singular.

351 — **Todo** pode ainda funcionar como advérbio, quando modifica adjetivo ou verbo: "Êle está *todo* molhado" (= *totalmente* molhado) — "Ela molhou-se *tôda*" (= *totalmente*).

Essa é a razão por que, em vez de "Êle molhou-se *totalmente*", podemos dizer e dizemos com igual acêrto: "Êle molhou-se *todo*", como, ainda, tratando-se de nome feminino: "Ela molhou-se *tôda*".

Totalmente, como verdadeiro advérbio que é, não poderá variar. *Todo*, ao invés, ao mesmo tempo que exerce função de advérbio, conserva a propriedade de adjetivo de flexionar-se, fenômeno a que se dá o nome **flexão eufônica** ou **flexão por atração.**

Nota — Idêntica função adverbial exerce *todo* em orações como estas: Êle é *todo* carinhos — Ela é *tôda* meiguice — Um aspeto *todo* suspiros e um coração *todo* divindade.

352 — *Todo* possui a forma neutra **tudo,** a qual funciona ou como **pronome substantivo** (Quero *tudo* — Vi *tudo*), ou como **pronome adjetivo,** quando acompanha outra forma neutra: *tudo* isso, *tudo* aquilo.

Notas: 1.ª — Quando seguido de *que*, *tudo* reclama hoje (digo "hoje" porque antigamente, tal qual acontecia com *todo*, isto não se dava) o artigo *o*, que passa a funcionar como pronome demonstrativo: *Tudo o* que vi, *tudo o* que diz (= Tudo *aquilo* que vi; tudo *aquilo* que diz) — V. nota 7 do § 345.

2.ª — *Todos os dois* não é expressão portuguêsa; devemos evitá-la, empregando em seu lugar *ambos* ou *os dois*.

353 — **ALGUM:** O indefinido *algum* tem, além de seu sentido usual de *um*, *qualquer* ("*Alguma* coisa deve ter acontecido"), outras significações:

1.ª — Pode significar *nenhum*, quando, empregado em orações de sentido negativo, vem posposto ao substantivo: "Não houve coisa *alguma*" — "De modo *algum* pude convencê-lo".

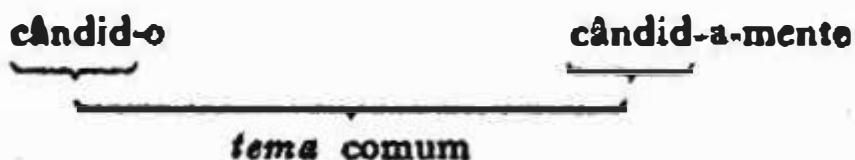
2.ª — Significa *certo*, *um pouco de:* "Êle tem *algum* jeito para desenho".

3.ª — Entra na locução adverbial *algum tanto*, com a significação de *mais ou menos:* "Êle está *algum tanto* embaraçado".

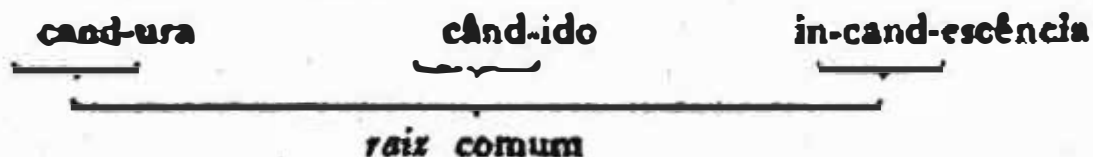
354 — *Algum* possui, além da forma feminina *alguma*, as formas *cognatas* (1) *alguém* e *algo*, formas que funcionam como pronomes,

(1) Não se confundam os têrmos *cognato* e *derivado* (§ 174); uma palavra é *derivada* de outra quando tem *tema* comum:

cândid-o — cândid-a-mente

tema comum

Para que duas ou mais palavras sejam *cognatas*, basta possuírem *raiz* comum:

cand-ura — când-ido — in-cand-escência

raiz comum

sendo *alguém* pronome de pessoa ("*Alguém* — alguma pessoa — estêve aqui") e *algo* pronome de coisa: "*Algo* (alguma coisa) lhe aconteceu".

Notas: 1.ª — *Algo* pode funcionar como advérbio em frases como estas: Êle está *algo* doente (= algum tanto doente) — Foi êsse um gesto *algo* desairoso (= um pouco desairoso).

2.ª — A palavra *fidalgo* deriva de *filho d'algo*, isto é, "filho de alguma coisa", em oposição aos filhos de nada, aos filhos das ervas, o povo: "Tôdas as donzelas *filhas d'algo* se levavam à côrte da rainha".

3.ª — *Algures* é outro cognato de algum; significa "em algum lugar", "em alguma parte": "Você o encontrará *algures*". *Algures* contrapõe-se a *nenhures*, que significa "em nenhum lugar", havendo ainda outro advérbio de terminação semelhante, *alhures* (que se prende ao francês *ailleurs*, do latim *aliorsum*), que significa "em outro lugar": "*Alhures* você terá saúde e confôrto".

355 — NENHUM: A diferença existente entre *nenhum* e *algum* consiste apenas em ser *nenhum* forma negativa de *algum*, como igual é a diferença entre as formas *alguém*, *algo* e *ninguém*, *nada*.

Nada, de valor negativo (= nenhuma coisa), é freqüentemente usado: "*Nada* impedirá seu triunfo" — "Êle não sabe *nada*" — "Êle *nada* disse" — o que não se dá com o positivo *algo*, empregado apenas por eruditos. *Nada*, à semelhança de *algo*, pode funcionar como advérbio, quando modifica adjetivo: "Êle não ficou *nada* perturbado".

Nota — *Nenhum* provém da junção de *nem* + *um*, havendo entre aquela forma sintética e esta analítica diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte: "*Nem um* homem é capaz quanto mais uma criança" (= *nem mesmo um* homem, *nem sequer um* homem...).

356 — OUTRO: Possui êste indefinido, além do feminino *outra*, as variantes *outrem* e *al*, sendo a primeira pronome de pessoa e a segunda pronome de coisa.

As formas pronominais adjetivas admitem antes de si artigo ou outro pronome adjetivo: *Os outros* homens, *algumas outras* coisas, *nenhum outro* meio, *êstes outros* livros.

Outrem, que significa *outra pessoa* ou *outras pessoas* ("O bem que *outrem* merece"), era antigamente acentuado oxìtonamente, como *alguém*, *ninguém*.

Al arcaizou-se; sòmente em provérbios antigos é que se encontra essa forma neutra, que significa *outra coisa*, *o mais*, *tudo o mais*: "Como vires o faval, asim espera pelo *al*" — "As mãos no pandeiro, e em *al* o pensamento".

Na linguagem antiga de direito, e ainda hoje nas fórmulas de tabeliães, depois do depoimento das testemunhas, costuma-se acrescentar: "e *al* não disse" (= e *outra coisa* não disse).

Notas: 1.ª — V. § 243, B, 5.ª obs., lêtra a.

2.ª — *Outro* pode significar: *diferente* (Tens tu outra vontade — Ficou outro do que era), *superior* (Aquilo é outra fazenda — Leva êle hoje outra vida), *igual*, *semelhante* (O Cairo é outra Constantinopla — Não há outro eu — Quem vê

um vê o outro), *qualquer pessoa* (Outro fará melhor), *segundo, terceiro*... (Tens um filho em Londres, outro em Paris e outro no Rio), *seguinte, imediato* (De um ano para outro).

3.ª — Expressões diversas: *Outro dia* (= qualquer dia: Fá-lo-emos outro dia) *Outro tempo* (= outrora: Eu que outro tempo contava pelos dias meus triunfos). *Temos outra!* (Locução em que se exprime existência de mais uma coisa que nos causa espanto). *Como diz o outro* (= como se diz vulgarmente). *Por outra* (= isto é, por outras palavras: Jesus Cristo, por outra, o redentor da humanidade).

4.ª — Junta-se aos pronomes pessoais *nós* e *vós* e aos demonstrativos *êste, êsse, aquêle:* E vós outros que os nomes usurpais... — Nós outros sem a vista alevantarmos...

357 — MUITO, POUCO, MAIS, MENOS, TANTO, QUANTO: Êstes indefinidos podem, na frase, ter diversas funções:

1 — São pronomes adjetivos indefinidos, quando modificam substantivo expresso: "*Muita* parra e *pouca* uva" — "*Mais* amor e *menos* confiança" — "*Quantas* cabeças, *tantas* sentenças" — "Há *mais* (maior) tempo".

Nota — *Mais* e *menos*, quer funcionem como adjetivos, quer como advérbios, são sempre invariáveis; êrro gravíssimo constitui a flexão de *menos*: "Mais amor e menos confiança".

2 — São pronomes indefinidos quando não se referem a nome expresso na frase: "*Muitos* padecem pelo êrro de *poucos*" — "*Quanto* queres?" — "Não quero que me pague *tanto*" — "Êle perdeu *mais* do que eu".

3 — São advérbios de intensidade quando modificam adjetivo, verbo ou outro advérbio: "Pedro é *mais* douto do que Paulo" — "Êle bebe *muito*" (= em grande quantidade) — "Em circunstâncias *menos* apertadas...".

Nota — *Pouco a pouco, pouco e pouco, a pouco e pouco* são locuções adverbiais. A forma *a pouco a pouco* é errada.

São também locuções adverbiais: *mais ou menos, mais e mais* — "Seguiam-se muitos aposentos *mais ou menos escuros*" (com maior ou menor intensidade) — "As divergências tinham distanciado *mais e mais os partidos*" (cada vez mais).

4 — São pronomes substantivados quando precedidos de artigo ou de pronome adjetivo: "Quem tem *o mais* tem *o menos*" — "Quem é fiel no *menos*, também é fiel no *mais* e o que é injusto no *pouco*, também é injusto no *muito*".

358 — BASTANTE: À semelhança de *muito*, *bastante* varia em número quando pronome adjetivo, isto é, quando acompanha substantivo: Procuração *bastante* (= que confere poderes judicialmente necessários para determinados fins), procurações *bastantes* — Fiador *bastante* (= que tem bens suficientes para suprir a falta de pagamento pelo devedor), fiadores *bastantes*.

Finalmente, permanece invariável quando advérbio, isto é, quando modifica adjetivo, verbo ou outro advérbio: "Estamos *bastante* contentes" (e nunca: "Estamos *bastantes* contentes").

Nota — Não devemos empregar adjetivamente *bastante* com a significação de "em grande quantidade"; frases como "Encontrei bastantes conhecidos na cidade" não são corretas.

359 — CERTO: É indefinido quando antecede substantivo: *Certa* pessoa, *certo* dia, em *certos* tempos.

Quando posposto a substantivo, *certo* é adjetivo e indica que é *verdadeiro, infalível:* "Cálculo *certo*" — "Sinal *certo* de chuva". Com esta acepção, pode substantivar-se: "Deixar o *certo* pelo duvidoso" — "O *certo* é que assim aconteceu".

Funciona como advérbio, com a significação de *certamente, com certeza:* "Não podia *certo* haver suspeita" — "São duras de ouvir, *certo*".

Certo entra nas seguintes locuções adverbiais: 1) *Ao certo* (com certeza, com exatidão): "Não sei *ao certo* se virá a São Paulo" — "Era um alqueire de trigo *ao certo*". 2) *De certo* (= certamente): "Era o paraíso *de certo*". 3) *Por certo* (certamente, seguramente): "Alegria mui grande foi *por certo* acharmos já pessoas que sabiam navegar".

Notas: 1.ª — Na linguagem familiar, as locuções *de certo, com certeza* são empregadas com sentido dubitativo: "*De certo* êle vai" (= *talvez* êle vá).

2.ª — Como indefinido, *certo* não admite artigo: V. § 243, B, 5.ª obs., lêtra *b*.

360 — DIFERENTES, DIVERSOS, VÁRIOS: Estas palavras são indefinidos quando antepostas a substantivos: "Encontrei-me com *diferentes* pessoas" — "*Diversas* vêzes o avisei" — "*Vários* casos se deram de paralisia".

Pospostas, são adjetivos e dão à expressão sentido diferente, como fàcilmente se pode deduzir dêstes exemplos:

indefinidos	**adjetivos**
diferentes homens	homens *diferentes*
várias bebidas	bebidas *várias*
diversos casos	casos *diversos*

361 — QUALQUER: É sempre indefinido e serve para indicar indivíduo, lugar, objeto indeterminado e equivale a *um, outro, êste, aquêle;* tem por plural *quaisquer* (§ 224): "O indolente muda *quaisquer* propósitos tomados" — "*Qualquer* que assim pense, pensa errado".

Notas: 1.ª — Não é português o emprêgo de *qualquer* em orações negativas, quando substituível por *nenhum:* "Não vejo *qualquer* pessoa capaz disso" — "Não há *qualquer* indício" — Deve-se dizer: "Não vejo *nenhuma* pessoa..." — "Não há *nenhum* indício".

2.ª — Não se deve dizer "*Qualquer um* faz isso", construção francesa: em português se diz *qualquer pessoa, uma pessoa qualquer, uma qualquer pessoa*. Falando de "histórias", Castilho redige: "Pedi-lhe *uma qualquer*".

362 — CADA: Êste indefinido, denominado **distributivo,** é invariável e significa *todo, qualquer* dentre certo número de pessoas ou de coisas: "*Cada* homem tem direitos e deveres" — "*Cada* coisa no seu lugar".

Cada une-se a *qual* — *cada qual* — e a *um* — *cada um* — formas que, atualmente, não vêm acompanhadas de substantivo: "*Cada um* come do que gosta" — "*Cada qual* fará o que melhor lhe parecer".

Cada não pode anteceder substantivo no plural (*cada férias*), a não ser que o substantivo venha antecedido de numeral: *cada duas férias.*

Nota — Aos ouvidos de quem no Brasil nasceu, conquanto iletrado ou analfabeto, estranham frases, por estrangeiros proferidas, como estas: "Vou *cada* dia à casa dêle" — "Estudo português *cada* dia".

É construção corrente em eruditos imigrantes de certos países e de correção difícil para muitos. Vendo no dicionário *todo* e *cada* como sinônimos e ouvindo em construções comuns a expressão *cada dia*, julgam-na apropriada para tôda e qualquer frase, desconhecedores da diferença fundamental entre êsses dois indefinidos.

Cada é certamente sinônimo de *todo*, mas é distributivo, e nisto reside a diferença de emprêgo. Quando se diz "Cada dia faço uma coisa", distribuem-se as coisas pelos dias, e a construção é portuguêsa. Quando, porém, diz um alienígena: "Vou à casa dêle cada dia", "Faço a barba cada dia", nenhuma distribuição faz, e a construção, errada como está, corrigida deve ser para: "Vou à casa dêle todo o dia", "Faço a barba todo o dia".

Todo é coletivo: universaliza, iguala, engloba: *Cada* é distributivo: particulariza, diferencia, especifica. Dissesse o estrangeiro "Faço a barba cada dia com uma lâmina", "Vou cada dia à casa de um parente", estaria distribuindo, diferenciando e, portanto, acertando.

Diferente é o significado entre "Vou todo o dia à casa de um parente" e "Vou cada dia à casa de um parente". Na primeira oração, o parente visitado é um só, ao passo que na segunda, como ficou dito, há a distribuição: hoje visito um, amanhã outro parente.

Não cabendo, pois, a significação distributiva, deve-se empregar *todo*. Citemos mais exemplos, para maior evidência da significação distributiva do indefinido *cada:* "Cada macaco no seu galho" (um, num galho; outro, noutro) — "Cada coisa em seu lugar" (isto, aqui; aquilo, ali) — "O pão nosso de cada dia" (hoje, um; amanhã, outro) — construções tôdas certas, dada a distribuição nelas contida.

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *indefinido?*
2 — Que diz do sentido de *todo* e do emprêgo do artigo depois dêsse coletivo?
3 — Que vem a ser flexão eufônica? Explique essa questão com relação a *todo.*
4 — "Farei tudo que puder": Onde o êrro dessa oração?
5 — Que diz das expressões *todos os dois* e *ambos os dois?*
6 — Quais os significados de *algum?* Exemplos.
7 — Quando duas palavras são cognatas? Exemplos.
8 — Exemplos do emprêgo dos neutros *algo, nada* e *al.*
9 — Entre *nenhum* e *nem um* qual a diferença? Exemplos.
10 — É certo dizer: "Ela tem menas paciência"?
11 — É correta a oração "Vi *bastantes* coisas"? (Responder sòmente *sim* ou *não;* V. a **nota** do § 358).
12 — "Devemos agir com uma certa prudência": Onde o êrro dessa oração?
13 — Qual a precaução que devemos ter no emprêgo de *qualquer?*

Capítulo XXII

INTERROGATIVO

365 — Interrogativos: São assim chamados *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, quando participantes de orações interrogativas: "*Que* horas são?" — "*Que* hora é?" — "*Quem* disse?" — "*Qual* homem isso conseguirá?" — "*Quantos* soldados devemos mandar?" — "*Quanto* queres?"

366 — É importante observar que uma palavra que se presta para interrogações pode prestar-se igualmente para admirações: "*Quantos* soldados tem você?" — "*Quantos* soldados tem você!"

Outros exemplos: "*Que* homem?" "*Que* homem!" — "*Quanto* gastaram?" "*Quanto* gastaram!" — "*Quem* me dera!"

De igual maneira, a expressão *que de* (= *quanto*), seguida de substantivo, pode figurar em orações exclamativas ou interrogativas: "*Que de* vantagens há nisso!" — "*Que de* vantagens há nisso?"

Nota — Na expressão interrogativa "Que é de?" subentende-se a palavra "feito": "Que é do sorriso?" (= Que é feito do sorriso?), "Que é dêle?" (= Que é feito dêle?). Nunca deveremos dizer *quéde* ou *quedê* ou, o que é ainda pior, *cadê*.

367 — O emprêgo da forma "o que" como pronome interrogativo é comum no linguajar do povo, e, mais ainda, "abonado em escritores acima de qualquer suspeição"; citemos, para prova, os seguintes exemplos:

O *que* sois? (Gonç. Dias) — O *que* será, padre? (Garrett) — O *que* te fêz, meu filho? (Odorico Mendes) — O *que* será feito de frei Timóteo? (Alex. Herculano) — O *que* fariam êles? (Latino Coelho) — O *que* era isto? (Camilo) — O *que* são sílabas? (Aulete).

Também o espanhol luta com o popular interrogativo "el que". Não é construção legítima, porque o "o" (ou o "el" espanhol) nenhuma função lógica fica exercendo na oração, e só um recurso resta para justificar o seu aparecimento: O "o" dessa expressão interrogativa é *elemento eufônico*, isto é, elemento que auxilia a articulação da frase. Emprega-se sòmente quando estritamente necessário para a eufonia; isto se dá quando o "que" vem depois do verbo: "Fêz êle *o quê?*" — "Mandarás *o quê?*"

Iniciando a oração, o "que", mais castiçamente, deverá vir desacompanhado do "o", porque neste caso é sintática e eufônicamente inútil: "Que queres?" — "Que há?"

QUESTIONÁRIO

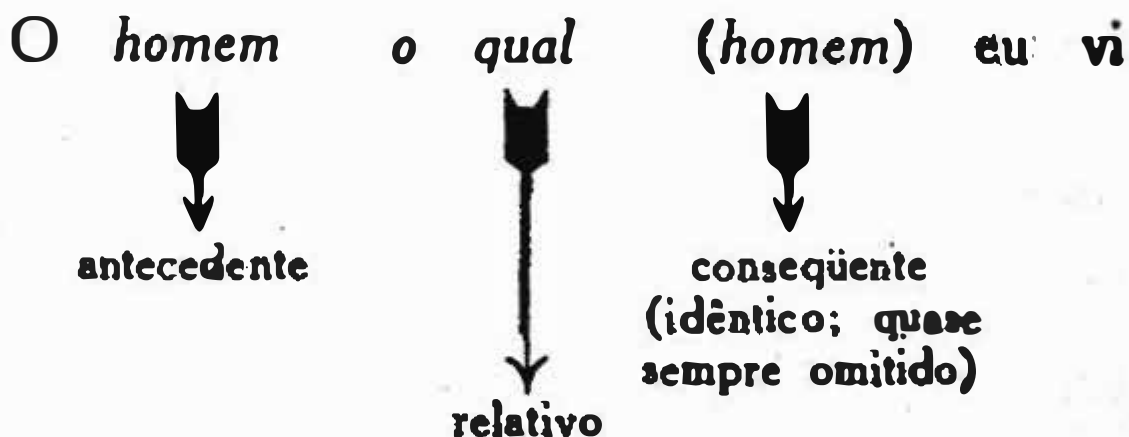
1 — Quais os *interrogativos* portuguêses?
2 — Por que essas palavras se chamam interrogativos?
3 — Entre "Que há?" e "O que há?", que construção devemos preferir?
4 — Declare a função de "o" na oração "Você viu o quê?"

Capítulo XXIII

RELATIVO

371 — **Relativo** é a palavra que, vindo numa oração, se refere a têrmo de outra. São êstes os relativos da língua portuguêsa:

o qual
que
quem
cujo

372 — **O QUAL:** Esta locução pronominal tem como função pôr em relação têrmos iguais, isto é, unir um têrmo *antecedente* a outro têrmo *conseqüente* idêntico (*antecedente* = que vem antes; *conseqüente* = que vem depois), notando-se que o conseqüente quase sempre se omite: "O homem, *o qual* (homem) eu vi" — "Os negócios *dos quais* (negócios) queríamos tirar provento":

O conseqüente só se repete quando exigido pela clareza ou para dar ênfase à expressão: "...aparece um pronome oblíquo, da mesma pessoa que o sujeito, sem o qual *pronome* o verbo não poderá indicar reflexibilidade".

373 — *Qual* é elegantemente usado como *partitivo*, ou seja, para indicar *parte de um todo:* "Todos esperavam, *qual* muito *qual* pouco" (uns dêles esperavam muito, outros esperavam pouco) — "*Qual* mais, *qual* menos, tôda a lã é pêlo" — "Deve o médico saber *quais* doenças são incuráveis e *quais* têm dificultosa cura" — "Deputa-os desde logo aos vários ofícios, *quais* para geração, *quais* para as sacras aras, *quais* para a lavra rija" —

"*Qual* do cavalo voa, que não desce;
Qual co'o cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os penachos do elmo açoita as ancas".

374 — *Qual* é ainda empregado, precedido da preposição *a*, com a significação de *cada qual*: "As horas dêsse dia foram contadas minuto a minuto, *a qual* mais pesado e lento de volver, quanto mais se aproximava o derradeiro" — "Um sistema de regras, *a qual* mais oposta".

375 — Outros empregos de **qual**:

1 — Denota, às vêzes, *negação*: "*Qual* médico ou *qual* doutor! não passa de rechador".

2 — Emprega-se, isoladamente, para exprimir dúvida ou negação: "*Qual!* tudo isso é frioleira".

Obs. — *Qual* entra em outras expressões também de dúvida ou negação: "*Qual* lá!" — "*Qual* história!" — "*Qual* nada!"

376 — **QUE**: Poucas vêzes se usa a locução pronominal relativa *o qual*; na maioria das vêzes é substituída por *que*, palavra esta que irá então exercer a função de pronome substantivo, pois *representará*, *substituirá* o antecedente:

"O homem *que* eu vi"

pronome substantivo
(substitui *homem*)

A forma *o qual* é empregada quando necessária à clareza do período: "Uma herança honrada de avós, *a qual* era preciso salvar". Se nessa oração o autor tivesse empregado *que*, o sentido teria ficado prejudicado, pois não saberíamos se o pronome *que* estaria substituindo o antecedente *herança* ou *avós*; o emprêgo de *o qual* esclarece o antecedente.

Eis, pois, um cuidado que devemos ter: não empregar o pronome *que* quando houver mais de um antecedente a que possa referir-se; assim, o período: "Estivemos na escola da cidade *que* foi fundada em 1856" — não tem sentido claro, pois não sabemos se a *escola* ou a *cidade* foi fundada em 1856; impõe-se um torneio à construção, de acôrdo com o sentido que se quer dar: "Naquela *cidade*, estivemos na *escola* que foi fundada em 1856".

Obs. — Note-se a diferença de sentido entre as expressões: "O chapéu de palha que comprei" e "O chapéu da palha que comprei"; na primeira, o *que* refere-se a *chapéu*, sendo, pois, *chapéu* a coisa comprada; na segunda, o *que* refere-se a *palha*, sendo esta a coisa que se comprou. O que motiva a diversidade de sentido é a ausência do artigo no primeiro exemplo e sua presença no segundo. Quando, porém, os dois elementos que antecederem o pronome *que* estiverem determinados pelo artigo, o

sentido da expressão poderá tornar-se ambíguo conforme há pouco vimos: outro exemplo dessa ambigüidade temos nesta construção: "A glória da virtude que é constante...", onde não sabemos qual a coisa que é constante, se a *glória* ou se a *virtude*.

377 — O pronome relativo *que* sempre abre uma oração, e funciona ou como *sujeito* ou como *complemento* do verbo dessa oração:

"O homem	*que* (o qual homem) ↓ obj. dir. de *vi*	*eu* vi ↓ suj. de *vi*	morreu"
"O homem	*que* (o qual homem) ↓ suj. de *convidou*	*nos* convidou ↓ obj. dir. de *convidou*	saiu"
"A carta	*de que* ↓ obj. ind. de *depende*	depende *meu destino* ↓ suj. de *depende*	chegou"

Notas: 1.ª — Fique, pois, claro: Se o relativo *que* abre uma oração, êle pertence ao verbo que vem depois. No primeiro exemplo dado, o *que* pertence a *vi*. Conseguintemente, a função sintática do *que* deve ser examinada em relação com êsse verbo. Outro exemplo: "Não conheço o livro a que você se refere"; o *que* pertence ao verbo *referir-se*, razão pela qual é preciso colocar a preposição *a* antes, pois quem se refere, refere-se "a" alguma coisa.

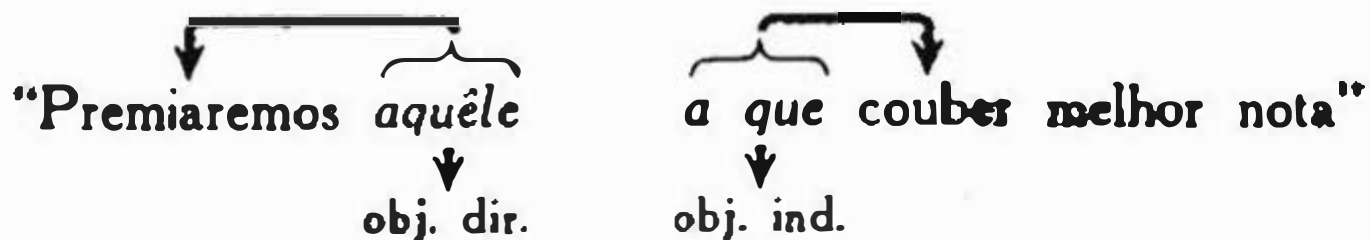
2.ª — A palavra *que* pertence a várias classes de palavras, o que se pode comprovar através do *Índice Analítico*. É, no entanto, fácil saber se é pronome relativo, pois será sempre conversível em "o qual" (a qual, os quais, as quais). Esta possibilidade de substituição não quer dizer que o devamos sempre substituir por *o qual*; ao contrário, tal substituição só se deve fazer quando exigida pela clareza ou pela eufonia (V. § 376).

378 — QUEM: O relativo *quem* equivale a dois pronomes: o *que* (ou *aquêle que*). Suponhamos a construção: "Eu estimo *quem* me estima"; é imprescindível, para efeito de análise, a separação do *quem* nos seus dois pronomes equivalentes:

1.ª oração	2.ª oração
"Eu estimo *aquêle* ↓ obj. dir. de *estimo*	*que* me estima" ↓ suj. de *estima*

Vê-se daí a dupla função do *quem*; em virtude do antecedente que em si encerra, êle é objeto direto de *estimo* e, ao mesmo tempo, em virtude do relativo *que*, funciona como sujeito de *estima*.

379 — Quando o verbo que antecede o *quem* e o verbo que se lhe segue são diferentes com relação à regência, é preciso desdobrar o *quem*

nos seus dois elementos, a fim de que cada elemento funcione de acôrdo com a regência do respectivo verbo:

e não: "Premiaremos *quem* couber melhor nota".

Notas: 1.ª — *Quem* pode ser objeto indireto do verbo antecedente e, ao mesmo tempo, sujeito do conseqüente ("Escrevo a quem me escreve"); o que não pode ser é objeto direto e indireto ao mesmo tempo, nem objeto indireto de dois verbos que exigem preposições diferentes.

2.ª — O "que" pode, indiferentemente, referir-se a *pessoa* ou *coisa*, ao passo que o "quem" só pode referir-se a *pessoa*.

380 — CUJO: Êste relativo jamais pode ligar dois têrmos idênticos; é êrro, e dos grandes, dizer "O homem *cujo* (homem) eu vi".

Cujo sempre indica posse, e pode ser desdobrado em um complemento que também indique posse. Exemplos: "Devemos socorrer João, *cuja* casa se incendiou" (*a casa do qual*) — "A mala, *cuja* chave se perdeu, não será usada" (*a chave da qual*) — "A parede, *cuja* pintura se estragou, deve ser enfeitada" (*a pintura da qual*).

Vê-se claramente que o têrmo *antecedente*, isto é, o têrmo que vem antes do *cujo*, é sempre o *possuidor*, sendo o têrmo que vem depois do *cujo*, ou seja, o têrmo *conseqüente*, a coisa possuída; daí a conclusão clara: O relativo *cujo* sempre une têrmos diferentes.

381 — Abreviadamente, assim poderemos formular as condições que o *cujo* exige para o seu perfeito uso:

1.ª — Possuir *antecedente* e *conseqüente diferentes*.

2.ª — Poder converter-se em *do qual* (ou, conforme o número e o gênero do antecedente, em *da qual, dos quais, das quais*).

3.ª — Indicar *posse*.

Nota — Os clássicos empregavam o *cujo* sem o antecedente expresso: "*Cuja* é esta casa?" — "Não sei *cujo* é êste livro" — "Tu mandas o seu a *cujo* é" (= Tu mandas a cada um o que lhe pertence). Êsse emprêgo é perfeitamente de acôrdo com o latim, mas hoje desusado; por outras palavras: o *cujo*, no português hodierno, funciona como pronome adjetivo e não como pronome substantivo.

382 — *Cujo* admite — e *exige* — antes de si preposição, quando o verbo que se lhe seguir a exigir; assim, constitui êrro redigir: "O homem cuja casa estivemos", porque "quem está, está *em* casa"; é isso sinal de que o verbo *estar*, no sentido em que nessa oração está empregado, exige a preposição *em;* conseguintemente, o *cujo* deve vir precedido dessa preposição, e a construção correta será: "O homem *em* cuja casa

estivemos". Erradas estão, portanto, as seguintes construções: "A môça, cuja casa vim" — "A pessoa, cuja casa fui" — "Nosso chefe, cujas ordens obedecemos", que devem ser corrigidas: "A môça, *de* cuja casa vim" — "A pessoa, *a* cuja casa fui" — "Nosso chefe, *a* cujas ordens obedecemos".

Sòmente quando o verbo posposto ao *cujo* não exigir preposição é que o relativo *cujo* deixará de vir antecedido de preposição. Exemplos: "O homem, cujo filho conheço. . ." — "O papel, cujos bordos dobrei. . .".

Nota — Jamais devemos colocar artigo depois do relativo *cujo*. "A casa cuja *a* porta. . ." — "O homem cujo *o* braço. . ." — são frases inteiramente erradas.

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *relativo*?
2 — Quais são os relativos portuguêses?
3 — Quais as outras funções de *qual*? Dê um exemplo de cada significação.
4 — Por que palavra pode ser substituída a locução pronominal "*o qual*", e que função exerce a palavra que a substitui? Exemplos (§ 376).
5 — Está claro o sentido dêste período: "Vi o filho do amigo que está doente"? Por quê? (A troca do *que* por *o qual* não elimina a ambigüidade).
6 — Analise o *quem* do período: "Eu estimo quem me estima".
7 — Qual a diferença de função conjuntiva entre os relativos "que" e "cujo"? Exemplos.
8 — Quais as condições para o perfeito emprêgo do relativo *cujo*? Exemplos.
9 — Construa três orações em que o *cujo* venha antecedido de preposição (Cada oração com preposição diferente).
10 — Corrija: "O navio cujo o casco se partiu soçobrou".
11 — Reproduza, corrigidos, os seguintes períodos (*) — (Além de estudar a nota 1 do § 377, o aluno deve recordar muito bem a nota 3 do § 345):
a) Trar-lhe-ei um presente que você irá gostar muito.
b) Êste é um trabalho que me dediquei de corpo e alma.
c) É admirável a lealdade que João tem procedido e que tem dado tantas provas.
d) Dê-me o trôco do dinheiro que você pagou a entrada.
e) É um caso que todos estão interessados.
f) Manga é a fruta que eu mais gosto.
g) Metaplasmos por adição são os que se acrescentam sons ou lêtras aos vocábulos (Nota 4 do § 345).
12 — Corrija os três períodos seguintes; nêles deve aparecer "cujo" em lugar de "que seu" (A correção obriga a mudança de ordem de certos têrmos):
a) O xadrez é um jôgo *que* nunca pude aprender *suas* regras.
b) Palavras enclíticas são aquelas *que* se apóia *seu* acento na palavra anteposta.
c) Língua extinta é aquela *que* não possuímos prova de *sua* existência.

(*) No responder aos itens da pergunta 11, só troque o "que" por "o qual" na lêtra "g". Deve o aluno saber que essa troca só é feita quando exigida pela clareza ou pela eufonia (§ 376).

CAPÍTULO XXIV

VERBO

QUANTO À VOZ

386 — Para a conclusão do estudo do pronome, teríamos de ver ainda duas questões: a *colocação dos pronomes oblíquos* e as diversas *funções do pronome "se"*. A primeira delas não pode ser tratada na morfologia, porque exige conhecimentos da própria sintaxe. A segunda questão — muito importante — irá exigir uma alteração na ordem da gramática, o que já uma vez foi feito, com grandes vantagens para o aluno, com a parte referente ao verbo quanto à predicação.

387 — Outra parte importante da morfologia é a que estuda o verbo com relação à *voz*. Considerado sob tal relação, o verbo pode ser: *ativo, passivo, reflexivo* e *neutro*.

388 — **Voz ativa**: O verbo de uma oração está na *voz ativa* quando a ação é evidentemente *praticada* pelo sujeito; êste, em tal caso, é o *agente da ação verbal*. Exemplos: "O caçador *matou* o tigre" — "Êle *passou* de ano" — "Pedro *voltará* amanhã".

Nessas orações, os verbos *matou, passou* e *voltará* indicam ações praticadas pelos respectivos sujeitos: *caçador, êle* e *Pedro*.

389 — **Voz passiva:** Acontece muitas vêzes que a pessoa ou coisa, a que se atribui a ação verbal, recebe a ação em vez de praticá-la. Na primeira das orações acima ("O caçador *matou* o tigre") *o caçador* é o sujeito de *matou;* nestoutra oração: "O caçador *foi morto* pelo tigre", o sujeito continua sendo o mesmo (Quem foi morto? — *O caçador*), pois é a êle que se atribui o fato de *ser morto*, mas, agora, o sujeito não pratica, e, sim, recebe a ação verbal.

Mas então o *caçador* deixou de ser sujeito? — Não. Mas como não, se não foi êle quem praticou a ação de *matar?* — Realmente, mas a ação agora expressa não é a de *matar*, mas a de *ser morto.*

Por que essa diferença? — Porque no primeiro caso o verbo está na voz *ativa* e, no segundo, na voz *passiva.*

Voz passiva é, pois, a que expressa uma ação *sofrida, recebida* pelo sujeito; o sujeito, nesse caso, é *paciente* ou *recipiente* da ação verbal.

Notas: 1.ª — A palavra *passivo* prende-se à mesma raiz latina de *paixão* (lat. *passio, passionis*); ambas têm relação com *sofrer, padecer* (*Paixão* de Cristo = *sofrimento* de Cristo); daí a significação de voz "passiva": voz que expressa ação *sofrida* pelo sujeito.

2.ª — É indiferente dizer "verbo passivo" ou "verbo da voz passiva": ambas as expressões significam a mesma coisa. Igualmente, pode-se dizer "verbo ativo" ou "verbo da voz ativa". Quando se diz que tal verbo "está na voz passiva", indica-se que o sujeito recebe a ação.

390 — Nas orações passivas, a pessoa ou coisa que pratica a ação aparece sob a forma de complemento, o qual se chama **agente da passiva:**

O caçador foi morto pelo tigre

caçador	foi morto	pelo tigre
sujeito (paciente)	verbo *matar* (voz passiva)	agente da passiva

Notas: 1.ª — Essa mesma oração, na voz ativa, será:

O tigre matou o caçador
sujeito verbo ativo obj. direto

O sentido desta oração é perfeitamente idêntico ao da oração anterior. Vê-se, daí, que uma oração da voz ativa pode, *sem alteração de sentido*, ser convertida em outra oração da voz passiva. Para isso: 1.º — coloca-se o objeto da ativa (recipiente da ação verbal) como sujeito da passiva (para continuar como recipiente da ação verbal); 2.º — o sujeito da ativa (praticante da ação verbal) coloca-se como agente da voz passiva (para continuar como praticante da ação verbal); 3.º — coloca-se o verbo na voz passiva, obedecendo-se ao mesmo tempo (presente, passado ou futuro). Outros exemplos:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
"Eu fiz isso"	"Isso foi feito por mim"
Eu (praticante)	Isso (recipiente)
fiz (verbo ativo)	foi feito (v. passivo)
isso (recipiente)	por mim (praticante)
"Pedro soltará o pássaro"	"O pássaro será sôlto por Pedro"
"Você estuda as lições"	"As lições são estudadas por você"

2.ª — O agente da passiva costuma aparecer acompanhado da preposição *per* ou *por* (*per + o = pelo; per + a = pela*); em alguns casos, em vez de *per* aparece a preposição *de*, principalmente com os verbos que exprimem sentimento: "ser querido *das* crianças" — "ser temido *dos* néscios" — "ser amado *de* todos". Outros exemplos: Enjeitado *da* fortuna — Rosa tocada *do* cruel granizo — Rodeado *de* vários ministros — Desajudado *da* Metrópole.

3.ª — Os verbos *intransitivos* não podem passar para a passiva: não é possível apassivar verbos que não têm recipiente.

391 — A voz passiva é em português indicada de duas maneiras:

1.ª — Mediante os verbos auxiliares *ser* e *estar* e o particípio de certos verbos ativos: *ser visto* (*sou visto, és visto, é visto...*); *estar prêso* (*estou prêso, estás prêso, está preso...*).

Notas: *a*) Também o verbo *ficar* se presta, às vêzes, para indicar a voz passiva; na oração: "Êle *foi prêso*" — podemos, sem sacrifício do sentido passivo da oração, substituir o *foi* por *ficou*: "Êle *ficou prêso*".

b) O português não possui flexões verbais sintéticas para a voz passiva; em latim e em grego, a passiva pode expressar-se por uma única palavra, ao passo que o português necessita de duas. Quer isso dizer que, pròpriamente, não possuímos *verbos passivos*, mas *voz passiva*.

2.ª — Mediante o pronome *se*, que então se diz *pronome apassivador;* êste caso se dá sempre que o sujeito é ente inanimado, conseguintemente incapaz de praticar a ação verbal, ou quando o sentido da oração mostra que o sujeito é apenas paciente.

Na oração: "Alugam-se casas" — *casas* não pratica a ação de *alugar*, e, sim, recebe, sofre tal ação, o que equivale a dizer que *casas* não é o agente mas o paciente da ação verbal. O verbo é passivo, e essa passividade é indicada pelo pronome *se*. A oração "Alugam-se casas" é idêntica à oração "Casas são alugadas"; em ambas o sujeito é *casas*, que, pelo fato de estar no plural, deverá levar também para o plural o verbo; dizer "Aluga-se casas" é êrro igual a dizer "Casas é alugada".

Constituem, conseguintemente, erros inomináveis, construções como: "Vende-se livros usados" — "Conserta-se relógios" — "Reforma-se chapéus".

Notas: *a*) Têm fôrça passiva os verbos ativos, quando, estando no infinitivo, funcionam como complementos de certos adjetivos. Assim: "Osso duro *de roer*" é o mesmo que "Osso duro de *ser roído*" — "Estrada difícil *de passar*" equivale a "Estrada difícil de *ser passada*" (Nessas frases, *de roer* funciona como complemento nominal do adjetivo *duro*, e *de passar* é complemento nominal do adjetivo *difícil*).

b) À semelhança do que vimos na nota do § 320, em orações passivas pode aparecer um objeto indireto: "Que a pena se *me* comute na graça de..." (= Que a pena seja comutada *para mim* na graça de...).

392 — Voz reflexiva: Há casos em que o sujeito pratica e, ao mesmo tempo, recebe a ação verbal: "Pedro machucou-se" — Quem praticou a ação de machucar? — Foi Pedro. Mas a quem machucou? — A si próprio.

Neste caso, o verbo se diz *reflexivo*, e o sujeito vem a ser, ao mesmo tempo, *agente* e *recipiente* da ação verbal. Ex.: Eu me arrependi, êle se queixa, nós nos dignamos, êles se feriram.

393 — Examinemos a oração: "Pedro e Paulo *feriram-se*". Três diferentes sentidos pode ela ter. Em primeiro lugar, o verbo poderá ser passivo, equivalendo a ação a: "Pedro e Paulo foram feridos". Em segundo, o verbo poderá ser reflexivo, e a oração significará que "Pedro e Paulo se feriram a si próprios". Em terceiro, poderemos inter-

pretar o verbo como índice de **reciprocidade** de ação, indicando a sentença que Pedro feriu a Paulo e Paulo feriu a Pedro, isto é: "Pedro e Paulo feriram-se recìprocamente".

Vemos daí a falta de compreensão a que se pode expor quem desconhece o valor que o pronome *se* traz à construção. Em tais casos, costuma-se, para evitar ambigüidade, empregar expressões como *recìprocamente, um ao outro*, ou *uns aos outros* nas orações em que o *se* indica reciprocidade, empregando-se *a si próprios* nos casos de reflexibilidade de ação, e deixando-se a oração sem nenhum especificativo quando fôr de sentido passivo claro.

394 — Fàcilmente podemos observar que nos verbos reflexivos aparece sempre um *pronome oblíquo*, da mesma pessoa que o sujeito, sem o qual pronome o verbo não poderá indicar reflexibilidade:

eu *me*	nós *nos* .....
tu *te*	vós *vos* .....
êle *se*	êles *se* ......

Por êsse motivo, os verbos reflexivos chamam-se também **pronominais**, dividindo-se em dois grupos: *pronominais essenciais* e *pronominais acidentais*.

395 — O verbo pronominal é *essencial* quando vem "sempre" acompanhado de pronome oblíquo: *arrepender-se, queixar-se, indignar-se* etc.; é impossível — e conseguintemente será êrro — construir uma oração com êsses verbos, sem que venham acompanhados de pronome oblíquo.

396 — Verbos pronominais **acidentais** são os transitivos diretos que, para indicar reflexibilidade da ação, vêm acompanhados do pronome oblíquo; na oração: "Êle ama o filho" — o verbo *amar* está empregado transitivamente, mas êsse verbo passa a ser usado reflexivamente, e, portanto, pronominalmente, na oração: "Êle se ama". O verbo *amar* é, pois, *pronominal acidental*, porque nem sempre vem acompanhado de pronome.

Outros exemplos: *ajuntar-se, avizinhar-se, destinar-se, defender-se, deixar-se* etc.

Notas: 1.ª — Observe o aluno que a reflexibilidade dos verbos pronominais acidentais é muito mais pronunciada, muito mais forte do que a dos pronominais essenciais. Em — Eu *me* arrependo, êle *se* queixa — os pronomes *me* e *se* não indicam precisamente revolução da ação verbal sôbre o sujeito, ao passo que em: "Eu *me* feri" — a reflexibilidade da ação verbal é patente.

2.ª — Devemos saber distinguir o sentido e a regência de certos verbos como *casar, retirar, recolher, batizar* etc.:

"Eu *recolhi* o pássaro" (transitivo direto) — "Eu me recolhi às nove horas" (reflexivo) — "Eu *batizei* uma criança" (transitivo direto) — "Eu *me* batizei" (passivo) — "A criada *sumiu* o dinheiro" (= fêz desaparecer; transitivo direto) — "A criada sumiu-*se*" (= desapareceu, reflexivo) — "Eu *casei* dez pombos" (= juntei; transitivo direto) — "Casei-*me* há seis anos" (reflexivo).

3.ª — Certos verbos *intransitivos* podem ser empregados pronominalmente conservando a mesma significação: "...*entristeciam* ao terminar o turno das aulas" (= fica-

vam tristes: intransitivo) — "O conde entristecia-se com estas pinturas" (tem o mesmo significado e é pronominal) — "*Ria* e esteja contente" ou "Ria-se e esteja contente" — "A velha *sorria*..." — "Morreu sorrindo-*se* para o mundo..." — "...*corando* a cada linha" — "...corando-se por sua vez".

397 — Verbo neutro: Em último lugar, há casos em que o sujeito não pratica nem recebe a ação expressa pelo verbo, por não indicar êste ação alguma. Assim, quando dizemos: "O cozinheiro é bom" — o sujeito *cozinheiro* não pratica nem recebe nenhuma ação. Indicamos, assim falando, um *estado* (ou conseqüência de uma ação), e o sujeito, com tais verbos, não é nem *agente* nem *paciente*.

Outros verbos neutros: *estar*, *ficar*, *permanecer*.

Nota — Os verbos neutros são os mesmos verbos de ligação; chamam-se *de* ligação enquanto considerados quanto à predicação chamam-se *neutros* enquanto considerados quanto à voz.

Quadro sinótico do presente capítulo

VERBO (*Quanto à Voz*)
- ativo
- passivo
  - 1 — com os verbos *ser* e *estar*
  - 2 — com o pronome apassivador *se*
- reflexivo (pronominal)
  - essencial
  - acidental
- neutro

QUESTIONÁRIO

1 — Quando o sujeito se diz *agente da ação verbal?* O verbo, nesse caso, em que voz se encontra? (O aluno deve iniciar a resposta com estas palavras: "O sujeito diz-se agente da ação verbal quando...").

2 — Quando se diz que o sujeito é *recipiente da ação verbal?* O verbo, nesse caso, em que voz se encontra? ("Diz-se que o sujeito é recipiente da ação verbal quando...").

3 — Que vem a ser *agente da passiva?* Quando aparece? Exemplos.

4 — De quantas maneiras o português indica a passividade dos verbos? Quais são? (§ 391).

5 — Corrija os seguintes períodos (V. bem o n.º 2 do § 391):

a) Aos casos citados junte-se mais êstes, que não se pode deixar de lado.
b) Quando se julgava os réus, via-se diversos jurados dormindo.

6 — Passe para a passiva as seguintes orações ativas (Estude muito bem o § 390; lembre-se de que o sentido deve permanecer o mesmo):

a) Eu amo meu pai.
b) Você não fará isso.

7 — Quando um verbo está na voz *reflexiva?*

8 — Como se dividem os verbos reflexivos?

9 — Quantos sentidos pode ter a oração: "Os homens se castigaram"? (V. § 393).

10 — Faça duas orações em que entrem verbos pronominais acidentais.

11 — Que é *verbo neutro?*

12 — Faça o *quadro sinótico* do estudo do verbo quanto à voz.

CAPÍTULO XXV

PRONOME "SE"

400 — Se ponto existe escabroso em português, em que tombam com muita freqüência os descurados do nosso idioma, é êste do pronome *se*. Pode êsse pronome exercer diversas funções na oração:

1.ª FUNÇÃO — Reflexibilidade pronunciada

401 — A) É primeira função do *se* indicar *reflexibilidade* de ação, fazendo com que o sujeito se torne, ao mesmo tempo, *agente* e *recipiente* da ação verbal. Essa função tem o *se* dos latinos (donde nos veio o nosso), *função acusativa* (V. *nota* do § 180), isto é, de *objeto direto*. Com tal função, o *se* é empregado com os verbos *transitivos diretos*, conforme vimos no capítulo anterior (§ 392); nesse mesmo capítulo vimos que os pronomes *me*, *te*, *nos* e *vos* exercem também função reflexiva, com tal que sejam da mesma pessoa do sujeito: "*Eu me firo*" — "*Tu te* feres" — "*Nós nos* ferimos" — "*Vós vos* feris".

B) VARIANTE: O *se* conserva ainda o valor de *reflexivo* em construções como esta: "Êle *se* arroga o direito". A função sintática do *se* é aqui diferente da exercida no caso anterior; o objeto direto é, agora, "o direito" e o *se* exerce *função dativa*, isto é, de *objeto indireto*, e a oração equivale a:

Êle *arroga* *o direito* *a si* (= *para si*)
(*arroga* → v. transitivo; *o direito* → obj. direto; *a si* → obj. indir.)

"Apesar disso, porém (são palavras de E. Carlos Pereira), a ação verbal tem um caráter reflexo apreciável, e o exemplo carateriza uma variante do mesmo caso".

A ação verbal tem caráter reflexo apreciável, é verdade, mas não creio que por isso se possa dizer: "Êle se comprou uma casa" — "Êle se abriu uma conta no banco" — "Eu *me* construí um prédio" — "Nós *nos* arranjamos um lugar" — "Vós deveis reservar-*vos* uma cadeira no teatro" — "Tu *te* traçaste boas normas de vida".

Não me parecem portuguêsas tais construções; pelo menos, são estranhas ao nosso comum linguajar. A possibilidade de emprêgo do "se" dativo (bem como de *me, te, nos, vos*, com igual função), acompanhado de outro nome como objeto direto, fica limitada a certos verbos e, ainda assim, a certos casos já usuais e consagrados: *reservar-se o direito, dar-se pressa, dar-se importância, dar-se ares de importante, atribuir-se importância, propor-se fazer, propor-se esclarecer.*

Fora êsses poucos casos ou outros semelhantes, vejo-me na obrigação de estranhar construções como: "Êle reservou-se uma cadeira no teatro" — "Êle traçou-se normas de vida" — "Êle se abriu uma conta no banco" — "Por que você se fritou só um ôvo?"

As construções usuais são: "Êle traçou *para si* normas de vida" — "Êle reservou *para si* uma cadeira" —"Êle abriu *para si* uma conta" — "Nós arranjamos um lugar *para nós*" — "Deveis reservar *para vós* o melhor lugar" — "Tu traçaste boas normas de vida *para ti*".

2.ª FUNÇÃO — Reflexibilidade atenuada

402 — A) Observamos no capítulo anterior (*Nota* do § 396) que a reflexibilidade dos verbos pronominais acidentais é muito mais pronunciada, muito mais forte do que a dos pronominais essenciais. Quer isso dizer que, com os pronominais essenciais (*queixar-se, arrepender-se* etc.), o *se* perde o seu real valor de objeto direto; esta função passa a ser por êle exercida *aparentemente, fictìciamente.*

Na oração: "Êle *se* arrependeu" — o *se* não indica pròpriamente revolução da ação verbal sôbre o sujeito, mas uma ação que obrigatòriamente tem de ficar no sujeito, sem poder passar para um objeto (tal qual se dá com os verbos intransitivos). O *se*, em tal caso, indica reflexão em virtude do próprio verbo e não em virtude do sujeito.

B) VARIANTE: Os verbos pronominais essenciais muito se aproximam dos verbos intransitivos, uma vez que exprimem ação que não pode passar para um objeto mas que permanece no sujeito. Daqui a razão de poderem *certos* verbos intransitivos vir acompanhados do reflexivo *se*, que virá então indicar (tal qual se dá com os pronominais essenciais) *reflexibilidade atenuada de ação*, mostrando, de certo modo, *espontaneidade de ação* por parte do sujeito.

Na verdade, há diferença entre: "Êle morre de tristeza" e "Êle *se* morre de tristeza". Na segunda oração o *se* vem indicar que o sujeito morre de tristeza espontâneamente, isto é, por causa própria, ao passo que o primeiro exemplo indica contrariedade por parte do sujeito.

Outros exemplos: "Êle *se* foi" — "Êle *se* estava descansando".

Notas: 1.ª — Idêntica função podem exercer os pronomes *me, te, nos* e *vos*: "Fomo-*nos* antes que nos mandassem sair".

2.ª — A presente variante era comumente empregada pelos nossos antigos escritores; podiam e isso faziam dado o conhecimento que tinham da língua; hoje, só escritores muito bons sabem e podem lançar mão dessa variante.

3.ª FUNÇÃO — Reciprocidade

403 — O sentido de uma oração de sujeito composto, como: "Êle e ela amam-*se* ardorosamente" — denota que o *se* indica *reciprocidade de ação* (§ 393); neste caso, o verbo e o pronome se dizem *recíprocos.*

4.ª FUNÇÃO — Passividade

404 — Temos já conhecimento desta função, pelo que ficou explicado no § 391, 2.ª. Não se cometam, portanto, erros como êste: "*Prevê-se* muitas coisas" em vez de:

"*Prevêem-se* *muitas coisas*"
verbo plural sujeito plural

Nas orações em que, além do verbo principal, há mais um infinitivo, essa função apassivante do *se* e conseqüente concordância verbal requerem cuidado. Suponhamos as orações: "*Devem-se* transformar as leis" e "*Deve-se* transformar as leis".

Há quem diga estarem ambas as orações certas, afirmando que na primeira o sujeito é *leis* (= *As leis devem* ser transformadas) e que na segunda o sujeito é o infinitivo, como se esta fôsse a sentença: "*Transformar* as leis *é* necessário".

Aconselho a primeira construção, por evidenciar clareza maior que a outra e maior segurança gramatical, pois a segunda construção pode levar-nos a interpretar o *se* como sujeito, tal qual se passa com o *on* francês.

Há casos, porém, em que se nota, evidentemente, que o infinitivo é que é o sujeito:

Procura-se *anular* as nomeações
(verbo passivo) sujeito

Note-se, porém, esta diferença e, ao mesmo tempo, norma prática para a devida concordância e análise dessas construções. No caso anterior ("*Devem-se* transformar *as leis*"), podemos, com tôda a clareza, resolver a construção em: "*As leis devem* ser transformadas". O segundo exemplo já não pode ser assim desdobrado, porquanto não se pode admitir

que "*nomeações procurem* ser anuladas", uma vez que as *nomeações* não podem praticar a ação de *procurar*.

Com os verbos que indicam intenção, declaração de vontade, geralmente o sujeito é o infinitivo: intenta-se *fazer* grandes coisas" — "Pretende-se *reerguer* as colunas" — "Proíbe-se *afixar* cartazes" — "Quer-se *demolir* êsses muros" — "Não se conseguiu *obter* informações".

Notas: 1.ª — Em construções como: "Sabe-se que êle é falso", o *se* continua a exercer função apassivante, como se o período estivesse redigido desta maneira:

"*Que êle é falso*   *é sabido*"
sujeito oracional   verbo passivo

2.ª — Quando o sujeito é constituído de pessoa ou de ente capaz de ação, como em: "Essas pessoas se vendem caro" — perde a construção o valor passivo, assumindo o pronome fôrça reflexiva, tal qual se passa no primeiro caso (§ 401). Quanto à ambigüidade que estas construções podem trazer, fiz menção no § 393.

3.ª — As formas oblíquas *me*, *te*, *nos* e *vos*, embora raramente, exercem também função apassivante: "Eu *me* batizei" (= *fui batizado*) — "Tu *te* chamas Antônio" (= Tu *és chamado* Antônio) — "Nós *nos* batizamos" — "Vós *vos* chamais Antônio".

4.ª — Fàcilmente poderá o aluno ver a inutilidade do *se* em construções como estas: "Convém notar-se que êle errou" — "É impossível descrever-se a alegria" — "É êrro colocar-se acento" — "Não era lícito esperar-se outra coisa" — "Era de ver-se a anarquia" — "Não convém avançar-se muito" — "Não é bom passar-se o dia sem ler" — "É difícil ver-se a floresta".

Será o temor de errar que leva o escritor a empregar tanto *se*? Confusão, descuido ou falta de estudo é causa dêsse êrro?

Digamos logo: Em todos os exemplos acima citados, *os sujeitos são constituídos dos próprios infinitivos*: "Que é que convém?" — "Notar" — O sujeito de *convém* é, pois, *notar*. Agora pergunto: "Notar o quê?" — "...que êle errou". Que função está então exercendo o *se* da construção do redator ou do escritor descuidado? Nenhuma. Digamos, pois, simplesmente e com acêrto: "Convém notar que êle errou" — sem êsse intruso *se*.

Vejamos outro exemplo, tal qual foi encontrado num artigo de jornal: "É impossível descrever-se a alegria". Que é impossível? — *Descrever*. Descrever o quê? — *A alegria*. — E o *se*? Jogue-se fora ou deixe-se no tinteiro.

Vejamos agora êste exemplo: "Deve-se repartir a herança". O *se* aí está certo? Sim, porque exerce função apassivadora: "Que se deve repartir" ou: "Que deve ser repartido?" — *A herança*: "A herança deve ser repartida" = "Deve-se repartir a herança".

5.ª — Com o intuito de repisar o assunto da nota anterior, aqui transcrevo a resposta a um consulente:

Não devemos empregar o pronome *se* quando não lhe conhecemos a função; é capítulo da gramática que merece estudo demorado. Construa: "É proveitoso ler êsse livro" (e não: "É proveitoso ler-se êsse livro").

Redatores apressados e escritores descuidosos continuam a demonstrar desconhecimento das funções dessa palavra, redigindo a miúdo frases como esta: "É muito engraçado ouvir-se falar em política".

Ora! Que pretende com isso dizer o redator? O *se* está sobejando, sem nenhuma função portuguêsa; nem apassiva nem impessoaliza o sujeito. O sujeito é *ouvir falar em política*, sem o intrometido *se*.

Quem assim redige, com igual extravagância deve dizer: Tomar-se remédio nem sempre é bom — Saber-se discorrer sôbre filosofia é edificante — Poder-se falar sôbre o caso é necessário.

Confirmando ignorar as funções do *se*, comete o mesmo redator, com a maior naturalidade, êste solecismo: "Houve dificuldade em *se* obter entradas". Ainda que se admitisse função apassivadora para o *se* dessa oração, o certo seria "...em se obterem", porque no plural está o substantivo *entradas*; nada disso, porém, se dá; *obter entradas* é complemento nominal de *dificuldade*: "obter entradas" foi a coisa em que houve dificuldade. "Há dificuldade em caminhar" — "Houve dificuldade no atravessar a rua" — "Não haverá dificuldade para fugir, para passar de ano, para viver, em permanecer no ar, para escrever cartas" (e não: em caminhar-*se*, no atravessar-*se* a rua, para fugir-*se*, para passar-*se* de ano, para viver-*se*, em permanecer-*se* no ar, para escrever-*se* cartas).

5.ª FUNÇÃO — Impessoalidade

405 — A) Empregava o latim a voz passiva com os verbos intransitivos e com os verbos transitivos indiretos para indicar *impessoalidade*, isto é, para indeterminar o sujeito do verbo, *ficando o verbo sempre no singular.*

É passagem muito conhecida esta de Virgílio: "Sic *itur* ad astra" — que forçosamente se traduz por: "Assim *se vai* aos céus", com o auxílio do pronome *se*, o qual irá referir-se a um *sujeito indeterminado.* Trata-se de uma expressão *passiva impessoal*, em que há um verbo passivo sem sujeito determinado. A presente função do *se* é semelhante à anterior (§ 404), com a diferença de aí o sujeito da passiva ser determinado.

Outros exemplos em que entram verbos *intransitivos* e verbos *transitivos indiretos*, empregados com o *se*, para indicar indeterminação do sujeito:

Verbos *intransitivos:* "No Rio de Janeiro *passeia-se* muito" — "Quanto mais *se sobe*, mais *se desce*".

Verbos *transitivos indiretos:* "*Precisa-se* de costureiras" — "*Trata-se* de caso incurável".

Nota — Dizer: "Precisa*m*-se de costureiras" — "Trata*m*-se de casos omissos" — é dizer tolice em português, pois *costureiras* e *casos omissos* não constituem sujeitos dos verbos; o sujeito, como vimos, é indeterminado, devendo o verbo ficar no *singular*.

Existem, todavia, certos verbos transitivos indiretos que também se constroem com objeto direto; o verbo *precisar* é um dêles; tanto é certo dizer: "...sem precisar *de* doutor nem *de* feitiçaria", quanto é certo construir como fêz Castilho: "...sem precisar doutor nem feitiçaria". Uma vez transitivo direto, pode perfeitamente apassivar-se o verbo *precisar:* "Precisam-se operários" — "Precisa-se um datilógrafo". Estranhável e errada é a construção: "Precisam-se de operários".

Ou se diz: "Precisam-se operários", apassivando-se pessoalmente o verbo, ou: "Precisa-se de operários", impessoalizando-se a construção.

B) VARIANTE: O se pode indicar impessoalidade de ação com os próprios verbos transitivos diretos, em frases como estas: "*Louva-se* aos juízes" — "*Previne-se* às pessoas presentes".

Nessas construções, *juízes* e *pessoas presentes* são objetos indiretos; se essas palavras viessem sem a preposição (ligação dos objetos indiretos),

elas forçosamente passariam a funcionar como sujeitos, tornando-se imperiosa a concordância do verbo: "Louvam-se os juízes" — "Previnem-se as pessoas presentes" — mas o sentido dessas expressões ficaria inteiramente mudado, passando a ter fôrça ou reflexiva ou passiva.

A impessoalidade com os verbos transitivos diretos requer as seguintes condições:

1 — Que a expressão tenha sentido próprio, diferente da construção passiva.

2 — Que o objeto indireto seja constituído de pessoa.

A razão da primeira condição justifica-se por si mesma. A segunda condição se justifica porque, tratando-se de coisas, não há perigo de ambigüidade e a construção pessoal então se impõe. Orações como: "É muito justo que se respeite aos dotes" — podem e *devem* ser construídas *pessoalmente:* "É muito justo que *se respeitem os dotes*".

se respeitem = v. passivo; *os dotes* = sujeito

Nota — Substituindo-se na oração "Louva-se aos juízes" o objeto pelo correspondente pronome oblíquo, fica "louva-se-*lhes*" e nunca "louva-se-*os*".

C) Os próprios verbos *ser* e *estar* aparecem em bons escritores impessoalizados com o *se*: "Muito se lucra quando *se é* honrado" (Camilo) — "Só há tesoiro público onde *se* não *é* obrigado a arrecadar para êle sangue, lágrimas e maldições" (Castilho) — "Para as confundir é necessário *ser-se* mais que medianamente estúpido" (M. Barreto) — "Assim *se estava* muitos séculos antes" (Bernardes) — "Aqui, senhor Pancrácio, *está-se* òtimamente" (Castilho).

FUNÇÃO FRANCESA

406 — Vimos na segunda nota do parágrafo 322 que o pronome *se* jamais pode combinar-se com o pronome oblíquo *o*. Ainda há pouco, na variante da 5.ª função, usamos desta expressão: "...tornando-se imperiosa a concordância do verbo".

Qual a razão disso? — Porque o *se*, em português, não exerce função de sujeito (função subjetiva); a combinação *se o* e a não concordância verbal nas construções passivas pessoais dariam ao *se* função de sujeito, como se em lugar do *se* estivesse escrito *alguém, a gente, certa pessoa*, tornando-se forçada esta análise:

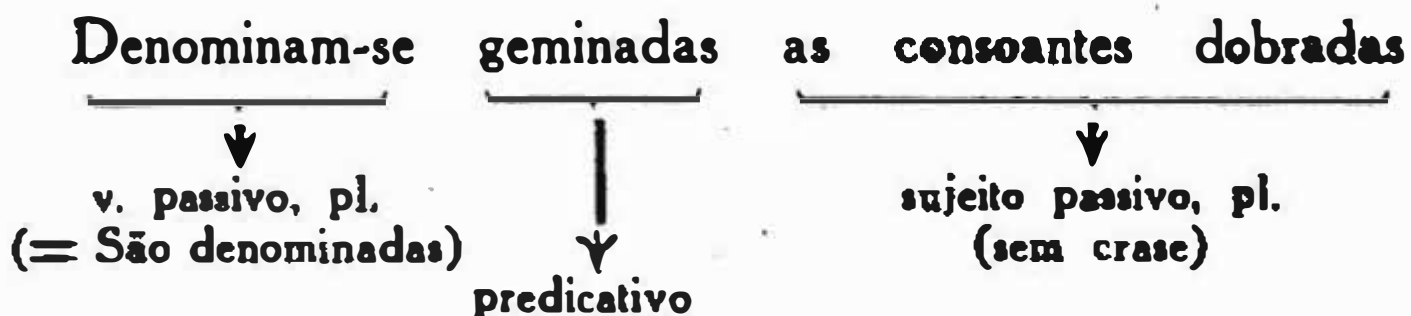
Sempre	*se*	*o*	*vê*
	sujeito de *vê*	obj. dir. de *vê*	v. tr. dir.

Louva	*- se*	os juízes
v. tr. dir.	suj. de *louva*	obj. dir. de *louva*

Essas análises (e, conseguintemente, essas construções) vão, antes de tudo, de encontro à tradição da língua, e, em segundo lugar, o próprio étimo (lat. *se*) do nosso *se* não as justifica, por não haver em latim a forma reta (caso nominativo, índice da função subjetiva) dêsse pronome.

Essas construções constituem puros francesismos; nelas o *se* está exercendo a função do *on* francês (palavra que nessa língua exerce função de sujeito), em desobediência à tradição do português e ao étimo do nosso *se*.

Jamais, portanto, poderemos construir: "Os livros sairão a contento imprimindo-se-*os* em formato pequeno" (O certo é: "...imprimindo-se em formato pequeno" — sem o *os; imprimindo-se* equivale a *sendo impressos:* o *se* indica passividade).

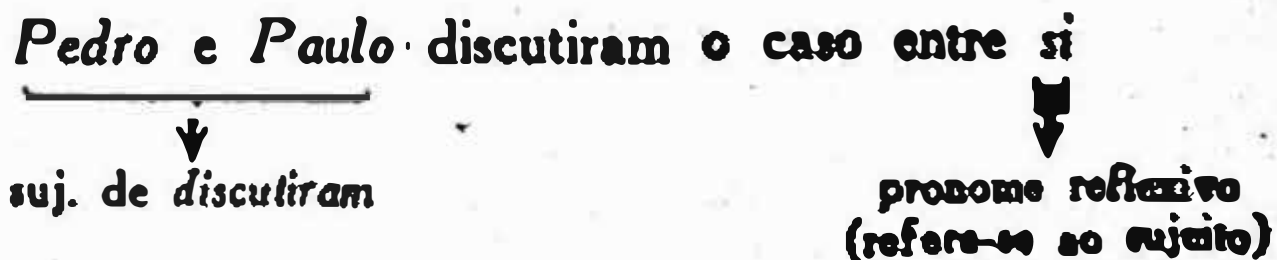
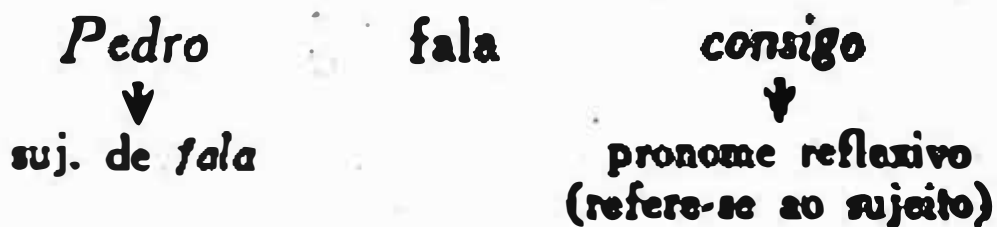
407 — Não será difícil ao aluno corrigir frases como esta: Denomina-se de geminadas às consoantes dobradas" — em vez de:

Nessa oração, *as consoantes dobradas* é o sujeito; se é sujeito, não pode ser craseado o *as*. Além disso, é sujeito plural, pelo que o verbo deve ir para o plural.

Outro exemplo de construção errada: "Alfabeto diz-se do conjunto sistematizado de lêtras" (O certo é: "Alfabeto diz-se o conjunto...).

suj. passivo

408 — SI, CONSIGO: Para terminar a presente questão, estudemos as variantes reflexivas *si* e *consigo* do pronome *se*. Note o aluno o que eu disse: "Variantes reflexivas"; dessa maneira, essas duas formas oblíquas só podem referir-se ao *sujeito* do verbo:

Pedro e *Paulo* discutiram o caso entre *si*

suj. de *discutiram* — pronome reflexivo (refere-se ao sujeito)

São, portanto, redondamente erradas construções como estas duas, freqüentemente encontradas em pessoas de falsa cultura e preparo gra-

matical: "Vejo em *si* uma ótima pessoa" — "Onde poderei encontrar-me *consigo?*"

As formas *si* e *consigo*, nessas duas orações, estão-se referindo à pessoa com que se fala e não ao sujeito, coisa que não condiz com a natureza dêsses reflexivos, que *sempre devem referir-se ao sujeito* do verbo. Em casos como êsses, diz-se: "Vejo *no senhor*" (ou *em você*, *em V. Ex.ª* etc.) — "...encontrar-me *com o senhor*" (*com V. Ex.ª*, *com você* etc.).

Nota — Sirva de complemento ao estudo do *se* êste meu artigo, publicado no "O Estado de S. Paulo":

Êrro pernicioso e cada vez mais encontradiço em nossa literatura é o emprêgo da partícula *se* sem função ou, o que não é menos mau, com função errada. Diàriamente, quando não várias vêzes por dia, num mesmo jornal, num mesmo artigo, lemos construções como estas: 1 — É preciso pensar-se nisso. 2 — O saber-se se o empregado quis a despedida... 3 — O sonhar-se de dia... 4 — Não é preciso cogitar-se dêsse caso. 5 — Era de ver-se a algazarra. 6 — Analisar lògicamente uma palavra é considerar-se a palavra quanto à função... 7 — No momento de estourar-se a bomba... 8 — No juntar-se as fôlhas, notou o escrivão a falta de uma. 9 — Não é possível duvidar-se da autenticidade da carta. 10 — Era uma delícia ver-se o menino falar.

Constitui o estudo do chamado *pronome se* um dos mais interessantes da gramática portuguêsa. Vemos-lhe exigido o conhecimento em exames de admissão a escolas oficiais diversas e em concursos a cargos públicos. Não é, pois, assunto esquecido dos organizadores de programas, mas, esta é a verdade, os exemplos aí estão, diários e em abundância, de emprêgo errado do *se*.

A expor aqui as muitas funções dessa monossilábica palavra — funções que qualquer gramática explana — (Não se esqueça o aluno de que isto é artigo de jornal; *tôdas* as funções já foram estudadas) preferirei, como complemento dêsse estudo, examinar os exemplos citados, ao acaso colhidos aqui e ali. Em todos os exemplos, o *se* está de mais, ora por lhe não caber função, ora por desempenhar papel errado ou desnecessário.

1.º EXEMPLO: Nem a título de indeterminação do sujeito deve aparecer o *se*. O infinitivo *pensar* constitui, com o complemento de argumento *nisso*, sujeito de "é preciso".

2.º — A presença do artigo devia de per si mostrar a substantivação do infinitivo *saber*. O *se* está de mais; nem impessoaliza o verbo nem o apassiva, pois de nada disso há necessidade nem possibilidade.

3.º — Diferencia-se do anterior, por têrmos agora um verbo intransitivo; o *se* continua de mais, completamente sem função. — As funções do *se* não foram inventadas (A gramática nada inventa) para justificar-lhe o emprêgo em tôda e qualquer construção; são funções marcadas, vivas; não verificada nenhuma delas, o *se* estará errado.

4.º — Mutatis mutandis, é reprodução do segundo.

5.º — A presença do *se* destrói uma das muitas particularidades de nossa sintaxe. A expressão já é passiva; que faz aí o intrometido *se*?

6.º — Tire-se o *se*. Substituindo "palavra" pelo oblíquo correspondente, teríamos: "Analisar... é considerá-la..." — Onde caberia o *se*?

7.º — *Bomba* é sujeito de *estourar*; ao *se* nenhuma função está cabendo.

8.º — O sujeito de *juntar* é *escrivão*; *fôlhas* é objeto direto; e o *se*? Tire-se. — Ainda que *fôlhas* fôsse sujeito passivo, a construção seria "no juntarem-se", com o verbo no plural, equivalente a "no serem juntadas as fôlhas", dada a pluralidade do sujeito passivo.

9.º — "Duvidar da autenticidade não é possível" — e não: "Ser duvidado da autenticidade não é possível". Que faz aí o se? Pobre gramática! Com tantas reformas, teu fim será o esquecimento.

10.º — Compare-se com o exemplo 6: "Era uma delícia vê-lo falar". Onde intrometer o se?

E dizer que há quem afirme que é suficiente ler para aprender português! Ler quem? Os que isso declaram?

Quadro sinótico das funções do pronome SE

PRONOME SE (Funções)

- 1 — Reflexibilidade pronunciada
  - Êle se feriu
  - Êle se arroga o direito
- 2 — Reflexibilidade atenuada
  - Êle se arrependeu
  - Êle se foi embora
- 3 — Reciprocidade — Êle e ela amam-se ardorosamente
- 4 — Passividade — Alugam-se casas
- 5 — Impessoalidade
  - Assim se vai aos céus
  - Louva-se aos juízes
  - É-se inclinado a acreditar — Está-se bem aqui

QUESTIONÁRIO

1 — Corrigir:

a) "Êle se reservou uma cadeira no teatro".

b) "Exagera-se muito as riquezas do país".

2 — As seguintes orações estão certas? (Justificar a resposta):

a) "Deve-se transformar essas zonas".

b) "Essas construções não se podem tachar de erradas".

c) "Quer-se inventar novidades".

d) "Não se permitem colocar cartazes".

No responder à pergunta 2, não se esqueça de: 1.º — procurar com atenção o sujeito, tendo à frente o § 404 (Raciocine, portanto, com as formas passivas em que entre o verbo ser; p. ex.: "Colocar cartazes não é permitido"); 2.º — justificar a resposta, quer julgue certa, quer errada a oração.

3 — Corrija as seguintes construções, *justificando* as correções:

a) "Vocábulo diz-se da palavra quanto à forma" (§ 407, 2.º exemplo).

b) "Chama-se sílaba à reunião de lêtras ou lêtra pronunciada de uma só vez" (§ 407).

c) "Chamam-se guerras púnicas às três guerras entre os romanos e os cartagineses" (§ 407).

d) "O serviço ficará pronto pagando-se-o adiantadamente" (V. a parte final do § 406).

e) "Está a sua espera uma senhora que quer falar consigo".

No corrigir as construções das lêtras a, b e c, *estude com atenção o § 407: transforme o* diz-se, *o* chama-se e o chamam-se *em* é dito, é chamada, são chamadas, *que notará com maior facilidade o êrro, mas, no reproduzir a forma correta, conserve o* diz-se, o chama-se e o chamam-se *e não mude de lugar os têrmos.*

No justificar a correção, quero que diga qual é o sujeito do verbo passivo.

4 — Faça o quadro sinótico das diversas funções do pronome se.

Capítulo XXVI

VERBO

QUANTO À FLEXÃO

412 — Estudamos já o verbo em relação à *predicação* (§ 297 e ss.) e em relação à flexão de *voz* (§ 386 e ss.); estudá-lo-emos agora em relação à *flexão* em geral.

Ao conjunto de flexões verbais dá-se o nome **conjugação**; *conjugar um verbo* é, pois, recitá-lo em tôdas as suas possíveis formas, que podem ser:

modais
nominais
temporais
numerais
pessoais
de voz

Obs. — Só se pode falar em flexão genérica dos verbos, quando se considera o particípio na voz passiva. Êle é louvado — Ela é louvad*a*.

413 — **MODO**: Como a própria palavra está dizendo, *modo* na conjugação de um verbo vem a ser a maneira por que se realiza a ação expressa por êsse verbo. De três maneiras podemos enunciar uma ação; daí, os *três modos verbais*.

1 — **Modo indicativo**: Indica êste modo que a ação expressa pelo verbo é exercida de maneira real, categórica, definida, quer o juízo seja afirmativo, quer negativo, quer interrogativo: *faço, vejo, fiz, vi, fizera, não irás?, não irei.*

2 — **Modo subjuntivo**: Indica êste modo que o verbo não tem sentido caso não venha *subordinado* a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido. Ninguém nos entenderá se dissermos "venhas"; mas se dissermos "Quero que venhas" seremos fàcilmente compreendidos; o sentido de *venhas* depende de *quero*; daí o nome *modo subjuntivo*, isto é, modo que se subordina a outro.

Outros exemplos: "Desejo que *estude*" — "Faria se *pudesse*" — "Farei quando *puder*".

O modo subjuntivo indica dependência também quando o fato é duvidoso ou indeterminado, sendo por isso chamado "modo da possibilidade". Fàcilmente notará o aluno a diferença entre as orações:

Subjuntivo: dúvida		*Indicativo: certeza*
Pode ser que *seja* assim	e	Digo que *é* assim
Julgo que *passe* nos exames	e	Afianço que *passa*...
Desconheço quem *faça* isto	e	Desconheço quem *faz*...
Premiarei quem *acerte*	e	Premiarei quem *acerta*

O subjuntivo presente tem também a propriedade de indicar *desejo;* com tal função, substitui a 1.ª e a 3.ª pessoa do imperativo: *Possa* eu ser nomeado — *Viva* o rei — *Cumpramos* as ordens — *Voltem* logo — *Vivam* os cônjuges!

O *imperfeito do subjuntivo* é, em certos casos, elegantemente substituído pelo *mais que perfeito* do indicativo: "*Estivera* (= estivesse) eu presente, que tal coisa não teria acontecido" — "...se nelas não *padecera* a justiça as mesmas afrontas" — "Não *fôra* eu, êle teria morrido".

Repugna à índole da lingua a substituição dêsse tempo pelo imperfeito do indicativo: "Se eu *estava* (em vez de *estivesse*) no balcão, você não teria vendido tanto" — "Se eu *ia* (em vez de *fôsse*) lá, êle não teria escapado".

Tais construções constituem grosseiros italianismos.

3 — **Modo imperativo:** Indica êste modo que a ação verbal se faz com império: "*Vai-te* embora" — "*Vinde* até aqui".

a) O modo imperativo pode também indicar *exortação* ("*Ouve* êste conselho" — "*Segui* o caminho da honra") e *súplica:* "*Dá*-me uma esmola" — "*Fazei*-me êsse favor".

b) A negativa repele o imperativo; o imperativo negativo é feito com o subjuntivo. Não se deve, portanto, dizer: "*Não fazei* caso" — "*Não deixai* sair o menino" — e sim: "*Não façais* caso" — "*Não deixeis* sair o menino" — "*Jamais digais* isso" — "*Nunca faças* a outrem...".

Quer isso dizer que o imperativo, quando *negativo*, tira-se, para *tôdas* as pessoas, do subjuntivo presente: não louve, não louves, não louve, não louvemos, não louveis, não louvem. Quando *positivo*, o imperativo continua a ser tirado do subjuntivo, com exceção da 2.ª pessoa do singular e da 2.ª do plural, formas estas derivadas das correspondentes pessoas do indicativo presente, mediante supressão do *s* final: louve, *louva*, louve, louvemos, *louvai*, louvem (§ 459).

c) As gramáticas costumam oferecer, no imperativo, só as segundas pessoas do positivo, porque sòmente estas são especiais, diferentes; é grave engano deduzir daí que só existem essas duas pessoas no imperativo.

d) *Formas supletivas do imperativo* — Outras formas verbais, têm, às vêzes, fôrça de imperativo mais suave:

— o *presente do indicativo:* "*Levas* estas cartas e *trazes* estampilhas" (= leva, traze);

— o *infinitivo impessoal*, tanto para a forma positiva quanto para a negativa: "Anda lá, Pablo, na garupa, e *deixá-los* rir" (= deixa-os), "*Passar* bem" (= passe bem). "Não *matar*" (= não mateis), "À direita *volver*" (= volvei).

— o *futuro do presente do indicativo:* "Não *matarás*" (= não mates).

414 — FORMAS NOMINAIS: Assim se denominam o *infinitivo*, o *gerúndio* e o *particípio*, por poderem exercer função de *nomes*, isto é, ou de substantivo ou de adjetivo, como depois veremos na sintaxe.

Infinitivo: É a forma que, quando impessoal, apenas apresenta o verbo sem nenhuma discriminação nem de modo, nem de tempo, nem de numero, nem de pessoa. É nesta forma que os dicionários portuguêses trazem os verbos.

O *infinitivo* em português pode ser *impessoal* (e então não se flexiona) e *pessoal* (e então poderá flexionar-se de acôrdo com o sujeito, segundo normas que veremos na sintaxe).

Gerúndio é a forma nominal terminada em *ndo: louvando, vendendo, partindo.*

Particípio é a forma nominal regularmente terminada em *do* (*ado*, para a 1.ª conjugação, e *ido* para a 2.ª e 3.ª). Nos verbos irregulares, outra e variável é a terminação, o que iremos ver oportunamente.

415 — TEMPO: Sabemos que o verbo indica ação ou resultado de ação (estado), mas o ato por êle expresso pode ser praticado em épocas diferentes, e daí nasce a *flexão temporal*, que visa a indicar a época, o *tempo* em que se realiza a ação verbal.

O tempo pode ser encarado no *presente*, no *passado* e no *futuro;* tais modalidades de tempo são indicadas nos verbos por flexões especiais, as quais recebem os nomes *presente, pretérito* e *futuro.*

416 — Presente — Para a perfeita discriminação dos tempos verbais, duas coisas devemos ter em mente: uma é a *ação expressa pelo verbo*, outra é o *ato da palavra*, isto é, o momento em que se fala.

O *tempo presente* indica que a ação é praticada no mesmo momento em que se fala. Quem diz: "Estudo português" — demonstra praticar a ação de *estudar* no momento em que fala, no tempo atual, ou seja, no *tempo presente.*

Outros exemplos: *vejo, faço, penso, julgo, escrevo, minto, leio, digo.*

417 — Pretérito — O pretérito indica que a ação do verbo foi praticada antes do ato de falar: *vi, escrevi, estudei, fiz, corri, menti, julguei, pensei, cheguei, saí.*

Precisamos, porém, distinguir três espécies de *pretéritos:* o *imperfeito*, o *perfeito* e o *mais-que-perfeito.*

1 — Quando uma pessoa nos diz: "Êle *saíra* quando eu entrei" — emprega, para o verbo *sair*, o pretérito mais-que-perfeito, o que significa o seguinte: A ação expressa pelo verbo *sair* é passada em referência ao ato da palavra (estou falando agora, mas a ação de *sair* já se passou) e, além disso, é ainda passada com relação ao tempo indicado no período (no nosso caso *entrei*), o que equivale a dizer: "Quando eu *entrei*, êle já *tinha saído*".

2 — Quando uma pessoa diz: "Êle *saía* quando eu entrei" — continua empregando o verbo *sair* no pretérito, uma vez que a ação expressa por êsse verbo é anterior ao ato da palavra (como antes, o interlocutor está falando neste momento, mas o que êle nos está dizendo já se passou), mas a ação de *sair* foi praticada no mesmo tempo em que se deu o fato passado de eu *entrar.*

Vê-se a diferença entre êste e o caso anterior; aqui a ação é ao mesmo tempo *passada* (com relação ao ato da palavra) e *presente* (com relação ao ato de *entrar*). Por essa razão é que se diz que *saía* está no pretérito imperfeito.

3 — Dizendo-nos, porém, uma pessoa: "Êle *saiu*" — denota que a ação de *sair* foi completamente realizada, sem necessidade de referência a nenhuma outra ação, nem anterior nem contemporânea. *Saiu* é o **pretérito perfeito.**

Como complemento dêste parágrafo, sirva-nos êste resumo:

a) **Pretérito "mais-que-perfeito"**: "Êle *saíra* quando eu entrei" — O ato de *sair é anterior* ao de ter entrado.

Outros exemplos: *fizera, quisera, julgara, escrevera, mentira, estudara, viera.*

b) **Pretérito "imperfeito"**: "Êle *saía* quando eu entrei" — O ato de *sair* é *contemporâneo* ao de ter entrado.

Outros exemplos: *fazia, queria, partia, mentia, julgava, amava, estudava, vinha.*

c) **Pretérito "perfeito"**: "Êle *saiu*" — O ato de *sair* já se realizou completa, pura e simplesmente.

Outros exemplos: *fiz, quis, parti, menti, julguei, amei, estudei, vim, vi, venci.*

418 — O *perfeito* e o *mais-que-perfeito* podem apresentar-se na forma *simples* e na *composta.*

Perfeito simples é o expresso por uma só palavra e denota, como vimos, ação completamente realizada.

Perfeito composto é o expresso com a ajuda do presente de um verbo, que então se chama auxiliar, e o particípio do verbo que se pretende conjugar, e denota que a ação continua a ser praticada, continua a repetir-se: *tenho saído* (ou, indiferentemente, *hei saído*).

Mais-que-perfeito simples é o expresso por uma só palavra: *saíra.*

Mais-que-perfeito composto é o expresso mediante a ajuda do imperfeito de um verbo auxiliar e o particípio do verbo que se pretende conjugar, notando-se que, agora, nenhuma diferença de significado existe entre a forma simples e a composta: *tinha* (ou, indiferentemente, *havia*) *saído.*

419 — Futuro — Indica êste tempo que a ação expressa pelo verbo será praticada depois do ato da palavra: *verei, terei visto, haverei visto,* ou depois de realizada outra ação: *veria, teria visto, haveria visto.*

O futuro divide-se em *futuro do presente* e *futuro do pretérito,* e ambos possuem a *forma simples* e a *composta.*

1. **Futuro do presente simples**: É o que, expresso por uma só palavra, indica, simplesmente, ação que irá realizar-se, sem estabelecer relação com outra ação: *sairei.*

2. **Futuro do presente composto**: É o expresso com a ajuda do futuro de um verbo auxiliar e o particípio do verbo que se pretende conjugar, e indica que a ação é posterior ao ato da palavra, mas, ao mesmo tempo, anterior com relação a outro futuro: "*Terei estudado* (ou *haverei estudado*) quando êle estudar".

Êle ainda irá estudar (é futuro, portanto), e também eu ainda irei estudar, mas quando êle estudar eu já *terei estudado. Terei estudado* é, portanto, um futuro que irá realizar-se *antes* de outro futuro; por essa razão é chamado também "futuro **anterior**"; chamam-no ainda, por êsse

mesmo motivo, "futuro **primeiro**"; chamam-no ainda outros "futuro **relativo**", visto ter sempre relação com outro futuro. O que é importante observar é que êste tipo de futuro é sempre composto, formando-se do particípio do verbo que se quer conjugar e do futuro do verbo *ter* ou do verbo *haver*.

Outros exemplos: *terei visto, terei escrito, terei feito, terei vindo* (ou *haverei visto, haverei escrito*...).

Nota — No italiano êste futuro é chamado "futuro primeiro", visto realizar-se a ação antes do futuro do presente simples, que é nesse idioma chamado "futuro segundo".

3. **Futuro do pretérito**: É o que indica ação futura, geralmente condicionada à realização de outra ação: "*Iria* se pudesse" — "Se deixassem, eu *faria*" — "*Teria morrido* caso não me tivessem segurado".

A idéia de futuro condicionado, subordinado à realização de outra ação, é nítida ainda em construções em que não aparece expressa a subordinação: "*Desejaria* (se fôsse possível) que chovesse" — "*Teria respondido* o mesmo a qualquer outra pessoa" (que me tivesse feito a mesma pergunta).

Pode, da mesma forma que o futuro do presente, ser **simples** (*faria*) e **composto**: *teria* (ou, indiferentemente, *haveria*) *feito*.

Não existente, discriminadamente, no latim, onde o subjuntivo é que possuía essa fôrça, o futuro do pretérito foi criado pelas línguas românicas mediante aglutinação do imperfeito do indicativo do verbo *haver* (*havia*) com o infinitivo dos outros verbos: *louvar* + *havia* = louvaria.

É importante observar o seguinte: Pelo fato de ter nascido do imperfeito, o futuro do pretérito é com freqüência substituído por outras formas do pretérito. "Não *ousara* (= *ousaria*) entrar, se não fôsses bom" — "Quem vos *havia* (= *haveria*) de enganar?" — "*Tivera* (= *teria*) isso eu feito, se êle merecesse" — "Escrevi esperando que você *aceitasse*" (= *aceitaria*).

420 — **NÚMERO**: Os verbos flexionam-se também em *número*, isto é, podem ficar no *singular* ou ir para o *plural*, de acôrdo com o número do sujeito: se êste estiver no singular, no singular ficará o verbo; se no plural estiver o sujeito, para o plural irá o verbo:

421 — **PESSOA**: Os verbos variam ainda em *pessoa*, isto é, flexionam-se de acôrdo com a pessoa gramatical (§ 311) do sujeito: eu *amo*, tu *amas*, êle *ama*, nós *amamos*, vós *amais*, êles *amam*.

422 — VOZ: Êste tipo de flexão verbal já ficou explicado, por necessidade de método, nos parágrafos 386 e ss. Resumindo o que aí ficou amplamente explicado, a voz dos verbos pode ser:

ativa
passiva { com *auxiliar* / com *pronome apassivador*
reflexiva

423 — CONJUGAÇÕES: Três são as conjugações:

a **1.ª**, com o tema terminado em *a;*
a **2.ª**, com o tema terminado em *e;*
a **3.ª**, com o tema terminado em *i.*

Cada um dêsses três grupos é conjugado de maneira diferente, isto é, não tem terminações flexionais idênticas. Há, conseguintemente, três tipos de conjugações. Saber-se-á se determinado verbo pertence a esta ou àquela conjugação, segundo a terminação do infinitivo:

Conjugação	Verbos terminados em:	Exemplos
1.ª	ar	amar, louvar, andar
2.ª	er	vender, dever, correr
3.ª	ir	partir, abrir, possuir

Nota — À segunda conjugação pertence também o verbo irregular *pôr*, que tem vários compostos: *opor, repor, pospor, supor, compor, antepor, contrapor* e outros (V. § 78).

O verbo *pôr* possuía no velho português a forma *poer*, pertencendo, portanto, à segunda conjugação; disso restam ainda hoje provas: *poente* (à semelhança de *corrente, absolvente, enchente*, da segunda conjugação) e *poedeira* (galinha *poedeira*); nestas duas palavras, as terminações *ente* e *edeira* denotam a primitiva conjugação do verbo *pôr*. Outro resquício de *poer* temos em *depoimento*, do arcaico *poimento* (ação de *poer* = pôr).

Na própria conjugação do verbo encontramos o *e* que caracteriza a 2.ª conjugação: *põEs, põE.*

424 — Quanto ao processo de conjugação, um verbo pode ser:

auxiliar
regular
irregular
anômalo
defectivo
abundante

QUESTIONÁRIO

1 — Que nome se dá ao conjunto das flexões verbais?
2 — Quais as possíveis formas flexionais em que um verbo se conjuga?
3 — Que se entende, na conjugação dos verbos, por *flexão de modo?* Quantos e quais os *modos* dos verbos?
4 — Por que o subjuntivo é o "modo da possibilidade?"
5 — As formas do *imperativo negativo* são tiradas de que modo verbal?
6 — Que formas verbais se denominam *formas nominais?*
7 — Que indica o *presente?*
8 — Que indica o *pretérito?*
9 — Quantas espécies existem de pretéritos?
10 — Que indica o *futuro?*
11 — Que indica o *futuro do presente composto?*
12 — Que é *futuro do pretérito?*
13 — Dê exemplos em que o futuro do pretérito apareça substituído por outras formas do pretérito.
14 — Os verbos se flexionam também em *número?* Como?
15 — Os verbos variam ainda em *pessoa?* Como?
16 — Como pode ser a *voz* dos verbos?
17 — Quantas conjugações há em português?
18 — Quanto ao processo de conjugação, como pode ser o verbo?

CAPÍTULO XXVII

VERBOS AUXILIARES

425 — Já tivemos oportunidade de ver que há formas verbais que exigem o *auxílio* de outro verbo, o que se dá ou porque o tempo é por natureza composto (*tenho louvado, hei louvado, teria louvado, haveria louvado, tivera louvado, houvera louvado*) ou porque o verbo está na voz passiva: *sou louvado, fui louvado.* Tais verbos, que são quatro, são chamados **auxiliares**, e a sua conjugação assim se processa:

		TER	HAVER	SER	ESTAR
		INDICATIVO			
		Presente			
SING.	Eu	tenho	hei	sou	estou
	Tu	tens	hás	és	estás
	Êle	tem	há	é	está
PLUR.	Nós	temos	havemos	somos	estamos
	Vós	tendes	haveis	sois	estais
	Êles	têm [1]	hão	são	estão
		Pretérito imperfeito			
SING.	Eu	tinha	havia	era	estava
	Tu	tinhas	havias	eras	estavas
	Êle	tinha	havia	era	estava
PLUR.	Nós	tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
	Vós	tínheis	havíeis	éreis	estáveis
	Êles	tinham	haviam	eram	estavam
		Pretérito perfeito			
SING.	Eu	tive	houve	fui [3]	estive
	Tu	tiveste	houveste	fôste	estiveste
	Êle	teve	houve	foi	estêve
PLUR.	Nós	tivemos	houvemos	fomos	estivemos
	Vós	tivestes [2]	houvestes	fôstes	estivestes
	Êles	tiveram	houveram	foram	estiveram

---

(1) A forma *têm*, com circunflexo, corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo, ao passo que *tem* constitui a terceira pessoa do singular. Quanto aos compostos, observe-se o acento agudo na 3.ª do singular: êle *mantém*, êles *mantêm*, êle *obtém*, êles *obtêm*, êle *retém*, êles *retêm* etc.

(2) Note-se a diferença entre a segunda pessoa do singular e a segunda do plural do pretérito perfeito; é lamentável a confusão que pessoas, às vêzes gradas, fazem com essas duas pessoas dêsse tempo. Um meio mnemônico existe que facilita essa discriminação: Em vós existe *s*, o que não se dá com a segunda pessoa do singular: vós tivestes — tu tiveste.

(3) O pretérito perfeito do verbo *ser* é idêntico ao pretérito perfeito do verbo *ir*. O mesmo se diga dos derivados: *fôra, fôr, fôsse*.

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu	tivera	houvera	fôra	estivera
	Tu	tiveras	houveras	fôras	estiveras
	Êle	tivera	houvera	fôra	estivera
PLUR.	Nós	tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
	Vós	tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
	Êles	tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente simples(4)

SING.	Eu	terei	haverei	serei	estarei
	Tu	terás	haverás	serás	estarás
	Êle	terá	haverá	será	estará
PLUR.	Nós	teremos	haveremos	seremos	estaremos
	Vós	tereis	havereis	sereis	estareis
	Êles	terão	haverão	serão	estarão

Futuro do pretérito simples(4)

SING.	Eu	teria	haveria	seria	estaria
	Tu	terias	haverias	serias	estarias
	Êle	teria	haveria	seria	estaria
PLUR.	Nós	teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
	Vós	teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
	Êles	teriam	haveriam	seriam	estariam

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu	tenha (5)	haja	seja	esteja
	Que tu	tenhas	hajas	sejas	estejas
	Que êle	tenha	haja	seja	esteja
PLUR.	Que nós	tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
	Que vós	tenhais	hajais	sejais	estejais
	Que êles	tenham	hajam	sejam	estejam

(4) Justamente por serem auxiliares, êstes verbos não possuem *futuro do presente composto* nem *futuro do pretérito composto*. Em "Os grandes gramáticos raramente *terão sido* grandes escritores", o verbo *ser* é de ligação e não auxiliar. Em "Eu *teria tido* muito dinheiro se tivesse trabalhado com afinco", *ter* é verbo concreto e não abstrato.

(5) Para facilitar a discriminação dos tempos do subjuntivo, coloco as conjunções *que* para o *presente*, *se* para o *pretérito imperfeito*, e *quando* para o *futuro*. Cuidado com o subj. pres. dos verbos *ser* e *estar*; não cometa o gravíssimo êrro de dizer: que eu *seje*, que você *esteje*.

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu	tivesse	houvesse	fôsse	estivesse
	Se tu	tivesses	houvesses	fôsses	estivesses
	Se êle	tivesse	houvesse	fôsse	estivesse
PLUR.	Se nós	tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
	Se vós	tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
	Se êles	tivessem	houvessem	fôssem	estivessem

Futuro do presente simples

SING.	Quando eu	tiver	houver	fôr	estiver
	Quando tu	tiveres	houveres	fores	estiveres
	Quando êle	tiver	houver	fôr	estiver
PLUR.	Quando nós	tivermos	houvermos	formos	estivermos
	Quando vós	tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
	Quando êles	tiverem	houverem	forem	estiverem

IMPERATIVO

Positivo

SING.	tem tu (6)	há tu	sê tu	está tu
PLUR.	tende vós	havei vós	sêde vós	estai vós

Negativo

SING.	não tenhas tu	não hajas tu	não sejas tu	não estejas tu
PLUR.	não tenhais vós	não hajais vós	não sejais vós	não estejais vós

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal (7)

TER	HAVER	SER	ESTAR

Infinitivo pessoal

SING.	Por ter eu (8)	haver	ser	estar
	Por teres tu	haveres	sêres	estares
	Por ter êle	haver	ser	estar
PLUR.	Por têrmos nós	havermos	sermos	estarmos
	Por terdes vós	haverdes	serdes	estardes
	Por terem êles	haverem	serem	estarem

Gerúndio

tendo	havendo	sendo	estando

Particípio

tido	havido	sido	estado

(6) No *imperativo*, os pronomes sujeitos vêm depois do verbo (isto, naturalmente, quando se quer dêles fazer uso, porquanto não é obrigatório o seu aparecimento nas formas imperativas) — V. § 413, 3, a, b, c.

(7) A distinção entre infinitivo *impessoal* e infinitivo *pessoal* será estudada no § 913 e ss.

(8) Coloco a preposição *por* para facilitar a discriminação entre o infinitivo pessoal e o impessoal.

CONSIDERAÇÕES SINTÁTICAS SÔBRE OS VERBOS AUXILIARES

426 — SER: 1 — O verbo *ser* é eruditamente empregado com a significação de *existir*: "Deus *é*" (Deus *existe*) — "...as artilharias que ainda então não *eram*" (= não *existiam*) — "Aqui *foi* Tróia" (= *existiu*) — "*Eram* uma vez dois valentes" (= *existiam*) — "As esmeraldas *eram* em montões".

2 — O verbo *ser* é ainda empregado *impessoalmente*, isto é, sem sujeito, em expressões de tempo como estas: "*Era* numa tarde de abril" — "*Era* ao cair do dia". — Ainda que não apareça preposição nenhuma, continuará impessoal o verbo: "*Era* uma tarde de abril" — "*Era* a hora do repouso".

3 — Quando empregado como verbo de ligação (§ 302), o verbo *ser* é como que vazio de sentido; é disso prova o fato de algumas línguas quase o não usarem com essa função meramente *copulativa*, isto é, de unir um adjetivo a um substantivo, dizendo apenas "Pedro bom", em vez de "Pedro é bom".

4 — *Ser*, seguido da preposição *por*, significa *seguir a doutrina* ("Sou pelo cristianismo"), *defender* ("Sou por você") *julgar acertado*: "Pois, meu menino, sou por dizer-lhe que você não estudou".

5 — Quanto à expressão "*Que é de?*" veja o § 366, n.

6 — Quando seguido da preposição *de*, pode o v. *ser* ter muitas acepções, mas o complemento funciona, virtualmente, como predicativo:

a) *participar*: "Oxalá seja o leitor do meu voto" — "Ser do coração";

b) *estar conforme*: "Isto é de justiça";

c) *pertencer a*: "O livro é de João";

d) *estar na dependência, privar com*: "Êle é todo do ministro";

e) *proceder, descender*: "Êle é de Minas";

f) *ser próprio*: "Entender o contrário será de filho de Adão e não de filho de Santo Inácio";

g) *medir*: "Esta coluna é de 15 pés de altura";

h) *servir de*: "...para lhes ser de amparo".

427 — ESTAR: O verbo *estar* é também empregado como verbo de ligação, mas com a seguinte diferença: *Estar* (lat. *stare* = estar de pé) sempre implica idéia de *transitoriedade*, de *existência momentânea*, de *estado acidental*, ao passo que *ser* (lat. *sedēre* = estar sentado) traz idéia de *permanência*, de *existência continuada*, de *estado permanente* ou *inerente*. Como verbo de ligação, o verbo *ser* é quase vazio de sentido, sendo por isso chamado *verbo abstrato*; é como se não existisse na oração; dizer: "O céu é azul" e "O céu azul" é quase dizer a mesma coisa.

Êstes exemplos evidenciam a diferença de significação entre *ser* e *estar*:

PERMANÊNCIA		TRANSITORIEDADE
Êste homem *é* doente	—	Êste homem *está* doente
Os dias *são* claros	—	Os dias *estão* claros
Ser pálido	—	*Estar* pálido
Ser úmida uma casa	—	*Estar* úmida uma casa

Estrangeiros, ainda os mais cultos, escorregam neste ponto, quando o não estudam convenientemente; dizem êles com a maior facilidade: "Eu *estou* jornalista". Aqui é o caso do verbo *ser*, visto especificar uma profissão, e, conseguintemente, um estado *permanente*.

Obs.: 1.ª — Se empregar o verbo *estar* em vez de *ser* é êrro, empregar o verbo *ser* em vez de *estar* era freqüente entre os quinhentistas, não faltando, dentre escritores mais próximos à nossa época, quem assim proceda. Essa substituição se fazia já quando *estar* funcionasse como verbo de ligação (v. abstrato), já quando fôsse verbo de significação concreta: "D. Afonso vos congregou para declarar se *sois* (= estais) contentes com ser êle Rei nosso" — "Minha dona muitas vêzes me contava quando *era* (= estava) no lavor" — "Chamei-me Adamastor e *fui* (= estive) na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano".

2.ª — O verbo *estar*, seguido da preposição *para* e um verbo no infinitivo, indica proximidade de ação: "O trem *está para* partir". Seguido da preposição *a* e um infinitivo, o verbo *estar* indica às vêzes comêço de ação: "O trem *está a* partir"; em tal caso, o infinitivo e a preposição podem ser substituídos pelo gerúndio: "O trem está *partindo*". Note-se que esta maneira — *está partindo, está fazendo* etc. — é a mais comum no Brasil, sendo a primeira — *está a partir, está a fazer, está a cantar* etc. — a que se usa em Portugal.

3.ª — No período "Caso não deva ali ser guardado, *estou* que haveria em sua casa algum recanto..." — o verbo *estar* tem a significação de entender, ser de opinião, julgar, crer. Tal significado assume o verbo *estar*, quando seguido da conjunção integrante *que*: "*Estou que* a crise há de continuar" — subentendendo-se o adjetivo "persuadido" ou outro qualquer.

4.ª — Outras construções e acepções:

a) com a, para indicar *posição, situação:* estar a cavalo, estar ao Deus dará;

b) com de, para indicar: *posição:* estar de pé, de cócoras, de lado, de cama;

— *ter por vestuário, acessório:* estar de casaca, de espada à cinta, de prêto;

— *desempenhar função, obrigação:* estar de sentinela, de quarto;

— *ter em mente, encontrar-se na iminência de um ato:* estou de partida;

c) com em, para indicar: *maneira de ser, de apresentar-se:* estar em dúvida, em tratamento, em êrro, em camisa;

— *achar-se num lugar, morar:* estar na cidade, estar na fazenda, estar numa cidade;

— *atingir certo grau, preço, situação, chegar a determinado momento:* estar em fusão, estar numa fortuna, estar em guerra, estar em idade;

— *consistir, depender:* "Tudo está em saber pedir".

d) com com ou sem, para indicar *condições que se apresentam ou não:* estar com dinheiro, com preguiça, com ânimo, com febre;

— *não desamparar* ou *desamparar, ser a favor* ou *contra:* "Estou com ou sem vocês?"

— *conversar ou não, visitar ou não, fazer ou não companhia:* "Não estava com êle quando isso se deu";

e) com **para**, para indicar: *ter disposição:* "Não estou para amolações";

— *aguardar:* "Estou para ver em que vai dar isso";

— *lugar* ou *tempo:* "Êle está para a fazenda" — "A laranja está para o mês que vem";

428 — TER e HAVER: Êstes dois verbos, da mesma maneira que os verbos *ser* e *estar*, podem ser concretos e abstratos, isto é, podem ter significação própria, especial, e podem ser vazios de sentido.

1 — Os verbos *ter* e *haver* têm a significação própria de *possuir:* "Pedro *tem* uma chácara" — "Mas refleti que *haveis* cabedal de inteligência para muito". Significam, também, *obter, alcançar*, e um pelo outro usavam-nos os clássicos: "Neste dia *houvemos* vista de terra". Significam, ainda, *julgar, ter na conta de:* "...*havendo-o* por milagre" — "Os alunos *houveram-se* por aprovados".

2 — O verbo *haver* é ainda empregado com a significação de *existir:* com tal significação, *haver* é *impessoal* e usado apenas na terceira pessoa do singular (Os *verbos impessoais* serão estudados no § 480 e ss.).

3 — *Haver* é usado pronominalmente (*haver-se*), na acepção de *portar-se, proceder:* "*Houve-se* muito bem no exercício de seu cargo" — "Êles *se houveram* dignamente nessa emprêsa".

Seguido de infinitivo sem preposição, tem o sentido de *ser possível:* "Não *há* contê-lo, então, no ímpeto" — "Não *há* fartar um mouro, se come em mesa alheia".

Seguido da palavra *mister*, significa *necessitar, precisar:* "Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital". Essa expressão transitiva tem as variantes *haver mister de* e *haver de mister:* "Seu amor da ciência não *havia mister de* outros incentivos" — "*Hei de mister* o seu conselho".

4 — Como verbos abstratos, isto é, como *auxiliares*, êles se esvaziam de sentido; têm por função, nesse caso, indicar o tempo, o modo, a pessoa e o número do verdadeiro verbo, que aparece na frase na forma de particípio: *tinha* visto (ou *havia* visto) — *tivessem* feito (ou *houvessem* feito).

Nota — O esvaziamento de sentido dos verbos *ter* e *haver* é fenômeno operado em português, porquanto o latim não possuía tempos compostos e, conseqüentemente, êsses verbos nessa língua sempre possuíam significação própria, concreta.

429 — Pelo fato de não poderem passar para a voz passiva, os verbos intransitivos só costumam vir acompanhados dos auxiliares *ter* e *haver;* todavia, com alguns de tais verbos, o verbo *ser* substitui elegantemente êsses auxiliares, na formação dos tempos compostos: *ser chegado, ser nascido* (ou *nado*), *ser vindo* — em vez de *ter* (ou *haver*) *chegado*,

nascido, *vindo* etc.: "Porém já cinco sóis *eram passados*" (= haviam passado) — "Aqui *foi nado* (= nasceu) e criado".

430 — Nos tempos compostos, ou seja, com os auxiliares *ter* e *haver*, o particípio fica invariável: Eu tenho *feito* — Nós temos *feito* — Ela tem *feito*.

Com os auxiliares *ser* e *estar*, o particípio varia de acôrdo com o gênero e com o número da palavra a que se refere: Êle é *louvado* — Ela é *louvada* — Nós (homens) somos *louvados* — Nós (mulheres) somos *louvadas*.

Observe-se agora o seguinte: Quando, numa oração, o particípio passado vem desacompanhado de auxiliar, deve variar, como se viesse acompanhado do auxiliar *ser* ou *estar*. É conseguintemente errado dizer: "*Passado* três dias, partimos" — porque o particípio se tornou adjetivo e, como tal, deve concordar com a palavra a que se refere, que nessa oração é *dias*. Devemos flexionar o particípio, muito embora possamos subentender o auxiliar *ter* (*Tendo* passado três dias...). Correta, a frase deve ser: "*Passados* três dias, partimos".

Outros exemplos: "*Chegadas* ao Rio, elas não se puderam conter" — "*Vindos* a minha casa, considerem-se donos dela" — "As primeiras escolas *havidas* no Brasil...".

431 — Constitui êrro grave, e todo o possível devemos fazer para evitá-lo, empregar o verbo *ter* com a significação de *existir*. Não devemos permitir frases como estas: "Não *tem* nada na mala" (em vez de: "Não *há* nada...") — "Não *tem* de que" (em vez de: "Não *há* de que") — "Não *tem* lugar" (em vez de: "Não *há* lugar").

Obs. — Chamo a atenção do aluno para a conjugação dos compostos de *ter*: *deter*, *conter*, *obter* etc.; devem os compostos seguir a conjugação do simples: *detive* (e nunca *deti*), *detinha*, *detivera* (jamais *detia*, *detera*).

432 — Finalizamos o presente estudo, com a seguinte consideração: Os auxiliares *ter* e *haver*, quando seguidos da preposição *de* e um infinitivo, formam locuções verbais que importa distinguir.

a) Com o auxiliar *ter*, a locução verbal implica idéia de **obrigatoriedade**: *tenho de estudar*, *tinha de sair*, *terei de viajar*.

b) Com o auxiliar *haver*, a locução verbal deixa de indicar obrigatoriedade para expressar promessa, **intenção**: *hei de estudar*, *havia de sair*, *haverei de viajar*.

Nota — Qual a diferença entre *ter de* e *ter que*? Embora comumente empregadas na mesma acepção, há certa diferença nessas expressões. *Ter de* denota necessidade, obrigatoriedade: *Tenho de* conquistar o poder — como quem diz: Custe o que custar, conquistarei o poder. — *Ter que* indica a existência de alguma coisa que realizar-se: *Tenho que* fazer — como quem diz: Há algo para ser feito por mim. Na primeira expressão, *de* é preposição e, na segunda, *que* é pronome.

Ter que fazer é expressão elítica, equivalente a *ter algo que fazer*, onde o *que* tem por antecedente *algo*, ou outro qualquer, oculto ou mesmo expresso: "*Tudo* tenho que fazer eu", "*Muito* tenho eu que fazer" — onde *tudo* e *muito* são os antecedentes do relativo *que*, e êste, objeto do verbo transitivo *fazer*.

Vêzes há entretanto em que o relativo não corresponde a nenhum antecedente: *Tenho que fazer isto* — *Tenho que correr* — *Todos temos que morrer* — expressões tão comuns no nosso povo e encontradiças nos nossos escritores, quer clássicos (seiscentistas, de Bernardes em diante), quer modernos; trata-se, sem dúvida, de uma anomalia, tanto que os meticulosos as evitam, empregando sempre as outras: *Tenho de fazer isto, tenho de correr, temos todos de morrer*, igualmente elíticas, equivalentes a: *Tenho necessidade de fazer isto, tenho necessidade de correr, temos todos necessidade de morrer*, expressões em que o *de* é preposição, que rege o substantivo verbal que se lhe segue.

Concluindo: Quando o segundo verbo fôr intransitivo ou, ainda, quando não houver nenhum antecedente, nem expresso nem oculto, será melhor empregar *de*, porquanto a idéia é sempre de necessidade, de obrigatoriedade. Observemos a correção de Vieira: "... para se conhecerem os amigos, haviam os homens *de* morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar". *Haviam* está aí empregado por *tinham*, mas, como o segundo verbo é intransitivo (*morrer*), emprega Vieira, com a meticulosidade de quem muito conhece o idioma, a preposição *de* em vez do pronome *que*, ao qual nenhuma função caberia na frase.

QUESTIONÁRIO

1 — Já sabe de cor a conjugação dos verbos auxiliares?
2 — Por que os verbos *ter* e *haver*, *ser* e *estar* se chamam auxiliares?
3 — Quando auxiliares, os verbos *ser* e *estar*, *ter* e *haver* são *verbos abstratos*. Que significa isso?
4 — Quais os diversos empregos do verbo *ser*? Exemplifique a resposta.
5 — Que diferença existe entre os verbos *ser* e *estar* quando empregados como verbos de ligação?
6 — Que diz da construção de Camões: "Chamei-me Adamastor, e *fui* na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano"?
7 — Que diferença existe entre *estar a estudar* e *estar para estudar*?
8 — Quais as significações e empregos dos verbos *ter* e *haver*?
9 — "Eu deti, êle deteu, eu reti, êle ateu-se, eu obti" — estão certas essas formas? Por quê?
10 — Que diz destoutra construção camoniana: "Porém já cinco sóis *eram* passados"?
11 — Por que é errada a construção: "Chegado ao fim do caminho, êles caíram mortos"?
12 — Construa uma oração com *ter de* e outra com *ter que*.

CAPÍTULO XXVIII

VERBOS REGULARES

433 — Uma vez estudados os verbos *auxiliares*, passemos ao estudo dos verbos *regulares*. É *regular* o verbo cujo radical permanece invariável em todo o decurso da conjugação e cujas desinências se flexionam de acôrdo com o *paradigma*, isto é, com o modêlo ou tipo geral da conjugação. Como paradigmas ou modelos das três conjugações apresento os verbos *louvar*, *vender* e *partir*, cujos radicais são *louv*, *vend* e *part*.

Terei a precaução de, no quadro da conjugação dos paradigmas regulares, sempre separar o radical da desinência por meio de um hífen; para averiguar a regularidade de um verbo, bastará ver se o radical permanece invariável *até o fim* da conjugação e se as desinências são as mesmas que as apresentadas no quadro que ora iremos estudar.

		1.ª conj.	2.ª conj.	3.ª conj.
		LOUV-AR	**VEND-ER**	**PART-IR**

INDICATIVO

Presente

SING.	Eu	louv-o	vend-o	part-o
	Tu	louv-as	vend-es	part-es
	Êle	louv-a	vend-e	part-e
PLUR.	Nós	louv-amos	vend-emos	part-imos
	Vós	louv-ais	vend-eis	part-is
	Êles	louv-am	vend-em	part-em

Pretérito imperfeito

SING.	Eu	louv-ava	vend-ia	part-ia
	Tu	louv-avas	vend-ias	part-ias
	Êle	louv-ava	vend-ia	part-ia
PLUR.	Nós	louv-ávamos	vend-íamos	part-íamos
	Vós	louv-áveis	vend-íeis	part-íeis
	Êles	louv-avam	vend-iam	part-iam

Pretérito perfeito

SING.	Eu	louv-ei	vend-i	part-i
	Tu	louv-aste	vend-este	part-iste
	Êle	louv-ou	vend-eu	part-iu
PLUR.	Nós	louv-amos [1]	vend-emos	part-imos
	Vós	louv-astes	vend-estes	part-istes
	Êles	louv-aram	vend-eram	part-iram

Pretérito perfeito composto

SING.	Eu tenho	(hei)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu tens	(hás)	"	"	"
	Êle tem	(há)	"	"	"
PLUR.	Nós temos	(havemos)	"	"	"
	Vós tendes	(haveis)	"	"	"
	Êles têm	(hão)	"	"	"

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu	louv-ara	vend-era	part-ira
	Tu	louv-aras	vend-eras	part-iras
	Êle	louv-ara	vend-era	part-ira
PLUR.	Nós	louv-áramos	vend-êramos	part-íramos
	Vós	louv-áreis	vend-êreis	part-íreis
	Êles	louv-aram	vend-eram	part-iram

Mais-que-perfeito composto

SING.	Eu tinha	(havia)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu tinhas	(havias)	"	"	"
	Êle tinha	(havia)	"	"	"
PLUR.	Nós tínhamos	(havíamos)	"	"	"
	Vós tínheis	(havíeis)	"	"	"
	Êles tinham	(haviam)	"	"	"

Futuro do presente

SING.	Eu	louv-arei	vend-erei	part-irei
	Tu	louv-arás	vend-erás	part-irás
	Êle	louv-ará	vend-erá	part-irá
PLUR.	Nós	louv-aremos	vend-eremos	part-iremos
	Vós	louv-areis	vend-ereis	part-ireis
	Êles	louv-arão	vend-erão	part-irão

---

(1) Não devemos seguir a infundada diferenciação prosódica entre a primeira pessoa do plural d indicativo presente e igual pessoa do pretérito perfeito. Dizer que no primeiro caso devemos pronunciar "amâmos" e no segundo "amámos", com o *a* tônico abert , é querer inventar uma regra infundada, tôla e inútil. As regras devem ser coerentes e gerais, o que de nenhuma maneira se dá nesse caso. A invencionice deveria estender-se aos verbos da segunda conjugação: "vendêmos" (indicativo presente) e "vendémos" (pretérito perfeito). E como se arranjarão os fautores dessa esdrúxula in vação para a distinção de tais formas verbais na terceira conjugação, onde o acento cai no *i*: *partimos* (indicativo presente) e *partimos* (pretérito perfeito)?

Futuro do presente composto

SING.	Eu terei	(haverei)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu terás	(haverás)	"	"	"
	Êle terá	(haverá)	"	"	"
PLUR.	Nós teremos	(haveremos)	"	"	"
	Vós tereis	(havereis)	"	"	"
	Êles terão	(haverão)	"	"	"

Futuro do pretérito

SING.	Eu	louv-aria	vend-eria	part-iria
	Tu	louv-arias	vend-erias	part-irias
	Êle	louv-aria	vend-eria	part-iria
PLUR.	Nós	louv-aríamos (2)	vend-eríamos	part-iríamos
	Vós	louv-aríeis	vend-erieis	part-iríeis
	Êles	louv-ariam	vend-eriam	part-iriam

Futuro do pretérito composto

SING.	Eu teria	(haveria)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu terias	(haverias)	"	"	"
	Êle teria	(haveria)	"	"	"
PLUR.	Nós teríamos	(haveríamos)	"	"	"
	Vós teríeis	(haveríeis)	"	"	"
	Êles teriam	(haveriam)	"	"	"

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu	louv-e	vend-a	part-a
	Que tu	louv-es	vend-as	part-as
	Que êle	louv-e	vend-a	part-a
PLUR.	Que nós	louv-emos	vend-amos	part-amos
	Que vós	louv-eis	vend-ais	part-ais
	Que êles	louv-em	vend-am	part-am

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu	louv-asse	vend-esse	part-isse
	Se tu	louv-asses	vend-esses	part-isses
	Se êle	louv-asse	vend-esse	part-isse
PLUR.	Se nós	louv-ássemos	vend-êssemos	part-íssemos
	Se vós	louv-ásseis	vend-êsseis	part-ísseis
	Se êles	louv-assem	vend-essem	part-issem

(2) Êrro que não poucas vêzes vemos é o de grafar "louvaria-mos", "faria-mos", "vendesse-mos", "partisse-mos", "trouxesse-mos" etc.; causa-nos dó tal êrro em pessoas às vêzes gradas, que julgam ser o *mos* algum pronome ("julgam" porque escrevem irrefletidamente) ou combinação pronominal, quando, nesses tempos, essa terminação pertence à desinência do verbo, sem que dêle possa separar-se.

Pretérito perfeito (Composto)

SING.	Que eu	tenha	(haja)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Que tu	tenhas	(hajas)	"	"	"
	Que êle	tenha	(haja)	"	"	"
PLUR.	Que nós	tenhamos	(hajamos)	"	"	"
	Que vós	tenhais	(hajais)	"	"	"
	Que êles	tenham	(hajam)	"	"	"

Pretérito mais-que-perfeito (Composto)

SING.	Se eu	tivesse	(houvesse)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Se tu	tivesses	(houvesses)	"	"	"
	Se êle	tivesse	(houvesse)	"	"	"
PLUR.	Se nós	tivéssemos	(houvéssemos)	"	"	"
	Se vós	tivésseis	(houvésseis)	"	"	"
	Se êles	tivessem	(houvessem)	"	"	"

Futuro (3)

SING.	Quando eu	louv-ar	vend-er	part-ir
	Quando tu	louv-ares	vend-eres	part-ires
	Quando êle	louv-ar	vend-er	part-ir
PLUR.	Quando nós	louv-armos	vend-ermos	part-irmos
	Quando vós	louv-ardes	vend-erdes	part-irdes
	Quando êles	louv-arem	vend-erem	part-irem

Futuro composto

SING.	Quando eu	tiver	(houver)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Quando tu	tiveres	(houveres)	"	"	"
	Quando êle	tiver	(houver)	"	"	"
PLUR.	Quando nós	tivermos	(houvermos)	"	"	"
	Quando vós	tiverdes	(houverdes)	"	"	"
	Quando êles	tiverem	(houverem)	"	"	"

IMPERATIVO

Presente

SING.	louv-a tu	vend-e tu	part-e tu
PLUR.	louv-ai vós	vend-ei vós	part-i vós

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

LOUV-AR **VEND-ER** **PART-IR**

Infinitivo impessoal composto

Ter (haver) louv-ado vend-ido part-ido

(3) As flexões do futuro do subjuntivo confundem-se nos verbos regulares com as do infinitivo pessoal, embora de formação e etimologia muito diferentes. Em muitos verbos irregulares não se dá essa confusão. O infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio serão estudados no § 915 e ss. (V. § 459, n. 1 — ao pé da página).

Infinitivo pessoal

SING.	Por louv-ar eu	vend-er	part-ir
	Por louv-ares tu	vend-eres	part-ires
	Por louv-ar êle	vend-er	part-ir
PLUR.	Por louv-armos nós	vend-ermos	part-irmos
	Por louv-ardes vós	vend-erdes	part-irdes
	Por louv-arem êles	vend-erem	part-irem

Infinitivo pessoal composto

SING.	Por ter	(haver)	eu	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Por teres	(haveres)	tu	"	"	"
	Por ter	(haver)	êle	"	"	"
PLUR.	Por têrmos	(havermos)	nós	"	"	"
	Por terdes	(haverdes)	vós	"	"	"
	Por terem	(haverem)	êles	"	"	"

Gerúndio

louv-ando vend-endo part-indo

Particípio

louv-ado vend-ido part-ido

Particípio composto

tendo (havendo) louv-ado vend-ido part-ido

QUESTIONÁRIO

1 — Que é verbo *regular?*
2 — Que é *paradigma de conjugação?*
3 — Dizer quais dos seguintes verbos são *regulares* e quais *irregulares:* dar, estar, optar, saudar, ver, ser, ler, trazer, saber, atender, sentir, prevenir, sumir, sair, decidir, evadir (Veja bem o § 433: "...para averiguar...").
4 — Que diz da diferenciação prosódica entre *amâmos* (indicativo presente) e *amámos* (pret. perf.)?
5 — Corrija: *a*) "Não fazei mal aos passarinhos" — *b*) "Sejais obedientes aos vossos mestres, e amais os que vos repreendem" — c) "Lembrei-vos de que já fôsteis pequeninos. Não esquecei-vos do trabalho que désteis aos vossos pais" — *d*) "Se fosse-mos fazer a obrigação, nada haveria acontecido".
6 — Que diz da construção: "Desconheço quem *faça* isso"?
7 — Errada ou certa a construção: "Viva as férias"? Por quê?
8 — Errada ou certa a construção: "Se êle não parava o carro, era desastre certo"? Por quê?

CAPÍTULO XXIX

PROSÓDIA E GRAFIA DE CERTOS VERBOS

1.ª conjugação

438 — Antes do estudo dos verbos irregulares, veremos certas variações que não alteram profundamente a forma, nem prosódica nem gráfica, do verbo.

VARIAÇÕES FONÉTICAS

439 — Observe-se preliminarmente que um verbo pode, no decurso da conjugação, ter o acento ou na desinência (am-*a*mos, am-*a*is, vend-êreis, part-iria) ou no radical (*a*m-o, vend-a, desej-o); estas segundas formas verbais dizem-se *rizotônicas*, por cair o acento tônico no radical do verbo, e são as seguintes: 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes, 3.ª pessoa do plural dêsses mesmos tempos e 2.ª pessoa do singular do imperativo presente.

Pois bem, quando a forma verbal é rizotônica, não pode ser proparoxítona. Expliquemos: Verbos como *medicar*, *clinicar*, *maquinar*, *silabar*, *paroquiar*, *datilografar*, *telegrafar*, *oscular* e outros devem ser conjugados: eu med*í*co, eu clin*í*co, êle maqu*í*na, êle sil*á*ba, êle paroqu*í*a, eu datilogr*á*fo, eu telegr*á*fo, eu osc*ú*lo.

Aqui apresento pequena lista de tais verbos:

Verbo	Substantivos (ou adjetivos)	Verbos	Substantivos (ou adjetivos)
clinico	clínico	interpréte	intérprete
medíco	médico	anuncío	anúncio
adultéro	adúltero	concilío	concílio
reverbéro	revérbero	auxilío	auxílio
apostrófo	apóstrofo	obvío	óbvio

Por essa razão é que se aconselha a pronúncia: eu mobil*í*o, tu mobil*í*as, êle mobil*í*a... êles mobil*í*am; que eu mobil*í*e, mobil*í*es etc.

Há ainda um verbo que requer atenção especial: *computar;* **embora não muito usadas, as três** primeiras pessoas do indicativo presente

devem ser paroxítonas: compúto, compútas, compúta; igual acento devem ter as outras formas rizotônicas: êles compútam, que eu compúte, compútes, compúte... compútem. O substantivo é que é proparoxítono: o cômputo dos salários.

440 — Terminação UAR: Os verbos terminados em **uar** são regulares; nêles o radical não sofre alteração. Acrescente-se, ainda, a seguinte importante observação: Nas formas rizotônicas, leva o acento o *u*:

suar — sú-o, sú-as, sú-a... sú-e, sú-es, sú-e...
encruar — encrú-o, encrú-as, encrú-a... encrú-e, encrú-es...
aguar — agú-o, agú-as, agú-a... agú-am; agú-e, agú-es...

Notas: 1.ª — A gente inculta diz: "A batata encrôa" — "Eu sôo" — "Eu agôo" — "O rio deságua". Quanto ao consignar o vocabulário da Academia, de 1943, a acentuação "águo", nada tenho que dizer, quando o sei ter sido feito com expansões de pessoalismos gramaticais. Verifique-se tão só isto: O vocábulo *acrobata* aí se encontra com dupla acentuação, a escolha do consulente; o verbo *aguar*, entretanto, porque sôbre sua conjugação o autor do vocabulário tinha idéias próprias, traz, taxativamente, a acentuação proparoxítona.

2.ª — Não devemos confundir *suar* (transpirar) com *soar* (produzir som).

3.ª — Há quatro verbos terminados em *quar*, cuja conjugação merece observada:

a) *adequar-se*, que sòmente se usa nas formas *arrizotônicas* (*a* = não: formas em que o acento cai na desinência e *não* no radical): nós nos adequamos, vós vos adequais; eu me adequava, tu te adequavas etc.; eu me adeqüei, tu te adequaste e assim por diante. Por outras palavras: Êste verbo não se usa nas formas em que o acento cai no *u*; só se conjugam as formas èm que o acento cai na desinência;

b) *antiquar-se* — Segue êste verbo a mesma orientação de *adequar-se;*

c) *apropinquar-se:* conjuga-se regularmente;

d) *obliquar-se:* conjuga-se regularmente, mas as formas rizotônicas devem de preferência ser escritas com *c*: *oblicúo* (Não confundir a forma verbal *oblicúo* com o adjetivo *oblíquo*).

441 — Terminação OAR: Os verbos terminados em **oar** são inteiramente regulares: *vô-o*, *vo-as*, *vo-a* etc.; *assô-o*, *asso-as*, *asso-a*...; *magô-o*, *mago-as*, *mago-a*... Portanto, verbos como *assoar*, *abalroar* e outros devem ter sempre *o* no radical e nunca *u*; assu-a, abalru-ou, com *u* no radical, são formas erradas.

442 — Terminações **gnar, bstar, ptar, psar** e **tmar**: Em verbos assim terminados, nenhuma vogal se irá acrescentar entre o *g* e o *n* dos verbos em *gnar* (*dignar-se*, *indignar-se*), entre o *b* e o *s* dos terminados em *bstar* (*obsta* e não óbesta), entre o *p* e o *t* dos em *ptar* (*opto* e não ópito), entre o *t* e o *m* dos em *tmar* (eu *ritmo* e não eu ritímo).

É, pois, êrro, e muito êrro, dizer "Êle se indiguína" — "Isso indiguína a gente". Não existe entre o *g* e o *n* nenhuma vogal, e o acento nas formas rizotônicas só pode cair no *i* que antecede o *g*: "Eu me indígno" — "Isso indígna a gente".

443 — Os verbos que possuem na última sílaba do radical os ditongos crescentes ou hiatos **au** (saudar, abaular), **ai** (arraigar, enraizar, judaizar, embainhar), **ui** (arruinar) e **iu** (enviuvar), devem ser conjugados de maneira tal que, nas formas rizotônicas, o acento caia na segunda dessas vogais, porquanto tais grupos constituem ditongos crescentes ou hiatos e não ditongos decrescentes (V. nota 1 do § 50): a-ba-*ú*-lo, ar-ra-*í*-go, ar-ru-*í*-no, en-vi-*ú*-vo.

Observe-se, com tôda a atenção, o seguinte: Nos verbos em que há o grupo *au* ou *ai*, é necessário ver a procedência; em *paular*, *pausar*, *saraivar* e outros, o acento cai no *a*, visto provirem êsses verbos de nomes em que há ditongo decrescente (p*a*uta, p*a*usa, sar*a*iva); quando provindos de nomes em que há ditongo crescente ou hiato (ba-*ú*, sa-*ú*-de, ra-*í*z, ju-*í*z, vi-*ú*-vo) é que os verbos se conjugam como ficou indicado.

444 — Uma classe de verbos há que difìcilmente aparecem conjugados corretamente; são os que possuem o ditongo **ei** na penúltima sílaba. *Aleijar*, *peneirar*, *abeirar-se*, *inteirar*, *enfeixar* são verbos que deturpadamente ouvimos pronunciados e pèssimamente escritos: aléjo, penéro, êle se abéra, eu intéro, êle enféxa, quando a verdadeira pronúncia e grafia devem ser: alêijo, penêiro, eu me abêiro, eu intêiro, eu enfêixo.

Não nos devemos deixar contaminar pela pronúncia vulgar e viciosa.

Nota — Tratando-se de verbos com **oi** na penúltima sílaba, precisaremos distinguir:

a) se seguido de vogal, o *oi* é aberto e acentuado nas formas rizotônicas: *bóio*, *apóias*, *combóiam*;

b) se seguido de consoante, o grupo vocálico permanece fechado (*ôi*) e sem acento: *pernoito*, *amoitas*, *noiva*, *acoimam*.

445 — Exigem também cuidado na conjugação os verbos que possuem o grupo **ou** na penúltima sílaba; verbos como *afrouxar*, *estourar*, *dourar*, *poupar*, *cavoucar*, *roubar* e outros conservam fechado o *o* do grupo *ou*: eu afrôuxo, eu estôuro, eu dôuro, eu pôupo, eu cavôuco, eu rôubo (e não, desvirtuando-se a prosódia e a grafia: afróxo, dóro, pópo, cavóco, róbo, formas estas que não existem em português).

446 — Verbos como *levar*, *errar*, *pescar*, *herdar*, *zelar*, *rezar*, *interessar*, *encrespar* etc., que têm o e fechado na penúltima sílaba, e outros como *rogar*, *almoçar*, *torrar*, *empolgar*, *apostar*, *forçar*, que têm o **o** da penúltima sílaba também fechado, passam a ter tais vogais temáticas abertas nas formas rizotônicas: lévo, lévas, léva... lévam; léva tu; léve, léves, léve... lévem. Fórço, fórças, fórça... fórçam; fórça tu; fórce, fórces, fórce... fórcem.

Constituem **exceções** do presente caso:

a) os verbos *chegar*, *amancebar* e aquêles cujos radicais terminam em *m*, *n* ou *nh*, como *remar*, *penar*, *empenhar*, *assomar*, *engomar*, *abandonar*, *sonhar* etc., e ainda o verbo *afofar* (tornar fôfo);

b) os verbos terminados em *ejar* (menos *invejar*), *echar* ou *exar*, *elhar*.

Portanto, assim devemos eruditamente conjugar: vicêjo, vicêja (e não vicéja), aconsêlho, eu me ajoêlho, espêlho ("E o teu futuro espêlha essa grandeza" e não espélha), fêcho, fêchas, fêcha ("Fêche essa janela" e não féche), desfêcho, bochêcho, vêxo, vêxas, vêxa ("Não vêxe fulano", e não véxe).

Embora as pronúncias espélho, véxo, fécho, vicéja, desfécha pareçam generalizadas, denotam falta de cultura lingüística.

Nota — É de uso o e fechado na expressão "Pêsa-me tê-lo ofendido".
— No expor a conjugação de certos verbos, tenho empregado acentos para clareza de exposição e não por serem exigidos.

VARIAÇÕES GRÁFICAS

447 — Em alguns verbos efetuam-se certas alterações gráficas que visam a conservar a uniformidade de pronúncia que tem o verbo no infinitivo; tais alterações geralmente se operam na última consoante temática. São elas:

1 — Nos verbos terminados em **CAR**, troca-se o c por *qu* antes de *e*:

Ficar: fiquei, fiques, fique...
Abdicar: abdiquei, abdique, abdiquemos...
Pecar: pequei, peque, peques...

2 — Nos verbos terminados em **ÇAR**, suprime-se a cedilha quando ao c *cedilhado* segue-se *e*:

Roçar: rocei, roce, roces, roce...
Içar: icei, ice, ices, ice...
Destrinçar (destrin*ch*ar é forma errada): destrincei, destrince, destrinces, destrince...

3 — Nos verbos terminados em **GAR**, muda-se o *g* em *gu* antes de *e*:

Negar: neguei, negue, negues, negue...
Pagar: paguei, pague, pagues, pague...

4 — Nos verbos terminados em **JAR**, conserva-se o *j* em tôdas as formas da conjugação:

Viajar: viajei, viajaste, viajou... viaje, viajes...

Pensando no substantivo *viagem*, escrevem muitos a terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo também com *g*, quando é isso êrro; *viajem* é a forma verbal citada de *viajar*, e *viagem* é o substantivo.

448 — Observe-se a diferença gráfica entre os verbos avisar, precisar, eletrolisar, analisar, endeusar e outros como realizar, idealizar,

fiscalizar, colonizar etc.; os primeiros escrevem-se com *s* porque assim se escrevem os respectivos radicais, ao passo que os segundos se escrevem com *z*, porque nêles entra o sufixo **izar**, que etimològicamente se escreve com *z*.

Noutras palavras assim podemos expressar-nos: Nos verbos cujo sufixo é *ar*, a terminação se escreve com *s* ou com *z*, de conformidade com o substantivo de que deriva o verbo; os verbos cujo sufixo é *izar* escrevem-se sempre com *z*:

aviS(o)	+ ar	eletroliS(e)	+ ar	real	+ iZar	colon(ia)	+ iZar
preciS(o)	+ ar	ajuiZ	+ ar	martir	+ iZar	entron(o)	+ iZar
analiS(e)	+ ar	enraiZ	+ ar	ideal	+ iZar	monopol(io)	+ iZar
endeuS	+ ar	cicatriZ	+ ar	fiscal	+ iZar	american(o)	+ iZar

2.ª conjugação

VARIAÇÕES FONÉTICAS

449 — Os verbos da segunda conjugação que têm e fechado na penúltima sílaba passam a ter o e aberto nas formas rizotônicas, com exceção da 1.ª pessoa do singular do indicativo presente e das do subjuntivo, visto dessa pessoa derivar-se o subjuntivo presente:

Ind. pres.	*subj. pres.*	*imperat. pres.*
merêço	que eu merêça	— merece tu
— meréces	que tu merêças	
— meréce	que êle merêça	
(merecemos)	(q. nós mereçamos)	
(mereceis)	(q. vós mereçais)	
— merécem	que êles merêçam	

E assim se conjugam *erguer* (êrgo, érgues, érgue... érguem; êrga, êrgas etc.), *beber* (bêbo, bébes... bêba, bêbas...), *ceder*, *parecer* e muitos outros.

450 — Fenômeno semelhante opera-se com os verbos que têm o na penúltima sílaba: môvo, móves, móve... móvem; móve tu; que eu môva, môvas... — côrro, córres, córre... córrem etc.

Notas: 1.ª — Os verbos terminados em OER recebem acento circunflexo na 1.ª pessoa do singular do indicativo presente: *móo* (môo, móis, mói, moemos, moeis, moem).

2.ª — Excetuam-se, tanto para os verbos dêste parágrafo quanto para os do parágrafo anterior, aquêles em que às vogais *e* e *o* da penúltima sílaba segue-se uma das nasais *m* (*gemer*, *tremer*), *n* (*encher*). O verbo *comer* segue a regra do § 450.

VARIAÇÕES GRÁFICAS

451 — O *c* dos verbos terminados em **CER** recebe cedilha antes das vogais *a* e *o*:

Descer: desço... desça, desças, desça...
Nascer: nasço... nasça, nasças, nasça...

452 — O *g* dos verbos terminados em **GER** muda-se em *j* antes de *a* e *o*:

Eleger: elêjo... elêja, elêjas, elêja...
Proteger: protêjo... protêja, protêjas, protêja...

Obs. — Igual fenômeno opera-se nos verbos em **GIR** da terceira conjugação: *Fugir:* fujo... fuja, fujas... — *Restringir:* restrinjo, restrinja, restrinjas...

Notas: 1.ª — Devemos preferir *cerzir* a *cergir*.
2.ª — O verbo *infligir* (*infligir* castigo = *aplicar* castigo) não deve ser confundido com *infringir* (*infringir* a lei = *violar, transgredir* a lei).
3.ª — Dos verbos em *gir* existe o verbo *tugir* (= falar em voz baixa) que só se usa em contraposição a *mugir*, e rimando com êste verbo: "Não *tuge* nem *muge*" — "Não *tugiu* nem *mugiu*" — "Ficou sem *tugir* nem *mugir*".

453 — Os verbos terminados em **GUER** perdem o *u* antes de *o* e *a*:
Erguer: *êrgo*, érgues, érgue... *êrga*, *êrgas*, *êrga*...

Obs. — Fenômeno idêntico se passa com os verbos da terceira conjugação, terminados em **GUIR**, quando o *u* não é pronunciado: *Distinguir: distingo... distinga, distingas...*

Nota — O verbo *languir* (pronuncia-se *langhir* e significa *elanguescer, perder as fôrças*) só é usado nas formas em que o *gu* vem seguido de e ou de *i*: langues, langue, languimos... (O *u* dêste verbo é sempre insonoro).

3.ª conjugação

454 — Além das que na presente lição ficaram explanadas, outras alterações há na 3.ª conjugação, mas, por serem mais profundas, serão estudadas na parte dos verbos irregulares.

QUESTIONÁRIO

1 — Quando é *rizotônica* uma forma verbal? Exemplos.
2 — Qual o acento de *reverbero* e *adultero*? (Saiba distinguir, especificando quando verbos e quando substantivos).
3 — Escreva tôdas as formas rizotônicas dos verbos *mobiliar* e *computar* (Coloque o acento e só escreva as formas rizotônicas, que são apenas 9: V. § 439).
4 — Escreva o presente do indicativo e do subjuntivo do verbo *aguar* (Coloque acento nas formas rizotônicas e sempre a desinência do radical: *agú-o* etc.; não se distraia pondo acento na 1.ª e na 2.ª do plural).

5 — Escreva o indicativo presente de *averiguar* (Coloque acento).
6 — Escreva o pretérito perfeito do indicativo do verbo *abalroar* (§ 441).
7 — Escreva o indicativo presente dos verbos *ritmar* e *indignar-se* (Coloque o acento e separe tôdas as sílabas: *rít-mo* etc.).
8 — Escreva só a primeira pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes dos verbos *abaular*, *arraigar* e *embainhar* (Separe tôdas as sílabas e coloque o acento: *a-ba-ú-lo*... *ar-ra-i-go*... *em-ba-i-nho*).
9 — Escreva — colocando os sinais diacríticos — o indicativo presente de *aleijar* e *peneirar* (§ 444).
10 — Escreva sòmente as formas rizotônicas (são apenas 9) dos verbos *roubar* e *cavoucar*.
11 — Escreva o subjuntivo presente dos verbos *fechar* e *espelhar* (Coloque acento).
12 — É certo dizer "destrinchar um frango"? (V. o n.º 2 do § 447).
13 — Escreva a 3.ª pessoa do plural do subjuntivo presente dos verbos *viajar* e *enferrujar*.
14 — Escreva o indicativo e o subjuntivo presentes do verbo *roer* (§ 450, n. 1).
15 — Escreva o subjuntivo presente do verbo *nascer* (§ 451).
16 — Qual a diferença de grafia e de sentido entre *infligir* e *infringir*? (§ 452, n. 2).
17 — Conjugue no indicativo e no subjuntivo presentes o verbo *languir* (Veja bem a *nota* do § 453).
18 — Reproduza, devidamente corrigidos, os seguintes períodos:

a) Você nunca entre sem mim te mandar; ouviu, Belmira? (Recorde o § 313 desde "Essa é a razão por que...", e o § 316).
b) Êle me pediu para mim deixar de trabalhar (V. § 581, n. 1, no pé da pág.).
c) Mande elas entrar porque está serenando.
d) Não compreendi o ponto que o professor discorreu na aula de ontem (Recorde a nota 3 do § 345, quando diz "Claro está que...").
e) Na Espanha não se pede favores (§ 391, n. 2); manda-se, e pobre do que não obedece as ordens (§ 301, b).
f) Quando nós lhe vimos, êle fêz-nos sinal que aproximasse-mos.
g) Êste dinheiro é para pagar o médico pelas visitas que fêz. (*Quem paga, paga uma coisa a alguém*; a pessoa é obj. ind.; a coisa é obj. direto).
h) No tempo que V. Exa. morava no vosso palacete da rua Conde de Bonfim, nós éramos vossos vizinhos (§ 315 e 316; § 84, 1).
i) Mas eu, o que é que tenho com isso? (§ 367).
j) Ora! Eu não estava falando consigo (§ 408).

19 — No seguinte trecho, há várias palavras grifadas; deve o aluno reproduzi-lo *inteiramente*, determinando, ao lado ou em baixo de cada palavra grifada, a função sintática que exerce na frase, isto é, deve dizer se é *sujeito*, se é *objeto direto* ou *indireto* ou se é *predicativo*; para tanto, recorde e consulte os §§ indicados ao pé da página:

O *grego* (1) e o *latim* (1) são necessários *elementos* (2) desta educação nobre. Deixar falar modernos e modernices, petimetres e neologistas de tôda a espécie; o homem *que* (3) se destina, ou que *o* (4) destinou seu *nascimento* (5), *a uma vocação pública* (6), não pode sem vergonha ignorar as belas *lêtras* (4) e os clássicos. Saiba *êle* (5) mais *matemática* (4) do que Laplace, mais *química* (4) do que Lavoisier, mais botânica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e

(1) § 397.
(2) § 302.
(3) § 377, 392.
(4) § 301, a.
(5) § 388.
(6) § 301, b.

Buffon, mais economia política do que Smith e Say, mais filosofia de legislação do que Montesquieu e Bentham, se êle não fôr *o que* (7) *os inglêses* chamam "a good scholar", triste *figura* (4) há de fazer falando ou seja na barra, na tribuna, no púlpito, tristíssima escrevendo, seja qual fôr a *matéria* (1), porque não há assunto em que as *graças* (1) do estilo e a correção da frase e beleza da dicção não sejam *necessárias* (2) e indispensáveis.

(7) V. bem a nota 3 do § 345. É preciso analisar o "o" (§ 302), o "que" (§ 301, a) e "os inglêses" (§ 388).

Capítulo XXX

VERBOS IRREGULARES

458 — Do estudo do § 433 podemos mais ou menos depreender o que venha a ser *verbo irregular*. Com mais propriedade, assim podemos defini-lo: *Verbo irregular* é o verbo cujo radical sofre modificação no decurso da conjugação, ou cujas desinências se afastam das desinências do paradigma, ou ainda, o que sofre modificações tanto no radical quanto nas desinências.

Deduzimos, daqui, haver três espécies de verbos irregulares:

1 — verbos cuja irregularidade se dá no radical (ou tema) — (irregularidade **temática**) — *Perd*-er: *perc*-o (o radical *perd* transformou-se em *perc*); *fer*-ir, *fir*-o;

2 — verbos cuja irregularidade se dá na desinência (irregularidade **flexional**) — d-*ou* (a desinência regular da 1.ª pess. do sing. do ind. pres. da 1.ª conj. é *o*); t-*er*: t-*enho;*

3 — verbos cuja irregularidade se dá, ao mesmo tempo, no tema e na desinência (irregularidade **temático-flexional**) — *Cab-er: coub-e* (houve alteração no radical, que de *cab* passou para *coub*, e, ao mesmo tempo, na desinência, que no paradigma é *i*); *quer-er: quis; faz-er: fiz.*

Nota — Veremos, no presente estudo, que precisamente os verbos mais usados é que são os mais irregulares. Êsse fenômeno opera-se em tôdas as línguas, sendo interessante notar que em nenhum idioma o verbo *ser* é regular.

Quanto mais se usa, mais uma coisa se estraga; podemos, pois, dizer que os verbos irregulares são *verbos estragados*.

459 — Nos verbos há os tempos chamados **primitivos** e os tempos chamados **derivados**. Quase sempre (note-se bem: "Quase sempre"), a irregularidade surgida no tempo primitivo passa para os respectivos tempos derivados. Disso já fiz ligeira menção no § 449, mas aqui ofereço o quadro da derivação dos tempos verbais, quadro cujo conhecimento muito interessa aos patrícios e, principalmente, aos estrangeiros, no estudo dos verbos quer irregulares quer regulares. Para melhor compreensão e utilidade, os exemplos oferecidos neste quadro não são sempre os mesmos.

TEMPOS PRIMITIVOS	TEMPOS DERIVADOS
1 — 1.ª pessoa do singular do indicativo presente:	Tôdas as pessoas do subjuntivo presente (mediante mudança das desinências de acôrdo com o paradigma da conjugação):
am-o dig-o	am e, " es, " e, " emos, " eis, " em dig a, " as, " a, " amos, " ais, " am
2 — 2.ª pessoa do singular do indicativo presente:	2.ª pessoa do singular do presente do imperativo positivo (mediante supressão do *s* final; V. § 413, *b*):
amas vens vês	ama vem vê
3 — 2.ª pessoa do plural do indicativo presente:	2.ª pessoa do plural do presente do imperativo positivo (mediante supressão do *s* final):
dais ouvis trazeis vêdes	dai ouvi trazei vêde
4 — 3.ª pessoa do plural do pretérito perfeito:	*a*) mais-que-perfeito do indicativo (mediante supressão do *m* final):
fizeram viram vieram	fizera, fizeras, fizera, fizéramos... vira, viras, vira, víramos, víreis... viera, vieras, viera, viéramos...
	b) futuro do subjuntivo (mediante supressão do *am*):
	quando eu fizer, fizeres, fizer... quando eu vir, vires, vir, virmos, virdes, virem (1) quando eu vier, vieres, vier...

---

(1) Sempre que dúvidas tivermos sôbre a conjugação do futuro do subjuntivo, bastar-nos-á verificar a 3.ª pess. do pl. do pret. perfeito. Se formos confrontar o fut. do subj. com o infinitivo pessoal, notaremos haver igualdade de forma para muitos verbos, não se dando o mesmo para uns tantos outros. *Fazer*, por exemplo, conjuga-se no infinitivo pessoal: *fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem;* mas, no futuro do subjuntivo, veremos as formas: quando eu *fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem*, porquanto êste tempo se origina, da maneira acima exposta, de *fizeram*.

O futuro do subjuntivo do verbo *ver*, à diferença do infinitivo pessoal (ver, veres, ver, vermos, verdes, verem), é: quando eu *vir*, quando tu *vires*, quando êle *vir*, quando nós *virmos*, quando vós *virdes*, quando êles *virem*.

Na classe medianamente culta jamais nos é dado ouvir corretamente conjugado êsse verbo no tempo aludido. Por outro lado, freqüentemente ouvimos, ainda de portadores de pergaminho, sentenças como estas: "Quando você me *ver* de bengala..." — "Sempre que eu *ver* você fumando..."

Êrro, e êrro dos graúdos êsse. Quando você me *vir*... — Se papai o *vir* na rua... — Você verá se mamãe a *vir*... — é como, ùnicamente, se deve dizer.

Não há motivo para confundir o verbo *ver*, assim conjugado, com o verbo *vir* (chegar); êste, no infinitivo, será, também: *vir, vires, vir* etc., mas no futuro do subjuntivo se conjugará: Quando eu *vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem* (V. § 433, n. 3).

TEMPOS PRIMITIVOS	TEMPOS DERIVADOS
	c) imperfeito do subjuntivo (mediante troca do *ram* por *se*): se eu fizesse, fizesses... se eu visse, visses, visse... se eu viesse, viesses, viesse...
5 — Infinitivo presente impessoal: ver vir	a) futuro do presente (mediante acréscimo de *ei*): verei, verás, verá... virei, virás, virá... b) futuro do pretérito (mediante acréscimo de *ia*): veria, verias, veria... viria, virias, viria... (2) c) infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos... vir, vires, vir, virmos...

1.ª CONJUGAÇÃO

Verbos em EAR

460 — Os verbos terminados em *ear*, como *passear*, *recear* etc., sofrem o acréscimo de um *i* no radical das formas rizotônicas, isto é, nesses verbos se intercala um *i* entre o radical e a desinência quando o acento cai no *e*, o que se dá nas três primeiras pessoas do singular e na 3.ª do pl. do presente do indic. e do subj., e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo:

passe*i*o	passe*i*e	
passe*i*as	passe*i*es	passe*i*a tu
passe*i*a	passe*i*e	
passeamos	passeemos	
passeais	passeeis	
passe*i*am	passe*i*em	

I — Se os verbos terminados em *ear* devem receber um *i* eufônico sempre que o acento tônico recai na vogal temática, êsse *i* perderá sua razão de existência quando o acento recair na desinência. Essa é a razão por que verbos como *alhear*, *recear*, *afear*, *arrear*, *idear*, não obstante provirem de alheio, receio, feio, arreio, idéia, não devem com *i* ser grafados no infinitivo, nem em nenhuma das formas em que o acento cai na desinência.

(2) Tanto para o futuro do presente como para o futuro do pretérito, os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer* não seguem essa regra: *direi*, *farei*, *trarei*; *diria*, *faria*, *traria*.

2 — É essa ainda a razão pela qual não devemos admitir a distinção entre *crear* e *criar*. A forma *crear* vem criar uma irregularidade na conjugação dos verbos em *ear*, obrigando a que se pronuncie *crêo*, *crêas* (em vez de creio, creias etc.), contra as regras de prosódia e grafia de tais verbos. O verbo *criar* é conjugado regularmente, e o mesmo se diga dos seus compostos *procriar* e *recriar* (Não se confunda o verbo *recriar*, que significa criar de novo, com o verbo *recrear*, dar recreio, proporcionar divertimento).

3 — O verbo *gear* é pelo povo contraditòriamente conjugado *gia* e *gie;* o certo é: "Esta noite *geia*" — "Se hoje geou, não importa que amanhã também *geie*". O verbo, cognato de geada (e não de giada), termina em *ear*, e deve, para a conjugação, seguir a regra dos verbos assim terminados.

4 — Quando provindo de nome terminado em *éia* aberto (*estréia*, *idéia*), também o verbo tem aberto o ditongo *ei* nas formas *rizotônicas*: *idéio*, *idéias*. . .

Verbos em IAR

461 — É lastimável a confusão que se faz entre os verbos terminados em *ear* e os que terminam em *iar:* Deviam ser regulares todos os verbos terminados em *iar*.

Quer isso dizer que os verbos terminados em *iar* nenhuma alteração deviam sofrer no radical. Conseguintemente, a sua conjugação se efetuaria como no paradigma, acrescentando-se ao radical (que se consegue tirando-se a terminação *ar*) as desinências regulares.

Se em *louv-ar* o radical *louv* permanece invariável, os verbos em *iar*, como *premi*-ar, *negoci*-ar, *ansi*-ar, *incendi*-ar, e muitos outros, deviam igualmente conservar imutável seu radical:

louv-o	premí-o	negocí-o	**ansí-o**
louv-as	premí-as	negocí-as	**ansí-as**
louv-a	premí-a	negocí-a	**ansí-a**
louv-amos	premi-amos	negoci-amos	**ansi-amos**
louv-ais	premi-ais	negoci-ais	**ansi-ais**
louv-am	premí-am	negocí-am	**ansí-am**

Não havia necessidade — e aqui está a confusão com os verbos em *ear* — de acrescentar um *e* ao radical das formas rizotônicas; premei-o, premei-as, premei-a; negocei-o, negocei-as, negocei-a. . .

O próprio verbo *odiar* muitos há que conjugam regularmente: *odí-o*, *odí-as*, *odí-a*. . . *odí-am; odí-e*, *odí-es*, *odí-e*. . . *odí-em; odí-a* tu.

Se os verbos em *ear* sofrem acréscimo de *i* quando o acento tônico recai no *e* temático, os verbos em *iar* não deviam com êles ser confundidos. Se essa confusão era ainda maior em outros tempos (Note-se êste

provérbio antigo: "O ignorante e a candeia a si queima e a outros *alumeia*"), hoje parece restringir-se aos verbos *ansiar*, *mediar*, *odiar* e *premiar*.

Nota — Não vá o aluno fazer confusão entre *afear* e *afiar*, *cear* e *ciar*, *estrear* e *estriar*, *mear* e *miar* etc.

OUTROS VERBOS IRREGULARES

462 — Três verbos existem, na 1.ª conjugação, que são irregulares nas formas rizotônicas, isto é, nas formas em que o acento tônico recai sôbre a vogal temática, o que se dá na 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes, na 3.ª pessoa do plural dêsses mesmos tempos e na 2.ª pessoa do singular do imperativo presente.

São os seguintes:

APIEDAR-SE

1 — Deriva êste verbo de *piedade*, palavra que os nossos caboclos errôneamente pronunciam piadade. Se êsse *a* constitui êrro no substantivo, deve aparecer no verbo *apiedar-se* tôdas as vêzes em que o acento recai no tema do verbo, ou seja, nas formas rizotônicas:

Eu me *apiado*, tu te *apiadas*, êle se *apiada*, êles se *apiadam;* que eu me *apiade*, que tu te *apiades*, que êle se *apiade*, que êles se *apiadem; apiada*-te tu.

Nas demais formas, o verbo deverá trazer *e*, visto cair o acento na desinência: nós nos *apiedamos*, vós vos *apiedais;* que nós nos *apiedemos*, que vós vos *apiedeis;* eu me *apiedei* etc.; eu me *apiedarei* etc.

Nota — O verbo *apiedar-se*, que significa *ter piedade*, pode construir-se de três maneiras:

a) com a preposição *a:* "Apiedou-se *à* fraqueza do pobre".
b) com a preposição *com:* "Só a criada se apiedava *com* o estado do pobrezinho".
c) com a preposição *de:* "Senhor, apiedai-vos *de* minha cegueira".

MOSCAR-SE

2 — O *o* de *moscar-se* (= sumir-se, desaparecer da presença de alguém) transforma-se em *u* nas formas rizotônicas:

Eu me *musco*, tu te *muscas*, êle se *musca*, êles se *muscam;* que eu me *musque*, *musques*, *musque*, *musquem; musca*-te tu.

RESFOLEGAR

3 — Provém o verbo *resfolegar*, que significa tomar *fôlego*, do substantivo *fôlego*. Se o substantivo é proparoxítono, o verbo não pode

ter êsse acento nas formas rizotônicas (§ 439); daí a irregularidade dêsse verbo, o qual perde o *e* da sílaba *le*, nas formas rizotônicas:

Resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolegamos, resfolegais, *resfolgam;* que eu *resfolgue, resfolgues, resfolgue,* resfoleguemos, resfolegueis, *resfolguem, resfolga* tu.

DAR

4 — Temos, finalmente, o verbo *dar*, que assim se conjuga:

Dou, dás, dá, damos, *dais,* dão; dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam; dei, deste, deu, demos, destes, *deram;* dera, deras, dera, déramos, déreis, deram; darei, darás, dará, daremos, dareis, darão; daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam; dá, dai; dê, dês, dê, dêmos, deis, dêem; desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem; der, deres, der, dermos, derdes, derem; *dar;* dar, dares, dar, darmos, dardes, darem; dando, dado.

Notas: 1.ª — Observe-se no verbo *dar* a diferença de pronúncia entre a 1.ª pessoa do plural do pretérito perfeito (*démos*) e igual pessoa do subjuntivo presente (*dêmos*).

2.ª — De acôrdo com o verbo *dar*, conjugam-se os compostos *desdar* (retomar o que se deu) e *redar* (tornar a dar: "A infernal deusa no monstro cortes dava e lhe *redava*").

3.ª — O verbo *circundar*, conquanto composto de *dar*, é inteiramente regular: *circundo, circundas, circunda* etc.

4.ª — V. a obs. 4 do verbo *ver* (§ 463, 14).

2.ª CONJUGAÇÃO

463 — Vários são os verbos irregulares da 2.ª conjugação. Expô-los-ei na ordem alfabética, acrescentando a cada verbo as observações necessárias (O verbo *pôr* encontra-se no fim dêste parágrafo). Julgo-me dispensado, no dar a conjugação, de indicar os tempos, visto dever já o aluno saber discriminá-los pelas diferentes flexões. Não esqueça ao aluno a importância do quadro da derivação dos tempos verbais (§ 459); com êsse fim é que sempre grifarei os tempos primitivos de cada verbo.

CABER

1 — *Caibo, cabes,* cabe, cabemos, *cabeis,* cabem; cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam; coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, *couberam;* coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam; caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão; caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam; caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam; coubesse, coubesses, coubesse, coubésse-

mos, coubésseis, coubessem; couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem; *caber;* caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem; cabendo, cabido.

Obss.: 1.ª — Dada a significação, o verbo *caber* não tem imperativo.

2.ª — O composto *descaber* conjuga-se de igual maneira que o simples, mas, na verdade, só é usado no particípio: *descabido*.

3.ª — Observe o aluno a diferença, nesse verbo, entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal: deve-se dizer "quando *couber*", "se *couber*", "caso *couber*", e jamais "quando *caber*", "se *caber*" etc.; tenha sempre em mente o aluno o que ficou dito na nota 1 do § 459 sôbre o futuro do subj. dos verbos irregulares.

CRER

2 — *Creio, crês,* crê, cremos, *credes,* crêem; cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; cri, creste, creu, cremos, crestes, *creram;* crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; crerei, crerás, crerá, creremos, crereis (pron. *crerêis*), crerão; creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam; crê, crede; creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; *crer;* crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; crendo, crido.

Obss.: 1.ª — Como *crer*, conjuga-se o composto *descrer*.

2.ª — O verbo *crer* serve de modêlo para a conjugação do verbo *ler*, bem como dos compostos *reler* e *tresler*.

DIZER

3 — *Digo, dizes,* diz, dizemos, *dizeis,* dizem; dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, *disseram;* dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam; dize, dizei; diga, digas, diga, digamos, digais, digam; dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem; *dizer;* dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem; dizendo, dito.

Obss.: 1.ª — De igual maneira se conjugam os compostos *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, interdizer, maldizer, predizer, redizer* e *tresdizer*.

2.ª — Note-se bem que o futuro do subj. é "quando eu *disser*, quando tu *disseres*..." — com dois *ss*, sendo aberto o *e* tônico: *di-cér* — ao passo que o infinitivo pessoal é "por *dizer* eu, por *dizeres* tu, por *dizer* êle..." — com *z* e *e* tônico fechado: *di-zêr*.

3.ª — V. no verbo seguinte (*fazer*) a obs. 2.

FAZER

4 — *Faço, fazes*, faz, fazemos, *fazeis*, fazem; fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; fiz, fizeste, fêz, fizemos, fizestes, *fizeram;* fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam; faze, fazei; faça, faças, faça, façamos, façais, façam; fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem; *fazer;* fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem; fazendo, feito.

Obss.: 1.ª — De maneira igual se conjugam os compostos *afazer, contrafazer, desfazer, liqüefazer, perfazer, rarefazer, refazer, satisfazer.*

Benfazer e *malfazer* só se usam no infinitivo presente.

2.ª — A segunda pess. do sing. do imperativo presente é *faze*. Há todavia, a forma *faz*, cuja irregularidade é justificada pelo latim *fac*, sem e final. Igual dualidade de formas há para o verbo *dizer* (*dize* ou *diz*) e para o verbo *conduzir* (*conduze* ou *conduz*): "*Faz* (ou *faze*) ao próximo o que desejas que te façam" — "*Diz* (ou *dize*) de forma que todos te ouçam" — "*Conduz* (ou *conduze*) o teu povo para a glória".

Dessa duplicidade de formas para a 2.ª pessoa do singular do imperativo positivo decorre êste procedimento: Se pospusermos o oblíquo *o* às primeiras formas, teremos: *dize-o, faze-o, conduze-o;* se o pospusermos às segundas formas, teremos: *di-lo, fá-lo, condu-lo.* O mesmo se dará com os compostos.

3.ª — Emprega-se o verbo *fazer* para substituir verbos de frases ligadas, quando haja conveniência em não os repetir: "Os ídolos antigos *adorava*, como inda agora *faz* (= adora) a gente inica" — "Quis o marquês de Pombal *nobilitá-lo*, como *fizera* (= nobilitara) a outros comerciantes".

O verbo *fazer* é por essa razão chamado verbo *vicário* (= que faz as vêzes de outro) ou *sinônimo*. Mais raramente, também o verbo *ser* substitui verbo anteriormente empregado no período: "A solenidade realizou-se, mas não *foi* (= não se realizou) como se esperava".

4.ª — Quando se coloca um oblíquo no meio do futuro do presente ou do pretérito dos verbos *dizer, fazer* e *trazer*, deve-se ter o cuidado de não cometer erros gravíssimos como êstes: *dizer-lhe-ei, fazer-nos-ia, trazê-lo-á.* Se a forma é *direi*, o certo será *dir-lhe-ei* (*dir-ei*, com *lhe* no meio). E assim: *far-nos-ia, trá-lo-á, dir-me-ia, far-vos-ei* etc., sem jamais pôr "zer" antes do oblíquo.

PERDER

5 — *Perco, perdes*, perde, perdemos, *perdeis*, perdem; perdia, perdias, perdia, perdíamos, perdíeis, perdiam; perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, *perderam;* perdera, perderas, perdera, perdêramos, perdêreis, perderam; perderei, perderás, perderá, perderemos, perdereis, perderão; perderia, perderias, perderia, perderíamos, perderíeis, perderiam; perca, percas, perca, percamos, percais, percam; perdesse, perdesses, perdesse, perdêssemos, perdêsseis, perdessem; perder, perderes, perder,

perdermos, perderdes, perderem; *perder;* perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem; perdendo, perdido.

Obss.: 1.ª — Dada a significação dêsse verbo, torna-se impraticável o imperativo.

2.ª — No Brasil, a 1.ª pess. do sing. do ind. pres. e as formas rizotônicas do subj. pres. pronunciam-se, geralmente, com e fechado: pêrco; que eu pêrca, pêrcas, pêrca, pêrcam.

PODER

6 — *Posso, podes,* pode, podemos, *podeis,* podem; podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam; pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, *puderam;* pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam; poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão; poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam; possa, possas, possa, possamos, possais, possam; pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem; puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem; *poder;* poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem; podendo, podido.

Obss.: 1.ª — O imperativo dêste verbo é quase inaplicável; Vieira, no entanto, usou-o na seguinte frase: "Se quereis ser onipotente, *podei* sòmente o justo e o lícito".

2.ª — Jamais escreva eu poude, êle poude; estude, com muita atenção, a conjugação de todos os verbos irregulares que estamos vendo.

PRAZER

7 — O verbo *prazer* só é usado na terceira pessoa do singular:

Praz, prazia, prouve, prouvera, prazerá, prazeria, praza, prouvesse, prouver, prazer, prazendo.

Obss.: 1.ª — Os compostos *aprazer* (= agradar) e *desprazer* (ou *desaprazer*) têm conjugação completa: *aprazo, aprazes,* apraz, aprazemos, *aprazeis,* aprazem; aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam; aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, *aprouveram;* aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram; aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão; aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam; apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam; aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem; aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem; *aprazer;* aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem; aprazendo, aprazido.

2.ª — É interessante observar que o composto *comprazer* não segue o simples *prazer*. A conjugação de *comprazer* é idêntica à de *jazer*.

3.ª — O v. *prazer* é transitivo indireto e significa *agradar, aprazer:* "Praz-lhe zombar de nós" — "Praza a Deus que o sermão não seja lá mal ouvido" — "Despedi-o, se vos praz" — "Se a Deus prouver..." — "Praza aos céus que meu filho não sofra".

JAZER

8 — *Jazo, jazes,* jaz, jazemos, *jazeis,* jazem; jazia, jazias, jazia, jazíamos, jazíeis, jaziam; jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, *jazeram;* jazera, jazeras, jazera, jazêramos, jazêreis, jazeram; jazerei, jazerás, jazerá, jazeremos, jazereis, jazerão; jazeria, jazerias, jazeria, jazeríamos, jazeríeis, jazeriam; jaze, jazei; jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam; jazesse, jazesses, jazesse, jazêssemos, jazêsseis, jazessem; jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem; *jazer;* jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem; jazendo, jazido.

Obs. — Além de *comprazer* (e *comprazer-se*) segue a conjugação de *jazer* o composto *adjazer.* — Cuidado deveremos ter com a concordância do v. *jazer:* "Aqui jazem os ossos..." (jamais: "Aqui jaz os ossos").

QUERER

9 — *Quero, queres,* quer, queremos, *quereis,* querem; queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, *quiseram;* quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam; queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem; *querer;* querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem; querendo, querido.

Obss.: 1.ª — Como *querer,* conjugam-se os compostos *benquerer, desquerer* e *malquerer* (*benquerer* e *malquerer* têm o particípio: *benquisto, malquisto*).

2.ª — *Querer* não é usado na 2.ª pessoa do singular nem na 2.ª do plural do imperativo, por ser quase impraticável. Há do seu emprêgo êste exemplo de Vieira: "*Querei* só o que podeis, e sereis onipotente".

3.ª — A 3.ª pessoa do singular do indicativo presente é, no Brasil, *quer,* e, em Portugal, *quere;* mesmo em Portugal, no entanto, a forma *quere* perde terreno. O *e* final só deverá aparecer quando a essa pessoa se seguir o pronome "o": *quere-o, quere-a.*

4.ª — É regra geral — e isto vimos observando em diversos verbos — que os verbos compostos seguem a conjugação do respectivo verbo simples; *requerer* afasta-se dessa regra, sendo quase regular:

REQUERER

10 — *Requeiro, requeres,* requer, requeremos, *requereis,* requerem; requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, *requereram;* requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; requererei, re-

quererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam; requere, requerei; requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; *requerer;* requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; requerendo, requerido.

SABER

11 — *Sei*, *sabes*, sabe, sabemos, *sabeis*, sabem; sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam; soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, *souberam;* soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam; saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão; saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam; sabe, sabei; saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam; soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem; souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem; *saber;* saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem; sabendo, sabido.

TRAZER

12 — *Trago*, *trazes*, traz, trazemos, *trazeis*, trazem; trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam; trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, *trouxeram;* trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram; trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão; traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam; traze, trazei; traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam; trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem; trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem; *trazer;* trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem; trazendo, trazido.

VALER

13 — Só é irregular na 1.ª pess. do sing. do indicativo presente — *valho* — e no subjuntivo presente, porque deriva dessa pessoa: *valha*, *valhas*, *valha*, *valhamos*, *valhais*, *valham*.

O mesmo se diga dos compostos *desvaler* e *equivaler*.

VER

14 — *Vejo*, *vês*, vê, vemos, *vedes*, vêem; via, vias, via, víamos, víeis, viam; vi, viste, viu, vimos, vistes, *viram;* vira, viras, vira, víramos,

víreis, viram; verei, verás, verá, veremos, vereis, verão: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam; vê, vede; veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; vir, vires, vir, virmos, virdes, virem (V. § 459, nota 1); *ver;* ver, veres, ver, vermos, verdes, verem; vendo, visto.

Obs.: 1.ª — *Antever, entrever, prever* e *rever* seguem a conjugação do verbo simples. *Prover*, no entanto, afasta-se do modêlo no pretérito perfeito (*provi, proveste, proveu*), nos tempos dêle derivados e no particípio, nas quais flexões segue o paradigma regular. Nas outras formas segue a conjugação de *ver*.

2.ª — Saibamos desde já que *precaver* não é composto de *ver*. Iremos conjugar êsse verbo no estudo dos verbos defectivos (§ 488, d).

3.ª — *Rever* pode significar *ver outra vez* e *verter, transudar;* neste segundo sentido, comumente se ouve esta forma: "O barril réve" — o que constitui êrro; o acento dêste verbo deve ser o mesmo que o do verbo *rever* com significação de *ver outra vez:* "As paredes *revêem*" — "A panela *revê*". Deve-se tão sòmente notar que, com a significação de *verter*, o verbo *rever* só é conjugado nas 3.ªs pessoas: *revê, revêem, reviu, reviram* etc.

4.ª — Quatro verbos existem que na 3.ª pessoa do plural têm dois *ee* e, além disso, um circunflexo: *vêem* (do v. *ver*), *lêem* (do v. *ler*), *crêem* (do v. *crer*) e *dêem* (subj. pres. de *dar*). Isso porque a 3.ª pess. do singular dêsses tempos já tem um *e* com circunflexo:

SINGULAR		PLURAL
vê	— ind. pres.	vêem
lê		lêem
crê		crêem
dê	— subj. pres.	dêem

PÔR

15 — *Ponho, pões,* põe, pomos, *pondes*, põem; punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, *puseram;* pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam; põe, ponde; ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem; *pôr;* pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem; pondo, pôsto.

Obs.: — Seguem *pôr* todos os compostos:

antepor	desimpor	justapor	recompor
apor	dispor	opor	repor
compor	expor	pospor	sobrepor
contrapor	impor	predispor	sotopor
depor	indispor	prepor	supor
descompor	interpor	propor	transpor

3.ª CONJUGAÇÃO

464 — Veremos, em primeiro lugar, certos verbos, e, depois, *certas classes* de verbos irregulares da 3.ª conjugação. Antes de tudo, estudaremos três verbos monossilábicos: *ir*, *rir* e *vir*.

IR

1 — *Vou*, *vais*, vai, vamos (rar. *imos*), *ides* (rar. *is*), vão; ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; fui, fôste, foi, fomos, fôstes, *foram;* fôra, fôras, fôra, fôramos, fôreis, foram; irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam; vai, ide (rar. *i*); vá, vás, vá, vamos, vades, vão; fôsse, fôsses, fôsse, fôssemos, fôsseis, fôssem; fôr, fores, fôr, formos, fordes, forem; *ir;* ir, ires, ir, irmos, irdes, irem; indo, ido.

Obs. — Não obstante ser composto de *ir*, o verbo *preterir* não segue a conjugação do simples (V. *obs.* do verbo *aderir*, no § 466).

RIR

2 — *Rio*, *ris*, ri, rimos, *rides*, riem; ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam; ri, riste, riu, rimos, ristes, *riram;* rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram; rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão; riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam; ri, ride; ria, rias, ria, riamos, riais, riam; risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem; rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; *rir;* rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; rindo, rido.

Obs. — De igual maneira se conjuga o composto *sorrir*. Observe-se, ainda, que o verbo *sorrir* (rir sem fazer ruído, executando apenas leve contração muscular da bôca e dos olhos) pode ser *intransitivo* ("Êle *sorriu*" — "De tão lisonjeiro acêrto consigo mesmo *sorria*") e, com igual significação, *pronominal:* "O confidente do rei católico *sorria-se* com desprêzo". Pode, também, êsse verbo ser *transitivo indireto* (ligando-se ao objeto indireto com a prepos. *a*, com a significação de encantar, agradar, ser favorável: "A fortuna sorri *ao meu vizinho*" — "Sorriam-*lhe* as terras mais remotas, mais virgens, contanto que a natureza aí fôsse opulenta, original". Pode ainda ser *transitivo direto-indireto:* "... a fortuna que já *lhe* sorria *glórias imortais*" (= proporcionava agradàvelmente).

VIR

3 — *Venho*, *vens*, vem, vimos, *vindes*, vêm; vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; vim, vieste, veio, viemos, viestes, *vieram;* viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam; vem, vinde;

venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; vier, vieres, vier viermos, vierdes, vierem; *vir;* vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; vindo, vindo.

Obs.: 1.ª — Dificilmente, ainda de pessoas de certa cultura, ouvimos êste verbo corretamente conjugado na primeira pessoa do plural do indicativo presente: se perguntarmos: "Como costumam vocês vir?" — encontramos quem erròneamente nos responda: "Nós sempre *viemos* de ônibus" — em vez de: "Nós sempre *vimos* de ônibus".

2.ª — Seguem a conjugação de *vir* todos os seus compostos: *advir, avir-se, contravir, convir, desavir-se, desconvir, intervir, malavir, provir, reconvir, sobrevir.*

Constituem grosseiros erros flexões como: "Êles se *desouveram*" em vez de: "Êles se *desavieram*" — O verbo é des-a-*vir*, que se conjuga como o simples: des-a-*vieram.*

465 — Em segundo lugar temos, na 3.ª conjugação, os verbos que são irregulares apenas numa das formas primitivas. São êles:

1.º — Os verbos *pedir, medir, ouvir* e respectivos compostos, que terminam em *ço* na 1.ª pessoa do singular do indicativo presente; conseguintemente, em todo o subjuntivo presente deverá aparecer o ç.

2.º — O verbo *parir*, que na 1.ª pessoa do singular do indicativo presente tem a vogal da 1.ª sílaba alterada para *ai*, do que resulta idêntica alteração no subjuntivo presente.

3.º — O verbo *abrir*, que só é irregular no particípio: *aberto.*

PEDIR

1 — *Peço, pedes,* pede, pedimos, *pedis,* pedem; pedia, pedias, pedia, pedíamos, pedíeis, pediam; pedi, pediste, pediu, pedimos, pedistes, *pediram;* pedira, pediras, pedira, pedíramos, pedíreis, pediram; pedirei, pedirás...; pediria, pedirias...; pede, pedi; peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam; pedisse, pedisses...; *pedir;* pedindo, pedido. O fut. do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: pedir, pedires etc.

Obs.: 1.ª — Conjugação idêntica têm os verbos *impedir, desimpedir, despedir* e *expedir*, muito embora não sejam compostos de *pedir*. Êsses verbos seguiam no português antigo a conjugação do verbo *aderir* (que logo adiante veremos): impido, impedes... que eu impida, impidas...

2.ª — Segue também a conjugação de *pedir* o v. *medir*, cujos compostos são: *comedir-se, desmedir-se, descomedir-se,* que só se empregam nas formas verbais em cuja desinência existe *i* (§ 489, 10).

3.ª — Regência de *pedir:* § 581, n. 1.

OUVIR

2 — *Ouço* (ou *oiço*), *ouves,* ouve, ouvimos, *ouvis,* ouvem; ouvia, ouvias, ouvia...; ouvi, ouviste, ouviu...; ouvira, ouviras, ouvira...;

ouvirei, ouvirás. . . ; ouviria, ouvirias. . . ; ouve, ouvi; ouça (ou oiça), ouças (ou oiças), ouça (ou oiça), ouçamos (ou oiçamos), ouçais (ou oiçais), ouçam (ou oiçam); ouvisse, ouvisses, ouvisse. . . ; *ouvir;* ouvindo, ouvido. O fut. do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: ouvir, ouvires etc.

PARIR

3 — A irregularidade dêste verbo está apenas na 1.ª pessoa do singular do ind. presente, que é *pairo*, e no subj. presente: *paira, pairas, paira, pairamos, pairais, pairam.* No mais, é regular, notando-se que, usualmente, êsse verbo só aparece conjugado nas formas em que ao *r* se segue *i*.

ABRIR

4 — O verbo *abrir* só é irregular no particípio: *aberto;* idêntica orientação seguem os compostos *entreabrir* e *reabrir*. Possui ainda êsse verbo o composto *desabrir*, do qual só nos resta o particípio regular *desabrido*, empregado como adjetivo.

Verbos que têm "E" na penúltima sílaba

466 — Os verbos da 3.ª conjugação que têm *e* na penúltima sílaba podem ser divididos em *três grupos*, pertencendo ao *primeiro* os verbos *pedir* e *medir*, já estudados. Ao *segundo* pertencem os verbos em que o *e* se transforma em *i* na 1.ª pessoa do singular do indicativo presente e em tôdas as pessoas do subjuntivo presente. O *terceiro* compreende os verbos em que o *e* se transforma em *i* nas formas rizotônicas e respectivas formas derivadas.

2.º grupo

Verbos em que o *e* se transforma em *i* na 1.ª pessoa do singular do indicativo presente e em tôdas as do subjuntivo presente.

ADERIR

Adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem; aderia, aderias, aderia. . . ; aderi, aderiste, aderiu. . . ; aderira, aderiras, aderira. . . ; aderirei, aderirás, aderirá. . . ; aderiria, aderirias, aderiria. . . ; adere, aderi; adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram; aderisse, aderisses. . . ; aderir; aderindo, aderido. O fut. do subj. e o inf. pessoal são idênticos: aderir, aderires etc.

Obs. — Como aderir conjugam-se os seguintes verbos: *advertir*, *aspergir* (aspirjo, asperges), *cerzir* (cirzo, cerzes), *compelir* (compilo, compeles), *concernir* (só é usado nas 3.as pessoas), *convergir* (convirjo, converges), *competir* (compito, competes), *despir*,

digerir (digiro, digeres), *divergir* (divirjo, diverges), *divertir*, *expelir* (expilo, expeles), *ferir* (e compostos *deferir*, *diferir*, *desferir*, *aferir*, *conferir*, *auferir*, *inferir* etc.), *gerir* (giro, geres), *impelir* (impilo, impeles), *inerir* (iniro, ineres), *ingerir* (ingiro, ingeres), *inserir* (insiro, inseres), *mentir* (minto, mentes), *preterir* (pretiro, preteres), *propelir* (propilo, propeles), *refletir*, *repelir* (repilo, repeles), *repetir*, *seguir* (e compostos), *sentir* (e compostos *assentir*, *consentir*, *dissentir* etc.), *servir*, *sugerir* (sugiro, sugeres), *vestir* (e compostos *desvestir*, *investir*, *revestir* e *transvestir*).

3.º grupo

Verbos em que o e da penúltima sílaba se transforma em *i* nas formas rizotônicas e nas formas derivadas.

PREVENIR

Previno, prevines, previne, prevenimos, prevenis, previnem; prevenia, prevenias...; preveni, preveniste...; prevenira, preveniras, prevenira...; prevenirei, prevenirás...; preveniria, prevenirias, preveniria...; previne, preveni; previna, previnas, previna, previnamos, previnais, previnam; prevenisse, prevenisses...; prevenir; prevenindo, prevenido. O fut. do subj. e o inf. pessoal são idênticos: prevenir, prevenires etc.

Nota — Seguem a conjugação de *prevenir* os seguintes verbos: *agredir*, *denegrir* (denigro, denigres...), *progredir*, *transgredir*.

Se adotarmos a grafia *denigrir*, que se encontra justificada no meu "Dicionário de Erros", êste verbo deixará de apresentar irregularidade: *denigro*, *denigres*, *denigre*, *denigrimos* etc.

Verbos que têm "O" na penúltima sílaba

467 — À semelhança do que se passa com os verbos que têm e na penúltima sílaba, muitos verbos da 3.ª conjugação com *o* nessa sílaba têm-no alterado em certas formas da conjugação, havendo de tais verbos dois grupos; um em que o *o* se transforma em *u* na 1.ª pessoa do singular do indicativo presente e em tôdas as do subjuntivo presente; outro em que o *o* se transforma em *u* nas formas rizotônicas.

1.º grupo

Verbos em que o *o* se transforma em *u* na 1.ª pessoa do singular do indicativo presente e em tôdas as do subjuntivo presente.

TOSSIR

Tusso, tosses, tosse, tossimos, tossis, tossem; tossia, tossias, tossia...; tossi, tossiste, tossiu, tossimos...; tossira, tossiras...; tossirei, tossi-

rás. . . ; tossiria, tossirias. . . ; tosse, tossi; tussa, tussas, tussa, tussamos, tussais, tussam; tossisse, tossisses. . . ; tossir; tossindo, tossido. O futuro do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: tossir, tossires etc.

Seguem a conjugação de *tossir* os verbos *cobrir* (e compostos *descobrir, encobrir, recobrir*) e *dormir*.

2.º grupo

Verbos em que o *o* da penúltima sílaba se transforma em *u* nas formas rizotônicas e correspondentes derivadas.

SORTIR

Surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem; sortia, sortias. . . ; sorti, sortiste. . . ; sortira, sortiras. . . ; sortirei, sortirás. . . ; sortiria, sortirias. . . ; surte, sorti; surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam; sortisse, sortisses. . . ; sortir; sortindo, sortido.

Verbos que têm "U" na penúltima sílaba

468 — Muitos verbos há da 3.ª conjugação com *u* na penúltima sílaba que passam a ter essa vogal alterada para *o* aberto na 2.ª e na 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª do singular do imperativo presente.

BULIR

Bulo, boles, bole, bulimos, bulis; bolem; bole, buli.

Notas: 1.ª — No mais, é êsse verbo normal. Seguem a conjugação de *bulir* os seguintes verbos: *acudir, cuspir, engulir, escapulir, fugir, sacudir, subir, sumir* e *consumir*. (*Assumir, reassumir, resumir* e *presumir* são regulares).

Entupir, por falsa analogia, segue o verbo *bulir*; era êsse verbo inteiramente regular, como regulares eram os verbos *construir* e *destruir* (como ainda hoje são regulares *instruir* e *obstruir*), mas o uso é no caso tão forte que só nos resta segui-lo.

Construir e *destruir* têm conjugação própria no pres. do indicativo e no imperativo da 2.ª pess. sing.: *Construo, constróis, constrói, construímos, construís, constroem*. Imperativo: *constrói, construí*.

2.ª — Com exceção de *construir* e *destruir*, os verbos em *uir*, como *possuir, instruir, obstruir, constituir*, são regulares, merecedores de cuidados apenas na grafia: *possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem*. Perfeito: *possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram*.

Saiba portanto distinguir: *constitui* (presente), *constituí* (perfeito).

Verbos em AIR

469 — Consiste a irregularidade dos verbos assim terminados na intercalação de um *i* na 1.ª pessoa do singular do indicativo presente e em tôdas as pessoas do subjuntivo presente.

SAIR

Saio, sais, sai, saímos, saís, saem; saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam; saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram; saíra, saíras. . .; sairei, sairás. . .; sairia, sairias. . .; sai, saí; saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam; saísse, saísses. . .; sair; saindo, saído.

No mais, êsse verbo não apresenta nenhuma modificação.

Idêntica orientação seguem os verbos *atrair*, *abstrair*, *cair*, *contrair*, *decair*, *descair*, *detrair*, *distrair*, *esvair-se*, *extrair*, *recair*, *retrair*, *retrotrair*, *sobressair*, *subtrair*, *trair*.

Verbos em UZIR

470 — Os verbos assim terminados não têm a desinência *e* da terceira pessoa do singular do indicativo presente; *conduzir*, *luzir*, *reluzir*, *reduzir*, *seduzir* e outros fazem nessa pessoa *conduz*, *luz*, *reluz*, *reduz*, *seduz* (Quanto ao imperativo, 2.ª pessoa do singular, veja o verbo *fazer*, obs. 2 do § 463, 4). No mais, seguem o paradigma.

QUESTIONÁRIO

1 — Que é verbo irregular e quantas espécies existem de irregularidades? Exemplos.
2 — Quantos tempos primitivos existem em nosso idioma?
3 — Faça o quadro da derivação dos verbos, adotando como exemplo o verbo *pôr*.
4 — Que entende, no estudo dos verbos em *ear*, por *i eufônico*? Quando aparece?
5 — Há algum êrro na seguinte oração: "Devemos partir nos meiados do mês de setembro"? — Justifique a resposta.
6 — Que diz da conjugação dos verbos em *iar*?
7 — Recite nas formas rizotônicas os verbos *premiar*, *negociar*, *incendiar* e *odiar*.
8 — Diga todo o presente do subjuntivo do verbo *moscar-se*.
9 — Diga todo o indicativo e o subjuntivo presentes do verbo *apiedar-se*.
10 — Recite nas formas rizotônicas o verbo *resfolegar*.
11 — Conjugue o verbo *dar* no pretérito imperfeito do subjuntivo.
12 — Escreva o pretérito perfeito do indicativo do verbo *caber*.
13 — Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *caber*.
14 — Escreva o futuro do subjuntivo de *dizer*. Qual a diferença ou diferenças entre êsse tempo e o infinitivo pessoal?
15 — Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *fazer*.
16 — Escreva o futuro do subjuntivo, o imperfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal de *poder*.

17 — Escreva o pretérito perfeito dos verbos *aprazer* e *comprazer-se*. Faça duas orações em que entrem êsses verbos.
18 — Escreva o verbo *prazer* em todos os tempos.
19 — Escreva a 3.ª pessoa do plural do pretérito perfeito de *prover* e os correspondentes tempos derivados.
20 — Escreva o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal de *querer*.
21 — Que diz da conjugação do verbo *requerer*?
22 — Escreva o pretérito perfeito do indicativo e o futuro do subjuntivo de *saber*.
23 — Escreva o futuro do subjuntivo de *trazer* (Indique a pronúncia da 1.ª pessoa).
24 — Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *ver*.
25 — Quais os significados de *rever*? Que diz da conjugação dêsse verbo na acepção de *verter*?
26 — Se o professor lhe pedir conjugar qualquer verbo na 3.ª conjugação, você saberá fazê-lo? Se ao professor compete ensinar, compete a você estudar.

Capítulo XXXI

VERBOS ANÔMALOS

475 — São assim chamados os verbos *ser* e *ir*, cuja conjugação se processa de maneira ainda diferente da dos irregulares; enquanto êstes sofrem alterações num mesmo radical, o verbo *ser* e o verbo *ir* mudam de radical.

a) **Ser:** Provém de dois verbos latinos: *esse* (ser) e *sedēre* (ficar, permanecer, estar, estar sentado). Enquanto *sedēre* fornece uma forma primitiva, *esse* fornece duas: *es*, *fu*.

b) **Ir:** Provém de três verbos latinos: *ire* (ir), *vadĕre* (caminhar, andar), *fugĕre* (retirar-se, fugir).

Nota — Cabe à Gramática Histórica, à luz da qual todos os verbos são regulares, o trabalho de explicar a origem e o desenvolvimento das várias formas verbais hoje existentes.

QUESTIONÁRIO

1 — Qual a diferença entre verbo irregular e verbo anômalo?
2 — Quais são os verbos anômalos?

CAPÍTULO XXXII

VERBOS DEFECTIVOS

479 — Defectivos são os verbos que têm deficiência na conjugação, isto é, são aquêles que não possuem tôdas as formas verbais.

Assim, é defectivo o verbo *languir* (§ 453), pois não tem conjugação completa.

pres. do indic.	*pres. do subj.*
eu	. . . . .
tu langues	. . . . .
êle langue	. . . . .
nós languimos	. . . . .
vós languis	. . . . .
êles languem	. . . . .

Para o completo estudo dos defectivos, porém, importa-nos saber o que são verbos impessoais.

480 — **Verbos IMPESSOAIS:** Sabemos o que vem a ser sujeito; pois bem, um verbo se diz **impessoal** quando a ação não faz referência a nenhum sujeito especificado, a nenhuma causa determinada.

Se, por um lado, há verbos como *escrever*, *ler*, *abrir*, *quebrar*, que sempre apresentam a ação em relação com uma causa produtora, com uma *pessoa* gramatical — chamando-se, por isso, **verbos pessoais** — por outro lado há certos verbos como *chover*, *trovejar* e outros, cuja ação não é atribuída a nenhum sujeito, constituindo êstes verbos a classe **dos verbos impessoais.**

481 — Dos verbos impessoais, há os que são *essencialmente* impessoais e os que são *acidentalmente* impessoais.

482 — **Impessoais ESSENCIAIS:** Um verbo se diz **impessoal essencial** quando, *no seu sentido verdadeiro e usual*, não atribui a ação a nenhuma causa verdadeira, isto é, a nenhum sujeito.

À classe dos impessoais essenciais pertencem verbos que indicam fenômenos de natureza inorgânica ou fenômenos meteorológicos, ou seja, os que indicam fenômenos da atmosfera. "*Chove* hoje" — "*Anoitecia* quando êle chegou" — "Ontem *trovejou*" — são orações em que os

verbos (chove, anoitecia, trovejou) são *impessoais essenciais*, pois nesse sentido são comumente usados sem atribuir a ação de *chover*, de *anoitecer*, de *trovejar* a nenhum sujeito.

Todos êsses verbos só se conjugam na 3.ª pessoa do singular.

Nota — Tais verbos deixam de ser impessoais uma vez que se lhes dê um sujeito que se apresente ao espírito como causa da ação por êles expressa; se dissermos: "Os céus *chovem*" — "As nuvens *trovejam*" — "O dia *amanheceu* nublado" — passamos a empregar êsses verbos *pessoalmente*, pois estamos a êles atribuindo um sujeito.

Ainda um segundo processo existe de tornar pessoal um verbo impessoal: empregá-lo em sentido figurado, comparado; exs.: "Os canhões *trovejam*" — "A vida já nos *anoitece*" — "As baionetas *relampagueavam*" — "*Amanhecemos* alegres" (Estávamos alegres quando amanheceu) — Os verbos dessas orações estão empregados comparativamente, isto é, em sentido que não lhes é próprio, em sentido figurado, comparado.

483 — Impessoais ACIDENTAIS: Ao lado dos verbos impessoais essenciais há os **impessoais acidentais;** assim se denominam os verbos que, em sua significação natural, isto é, como comumente são usados, têm sempre o respectivo sujeito, mas que, em determinados casos, ou seja, *acidentalmente*, tornam-se impessoais.

Se no parágrafo anterior o verbo era de natureza impessoal e só eventualmente se tornava pessoal, agora temos o caso contrário.

Há dos verbos impessoais acidentais dois grupos: impessoais acidentais *ativos* e impessoais acidentais *passivos*.

484 — Impessoais acidentais ATIVOS: 1 — Sabemos que verbo ativo é o que indica ação praticada pelo sujeito, o qual ou vem declarado na oração ou fàcilmente se subentende. Pois bem, se tivermos numa oração um verbo ativo cujo sujeito, além de não vir expresso, não é subentendido nem necessita ser conhecido, êsse verbo será *impessoal acidental ativo*.

Suponhamos o verbo *dizer* empregado pessoalmente nesta oração: "Pedro e Paulo *dizem* a verdade" — Temos o verbo ativo *dizer* com os sujeitos *Pedro* e *Paulo*.

Nesta outra oração, porém: "*Dizem* que o Banco X faliu" — além de não estar expresso o sujeito do verbo, não cogitamos em saber qual seja. O verbo *dizer* nesse caso é chamado **impessoal acidental ativo.**

Outros exemplos: "*Falam* mil coisas a respeito da nossa situação" — "*Contam* por aí que a situação é precária".

Nessas orações, *mil coisas*, *que a situação é precária* são objetos diretos dos verbos *falam* e *contam*, cujos sujeitos não nos interessa conhecer.

Obss.: 1.ª — Orações assim impessoalizadas podem ser convertidas em orações pessoais, levando-se o verbo para a voz passiva, e dando-se-lhe como sujeito o objeto da *oração impessoal*:

CONSTRUÇÃO IMPESSOAL		CONSTRUÇÃO PESSOAL	
Dizem	que êle é bom	Diz-se	que êle é bom
v. impess.	obj. dir. de *dizem*	v. passivo	suj. de *diz-se*
		(= *Que êle é bom*	*é dito*)
		sujeito	verbo
Contam	que êle vai morrer	Conta-se	que êle vai morrer
v. impess.	obj. dir. de *contam*	v. passivo	suj. de *conta-se*
		(= *Que êle vai morrer*	*é contado*)
		sujeito	verbo

2 — Sabemos que o verbo *haver* tem as significações de *possuir* e *ter*. Em vez de "Pedro *tem* muitos livros" — poderemos dizer, embora tal forma não seja usada: "Pedro *há* muitos livros". Dizendo agora: "*Há* homens na sala" — não nos interessa saber quem é o sujeito do verbo *haver;* o verbo está aqui empregado impessoalmente e *homens* vem a ser objeto direto, tal qual se passa com *livros* na oração anterior.

Raciocínios e exemplos semelhantes poderemos fazer com os verbos *ser*, *fazer* e outros: "*Faz* calor" — "*Está* tarde" etc.

Notemos que verbos como *falar*, *contar*, *dizer* etc. impessoalizam-se na terceira pessoa do plural, ao passo que *haver*, *ser*, *estar* e outros, na terceira pessoa do singular. Assim como não se pode dizer impessoalmente "*Fala* mil coisas a nosso respeito" — no singular — da mesma forma não se pode dizer: "Amanhã *haverão* aulas" — "*São* cedo" — no plural.

Nota — Empregado impessoalmente, o v. *haver* significa *existir*, mas, se o substituirmos por êste verbo, a concordância se imporá, dada a mudança de função dos têrmos da oração:

Há	*homens*	*Existem*	*homens*
v. impessoal (sem sujeito)	obj. direto	v. pessoal; vai para o plural, porque plural é o sujeito	suj. plural

Se na primeira construção substituirmos *homens* por pronome, êste deverá ser *os*, porque é o caso correspondente ao objeto direto: *há-os*. Exemplos: "De homens bons precisamos, mas não os havendo..." — "Meios existem para sanar o mal; não os há, porém, senão a pêso de muito sacrifício".

485 — Impessoais acidentais PASSIVOS: Temos já do caso noção, em vista do que ficou dito no § 405: Muitos verbos intransitivos, transitivos indiretos e até alguns transitivos diretos (V. *Variante* do cita-

do §) empregam-se impessoalmente, isto é, sem sujeito determinado, mediante o pronome apassivador *se*: "*Vai-se* todos os dias à fonte" — "*Precisa-se* de um datilógrafo" — "*Premiava-se* aos vencedores" — Nesses exemplos, os verbos (intransitivo no 1.º, transitivo indireto no 2.º e transitivo direto no 3.º) estão empregados impessoalmente na voz passiva, ficando sempre no singular.

486 — Dentre as línguas que nos são mais conhecidas, o francês e o inglês sempre atribuem a ação dos verbos para nós impessoais a um sujeito aparente, empregando o primeiro dêsses idiomas o pronome *il* e o segundo, *it*. E, assim, dizem os franceses: "*Il* tonnera" (Trovejará) e os inglêses: "*It* rains" (Chove).

O português arcaico deixou-nos exemplos dessa construção: "*Êle* é muito cedo" — "*Êle* há bons e maus na criação" — "*Êle* chove hoje".

487 — É de importância saber que qualquer verbo que na oração venha acompanhando verbo impessoal, quer para a formação de um tempo composto, quer de uma locução verbal, deve também impessoalizar-se.

Não podemos, pois, dizer: "*Devem* haver homens na sala" — Se *haver* é impessoal, o verbo *dever*, que no caso concorre para a formação de uma locução verbal, também se impessoaliza: "*Deve* haver homens na sala".

Igualmente: "*Vai* fazer cinco anos que êle morreu" e não: "*Vão* fazer. . ." — pois o verbo *fazer* é, nesse sentido, impessoal ("*Faz* cinco anos. . .").

Obs. — O verbo *dar* em expressões como: "*Deram* dez horas" é pessoal, sendo seu sujeito *dez horas*. Não podemos, portanto, dizer impessoalmente: "*Deu* dez horas".

488 — Em resumo, assim se dividem os defectivos:

VERBOS DEFECTIVOS			
impessoais (sem sujeito determinado)	essenciais: *chover, anoitecer*		
	acidentais	ativos: *dizem, há aula, faz duas horas*	
		passivos: *precisa-se de*	
pessoais (com sujeito determinado)	os que exprimem fenômenos de natureza viva, orgânica: *latir, brotar*		
	alguns outros: *prazer* (§ 463, 7), *doer, soer, precaver-se, reaver, rever.*		

Nota — Quando os defectivos só se conjugam na 3.ª pessoa do singular ou do plural, chamam-se também *unipessoais*.

a) — DOER

Dói, doem; doía, doíam; doeu, doeram; doera, doeram; doerá, doerão; doeria, doeriam; doa, doam; doesse, doessem; doer; doer, doerem (fut. do subj. e infin. pess. iguais); doendo, doído.

Obs. — A forma pronominal *doer-se* e o composto *condoer-se* conjugam-se em tôdas as pessoas: eu me dôo, tu te dóis, êle se dói, nós nos doemos, vós vos doeis, êles se doem — etc. Eu me condôo, tu te condóis, êle se condói, nós nos condoemos, vós vos condoeis, êles se condoem — etc.

Por serem verbos regulares, nenhuma dificuldade devem apresentar para a conjugação.

b) — SOER

Êste verbo só possui as seguintes formas:

Ind. pres. — sói, soemos, soem.
Imperf. — soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.
Part. — soído.

Obss.: 1.ª — A pronúncia do imperfeito é *so-i-a, so-í-as, so-í-a* etc.; no particípio é *so-í-do.*

2.ª — *Soer* significa *costumar, ter por hábito* e geralmente vem seguido de um infinitivo: "Pedro *sói levantar-se* às 6 horas" — "Êles *soem desobedecer* a prescrições novas" — "Assim como *soemos fazer* aos cavalos".

c) — FEDER

Êste verbo só é conjugado nas formas em que ao *d* se segue *e* ou *i*. Nas outras formas é êle substituído por *estar fedendo*, notando-se, porém, que em linguagem polida o próprio verbo *feder* não é usado, sendo substituído por *cheirar mal.*

Ind. pres. — fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem. *Imperf.* — fedia, fedias etc. *Perf.* — fedi, fedeste etc. *M. q. perf.* — federa, federas etc. *Fut.* — federei, federás etc. *Fut. do pret.* — federia, federias etc. *Imperat.:* Impossível, dada a significação. *Subj. pres.:* Não há. *Imperf.* — fedesse, fedesses etc. *Fut. do subj.* e *infin. pess. iguais:* feder, federes etc. *Inf.* — feder. *Ger.* — fedendo. *Part.* — fedido.

d) — PRECAVER-SE

Êste verbo nada tem de comum nem com o verbo *ver* nem com o verbo *vir;* dizer eu me *precavejo* ou eu me *precavenho*, êles se *precaviram* ou êles se *precavieram* é incorrer em gravíssimo êrro de conjugação. O que há é o seguinte: O verbo é defectivo, sendo usado sòmente nas formas arrizotônicas, nas quais formas é inteiramente regular.

Por outras palavras: O verbo *precaver-se* não se conjuga na 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoa do singular nem na 3.ª do plural do indicativo presente (faltando, por conseguinte, todo o presente do subj. e a 2.ª pess. sing.

do imperativo), sendo, nas demais pessoas, *totalmente regular*, notando-se que o verbo sempre vem acompanhado do pronome oblíquo.

Ind. pres. — precavemos, precaveis. *Imperf.* — precavia, precavias etc. *Perf.* — precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram. *M. q. perf.* — precavera, precaveras etc. *Fut.* — precaverei, precaverás etc. *Fut. do pret.* — precaveria, precaverias etc. *Imperat.* — precavei. *Subj. pres.:* Não há. *Imperf. do subj.* — precavesse, precavesses etc. *Fut. do subj.* e *inf. pess. iguais:* precaver, precaveres etc. Precaver — precavendo — precavido.

Obs. — Para substituir as formas inexistentes, emprega-se um verbo sinônimo, como *acautelar-se*, *prevenir-se*, *precatar-se*.

e) — REAVER

É regra geral: Os verbos compostos conjugam-se de acôrdo com os verbos simples. Se *reter* é composto de *ter*, como êste deverá ser êle conjugado: *re* + *tenho*, *re* + *tens*, *re* + *tem*... *re* + *tive*, *re* + *tiveste*, *re* + *teve*, *re* + *tivemos*, *re* + *tivestes*, *re* + *tiveram* etc. Seguindo tal norma, o verbo *reaver* deveria flexionar-se em *re* + *hei*, *re* + *hás*, *re* + *há* etc., mas tal não se dá, podendo ser conjugado apenas nas formas em que o primitivo *haver* tem *v*.

haver	*reaver*
hei	. . . .
hás	. . . .
há	. . . .
haVemos	reaVemos
haVeis	reaVeis
hão	. . . .

Não há, conseguintemente, as formas do subjuntivo presente nem do imperativo singular, conjugando-se em todos os demais tempos, pois nêles sempre existe *v*.

f) — REVER

O verbo *rever* (V. § 463, obs. 3 do v. *ver*), no sentido de *transudar*, *verter*, *ressumar*, só é usado nas 3.as pessoas.

3 — Outros verbos, como *ecoar*, *estrondar*, *bruxulear*, *faiscar*, *marulhar*, *soar*, *ressoar*, *ribombar* etc., porque indicam a produção de fatos atribuíveis a sujeitos determinados, especiais.

Apenas quando usados em linguagem figurada é que êsses verbos se podem conjugar nas outras pessoas.

489 — Além dos verbos contidos nos grupos acima, outros existem que são perfeitamente normais e se conjugam em tôdas as pessoas, mas, em certas construções, tornam-se eventualmente defectivos. São êles:

1 — **Constar:** Defectivo no sentido de *ser notório*: *Constam* irregularidades na repartição. *Consta* que êle vai sair.

sujeito sujeito

No sentido de *consistir* ou de *estar presente*, é êle conjugado em tôdas as pessoas: *Constamos* de corpo e alma. Eu não *consto* na lista dos promovidos.

2 — **Grassar,** que significa *desenvolver-se, espalhar-se*, só é usado nas 3.as pessoas: *Grassavam* doenças de tôda a espécie. Muito antes do dia marcado, *grassava* a notícia da rebelião.

3 — **Pesar:** É o verbo *pesar* conjugado normalmente na acepção de *verificar o pêso, ter o pêso de*. Com a significação de *causar mágoa, arrepender-se*, é êle defectivo pessoal: "*Pêsa*-me tê-lo ofendido" — "*Pesam*-lhe hoje os atos da juventude".

sujeito

sujeito

Nota — Pronuncia-se com o e fechado êste verbo, quando empregado com o sentido de *causar arrependimento*: "*Pêsa*-me havê-lo ofendido".

4 — **Relevar:** Conjuga-se em tôdas as pessoas, quando empregado com a significação de *perdoar* ("*Relevai*-me esta tardança"), *fazer sobressair*: "A feição que *releva* e caracteriza o seu vulto".

Com a significação de *convir, ser necessário*, é defectivo pessoal: "*Releva*, porém, considerar qual seja desta guerra o motivo".

5 — **Importar:** Conjuga-se normalmente na acepção de *trazer para dentro do país*: "Importamos petróleo". É defectivo pessoal no sentido de *ser conveniente* ("A Deus *importa* que não haja distinção entre irmãos

sujeito

no pátrio abrigo"), *perfazer a quantia de*: "*Importam* os gastos em trinta cruzeiros".

sujeito

6 — **Acontecer,** que significa *suceder, realizar-se*: "*Acontece* que êle não quer ir" — "Isso *aconteceu* ontem".

sujeito suj.

7 — **Correr:** É defectivo pessoal na acepção de *constar, ser notório*: "*Corre* que vais ser exilado" — "*Correm* notícias as mais desencontradas".

sujeito sujeito

8 — **Ocorrer:** É defectivo pessoal na acepção de *acontecer* ("*Ocorreu* triste fato" — "*Ocorreram* lastimáveis desavenças") e na

de *lembrar, vir à memória:* "Ocorreu-me o seguinte" — "Ocorrem-me os traços do assaltante".

9 — **Suceder:** É defectivo pessoal quando significa *acontecer:* "*Sucede* que êle não quer aceitar" (sujeito) — "Casos como êsse *sucedem* freqüentemente" (sujeito).

Com a significação de *substituir,* é conjugado em tôdas as pessoas: "*Sucederei* a meu irmão na gerência da fábrica".

10 — Certos verbos da 3.ª conjugação, como *polir, colorir* e outros, que só se conjugam nas formas em cuja desinência existe *i.* Nas formas em que o paradigma *partir* não tiver *i* (o que se dá nas três pessoas do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind., no singular do imperativo e no pres. do subj.), tais verbos não poderão ser conjugados:

part-o	. . . .
part-es	. . . .
part-e	. . . .
part-*i*mos	polimos
part-*i*s	polis
part-em	. . . .

Lista dêsses verbos defectivos:

abolir	carpir	discernir	falir	remir
adir (acrescentar)	cernir	embair	florir	renhir
adir (receber, tomar posse)	colorir	emergir	fornir	ressequir
aguerrir	combalir	emolir	fremir	retorquir
banir	comedir-se	empedernir	ganir	revelir
bramir	condir	esbaforir	haurir	ruir
brandir	delinqüir	espavorir	imergir	submergir
brunhir	delir	exaurir	latir	urgir
brunir	demolir	exinanir	munir	vagir
buir	descomedir-se	explodir	polir	
	desmedir-se	extorquir	puir	

Dêsses verbos, alguns há que toleram as flexões e e *em: bane, brande, carpe, compele, discerne, explode, freme, gane, haure, late* e *mune.*

Quando necessário, recorre-se, para preencher as falhas da conjugação, ou a um verbo sinônimo ou ao auxílio de outro verbo que, sem prejuízo para a significação, proporcione a flexão em *i:* estou *polindo,* eu sei *colorir,* não vou *extorquir,* tu não podes *abolir,* êle se põe a *vagir.*

QUESTIONÁRIO

1 — Que é verbo *defectivo?* Exemplos.
2 — Quando um verbo se diz *impessoal?*
3 — Por quantos e por quais processos podemos pessoalizar um verbo impessoal essencial? Exemplos.

4 — Qual a função sintática de *aula* na oração: "Hoje não há *aula*"?
5 — Faça o quadro da divisão dos defectivos, não se esquecendo dos exemplos.
6 — Faça duas orações com o verbo *soer* (V. a 2.ª observação que acompanha êsse verbo).
7 — Qual o presente e o pretérito perfeito do indicativo do v. *precaver-se*?
8 — Qual o pretérito perfeito do v. *reler*?
9 — Qual o pres. do ind. e do subj. do v. *reaver*?
10 — Corrija:

a) Tamerlão deteu a marcha dos turcos contra Constantinopla.
b) Não lhe estou culpando por isso. Sempre lhe tive como um bom amigo.
c) Isso era um exercício que nos entretia muito.
d) O magistrado diferiu o requerimento que você está falando.
e) Fazem seis meses que chegamos em São Paulo.
f) Devem haver grandes festas quando voltar nosso chefe.
g) Está eminente um grande temporal: precavejamo-nos.
h) Chegaram a haver suspeitas que você estivesse metido nessa falcatrua, mas eu sempre te defendi.
i) Você já experimentou tomar um chá de marcela?
j) Quando Pedro saiu para a caça, êle se proviu de um enorme facão.
l) Concordo que esta é uma situação angustiosa, de que o desenlace ninguém pode prever.
m) Durante duas semanas nos mantêramos (Êste verbo deve estar no mais q. perf.) só de conservas.
n) O cimento que se tem feito êstes passeios não é igual ao que se fêz os do outro lado da rua (Corrija sem tirar palavras).
o) Nisso eu nunca intervi. Você compreende que, se eu tivesse intervisto teria te reservado um lugar melhor.

Capítulo XXXIII

VERBOS ABUNDANTES

494 — São assim chamados os que possuem alguma forma dupla, como o verbo *ir*. Agrupam-se entre os abundantes especialmente os muitos verbos de nosso idioma com dois particípios (**verbos de particípios duplos**): um *regular*, sempre terminado em *do* (*ado* para a 1.ª conjugação, e *ido* para a 2.ª e 3.ª), outro *irregular*, sempre mais curto que o regular, e de terminação variável.

Assim é que, por exemplo, há para o verbo *suspender* dois particípios: *suspendido*, formado regularmente, e *suspenso*, de forma mais curta que o regular.

495 — Antes de apresentar a lista dos verbos de duplo particípio, vou expor a regra para o perfeito uso dessas duas formas participiais.

Em regra geral, usa-se o particípio regular com os verbos *ter* e *haver*, ou seja, na voz ativa; o particípio irregular é usado com os verbos *ser* e *estar*, isto é, na voz passiva:

Nota — Vimos já que os particípios variam em gênero e em número com os verbos *ser* e *estar*, permanecendo invariáveis com os verbos *ter* e *haver* (V. § 430).

Isso no português atual, porquanto, no velho português, como ainda hoje em francês e em italiano, o particípio junto aos auxiliares *ter* e *haver* era variável: um quinhentista podia dizer: "*Carta* que eu tenho *escrita*" — como hoje diz um francês: "La *lettre* que j'ai *écrite*" — e um italiano: "Ho *scritte* molte *lettere*".

fem. — fem. — fem. plur. — fem. plur.

Atualmente, muita diferença existe entre: "Tenho corrigidas muitas lições" — que equivale a dizer: "Tenho já prontas, já corrigidas" — e: "Tenho corrigido muitas lições" — ou seja: "Há tempo venho corrigindo lições".

496 — A regra acima, como tôdas as regras, possui exceções; em vez de dá-las agrupadamente, vou expô-las na própria lista dos verbos de duplo particípio. Numa segunda lista exporei as formas participiais irregulares usadas apenas como adjetivos, como substantivos ou, até, como preposições:

1.ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
afetar	afetado	afeto (1)
aceitar	aceitado (2)	aceito (3)
dispersar	dispersado	disperso
entregar	entregado	entregue (4)
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
fartar	fartado	farto (5)
findar	findado	findo
fixar	fixado	fixo
fritar	fritado (6)	frito
ganhar	ganhado (7)	ganho
gastar	gastado (7)	gasto
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
misturar	misturado	misto (8)
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado (9)	oculto
pagar	pagado (10)	pago
pegar	pegado	pêgo (11)

(1) Os compêndios dão em geral *afeto* como part. de *afeiçoar*, mas neste sentido não se emprega. Alega-se não ser lídima a forma *afetar*, mas é corrente e parece imprescindível no sentido em que a impugnam: "*Afetamos* êste caso ao tribunal" — "A questão foi *afeto* ao ministro" (O. Reis).

(2) Forma empregada também na passiva.

(3) As formas participiais *aceite, fixe, encarregue* e *assente*, usadas principalmente em Portugal, devem ser postas de lado, porquanto são criações plebéias de todo inúteis, havendo já *aceito* e *aceitado*, *fixo* (adj.) e *fixado* (particípio), *encarregado* e *assentado*.

(4) "O particípio *entregue*, proveniente do adjetivo latino *integre* (com metátese), é a única forma participial em *e* cujo emprêgo remonta à fase mais antiga da língua portuguêsa. Por analogia criou-se modernamente, a par de *assentado*, o supérfluo *assente*, têrmo de que se serviu Filinto Elísio, mas que foi refugado por outros escritores coetâneos e posteriores" (Said Ali).

Quite e *livre* são também formas participiais em *e* por todos aceitas.

(5) Não se confunda *farto* com *falto*: *farto* de comida (cheio de comida) e *falto* de comida (desprovido de comida).

(6) Forma também usada com os verbos *ser* e *estar*.

(7) Formas hoje desusadas; o uso prefere *ganho* e *gasto* para ambas as vozes: *Tenho ganho, está ganho; tenho gasto, está gasto.*

(8) Visando à coerência é que devemos escrever *misto* com *s*; se *mistura* e *misturar* sempre se escrevem com *s*, nada mais natural e justo que escrever também com *s* a forma irregular do particípio.

(9) Forma também empregada na passiva.

(10) Não existe, na linguagem hodierna, esta forma regular; hoje tanto se diz: "*Está pago*" — quanto: "*Tenho pago*".

(11) Pronuncia-se *pêgo*. Hodiernamente, êste particípio tende a sair da regra, sendo indiferentemente usado na passiva e na ativa: *está pêgo, tenho pêgo, é pêgo, havia pêgo.*

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
salvar	salvado	salvo
secar	secado	sêco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	sôlto
sujeitar	sujeitado	sujeito
vagar	vagado	vago

2.ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
acender (12)	acendido	aceso
benquerer	benquerido	benquisto
benzer	benzido	bento
defender	defendido	defeso (13)
eleger	elegido	eleito (14)
encher	enchido (15)	cheio
envolver	envolvido (16)	envolto
escrever	escrevido (17)	escrito
fazer	fazido (17)	feito
incorrer	incorrido	incurso
malquerer	malquerido	malquisto
morrer	morrido	morto (18)
prender	prendido	prêso
suspender	suspendido	suspenso

3.ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
abrir	abrido (19)	aberto
aspergir	aspergido	asperso
cobrir	cobrido (20)	coberto
emergir	emergido	emerso
erigir	erigido	ereto
espargir	espargido	esparso
exaurir	exaurido	exausto

(12) Não se confunda *acender* (= atear fogo), com *ascender* (= subir).

(13) A forma irregular só é usada no sentido de *proibir:* "A pesca por meio de explosivos foi *defesa*". No sentido de *proteger,* usa-se o part. regular: "Temos *defendido* as boas causas" — "A fortaleza foi *defendida* por um punhado de bravos" (O. Reis).

(14) Forma usada também com os verbos *ter* e *haver.*

(15) *Enchido* é também muito usado com o verbo *ser:* "As garrafas foram *enchidas* por mim".

(16) O part. regular é também usado na passiva: "Ele *está envolvido* num escândalo" — "A criança *foi envolvida* em trapos".

(17) Formas inteiramente desusadas; tanto na ativa como na passiva empregam-se os particípios *escrito* e *feito.*

(18) *Morto* é particípio irregular de dois verbos, *morrer* e *matar,* verbos êstes que têm o particípio regular diferente, *morrido* e *matado.*

Com os verbos de ligação, pois, aparece MORTO para ambos os verbos, mas com os verbos *ter* e *haver* aparece MORRIDO para *morrer* e MATADO para *matar:*

MORRER { Ele está MORTO — O ladrão ficou MORTO
Ele tinha MORRIDO

MATAR { Ele está MORTO — O ladrão foi MORTO
Ele tinha MATADO (nunca: *Ele tinha morto*)

(19) Forma desusada; emprega-se o particípio *aberto* na voz ativa e na passiva.

(20) Forma desusada; emprega-se *coberto* em ambas as vozes.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
expelir	expelido	expulso (21)
exprimir	exprimido (22)	expresso
extinguir (23)	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito (24)
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
submergir	submergido	submerso
surgir	surgido	surto
tingir	tingido	tinto

497 — Particípios irregulares usados ou como adjetivos ou como substantivos ou como preposições. ÊSTES VERBOS ESCAPAM DA REGRA DOS PARTICÍPIOS DUPLOS; diz-se: *será anexado, está arrebatado, ficou agradecido* etc., como se diz: *estou descalço*, a rua *está descalçada*. Sòmente o uso ou o manuseio de um bom dicionário pode indicar a maneira de usar os particípios dêstes verbos.

1.ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
anexar	anexado	anexo
aprontar	aprontado	pronto
assentar	assentado	assento (subst.) (1)
benquistar	benquistado	benquisto
botar (= perder o gume)	botado	bôto (2)
cativar	cativado	cativo (subst. e adj.)
cegar	cegado	cego (subst. e adj.)
circuncidar	circuncidado	circunciso (subst.)
completar	completado	completo
confessar	confessado	confesso (subst. e adj.)
concretar	concretado	concreto (subst. e adj.)
contraditar	contraditado	contradito
crucificar	crucificado	crucifixo (subst.)
cultivar	cultivado	culto (subst. e adj.)(3)
curvar	curvado	curvo
descalçar	descalçado	descalço
despertar	despertado	desperto
entortar	entortado	torto
estreitar	estreitado	estreito (subst. e adj.)
estremar	estremado	estremo (subst. e adj.) estreme (adj.)

(21) É também part. irreg. de *expulsar*.
(22) Não se confunda *exprimido*, do v. *exprimir*, com *espremido*, do v. *espremer*; êste segundo verbo não possui particípio irregular.
(23) O *u* é insonoro: exting*h*ir, exting*h*ido etc.
(24) Particípio irregular de *frigir* e de *fritar*.
(1) V. notas 3 e 4 do § anterior.
(2) Pronuncia-se *bôto:* A espada está *bôta*.
(3) Não se vá confundir *culto* (ilustrado, civilizado) com *curto* (minguado, pequeno): Inteligência *culta* — Inteligência *curta*.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
excetuar	excetuado	exceto (prepos.) (4)
excusar	excusado	excuso
exentar	exentado	exento (5)
falhar	falhado	falho
faltar	faltado	falto
infeccionar	infeccionado	infecto
infetar	infetado	infecto
inficionar	inficionado	infecto
infestar	infestado	infesto
inquietar	inquietado	inquieto
interditar	interditado	interdito (subst. e adj.)
libertar	libertado	liberto (subst. e adj.)
livrar	livrado	livre
malquistar	malquistado	malquisto
manifestar	manifestado	manifesto (subst. e adj.)
molestar	molestado	molesto
murchar	murchado	murcho
professar	professado	professo (subst. e adj.)
quedar	quedado	quêdo
quitar	quitado	quite (6)
raptar	raptado	rapto (subst.)
rejeitar	rejeitado	rejeito (subst. antiq.)
sepultar	sepultado	sepulto
situar	situado	sito
suspeitar	suspeitado	suspeito
suxar (7)	suxado	suxo

2.ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
absolver	absolvido	absolto; absoluto (subst. e adj.)
absorver (8)	absorvido	absorto
agradecer	agradecido	grato
atender	atendido	atento
convencer	convencido	convicto
converter	convertido	converso
corromper	corrompido	corrupto
cozer	cozido	cozeito; coito (9)
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
devolver	devolvido	devoluto
dissolver	dissolvido	dissoluto

(4) O particípio irregular *exceto* só é usado como preposição: "*Exceto* o filho menor, todos os outros são indolentes" (Escreva *excetuar*, *excecional* etc., sem *p*).

(5) Presta-se também para part. irreg. de *eximir*. Existem as formas divergentes *isentar*, *isentado* e *isento*.

(6) *Quite* é forma que se emprega no singular: "Estou *quite*". *Quites*, com *s*, só se emprega no plural: "Estamos *quites*".

(7) Êste verbo é antiquado; o *x* tem som chiante, como em *xarope*; significa *afrouxar*, *desapertar*: "*Suxando* a corda que estava atada".

(8) Não se vá confundir êste verbo, em que entra *r* — absorver — com o de cima absolver.

(9) *Cozeito* é hoje inteiramente desusado, como também já não se usam as formas *recoito* (do verbo *recozer*), *colheito* (do verbo *colhêr*), *escolheito* (do verbo *escolher*) e *tolheito* (do verbo *tolher*).

Coito aparece em *biscoito* (cozido duas vêzes).

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
esconder	escondido	escuso esconso (10)
estender	estendido	extenso
interromper	interrompido	interrupto
nascer	nascido	nato nado
pender	pendido	penso
perverter	pervertido	perverso
propender	propendido	propenso
querer	querido	quisto (11)
refranger	refrangido	refrato
remover	removido	remoto
repreender	repreendido	repreenso
resolver	resolvido	resoluto
retorcer	retorcido	retorto
revolver	revolvido	revôlto
romper	rompido	rôto
solver	solvido	soluto
submeter	submetido	submisso
subtender (12)	subtendido	subtenso
surpreender	surpreendido	surprêso
tanger	tangido	tato (subst.)
tender	tendido (13)	tenso
torcer	torcido	torto

3.ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
abstrair	abstraído	abstrato
adstringir	adstringido (não usado)	adstrito
afligir	afligido	aflito (subst. e adj.)
assumir	assumido	assunto (subst. e adj.)
cingir	cingido	cinto (subst.)
coagir	coagido	coacto
coligir	coligido	coleto
compelir	compelido	compulso
comprimir	comprimido	compresso
concluir	concluído	concluso (14)
confundir	confundido	confuso
constringir	constringido	constrito
contrair	contraído	contrato (subst. e adj.)
contundir	contundido	contuso (15)
convelir	convelido	convulso

---

(10) *Esconso* é usado como subst. e significa compartimento aproveitado nos desvãos inclinados do teto ou do telhado. Como adjetiv (na significação de *escondido, oculto*) é hoje desusado, aparecendo na locução adv rbial *a esconsa*, que significa *ocultamente*.

(11) Usados só nos compostos *benquisto* e *malquisto*.

(12) Não se confunda *subtender* (= estender por baixo) com *subentender* (= admitir, supor mentalmente).

(13) Bandeiras *tendidas* = desf ldadas; ver a olhos *tendidos* = esforçar a vista, à maneira dos míopes, para ver objetos longínquos.

(14) Forma usada sòmente em linguagem forense: Processo *concluso* = que subiu à presença do magistrado para despachar ou sentenciar.

(15) Ferida *contusa* = acompanhada de contusão.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
corrigir	corrigido	correto [16]
difundir	difundido	difuso
dirigir	dirigido	direto
distinguir	distinguido [17]	distinto
dividir	dividido	diviso [18]
excluir	excluído	excluso
eximir	eximido	exento [19]
extrair	extraído	extrato (subst.)
fingir	fingido	ficto
haurir	haurido	hausto (subst.)
iludir	iludido	iluso
incluir	incluído	incluso
infundir	infundido	infuso
insurgir	insurgido	insurreto
obtundir	obtundido	obtuso
omitir	omitido	omisso
oprimir	oprimido	opresso
possuir	possuído	possesso (subst. e adj.)
recluir	recluído	recluso
remitir	remitido	remisso
repelir	repelido	repulso
restringir	restringido	restrito
ressurgir	ressurgido	ressurrecto
suprimir	suprimido	supresso

498 — NOTAS FINAIS: 1.ª — *Escorreito:* Apesar de João Ribeiro e outros gramáticos darem *escorreito* como forma participial irregular de *escorrer*, julgo de mais acêrto considerá-lo filiado ao baixo latim *excorrectum*, part. pass. de *excorrigere*, que significa *corrigir*, sendo o ex prefixo aumentativo, reforçativo.

Compreende-se mais, assim, a razão de frases como: "Rapaz *escorreito*" (bem apessoado) — "Linguagem *escorreita*" (apurada, correta).

2.ª — O verbo *ter* e seus compostos *conter*, *deter*, *manter* e *reter* possuíam antigamente as formas participiais em *udo: teúdo* (pronuncia-se *te-ú-do*), *conteúdo* (hoje usado como substantivo), *deteúdo*, *manteúdo* e *reteúdo*.

QUESTIONÁRIO

1 — Que são *verbos abundantes?*

2 — Que são verbos de *particípios duplos?* Quais as diferenças entre o particípio irregular e o regular? Responda com exemplos.

3 — Faça 6 sentenças com particípios regulares de quaisquer verbos (empregando dois de cada conjugação) e outras 6 com particípios irregulares dos mesmos verbos.

(16) *Correto* não conservou a significação de *corrigir; correto* significa *sem defeitos*. Uma lição pode estar *correta* e não ter sido ainda *corrigida*. Vice-versa, pode estar *corrigida* e não estar *correta*.

(17) Neste verbo, como nos derivados, o *u* é insonoro: *distinghido*, *distinghir*, *distinghível* etc.

(18) *Diviso*, que significa *que se dividiu*, é forma pouco usada.

(19) V. nota 3 dêste mesmo §.

4 — No enumerar os verbos de particípios duplos, dividi-os em dois grupos. Explique a razão disso (Veja bem o que está escrito com lêtras maiúsculas no cabeçalho do segundo grupo — § 497 — e o que digo no início do § 496).
5 — Como se pronunciam os verbos *extinguir* e *distinguir?*
6 — *Expresso* é particípio irregular de dois verbos; quais são?
7 — *Bôto* é particípio de que verbo? Que significa?
8 — *Emergir* e *imergir* significam a mesma coisa? Explique a resposta.
9 — "Lição *corrigida*" e "Lição *correta*" significam a mesma coisa? Explique a resposta.

Capítulo XXXIV

VERBO

QUANTO À SIGNIFICAÇÃO

502 — A divisão do verbo quanto à significação constitui estudo de pouca importância, comparada com as divisões, já estudadas, quanto à predicação, quanto à voz e quanto à conjugação.

503 — Certos verbos, ao mesmo tempo que exprimem a ação, encerram idéias acessórias da ação, idéias que podem indicar *aumento*, *diminuição*, *freqüência*, *princípio* e *imitação* do ato expresso pelo verbo.

Obtêm-se, dessa forma, cinco espécies de verbos:

a) verbos *aumentativos*
b) verbos *diminutivos*
c) verbos *freqüentativos* (ou *iterativos*)
d) verbos *incoativos*
e) verbos *imitativos* (ou *onomatopaicos*)

504 — Verbos AUMENTATIVOS: São aumentativos os verbos que têm significação encarecida ou exagerada para mais; êsse encarecimento é indicado ora pela terminação ou sufixo, ora por meio dos prefixos *re*, *tres* e *des* [1]:

Significação positiva	*Significação aumentativa*
atenazar	atenazear
berrar	berregar
bombardear	esbombardear
bramar	rebramar
bravejar	esbravejar
cantar	descantar
contar	recontar
cuidar	recuidar
crescer	recrescer
esmurrar	esmurraçar
espalhar	espalhagar
estrondar	estrondear
fugir	refugir

Significação positiva	*Significação aumentativa*
ganir	esganiçar-se
inquietar	desinquietar
jurar	tresjurar
mexer	{ mexelhar remexer
perder	esperdiçar
picar	espicaçar
pousar	repousar
queimar	requeimar
soar	ressoar
suar	tressuar
talhar	retalhar
torcer	retorcer

(1) O estudo dos prefixos e dos sufixos será brevemente feito na *Etimologia*.

505 — Verbos DIMINUTIVOS: São diminutivos os verbos que têm a significação encarecida ou exagerada para menos, como os que se vêm abaixo:

Significação positiva	*Significação diminutiva*	*Significação positiva*	*Significação diminutiva*
adoçar	adocicar	ferver	fervilhar
beber	bebericar	lamber	lambiscar
	beberricar	namorar	namoricar
chupar	chupitar		namoriscar
cuspir	cuspinhar	piar	pipitar
depenar	depenicar		pipilar
dormir	dormitar	saltar	saltitar
escorrer	escorropichar [1]		saltarinhar
esparramar	esparrinhar		saltarilhar
escrever	escrevinhar	tremer	tremelicar

506 — Verbos FREQÜENTATIVOS: Denominam-se freqüentativos ou iterativos os verbos que indicam ação freqüente ou reiterada. Além das locuções verbais com *andar*, *estar* e o *gerúndio* (§ 517), existem formas sintéticas de verbos freqüentativos simples, derivados de nomes e de verbos, com as terminações *ejar*, *car*, *itar*, *inhar*, *icar:*

Nomes ou verbos	*Verbos freqüentativos*	*Nomes ou verbos*	*Verbos freqüentativos*
alma	almejar	estalar	estalejar
badalar	badalejar	exercer	exercitar
balançar	balancear	gemer	gemicar
bôca	bocejar		gemelhicar
	boquejar	mancar	manquejar
	boquear	palma	palmejar
bomba	bombardear		palmear
bordo	bordejar	passar	passear
bravo	bravejar	pé (pisar)	espezinhar
cabeça	cabecear	pestana	pestanejar
coice	escoicear	rumor	rumorejar
	escoicinhar	saltar	saltear
chorar	choramingar	tornar	tornear
cravar	cravejar	voltar	voltejar
doido	doidejar		voltear
espanar	espanejar		

Nota — A idéia freqüentativa é, não raro, reforçada pela forma perifrástica; exs.: "O navio *anda bordejando*" — "Ele *andava espezinhando* e *escoicinhando* a vida alheia". São essas expressões duplamente freqüentativas.

507 — Verbos INCOATIVOS: Incoativos denominam-se os verbos que indicam comêço de ação (lat. *inchoare* = começar). Além das formas perifrásticas com *ir*, *vir* e o *gerúndio* (§ 518), existem formas

(1) *Escarrapachar* (abrir muito as pernas), *escarrapichar-se* (proferir as palavras com meticulosidade) e *escorropichar* (beber até a última gôta) são formas que não devem ser confundidas.

sintéticas terminadas em *ecer* ou *escer*, derivadas de substantivos ou de adjetivos. Muitos dêstes verbos têm a forma freqüentativa:

Nomes	*Forma freqüentativa*	*Forma incoativa*
alvo	alvejar	alvorecer
amarelo	amarelar	amarelecer
bravo	esbravejar	embravecer
claro	clarear	esclarecer
doido	doidejar	endoidecer
flor	florear	florescer
maduro	madurar	amadurecer
murcho	murchar	emurchecer
raiva	(raivar)	enraivecer
velho	avelhentar	envelhecer

Nota — Tal qual se passa com o verbo freqüentativo, o verbo incoativo pode também ser reforçado pela forma perifrástica: Os campos *vão florescendo* — O mar *vai embravecendo*.

508 — Verbos IMITATIVOS: Imitativos ou onomatopaicos são verbos derivados, que expressam a ação própria dos substantivos de que derivam:

Substantivo	*V. imitativo*	*Substantivo*	*V. imitativo*
balança	balançar, balancear	mouro	mourejar
bigode	bigodear	pai	patrissar
cabra	cabrejar	papagaio	papaguear, papagaiar
caçapo (= coelho)	acaçapar	parra	esparralhar
cão	encaniçar-se	pato	patinhar
caranguejo	caranguejar	pátria	patrizar
corvo	corvejar	pavão	pavonear
gato	engatinhar	pritiga	empritigar, empertigar-se
gralha	gralhar	serpente	serpentear
grego	grecizar	Tântalo	tantalizar
grilo	engrilar	vespa (bespa)	abespinhar-se
judeu	judear, judaizar		
latim	latinizar		

Nota — É excessivamente rica a língua portuguêsa em verbos imitativos ou onomatopaicos, devendo nessa classe entrar os que imitam os sons das coisas e as vozes dos animais: *estrondar*, *sibilar*, *roncar*, *gaguejar*, *chiar*, *mugir*, *latir*, *miar*. Por vozes de animais compreende-se tanto o som articulado quanto o barulho que o animal faz no voar, no andar, no comer etc. São vozes, enfim, onomatopaicas que, por reproduzirem sons nem sempre iguais, motivam muitas vêzes uma infinidade de formas, parecidas ou não, conforme ou o animal ou o ouvido de quem o escuta; o cão, por exemplo, ora *cuinca*, ora *late*, ora *acua*; outras vêzes *rosna*, *uiva*, *ronco*, quando não *ulula*, *gane*, *esganiça* etc.

Abelha — azoinar, sussurrar, zinir, ziziar, zoar, zonzonear, zuir, zunzum, zumbar, zumbir, zumbrar, zunir, zunzar, zunzilular, zunzunar.

Andorinha — chilido, chilidar, gazear, grinfar, trinfar, trissar, zinzilular.
Anhuma — cantar, gritar.
Anta — assobiar.
Araponga — golpe, golpear, gritar, martelar, retinir, serrar, tinir.
Arara — palrar, grasnar.
Auroque — berrar.
Bacurau — gemer, piar.
Beija-flor — trissar.
Bisão — berrar.
Bode — berrar, bodejar, gaguejar.
Boi — arruar, berrar, bramar, mugir.
Búfalo — bramar, berrar.
Burro — azurrar, ornear, ornejar, rebusnar, zornar, zunar, zurrar.
Caboré — piar, rir.
Cabra — badalar, balido, berrar, berregar.
Calhandra — o m. q. *andorinha.*
Camelo — blaterar.
Cão — acuar, aulido, balsar, cainhar, cuincar, esganiçar, ganir, ganizar, ladrar, ladrido, latir, maticar, roncar, ronronar, rosnar, uivar, ulular.
Caracará — grasnir.
Carneiro — berrar.
Cavalo — bufar, bufido, nitrido, nitrir, relinchar, rifar, rinchar.
Cegonha — gloterar.
Chacal — regougar.
Cigarra — cantar, canto, chiar, chichiar, chio, estridular, fretenir, rechiar, rechinar, retinir, zinir, ziziar, zunir.
Cisne — arensar.
Cobra — assobiar, chocalhar, sibilar, sibitar, silvar.
Condor — crocitar.
Cordeiro — berregar.
Coruja — chirrear, corujar, crocitar, crujar, piar, rir.
Corvo — corvejar, crás-crás, crocitar, grasnar, chem-chem, crasnar.
Cotia — gargalhar, bufar.
Crocodilo — bramir.
Cuco — cucular, cuar.
Curiango — gemer, lastimar.
Dromedário — blaterar.
Elefante — barrir.
Ema — suspirar.
Estorninho — pissitar.
Gafanhoto — zic-zic.
Gaio — gralhar, grasnar.
Gaivota — pipilar, grasnar.
Galinha — cacarecar, cacarejar, cacarejo, carcarear, carcarejar.
Galinha de Angola — fraquejar, estou-fraco.
Galo — cantar, clarinar, cocoriar, cocoricar, cucuricar, cucuritar, galicanto, galicínio.
Ganso — gritar, grasnar.
Garça — gazear.
Gato — bufar, miar, resmunear, resmungar, roncar, ronrom, ronronar, rosnear, rosnar.
Gaturamo — gemer, tritinar.
Gavião — guinchar.
Gralha — crocitar, gralhar, gralhear, grasnar.
Grilo — chirrear, cricilar, cri-cri, cricrilar, estridular, guizalhar, trilar.
Grou — guir, groir, gruir.
Hiena — gargalhar, gargalhear, gargalhadear.
Iaque — berrar.

Insetos — chiar, chirrear, estridular, sibilar, silvar, zinir, ziziar, zoar, zumbir, zunir, zunitar.
Javali — arruar, cuinchar, cuinhar, grunhir, roncar, rosnar.
Jia — coaxar.
Jumento — o m. q. *burro*.
Juriti — soluçar.
Leão — bramar, bramir, fremir, rugir, urrar.
Lebre — assobiar, guinchar.
Leitão — bacorejar, coinchar, cuinchar.
Lôbo — ladrar, uivar, ulular.
Macaco — assobiar, guinchar, roncar.
Macuco — piar, chororocar.
Milheira — tinir.
Môcho — o m. q. *coruja*.
Morcêgo — trissar.
Môsca — o m. q. *abelha*.
Onça — esturro, esturrar, miar, rugir, urrar.
Ovelha — badalar, balar, balir, berrar, berregar, balido.
Papagaio — chalrar, falar, grazinar, palrar, palrear, taramelar, tartarear.
Passarinhos — apitar, assobiar, cantar, canto, chalrear, chiar, chichiar, chilro, chilrar, chilrear, chirrear, dobrar, estribilhar, galrar, galrear, galrejar, garrir, garrular, gazear, gazeio, gazilar, gorjear, gorjeio, grazinar, grazinhar, gritar, modulação, modular, papiar, palrar, piar, pipiar, pipitar, pitar, ralhar, redobrar, regorjear, requebrar, soar, suspirar, taralhar, tintinir, tintinar, tintlar, tintilar, trilar, trilo, trinar, trino, trinolejar, tritrilar, tritrinar, ulular, vozear.
Paca — assobiar.
Pato — grasnar, grassitar, grossitar.
Pavão — pupilar.
Pêga — palrar.
Perdiz — piar.
Peixe — roncar.
Picapau — restridular.
Peru — bufar, glu-glu, glugluejar, gorgolejar, grugrulejar, grugrulhar, grulhar.
Pinto — piar, pipiar.
Pombo — arrolar, arrular, arrulhar, gemer, suspirar, turturejar, turturinar, volar.
Porco — o m. q. *jvali*, mais *gritar*.
Rã — coaxar, engrolar, gasnir, grasnar, malhar, rouquejar.
Rapôsa — regougar, roncar.
Rato — chiar, chichiar, guinchar.
Rôla — o m. q. *pombo*.
Rouxinol — cantar, tinar.
Sapo — o m. q. *rã*.
Saracura — apitar.
Seriema — cacarejar, aflautar.
Sucuri — roncar.
Tamanduá — bufar, roncar.
Tapir — V. *anta*.
Taralhão — pistar.
Tatu — choramingar.
Tico-tico — tinir.
Tigre — o m. q. *leão*.
Tordo — trucilar.
Touro — berrar, bramir, bufar, gaitear, mugir, soluçar, urrar.
Urso — o m. q. *leão*.

Uru — arpejar.
Urubu — o m. q. *corvo*.
Urutau — gargalhar, gemer, lastimar, regougar.
Veado — bramar, berrar, gemer, rebramar.

509 — NOTA FINAL: Dada a exuberância derivativa de nossa língua, nem sempre se podem traçar limites rigorosos entre os verbos *aumentativos*, *diminutivos*, *freqüentativos*, *incoativos* e *imitativos*.

QUESTIONÁRIO

1 — Que compreende por "estudo do verbo quanto à significação"?
2 — Estudados quanto à significação, como se dividem os verbos?
3 — Há diferença entre *inquieto* e *desinquieto*? Explique a resposta.
4 — Há diferença entre *lamber* e *lambiscar*? Explique a resposta e dê outros exemplos.
5 — Quanto à significação, que diz do verbo *bordejar*? Cite outros exemplos.
6 — Que diz de verbos como *alvorecer*, *florescer*, *envelhecer*? Cite outros exemplos.
7 — Que são *verbos onomatopaicos*?
8 — Que entende por *vozes dos animais*?
9 — ESCREVA UMA CARTA, contando notícias várias (Tratamento *você* — Tamanho de *uma* página).

CAPÍTULO XXXV

LOCUÇÃO VERBAL

513 — Já várias vêzes falamos em *locução verbal* ou em *conjugação perifrástica*. Vejamos o que vem a ser isso.

Se um ente pode ser expresso por mais de um nome ("Casa do Estudante" — "Estrada de Ferro Sorocabana" — "João de Almeida e Silva"), constituindo assim uma locução substantiva, se também um adjetivo pode constituir-se de mais de uma palavra, obtendo-se dessa forma uma locução adjetiva, pode igualmente uma ação ser expressa por mais de um verbo, daí resultando a *locução verbal*, ou, por outras palavras, expressa-se a ação por meio de uma frase, por meio de uma *locução*, por meio de dois ou mais verbos.

Sempre que tal acontece, o último dos verbos é que expressa a verdadeira ação, a ação que se quer manifestar, e o outro (ou os outros, quando a locução é constituída de mais de dois verbos) indica o modo, o tempo, a pessoa ou, numa palavra, a *idéia acessória* da ação.

Na sentença: "Podemos escrever" — a ação é expressa por uma locução, isto é, por dois verbos, dos quais o segundo — *escrever* — indica a verdadeira ação que se quer expressar, e o primeiro — *podemos* — indica uma idéia acessória, a idéia de *poder*, ao mesmo tempo que denota o modo e o tempo da ação verbal e a pessoa e o número do sujeito.

Se dissermos: "Deverão ter passado" — "Podíamos ter sido reprovados" — empregaremos locuções verbais com mais de dois verbos, mas a idéia principal será sempre expressa pelo último, indicando os outros a idéia ou idéias acessórias.

Tais circunlóquios dão motivo a uma **locução verbal**: *estou estudando*, *estás estudando*, *está estudando* etc.; *devia ter sido reprovado*, *devias ter sido reprovado* etc.

514 — Além das locuções verbais constituídas pelas formas compostas de certos tempos, quatro tipos principais de locuções verbais podemos obter:

1 — Locuções verbais que indicam **passividade.**
2 — Locuções verbais que indicam **linguagem projetada.**
3 — Locuções verbais que indicam **continuidade,** *freqüência* **ou** *reiteração* de ação.
4 — Locuções verbais que indicam **começo** ou *desenvolvimento gradual* de ação.

PASSIVIDADE

515 — A voz passiva dos verbos, quando feita pelo primeiro processo (§ 391), é sempre expressa por meio de uma locução verbal:

INDICATIVO

Presente

SING.	Eu	sou	(estou)	pago	PLUR.	Nós	somos	(estamos)	pagos
	Tu	és	(estás)	pago		Vós	sois	(estais)	pagos
	Êle	é	(está)	pago		Êles	são	(estão)	pagos

Pretérito imperfeito

SING.	Eu	era	(estava)	pago	PLUR.	Nós	éramos	(estávamos)	pagos
	Tu	eras	(estavas)	pago		Vós	éreis	(estáveis)	pagos
	Êle	era	(estava)	pago		Êles	eram	(estavam)	pagos

Pretérito perfeito

SING.	Eu	fui	(estive)	pago	PLUR.	Nós	fomos	(estivemos)	pagos
	Tu	fôste	(estiveste)	pago		Vós	fôstes	(estivestes)	pagos
	Êle	foi	(estêve)	pago		Êles	foram	(estiveram)	pagos

Pretérito perfeito composto

SING.	Eu	tenho	(hei)	sido	(estado)	pago
	Tu	tens	(hás)	sido	(estado)	pago
	Êle	tem	(há)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	temos	(havemos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tendes	(haveis)	sido	(estado)	pagos
	Êles	têm	(hão)	sido	(estado)	pagos

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu	fôra	(estivera)	pago	PLUR.	Nós	fôramos	(estivéramos)	pagos
	Tu	fôras	(estiveras)	pago		Vós	fôreis	(estivéreis)	pagos
	Êle	fôra	(estivera)	pago		Êles	foram	(estiveram)	pagos

Mais-que-perfeito composto

SING.	Eu	tinha	(havia)	sido	(estado)	pago
	Tu	tinhas	(havias)	sido	(estado)	pago
	Êle	tinha	(havia)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	tínhamos	(havíamos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tínheis	(havíeis)	sido	(estado)	pagos
	Êles	tinham	(haviam)	sido	(estado)	pagos

Futuro do presente

SING.	Eu	serei	(estarei)	pago	PLUR.	Nós	seremos	(estaremos)	pagos
	Tu	serás	(estarás)	pago		Vós	sereis	(estareis)	pagos
	Êle	será	(estará)	pago		Êles	serão	(estarão)	pagos

Futuro do presente composto

SING.	Eu	terei	(haverei)	sido	(estado)	pago
	Tu	terás	(haverás)	sido	(estado)	pago
	Êle	terá	(haverá)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	teremos	(haveremos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tereis	(havereis)	sido	(estado)	pagos
	Êles	terão	(haverão)	sido	(estado)	pagos

Futuro do pretérito

SING.	Eu	seria	(estaria)	pago	PLUR.	Nós	seríamos	(estaríamos)	pagos
	Tu	serias	(estarias)	pago		Vós	seríeis	(estaríeis)	pagos
	Êle	seria	(estaria)	pago		Êles	seriam	(estariam)	pagos

Futuro do pretérito composto

SING.	Eu	teria	(haveria)	sido	(estado)	pago
	Tu	terias	(haverias)	sido	(estado)	pago
	Êle	teria	(haveria)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	teríamos	(haveríamos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	teríeis	(haveríeis)	sido	(estado)	pagos
	Êles	teriam	(haveriam)	sido	(estado)	pagos

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu seja	(esteja)	pago	PLUR.	Que nós sejamos	(estejamos)	pagos
	Que tu sejas	(estejas)	pago		Que vós sejais	(estejais)	pagos
	Que êle seja	(esteja)	pago		Que êles sejam	(estejam)	pagos

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu fôsse	(estivesse)	pago	PLUR.	Se nós fôssemos	(estivéssemos)	pagos
	Se tu fôsses	(estivesses)	pago		Se vós fôsseis	(estivésseis)	pagos
	Se êle fôsse	(estivesse)	pago		Se êles fôssem	(estivessem)	pagos

Pretérito perfeito (Composto)

SING.	Que eu	tenha	(haja)	sido	(estado)	pago
	Que tu	tenhas	(hajas)	sido	(estado)	pago
	Que êle	tenha	(haja)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Que nós	tenhamos	(hajamos)	sido	(estedo)	pagos
	Que vós	tenhais	(hajais)	sido	(estado)	pagos
	Que êles	tenham	(hajam)	sido	(estado)	pagos

Mais-que-perfeito (Composto)

SING.	Se eu	tivesse	(houvesse)	sido	(estado)	pago
	Se tu	tivesses	(houvesses)	sido	(estado)	pago
	Se êle	tivesse	(houvesse)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Se nós	tivéssemos	(houvéssemos)	sido	(estado)	pagos
	Se vós	tivésseis	(houvésseis)	sido	(estado)	pagos
	Se êles	tivessem	(houvessem)	sido	(estado)	pagos

Futuro

SING.	Quando eu	fôr	(estiver)	pago
	Quando tu	fores	(estiveres)	pago
	Quando êle	fôr	(estiver)	pago
PLUR.	Quando nós	formos	(estivermos)	pagos
	Quando vós	fordes	(estiverdes)	pagos
	Quando êles	forem	(estiverem)	pagos

Futuro composto

SING.	Quando eu	tiver	(houver)	sido	(estado)	pago
	Quando tu	tiveres	(houveres)	sido	(estado)	pago
	Quando êle	tiver	(houver)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Quando nós	tivermos	(houvermos)	sido	(estado)	pagos
	Quando vós	tiverdes	(houverdes)	sido	(estado)	pagos
	Quando êles	tiverem	(houverem)	sido	(estado)	pagos

IMPERATIVO

SING. Sê pago

PLUR. Sêde pagos

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

Ser (estar) pago

Infinitivo pessoal

SING.	Por ser	(estar)	eu	pago
	Por sêres	(estares)	tu	pago
	Por ser	(estar)	êle	pago
PLUR.	Por sermos	(estarmos)	nós	pagos
	Por serdes	(estardes)	vós	pagos
	Por serem	(estarem)	êles	pagos

Infinitivo pretérito impessoal

Ter (haver) sido (estado) pago

Infinitivo pretérito pessoal

SING.	Por ter	(haver)	eu	sido	(estado)	pago
	Por teres	(haveres)	tu	sido	(estado)	pago
	Por ter	(haver)	êle	sido	(estado)	pago
PLUR.	Por têrmos	(havermos)	nós	sido	(estado)	pagos
	Por terdes	(haverdes)	vós	sido	(estado)	pagos
	Por terem	(haverem)	êles	sido	(estado)	pagos

Gerúndio

Sendo pago

Particípio

Pago

Particípio composto

Tendo (havendo) sido (estado) pago

Nota — V. § 430.

LINGUAGEM PROJETADA

516 — Consiste a *linguagem projetada* numa locução verbal formada pelos auxiliares *ter* e *haver* e o infinitivo impessoal de outro verbo, antecedido da preposição *de*. Temos já disso completo conhecimento pelo que ficou dito no § 432.

Tais expressões verbais se conjugam em todos os tempos, modos e pessoas da voz ativa e da passiva, notando-se que a passiva é formada mediante junção, aos auxiliares, do infinitivo do verbo *ser* mais o particípio do verbo que se quer conjugar:

Tenho (hei) de ser pago, tens (hás) de ser pago, tem (há) de ser pago, temos (havemos) de ser pagos etc.

Nota — Incluem-se ainda neste tipo locuções verbais como *vou louvar*, *estou para louvar*, *devo louvar* etc.

Deverá o aluno reler, neste ponto, o que ficou dito na nota do § 432, na qual está explicada a diferença entre *ter de* e *ter que*.

CONTINUIDADE DE AÇÃO

517 — Há um tipo de locução verbal, constituído dos verbos *estar* ou *andar*, mais outro verbo qualquer no *gerúndio*, ou no infinitivo impessoal precedido da preposição *a*, que dá à expressão idéia de ação freqüentativa, continuada, reiterada:

Os pintos *estão a picar* a casca — O trem *está a partir* — As crianças *andam dizendo* nomes feios — Êle *está estudando*.

Em tôdas essas sentenças empregaram-se locuções verbais que denotam continuidade da ação de *picar*, de *partir*, de *dizer*, de *estudar*.

Nota — Recorde-se o que se disse no § 427, obs. 2, e V. o § 506.

DESENVOLVIMENTO GRADUAL DE AÇÃO

518 — O último tipo das locuções verbais ou verbos perifrásticos ou, ainda, locuções perifrásticas é constituído de locuções em que entra o verbo *ir* ou o verbo *vir* junto a gerúndio de qualquer verbo, para exprimir começo ou desenvolvimento gradual de ação: O trem *vai saindo*, eu *venho observando* o progresso de todos os meus alunos, êle *vem vindo*, eu *vou indo*.

QUESTIONARIO

1 — Que é *locução verbal*?
2 — Quantos tipos há de locuções verbais? Discrimine, explique e exemplifique cada um dêles.
3 — Releu a nota do § 432? Há, ainda, alguma dúvida sôbre o assunto? Caso não haja, discorra sôbre êle, elucidando a explicação com exemplos.

Capítulo XXXVI

ADVÉRBIO

522 — **Advérbio** é tôda a palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.

523 — Sob três aspetos podemos considerar o advérbio:

a) quanto à *circunstância*
b) quanto à *função*
c) quanto à *forma*

524 — Quanto à **circunstância:** Considerar um advérbio quanto à circunstância é considerá-lo quanto à idéia que encerra: se um advérbio indica *lugar* (*aqui, ali, lá*), outro indica *tempo* (*hoje, amanhã, sempre*) havendo outros que encerram outras idéias, outras circunstâncias.

Assim considerados, os advérbios classificam-se em advérbios de:

lugar *negação* *intensidade*
tempo *dúvida* *afirmação*
modo

525 — **LUGAR:**

abaixo, acima [1] além, aquém [3]
adentro, afora algures, alhures, nenhures [4]
adiante, atrás [2] aqui, aí, ali [5]

---

(1) Com elegância, êsses advérbios vêm às vêzes pospostos a substantivos: *rio abaixo, rua acima.*

(2) *Atrás* deve ser escrito com *s* (do lat. ad + trans).

(3) *Além* significa *da parte de lá; aquém* significa *da parte de cá:* Ir *além; ficar muito aquém.*

Aquém de e *além de* são locuções prepositivas.

O prefixo *cis* equivale a *aquém:* Gália *cisalpina* (de aquém dos Alpes) e o prefixo *trans* equivale a *além:* Gália *transalpina* (de além dos Alpes). Com elegância pospõem-se às vêzes os advérbios *aquém* e *além* a substantivos: Mar *além,* rio *aquém.*

(4) Sôbre êsses advérbios, veja o § 354, nota 3.

(5) *Aqui, aí* e *ali* são advérbios demonstrativos de lugar, relacionando-se *aqui* com a 1.ª pessoa (neste lugar), *aí* com a 2.ª (nesse lugar) e *ali* com a 3.ª (naquele lugar).

Não devemos esquecer-nos de que *aqui* corresponde ao demonstrativo *êste, aí* a *êsse, ali* e *lá* a *aquêle.* Não se deve dizer: "Estive em Paris e vi *lá* muitas coisas";

arriba, avante
cá, lá, acolá (6)
defronte, detrás
dentro, fora
encima, embaixo
junto
longe, perto (7)
onde, aonde (8)
exteriormente, interiormente, lateralmente (e outros terminados em *mente*)

526 — TEMPO:

agora, ora (1)
ainda (inda) (2)

---

o certo é "...vi *aí*", porquanto o advérbio não se relaciona com a distância geográfica da cidade visitada, mas com uma palavra já citada, tal qual foi estudado na nota 2 do § 341: vi *aí* = vi *nesse* lugar (e não: vi *naquele* lugar).

(6) *Cá* corresponde também à 1.ª pessoa: "Vem *cá*" (= aqui). É às vêzes usado enfàticamente: "Eu *cá* me entendo".

Lá e *acolá* correspondem ainda à 3.ª pessoa e indicam maior afastamento do que *ali*: "Digo a um: Vai *acolá*, e êle vai; e a outro: Vem *cá*, e êle vem".

Lá empresta às vêzes valor negativo à expressão: "Ali ficava eu muito tempo a cismar. Em quê? Eu sei *lá*".

(7) V. § 240, obs. 2.

(8) *Onde* pode ser advérbio relativo, com antecedente expresso ou latente; na frase: "A cidade *onde* nasci" — *cidade* é o antecedente expresso do advérbio relativo *onde*. Dizer: "Eu nasci *onde* tu nasceste" — equivale a dizer: "Eu nasci no *lugar onde* (= em *que* = pronome relativo) tu nasceste" — sendo *lugar* o antecedente implícito ou latente do advérbio *onde*.

O advérbio *onde* indica estada, permanência "em" um lugar: "Não sei *onde* (*em* que lugar) você o encontrou". O advérbio *aonde* indica movimento "para" um lugar: "Eu sei *aonde* (*para* que lugar) queres ir".

Não se pode empregar *aonde* nem *onde* em períodos cujos verbos se constroem diferentemente; é êrro dizer: "Vou *aonde* você está" — porquanto o verbo *estar* não admite a preposição *a*. O certo é: "Vou *ao lugar em que* você está" — ficando cada verbo com sua devida construção. Compare-se êste caso com o estudado com relação ao *quem*: § 379.

Quando liga orações, *onde* é conjunção:

orações ligadas pelo adv. relativo

Todos procuram saber **onde** êle está

adv. relativo

(1) *Agora* é forma derivada da locução latina *hac hora* (= nesta hora), e *ora* da palavra latina *hora*. Note-se que *hora*, com *h*, indica o período de tempo de 60 minutos, ao passo que *ora*, sem *h* (não obstante ter procedência igual à do *hora*), é advérbio, que não raro funciona como conjunção.

Também o advérbio *agora* funciona como conjunção, quando repetido:

> *Agora* lhe pergunta pelas gentes
> De tôda a Hispéria última, onde mora;
> *Agora* pelos povos seus vizinhos;
> *Agora* pelos úmidos caminhos.

(2) Como advérbio de tempo, *ainda* (que por aférese se pode escrever *inda*) significa *até agora*, *até então*: "*Ainda* vive".

Ainda funciona também como advérbio de modo: "*Ainda* assim não aceito".

antes, depois (3)
cedo, tarde
então (4)
entrementes, já (5)
nunca, jamais, logo
ontem, hoje, amanhã
outrora
quando (6)
sempre
primeiro, primeiramente, secundàriamente (e ainda outros em *mente:* atualmente, presentemente, diàriamente. . .)

---

(3) *Antes* e *depois* pospõem-se às vêzes, com elegância, a substantivos: *dias antes, dias depois.*

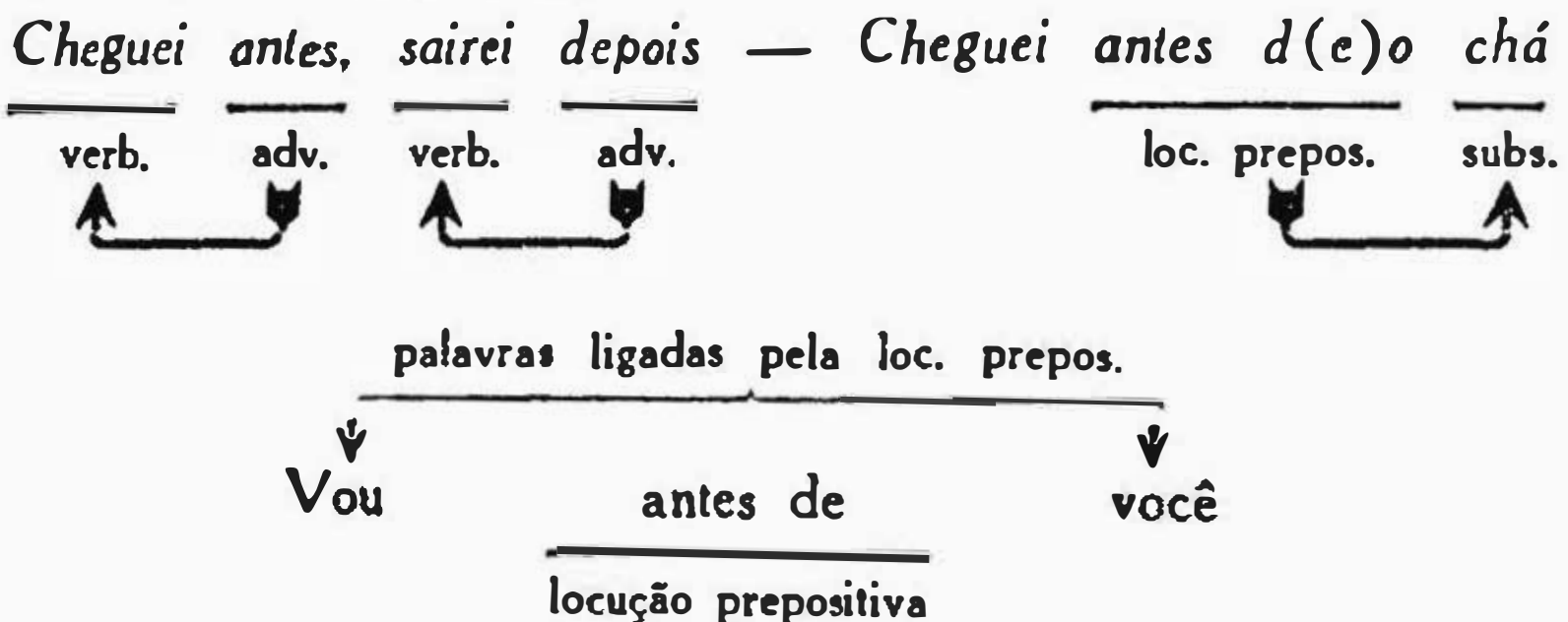
Não se confundam os advérbios *antes* e *depois* com as locuções prepositivas *antes de* e *depois de,* as quais regem substantivo ou palavra substantivada:

Cheguei *antes,* *sairei* *depois* — *Cheguei* *antes* *d(e)o* *chá*

verb. adv. verb. adv. loc. prepos. subs.

palavras ligadas pela loc. prepos.

Vou antes de você

locução prepositiva

(4) *Então* (= nesse tempo, nessa ocasião) pode denotar tempo passado (Vivia *então* a gente moderada) e tempo futuro ("Virão *então* os prantos que não consolam"). *Então* funciona também como interjeição, indicando ora espanto, admiração ("*Então,* é possível?"), ora animação: "*Então?* Seja homem!".

A locução interjetiva "com que então" significa *pelo que vejo, quer dizer que:* "Com *que então,* você quer mesmo ir-se embora?".

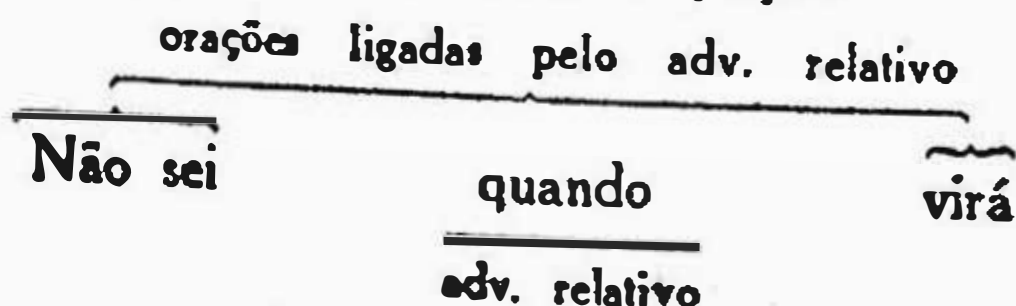
(5) Significa "entretanto", "durante êsse tempo", "enquanto isso sucede ou sucedia": "Conversavam todos na sala; *entrementes* (= enquanto isso se dava), Joãozinho peralteava no quintal" — "Voltavam os caçadores; um cão, *entrementes* (= nesse meio tempo), dá com o rasto do animal".

Condenado é o emprêgo de *mais* em orações temporais, quando substituível por *já:* "O doente *já* não respirava quando o médico chegou" (e não: "...não respirava *mais*") — "*Já* não há lei que os refreie" (e não: "Não há *mais* lei que os refreie"). Em "Não mais verei minha pátria", o *não* equivale a *nunca,* e o *mais* significa *um dia;* confronte-se, neste exemplo de Camões, o correto emprêgo do *já* e o não menos correto emprêgo do *mais:* "Se *já* não pões a tanta insânia freio, não esperes de mim daqui em diante que possa *mais* amar-te, mas temer-te".

(6) Advérbio que pode funcionar como conjunção:

orações ligadas pelo adv. relativo

Não sei quando virá

adv. relativo

527 — MODO:

acinte (1)	alerta (4)	bem, mal (7)
adrede (2)	apenas (5)	cerce (8)
ainda (3)	assim (6)	como (9)

---

(1) Significa *de propósito, deliberadamente:* "Atirou êle *acinte* com uma pedra a um galo". *Acinte* é também substantivo e indica propósito de fazer alguma coisa, procedimento consciente para oprimir uma pessoa: "O chefe assim procedeu sòmente por *acinte*".

(2) Origina-se do lat. *directe* e significa *de caso pensado, de propósito, para êsse fim:* "Em caminho, rezou o padre sua missa numas pedras *adrede* preparadas".
Note-se que o advérbio *adrede* (pronuncie "adrêde") costuma anteceder o verbo, que geralmente está no particípio: "Enviou tropas *adrede* exercitadas" — "Esperando estão todos a rainha, que na câmara *adrede* (= de caso pensado) se detinha".

(3) Veja a lista dos advérbios de tempo.

(4) *Alerta*, como advérbio, significa *atentamente*. Emprega-se também como adjetivo (= vigilante, atento): "Êles estavam *alertas*" — "Os editôres, sempre *alertas* diante de séries duvidosas...".
Alerta existe ainda como interjeição e como substantivo.

(5) Formado da preposição *a* mais *penas*, plural de *pena* (= padecimento, tristeza, significa etimològicamente *penosamente, com dificuldade:* "Êle *apenas* consegue articular os dedos".
Tem também a significação de *sòmente:* "*Apenas* levava na algibeira o dinheiro necessário para a jornada".

(6) É advérbio que entra em várias expressões: *Assim e assim* (nem muito nem pouco, nem bem nem mal), *como assim?* (locução adverbial interrogativa que denota espanto, admiração), *assim como assim* (= de qualquer modo, seja como fôr: "Eu, *assim como assim*, não nasci para sábio").

(7) **Mal** escreve-se com *l*, quando:
a) advérbio: dormi *mal*, *mal* feito;
b) equivaler a *apenas: mal* cheguei, êle saiu (= apenas cheguei, êle saiu) — § 588, n. 2;
c) substantivo: devemos evitar o *mal* (O plural é então *males*).

Mau escreve-se com *u*, quando adjetivo masculino: *mau* aluno, bicho *mau* (Tem então plural, *maus*, e feminino: *má, más*).
Melhor e *pior* servem de comparativos dos adjetivos *bom* e *mau* e dos advérbios *bem* e *mal*. Há quem invariàvelmente escreva: "*melhor* informado", "*melhor* acabado" etc.; não há razões para êsse tolo escrúpulo; pode-se perfeitamente dizer "*mais bem* informado", "*mais bem* acabado", podendo-se de igual maneira dizer "*mais mal* feito", "*mais mal* escrito" (e não: *pior* feito, *pior* escrito).

(8) Significa *rente, pela raiz:* "Cortar cerce".

(9) Pode ser advérbio (*Como* vai você?) e conjunção:

orações ligadas por *como*

Não sei *como* *êle passou*

depressa
rente
só (10)
também
devagar

Obs. — É o sufixo *mente* o único sufixo adverbial que possuímos em português; acrescenta-se, para formação de advérbios, aos adjetivos flexionados na forma feminina: *bondos(a)mente*, *caprichos(a)mente*, *precipitad(a)mente* etc. No entanto diz-se *portuguêsmente* e não *portuguêsamente*, porque a palavra *português*, como tôdas as que terminam em *es*, *or* e *ol*, era no velho português invariável em gênero: um homem *português*, uma mulher *português* (V. § 258, *n.* 1).

É êrro, portanto, dizer *apenasmente*; o sufixo só se acrescenta a adjetivos; *apenas* já é advérbio. Dizer *apenasmente* é o mesmo que dizer *derrepentemente*, ou seja, é dizer tudo, menos português.

A terminação *mente* dos advérbios de modo significa *maneira*, *modo*, e era antigamente considerada substantivo do gênero feminino, o que ainda hoje se vê na locução "de *boa mente*". Essa é a razão por que a terminação *mente* só se agrega à flexão feminina dos adjetivos, sendo essa, ainda, a razão por que se pode suprimir a terminação *mente* quando existe uma série de advérbios em *mente*, para só colocá-la no último: Êle estuda *calma*, *atenta* e *freqüenteMENTE* (= de *maneira* calma, atenta e freqüente). Só se repete a terminação no caso de ênfase: "Assassinou-a cruelmente, bàrbaramente, friamente". Repetir, sistemàticamente, o sufixo *mente*, em enumerações de advérbios assim ter inados, é incorrer em italianismo.

Os advérbios em *mente* tanto podem indicar modo como lugar ou outra circunstância; a idéia depende do adjetivo a que o sufixo é acrescentado.

528 — NEGAÇÃO:

não (1)

---

(10) *Só* pode ser *advérbio* e *adjetivo*: Como *advérbio*, significa *sòmente*, *ùnicamente*: "Eu *só* (sòmente) fiz o que você pediu". Como adjetivo, significa *sòzinho*: "Eu, *só*, (= sòzinho) fiz o que você pediu".

A vírgula, no segundo exemplo, vem dar a *só* o valor de adjetivo.

Quando adjetivo, *só* flexiona-se em número: "Estamos *sós*" — "Nós, absolutamente *sós*, partimos para a Europa".

(1) Em certas frases, o advérbio *não* perde seu valor negativo: "Quanto empenho *não* fiz eu para tirá-lo do vício!" — "Que bela coisa *não* é o escrever e o ler!"

A expressão *pois não* tem fôrça positiva, equivalente a *pois sim*, conforme o tom em que é proferida: "Queres ir comigo? — Quero, *pois não*". — Não sòmente em português se dá isso; os alemães caraterìsticamente começam frases com *não*, quando desejam dar ênfase à afirmação: "*Não*, como é belo o dia" — "*Não*, como é barato".

Emprêgo errôneo vem-se notando, desde certo tempo, do advérbio *absolutamente*. Indicativo ora de quantidade, ora de modo, tem ainda fôrça confirmativa; como tal, significa *completamente*, *inteiramente*, mas — e aqui está o importante — pode confirmar tanto uma expressão negativa, quanto uma positiva. O êrro consiste, precisamente, no atribuírem a êsse advérbio valor exclusivamente negativo. A perguntas como esta "É êle seu amigo?" comumente se dá a resposta "Absolutamente", para indicar "de forma nenhuma". Assim não deve ser; sòzinho, êsse advérbio virá confirmar uma negação ou confirmar uma afirmação positiva, nunca porém indicar, por si só, uma negação. Jamais êsse advérbio devemos empregar, isoladamente, para indicar, categòricamente, "não". Quando seu emprêgo insulado não trouxer claro o sentido confirmativo, devemos acrescentar qualquer palavra que, de acôrdo com a pergunta ou com o assunto, esclareça tratar-se de confirmação de coisa positiva ou de coisa negativa: "absolutamente sim", "absolutamente o sou" — ou: "absolutamente não", "absolutamente não o sou", "absolutamente não quero", "tal coisa absolutamente não disse".

nada (2) tampouco (3)

529 — DÚVIDA:

porventura quiçá (1) talvez (2) acaso

530 — INTENSIDADE:

algo (1)
assaz (2)
bastante (3)
demais

muito, pouco (3)
mais, menos (4)
meio, metade (5)
que (6)
quase (7)

---

(2) *Nada* funciona como advérbio em orações negativas quando modifica adjetivo: Êle não está *nada* bom.

(3) *Tampouco* = *também não*: "Êle não saiu e eu *tampouco*" — "Não concordei com o projeto; *tampouco* aceitei as novas sugestões". — Note-se bem que o *tampouco* já tem, por si, valor negativo; não se vá, pois, acrescentar um *não* ou um *nem* à segunda oração, como erradamente se vê às vêzes.

(1) Significa *talvez, quem sabe, porventura*: "...vencida a primeira estacada que os bárbaros largaram com fácil resistência, *quiçá* fiados no segundo engano".

(2) O advérbio *talvez* exige o subjuntivo quando precede o verbo: "Talvez *haja* conveniência". Deixa o verbo no indicativo quando vem posposto: "*Há* talvez conveniência".

(1) V. § 354, nota 1.

(2) Significa *bastante, suficientemente*: "Êle é *assaz* instruído" — "*Assaz* tem quem se contenta com o que tem" — "*Assaz* é pobre e delgado quem conta seu gado".

(3) *Bastante* e *muito* são adjetivos quando modificam substantivos; em tal caso, variam de acôrdo com o substantivo a que se referem: "Vi *muitas* ovelhas" — "Comprei *muitos* bois" — "Procurações *bastantes*" (= Procurações em que se conferem poderes jurìdicamente necessários para determinado fim) — "Argumento *bastante*" (= suficiente) — "Somos *bastantes* para levar a cabo a emprêsa" (= temos recursos suficientes para...).

Quando advérbios, ou seja, quando modificam adjetivo, verbo ou outro advérbio, permanecem invariáveis: "Estamos *muito* atarefados" — "Estamos *bastante* satisfeitos" (§ 358).

(4) *Mais* e *menos* não variam nem quando advérbios, nem quando adjetivos: "*Mais* amor e *menos* confiança". Dizer "menas confiança" é cometer êrro inominável.

(5) *Meio* e *metade* são substantivos que funcionam às vêzes como advérbios: "Porta *meio* aberta" — "Porta *metade* aberta" (= porta um tanto aberta — § 261, B). A palavra *meio* pode também funcionar como adjetivo: *meia* garrafa — *meia* porta. A expressão "Porta meia aberta" significa "Porta aberta pela metade" (no caso de ser a porta dividida em partes, como acontece com as janelas: "Tôdas as janelas estavam *meias* abertas").

(6) É advérbio quando modifica adjetivo:

"*Que* *tolo* você é!" (= quão tolo)
adv. adj.

(7) *Quase* *bom* — *Quase* *quebrou* o braço.
adv. adj. adv. verbo

Quase é advérbio que significa *por um triz* (Quase caí), *a pequena distância, com pouca diferença* (Quase bom), *aproximadamente* (Tem quase setenta anos).

sobremaneira, sobremodo (8)
tanto, quanto
tão, quão (9)
todo (10)

531 — AFIRMAÇÃO:

sim (1) pois sim pois não certo certamente
deveras (2)

532 — Advérbios interrogativos — Vimos que, de acôrdo com a função, certos advérbios podem ser conjuntivos; chamam-se então *interrogativos*, pelo fato de em geral virem em orações interrogativas, tanto diretas quanto indiretas; podem indicar quatro circunstâncias:

advérbios interrogativos {
de lugar
de tempo
de modo
de causa

EXEMPLOS:

lugar: "*Onde* está você?" — "Pergunto *onde* você está."
tempo: "*Quando* se deu isso?" — "Não sei *quando* se deu isso."
modo: "*Como* poderá você estudar?" — "Diga-me *como* poderá você estudar."
causa: "*Por que* não me pediu licença?" — "Gostaria de saber *por que* não me pediu licença."

Notas: 1.ª — Ortogràficamente, o advérbio interrogativo de causa traz os elementos separados, tanto nas interrogativas diretas ("*Por que* você não vai?") quanto nas indiretas ("Quero saber *por que* você não vai"). Quando no fim do período ou insulado, traz o acento circunflexo: "Você vai, *por quê?*"

Quase que é o mesmo *quase*, com idêntico significado, seguido de um *que* expletivo: "*Quase que* caí" — "...cujos mastros *quase que* se elevavam à altura dos edifícios" (Partícula expletiva: V. § 784, n. 5).

(8) "Êle estremecia sobremodo a terra natal".

(9) Formas apocopadas de *tanto* e *quanto:*

Tão *estudioso,* *quão* *carinhoso*
adv. adj. adv. adj.

(10) V. §§ 350 e 351.

(1) Uma palavra pode de uma classe passar para outra, conforme a função sintática que exerce na frase:

"*Sim* é *advérbio*"

Sim → Advérbio substantivado, uma vez que nessa frase está funcionando como sujeito de *é*

advérbio → Substantivo adjetivado, visto funcionar como predicativo

(2) Significa *sinceramente, realmente, verdadeiramente:* "Que lhe fizesse comédias, que haviam de ser portuguêsas *deveras*" (pronuncie *devéras*).

2.ª — Não se confunda o advérbio interrogativo "por que" de frases como "A razão *por que* assim procedi" — "O caminho *por que* devo passar" — "O avião *por que* fui ao Rio". Agora o que é relativo, perfeitamente substituível por *o qual, a qual, os quais, as quais:* "A razão *pela qual* assim procedi" — "O caminho *pelo qual* devo passar".

Outros exemplos: "*Por que* enormes pecados hás chegado a êsse estado de infâmia e miséria?" — "*Por que* razão êle assim procedeu eu não sei".

533 — Quanto à *forma* (*), os advérbios dividem-se em *advérbios pròpriamente ditos* e em *locuções adverbiais.*

Os advérbios **pròpriamente ditos** apresentam-se numa só palavra, quer seja ela simples (*hoje, não, sim, já* etc.), quer composta: *talvez* (tal + vez), *também* (tão + bem).

534 — **Locuções adverbiais** são advérbios expressos por frases (e às vêzes por orações) compostas de duas ou mais palavras e exprimem uma das circunstâncias indicadas no parágrafo 524. Aqui apresento algumas locuções adverbiais portuguêsas; esta lista deve pelo aluno ser estudada e recordada, pois seu conhecimento e aplicação muito influem na boa linguagem.

1 — LOCUÇÕES ADVERBIAIS PORTUGUÊSAS:

A bandeiras despregadas = com tôda a expansão: Rir a bandeiras despregadas.

A capucha = escondidamente, sem alarde.

A carga cerrada = de um jato, sem exame nem distinção, por atacado: A câmara votou ontem a carga cerrada todos os projetos que o govêrno quis fazer passar.

A cavaleiro, às cavaleiras, a cavalinhas: Estar a cavaleiro = estar em lugar superior: A igreja ficava a cavaleiro do baluarte.

A chucha caladinha = dissimuladamente, sem ninguém perceber.

A colação = a propósito: Isso vem a colação.

A compita = a porfia, em rivalidade com outro.

A desoras (Não se vá escrever *a dezoras*, com *z*) = fora de hora: E a tais desoras voltas para casa?

A Deus misericórdia = graças à misericórdia de Deus.

A duras penas = com grande dificuldade.

A eito = a fio, sem interrupção: O cavalo saltou quatro valados a eito.

A escala vista = diz-se da escalada a uma praça e entrada nela apesar da defesa.

A escuta = atentamente: Estacaram os ouvidos a escuta.

A êsmo.

A espora fita = a desfilada.

A falsa fé = deslealmente, a traição: Atacou-o à falsa fé.

A farta = com abundância.

A finca = com empenho, com afinco.

A fito = atentamente: A morgada olhava para êle a fito.

A flux = em abundância: Estar a flux = ter todos os votos por si — Levar tudo a flux = não deixar escapar nada.

A furtapasso = depressa: andar a furtapasso.

A furto = às ocultas, sem ninguém o saber.

(*) Entende-se por FORMA, para efeito de classificação de uma palavra, a maneira, o aspeto, o modo com que ela se apresenta à vista ou ao ouvido, isto é, se a palavra que se considera se apresenta verdadeiramente numa só ou em duas (*locução*). Assim, *hoje* é advérbio pròpriamente dito, visto constituir-se de uma só palavra, ao passo que *depois de* [illegible] é locução adverbial, porquanto se constitui de mais de uma palavra.

A granel = em monte, às sôltas, sem ser ensacado nem encaixotado, em desordem, abundantemente, sem conta nem pêso: O navio traz fava a granel.

A lanço = de propósito: Caiu-lhe ao colo a lanço.

A lufa-lufa = a pressa, ràpidamente.

A mancheias = liberalmente: Fazer a mancheias caridade.

A mão tenente = de muito perto, a queima roupa: Feriu-o a mão tenente.

A mata cavalo = a tôda a brida.

A monte = a granel, a molhos (pronuncie *mólhos*).

A ouro e fio = em perfeito equilíbrio.

A pé quêdo = firme, sem se mover.

A pêlo = a propósito: A pêlo me acode.

A pleno = completamente: Tu que a pleno gozaste.

A pressa = depressa, apressadamente.

A própria = pròpriamente, com propriedade: Compre um bruxo, ou, mais a própria, um bode velho.

A recado = acauteladamente: Andar a recado, trazer a recado.

A regalada = regaladamente.

A reio = ininterruptamente: Dois dias a reio se bateram.

A revelia = sem conhecimento ou sem audiência da parte revel (pronuncie *revél*): Sentenciar à revelia — Deixar correr um negócio a revelia = descurá-lo, não se importar com êle.

A revezes = cada um por sua vez: Vinham a revezes cantando (pronuncie *revêzes*).

A rôdo = a granel.

A sabendas = de propósito, com conhecimento e notícia.

A sabor = a bel-prazer, a vontade: Tomo com ela intimidade e a meu sabor a domo.

A seu talante, a meu talante = a sua vontade, a minha vontade.

A socapa = disfarçadamente: Riu-se a socapa.

A solapa = o mesmo que a socapa.

A soldada = recebendo dinheiro pelos seus serviços.

A sorrelfa = dissimuladamente, com ânimo de enganar: Proceder a sorrelfa.

A súbitas = sùbitamente.

A surdina = sem barulho: À surdina dali escapuliu.

A toa = sem reflexão, a êsmo, ao acaso: Andar a toa.

A todo o pano = com tôda a fôrça, a todo o transe.

A todo o pulso = com tôda a fôrça: Mandou forçar a voga a todo o pulso.

A trecheio = em grande cópia: Bebi a trecheio.

A trecho = a trechos, a passos, a lanços, de quando em quando: Murmurava a trecho certas palavras.

A tripa fôrra = a larga, muito, sem despender nada: Comer à tripa fôrra.

A trouxe-mouxe = sem ordem, de qualquer maneira: Executar um trabalho a trouxe-mouxe (pronuncie *trouche-mouche*).

A unhas de cavalo = com a maior rapidez.

A ventura = a toa.

A voga arrancada = ràpidamente, a tôda a fôrça de remos.

A vozes = em altos gritos

Ao atar das feridas = com precipitação, à última hora.

Ao desbarato = desbaratadamente, por vil preço, com grande prejuízo.

Ao Deus dará = irrefletidamente: Agir ao Deus dará.

Ao invés = pelo contrário.

Ao revés = às avessas.

Ao viés = obliquamente: A linha equinoxial corta a ilha ao viés.

Às apalpadelas.

Às caladas = encobertamente.

Às cegas = cegamente, sem conhecimento.

Às claras.

Às escuras.
Às furtadas = às furtadelas.
As mais das vêzes, as mais vêzes ou o mais das vêzes = quase sempre.
Às mãos ambas = com as duas mãos, com ímpeto: Não queiras às mãos ambas ferindo o peito crédulo exclamar delirante.
Às mãos lavadas = gratuitamente, sem trabalho: Isso eu consegui às mãos lavadas.
Às rebatinhas = a porfia, em disputa: Vinham a mim às rebatinhas.
Às tontas.
Às vêzes — Por vêzes — A vêzes = de quando em quando.
Assim como assim = de qualquer modo, seja como fôr: Eu, assim como assim, não nasci para ser sábio.
De afogadilho = precipitadamente: Agir de afogadilho.
De assento = com sossêgo, pausadamente.
De beijado ou de mão beijada = gratuitamente, por favor.
De cabo a rabo = de princípio a fim.
De caso pensado = propositadamente.
De chapa = em cheio: O sol dava-lhe de chapa.
De chôfre = de repente.
De cotio = de uso cotidiano: Trazer o fato de cotio.
De espaço = espaçadamente, devagar: Conversemos de espaço.
De estudo = de propósito, de intento: De estudo evito remover aqui memórias desagradáveis.
De fio a pavio = de princípio a fim.
De golpe = repentinamente.
De improviso.
De indústria = de caso pensado: Ela de indústria caiu.
De largo = a distância: Passar de largo.
De longe em longe ou de longe a longe = a espaços, raramente: Só nos vemos de longe em longe.
De molde = a propósito, na ocasião: De molde lhe vai a esta altiveza natural o gênio sobranceiro.
De momento.
De oitiva = de ouvido: Falar de oitiva = falar pelo que ouviu dizer e sem averiguar a verdade.
De onde em onde = aqui e ali, de espaço a espaço: Acariciava-o de onde em onde.
De ouvida: Saber de ouvida = saber por ter ouvido dizer.
De palanque = sem perigo: Assistir a uma briga de palanque.
De ponto em branco = com todo o apuro: Vestido de ponto em branco.
De presente = atualmente, no tempo presente.
De presto = brevemente, de pronto: Os olhos que tinha vendado de presto se descerraram.
De primeiro = antes de tudo ou de todos.
De raiz = sòlidamente: Saber uma coisa de raiz.
De relance.
De repelão = a pressa, velozmente, com violência: Ferir de repelão.
De revés = oblìquamente, de lado: Olhar de revés.
De rojo = de rastos, tocando o chão.
De roldão = de golge, de sobressalto: A gente entrou de roldão.
De rota batida = sem parar: Ir de rota batida.
De salto = de repente.
De sobreaviso = de atalaia, de prevenção, alerta.
De sobrerrolda = a espreita, de sentinela: Andava sempre de so rerrolda avivando os obreiros.
De sobressalto = repentinamente, de surprêsa: Alcançou de sobressalto o ladrão.
De soslaio = de esguelha: O sol atirava de soslaio seus últimos raios.
De súbito = repentinamente.

De través — **Em través** = obliquamente, de lado.
De tropel = confusamente, tumultuàriamente: Todos recuaram de tropel.
De um tiro = de vez, de jato.
De vez em quando, de quando em quando.
Em barda = em grande quantidade: Peixe em barda.
Em revés = inclinado, meio deitado.
Em som de guerra = hostilmente: Entrou em som de guerra pela província da Beira.
Em verdade.
Entre a cruz e a caldeirinha (caldeirinha = vaso de água benta): Estar entre a cruz e a caldeirinha = estar em artigo de morte.
Entre lusco e fusco = sem instruções, sem normas precisas: Caminhar entre lusco e fusco.
Fora parte ou parte fora (pronuncie *fóra*) = exclusive.
Mercê de Deus.
Nesse comenos = nessa ocasião: Nesse comenos chegou o rapaz que levara o recado (pronuncie *comênos*).
Nesse meio tempo, nesse entremeio = nesse ínterim, nesse intervalo.
P-a-pá Santa Justa (pronuncie *pê-á-pá*) = minuciosamente, tim-tim por tim-tim: Contei-lhe tudo p-a-pá Santa Justa.
Para todo o sempre.
Pela rama = superficialmente.
Por artes de berliques e berloques = milagrosamente, por arte mágica: Escapou da morte, por artes de berliques e berloques.
Por da cá aquela palha = por qualquer palha podre, por uma ninharia, por motivo fútil.
Por um és não és = por um triz, quase: Estêve por um és não és a cair na vala.
Pouco e pouco, a pouco e pouco, pouco a pouco (Não se deve dizer *a pouco a pouco*).
Sem bulha nem matinada = silenciosamente, sem alarde.
Sem cruz nem cunho = diz-se de uma pessoa disparatada, que em casos idênticos procede ora de um, ora de outro modo.
Sem rei nem roque = sem govêrno, desorientadamente.
Sem sobressalto = fleumàticamente, a sangue frio: Respondeu sem sobressalto.
Senão quando, eis senão quando = improvisadamente, de repente.

2 — **LOCUÇÕES ADVERBIAIS E ADVÉRBIOS LATINOS** — Usam-se em português diversas locuções e advérbios latinos:

A posteriori = pelo que segue: Raciocinar a posteriori = argumentar com as conseqüências de uma hipótese.
A priori = segundo um princípio anterior, admitido como evidente: Concluir a priori.
Ab aeterno = desde tôda a eternidade.
Ab imo corde = do fundo do coração.
Ab initio = desde o princípio.
Ab ovo = desde o princípio, a partir do ôvo.
Ad hoc = para o caso, eventualmente.
Ad libitum = a vontade.
Ad nutum = segundo a vontade, ao arbítrio.
Ad referendum = pendente de aprovação.
Bis = duas vêzes: Êle cantou bis.
Coram populo = em público, em alto e bom som.
Currente calamo (pronuncie *cálamo*) = ao correr da pena: Fazer versos *currente calamo*.
Ex abrupto = repentinamente, inopinadamente, arrebatadamente: Não devemos proceder *ex abrupto* — Levaram-no *ex abrupto*.

Ex cathedra = de cátedra, em função do próprio cargo: O papa falou *ex cathedra* = falou realmente como sumo pontífice.

Ex corde = do coração: Amigo *ex corde*.

Ex expositis = do que ficou exposto.

Ex officio (pronucie *êz ofício*) = por lei, oficialmente, em virtude do próprio cargo: O advogado do réu foi nomeado *ex officio* (por lei) pelo juiz — Ser eleitor *ex officio* (em virtude do cargo que ocupa).

Ex positis (pronuncie *pósitis*) = do que ficou assentado.

Ex professo = como professor, magistralmente, com tôda a perfeição: Discorreu sôbre o assunto *ex professo*.

Exclusive = exclusivamente (Para o emprêgo, segue a mesma orientação do *inclusive*).

Exempli gratia (pronuncie *grácia*) = por exemplo (abrevia-se e. gr.).

Gratis = de graça: Entraremos *gratis*.

Grosso modo = por alto, resumidamente.

Ibidem = aí mesmo, no mesmo lugar.

Idem = o mesmo.

In limine = no limiar, no princípio: As razões foram rejeitadas *in limine*.

In perpetuam = para perpetuar, para sempre.

In totum = no todo, totalmente.

Inclusive = inclusivamente: Estudem a lição até o parágrafo 500 inclusive (Por ser advérbio, jamais se flexiona).

Infra = abaixo, no lugar inferior: Os inframencionados.

Inter pocula (pronuncie *pócula*) = no ato de beber, no festim: Discursar *inter pocula* — Agir *inter pocula* = agir como bêbedo.

Ipsis verbis = com as mesmas palavras, sem tirar nem pôr.

Ipso facto = em virtude dêsse mesmo fato: Êle não pagou; *ipso facto* não concorreu ao sorteio.

Lato sensu = em sentido geral (o contrário de *stricto sensu* = em sentido restrito).

Maxime = principalmente, mormente: A todos obedeçamos, *maxime* aos pais.

Mutatis mutandis = fazendo-se as mudanças devidas: Tem o pai vários deveres para com o filho; *mutatis mutandis*, tem o filho iguais deveres para com o pai.

Pari passu = a passo igual, junto: Acompanhar alguém *pari passu* = acompanhá-lo por tôda a parte.

Per fas et per nefas (pronuncie *néfas*) = a torto e a direito, quer queira quer não, por qualquer meio: Conseguirei *per fas et per nefas* o meu intento.

Primo = em primeiro lugar.

Pro forma = por mera formalidade.

Quantum satis ou quantum sufficit = o suficiente, o estritamente necessário.

Retro = atrás: Reporto-me ao que *retro* ficou dito nesta fôlha. V. *retro* = Veja atrás, veja o verso.

Secundo = em segundo lugar: Por duas razões assim procedi: *primo* porque a consciência o mandava, *secundo* porque as circunstâncias o exigiam.

Sic = assim, dêste modo, com as mesmas palavras.

Sine die = indeterminadamente, sem fixar dia.

Stricto sensu = em sentido restrito (o contrário de *lato sensu* = em sentido geral).

Supra = acima, no lugar superior: Os supracitados.

Una voce = a uma voz, unânimemente.

Verbi gratia = por exemplo (abrevia-se v. gr.).

Vice-versa = às avessas, em sentido inverso.

Nota — Muitas dessas locuções adverbiais e advérbios latinos, por muito usados em português, não costumam vir grifados.

535 — Muitos dos alunos, nas respostas do questionário da crase, falam em obrigatoriedade de crase "porque é locução adverbial". Não

dei tal regra, e aqui afirmo ser errada. As locuções adverbiais levam crase, ou para evitar ambigüidade ou quando se enquadram nas regras práticas do emprêgo da crase: "Peguei à mão" (com crase, tão sòmente para evitar ambigüidade; pela regra não havia necessidade da crase, uma vez que se diz "pegar *a* laço" e não "pegar *ao* laço"). "Peguei-o a mão" (Aqui já não é necessário crase, pois deixa de existir perigo de ambigüidade).

Tratando-se de locuções pluralizadas, como *às vêzes*, é claro que a crase deve aparecer: o *s* está denotando que além da preposição existe o artigo no plural.

536 — Uma vez que o advérbio modifica advérbio, pode igualmente modificar locução adverbial:

Nota — Podem alguns advérbios estar modificando tôda a oração: "Sinceramente, não disse isso".

537 — Se o advérbio vem na frase modificando adjetivo, verbo ou advérbio, vêzes há em que aparece modificando substantivo:

Isso acontece:

a) Quando o substantivo funciona como predicativo (§ 665):

b) Em mais alguns casos:

Notas: 1.ª — A verdade é que certas palavras, por não se poderem claramente enquadrar na restrita conceituação e classificação do advérbio, nem em nenhuma outra classe, terão de classificar-se meramente como "palavras que denotam" exclusão (*só, sòmente, ùnicamente*), inclusão (*outrossim*), situação (*quase, casualmente*), designação (*eis* (1)), retificação (*aliás*), realce (*nada*), afetividade etc.

2.ª — Freqüentemente se empregam adjetivos na forma masculina, ou antes, neutra, como advérbios: Êles falam *forte* (fortemente) — Falem *baixo* — Leia *alto* — Responda *calmo*.

538 — Se o próprio adjetivo — e aqui peço a recordação do § 277 — não tem, em rigor, flexão de grau, sòmente em sentido muito especial

se pode dizer que existe flexão de grau para os advérbios. Com tal ressalva, que o aluno já compreende, limitar-me-ei a alguns exemplos:

comparativo
- de *igualdade:* tão bem; tão harmoniosamente
- de *superioridade:* melhor, pior (§ 527, n. 7) mais bem, mais mal (§ 268), mais harmoniosamente
- de *inferioridade:* menos bem, menos harmoniosamente

superlativo absoluto (§ 272, nota)
- *sintético:* harmoniosìssimamente
- *analítico:* muito harmoniosamente

diminutivo: cedinho, longinho, agorinha (§ 240, obs. 2; § 276, n. 5)

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *advérbio?*
2 — Faça três frases ou orações, na 1.ª das quais haja um advérbio modificando um adjetivo, na 2.ª o mesmo advérbio modificando um verbo, e na 3.ª ainda o mesmo advérbio modificando outro advérbio (V. § 158).
3 — Quanto à circunstância, como se classificam os advérbios? Exemplos.
4 — Redija duas orações com o advérbio *onde* e outras duas com *aonde.*
5 — Construa dois períodos com o adv. *entrementes* (Observe a colocação e o significado dêsse advérbio).
6 — Discorra sôbre o sufixo *mente.*
7 — Construa dois períodos com o advérbio *adrede.* (Veja o "note-se" que acrescentei a êsse advérbio).
8 — *Alerta*, quando adjetivo, pode vir no plural? Exemplo.
9 — Que diz das expressões: "Lição *mais bem estudada*, trabalho *mais mal acabado*"?
10 — O *não* é sempre negativo? Exemplifique a resposta.
11 — Empregar "absolutamente" com a significação de "não, de forma nenhuma", é certo? Como fugir do êrro?
12 — Corrija a oração: "Estamos bastantes satisfeitos". Com poucas palavras e com muita clareza, justifique a correção.
13 — É correto dizer: "Colhi bastantes frutas"? V. a *nota* do § 358.
14 — Posso dizer "porta meia aberta"? — E se disser "porta meio aberta"? Explique a resposta.
15 — Por que certos advérbios se chamam interrogativos? Quais são? Exemplos.
16 — Que entende por *forma*, quando se classifica uma palavra?
17 — Quanto à *forma*, como se dividem os advérbios?
18 — Cite dez locuções adverbiais que até agora não conhecia.
19 — Que significam as locuções latinas *a priori, a posteriori, per fas et per nefas, mutatis mutandis, ex professo* e *ex abrupto?*
20 — Há casos em que o advérbio modifica substantivo? Explique e exemplifique.
21 — Há palavras que não se enquadram na classe dos advérbios nem em nenhuma outra? Como terão então de classificar-se?
22 — A palavra *alto*, da frase "falemos mais *alto*", a que classe de palavras pertence? Explique a resposta (§ 537, n. 2).
23 — Diga a que classe de palavras pertence o "só" das duas seguintes orações:
a) Cabral, só, descobriu o Brasil.
b) Cabral só descobriu o Brasil.
24 — Corrija:
a) Belmira deixou a roupa no quarador.
b) Em dado momento, ficamos só na sala.
c) Prefiro muito mais êste dentrifício do que a pasta que você usa (§ 276, n. 4).

---

(1) *Eis* tem fôrça de verbo e rege acusativo:
"Eis *o homem*"
obj. direto
Por essa razão é que se diz *ei-lo, eis-nos*, com pronome oblíquo.

CAPÍTULO XXXVII

PREPOSIÇÃO

541 — Tanto a preposição [1] quanto a conjunção são *conectivos*, isto é, são classes que desempenham função de ligação; ambas essas classes ligam, mas entre elas há esta diferença: A preposição liga *palavras* (substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo, adjetivo a verbo etc.), ao passo que a conjunção liga *orações*.

Na expressão "livro *de* Pedro", *de* é preposição porque liga a palavra *Pedro* à palavra *livro*, ao passo que nestoutra expressão "Pedro foi *mas* não voltou" — o *mas* é conjunção porque está ligando a oração "Pedro foi" à oração "não voltou".

542 — **Preposição** é, pois, uma palavra invariável que tem por função ligar o complemento à palavra completada. Tais palavras se denominam *preposições* (do lat. *prae* = diante de, mais *positionem* = posição) pelo fato de porem na frente de uma palavra outra que a completa.

Os têrmos ligados pela preposição denominam-se *antecedente* (o que vem antes da preposição) e *conseqüente* (o que vem depois). O *antecedente* vem a ser o têrmo *regente* (que rege, que tem outro debaixo de sua dependência, subordinante), e o *conseqüente* vem a ser o *regime* isto é, o têrmo regido, subordinado; a preposição, juntamente com o conseqüente, constituem o complemento do têrmo regente:

	complemento do antecedente	
antecedente	*preposição*	*conseqüente*
casa	de	Pedro
fui	até	Paris
estamos	em	festas
morto	por	desconhecidos

543 — Na ordem em que costumam aparecer em português os têrmos de uma oração, a preposição vem colocada entre os dois têrmos por ela ligados. Algumas vêzes, no entanto, o *conseqüente* deixa de vir logo depois da preposição: "Fiz isso pensando *em*, dado o que êle disse, *aliviar* a situação de angústia em que se encontrava". O têrmo *aliviar* não veio logo depois da preposição *em*, da qual é conseqüente.

(1) Não confunda *prEposição* com *prOposição* (= sentença, oração).

Com maior freqüência, o antecedente deixa de preceder a preposição: "*Sôbre* isso não quero falar" — A preposição *sôbre*, por causa da colocação dos têrmos, deixou de vir entre *falar* (antecedente) e *isso* (conseqüente); noutra ordem, a oração seria:

"Não quero *falar* *sôbre* *isso*"

antec. — prep. — cons.

(*sôbre isso*:) complemento de *falar*

544 — CLASSIFICAÇÃO: Classificam-se as preposições em *essenciais* e *acidentais*.

545 — Preposições essenciais são as que só desempenham essa função:

a [1]	de [3]	perante
ante	desde	por [6]
após	em [4]	sem
até [2]	entre [5]	sob
com	para [1]	sôbre [7]
contra	per [6]	trás

546 — Preposições acidentais consideram-se as palavras de outras classes, eventualmente empregadas como preposições:

conforme, consoante } [8]	mediante	salvo
durante, exceto } [9]	menos	segundo [8]
	salvante [9]	tirante [9]

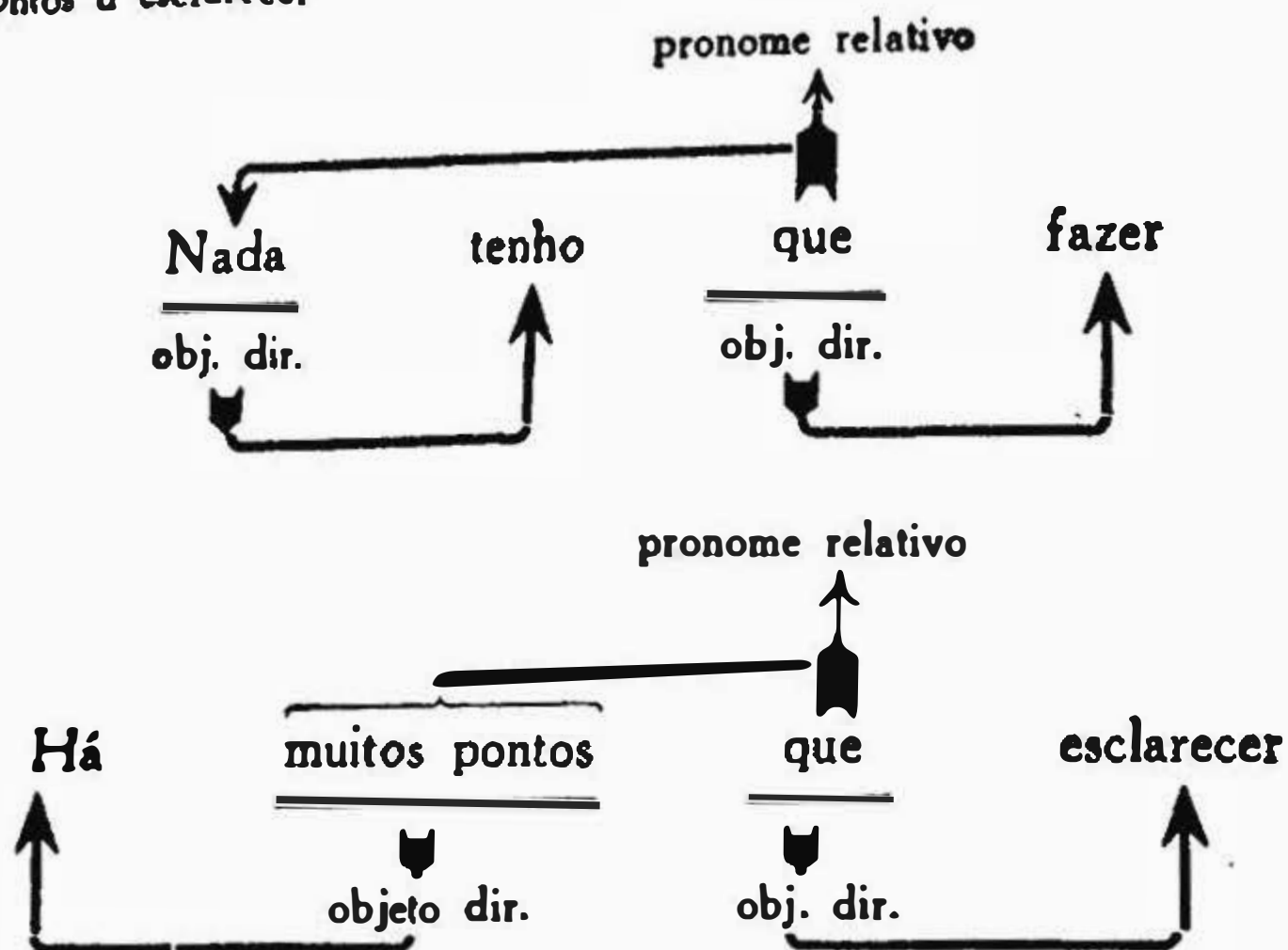
Obs. — As preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas, e, como nos adverte Carlos Pereira, "só o trato constante dos bons autores nos pode habituar ao manejo correto, elegante e vívido dessas importantes partículas".

Na verdade, acrescento agora, o número de preposições existentes em nosso idioma é pequeno (Soares Barbosa chega a contar apenas 16 pròpriamente ditas); daí resulta ora o emprêgo de preposições diferentes com idêntico sentido, ora o de uma preposição com significados diferentes. Não deve, portanto, o aluno estranhar que a preposição *a* na frase "comprar *a* fulano" signifique *de*, e que a mesma preposição na frase "vender *a* fulano" signifique *para*. Conforme disse no início desta observação, as preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas.

Deverá o aluno, no estudar as *notas sôbre as preposições*, ter sempre em mente o que acabo de observar.

NOTAS SÔBRE AS PREPOSIÇÕES: (1) *a*) Acentua-se cada vez mais em nossa língua a tendência para colocar a preposição *a* em grande número de expressões. Assim é que se diz: "Está *a* (consoante) meu gôsto" — "*A* (segundo) meu modo de ver" — "*A* (em) 8 de janeiro" — "Êle segue *a* (por) mandado do chefe".

Quem a torto e a direito emprega a preposição *a*, incorre em perigo de praticar galicismos; constituem francesismos os seguintes empregos de *a*: "Sopa *a* tomate" — em vez de "sopa *de* tomate". "Falar *ao* telefone" — em vez de "falar *no* telefone". "Tocar *ao* piano" — em vez de "tocar *no* piano". "Equação *a* duas incógnitas" — em vez de "equação *de* duas incógnitas".

b) São igualmente gaulesas expressões como: "Nada tenho *a* fazer" — "Há muitos pontos *a* esclarecer" — em vez de:

c) A preposição *a* tanto pode indicar *quietação, estada* num lugar, como *movimento* para um lugar.

Estávamos *à* (= na) janela (quietação, estada, lugar onde) — Dirigimo-nos *à* (para a) janela (movimento, lugar para onde).

d) Tem a preposição *para* emprêgo muitas vêzes idêntico ao da preposição *a*: Disse *a* (para) você — Dei *ao* (para o) irmão. — Com os verbos *ir* e *vir*, a preposição *a* denota *transitoriedade* de movimento, ao passo que *para* indica *permanência* ou *destino*: Vamos *à* Argentina (ir a passeio, ir para voltar) — Veio *ao* Brasil (veio para visitar, veio transitòriamente) — Carlos foi *para* os Estados Unidos (foi fixar residência) — Eu vou *para* o Norte, você *para* o Sul (destino).

(2) *Até* é advérbio quando empregado no sentido de *mesmo, ainda*: "*Podíamos* *até* vender a casa".

adv. — verbo

Quando liga dois têrmos, *até* é preposição: "Trabalhou *até* morrer" — "Foi *até* o cemitério".

Modernamente, a preposição *até* é também usada em forma de locução — *até a*: *até ao* Rio, *até ao* momento — ao lado de "*até* o Rio", "*até* o momento". Note-se que não há diferença de sentido entre essas expressões.

(3) Como acima vimos, uma mesma preposição pode indicar relações diferentes e, por outro lado, duas ou mais preposições podem indicar relação ou relações semelhantes; é o que se passa com as preposições *de* e *por* no agente da passiva (§ 390): "Somos conhecidos *do* prefeito" — "Somos conhecidos *pelo* prefeito".

(4) a) Não devemos usar a preposição em com verbos de movimento, porquanto *em* indica *lugar onde*: "Vou *ao* colégio" — e não: "Vou *no* colégio". — Só se emprega *em* com os verbos de movimento, quando se associa a idéia de *lugar onde*; assim é que se pode dizer "lançar *no* mar", "ingressar *no* seminário" — não obstante êsses verbos indicarem movimento. — Note-se que o verbo *chegar* não admite a

preposição *em*. Deve-se dizer "chegar *a* um lugar", e não "chegar *em*": chegamos *ao* Rio, cheguei *à* casa dêle, cheguei tarde *a* casa, o avião chegou *ao* campo. O mesmo se diga do substantivo *chegada*: por ocasião de sua chegada *a* Recife (e não: chegada *em* Recife).

b) Certos escritores têm o tolo escrúpulo de *sempre* escrever "em o novo", "em o nosso", "em a nave". Pode-se perfeitamente dizer "no novo", "no nosso", "na nave", sem cogitar em falta de eufonia na repetição *no-no, na-na*. O em só não se combina com *o o*, quando êste *o* é objeto ou sujeito do verbo: "Fêz bem *em os* noticiar".

c) Não se deve empregar a preposição *em* nas expressões "éramos *em* três" — "íamos *em* quatro", porquanto essas construções constituem italianismos; "éramos três", "íamos quatro" é como se deve dizer em português.

d) Ensinamento de todo falso, inconscientemente propalado de microfones, de salas de aula e de livros, é êste: Deve-se construir "Moro à rua Tal" e não "Moro na rua Tal" porque — dizem os falhos doutrinadores — "morar na rua Tal" é morar "no meio" dessa rua.

Quem afirmou que as preposições têm sentido fixo em português? Quem, ciente do que faz, um dia se aventurou a dar os significados das preposições vernáculas, sem o cuidado de exemplificar o emprêgo? Jamais dirá o professor consciencioso que "de" indica posse, "sôbre" significa "em cima de", "com" denota companhia. As preposições nossas não têm significação intrínseca, própria, senão relativa, dependente do verbo com que são empregadas, variável de expressão para expressão. Se "de" indica posse, como analisará o aluno o complemento da frase "vir de Pernambuco"? Se "sôbre" significa "em cima de", por que não se poderá construir "Vou falar em cima do ensino"? Se "a" traz a idéia de movimento, que significará a expressão "estar a gôsto"?

Como de nosso organismo as veias só com sangue têm função, as preposições de nosso idioma só com outras palavras têm significado. Estas é que à preposição irão dar sentido, aquelas é que às palavras virão trazer vida e caraterizá-la.

Se "morar na rua Tal" significa "morar no meio da rua", não poderá ninguém, por coerência com essa pândega doutrina, construir: "Tenho escritório no largo da Concórdia", "Tal livraria fica na praça da Sé", "Fulano mora na avenida Paulista". Imaginem-se estas criações parisienses: Tenho escritório "ao" largo da Concórdia, moro "à" avenida Copacabana, tal livraria fica "à" praça da Sé, não existe farmácia "a" esta rua...

Se o conhecer um idioma não faculta forjar leis de sua gramática, não será o conhecer filosofia que irá trazer o poder de ilação a quem dêle foi sempre destituído.

(5) Deve-se de preferência dizer: "entre mim e ti", "entre ti e mim", "entre êle e mim" e não: "entre mim e tu", "entre ti e eu", "entre êle e eu".

(6) a) Conquanto primitivamente se fizesse diferença entre *por* e *per* (*por* indicava *a favor de*: "Fiz isso *por* ela" — e *per* indicava *agente, meio*: "Fiz *per* ela", isto é, *por meio dela*), hoje só se emprega *per* quando se lhe segue o artigo, com o qual se combina: *pelo, pela, pelos, pelas* — e nas expressões *per si, de per si, de per meio*.

b) Deve-se dizer: "Vou *pelo* trem das dez" — "Voltamos *pelo* avião das oito" — "Chegou *pelo* rápido" e não, como fazem os italianos: "Voltamos *com* o avião, chegou *com* o rápido, vou *com* o trem".

(7) a) Curioso é o aparecimento, por vêzes, de duas preposições seguidas, regendo uma só palavra: "...pendem, mergulham e desaparecem, numa imensa curva borbulhante, *por sôbre* o largo telheiro abandonado" — "*por entre* a ganga" — "terreno que lhes foge *de sob* os cascos".

b) *Sôbre* significa "além de" em expressões como estas: "*Sôbre* escassos e honrosos, os desastres não tiveram conseqüência aviltante" — "*Sôbre* honesto, é êle caridoso".

(8) *Conforme, consoante* e *segundo* são preposições derivadas de adjetivos: *conforme* o modêlo, *consoante* sua vontade, *segundo* a lei. Como acontece com *até*, as preposições *conforme* e *consoante* vêm às vêzes seguidas de *a*: *conforme ao* original, *consoante ao* pedido.

Quando ligam orações, essas palavras passam para a categoria das conjunções: "Procedeu o aluno *conforme* foi aconselhado pelo mestre".

(9) *Durante, exceto, salvante* e *tirante* são formas nominais de verbos, as quais se imobilizaram entre as preposições. Flexionar hoje essas preposições (Tirantes as mulheres, excetas as donzelas, salvantes os juízes) é incorrer em arcaísmo.

547 — LOCUÇÃO PREPOSITIVA: Há preposições que se apresentam sob a forma de **locuções:** *além de, antes de, aquém de, até a* (= até), *dentro em* (e não "dentre em"), *dentro de* (e não "dentre de"), *depois de, fora de, ao modo de, à maneira de, na conformidade de, junto de, junto a, devido a, ao través de, a par de* etc.

"Não há porque se confundam as *locuções prepositivas* com as *adverbiais;* traços diferenciais caraterísticos as separam e distinguem, quais os seguintes:

As **locuções prepositivas** têm de ordinário por último elemento componente uma preposição; não assim as *locuções adverbiais,* cujo vocábulo final nunca é representado por uma preposição. Ao demais, do fato de lhes ser em geral posta de remate uma preposição, resulta manifesto que as *locuções prepositivas* entretêm relações estreitíssimas com os vocábulos em cujo meio se elas enquadram e engranzam intimamente.

As **locuções adverbiais,** bem ao revés, são mais independentes, não se prendem tão diretamente, não se subordinam tanto às expressões onde se entremeiam; podem, pelo comum, meter-se entre vírgulas, e não raro cercear-se da contextura do discurso, sem se mutilar nem se desfigurar essencialmente o pensamento" (Carneiro Ribeiro).

548 — COMBINAÇÃO: Já vimos casos de combinação das preposições; essas, e outras que serão consideradas no momento oportuno, aqui estão resumidas:

A + artigo: *ao, aos.*

Nota — Na *crase* opera-se *contração.*

DE + artigo: *do, da, dos, das;*
+ demonstrativo: *dêste(s), desta(s), disto;*
dêsse(s), dessa(s), disso;
daquele(s), daquela(s), daquilo;
+ pessoal *êle: dêle(e), dela(s);*
+ advérbios: *daqui, daí, dali, donde.*

EM + artigo: *no(s), na(s); num, numa, nuns, numas;*
+ demonstrativo: *neste(s), nesta(s), nisto;*
nesse(s), nessa(s), nisso;
naquele(s), naquela(s), naquilo;

+ pessoal *êle*: *nêle(s)*, *nela(s)*;
+ indefinido *outro*: *noutro(s)*, *noutra(s)*.
PER + artigo: *pelo(s)*, *pela(s)*.

549 — CONTRAÇÃO: É o fenômeno operado na *crase*: *à(s)*, *àquele(s)*, *àquela(s)*, *àquilo*.

550 — REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES: Sendo nosso idioma analítico, ao contrário do materno, sintético, o estudo das preposições toma a importância que nas ciências assumem os elementos distintivos, caraterizadores. Do "Gênio da Língua Portuguêsa", importante obra de Evaristo Leoni, publicada em 1858, tirei estas palavras, às quais sempre dei inteira anuência, sôbre a preposição: "As propriedades que lhe são inerentes e que, produzindo pasmosa variedade nas relações dos nomes e maravilhoso cambiante na acepção dos verbos, assinalam principalmente o gênio da língua, constituem, por certo, o grande caraterístico que a distingue, e de que, com acurado estudo, nos devemos ocupar".

Continuando, assevera com acêrto Leoni: "Não duvidamos de que a muitos de nossos leitores pareça enfadonho e, talvez, pouco importante êste objeto. Foi, todavia, uma das partes da presente obra que mais escrupulosamente elaboramos e de cuja utilidade mais estamos convencidos". E o mais importante de sua asserção está no final dêste período: "Além de devermos às preposições tôdas as frases e elegâncias da língua, é, aliás, do ignorar o conveniente emprêgo delas que procede o vermos freqüentemente errar a genuína linguagem, que, por tal causa, de dia em dia se vai deteriorando".

A êsse intróito seguem-se quase cento e setenta páginas sôbre as preposições, mas... completo é o silêncio no que respeita à repetição das preposições. É, em verdade, ingrato êsse assunto particularizado, que aqui me arrojo a ventilar.

Distinguirei os diversos casos por lêtras, constituindo o primeiro um esclarecimento preliminar e básico:

a) *Vários nomes, mas um só regime*: Suponhamos uma luta entre um indivíduo, João, e dois outros, Pedro e Paulo. Diremos: "João lutou contra Pedro e Paulo" ou: "João lutou contra Pedro e contra Paulo"?

A segunda construção tem significado diferente da primeira, pois denota duas lutas separadas; João lutou primeiro contra um, depois contra outro. Se a luta foi uma só, a preposição não se repete: "João lutou contra Pedro e Paulo".

Perigo de ambigüidade como êsse poderá existir em outras frases semelhantes: "Aos poetas e pintores" (= a pessoas a um tempo poetas e pintores), "Aos poetas e aos pintores" (= aos que são poetas e aos que são pintores).

Não cabe, em tais casos, verificar se as palavras, regidas pela preposição, são ou não antônimas; importa, isto sim, observar se elas constituem um só regime, conjunto, contemporâneo, ou, ao contrário, regimes diferentes, isolados. Quando se diz "Viaja por terra e por mar", diz-se bem, e não seria possível de outra forma dizer. Os elementos não podem constituir complemento conjunto de "viajar"; a repetição

da preposição impõe-se. Quando — considerando-se o caso contrário — diz alguém: "Destruir a ferro e fogo", procede corretamente em não repetindo a preposição, uma vez que as palavras "ferro" e "fogo" indicam elementos contemporâneos de destruição.

"A fita do Gordo e o Magro" — "Um grupo de cinco rapazes e duas môças" — constituem outros exemplos de regime comum, uno, da preposição. Outros exemplos em que a preposição rege vários nomes que constituem um só regime: "Durante o mês passado e parte do presente" — "Homem de cabelos brancos e bigode grisalho" — "Analogia de forma e significação" — "Campo juncado de mortos e feridos" — "Ante a violência do choque e a desordem das vanguardas" — "Casa de pau e barro" — "Comida com sal e pimenta" — "Secretaria da Educação e Saúde Pública" — "Instituto de Aposentadoria e Pensões" — "Tecido de algodão e lã" — "Flexão verbal de modo, tempo, pessoa e número" — "Viver a pão e água".

Se as palavras que vêm após a preposição não constituem regime uno, contemporâneo, a repetição se impõe: "Nomes derivados de substantivos e de verbos" — "Vive na cidade e no campo" — "Ostenta seu poder no céu, no ar, no mar, na terra" — "Orgulho da ciência e da indústria" — "Honra para mim e para todos" — "Flexão subordinada às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez".

b) Se os complementos são *palavras que têm mais ou menos o mesmo sentido*, não se deve repetir a preposição: "Viver na moleza e ociosidade" — "Encantou-nos com sua bondade e doçura" — "Deve a vida à clemência e magnanimidade do vencedor".

Razão ainda maior há para não se repetir a preposição, quando o segundo elemento é explicativo ou equivalente do primeiro: "Corresponde ao duplo l ou l molhado" — "Compostos de duas ou mais palavras" — "Seguido de e ou i" — "Indica um conjunto de sêres ou objetos" — "Conhecem-se pelo sufixo ou terminação". Em construções como essas, não há verdadeiramente dois regimes, senão um só.

Note-se que a "equivalência" não será sempre denotada pelo "ou", como nestes exemplos: "As lêtras dividem-se, quanto à natureza, em vogais e consoantes" (Quer vogais, quer consoantes, são lêtras: neste sentido é que deveremos aqui entender a palavra "equivalência"). "Os metaplasmos podem processar-se por adição, subtração e substituição" (Não há necessidade de repetir a preposição; em qualquer dos casos existe metaplasmo). "Dividem-se em interjeições pròpriamente ditas e locuções interjetivas".

c) *Regimes das preposições "a" e "por", seguidos de artigo definido*: Deve-se repetir a preposição, quando repetido vem o artigo: "Opor-se aos projetos e aos desígnios de alguém" (Jamais: "aos projetos e os desígnios") — "Carateriza-se pelo talento e pelos relevantes méritos" (Jamais "pelo talento e os relevantes méritos") — "Flagelado pela peste e pelos estragos" — "Sócrates distinguiu-se pela modéstia e pela sabedoria" — "Choravam pelo pai e pela mãe" — "Marasmado pelo álcool e pela nicotina" — "Morrer pela lei, pelo rei, pela pátria" — "Escarnecido pelo monarca e pelos ministros".

Se não se repetir o artigo, poder-se-á não repetir a preposição, tendo-se sempre em mente as normas *a*) e *b*): "Opor-se aos projetos e desígnios de alguém" — "Flagelado pela peste e estragos".

O mesmo poderá ser dito com relação a outras preposições: "Nas formas rizotônicas e derivadas" — "Observações sôbre a pronúncia e grafia de certos verbos" (Ou: "sôbre a pronúncia e sôbre a grafia" — não: "sôbre a pronúncia e a grafia").

É galicismo ou castelhanismo pôr antes do segundo nome o artigo sem a preposição: "Une patrie dévastée par la faime, la guerre ou la maladie", "Una pátria devastada por el hambre, la guerra ó la peste"; em português: "Uma pátria assolada pela fome, pela guerra ou pela doença".

Não devemos imitar exemplos como êstes: "O Dante é imortal, mas o seu poema é inspirado pelo misticismo e a vingança" — "Estas palavras quase severas do mancebo foram seguidas de um longo silêncio, apenas interrompido pelo tinir dos pratos e o rumor dos dentes" — "Mas as argolas do caixão foram seguras pelos cinco familiares e o Benjamim".

d) *Regimes antecedidos de possessivo:* Mutatis mutandis, é êste caso igual ao anterior, ou seja, repete-se a preposição quando repetido vem o possessivo: "Disponha de minha casa e de minha bôlsa" — "Com meu pai e com minha mãe" — "Dê o resto ao meu empregado e ao meu guia" — "Com saudades do seu vinho e dos seus charutos".

Poder-se-á não repetir o possessivo — e então nem a preposição virá repetida — quando aplicáveis as lêtras *a*) e *b*): "Segundo suas lucubrações e queixumes".

e) *Regime seguido de apôsto:* Quando a repetição não se fizer necessária, nem para ênfase nem para clareza, não haverá necessidade de repetir a preposição antes do apôsto: "Nascido numa bela cidade, Campinas" — "Proveniente da mais bela das capitais, Rio de Janeiro".

f) *Regimes dispostos em grupos de dois ou mais elementos:* Pode-se repetir a preposição antes de cada grupo: "Acompanhado de professôres e advogados, de físicos e químicos, de médicos e dentistas" — "As lêtras classificam-se em maiúsculas e minúsculas, em vogais e consoantes".

g) *Regime seguido de palavra ou locução explanatória:* Repete-se a preposição: "No mês de janeiro, ou melhor, de fevereiro" — "A propriedade do advérbio, digo, do adjetivo" — "Refiro-me à filha, digo, à sobrinha do mordomo" — "Foi com o mestre, digo, com o aprendiz".

551 — REPETIÇÃO DAS LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

a) *Regimes ligados por "e":* Na maioria das vêzes, encontramos repetida sòmente a preposição que finaliza a locução: "Através do Dicionário e da Gramática" (M. Barreto) — "À vista das crônicas coevas e dos documentos" (Herc.) — "Em troca da proteção e do afeto" (M. de Assis) — "Acêrca da solidão noturna e do sono e das coisas" (M. de Assis) — "À frente dos soldados vasconços e de algumas tiufadias" (Herc.) — "Por meio da fé e do batismo" (Vieira) — "À vista desta distinção tão verdadeira, e dêste desengano tão certo" (Vieira) — "Abaixo de Deus e do estudo" (Castilho) — "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro e da saúde" (Camilo) (1) — "À frente dos exércitos e das povoações entusiásticas" (Castilho) — "A instâncias dos seus editôres e de outras pessoas" (J. J. Nunes) — "Em direção à Europa e ao sul do continente" (Carneiro Ribeiro) — "Por intermédio das fôlhas diárias e das subscrições públicas" (Silva Ramos).

Exemplos todavia não faltam de não repetição de nenhum dos elementos da locução: "A custa das concessões e promessas humilhantes" (Herc.) — "Por honra dos santos e dias de festa" (Bernardes) — "A par das crenças e civilização da mãe comum" (J. J. Nunes). — Tais exemplos de não repetição são mais freqüentes quando os regimes não vêm antecedidos de nenhum determinativo: "Atrair por meio de sedução e recompensa" (Rebelo da Silva) — "Da parte de néscios e ruins" (Castilho).

b) *Regimes ligados assindèticamente:* Quando, em vez de "e", há vírgula entre os regimes, jamais se deixa de repetir o elemento final da locução ou, se fôr para efeito enfático, conforme iremos ver na lêtra *e*), a locução inteira: "Através da virtude, da verdade" (Jorge Ferreira) — "A par dêsses foros imortais, desta bem-aventurança interminável" (Mont'Alverne) — "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro..." (Camilo).

---

(1) Não me parece acertada a doutrina, encontrada em certo autor, de que a locução "apesar de" deveria ser usada sòmente para significar sentimento de pesar; aí fica um exemplo de Camilo — "apesar da saúde" — a confirmar meu parecer.

c) *Regimes falsamente duplos:* Citemos um exemplo: "Andam sempre através do uso e costume" (Jorge Ferreira). "Uso e costume" é expressão jurídica que, na prática, denota uma só e mesma coisa, e, no Direito, êsses dois substantivos vêm sempre juntos.

Por analogia, no mesmo caso se enquadra êste exemplo de Vieira: "E se êle se deixasse ver dentro da casa ou sepultura" (Se Vieira tivesse repetido o elemento final da locução, iria especificar coisas diferentes, dando sentido falso ao leitor; "casa" e "sepultura" são palavras que estão aí a indicar uma só coisa).

Caso o "ou" não trouxesse a indicação de uma coisa única, a preposição viria repetida: "Diante dos meus olhos ou dos meus ouvidos" (Silva Ramos).

d) *Regimes distanciados:* Quando de tal forma distanciado do primeiro, que esqueça ao leitor a locução de que êle depende, nada mais natural que vir o segundo regime com a locução repetida: "Não é quanto a êle, que vos lembro reformação, mas só quanto ao modo de..." (Castilho).

e) *Repetição enfática:* Por menos atento esteja, notará o leitor o efeito enfático que ao período traz a repetição da locução inteira antes de cada regime, sempre que a repetição seja ditada por essa conveniência: "Êle continua a culminar ali acima das lêtras, acima da política, acima da magistratura" (Rui).

f) *Exemplos que não devem ser seguidos:* Constitui galicismo ou castelhanismo — ficou dito na lêtra c) do número anterior — pôr antes do segundo regime o artigo sem a preposição: "Acêrca da Companhia de Jesus e a colonização brasileira" (Deve ser: Acêrca da Companhia de Jesus e da colonização brasileira) — "Acêrca do extinto convento da Conceição desaproveitado e as ruínas da contígua igreja" (Deve ser: Acêrca do extinto convento... e das ruínas...).

552 — PREPOSIÇÃO e INFINITIVO: "Não saia sem *mim*", "Não vá sem *mim*" — são construções certas. Não podemos dizer: "Não saia sem *eu*", "Não. vá sem *eu*" — porque a preposição exige após si a forma pronominal oblíqua. Acaso dizemos: "Isso não depende de *eu*"? — A mesma razão que nos obriga a construir "Isso não depende de mim", obriga-nos a dizer: "Não saia sem *mim*", "Não vá sem *mim*".

Se, porém, nessas orações, vier um infinitivo depois do pronome, já não será permitido o emprêgo do oblíquo, impondo-se, então, a forma reta: "Não saia sem *eu* ver", "Não vá sem *eu* mandar". — É que agora a preposição está regendo o infinitivo e não o pronome pessoal; êste exerce, nestas frases, função de sujeito do infinitivo e não, como nas orações anteriores, de regime da preposição.

Observe o aluno esta construção: "Para *mim* estudar é uma delícia"; o "mim" está correto, uma vez que não é sujeito de "estudar"; há, nessa oração, simples inversão de têrmos: "Estudar é para mim uma delícia".

QUESTIONÁRIO

1 — Por que a preposição e a conjunção se dizem *conectivos*?
2 — Que é preposição?
3 — Como se chamam os têrmos ligados pelas preposições?
4 — Como se classificam as preposições? Exemplos.
5 — Que diz, *em geral*, do significado das preposições? Exemplos.
6 — É correta a construção: "Nada tenho a fazer"? Por quê?
7 — "Éramos em três" — "Iamos em cinco" — "Fui com o trem das oito" — são construções portuguêsas?
8 — Quando se usa a preposição *per*?

9 — Que diz da expressão: "Tirantes as mulheres, todos se levantaram"? Explique a resposta.

10 — Há perigo de confusão entre *locução prepositiva* e *locução adverbial*? Por quê?

11 — Cite alguns casos de combinações de preposição.

12 — Quando ocorre a contração de preposição?

13 — Que diz da repetição das preposições? (Discorra sòmente sôbre o ponto que tenha achado mais interessante).

14 — Corrija os períodos:

a) Vou na cidade fazer umas compras, e se ver que não chove talvez vá em Niterói em casa de minha irmã.

b) Recomendo-vos que dispensais tôda a atenção a êste caso.

c) Entre eu e tu pouca diferença existe.

d) Moro aonde já morou você, à rua dos Farrapos, 13.

CAPÍTULO XXXVIII

CONJUNÇÃO

556 — **Conjunção** é o *conectivo* oracional, isto é, é a palavra que liga orações: "O rústico, *porque* é ignorante, vê *que* o céu é azul; *mas* o filósofo, *porque* é sábio e distingue o verdadeiro do aparente, vê *que* aquilo *que* parece céu azul, *nem* é azul, *nem* é céu".

Nesse período, os vocábulos *porque, mas, e, que, nem* são *conjunções*, porque são os conectivos das orações.

"As conjunções fazem do discurso um todo harmônico e um símbolo dessa unidade que existe no espírito entre nossas idéias e nossos pensamentos, uns relativamente aos outros; elas ligam as orações umas às outras, constituindo os períodos; êstes encadeiam-se uns com os outros, tecendo o discurso, o qual, sem êsses elementos conectivos, que lhe servem de liga e cimento, perderia seu verdadeiro caráter" (C. Ribeiro).

CLASSIFICAÇÃO

557 — As conjunções ligam as orações de duas maneiras: **coordenando** e **subordinando** (1). *Coordenam*, quando ligam orações da mesma espécie, da mesma *ordem*, e chamam-se, então, conjunções *coordenativas; subordinam*, quando ligam orações diferentes de espécie, e então se chamam conjunções *subordinativas*.

558 — Para compreensão do assunto, veremos, antes de tudo, o que vem a ser, em gramática, *período:* **período** é uma ou mais *orações* que formam sentido completo. O fim do período é geralmente indicado pelo *ponto final*, tendo igual função o *ponto de exclamação* e o *ponto de interrogação*, quando equivalem a ponto final (V. nota do n.º 1 do § 144). Dessa forma, obtemos a seguinte seqüência:

as lêtras formam sílabas
as sílabas formam palavras
as palavras formam frases
as frases formam orações
as orações formam períodos
os períodos formam o discurso (ou *oração*, no sentido de *peça oratória*)

(1) Tôda a atenção peço ao aluno; irei ser até prolixo na exposição do assunto, mas há disso necessidade, dada a importância do caso para muitos problemas da sintaxe.

559 — As orações podem ser *absolutas*, podem ser *principais*, podem ser *coordenadas* e podem ser *subordinadas*.

Uma oração é *absoluta* quando tem *sentido completo*. Assim: "A águia voou", "Pedro partiu", "João ficou" — são orações *absolutas*, isto é, de sentido completo.

Quando o período se constitui de uma única oração absoluta, chama-se **período simples**.

Nota — As orações absolutas têm sempre o verbo no *indicativo* ou no *imperativo*, pois só êsses modos podem enunciar fatos positivos ou independentes. Quando o *subjuntivo* ou o *infinitivo* aparecem numa oração absoluta, são equivalentes ao *imperativo*: "Não *sejais* cobiçosos" — "À direita *volver*" (= *volvei*).

560 — Agora, se dissermos: "Pedro partiu e João ficou" — teremos um **período composto por coordenação,** ou seja, formado por duas orações absolutas, por duas orações de sentido completo. O período composto por coordenação pode constituir-se de mais de duas orações absolutas:

"Os pedreiros chegaram cedo, (1) trabalharam muito, (2)
mas não terminaram o serviço". (3)

O sujeito das orações 2 e 3 está subentendido (é o mesmo da oração 1), mas isso não impede que elas sejam absolutas, isto é, de sentido completo.

561 — Com os verbos *dizer*, *responder*, *exclamar*, *prosseguir* e outros semelhantes, formam-se orações chamadas *interferentes*, por virem, de ordinário, entre os membros de outra oração: "A flor, *disse êle*, é uma maravilha" — "Os cachorrinhos, *respondeu a mulher*, comem as migalhas da mesa de seus senhores".

Obss.: 1.ª — Tais orações interferentes colocam-se entre vírgulas quando intercaladas.

2.ª — As orações interferentes não influem gramaticalmente nas outras orações, isto é, não há subordinação gramatical entre a interferente e a outra oração.

Quando se constrói: *Eu venho, disse êle* (ou: *Disse êle: Eu venho*) usa-se o **estilo direto,** assim chamado aquêle em que a oração é relatada tal qual o autor dela a proferiu. Quando, porém, se constrói: *Êle disse que vem*, emprega-se o **estilo indireto,** assim chamado aquêle em que a oração é da autoria do escritor, e neste caso o período passa a ser composto por subordinação.

562 — A locução *o que* dá origem a orações absolutas: "Êle portou-se mal, *o que* muito me contrariou". De fato, *o que*, neste caso, equivale a *isto*, sendo a oração, pelo sentido, *coordenada.*

563 — Suponhamos, agora, que alguém a nós se chegue e nos diga, de chôfre: "Que você vá". — Nada entendemos com essa declaração; a oração não tem sentido completo, não obstante ser uma oração, pois nela existem os têrmos essenciais da oração: *sujeito* e *predicado.* A oração "que você vá" está necessitando de outra oração, para que tenha sentido completo. Se a pessoa nos tivesse dito: "Não quero que você vá" — tê-la-íamos compreendido.

Pois bem; a oração "que você vá", por necessitar de outra para que tenha sentido completo, chama-se *oração subordinada*, porquanto se subordina a outra, depende de outra, para que tenha sentido completo. A oração da qual a subordinada depende chama-se *oração principal.*

O período que se constitui de uma oração principal e de uma ou mais subordinadas chama-se **período composto por subordinação:**

Não quero	que êle vá
oração *principal*	oração *subordinada*

período composto por subordinação

564 — O estudo que acima fizemos fornece-nos a seguinte sinopse:

A *ORAÇÃO*, quanto à *função* que exerce no período, pode ser:

Absoluta — Principal — Coordenada — Subordinada

O *PERÍODO*, quanto à *forma*, isto é, quanto à constituição, pode ser:

Simples — Composto por coordenação — Composto por subordinação

565 — Passemos, agora, para as conjunções: As conjunções que ligam uma oração absoluta a outra absoluta, ou uma subordinada a outra subordinada, ou, generalizando, as conjunções que ligam orações da mesma função, da **mesma ordem,** chamam-se **coordenativas.**

As conjunções que ligam a subordinada à principal chamam-se conjunções **subordinativas.**

Nota — Locução conjuntiva: Certas conjunções aparecem sob a forma de locuções ou seja, são expressas por mais de uma palavra. Exemplos: *por conseguinte, ainda que, salvo se, com tal que, da mesma maneira que.*

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *conjunção?*
2 — Que é *período?*
3 — Dê um exemplo em que o ponto de interrogação ou de exclamação não equivalha a ponto final (V. a nota do n.º 1 do § 144).
4 — Como podem ser as orações? Definição e exemplos claros.

5 — Quando um período é *composto por coordenação?* Clareza na explicação e nos exemplos.
6 — Que é *oração interferente?* Exemplo.
7 — Quando o estilo se diz *direto?* Exemplo.
8 — Quando o estilo se diz *indireto?* Exemplo.
9 — Redija um período em que apareça uma coordenada começada por "o que" (= isto).
10 — Quando um período é *composto por subordinação?*
11 — Quando uma conjunção é *coordenativa?*
12 — Quando uma conjunção é *subordinativa?*
13 — Que é locução conjuntiva?

CAPÍTULO XXXIX
COORDENATIVAS

570 — Há **cinco** espécies de conjunções coordenativas:

571 — **ADITIVAS:** são as que ligam duas orações, aproximando-as meramente:

e (1) nem (2) também (3) que (4)

---

(1) a) A conjunção *e* é o tipo das conjunções aditivas e indica mera relação de nexo; por isso é comumente suprimida, sem prejuízo para o sentido, em uma série coordenada e só é expressa entre o penúltimo e o último têrmo: "Sócrates, Platão e Aristóteles são filósofos de nomeada". — Quando, porém, queremos pintar, com viveza, certa aglomeração de coisas, é de belo efeito torná-la expressa entre os membros da série: "De gente de guerra e hostes e de arrancada e de cavalaria e de besteiros (pronuncie *bés-têi-ros*) e de flecheiros e de ases e de trons e engenhos, disso sei eu mais a dormir do que vós acordado, mestre João das Regras" (Herculano).

b) As traduções vernáculas da Bíblia conservam a superabundância dessa partícula existente no original. Daí o chamarem alguns autores *estilo bíblico* a exuberância da conjunção *e* (A repetição de uma conjunção em frases consecutivas chama-se *polissíndeto*).

c) Ao vocábulo *mais* da-se às vêzes o mesmo valor que à conjunção *e*, sobretudo em linguagem matemática ou familiar: "Dois *mais* dois são quatro" — "Pedro *mais* o irmão chegaram".

d) Entra em frases, unindo dois nomes, para indicar grande quantidade: "Levei horas e horas" — "Apareceram homens e homens".

(2) a) A conjunção *nem* equivale analìticamente a "e não": "Não foi *nem* (= e não) deixou que outros fôssem". Como a conjunção *nem* já equivale a "e não", é hoje condenada a anteposição do *e* ao *nem:* "Não foi *e nem* deixou..." — Só é possível dizer "e nem", quando o *nem* não exerce função coordenativa, como nestes exemplos: "Não foi e, nem que tivesse ido, não..." — "Êle não foi e nem por isso faltou à obrigação" — "Corriam alegres para a escola e nem sequer dos brinquedos de casa se lembravam" — "E nem da própria vida estou seguro".

b) Quando repetido, o *nem* implica separação de idéias; diz-se então conjunção *alternativa:* "*Nem* um, nem outro" — "*Nem* para trás, *nem* para diante".

c) *Nem* desempenha às vêzes função adverbial: "*Nem* por sombra" — "*Nem* por isso" — "*Nem* tudo é bom".

d) A locução conjuntiva *que nem*, de significação igual a *como*, só é usada hoje por pessoas incultas: "Êle caiu *que nem* uma pedra".

(3) *Também* é conjunção quando liga duas orações:
"Êle soube, *também* seria reprovado se não soubesse".
Funciona freqüentemente como advérbio: "*Também* *ali*".
adv.

Não devemos confundir a conjunção *também* com a expressão *tão bem:* "Isto está *tão bem* feito que merece ser publicado".
adv.

(4) *Que* é conjunção coordenativa aditiva quando equivale a "e": Dize-me com quem andas, *que* (= e) eu te direi quem és" — "A mim *que* (= e) não a êle compete fazer isso" — "Mexe *que* (= e) mexe".

572 — ADVERSATIVAS são as que ligam orações de sentido dverso ou contrário:

mas [1]	contudo	entretanto
porém [2]	senão [4]	no entanto [6]
todavia [3]	aliás [5]	ainda assim

---

(1) *Mas* é o tipo das conjunções *adversativas;* indica, nìtidamente, adversidade de idéia. A idéia de *ir* opõe-se a idéia de *voltar;* dizendo: Êle foi, *mas* não voltou" — indicamos o contraste de idéias. Outros exemplos: "Davi escolheu o tempo da noite e assim chorava de noite, *mas* de dia não chorava" — "Entrou, *mas* não pôde sair".

(2) *Porém* é também adversativo, mas não tem a mesma fôrça adversativa que *mas*, e do *mas* ainda se diferencia no seguinte: O *mas* sempre vem no rosto da oração (Jamais se dirá: "Êle foi, não voltou *mas*"), ao passo que *porém* vem geralmente depois de iniciada a oração: "Pode ir; não se deixe, *porém*, levar pelas más companhias".

É arcaico e plebeu o emprêgo conjunto de *mas porém:* "*Mas porém* eu não vou". — *E porém, mas contudo, e contudo, e mas* são também combinações que os bons escritores evitam.

(3) *Todavia* tem a mesma significação de *contudo, entretanto, no entanto, ainda assim:* "E ainda que com êste auxílio o inimigo não levante o cêrco, *todavia* se lhe entorpecem as fôrças e encontram as licenças".

(4) a) *Senão* tem os seguintes significados: 1.º — *de outro modo, de outra forma, no caso contrário:* "Confessa, *senão* morres" — "Não insistas, *senão* apanhas". 2.º — *mas sim:* "Se tal disse, não foi com intuito de ofendê-lo, *senão* para advertí-lo". 3.º — *a não ser, mais do que:* "Êle não se corrigirá *senão* apanhando" — "Não havia *senão* mulheres na sala".

Quando êsses não forem os sentidos, *se* e *não* deverão ser escritos separadamente. Neste caso o *não* conserva todo o seu valor de advérbio de negação, e o se, ùnicamente o *se*, exerce a função de conjunção, que poderá ser substituída por outra conjunção sinônima: "*Se não* queres, não irei", o que equivale a dizer: "*Caso não* queiras, não irei", ou ainda: "Não querendo, não irei" — substituições estas impossíveis nos três casos de cima. Outros exemplos: "Homens iguais, *se não* superiores, temos hoje" (= se não forem; o se é conjunção condicional) — "Ganhando, *se não* a côr, o aspeto geral do resto da gente" — "Também um pouco, *se não* muito, amou os clássicos".

b) Quando de duas orações que se ligam e se combinam contiver a primeira a locução negativa *não só* ou *não sòmente*, a segunda oração será ligada à primeira pelas locuções adversativas *senão, senão também, senão que, mas ainda, mas também, mas até*, ou por *mas* simplesmente: "O sol *não só* excede na luz a cada uma das estrêlas e a cada um dos planêtas, *senão* a tôdas e todos incomparàvelmente" — "*Não só* é indigno da mercê, *senão* também da graça" — "Em tratando de mouros ou infiéis, *não só* usa por sua conta, *senão* que atribui ao Apóstolo expressões violentas contra êsses mesquinhos" — "*Não sòmente* a sua convicção, *mas* o seu amor próprio".

c) *Senão quando* é expressão que equivale a "mas, quando menos se esperava": "Caminhávamos, *senão quando* se apresenta um cavaleiro".

(5) *Aliás*, como advérbio, significa *de mais a mais, por outro lado, ou por outra:* "Pedido a que, *aliás*, não pude deixar de atender". — "Em fevereiro, *aliás*, em janeiro, fui ao Rio". — Funcionando como conjunção, significa *de outro modo:* "Estuda, *aliás* não passarás nos exames".

(6) Hoje ou se diz *no entanto* ou *entretanto;* cai em desuso a forma *no entretanto.*

573 — ALTERNATIVAS são as que ligam orações que indicam idéias incompatíveis ou alternadas. Enquanto as adversativas indicam oposição definida ("Foi, *mas* não voltou" — "Vai-te, *senão* morrerás"), as alternativas indicam separação vaga ou alternação: "*Ou* vai *ou* trabalha" — "*Quer* João, *quer* Pedro...". São alternativas as seguintes conjunções:

ou (1)	já... já (3)	quer... quer	quando... quando
ou... ou (2)	ora... ora	agora... agora (4)	seja... seja

574 — CONCLUSIVAS, ou **ilativas,** são as que ligam orações, exprimindo a segunda conclusão ou ilação da primeira:

logo (1)	portanto	enfim	conseguintemente
pois (2)	assim	por fim	conseqüentemente
então (3)	por isso (4)	por conseguinte	donde, por onde

(1) *Ou* é o tipo das conjunções alternativas. Há entre *e* e *ou* a seguinte diferença: A primeira estabelece ao mesmo tempo a junção de idéias e a junção material de palavras; a conjunção *ou*, muito pelo contrário, só é um elemento conectivo porque estabelece materialmente a junção de uma oração com outra; materialmente une, mas formalmente desune.

Ou deixa às vêzes de indicar alternativa, para indicar distinção, equivalendo a *isto é, por outra forma* (V. a 5.ª espécie, *explicativas*): "Um tostão *ou* cem réis", "Aristóteles *ou o* filósofo de Estagira" — ou para indicar possível substituição de uma coisa por outra: "Pode-se admitir a teoria física das emissões *ou* a das ondulações, porque ambas explicam os fenômenos caloríficos".

(2) Quando conjunção alternativa, o *ou* pode vir repetido: "*Ou* o pai *ou* o filho morrerá".

(3) *Já, ora, quer, quando, agora, seja* são conjunções alternativas que vêm repetidamente: "A criança *já* chora, *já* ri" — "*Quer* você queira, *quer* não queira..." — "*Ora* diz sim, *ora* diz não" — "*Quando* age dêste modo, *quando* age daquele" (= umas vêzes... outras vêzes).

Aproveito-me do ensejo para observar ao aluno uma questão, embora não se relacione pròpriamente ao caso: Não se deve em legítimo português dizer: "*Metade* da população vive a expensas do govêrno *e a outra metade* a pagar impostos" — pela mesma razão por que não se diz: "*Parte* dos alunos queria férias *e a outra parte* não queria". O certo é "*Parte* queria férias, *parte* não queria" — "*Metade* vive do govêrno, *metade* para o govêrno".

(4) V. § 526, n. 1.

(1) Exemplo: "Êle bebeu, *logo* não pode conduzir o carro".

(2) Quando conjunção conclusiva, *pois* é pospositivo, isto é, vem depois de iniciada a oração: "Perdemos há poucos dias nosso pai; não podemos, *pois*, participar da festa". *Pois* é, às vêzes, advérbio: "*Pois* sim", "*pois* não". Outras vêzes, entra em locuções interjetivas: "*Pois quê!*" — "*Ora pois!*" (V. nota 3 do § 575; § 582, n. 3).

(3) Exemplo: "Êle nos avisou; devemos *então* esperá-lo".

(4) A ortografia oficial adotou a forma analítica para essa conjunção conclusiva: "Vou sair, *por isso* (= portanto) tenha juízo".

575 — EXPLICATIVAS são as que ligam duas orações, explanando ou continuando a segunda o sentido da primeira:

ou	verbi gratia [2]	depois [5]	demais	(7)
isto é	pois [3]	além disso	ademais	
por exemplo	pois bem	com efeito	ao demais	
a saber	ora [4]	outrossim [6]	de mais a mais	
ou seja [1]	na verdade		demais disso	

Quanto às conjunções *que*, *porque* etc., V. nota 2 do § 582.

---

(1) *Ou seja*, quando locução conjuntiva, equivale a "isto é" e é invariável; não se dirá: "Dois alqueires, ou sejam, 48 mil metros quadrados" — senão: "Dois alqueires, *ou seja*, 48 mil metros quadrados" (Compare-se com a conjunção italiana *ossia*).

Note-se que "isto é, "a saber", "ou seja" vêm entre vírgulas na oração: "Aprendamos nosso idioma, *isto é*, fortaleçamos o mais sagrado laço de nossa nacionalidade" — "Morreu, *ou seja*, deixou de incomodar-nos".

(2) Pronuncie *verbi grácia*; significa o mesmo que *exempli gratia*, *por exemplo*, *a título de exemplo*.

(3) *Pois*, quando conjunção explicativa, é prepositivo, isto é, vem no rosto da oração: "Nenhum castigo mereço, *pois* nada fiz" (V. nota 2 do § 574).

(4) Exemplo: "O que é bom é amável; *ora*, êle é bom, logo é amável".

(5) Exemplo: "Não o empurrei; *depois*, não estava perto dêle no momento da queda".

(6) *Outrossim* significa *igualmente*, *também*, *além disso*, *ao mesmo tempo*: "Nada lhe farei; não quero, *outrossim*, magoar sua família" — "Disse-lhe que o não fizesse; fi-lo *outrossim* ver a não razão de seu intento".

(7) Têm a mesma significação de *além disso*: "Não lhe obedeço; *demais*, esta ordem é ilícita".

QUESTIONÁRIO

1 — Quantas espécies de *conjunções coordenativas* existem? Definição e exemplos de cada espécie.
2 — Que cuidado devemos ter no emprêgo da conjunção *nem*?
3 — Que diz da locução conjuntiva *que nem*?
4 — Faça uma oração ou período, no qual o *que* equivalha a *e*.
5 — Quando podemos escrever *senão*, e quando devemos escrever *se não*, separadamente?
6 — Construa duas orações, na primeira das quais *aliás* funcione como advérbio e, na segunda, como conjunção. Dê o sentido do *aliás* nas duas sentenças.
7 — Qual o significado e o emprêgo de "outrossim", de "demais" de "por isso"?

Capítulo XL

SUBORDINATIVAS

580 — As conjunções subordinativas distribuem-se em **dez** grupos, de conformidade com a idéia que trazem à subordinada; com exceção das *integrantes*, umas subordinativas podem indicar *tempo*, outras podem indicar *modo*, outras indicam *causa*, outras indicam *fim* etc., como passaremos a ver.

581 — INTEGRANTES: Assim se denominam as subordinativas *que* e *se*, quando ligam uma subordinada que serve de *objeto* (direto ou indireto) ou de *sujeito* do verbo da oração principal:

oração principal — subordinada objetiva direta

QUERO | QUE ESTUDES

v. transitivo direto — QUE: conjunção integrante — ESTUDES: obj. dir. de *quero*

oração principal — subordinada objetiva indireta

ISTO DEPENDE | DE QUE SEJAS DILIGENTE

v. transitivo indireto — DE: (1) — QUE SEJAS DILIGENTE: obj. ind. de *depende*

oração principal — subordinada subjetiva (sujeito)

CONVÉM | QUE ESTUDES

v. intrans. — QUE: conjunção integrante — ESTUDES: sujeito de *convém*

oração principal — subordinada objetiva direta

NÃO SEI | SE ÊLE SERVIRA

SEI: v. trans. dir. — SE: conjunção integrante — ÊLE SERVIRA: obj. dir. de *sei*

Nota — O *que*, quando conjunção integrante, não raro vem elidido, principalmente em certas expressões como: "Forçoso lhe foi saísse" (= *que* saísse) — "É mister se entreguem" (= *que* se entreguem) — "Pediram-me fôsse ver o menino" (= *que* fôsse ver o menino). V. § 782, C, n.

---

(1) Compreende-se perfeitamente a necessidade dêste *de* antes da conjunção integrante; o verbo *depender* é transitivo indireto, e se constrói com a preposição *de*, a qual deverá interpor-se entre o verbo e o objeto. Fenômeno semelhante vimos com o pronome relativo *que* (§ 345, nota 3).

582 — CAUSAIS são as subordinativas que ligam duas orações, das quais uma depende da outra, como o efeito depende da causa; a que indica o efeito é a principal, e a que representa a causa é a subordinada:

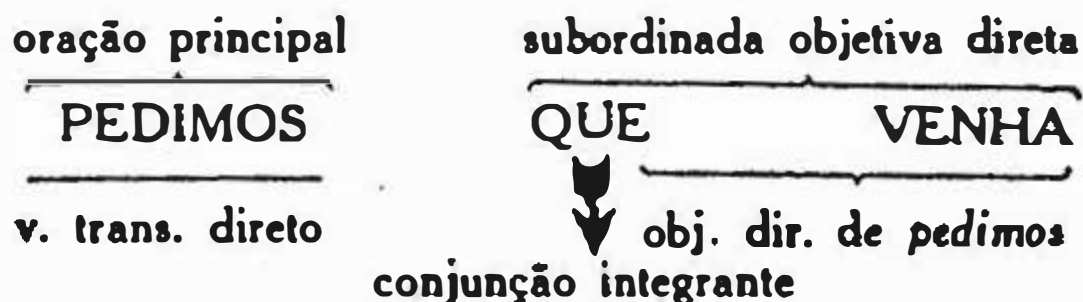
porque (1) que (2) pois que (3)

Quando o verbo da principal fôr transitivo direto, não poderemos colocar entre êle e a subordinada objetiva nenhuma preposição. Por isso é que é errado dizer: "Pedimos *para* que venha". *Pedir* é verbo transitivo direto (quem pede, pede *uma coisa*); portanto só poderemos dizer:
obj. direto

oração principal — subordinada objetiva direta

PEDIMOS QUE VENHA

v. trans. direto — obj. dir. de *pedimos*

conjunção integrante

O *v. pedir* só admite a preposição *para* quando o sentido fôr o de pedir licença, pedir consentimento, permissão, vênia: "O aluno pediu para sair".

(1) Exemplo: "Dei-lho *porque* me pediu". O *porque* era pelos clássicos empregado também como conjunção final (= para que), levando o verbo para o subjuntivo, conforme podemos ver neste exemplo de Camões:

> Logo se emboscaram
> *Porque*...
> Nos *pudessem* mandar ao reino escuro.

Atualmente, na imprensa, a conjunção final *porque* vai sendo substituída por *para que*: "Faço votos *para que* seja feliz" — em vez de: "Faço votos *porque* seja feliz". — Não faltam, porém, autores contemporâneos, conhecedores do idioma, que empreguem o *porque* final, como nos prova êste período, castiçamente redigido: "É a honra que nos compele a zelar *porque* o Brasil sobreviva" (V. § 587).

(2) A "Nomenclatura Gramatical Brasileira" traz: "As conjunções *que*, *porque* e equivalentes ora têm valor coordenativo, ora subordinativo; no primeiro caso, chamam-se *explicativas*; no segundo, *causais*".

Há nisso grave engano. Porque as causais explicam a causa, deixam de ser causais para ser explicativas? Quando se redige: "Não suba, que você cai", a subordinada constitui uma explicação, sem porém deixar de implicar motivo. Tanto aí como em "Não mais, Musa, que a lira tenho destemperada e a voz enrouquecida" o *que* (ou *porque*, ou *porquanto* ou *pois* etc.) abrem orações legitimamente causais. A admitir as causais como explicativas, forçoso se torna admitir como explicativas as finais, as temporais e ainda outras.

Parece que o que houve foi terem dado à palavra "explicativa" o sentido lato de "declarativa", ou terem confundido conjunção com oração ou gramática com filosofia.

Se algo existe é cambiante de significação, não porém mudança de natureza de orações.

Veja-se ademais o pior: Se "que", quando tem valor subordinativo, é causal, vamos chamar "causal" o *que* do período "Gostaria *que* êles estudassem"? Se "que", quando tem valor coordenativo, é "explicativo", vamos chamar "explicativo" o *que* de "Mexe *que* mexe"?

(3) Exemplo: "O senhor rei não comungue, *pois que* não é justiceiro". — O *que* é às vêzes suprimido. *Pois que* funciona também como locução interjetiva que denota espanto: *Pois quê!*

porquanto [4]
já que

uma vez que
sendo que

como [5]
visto como
visto que

583 — COMPARATIVAS: São o *que* (ou a locução *do que*) e outras palavras, quando ligam à principal uma subordinada que encerre comparação:

que (do que): "Dão-se os conselhos com mais boa vontade, *do que* geralmente se aceitam" — "Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que* os outros em nos ouvir" — "A atividade sem juízo é mais ruinosa *que* a preguiça".

(tal) *qual:* Ficou tal *qual* dantes era.
(tanto) *quanto:* Fêz tanto *quanto* pôde.
(tão) *quão:* Era tão inteligente, *quão* estudioso

(não só) *como* [1]
(tanto) *como* } [2]
(tão) *como*

Nota — "Tal qual" exige êste cuidado: às vêzes é locução conjuntiva, ou melhor, equivale a uma só palavra, e isso se dá quando substituível por "tal-qualmente" forma esta consignada no "O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa" da Academia das Ciências de Lisboa: "Êle fizeram *tal qual* mandei"; às vêzes cada um dos elementos conserva sua própria função: "Praticou ações *tais quais* nunca foram praticadas" — "Os filhos são *tais qual* o pai".

584 — CONCESSIVAS são as que ligam indicando *concessão*. Suponhamos que alguém nos diga: "*Embora* vá de avião, você não alcançará o vapor". — A pessoa que assim nos diz *concede*-nos a possibilidade de tomar um avião, para dizer que, mesmo com essa concessão, não conseguiríamos alcançar o vapor. As conjunções que trazem idéia de concessão chamam-se *concessivas:*

embora
quando

ainda que
dado que

pôsto que
conquanto
em que [1]

---

(4) *Porquanto* tem o mesmo significado de *visto que:* "Sair-me-ei bem, *porquanto* a sorte me tem orrido" — "Isso não se faz, *porquanto* o proíbe o bom senso".

(5) Exemplos: "Como êle faltou à palavra, julgo-me livre para agir" — "Como ontem choveu, não lhe posso entregar hoje o trabalho".

(1) É indiferente escrever: "*Não só* na grande imprensa *como* em vários escritores" e: "*Não só* na grande imprensa, *mas* em vários escritores". — Nenhuma diferença existe nem quanto à significação, nem quanto à pureza gramatical. Ùnicamente a análise das orações é que irá variar: *mas* inicia uma coordenada; *como* inicia uma subordinada comparativa: "*Não só* o operário deve ser protegido pelo govêrno, *mas* o patrão". — O "não só... mas" equivale a "como": "*Como* o operário, deve o patrão ser protegido pelo govêrno"; há nesse período duas orações, que assim podem ser desdobradas: "O patrão deve ser protegido pelo govêrno, *como* o operário é pr tegido pelo govêrno".

(2) Igual pureza gramatical existe em construções como: "*Tanto* Pedro *quanto* Paulo sabem a lição" e: "*Tanto* Pedro *como* Paulo sabem a lição".

(1) Significa *conquanto, embora:* "*Em que* eu seja lavradora, bem vos hei de responder" — "*Em que* pese a meu pai, não serei médico".

quando mesmo
mesmo que
por mais que
quer... quer
que [2]
por menos que
por pouco que
se bem que
seja que... seja que
com } + infinitivo [3]
sem }

EXEMPLO: *Conquanto* estudasse, não conseguiu aprender — *Quando mesmo* te laves em água de nitro, não te limparás — *Seja que* êle obedeça, *seja que* êle desobedeça, castigá-lo-ei — *Por menos que* puxes, arrebentarás a corda — *Quando* esta resolução não tivera anos de propósito, bastava que tivesse dias de discurso.

585 — **CONDICIONAIS** são as que ligam duas orações, pondo a subordinada em relação de condição, de hipótese, de suposição para com a principal:

se
salvo se
exceto se
contanto que
com tal que
caso
a não ser que
a menos que

EXEMPLOS: *Se* êle quiser, irei — Voltarei domingo, *salvo se* aparecerem outros negócios — *A não ser que* proíbam, haverá sábado um comício monstro — Irei, *contanto que* me paguem a viagem — Pedro não se curará, *a menos que* eu esteja enganado (= *a não ser que* eu esteja enganado) — Irei, *caso* não chova.

Notas: 1.ª — Há casos em que a conjunção *se* pode ser omitida sem prejudicar o sentido condicional da oração: "Fôsse eu... (= *Se* fôsse eu...) — "Não fôra meu pai..." (= *Se* não fôra meu pai...) — V. § 795, d.
2.ª — Não devemos confundir *se* conjunção com *se* pronome:

586 — **CONSECUTIVA** — Denomina-se conjunção consecutiva o *que*, quando exigido por *advérbio* ("Isto está *tão* bem feito *que* merece ser publicado" — "*Nunca* pensei naquele caso, *que* não me lembrasse de você"), por *adjetivo* ("*Tamanha* era sua sorte, *que* todos os dias

---

(2) A conjunção *que* é concessiva em frases como a seguinte: "Pedro não tem dinheiro, e *que* tivesse, não se meteria em emprêsa arrojada" — onde a conjunção *que* tem o mesmo sentido que *ainda que*, *concedido que*. — Outros exemplos: "Escrever para os outros não sei, nem *que* o soubera o faria" — "O lugar não tinha nenhuns meios de defesa, e *que* os tivesse, são os Paravás gente branda".

(3) As preposições *com* (na afirmativa) e *sem* (na negativa) têm elegantemente o valor de *concessivas* quando seguidas de verbo no infinitivo: "*Com ser* escravo (= *embora* fôsse escravo), tinha pensamento de homem livre" — "*Sem ser* escravo, obedecia" (= *embora não* fôsse escravo...). O *sem* pode vir com *que* e subjuntivo: *sem que fôsse escravo*.

ganhava") ou por *locução* de sentido relativo ou intensivo: "Guarde isto *de jeito que* não se quebre" — "De tal modo avançou, *que* se entregou à morte".

O *que*, nesses casos, denota sempre conseqüência, razão por que se denomina conjunção *consecutiva*.

Nota — Nenhum aluno, no estudar nossas conjunções ou no manusear lídimos escritores nossos, terá visto, pluralizadas, locuções conjuntivas como estas: *de maneira que, de forma que, de sorte que, de molde que, de jeito que.* Assim foi sempre, e não, como algumas vêzes desavisadamente procedem os que falam português, *de maneiras que, de formas que.* O substantivo que em semelhantes locuções conjuntivas entra deve ficar no singular.

Acontece, porém, que tais locuções aparecem bàrbaramente transformadas em *de maneira a, de forma a, de modo a,* torcendo a construção portuguêsa para um modo de dizer que não é nosso. Disfarçando a construção francesa, misturam-na outros com a portuguêsa, e então nos oferecem êste hibridismo sintático: *de modo a que, de forma a que, de maneira a que.* Tirando da frase o disfarce da francesia, ou seja, o "a", teremos vernácula a construção.

Elucidemos o assunto com exemplos da construção afrancesada, acompanhados da correspondente portuguêsa: Voltou o rosto de modo a não ser visto de frente — Voltou o rosto *de modo que não fôsse* visto de frente. Procede êle de forma a não saber eu se... — Procede êle *de forma que não sei se...* (Há, na frase, evidente elipse de *tal*, sendo o *que* conjunção consecutiva: *de tal forma que*). O trabalho deve ser de maneira a conseguir... — O trabalho deve ser *de maneira que consiga.*

Fujamos, pois, com real proveito para o vernáculo e, muitas vêzes, para maior compreensão e beleza do pensamento, das locuções *de forma a, de jeito a, de modo a, de molde a, de natureza a, de sorte a, de arte a.* Construamos como Camilo: "Tem ela os olhos *de jeito e molde que...*"

587 — FINAIS são as que ligam exprimindo circunstância de fim:

para que — a fim de que — porque
que (= para que)

EXEMPLOS: Tudo fizemos *para que* êle sarasse — Tu que as gentes da terra tôda enfreias, *que* (= para que) não passem o têrmo limitado — Ao rei presentes manda, *porque* (= a fim de que) a boa vontade tenha firme — *Porque* sofra menos é que iremos dar êste remédio (§ 582, n. 1).

588 — TEMPORAIS são as que ligam duas orações, trazendo idéia de tempo para a subordinada:

quando — enquanto — que [1]

---

[1] Temos visto as diversas funções do *que*. Encontramo-lo agora como conjunção subordinativa temporal, função que exerce quando a frase encerra idéia de tempo: "Já cinco sóis eram passados, *que* dali partíramos" — "Foi então *que* nós dissemos isso" — "Há mais de sessenta anos *que* nasci" — "Hoje, *que* a primeira febre e os ódios injustos da insurreição estão passados, pode-se já...".

	logo que	depois que	senão quando [3]
apenas } (2)	até que	assim que	ao tempo que
mal }	antes que	sempre que	ao passo que [4]
desde que			

EXEMPLOS: Não sei *quando* voltarei — *Enquanto* a vara sobe e desce, as costas folgam — Não o vi *desde que* se empregou — Trabalhe *até que* eu mande parar — Recolha a roupa *antes que* chova — Afastei-me *assim que* o vi — *Ao passo que* você ia, eu vinha — Trabalharão *enquanto* eu quiser — Assim se compunha a devota matrona com a sua consciência *ao passo que* aliciava o chocarreiro para a ajudar.

589 — PROPORCIONAIS são as que ligam trazendo à segunda oração idéia de igual aumento ou diminuição, comparada com a idéia expressa na primeira:

à medida que	mais
à proporção que	menos
quanto mais...	quanto mais
quanto menos...	quanto menos
tanto mais...	tanto mais
tanto menos...	tanto menos

EXEMPLOS: Êle melhorava *à medida que* o frio diminuía — *Quanto mais* ganhavam, *tanto mais* pediam — *Quanto mais* eu viajava, *tanto menos* pensava em voltar.

590 — CONFORMATIVAS são as que ligam indicando semelhança, paralelismo, conformidade de idéia:

como conforme consoante segundo da mesma maneira que

EXEMPLOS: Êle agiu *como* pedi — Faça *conforme* o seu pai disse — Todos se vestem *consoante* vêem no cinema — Faça *segundo* eu digo, não *segundo* eu faço.

QUESTIONÁRIO

1 — Quantas espécies de conjunções subordinativas existem? (Clareza nas definições; citação completa das conjunções nas suas diferentes espécies; explicação completa e clara das *integrantes*).
2 — Construa um período em que entre a subordinativa causal *porquanto*.

---

(2) *Apenas* e *mal* são advérbios que passam a ser conjunções quando atam duas orações: "Êle saiu, *apenas* eu cheguei" — "*Mal* desembarcou, começou a estudar".
Quando não ligam orações, *apenas* e *mal* são advérbios: "Vou *mal*" — "*Apenas* gemeu".
(3) Veja a nota 4 do § 572.
(4) Tem muitas vêzes sentido adversativo: "João é estudioso, *ao passo que* Antônio não é".

3 — Construa três períodos, empregando em cada um dêles as concessivas *conquanto, em que, que.*
4 — *Com* pode ter fôrça de conjunção? Quando? Exemplo.
5 — Construa um período em que entre a subordinativa condicional "a menos que".
6 — Construa um período em que entre a subordinativa final *que.*
7 — Construa quatro períodos, em dois dos quais o *como* funcione como conjunção *conformativa,* e noutros dois como conjunção *causal.*
8 — Há diferença de pureza gramatical entre "tanto... quanto" e "tanto... como"?

CAPÍTULO XLI

INTERJEIÇÃO

595 — **Interjeição** é a palavra ou a simples voz, ou, muitas vêzes, um grito, que exprime de modo enérgico e conciso não já uma idéia, mas um pensamento, um afeto súbito da alma; a interjeição vem a ser a expressão sintética do pensamento, podendo desdobrar-se numa oração; assim, o grito de *Socorro!* equivale à oração "Acudam-me". *Cáspite!* equivale a "Eu admiro". *Ai!* equivale a "Tenho dor".

Muito pouca importância tem esta categoria; além da divisão e de algumas notinhas, nada mais há que sôbre ela dizer.

596 — Quanto à *significação*, as interjeições dividem-se de acôrdo com o sentimento que exprimem:

1 — *dor* — ai! ui!
2 — *alegria* — ah! eh! oh! (1)
3 — *desêjo* — oxalá! tomara!
4 — *admiração* — puxa! cáspite! safa! quê!
5 — *animação* — eia! sus! coragem!
6 — *aplauso* — bravo! apoiado!
7 — *aversão* — ih! chi! irra! apre!
8 — *apêlo* — ó (2), olá! psit! pitsiu! alô! socorro!
9 — *silêncio* — psit! psiu! caluda!

Notas: 1.ª — A conjunção *que* aparece como partícula expletiva, conseguintemente sem nenhuma função sintática, depois de várias interjeições: "Oxalá que êle venha" (= Oxalá êle venha) — "Oh! *que* não sei como tive mão em mim".

2.ª — Há interjeições que são *onomatopaicas*, isto é, indicam na pronúncia o que significam: *zás-trás*, *chape*, *tchim-bum*, *plá*.

3.ª — Tôdas as interjeições sempre requerem o ponto de exclamação quando vêm no fim da frase ou quando isoladas. Caso contrário, não devem vir com o ponto de exclamação as que indicam *desejo*, *animação*, *aplauso* e *apêlo*: "Olá, rapaz, venha cá"

---

(1) "De tôdas as exclamações nenhuma se apresenta com uso tão freqüente e sentido tão variado como a interjeição *oh!*. Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade etc." (Said Ali).

(2) Esta interjeição, que entra facultativamente no vocativo, não admite depois de si o ponto de exclamação: "Ó menino, não faças isso" — O *ó* de apêlo não deve ser confundido com o *oh!* de admiração; êste, sim, admite e sempre requer o ponto de exclamação: "*Oh!* que maravilha!".

597 — LOCUÇÃO INTERJETIVA: Certas interjeições aparecem sob a forma de *locuções*: *aqui d'el-rei!* (= acudam aqui os oficiais do rei), *pobre de mim!*

QUESTIONARIO

1 — Que é *interjeição*?
2 — Como se dividem as interjeições?
3 — Entre *ó* e *oh!* que diferença existe?
4 — Analise o *que* da expressão "Oh! *que* maravilha!"
5 — Que são interjeições onomatopaicas?

CAPÍTULO XLII

ANALOGIA VOCABULAR

600 — Em conclusão ao estudo das classes das palavras, veremos certas relações entre os vocábulos de nosso idioma.

Analogia de função

601 — Em primeiro lugar notamos certa relação analógica, isto é, de semelhança, entre as classes de palavras; se as considerarmos quanto à *função*, obteremos três grupos: um de palavras *nominativas*, outro de palavras *modificativas* e um terceiro de palavras *conectivas*.

1.ª — Palavras *nominativas* são as que têm por função nomear os sêres; tais são o *substantivo* e o *pronome*.

2.ª — Palavras *modificativas* são as que têm por função *modificar* outras palavras; tais são o *adjetivo*, o *verbo* e o *advérbio*.

3.ª — Palavras *conectivas* são as que têm por função ligar ou relacionar outras palavras entre si; tais são a *preposição*, a *conjunção*, o *verbo de ligação*, o *pronome relativo* e o *advérbio relativo*.

Analogia de forma e significação

602 — Há entre as palavras relação entre a *forma* (= *aspeto*, *modo* com que a palavra se apresenta à vista ou ao ouvido) e a *significação* (= *sentido*, *idéia* que a palavra encerra). Consideradas sob tal aspeto, as palavras podem ser *homônimas*, *parônimas*, *sinônimas* e *antônimas*.

603 — **HOMÔNIMAS** (1) são palavras iguais na forma e diferentes na significação. Como, porém, a forma pode relacionar-se já ao ouvido, já à vista, temos duas espécies de palavras homônimas: homônimas *homófonas* e homônimas *homógrafas*:

a) **Homônimas HOMÓFONAS** (gr. *phonê* = som) são as que têm som igual e significação diferente:

ascender (subir)	— acender (atear fogo)
acento (icto da voz)	— assento (banco)
acêrto (ato de acertar)	— asserto (afirmação)

(1) *Homônimo* é palavra composta dos elementos gregos *homós*, que quer dizer *igual* (*homométrico* = de medida igual) e *ónymon*, que significa *nome*.
Assim se diz: *ascender* é homônimo de *acender*; *acento* é homônimo de *assento*; erraremos se dissermos: *ascender* é homônima de *acender*.

área (superfície) — ária (cantiga)
bucho (estômago) — buxo (planta)
caça (do v. *caçar*) — cassa (tecido)
cartucho (invólucro) — cartuxo (frade da Cartuxa)
cédula (bilhete) — sédula (cuidadosa)
cegar (privar da vista) — segar (ceifar)
cela (cubículo) — sela (arreio)
cerrar (fechar) — serrar (cortar)
cessão (ato de ceder) — seção (divisão)
cesta (caixa de vime) — sexta (6.ª)
cheque (ordem de pagamento) — xeque (lance de xadrez)
concelho (reunião) — conselho (opinião)
concêrto (harmonia, simetria) — consêrto (remendo)
coser (costurar) — cozer (cozinhar)
hera (planta) — era (do v. *ser*; época)
incipiente (principiante) — insipiente (ignorante)
laço (laçada) — lasso (frouxo)
paço (palácio) — passo (ato de andar)
remição (resgate) — remissão (indulgência)
sede (assento) — cede (do v. *ceder*)
silha (assento) — cilha (cinta)
tenção (propósito) — tensão (expansão)
tésto (tampa de barro) — texto (tratado)
vês (do v. *ver*) — vez (ocasião)

b) **Homônimas HOMÓGRAFAS** (do gr. *grápho* = escrever) são palavras que têm escrita (forma gráfica) igual e significação diferente, notando-se que as vogais podem ter som diferente, bem como pode ser diferente o acento da palavra; o que importa é que se escrevam com as mesmas lêtras e tenham significação diferente:

lêste (do v. *ler*) — leste (oriente)
sêde (vontade de beber água) — sede (residência)
cara (rosto) — cará (planta)
pêgo (macho da pêga) — pego (do v. *pegar*, abismo)
lôbo (animal) — lobo (saliência; pron. *lóbo*)
sábia (fem. de *sábio*) — sabia (do v. *saber*) — sabiá (pássaro)

Nota — Duas ou mais palavras podem ao mesmo tempo ser homônimas homógrafas e homônimas homófonas:

mole (colosso) — mole (brando)
amo (patrão) — amo (do v. *amar*)
trago (servo) — trago (de *tragar*) — trago (de *trazer*)
vimos (do v. *ver*) — vimos (do v. *vir*)
fui (perf. de *ir*) — fui (do v. *ser*)
canto (do v. *cantar*) — canto (ângulo)
mato (do v. *matar*) — mato (bosque)
livre (do v. *livrar*) — livre (sôlto)
atestar (= provar) — atestar (= abarrotar)

604 — PARONIMAS: Assim se denominam as palavras de significação diferente, mas de forma parecida, semelhante:

despercebido (desatento) — desapercebido (desprevenido)
deferimento (concessão) — diferimento (adiamento)
descriminar (absolver) — discriminar (distinguir)

emergir (vir à tona)	— imergir (mergulhar)
emigrar (sair do país)	— imigrar (entrar no país)
entender (compreender)	— intender (superintender)
invicto (sempre vitorioso)	— invito (involuntário)
moleta (instrumento)	— muleta (bordão)
tráfego (condução)	— tráfico (comércio ilícito)
treplicar (refutar com tréplica)	— triplicar (tornar três vêzes maior)

605 — SINÔNIMAS são palavras diferentes na forma, mas iguais ou semelhantes na significação; se a significação é igual, os sinônimos dizem-se *perfeitos* (o que é raro); se semelhante, *imperfeitos*.

a) *Sinônimos perfeitos:* léxico, vocabulário; avaro, avarento; falecer, morrer; escarradeira, cuspideira; língua, idioma.

b) *Sinônimos imperfeitos:* córrego, riacho; sábio, erudito; belo, formoso; bondoso, caridoso.

606 — ANTÔNIMAS são palavras diferentes na forma e opostas na significação: vida, morte; bem, mal; levantar, abaixar; levar, trazer; sim, não; nascer, morrer.

607 — As palavras podem ser empregadas em sentido *próprio*, isto é, natural, e em sentido *translato* ou figurado. Assim, *céu* no sentido próprio designa espaço indefinido em que se movem todos os astros; quando, no entanto, dizemos "*céu* da bôca", empregamos a palavra *céu* em sentido *figurado*, em sentido *translato*. Outros exemplos:

sentido próprio	sentido figurado
clamar (soltar altas vozes)	o crime *clama* castigo
coração (órgão do corpo)	o *coração* da cidade
escória (o que sobra do metal quando se purifica)	a *escória* da sociedade
maçã (fruta)	*maçã* do rosto
raio (de luz)	*raio* da roda

QUESTIONARIO

1 — Faça um quadro sinótico do estudo da *analogia vocabular* — Dê a definição e alguns exemplos das várias divisões.

2 — Corrija os seguintes textos:

a) Minha boa e inolvidável amiga! Não tenho palavras para agradecer-te os momentos de imenso prazer que me alegrastes a tarde do domingo. Creias que nunca, nunca, senti-me tão feliz. Recebas o coração da tua companheira (Tratamento: *tu*).

b) Habituei-me as preciosas lições de meu pai, onde sempre deparei com exemplos morais admiráveis.

c) A leitura que mais prefiro? Os artigos do Dr. X, um membro da Academia.

d) Aqui tem coisa! ia êle dizendo de si para si.

e) A questão que me propusestes é dificilíssima. Você pensa que eu sei muito, mas eu nunca te disse isso.

f) Ernestina, fizestes dois erros. Como uma coisa tão simples te passou despercebida?

g) Não comprai sêdas antes de verem os nossos preços (Tratamento: *vós*).

Capítulo XLIII

ETIMOLOGIA

610 — **Etimologia** (gr. *étymos* = verdadeiro + *logia* = estudo) vem a ser o estudo dos *étimos*, isto é, das fontes de nossos vocábulos.

Nosso idioma, na quase totalidade, originou-se lenta, progressiva e ininterruptamente do latim; aqui dou, na ordem de semelhança com o latim, a relação das línguas *neolatinas* ou *românicas* (de *Roma*), assim denominadas por provirem do latim, que se diz *língua mãe* ou *língua matriz;* aproveitando a oportunidade, cito as línguas *indo-européias*.

611 — "Êsse idioma latino, fonte donde promana a nossa língua, a princípio simples dialeto falado, sem escrita nem literatura, como o eram o *úmbrico*, o *osco*, o *samnita*, o *volsco* e o *sabino*, foi assim chamado do nome *Latium*, humilde, obscuro e pequeno território da *Itália Meridional*, bêrço da nação romana, que, por seu poder, por sua grandeza sempre crescente, por seus brilhantes destinos, por sua política sagaz, perseverante, ambiciosa e absorvente, lançou a rêde de suas conquistas sôbre o mundo civilizado ocidental e fêz do humilde e vulgar dizer do *Lácio* a língua que se desenvolveu e cresceu, à medida do desenvolvimento do povo romano, *populum late regem*, de que era instrumento, tornando-se no decurso do tempo a bela, a rica, a pomposa língua latina, esplêndidamente vestida e ornada como uma rainha.

Assim é que essa língua estendeu o seu domínio por tôda a Itália, pela Córsega, pela Sicília, pela Sardenha, pela Espanha, fazendo desaparecer a língua indígena dos iberos, cujos destroços ainda porventura

se rastreiam no *vasconço* ou *êuscaro*, falado em alguns distritos montanhosos do sudoeste da França; percorreu a Gália, a Suíça ocidental e meridional e certas circunscrições da Suíça oriental, as bacias do Mediterrâneo e do Danúbio.

O latim, origem dos idiomas românicos, pertence à grande família das línguas *indo-européias* ou *arianas*, oriundas do antigo *aríaco*, língua hoje perdida, que era falada pelos arianos, raça inteligente, poderosa e fecunda de pastores e lavradores a um tempo, cujo bêrço se supõe ter sido a elevada planura central da Ásia *Bactriana* e *Sogdiana*, como chamavam os antigos, donde, como raios divergentes, partiram várias tribos em direção à Europa e ao sul do continente, levando consigo e transmitindo sua língua, seus costumes, suas crenças, sua civilização e constituindo, conforme as diversas regiões que iam conquistando e onde se fixavam, outros tantos núcleos de povoações novas, que, em despeito de receberem o legado comum de linguagem, crenças religiosas e costumes, se foram, todavia, a pouco e pouco especificando e extremando, mercê das condições físicas, fisiológicas e mesológicas, que imprimiram em cada um dos dialetos dos povos conquistados certo cunho de individualidade.

Mas, ao lado do *latim oficial*, do latim dos atos administrativos, do latim literário e clássico (*sermo urbanus*), da língua dos livros e dos grandes escritores, que com tanto garbo e luzimento se imortalizaram sob os nomes de César, Cícero, Tito Lívio e Tácito, Lucrécio e Virgílio, Horácio e Ovídio, é incontestável a existência em Roma, ainda no tempo de César, do **latim vulgar** ou *popular* e *campesino* (*sermo plebeius*), da língua falada.

Esta foi a que levaram aos países submetidos a seu poder, à Espanha, à Gália, a tôda a parte, enfim, em que estenderam o seu domínio as legiões romanas, compostas de soldados romanos, ilíricos, espanhóis e africanos, desvirtuando-se mais e mais o *latim*, já profundamente modificado na linguagem do povo, por essa mescla de elementos heterogêneos e estranhos, que lhe deviam de fôrça alterar a pureza e pronunciação.

Dêsse *latim popular*, falado e não escrito, no que se distingue do *baixo latim*, que era a língua escrita nessa época, mistura bárbara, extravagante e indigesta do *latim literário* e da língua popular falada, é que se originou a nossa língua, como todos os idiomas neolatinos.

Avantajados em civilização aos iberos, os romanos, pelas relações que com êstes estabeleceram durante a dominação de tantos séculos, com o engodo do direito de cidade, que lhes abriu de par em par as portas e tôdas as aspirações e interêsses, pela difusão do cristianismo, pregado aos vencidos por seus apóstolos, que, mirando ao mesmo intuito, para serem mais fàcilmente compreendidos, desciam à linguagem vulgar, preferindo no tecido do discurso os processos analíticos ao engenhoso e sábio mecanismo da síntese, tão ao gôsto da formosa língua de Cícero, adaptando o dizer à ignorância e rudeza dos povos conquistados, empregando cons-

truções e modismos até contrários à contextura do *latim literário* e clássico; os romanos, dizemos, por sua política sábia, previdente, firme, ambiciosa e tenaz, a qual rompia por todos os estorvos e a que tudo se curvava e cedia, com seu inelutável jugo político, lhes impuseram sua língua, eficaz e poderoso instrumento de conquista, que os fazia sempre vencedores, ainda quando vencidos, verificando-se aquela conhecida lei da história, que, quando entram em competência dois povos, que falam línguas diferentes, o que mais civilizado é, seja vencedor ou vencido, êsse é que impõe sua língua ao outro.

No século 5.º os *visigodos*, povos bárbaros, que em suas conquistas foram precedidos pelos *vândalos*, *suevos* e *alanos*, substituíram os romanos em seu domínio na Espanha; mas, embora vencedores, menos adiantados que os vencidos na ciência e civilização, adotaram a língua dêstes.

A conseqüência da invasão dêsses bárbaros foi a corrupção, decadência e ruína das lêtras e da cultura romana; suprimiram-se as escolas, desapareceu a maior parte dos estabelecimentos de instrução. Estancados assim os mananciais donde vertiam os tesouros preciosos com que se enriqueciam as ciências, as artes e as lêtras, a língua, tão sólida e custosamente implantada na Península, foi-se ainda mais abastardando e corrompendo.

Aos *visigodos* ou *godos do Ocidente* sucederam, no século 8.º, os *árabes*, que não mudaram a língua nem a religião dos vencidos.

Mas, se a conquista muçulmana não determinou o desaparecimento dos dialetos peninsulares, o *árabe* em contato com êles ministrou-lhes maior ou menor soma de vocábulos, conforme a maior ou menor facilidade com que se infiltrou em seu vocabulário.

Com o declinar do império romano no século 5.º, declinou à proporção a língua latina literária, que, sob a influência genial de Ênio, se havia tornado a chave de ouro que abriu a seus sucessores o cofre precioso das ricas alfaias da literatura clássica latina, ainda hoje tão admiradas por seus finos quilates.

A língua vulgar, agora livre e independente, entregue só às suas tendências ingênitas, sem as peias da língua clássica e oficial, que desde então se condenou à esterilidade, foi-se mais e mais desenvolvendo, à feição de sua índole nativa, dando afinal nascimento a vários dialetos, que, no decurso do tempo, acentuando mais singularmente sua individualidade e preponderância, suplantando os dialet s congêneres, que se foram obscurecendo e reduzindo a dizeres populares, a línguas meramente faladas, produziram, pelas condições históricas, que os elevaram, favoreceram e diferenciaram, as línguas *neolatinas* ou *românicas*, as quais outra coisa não são que o *latim vulgar*, disfarçado em *português*, em *espanhol*, em *italiano*, em *francês*, em *provençal* e em *valáquio* ou *romeno*, tendo todos êsses idiomas os traços gerais e os ares de família, que os aproximam, e a fisionomia peculiar e individual que os separa e distingue, fazendo-os

todos *diversos aspetos de uma só e mesma língua*, diversas florescências de uma mesma plantação em terrenos diferentes" (Carneiro Ribeiro).

Literàriamente a *língua portuguêsa* começou a constituir-se no lapso do século 12, com a fundação da monarquia em 1139.

612 — As três declinações do latim vulgar: As cinco declinações do latim clássico ficaram com o tempo reduzidas a três, devendo-se notar que no próprio latim clássico já havia o *heteroclismo* (1), isto é, certas palavras seguiam já uma já outra declinação, como *domus* (2), *materīes, barbarīes etc.* (3).

Os nomes da 4.ª declinação passaram para a 2.ª, e os da 5.ª distribuíram-se pela 1.ª e pela 3.ª.

613 — Sobrevivência do acusativo: No fim do latim popular não existiam senão dois casos: o *nominativo*, que se prestava também para o vocativo, e o *acusativo*, que substituía os casos restantes, da seguinte forma:

o *genitivo*, mediante anteposição da preposição *de;*
o *dativo*, mediante anteposição da preposição *ad;*
o *ablativo*, mediante anteposição da preposição *cum*, ou de outras, conforme a função.

Do acusativo é que provieram as palavras portuguêsas, e disso constituem prova vários fatos:

a) o *m* final do acusativo sing. já caíra no próprio latim;

b) o *s*, como elemento caraterístico do plural português, outra coisa não é senão o *s* do acusativo plural das declinações latinas (4);

c) o provençal e o francês antigo tinham forma especial para o objeto direto;

d) as inscrições em latim popular, onde aparecem seguidas de acusativo preposições que no latim clássico regem ablativo.

Algumas palavras, no entanto, possui o português que provieram de outros casos, o que acontece com certos nomes próprios, como *Deus, Jesus, Cícero, Júpiter* etc., que se originaram do nominativo, com os pronomes *mim, ti, si, lhe*, que se originaram do dativo (*mihi, tibi, sibi, illi*), com os advérbios *agora, logo, hoje*, com o sufixo adverbial *mente*, com a forma oblíqua *migo*, originários do ablativo (*hac hora, loco, hoc die, mente, mecum*) etc.

614 — O desaparecimento do neutro: Consoante vimos no § 183, possuía o latim clássico três gêneros: *masculino, feminino* e *neutro*. No

(1) V. Noções Fundamentais da Língua Latina — § 124.
(2) V. Noções Fundamentais da Língua Latina — § 117.
(3) V. Noções Fundamentais da Língua Latina — § 120, obs. 3.
(4) V. Noções Fundamentais da Língua Latina — § 121.

próprio latim clássico começou a operar-se a heterogeneidade vocabular, passando certos nomes neutros para o masculino e alguns para o feminino [5]. No latim vulgar acentuou-se essa mudança de gênero, acabando o neutro por desaparecer, já por falta de significação especial, como vimos no § 183, já por motivos de ordem fonética:

a) confusão de declinação, na 2.ª, 3.ª e 4.ª, de formas neutras com masculinas (*coelus* por *coelum*, *vinus* por *vinum*, *lactem* por *lac* etc.);

b) existência de terminações iguais com gêneros diferentes: *arma* (neutro pl. da 2.ª), *arma* (fem. sing. da 1.ª), e assim *folia*, *pira*, *vestimenta*, *ferramenta* etc.

Em português, sòmente um ou outro resquício há do neutro latino (V. § 183).

615 — As três conjugações do latim vulgar na Península Ibérica: Se no próprio latim clássico, onde havia 4 conjugações, apareciam verbos com dupla conjugação (*fervĕre* por *fervēre*, *tergĕre* por *tergēre*), no latim popular essa confusão de tal forma aumentou que a 3.ª conjugação desapareceu. Enquanto os da 1.ª e os da 4.ª quase nada sofreram, vários da 2.ª passaram para a 4.ª (*lucēre*, ficou *lucire*, *ridēre*, *ridire* etc.) e todos os da 3.ª passaram ou para a 2.ª (*facēre*, fazer, *dicēre*, dizer, *capēre*, caber, em vez de *facĕre*, *dicĕre*, *capĕre* etc.) ou para a 4.ª, através da 2.ª: *fallĕre*, *fallēre*, *fallire*; *fugĕre*, *fugēre*, *fugire*.

616 — A ação da analogia: Fenômeno de grande importância e influência na formação das línguas é o da *analogia*, que consiste na tendência niveladora que uma palavra exerce sôbre outra, aparentada pelo sentido, pela forma ou pela função gramatical.

A ação analógica exerce-se *fonèticamente*, *lèxicamente*, *morfològicamente* e *sintàticamente*.

a) *Analogia* **fonética** é a que se opera, por exemplo, com as formas verbais *éramos*, *éreis*; pelo latim, o acento deveria ser *erâmos*, *erêis*, mas por analogia, isto é, por semelhança com as outras pessoas, cujo acento cai sempre no e inicial, sofreram essas formas deslocação de acento. *Amávamos*, *amáveis*, *amáramos*, *amáreis* são acentuações por analogia fonética.

b) A *analogia* **léxica** encontra abundantes exemplos na linguagem das crianças, que dizem *fazi*, *cabi*, *fazeu*, *cabeu*, *trazeu*, por semelhança às formas equivalentes dos verbos regulares (*vendi*, *escrevi* etc.). Tal se deu com *jazi*, *jazeste* etc., em vez de *jouve*, *jouveste*, *jouvera*, *jouvesse*, *jouver*; com *entupo*, *entopes* etc., por analogia com *tusso*, *tosses*, em vez de *entupo*, *entupes* etc.

---

(5) V. Noções Fundamentais da Língua Latina — § 124 e 125.

c) *Analogia* **morfológica** é a que faz com que um vocábulo passe de uma forma especial para outra forma próxima, mais comum e generalizada. É o fenômeno analógico de maior influência no aparecimento de uma língua e na criação de formas vocabulares novas, distintas das formas etimológicas. Foi por influência da analogia vocabular que as cinco declinações do latim clássico ficaram reduzidas a três. Por analogia morfológica é que hoje se flexionam genèricamente os adjetivos em *ês*, *ol* e *or* (V. *nota* 1 do § 258).

d) *Analogia* **sintática**: Certas construções ou locuções passam a ser empregadas como certas, por semelhança a outras de função semelhante ou de construção parecida. Tal se dá com a locução conjuntiva *enquanto que*, a semelhança de *contanto que*, quando está muito certo dizer simplesmente *enquanto*. Outro exemplo desta analogia temos em expressões como "É hora *do* almôço estar pronto", a semelhança da construção "É hora do almôço" (V. § 653).

617 — Criações românicas: Assim se denominam as inovações surgidas no latim vulgar e conservadas nas línguas românicas, operadas quase sempre para substituir a flexão de caso do latim clássico. Tais são as criações:

a) da preposição *de*, para substituir o genitivo: liber *Petri* — livro *de* Pedro; miserere *nostri* — compadece-te *de* nós; avidus *gloriae* — ávido *de* glória;

b) da preposição *a*, para substituir o dativo: Dedi *Petro* — dei *a* Pedro; oboedientia *legibus* — obediência *às* leis;

c) de outras preposições, para substituir o ablativo, segundo a circunstância indicada: amor a *Deo* — sou amado *por* Deus; ferire *gladio* — ferir *com* a espada; *anno* superiori — *no* ano passado.

Outras criações românicas há com relação aos tempos e modos dos verbos:

d) o futuro do presente do ind., com o infinitivo mais *habeo;*

e) o futuro do pretérito, com o infinitivo mais *habebam;*

f) o futuro do subjuntivo, fundindo-se o futuro anterior latino com o perf. do subj. latino;

g) o *imperf.* do subj., tirado do mais-q.-perf. do subj. latino;

h) os tempos compostos, mediante o particípio mais o verbo *ter* ou *haver;*

i) o particípio ativo, tirado do part. passado passivo latino;

j) o infinitivo pessoal, idiotismo português;

l) a voz passiva que, sintética no latim clássico, passou a analítica em português (V. § 391, 1, n. b).

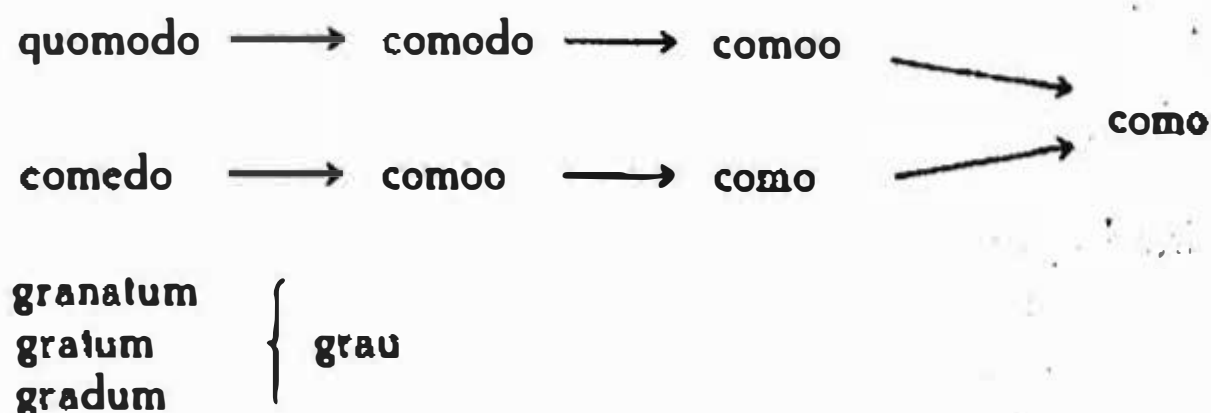
618 — Domínio da língua portuguêsa: A língua portuguêsa assim se distribuiu:

619 — A língua portuguêsa enriqueceu, prodigiosamente, o modesto vocabulário recebido do latim popular, por três vias:

a) por via **popular**
b) por via **erudita**
c) por **importação** de outros idiomas.

620 — Pela **via popular** as palavras latinas eram, muito lenta, muito paulatinamente, deturpadas, cortadas ou abrandadas. A corrente ou influxo popular é a tendência genial da transformação da língua, a causa natural das alterações dos fonemas. Essa corrente dominou incontrastada desde a origem da língua até o século 14. Obedecendo muito embora a leis glóticas, ela variava, não raro, em diferentes épocas, o tipo de suas alterações fonéticas, bifurcando-se em **formas divergentes**, que vieram a coexistir na língua. De um mesmo vocábulo latino procedem às vêzes formas *duplas*, *triplas*, *quádruplas* e até *quíntuplas*, como de *maculam* procederam cinco vocábulos — *malha*, *mágoa*, *mancha*, *mangra* e *mácula*.

Tais formas, geralmente chamadas *duplas*, em francês *doublets*, pois na maioria dos casos são duas, denominam-se formas *divergentes* ou *alotrópicas*, porque, partindo de um único tipo latino, separam-se na estrutura morfológica, e, em regra, no valor *sematológico* (= quanto à significação).

Na formação do português operou-se ainda o fenômeno da **convergência vocabular**, ou seja, a redução de duas ou mais formas latinas a uma única portuguêsa (formas *convergentes* ou *homeotrópicas*). Assim é que *sunt* (do v. *sum*), *sanctus* (santo) e *sanus* (*são*, adj.) convergiram em uma só forma em português: *são*. A conjunção latina *quomŏdo* e o verbo *comĕdo* redundaram em *como:*

Estriba-se ainda o processo popular de formação de uma língua em múltiplos fatos ideológicos e afetivos. Prendem-se os primeiros à própria coisa e, portanto, aos vocábulos e locuções; os segundos, ao elemento subjetivo. Como as coisas aparecem, vivem, transformam-se, dividem-se, desaparecem, também as palavras nascem, modificam-se no sentido, divergem na forma, morrem. A vida das palavras outra coisa não é senão a vida das coisas; mortas estas, morrem também aquelas. De igual forma, não são as palavras que tendem a modificar-se, a tomar sentido pejorativo, a indicar afeto ou repulsa, mas o ambiente em que elas estão; os indivíduos que as empregam é que as transformam.

621 — Semântica: Se as palavras numa só língua sofrem tais transformações, mais ainda se modificam no sentido as tomadas de empréstimo de outros idiomas. O estudo do significado dos vocábulos, quer no momento atual, quer através do tempo e também do espaço, constitui o objeto da **semântica** ou *sematologia* (gr. *sema, atos* = significado) ou, ainda, *semasiologia;* dá isto assunto não para um capítulo de gramática, mas para um livro e... êsse livro seria incompleto. Apenas a título de ilustração, vejamos êste ligeiro resumo (Da "Introdução ao estudo da semântica", do prof. Fernando V. Peixoto da Fonseca):

A semântica pode dividir-se em *estática* e *histórica;* a primeira diz respeito a determinada fase de uma língua (Os dicionários são trabalhos de semântica estática, pois dão o significado das palavras de uma língua num dado momento); a segunda — e esta é a que constitui pròpriamente a semântica — procura ver a evolução do significado das palavras, as suas transformações de sentido. Assim, há palavras que hoje se empregam quase sempre em acepção benéfica, como *fortuna*, que a rigor significa, meramente, *acaso, sorte* e pode por isso receber epítetos opostos: *fortuna próspera, fortuna adversa.* Também a passagem de adjetivos, como *forte, velho, rico, môço* etc., à classe de substantivos é uma transformação semântica: deixaram de exprimir uma qualidade inerente a um ser, para exprimir o próprio ser.

A semântica pode ainda ser *etiológica*, quando estuda as causas dos fenômenos semânticos, como pode ainda ser *geral* ou *particular*, conforme abranja várias línguas, geralmente aparentadas, ou uma só.

Há vários casos em que o domínio das palavras se restringe e alarga alternadamente; o têrmo *demoiselle*, que em francês designava a mulher nobre, passou depois a referir-se a tôdas as condições, mas só para as solteiras; o têrmo, primitivamente indiferente, desenvolveu-se num só sentido. A *ênfase* é um dos fenômenos gerais que levam à restrição do sentido, e, por outro lado, a extensão de sentido se dá em virtude das figuras chamadas *sinédoque*, *metonímia*, *metáfora*, *eufemismo*.

a) A **sinédoque** (gr. *synedochê* = compreensão) consiste no emprêgo de uma palavra em lugar de outra na qual está compreendida, com a qual tem íntima conexão: *pão*, por alimento; *vela*, por navio; *ferro*, por espada ou âncora: *lar* (ou *fogão*), por casa.

b) A **metonímia** é simples variante da sinédoque: são denominações essas de distinção tão sutil que autores há que dão como exemplo de metonímia aquilo mesmo que outros subordinam à sinédoque, e tratadistas há que mal mencionam essas denominações de **tropos** semânticos (*Tropo* — pronuncie *trópo* — é o emprêgo de uma palavra em sentido figurado: lat. *tropum* = volta, e êste do gr. *tropêo* = girar). Se na sinédoque se emprega o nome de uma coisa em lugar de nome de outra nela compreendida, na metonímia a palavra é empregada em lugar de outra que a sugere, ou seja, em vez de uma palavra emprega-se outra com a qual tenha qualquer relação por dependência de idéia: *damasco* = tecido de sêda com flôres ou espécie de abrunho, ambos provenientes de Damasco (O nome de um lugar acaba por designar os seus produtos industriais ou naturais): *louro*, por glória, prêmio; *cãs*, por velhice; Fulano é um bom *garfo*; *perna*, que era só a de porco, é hoje de todos os mamíferos e até de aves e insetos; *rostro*, que primitivamente indicava bico de ave, passou a designar o remate da proa e, posteriormente, sob a forma *rosto*, a face humana; *insultar* perdeu o sentido material de *saltar sôbre*; *desprezar* significava em latim clássico olhar de cima para baixo.

c) **Metáfora** é o fenômeno pelo qual uma palavra é empregada por semelhança real ou imaginária: os *dentes* do pente; *pé* de mesa; o *fumo* da glória; *chegar* (do lat. *plicare* = *dobrar*), porque no fim da jornada dobravam as velas do barco; *serra*, que no latim clássico era só a ferramenta do carpinteiro, passou no latim vulgar, no português, no espanhol e no catalão a indicar *cadeia de montanhas*, dada a semelhança das cristas com os dentes da ferramenta.

Os tropos metafóricos têm largo uso literário, e muitas expressões metafóricas dão origem a mal-entendidos e por isso provocam o riso.

d) **Eufemismo** é a adocicação de têrmos; em vez do têrmo próprio, que podia repugnar por qualquer razão, emprega-se outro mais brando:

passamento em vez de *morte*. *Falsos eufemismos* são os provenientes mais de uma afetação, que tem prazer em achar indecência em tôda a parte, sob a máscara do pudor, do que de um cuidado de correção de linguagem; dizem respeito especialmente a algumas partes do corpo, a determinadas peças de vestuário, a certos animais e a pretendidas sílabas sujas.

Constitui ainda fenômeno semântico a **etimologia popular,** ou seja, a tendência geral para admitir uma ligação etimológica entre expressões que se parecem; é o caso, por exemplo, de *Sant'Iago*, que deu *São Tiago* por se julgar que o *t* pertencia ao nome, visto empregar-se quase sempre *são* antes de consoante (São João, São Cristóvão). São as conformidades fonéticas que dão causa a tais *assimilações semânticas* da etimologia popular.

Outros exemplos curiosos de evolução semântica: *caderno* (do lat. *quaternum*) perdeu a noção originária de fôlha de papel dobrada em *quatro; volume*, que originàriamente é o que envolve (do lat. *volvĕre*), passou a indicar a pele em que se escrevia e, depois, a própria obra, porque as peles eram guardadas enroladas (envolvidas) nas livrarias; *cálculos*, que indicava as pedrinhas com que se faziam contas, passou a significar a própria conta e, ainda, as pedrinhas que se criam no fígado; *pergaminho*, de Pérgamo, na Ásia Menor, onde se preparavam peles para escrever; *pêssego*, de *persicum* (*malum persicum* = maçã da Pérsia), dada a origem da fruta; *tôrre do tombo*, porque primitivamente os *tomos* ou *tombos* (documentos, registros, inventários etc.) eram guardados numa tôrre (daí ainda a expressão hodierna *Tombo do Estado*, para significar *Arquivo do Estado*); *secretário*, etimològicamente confidente, depositário de segrêdos; *pânico*, em virtude do susto (*panicus timor*) que causava o deus Pan quando aparecia entre os mortais; *pedagogo*, a princípio o escravo que conduzia as crianças à escola.

É a semântica que justifica expressões como *cavalgar um burro*, *quarentena de dez dias*.

622 — Linguagem afetiva: É o subjetivo outro elemento formador de uma língua, ou melhor, outro processo popular de manifestação da linguagem. As palavras deixam de ser empregadas com significação real, natural, e passam a ser empregadas sob a intervenção do sentimento.

Dessa modificação de sentido pela sensibilidade temos exemplos em muitos diminutivos: enquanto *livreco* é, lèxicamente, forma diminutiva de *livro*, a palavra quase sempre se acompanha de conceito depreciativo, e, pois, de um matiz de sensibilidade.

É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia; nêles é que se refletem perfeitamente os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma, sentimentos que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário às coisas e às pessoas. *Paizinho*, *mãezinha* não querem dizer "pai pequeno", "mãe pequena", mas pai e mãe muito queridos, e cambiantes igualmente afetivos trazem às palavras os sufixos *acho*, *aço*, *alha*, *alhão*, *az*, *ejo*, *elho* e outros.

Dêsse emprêgo de palavras com sentido intensivo temos mais exemplos com adjetivos. Quando dizemos "história universal", expressamos uma "história que abrange acontecimentos fundamentais de tôdas as nações". O nosso sentimento não intervém no caso; a representação é puramente intelectual. Se, porém, dissermos "remédio de fama universal", introduziremos na idéia marcada pelo adjetivo um pouco de sentimento.

Outro exemplo: "O frade observou sempre o jejum religioso". Aqui o adjetivo tem caráter puramente intelectual; "jejum religioso" significa apenas o jejum preceituado pela religião, o qualificativo é de natureza técnica. Se, porém, dissermos "silêncio religioso", o adjetivo poderá estar impregnado de sentimento, e o têrmo adquirirá sentido figurado e superlativo.

Sempre existe, pois, figuração, trasladação de sentido na linguagem afetiva. Enfim, "se é verdade que o homem dispõe de uma linguagem intelectual, que lhe expressa os pensamentos, os raciocínios e a reflexão, nem por isso esta linguagem se apresenta sempre rigorosamente intelectual", com palavras no seu real significado.

623 — Ao lado da corrente popular, aparece, no século 14 e 15, a **corrente erudita**, também denominada latinista ou literária. Nesses séculos desenvolvem-se a cultura do latim e as traduções de obras eclesiásticas. Começa a reação erudita contra a corrente popular, reação que recebeu forte impulso com o movimento literário da Renascença no século 16.

A intervenção desta corrente, que buscava aproximar artificialmente o português de sua fonte latina, importou do latim formas novas, ou antes, transportou integralmente, apenas com leve modificação na desinência, palavras latinas, que vieram figurar ao lado de outras que delas se derivaram por via popular, tal como *mácula* ao lado de *mágoa*, *malha* e *mancha; palácio* (lat. *palatium*) ao lado de *paço; frígido* (lat. *frigidum*) ao lado de *frio*.

As formas eruditas caraterizam-se por maior aproximação do tipo latino, ao passo que as populares por maior afastamento. Além das eruditas, existem formas *semi-eruditas*, onde as duas correntes se revelam, tolhendo a influência erudita à plena expansão do influxo popular; tais as palavras — *botica* (lat. *apothecam*), *semana* (lat. *septimanam*), *Madalena* (lat. *Magdalene*), onde a permanência de consoantes fortes intervocálicas e do *n* na mesma condição acusa a influência erudita, ao lado do abrandamento do *p* em *b*, das síncopes do grupo *pl*, e da consoante *g*, que nos sugerem o influxo popular.

624 — **Corrente estrangeira**: Do séc. XIII em diante, com a invasão do lirismo provençalesco em Portugal, com o movimento europeu das cruzadas, e com as correntes literárias oriundas do influxo da Renascença, o português pôs-se em contato mais íntimo com as outras línguas românicas, e por elas recebeu novas formas de palavras latinas já evolvidas em seu próprio seio; assim deu-nos o francês *chefe* de *caput*,

que nos havia dado *cabo*, e o espanhol *lhano* e o italiano *piano*, de *planum*, que nos havia dado *chão*.

Dois exemplos sòmente dou sôbre o caso, que constitui objeto da gramática histórica:

Maculam	mágoa malha mancha mangra	. . . .	formas populares
	mácula	. . . .	forma erudita
Planum	chão	. . . .	forma popular
	plano	. . . .	forma erudita
	lhano	. . . .	forma estr. espanh.
	piano	. . . .	forma estr. ital.

625 — Na evolução fonética coexistem muitas vêzes, em um momento da língua, formas paralelas de uma mesma palavra, resultado da incerteza ou vacilação na fixação da forma definitiva. Essas variações morfológicas de uma mesma palavra chamam-se **formas sincréticas** [1], como *dois* e *dous*, *albergue* e *alvergue*, *esplendor* e *esplandor*.

O que distingue as formas *sincréticas* das formas *divergentes* é o paralelismo do sentido: a diferença de significação das formas divergentes faz delas palavras distintas, se bem que *cognatas*, ao passo que a identidade de sentido das formas sincréticas mostra que são apenas variação mórfica de uma mesma palavra. O que carateriza a palavra é o sentido próprio, e sinonimia perfeita só se pode dar em palavras não cognatas, pois nestas a equivalência de sentido produz o *sincretismo*.

Outro fenômeno operado na formação de uma língua é o **parassintetismo**, pelo qual se criam palavras novas pelo duplo processo de prefixação e sufixação. Há vocábulos parassintéticos verbais e há-os nominais, isto é, há verbos e nomes (substantivos e adjetivos) criados por êsse processo. De *verniz* formou-se o verbo *envernizar* (em + verniz + ar); de *noite*, *pernoitar* (per + noite + ar) etc. De *oceano* formou-se *transoceânico* (trans + oceano + ico); de *terra*, *subterrâneo* (sub + terra + âneo) etc.

626 — Costumam certos autores de gramáticas expositivas discorrer longamente sôbre a questão etimológica. Não quero desprezar êsse estudo; antes, afirmo ser, sôbre útil e interessante, muito lindo; nem tôdas essas belezas históricas, porém, interessarão ao aluno, que pretende falar, construir, criar, conhecer a contextura da linguagem, sem preocupar-se com indagações de formação, de derivação, de importação de vocábulos.

Limitar-me-ei a ver o que respeita à *prefixação*, que vem a ser o processo de composição de vocábulos mediante anteposição, a uma pala-

---

(1) Variada era a população da ilha de *Creta* na antigüidade, e Plutarco exprimiu essa variedade na unidade insular do povo pelo têrmo *sinCRETismo;* daí o aproveitar-se o têrmo em filologia para exprimir a variedade da forma na unidade de sentido.

vra, de partícula ou sílaba que modifique o sentido da palavra, e a dizer alguma coisa sôbre derivação e composição.

PREFIXOS

627 — Considerados quanto à origem, os prefixos podem ser **vernáculos** (que são os prefixos latinos modificados ou aportuguesados), **latinos** (que se conservam na forma primitiva) e **gregos**, que se antepõem a palavras gregas.

A apresentar os prefixos em famílias ideológicas, ou seja, de acôrdo com a idéia que trazem ao vocábulo, prefiro dá-los em ordem alfabética, acompanhados de sua significação e de alguns exemplos.

628 — **Prefixos vernáculos:** (*)

a (lat. *ad*) = aproximação: alinhar, avizinhar, abordar. O *a* é às vêzes lêtra meramente protética (V. § 112).

além (lat. *ad* + *illic* + *inde*) = posterioridade local: além-mar, além-túmulo.

ante = posição anterior: antediluviano, ante-sala, anteontem.

aquém = anterioridade local: aquém-túmulo, aquém-mar.

bem (lat. *bene*) = bom êxito: bem-aventurado (pronuncie *bē-aventurado*), benquerer.

des (lat. *de* + *es*) — *a*) = separação, afastamento: descontar, desviar.
b) = privação, negação: desleal, desagradável, desculpa, desordem, a desoras, desbaforido.
c) = aumento, intensidade: desnudar, desinquieto, despavorido (§ 504).

en, em (lat. *in*) = movimento para dentro: engarrafar, embainhar.

entre (lat. *inter*) = posição intermédia: entreato, entrelinhar.

mal (lat. *male*) = mau êxito: maltratar, maldição, mal-avindo (pronuncie *mal'avindo*).

meio = mediação: meio-busto, meio-corpo, meio-dia.

menos (lat. *minus*) = privação, negação: menosprezar, menoscabar.

sem (lat. *sine*) = privação: sem-cerimônia.

sob (lat. *sub*) = posição inferior: sobpor, sopé (sob + pé).

sôbre (lat. *super*) = posição superior: sôbre-humano, sobrestar (sôbre + estar).

soto — ou *sota* (lat. *subtus*) = posição inferior: sotopor, sotopiloto, sotavento.

(*) Para ilustração do aluno, dou às vêzes exemplos de assimilação nos quais aparecem lêtras geminadas hoje não permitidas pela ortografia oficial.

629 — Prefixos latinos:

a = separação: aversão.
ab = separação, procedência: abjurar.
abs = separação, procedência: abster.
ad = aproximação: adjetivo, adição, admirar [1].
ambi = movimento circular: ambiente, ambigüidade.
ante = posição anterior: antecedente, antepenúltimo.
bene = bom êxito: beneplácito, benevolente.
bis (*bi*) = duas vêzes: biscoito, bisavô, bígamo, bimensal.
circum = movimento circular: circunferência, circuito (**circum** + **ito**).
cis = anterioridade local: cisalpino, cisplatino, cisgangético.
contra = oposição, posição fronteira: contradizer, contrapor, contrabaixo.
com (= *cum*) = reunião: combater, compadre, conferência, confrade [2].
de — *a*) = de cima para baixo: dejeção, defluxo, decair.
b) = procedência: derivar, decorrer.
c) = separação, privação, falta: demente, demitir, deportar, deminuir [3].

dis = separação, distribuição: dispersar, disseminar.
e = separação: emancipar (= sair da prisão das mãos).
es = separação: escorrer, estirar.
ex = separação, procedência: extrair, expatriar [4].
extra = movimento para fora: extrajudicial, extravagante.
in — *a*) = movimento para dentro: imigrar (in + migrar) ingressar, incamerar.
b) = negação, privação: injusto, independência, inimigo (in + amigo).
c) = superposição, aplicação em cima: impor, instruir, inundar, incorrer, indigitar, inflamar.
d) = repouso, permanência: insídia, insigne, ínsito.
e) = direção, propensão, tendência: inferir, indício.
f) = refôrço: infração [5].

inter = posição intermédia: interpor, interromper.
intra / **intro** = movimento para dentro: intramuros, introduzir.
juxta = aproximação: justapor.
male = mau êxito: malévolo, malefício.

---

(1) Dá-se com o *d* assimilação total antes de *c* (accesso), *f* (affirmar), *g* (aggravar), *l* (alludir), *s* (assentar) e *t* (attender). Igual fenômeno metaplástico opera-se em *acquisição* (adquisição).
(2) O *m* assimila-se antes de *l* (collaborar), *r* (corresponder) e *n* (connexo). Antes de vogal ou de *h*, o *m* é apocopado: coordenar (com + ordenar), coonestar (com + honestar).
(3) *Demìnuir* e derivados, com *e*, seria grafia melhor.
(4) Antes de *f* opera-se, às vêzes, a assimilação total regressiva: exfeito = *effeito*.
(5) O *n* assimila-se antes de *b* (imberbe), *p* (impróprio), *m* (immemorial), *l* (illegitimo) e *r* (irregular).

ob = oposição, posição fronteira: objetar, obstar, obstáculo [6].
pene = aproximação: península (quase ilha), penumbra (quase sombra).
per — *a*) = movimento através: pernoitar, percorrer.
b) = intensidade: perfazer, perseguir (§ 276, 4.ª).
c) = idéia pejorativa: perverso, perjurar, perverter.
post (ou *pos*) = posição posterior: postergar, pospor.
pre = posição anterior: preâmbulo, predominar, predizer (§ 276, 4.ª).
preter = posterioridade local, superioridade, excesso: preterir, preternatural.
pro — *a*) = movimento para diante: propender, progredir.
b) = substituição: pronome, procônsul (= vice-cônsul).
Não se confunda êste prefixo com o *pro* grego.
re — *a*) = repetição: reler, refazer, reformar.
b) = refôrço: rebramar, recolher, rebuscar (§ 504).
c) = retrogradação: repelir, reagir, reverter.
retro (*reta*) = retrogradação: retroceder, retrogradar, retaguarda.
semi = mediação: semicírculo, semilunar, semideus.
se = apartamento, separação: seduzir (= conduzir fora, extraviar).
sub = posição inferior: supor (suppor, de sub + por), subjugar.
subter = posição inferior: subterfúgio, subterfluente.
super = posição superior: superlativo, supérfluo, superintendente.
supra = posição superior: supramundano, supranumerário.
sus (*sussum* ou *sursum*) = movimento para cima: suspender, sustentar.
trans (*tras*, *tra*, *tres*) posterioridade local: transcrever, trasladar, traduzir, tresmalhar, trespasse, tresnoite.
tris (*tri*, *tres*, *tre*) = triplicação ou refôrço: trisavô, trifólio, tresloucar, trecentésimo (§ 504).
ultra = posterioridade local ou excesso: ultramar, ultra-romântico.

630 — Prefixos gregos:

a (*an*, antes de vogal) = negação, privação: acatólico [1], átono, acéfalo; anemia (estado sem sangue), anidro (sem água).
amphi (de ambos os lados) = movimento circular: anfiteatro, anfíbio.
aná — *a*) = movimento circular: aneurisma (ato de estender-se dos lados), anasarca (*sarx* = carne; entre carne, inchação).
b) = repetição: anabatista (que batiza de novo).
c) = contrariedade: anacrônico (que é contrário à cronologia).
antí = oposição: antídoto, antípoda, antagonista, antártica, anticatólico [1].

---

(6) O *b* assimila-se antes de *c* (occorrer), *f* (officio) e *p* (oppor).
(1) *Anticatólico* significa "*contrário* ao catolicismo", ao passo que *acatólico* significa "não católico" — V. § 112, A, obs. 1.

apó = afastamento: apogeu (longe da terra), afélio, (apo + helio = distanciado do sol).
diá = movimento através: diâmetro, diagnóstico, diafragma.
dis (*di*) = dualidade: dístico, ditongo, dilema.
dys = mau êxito: dispepsia, dislalia, dispnéia.
e (*ex*, antes de vogal) = movimento para fora: eclipse (ato de ficar omitido), êxodo (caminho a fora, saída).
epí = posição superior: epígrafe, epigástrico.
en = movimento para dentro: energia, embrião.
eu (*ev*) = bom êxito: eufonia (bom som), eucaristia (boa graça), eupepsia (boa digestão), evangelho (boa nova).
hemí = mediação: hemisfério, hemistíquio.
hypér = posição superior: hipérbole, hipertrofia.
hypó = posição inferior: hipogeu, hipotenusa [2].
metá = posição posterior: metamorfose, metafísico, metonímia.
pará = aproximação: paráfrase (interpretação, comentário), paraninfo.
perí = movimento circular: periélio, perífrase.
pro = posição anterior: prólogo, programa, prolegômenos, profeta (que fala antes dos fatos).
pros = movimento para diante: prosélito (o que se aproxima), prosódia (canto que guia as palavras).
syn (na composição pode transformar-se em *sim*, *sil* — formas assimiladas — e *si* — forma apocopada) = reunião: síntese, sinfonia, símbolo; sílaba (syllaba), sistema.
tris (*tri*) = triplicação: trissílabo, tritongo, trigonometria.

DERIVADOS GREGOS

631 — Para finalizar esta parte — que é a última da lexeologia — apresento uma lista de elementos gregos que entram na composição de várias palavras modernas, usadas nas ciências e nas artes:

adámas = indomável: diamante (houve hipértese do *a* inicial; especificava antigamente o aço mais duro), adamantino.
ácron = ponta, tôpo: acrópole, acrotério, acróstico.
ánemos = vento: anemômetro, anemoscópio.
ánthropos = homem: antropologia, antropófago, misantropo (paroxítono).
autós = próprio, mesmo: autônomo, autocrata, autógrafo.
báros = pêso: barômetro, barologia, baroscópio.
bíblion = livro: biblioteca, bibliografia.
bíos = vida: biografia, biologia, biotaxia (kcía).
cacós = mau: cacófato, cacofonia, cacografia.
calós = belo: caligrafia, calipedia, calidoscópio.
cephalé = cabeça: cefalalgia, cefalóide, acéfalo.

2 — Não se confunda êste prefixo com o elemento grego *hippo*, que significa cavalo: hipódromo = pista para cavalos.

cheír = mão: quiromancia, quiromante, quirografia, cirurgia (chiro + urgia).
christós = ungido, sagrado: Cristo, cristandade.
chrôma, chrômatos = côr: insocromia, cromatismo, cromático, cromômetro.
chrónos = tempo: cronômetro, cronologia, cronograma.
chrysós = ouro: crisófilo, crisogênio, crisogastro, Crisóstomo.
cólon = parte do intestino: cólon, cólica (dor localizada no intestino).
cósmos = universo: cosmografia, cosmopolita.
cryptós = oculto: criptógamo, criptópodo.
cyanós = azul: cianídrico, cianogênio, cianose.
cýclos = círculo: ciclone, ciclótomo, enciclopédia [1].
cýon, cynós = cão: cínico (originàriamente *canino, próprio de cão*). cinegética, cinocéfalo, cinoglossa.
cýstis = bexiga: cistalgia, cistotomia, cistorragia.
dáctylos = dedo: datilografia, datílico.
daímon = divindade. Nas religiões que precederam ao cristianismo, *demônio* significava *gênio bom* ou *gênio mau*. O cristianismo é que restringiu o significado para *espírito maligno*.
dêmos = povo: democracia, demagogia.
dérma = pele: derme, epiderme, paquiderme.
diábolos = caluniador: diabólico. Contrai-se em *diabo;* permuta o *l* em *r* em diab-r-ura, diab-r-ete. Reduz-se a *di* em di-acho e di-anho.
dýnamis = fôrça: dínamo, dinamite, dinâmico.
dynástes = soberano, poderoso: dinasta, dinastia.
eicôn = imagem: iconoclasta, iconografia.
eídolon = imagem: idólatra, idolatria.
êlectron = âmbar, eletricidade: eletroscópio, eletrólise, eletrodinâmico.
eleemosýne = piedade, compaixão: esmola, esmoler.
éntomos = inseto: entomologia, entomozoário, entomostráceos.
éros, érotos = amor: erótico, erotomania, erotopégnio.
éthnos = raça, povo: etnografia, etnologia, etnogenia, étnica, etnarca.
êthos = costume, hábito, moral: ética, etopéia, etocracia, etologia.
gála, gálactos = leite: galactose, galacturia, galactorréia, galactômetro, galactóforo.
gastér = ventre: gástrico, gastrônomo, gastralgia.
gê = terra: geografia, geologia, geodésia, geofagia, georama.
glaucós = côr pálida entre o verde e o azul: glauco (côr do mar).
glôssa = língua: glossário, glossologia. Reveste a forma *glos* em *glosa, glosar;* há ainda a forma grega com dois *tt:*
glôtta = língua: glote, glótico, glotologia.
gloutós = nádega: glúteo (relativo às nádegas).
gnósis = conhecimento: diagnóstico, prognóstico.
gonía = ângulo: trigonometria, pentágono.

---

(1) Pelo étimo, a verdadeira acentuação seria *enciclopedía*.

grámma = lêtra: anagrama, programa, monograma; gramática (originàriamente *estudo das lêtras*); significa também pêso ínfimo: grama (unidade de pêso).
gymnás = nu: ginásio (originàriamente, escola de educação física exercitada com o corpo seminu), ginástica.
gyné, gynaicós = mulher: ginandria, ginecocracia, gineceu, ginecônomo, ginecologia.
hélios = sol: helioscópio, heliografia, heliometria.
haíma, haímatos = sangue: hemorragia, hemoptise, hemagogo, hematose.
hépar, hépatos = fígado: hepático, hepatocele, hepatorréia, hepatoscopia.
héteros = outro: heterogêneo, heterodoxo, heteróptero.
hierós = sagrado: hierofante, hieroglifo, hieródulo; a aspiração grega abranda-se em *jer* em *jer*arquia, *J*erônimo (por *Hierônimo*, donde *hieronimitas*, professos da congregação de São Jerônimo).
híppos = cavalo: hipódromo, hipopótamo, hipófago.
homós = semelhante: homogêneo, homófono, homógrafo, homopatia.
horízon = o que limita: horizonte.
hýbris = injúria, violência, ultraje: híbrido.
hýdor = água: hidrogênio, hidrostática, hidromel, hídrico.
hygiés = são: higiene, higiologia.
hýalos = vidro: hialino, hialite, hialotecnia.
hygrós = úmido: higrômetro, higroscópio.
hýmen = membrana: hímen.
hýpnos = sono: hipnotismo, hipnotizar, hipnal, hipnose.
hystéra = útero: histerismo, histérico, histerômetro.
ichthýs = peixe: ictiófago, ictiologia.
idéa = idéia: ideograma, ideografia, ideologia.
ídios = próprio: idiossincrasia, idiomorfo, idioma (língua própria de um povo).
leucós = branco: leucite, leucócito, leucina.
lampás, lampádos = facho, archote: lâmpada, lampascópio, relâmpago, pirilampo, lampião, lamparina.
lógos = razão: lógica, si*log*ismo, catá*log*o, éc*log*a. Significa também *discurso, tratado:* antologia, biologia, teologia. Reveste as formas:

a) *lex* em léxico;

b) *lei* (lect) em eclético, dialeto, dialética.

líthos = pedra: litoclastia, litografia, lítico, lítio, aerólito.
maniás = louco: manicômio, mania, melomania, melômano.
macrós = grande: macróbio, macrocéfalo.
mégas, megálou = grande: megatério, megalítico, megalomania, megalossauro, ômega (= *o* grande).
micrós = pequeno: micróbio, microscópio, microcosmo, microcéfalo, ômicro (= *o* pequeno).
mésos = meio: mesóclise, mesotórax.
méter = mãe: metrópole.

métron = metro, medida: metrônomo, quilômetro.
misos = ódio: misantropo, misofobia, misoneísmo.
mónos = único: monismo, mônades, monarca, monografia, monandria, monanto.
morphê = forma: morfologia, morfozoário, amorfo.
mýthos = fábula: mitologia (história da fábula), mitografia, mítico.
mýron = perfume: mirônico, mirospermina, miroxilina.
nárce = torpor, sono: narcose, narcótico, narceína, narcolepsia.
necrós = cadáver: necrologia, necrológio, necrópole, necromancia.
neós = novo: neoplasma, neologismo, neolatino, neófito.
nephrós = rim: nefrite, nefrina, nefrologia.
neûron = nervo: neurastenia, neurofagia, neurólito, neurônio.
nómos = lei: autônomo, gastrônomo.
nósos = moléstia, doença: nosologia, nosogenia, nosografia, nosocômio, nosocrático.
odoús, odóntos = dente: odontologia, odontalgia, odontorranfo.
olígos = pouco: oligarquia, oligomania, oligospermo.
ón, óntos = ente: ontologia (tratado do ente), ontogênese.
ónymos = nome: sinônimo, pseudônimo, anônimo.
ónoma, onómatos = nome: onomatopéia, onomástica (arte de aplicar nomes), onomástico.
óphis = cobra: ofídio, ofilogia, ofiúros.
ophtalmós = ôlho: oftalmia, oftalmoscópio.
órnis, órnithos = pássaro, ave: ornitologia, ornitomancia, ornitóbio, ornitófilo, ornitomizo.
orthós = reto: ortografia, ortopedia, ortopnéia, ortodoma, ortodoxo (que está com a opinião certa, direita), ortofonia. *Orthós* serve de étimo à raiz *ord*, donde *ordem*, *ordinário*, *ordenança*.
ostéon = osso: osteíte, osteologia, osteomielite, osteína.
oûs, otós = ouvido: otite, otocéfalo, otodinia.
palaiós = antigo: peleologia, paleontologia, paleozoologia, paleolífero, paleolítico.
pân = tudo: panteismo, panorama, panclastita, pancrácio (= combate em que o atleta põe em jôgo tôdas (*pan*) as suas fôrças (crátos) e que se compõe da luta e do pugilato), pâncreas (todo carnoso), panóplia, pantógrafo.
pará = defeito: paralexia, paralogismo, parafonia.
páthos = moléstia, sofrimento: patologia, patogenia, patogênese, patologista.
pépsis = digestão: pepsia, dispepsia, peptona, peptoxina.
phílos = amigo: filósofo, filantropo, filologia.
phageín = comer: fagócito, antropófago, geofagia.
phléps, phlebós = veia: fleborragia, flebite, flebotomia, flebosclerose, flebopalia.
phonê = voz: fonologia, fonógrafo, fonética, eufonia.

phôs, photós = luz: fotografia, fósforo (= que leva luz), holofote (= luz completa).
phthóngos = som: ditongo, tritongo.
phýsis = natureza: fisionomia, fisiologia, física, metafísica, apófise.
pléos = mais: pleonasmo, pleorama, pleonasto.
potamós = rio: potamologia, hipopótamo.
poús, podós = pé: podômetro, podoftalmo, podologia, ápodo.
pseúdes = falso: pseudônimo, pseudópodo, pseudospermo (Na composição, não varia o primeiro elemento; jamais vá alguém dizer pseu*da*ciência, pseud*a*normalista).
psyché = alma: psicologia, psicose, psicopata.
pterón = asa: pterólito, pterópodo, pterodátilo.
pýr = fogo: pirômetro, pirotécnico, piróforo, pirídico.
rhis, rhinós = nariz: rinite, rinoceronte, rinalgia, rinorréia, rinoscópio.
stereós = sólido: estereotipia, estereótipo, estereoscópio.
stratós = exército: estratégia, estratagema (manobra do exército), estratocracia.
téle = longe: telégrafo, telepatia, telefone, telêmetro.
thánatos = morte: tanatologia, Atanásio (= imortal), eutanásia.
theós = Deus: teologia, ateu, Teófilo, Filotéia, teodicéia, teosofia.
thérme = calor: termas, térmico, termômetro, termódota (distribuidor de água quente nos banhos).
tópos = lugar: topologia, topografia, toponimia.
týpos = modêlo, molde: tipografia, tipólito, protótipo.
zôon = animal: zoologia, zoófito, zoogeografia, zoolatria, zoólito.

632 — Hibridismo: Quando os elementos de um composto provêm de idiomas diferentes, a palavra se diz *híbrida*. O hibridismo deve ser evitado sempre que possível; p. ex.: É êrro formar *canídromo* (lat. e grego) em vez de *cinódromo* (pista para cães; ambos os elementos gregos).

Só é aceitável uma palavra híbrida:

a) quando os elementos já existirem, isoladamente, e forem de largo uso no vernáculo: *alcoômetro* (árabe e grego), *mineralogia* (lat. e grego);

b) quando um dos componentes, por ser muito usado em outros compostos, tiver perdido o caráter de elemento estrangeiro: *sociologia* (lat. e grego);

c) quando um dos elementos não puder de forma nenhuma ser trocado: *galvanotipia* (O 1.º componente é italiano, nome próprio do descobridor do processo físico que o composto indica).

633 — COMPOSIÇÃO e DERIVAÇÃO — Na composição, o sentido da palavra fundamental é modificado mediante palavras, preposições ou partículas que a ela se antepõem; processa-se ou por *justaposição* (quando duas ou mais palavras se juntam sem que se alterem: *porta-aviões*) ou por

aglutinação (quando elas se fundem mediante alguma alteração: *pernalta*, de *perna* + *alta*) ou por *prefixação* (§ 626).

Na **derivação**, o sentido da palavra fundamental é modificado mediante troca ou acréscimo de sílaba ou sílabas finais (*derivação própria*, feita por *sufixação: mel* + *oso* = *meloso*) ou por um dos processos semânticos (*derivação imprópria*, § 621).

QUESTIONARIO

1 — Faça uma dissertação sôbre o histórico da língua portuguêsa.
2 — Por que vias se enriqueceu, na língua portuguêsa, o modesto vocabulário recebido do latim? — Dissertação *completa* e exemplificada.
3 — Que são formas *divergentes?* Exemplo.
4 — Que são formas *convergentes?* Exemplo.
5 — Qual o objeto da *semântica?*
6 — Que é *metáfora?* Exemplo.
7 — Que é *eufemismo?*
8 — Dê algum exemplo curioso de evolução semântica.
9 — Que elemento carateriza a *linguagem afetiva* (V. as primeiras palavras do § 622).
10 — Nas *formas sincréticas* existe divergência de significação? Que existe então?
11 — Que são palavras *parassintéticas?*
12 — Que é *prefixação?*
13 — Considerados quanto à origem, como podem ser os prefixos?
14 — *Coordenar* é palavra composta? Justifique a resposta.
15 — Etimològicamente, que significa *penumbra?*
16 — Quais as significações do prefixo *re?* Exemplos de cada significado.
17 — Explique a etimologia de *tresmalhar*.
18 — Tendo em mente que o prefixo grego *a* significa *privação, negação*, substituir por palavras gregas as locuções grifadas dos seguintes trechos (As palavras que estão entre parênteses não devem aparecer nas respostas):

a) Os *sem pés* (animais) movimentam-se de maneira curiosa.
b) Nada podemos fazer nesta situação *sem cabeça*.

19 — Substituir as palavras grifadas pelas correspondentes derivadas do grego (Os parênteses têm por fim facilitar a compreensão; não devem aparecer nas respostas):

a) Os (macacos de cabeça semelhante a) *cabeça de cão* são raros.
b) João é rapaz *de atividade* (de fôrça).
c) O *medidor de calor* indica a febre do doente.
d) O (aparelho de) *som longe* é muito útil.

20 — Os riscos das seguintes orações devem ser substituídos pela palavra adequada (derivada do grego):

a) ———— é o aparelho que serve para medir o vento.
b) ———— é o contrário de caligrafia.
c) ———— significa, etimològicamente, cavalo do rio.

CAPÍTULO XLIV

SINTAXE

ESTUDO DAS PALAVRAS COMBINADAS

NOÇÕES GERAIS

636 — Em geral, uma palavra exerce, na oração, duas funções: uma *taxeonômica*, outra *sintática*. Função *taxeonômica* é a que a palavra exerce quanto à classe a que pertence (substantivo, adjetivo, pronome etc.); a segunda função vem a ser a que a palavra exerce em relação a outros têrmos da oração (sujeito, complemento etc.).

637 — Muitos dos ensinamentos que as gramáticas costumam apresentar na sintaxe foram já expostos, para maior proveito do aluno, na própria morfologia; resta-nos agora estudar:

1.° — As diversas relações que as palavras mantêm entre si na oração; por outras palavras, iremos estudar a *oração* e *seus têrmos*. É desnecessário dizer que é de muita importância êsse estudo.

2.° — Em segundo lugar, passaremos a estudar os *processos sintáticos*, ou seja, os requisitos a que deve obedecer um têrmo no referir-se a outro têrmo da oração; é, então, que estudaremos a *concordância*, a *regência* e a *colocação* dos têrmos que concorrem para formar a oração.

Faz parte dêsse ponto o estudo dos *vícios de linguagem*.

3.° — Passaremos a estudar o *período* gramatical, analisando a concatenação que mantêm as orações para formar o período. É esta a parte mais importante da sintaxe, para cuja compreensão muito importa o perfeito conhecimento das conjunções, quer coordenativas quer subordinativas.

4.° — Completará o estudo da sintaxe o conhecimento de certas *particularidades sintáticas* e o da *pontuação*.

Obs. — Finalizará esta gramática um *apêndice literário*, no qual será apresentado um resumo muito ligeiro dos gêneros *poéticos* e *prosaicos*.

638 — Êsse é o programa que passaremos a desenvolver; abrange matéria bastante menor que a já estudada, mas é a que constitui o verdadeiro *desideratum* de quem pretende conhecer nosso idioma.

GENERALIDADES DA ORAÇÃO

639 — **Oração** é a reunião de palavras ou a palavra com que manifestamos aos nossos semelhantes, de maneira completa, um pensamento.

Tanto manifesta um pensamento o indivíduo que diz: "Vivo" — muito embora esteja a proferir uma só palavra — como o que diz: "Eu estou com saúde".

640 — Quanto ao *sentido*, as orações podem ser:

1 — declarativas { positivas / negativas }

2 — interrogativas { diretas / indiretas }

3 — exclamativas

4 — optativas

5 — imperativas

641 — **Declarativa,** *expositiva* ou *enunciativa* é a que encerra mera informação, mera declaração. Exemplos:

Estudei a lição
Não quero a sua vinda

a) Quando a oração declarativa encerra juízo positivo, chama-se **positiva**: "Pedro é estudioso" — "Todos nós trabalhamos".

b) A oração declarativa será **negativa** quando encerrar negação: "Paulo *não* é estudioso" — "Nós *não* temos férias" — "*Nunca* ofendi o próximo" — "*Ninguém* viu o canário".

642 — É **interrogativa** a oração que encerra pergunta: "Quem quebrou o copo?

A oração interrogativa pode ser *direta* e *indireta*.

a) É **interrogativa direta** quando a pergunta é expressa numa só oração, absoluta: "Quem quer o brinquedo?" — "Que faremos com o dinheiro?"

b) É **interrogativa indireta** quando a oração de sentido interrogativo depende de um verbo principal que indique desconhecimento ou desejo de informação: "Não sei *quem entrou*" — "Quero conhecer *quem fêz isto*" — "Diga-me se *êle já chegou*" — "*Quais eram êsses sinais* quis saber o almirante".

Obs. — Antigamente, as orações interrogativas *indiretas* que dependiam dos verbos *perguntar, dizer, responder* e *replicar* podiam vir acompanhadas do *que* e logo a seguir da oração interrogativa direta: "Perguntou-lhe *que como trazia armas?*" —

"Dizendo-lhe *que porque não mandava escarlate?*" — "Replicaram-lhe *que porque não queria o jazigo onde estava o duque com seu marido?*" — "O Senhor respondeu a isto *que para que lhe perguntava isto?*"

643 — **Exclamativa** é a oração que exprime sentimento de admiração ou de surprêsa: "Quanta coisa certa êle disse!" — "Como é triste a morte do indigente!" — "Que miséria vai trazer esta guerra!"

Obs. — Não é contudo a oração completa, exarada com todos os seus têrmos, a forma de que sempre se revestem os dizeres exclamativos. Sendo rápidas as explosões de sentimento, nada mais natural do que o procurar externá-las em poucas palavras e em tempo rápido. Daqui procede a predileção às frases breves e orações abreviadas ou reduzidas aos conceitos essenciais:

"Terra! terra!" — "Mísera sorte!" — "Mentira!" — "Os árabes!" — "Prestes!" — "Venha!"

Certas frases de linguagem familiar, enunciadas a princípio por extenso, ficaram reduzidas pelo uso continuado a fórmulas cristalizadas, aparentemente inanalisáveis, que em determinadas ocasiões todos repetem sempre da mesma maneira sem que alguém cogite em reconstituir as frases com seus elementos primitivos. Tais são os dizeres *Boas! Ora essa! Pois não! Pois sim!* que podem significar muita coisa; e no *Viva!* com que damos expansão ao entusiasmo, sentido por alguma pessoa, já não nos acode ser êste o verbo ou predicado restante de uma oração optativa. Nem se nos dá disso, pois não hesitamos em dar também vivas aos irremediàvelmente mortos. Por outra parte, *Oxalá!* — acomodamento do árabe *en shâ allah* (= "Se Deus quiser" — "Assim Deus queira") à pronúncia portuguêsa, continua a usar-se como expressão de desejo, embora se tenha apagado a consciência da origem islamítica dessa exclamação.

644 — **Optativa** (do lat. *optare* = desejar) é a oração que encerra desejo: "Seja feliz" — "Bons olhos o vejam".

Nota — A forma verbal que por excelência expressa desejo é o subjuntivo presente; com fôrça optativa, é êle usado em tôdas as pessoas: "Possa eu ser nomeado" — "Sejas feliz" — "Vá com Deus" — "Saibamos vencer" — "Sejais felizes" — "Passem com boas notas".

645 — **Imperativa** é a oração que, tendo o verbo no modo imperativo, geralmente encerra ordem: "Suma-se daqui".

A oração imperativa pode também indicar ou súplica ou pedido: "Dê-me (o senhor) uma esmola" — "Dá-me (tu) um copo d'água" — "Livrai-me, Senhor, de todo o mal" — "Estude, meu filho".

QUESTIONÁRIO

1 — Quantas funções exerce uma palavra na oração? Explicação e exemplos.
2 — Diga, resumidamente, o que iremos estudar na sintaxe.
3 — Que é *oração?*
4 — Quanto ao *sentido*, como podem ser as orações? (Explicação e exemplos — Não se esqueça da subdivisão das declarativas e das interrogativas).
5 — Corrija os seguintes textos:
a) Vá na casa Pinto ver uma secretária pequena, que está em exposição; se convir para você, compra ela e manda trazer, e manda levar a conta no

meu escritório, para mim pagar (§ 546, n. 4; § 464, 3; § 313, obs.; evite a repetição de palavras; § 546, n. 4; § 313).

b) Lembra de Santa Rita? Bebemos aí, na estação, um delicioso café, que nunca me hei de esquecê-lo (Lembrar-se ou esquecer-se *de* algo; § 345, n. 3: Claro está que...).

c) O temporal deteu o trem à dois quilômetros de Cambuquira.

d) O juiz apreendeu a menor Silvina, de quem nada se sabe dos pais (Recorde o § 382 e a pergunta 12 antes do § 386).

e) Houve um cataclisma pavoroso do Japão (V. o dicionário).

f) Êstes colarinhos não têm intertela (Idem).

Capítulo XLV

ANÁLISE SINTÁTICA

TÊRMOS DA ORAÇÃO

648 — Os **têrmos da oração** classificam-se em:

essenciais
integrantes
acessórios

649 — **Têrmos essenciais** da oração são os elementos que ordinàriamente concorrem para a formação da oração. São dois:

sujeito
predicado

SUJEITO

650 — Se sujeito de um verbo é a *pessoa* ou *coisa* sôbre a qual se faz alguma declaração, é evidente que o sujeito deve ser constituído de *substantivo*, pois a esta classe de palavras cabe nomear as pessoas e as *coisas*.

Pode, no entanto, o sujeito deixar de ser constituído de substantivo *essencial*, isto é, de substantivo pròpriamente dito, para ser constituído de substantivo *virtual*, isto é, de palavra, frase ou oração, que tenha igual fôrça de substantivo. Podem ainda, portanto, funcionar como sujeito:

a) um *pronome:* "Êle é estudioso"
b) qualquer *palavra substantivada:* "*Assaz* é advérbio" — "O *amanhecer* do trabalho há de antecipar-se ao amanhecer do dia"
c) uma *frase de sentido incompleto:* "*Trabalho e honra* deve ser lema de todos nós"
d) uma *oração:*

"É	bom	*que êle vá ao Rio*"
verbo	predicativo	sujeito

Nota — Quando é representado por frase, o sujeito chama-se *fraseológico*, como acontece no exemplo da lêtra *c*. Quando constituído por oração, chama-se *oracional*, como se vê na lêtra *d*.

651 — Como descobrir o sujeito: Suponha-se a oração "Pedro quebrou o disco". — Para que se descubra o sujeito da oração, é bastante saber quem praticou a ação de quebrar, isto é, quem quebrou o disco, o que se consegue mediante uma pergunta em que se coloque *que* ou *quem* **antes** do verbo:

Quem quebrou o disco?

Resposta: **Pedro.**

A resposta indica o sujeito da oração. Portanto o sujeito da oração é *Pedro.*

OUTROS EXEMPLOS: Descobrir o sujeito das seguintes orações:

Sócrates discorreu sôbre a alma.

Pergunta: Quem discorreu sôbre a alma?
Resposta: *Sócrates.*
Sujeito = **Sócrates.**

Os romanos honravam seus deuses.

Pergunta: Quem honrava seus deuses?
Resposta: *Os romanos.*
Sujeito = **Os romanos.**

Pedro foi ferido na guerra.

Pergunta: Quem foi ferido na guerra?
Resposta: *Pedro.*
Sujeito = **Pedro.**

Ao professor e ao pai do menino chegam reclamações dos colegas.

Pergunta: Que é que chega ao professor e ao pai?
Resposta: *Reclamações.*
Sujeito = **Reclamações.**

652 — Sujeito acusativo: Embora, por regra, sòmente o pronome reto possa funcionar como sujeito, há contudo casos em que o pronome oblíquo desempenha essa função. Tal se dá em orações em que entram os verbos *deixar, fazer, mandar, ouvir, sentir* e *ver* quando êsses verbos têm, como objetos, outros verbos no infinitivo:

O médico (suj. de *fêz*) fê- (v. principal) LA (suj. de *andar*) andar (obj. de *fêz*)

Mandei (v. principal) - O (suj. de *entrar*) entrar (obj. de *mandei*) || Deixaram (v. principal) - ME (suj. de *sentar*) sentar (obj. de *deixaram*)

Outro exemplo: "Vi um homem morrer". — Não é intenção de quem assim se expressa declarar que "viu um *homem*" mas, sim e ùnicamente, que "viu *morrer*"; *morrer* é que é o objeto de *viu*.

"Mandei o menino *assobiar*, *cantar* e, finalmente, *sair*" — é oração em que se atribuem ao verbo *mandar* diversos objetos, constituídos pelos infinitivos *assobiar*, *cantar* e *sair*, dando-se-lhes um mesmo sujeito: *menino*.

Substituindo-se, em qualquer construção semelhante à dos exemplos acima, o sujeito do infinitivo pelo correspondente pronome pessoal, êste irá aparecer na forma oblíqua: Mandei-*o* sair, fê-*la* andar, vi-*o* correr, êle deixou-*se* ficar.

Outro exemplo de sujeito acusativo temos em orações como "Maria deixou-*se* ficar". Aqui o *se* é realmente sujeito, mas sujeito acusativo, ou seja, sujeito de um infinitivo; tem função etimològicamente certa, que não pode ser confundida com a profligada no § 406.

Pelo fato de nessas orações aparecer na forma oblíqua o pronome, não nos devemos deixar enganar na sua análise, atribuindo-lhe função objetiva. Trata-se, exclusivamente, de um *latinismo sintático*, onde as subordinadas substantivas levam o verbo para o infinitivo, com o respectivo sujeito no caso *acusativo;* pelo que, diremos constituírem essas sentenças exemplos de **orações infinitivo-latinas.**

Nota — São portanto erradas as construções: "Fiz *êle* entrar" — "Vi *elas* sair" — "Deixei *êle* passear" — "Viu *eu* entrar" — em vez de: "Fi-*lo* entrar" — "Vi-*as* sair" — "Deixei-o passear" — "Viu-*me* entrar".

653 — É norma de gramática, e a lógica exige que assim seja: **O sujeito não pode depender de nenhum têrmo da oração.**

É evidente a justiça de tal princípio: Pelo próprio fato de ser sujeito, e, por conseguinte, constituir aquilo de que se declara alguma coisa, o sujeito poderá ter complementos, mas não ser complemento. A construção: "É hora *do* almôço estar pronto" — violaria êsse princípio, pois subordinaria o sujeito do verbo *estar* ao substantivo *hora*, como se se dissesse: "É hora do almôço" — quando o que se pretende dizer não é isso e sim: "É hora *de estar pronto* o almôço".

Nessas razões se baseiam os bons escritores, quando evitam combinar a preposição com o sujeito da oração infinitiva.

Assim, não se dirá: "É tempo *do* menino estudar" — senão, separando-se a preposição *de* do sujeito: "É tempo *de o* menino estudar".

A preposição, em exemplos como êsse, rege, na realidade, o infinitivo e não o sujeito dêsse infinitivo: *É tempo de que?* — *De estudar*. Daí um conselho muito justo, cuja prática evitará erros nessas construções: Colocar o sujeito de tais orações depois do infinitivo: "É tempo de estudar o menino a lição".

Exemplos típicos, que evidenciam bem essa questão, obtêm-se dando-se ao infinitivo um sujeito composto; em tais casos a preposição só aparece uma vez: "Baseamo-nos no fato *de* êste rapaz e o seu irmão *não estarem* inscritos".

Outros exemplos: "O fato *de possuírem* os homens esmerada educação (ou: "O fato *de* os homens *possuírem*..." ; jamais: "O fato *dos* homens *possuírem*") — "Dada a impossibilidade *de* o rim *eliminar* fosfatos" — "Sem que houvesse tempo *de* o condutor *brecar* o carro" — "Não há necessidade *de* se *irem* êles embora" (ou: "...*de* êles se *irem* embora" — nunca: "...*dêles* se irem embora") — "Apesar *de estarem* cortadas as relações" (ou: "Apesar *de as* relações estarem cortadas" — jamais: "Apesar *das* relações estarem cortadas") — "Não há vantagem *em ganharem* êles a causa" (ou: "...*em* êles ganharem a causa" — nunca: "*nêles* ganharem a causa") — "O mal está *em* não querer isso *o* homem" (ou: "...*em* o homem não querer isso") — "*Por a* vírgula estar separando têrmos essenciais é que a cortei" (e não: "*Pela* vírgula...").

654 — Classificação do sujeito — O sujeito pode ser:

simples
composto
indeterminado

655 — O sujeito é **simples** quando representado por um só ente, ou por entes da mesma espécie, isto é, quando representado por um só nome no singular ou no plural.

"O *livro* é bom" — "Os *livros* são bons"

656 — O sujeito é **composto** quando representado por entes diversos, ou seja, por mais de um substantivo, ou por mais de uma palavra ou expressão substantivada: "O *livro* e o *lápis* são bons" — "*Ser* e *não ser* são coisas opostas".

657 — O sujeito é **indeterminado** quando de impossível identificação. Tal acontece em orações com verbos:

a) ativos, acidentalmente impessoalizados na 3.ª do plural (484, 1): "Dizem que êle vem".

b) acidentalmente impessoalizados na passiva (485): "Precisa-se de um datilógrafo" — "Assim se vai aos céus".

Notas: 1.ª — Sempre se entendeu por "sujeito gramatical" o verdadeiro sujeito, isto é, o sujeito despojado de todo e qualquer modificativo complementar que porventura tivesse ("A *casa* de Pedro ruiu") e por "sujeito lógico", ou "sujeito total", o sujeito acompanhado de todos os modificativos complementares que lhe pertencessem: "*A casa de Pedro* ruiu".

Em substituição ao nome "sujeito gramatical" procuram introduzir a de "núcleo do sujeito", dando-se a entender por "núcleo" a palavra que realmente exerça a função sintática, seja ela qual fôr, que se considere, donde a definição de sujeito simples: "sujeito de um só núcleo", e a de sujeito composto: "sujeito constituído de dois ou mais núcleos".

2.ª — Se o aluno ouvir falar em sujeito *agente*, sujeito *paciente*, sujeito *oculto*, saiba entender o que isso significa:

O sujeito é agente quando pratica a ação verbal, o que se dá na voz ativa: "O *sol* ilumina a terra".

O sujeito é paciente quando sofre, recebe, padece a ação verbal, o que se dá na voz passiva: "*A terra* é iluminada pelo sol".

O sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente, quando pratica e recebe a ação verbal, o que se dá na voz reflexiva: "*Pedro* livrou-se do embaraço".

Sujeito oculto é o fàcilmente subentendido: "(*Nós*) Precisamos estudar".

658 — Oração sem sujeito: Não se trata agora de classificar, nem de procurar, nem de determinar o sujeito; o sujeito não existe em orações:

1. em que o verbo é impessoal essencial: "Choveu ontem" (V. § 481);
2. em que entra o verbo *haver* acidentalmente empregado como impessoal: "Há homens na sala" (V. § 484, 2);
3. em que entra o verbo *fazer*, também acidentalmente empregado como impessoal: "Faz dois dias que..." (V. § 907, nota 1);
4. em que entra o verbo *ser*, acidentalmente empregado como impessoal: "Era a hora do repouso" (V. § 426, 2);
5. em que entra o verbo *estar*, acidentalmente empregado como impessoal: "Está tarde" (V. § 484, 2).

QUESTIONÁRIO

1 — Como se classificam os *têrmos da oração?*

2 — Quais os têrmos que ordinàriamente concorrem para a formação da oração?

3 — Que é *sujeito?*

4 — Que classe de palavras desempenha função subjetiva?

5 — Pode o sujeito vir representado por *substantivo virtual?* Explicação e exemplos (Não se esqueça da nota do § 650).

6 — Como se consegue saber qual o sujeito de uma oração?

7 — Procure o sujeito das seguintes orações (O aluno deve classificar o sujeito de acôrdo com o § 654 e ss.).

a) Os pirilampos ziguezagueiam no espaço.
b) Os chorões melancólicos inclinam-se sôbre a água cristalina do regato.
c) O vendaval sinistro lembrava aos homens a existência de um criador.
d) Viam-se de longe os telhados vermelhos das casas.

8 — Explique, com exemplos, o que é *sujeito acusativo* e, ao mesmo tempo, o que é *oração infinitivo-latina*.

9 — Corrija estas orações:

a) É preciso fazer ela estudar.
b) Papai não deixa eu sair sòzinha.
c) Vi muito bem êle entrar na sala e vi ela correr-lhe ao encontro.

10 — É certo construir: "O mal está nela não estudar gramática"? De que outra ou outras maneiras podemos redigir êsse período?

11 — Cite alguns casos de *oração sem sujeito*.

Capítulo XLVI

PREDICADO

661 — Entende-se por **predicado**, em análise sintática, o que se declara do sujeito, e essa é a função precípua do *verbo*: "A águia VOOU".

Quando o verbo trouxer um complemento, êste ficará sintàticamente fazendo parte dêle, ou seja, o predicado passará a ser constituído de todo o conjunto verbo-complemento. Da existência ou não dêste complemento decorrem as espécies de predicado.

662 — O predicado pode ser:

verbal
nominal
verbo-nominal

663 — Predicado verbal — É o constituído:

a) ou só do verbo, por não exigir complemento (verbo intransitivo):

O menino CAIU

b) ou do verbo, que não seja de ligação, e do seu complemento, quer seja êste integrante ou não:

Nós VIMOS O BALÃO
Isso DEPENDE DA LEI
Ele CAIU NO RIO
Meu pai ESCREVEU UMA CARTA PARA O DIRETOR DO COLÉGIO

664 — Predicado nominal — É o constituído de um verbo de ligação e do seu complemento, complemento êste chamado **predicativo:**

predicativo

João É ESTUDIOSO

predicado nominal

predicativo

O pássaro ESTÁ DOENTE

predicado nominal

Outros exemplos: Ele *anda preguiçoso* — Ele *permanece louco*

665 — PREDICATIVO: Precisamos, para compreensão do *predicado verbo-nominal*, estudar melhor o que é *predicativo.*

Vimos no parágrafo anterior que o complemento do verbo de ligação se chama **predicativo.** Não só de adjetivo pode ser constituído o predicativo, como não só de uma única palavra; a função sintática é que determina se a palavra, ou expressão, ou mesmo oração, ou, ainda mais, um nome seguido de subordinada explicativa, constitui predicativo. **Predicativo** é tudo o que se declara do sujeito mediante um verbo de ligação:

O sol é BRILHANTE
O sol é ASTRO
Eu sou UM
Eu não sou VOCÊ
Viver é LUTAR
Isso é TUDO
Isso é ASSIM
És tu A MÃE DESSA CRIANÇA?
Sou-A
És tu MÃE?
Sou-O
Aquilo é UMA DAS SURPRÊSAS
Êle está COM SAÚDE
O exército estava SEM MUNIÇÃO
Êle está DE LUTO
Nós estávamos DE PÉ
Roberto ficou SEM O LIVRO
Maria parece BOA ALUNA
Pedro não anda BEM DE ESTUDOS
Mário permanece O MESMO
Êsse chapéu fica BEM PARA VOCÊ
Era DE VER a alegria da criançada
Essa vila fica PERTO
Essa estrada é DIFÍCIL DE PASSAR
Pedro é BOM E DIGNO DE LOUVOR
Isto é O QUE EU QUERO

666 — Quando o verbo da oração é de ligação, o complemento se chama, simplesmente, *predicativo*, e sempre se refere ao sujeito, mas o predicativo pode aparecer de duas outras maneiras e recebe então nomes especiais: *predicativo do sujeito, predicativo do objeto.*

667 — PREDICATIVO DO SUJEITO: É o predicativo que, referindo-se ao sujeito (ou sujeitos), aparece em orações cujo verbo não é de ligação:

João nasceu RICO
Pedro morreu POBRE
Êle saiu DE CABEÇA ERGUIDA
As palavras saíam INCONEXAS
As frases rompem MÚRMURAS
Êle foi apelidado SÁBIO
Êle será eleito DEPUTADO
Êles foram recolhidos PRESOS
Êle foi chamado ANTÔNIO
Vós fôstes nomeado GENERAL

668 — PREDICATIVO DO OBJETO: É o predicativo que se refere ao objeto; pode aparecer, portanto, em orações de verbo transitivo acompanhado do objeto ou objetos:

Vi-o TRISTE
Nomearam João SECRETÁRIO
Achei a criança DOENTE
Achei-a DOENTE
Fiz as armas brancas VERMELHAS
Fi-las VERMELHAS
O vício faz o homem MISERÁVEL
Elegeram o candidato DEPUTADO
Elegeram-no DEPUTADO

Obs. — Nas orações "Êle foi eleito deputado", "Êles foram recolhidos presos" e em outras semelhantes, o predicativo pode vir antecedido de certas preposições ou de *como*: "Êle foi eleito *como* deputado", "Êles foram recolhidos *como* presos", "Êle é tido *por* homem de bem" (ou: *como* homem de bem).

Tais construções são permitidas quando não comprometem a clareza da oração; na oração "Êles foram reconhecidos *por* homens de bem", não sabemos se o "por homens de bem" é predicativo do sujeito ou se é agente da passiva.

669 — Não devemos, pois, confundir **predicativo do sujeito** com **predicativo do objeto.** O predicativo do sujeito refere-se ao sujeito do verbo, ao passo que o predicativo do objeto é o complemento que modifica, que completa o objeto e não o sujeito. Se eu disser: "Paulo chegou *doente*", "doente" é predicativo do sujeito, pois se refere ao sujeito, mas se eu disser: "Encontrei Paulo *doente*", "doente" passará a completar o objeto da oração, que é *Paulo*, denominando-se então **predicativo do objeto.**

Outros exemplos de **predicativos do objeto:** Reconheceram-no *homem de bem* (modifica o objeto *o*) — Chamei-o *sábio* — Julgo Paulo *apto* — Aceitamos Augusto *por chefe* — O govêrno nomeou-o *general* (ou *como general*) — Êle tornou-me *bom* — Êle tornou-se *triste* (Nesta frase, o sujeito e o objeto são lògicamente idênticos, mas, gramaticalmente, são diferentes, e a rigor "triste" está modificando o *se* e não o *êle*) — Reconheço *por maior* a indulgência que de novo peço — Êle se tem *por chefe* — Eu o diria *um atrapalhão* — Formou-se *advogado.*

670 — Predicado verbo-nominal — É o constituído:

a) ou de verbo intransitivo e de um predicativo do sujeito:

predicativo do sujeito

Êle MORREU POBRE

predicado verbo-nominal

b) ou de verbo transitivo e respectivo objeto, mais o predicativo dêste objeto:

objeto

predicativo do objeto

O pai ENCONTROU - O POBRE

predicado verbo-nominal

QUESTIONÁRIO

1 — Que se entende em análise sintática por *predicado*?
2 — Que classe de palavras exerce precìpuamente a função de *predicado*?
3 — Como pode ser o predicado?
4 — De que se constitui o *predicado verbal*?
5 — De que se constitui o *predicado nominal*?
6 — Que é *predicativo*? (V. a definição no § 665, antes dos exemplos).
7 — Constitui-se o predicativo de alguma classe de palavras especial? Exemplos (Grife o predicativo).
8 — Que é *predicativo do sujeito*? Exemplos.
9 — Que é *predicativo do objeto*? Exemplos.
10 — Dois exemplos de predicativo (de sujeito ou de objeto) antecedido de preposição e um antecedido de *como*.
11 — De que se constitui o *predicado verbo-nominal*? Dois exemplos de cada caso.
12 — Declarar o *sujeito*, o *predicado nominal* e o *predicativo* das seguintes orações:

a) A fé, a esperança e a caridade são três virtudes teologais.
b) Fiquei fraco e desanimado.
c) As colheitas parecem boas.

CAPÍTULO XLVII

TÊRMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

674 — Consideram-se **têrmos integrantes** da oração:

o *complemento nominal*
o *complemento verbal*
o *agente da passiva*

porque aparecem na oração completando necessàriamente o sentido de algum outro têrmo.

675 — COMPLEMENTO NOMINAL — O complemento chama-se **nominal** quando **exigido** para completar a significação de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio. Antes chamado *terminativo*, o complemento **nominal** inicia-se por preposição.

Não sòmente os verbos podem ser completados em sua significação; dos substantivos, dos adjetivos e dos advérbios há também os que não têm significação absoluta, **necessitando**, para que sua significação se complete, de um complemento que lhes inteire a significação.

Se, por um lado, há substantivos, adjetivos e advérbios que têm significação absoluta, como *parede*, *dedo*, *vivo*, *hoje*, há, por outro lado, os que **necessitam** de um têrmo que lhes integre o sentido: *gôsto* (a alguma coisa), *obediência* (a alguma coisa), *desejo* (de alguma coisa), *contràriamente* (a alguma coisa). O complemento de palavras como estas vem a ser o *complemento nominal*. Exemplos: "Gôsto *à música*" — "Amor *à pátria*" — "Obediência *ao mestre*" — "Desejoso *de aprender*" — "Apaixonado *pela ciência*" — "Desfavoràvelmente *a nós*" — "Relativamente *à sociedade*" — "Chegada *ao país*" (1) — "Vinda *do exterior*" — "Digno *de louvor*".

676 — Emprega-se, freqüentemente, a preposição *de* nos complementos nominais de substantivos em vez da preposição *a*: "Amor *da virtude*" por "amor *à virtude*". Dessa equivalência das duas preposições origina-se por vêzes ambigüidade, que importa evitar; exemplo: "O amor *de minha mãe* me fortalece". "De minha mãe" pode ser adjunto adnominal e pode ser *complemento nominal*; no primeiro caso, *mãe* é o *sujeito*

---

(1) Como não se deve dizer "chegar *em* um lugar", tampouco devemos dizer "chegada *em* um lugar". — "Chegada *ao* cais", "chegada *à* velhice", "chegada *a* São Paulo", com a preposição *a*, é como devemos construir.

de *amor*, isto é, é o amor dela para comigo; no segundo, é o *objeto*, ou seja, é o meu amor para com ela. Sendo, pois, *complemento nominal*, dir-se-á, para maior clareza: "O amor *a* minha mãe me fortalece".

Tal substituição se fará sòmente quando necessária à clareza. Quando não houver perigo de ambigüidade, o *de* deverá permanecer.

677 — Mais compreendido ficará o assunto com o seguinte esclarecimento. Quando o complemento nominal de um substantivo se inicia pela preposição *de* (quase sempre tal complemento corresponde ao caso genitivo latino), poderá êle ser:

1) **Genitivo objetivo**, ou seja, complemento que indica o objeto, o recipiente da ação. Quando dizemos "adoração do bezerro de ouro", *bezerro* recebe a ação de adorar. Não há aí perigo nenhum de ambigüidade, e, por isso, a preposição *de* deverá permanecer; inconscientemente procederia quem a substituísse por *a*.

2) **Genitivo subjetivo**; é idêntico ao complemento anterior no aspeto material, mas diferente quanto ao sentido: "obediência do aluno". É claro que, nesta frase, *aluno* pratica a ação de obedecer.

678 — Algumas conclusões e outros esclarecimentos:

1) Devemos dizer: "Na infração *da* lei" (e não: "Na infração *à* lei"), "Quitação *do* serviço militar" (e não: "Quitação *para com* o serviço militar"), porque é clara a função do genitivo objetivo.

2) "Quer um convite da festa de amanhã?" é construção correta; não é necessário dizer "para a festa", porque "da festa" é aí, claramente, genitivo objetivo. Se, porém, dissermos: "Fizeram-me um convite", o complemento será "para a festa", porque estará completando a expressão "fazer convite", e não sòmente "convite" (*Fazer convite para alguma coisa*).

3) "Verba para a defesa do país" — "Agi em defesa da lei": os complementos "do país", "da lei" estão corretos. Vejamos esta frase: "Na defesa dêsse deputado aos princípios democráticos"; "dêsse deputado" é adjunto adnominal, e "aos princípios democráticos" é que é o complemento nominal de "defesa". Outros exemplos de complemento nominal de "defesa": "Mas, senhores, na minha defesa *aos* espoliados de 1892..." — "A defesa *contra* Espártaco..." — "Mas no uso dessa faculdade natural de defesa *contra* a usurpação...".

Conclusão: Nada de substituir a preposição "de" por outra, sem real compreensão da função do complemento; por que "sala para festas" em vez de "sala de festas"? Por que a tôla construção "Ginásio do Estado em Campinas" em vez de "Ginásio do Estado de Campinas"? Abra o aluno o dicionário de Aulete e leia quantas funções pode ter essa preposição!

4) Não vá o aluno confundir *complemento nominal* com *objeto indireto*. O objeto indireto completa a significação de *verbos*, ao passo que o complemento nominal completa a significação de substantivos, de adjetivos, de advérbios. Não confundir com objeto indireto, nem com adjunto adnominal, nem com adjunto adverbial.

COMPLEMENTO VERBAL

679 — *Complemento verbal*, ou simplesmente *objeto*, é o complemento exigido pelo verbo *transitivo*, para que o verbo tenha sentido completo.

Quando completa a significação de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio, o complemento chama-se *complemento nominal;* quando completa a significação de um verbo transitivo, chama-se *objeto*.

Tal qual acontece com o sujeito, terá também o objeto de ser representado por substantivo, real ou virtual. Exemplos: "Quero *frutas*" — "Quero *estudar*" — "Aprecio *o da cá toma lá*".

680 — Como há duas espécies de verbos transitivos, há também duas espécies de objetos, o *direto* e o *indireto*, denominações já de nós conhecidas (§ 301).

Como se descobre o objeto de uma oração? Fazendo-se uma pergunta com *que* ou *quem* **depois** do verbo. O objeto da oração "João viu o irmão" é *irmão* porque é a resposta da pergunta: "Viu *quem*?"

OBJETO DIRETO

681 — Corresponde o objeto direto ao caso oblíquo latino chamado *acusativo*. Temos já conhecimento dêsse complemento, e pouco nos resta para conhecê-lo completamente.

682 — O **objeto direto**, como o sujeito, é *simples*, quando constituído de um só núcleo ("O hábito não faz o *monge*" — "Êle bradou *independência ou morte*" — "Vi *a casa de João*" — "Comprei *uma linda chácara*") e *composto*, quando dois ou mais forem os núcleos: "Quero *estudar* e *viajar*" — "Comprei um *livro* de escrituração comercial e um *caderno* de duzentas páginas".

683 — **OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO:** O nome *objeto direto* provém do fato de o objeto prender-se *diretamente* ao verbo transitivo, isto é, sem preposição. Admite-se, todavia, a colocação, antes do objeto direto, da preposição *a* nos seguintes casos:

I — Quando o objeto direto é constituído de nomes de *pessoas* ou de *animais* (entes animados), para que se evite o perigo de ambigüidade, isto é, de confusão entre o sujeito e o objeto direto. Construções

como: "Matou o leão o caçador" — "Bruto César assassinou" — não nos indicam qual o praticante da ação verbal e qual o recipiente. A preposição *a* é aí de rigor, para que se evidenciem o sujeito e o objeto direto do verbo: "Matou o leão *ao caçador*" — "Matou *ao leão* o caçador" — "Bruto *a César* assassinou".

Obss.: a) Esta regra, quase de rigor na língua espanhola, não o era tanto em português; Camões escreveu: "Quando Augusto o capitão venceu" — "Gente que segue o torpe Mafamede". — Sòmente saberá distinguir, nessas orações, o objeto direto quem conhecer o fato histórico.

b) Ainda quando não exista na frase o sujeito, podem os nomes próprios (ou personificados) vir acompanhados da preposição *a*: "Amo *a Deus*" — "Mandou *a Paulo*" — "Vendeu *a Pedro*". — Caso apareça na frase outro complemento regido de *a*, o objeto não poderá então ser preposicionado:

"Vendeu Pedro a Matias"
obj. dir.

2 — Quando o objeto direto, mesmo constituído de ente inanimado, vier anteposto ao verbo, deverá, para clareza da expressão, ser preposicionado:

"Sòmente ao tronco, que devassa os ares, o raio ofende".
obj. dir. v. trans. dir.

Continuará a ser preposicionado o objeto direto constituído de nome de coisa, sempre que assim exigir a clareza: "Venceu o dia *à noite*" (= O dia venceu a noite) — "Venceu *ao dia* a noite" (= A noite venceu o dia).

3 — Quando o objeto direto fôr constituído das formas pronominais *mim, ti, si, êle, ela, nós, vós, êles, elas*: "Viu *a mim*" — "Levei *a êle*" — "Escolheu *a nós*".

Obss.: *a*) Não devemos pensar que é errado dizer "levei *a êle*", "escolheu *a nós*" em vez de "levei-*o*", "escolheu-*nos*". O que é errado, erradíssimo, é dizer "levei êle", "escolheu nós". — O que não devemos é abusar dessa construção.

b) As formas "a mim", "a ti", "a si", "a nós", "a vós" podem vir reforçando as formas *me, te, se, nos* e *vos*: "Eu *me* considero *a mim*" — "Feriu-*se a si*". — Em tais casos, as formas "a mim", "a ti" etc, são repetições pleonásticas, são reforços dos objetos diretos.

4 — Alguns verbos, conquanto transitivos diretos, vêm com preposição, quando o objeto é um infinitivo:

a) com a preposição *a*, com os verbos *começar, principiar, aprender, ensinar*: "começou *a dizer*", "principiou *a ler*", "ensinou *a escrever*";

b) com a preposição *de*, com os verbos *acabar, cessar* e alguns outros: "acabou *de ler*", "cessou *de falar*".

5 — Certos pronomes admitem a preposição *a* quando objetos diretos: "Êle matava *a todos* quantos alcançava" — "Amava *a outro*

que não a ti" — "Para livrar de erros *a quem* não sabe latim" — "...prêmio, *ao qual* pretendeu José" — "*Aos outros* peixes do alto, mata-os o anzol ou a fisga".

6 — Existe outro caso que se prende ao que estamos vendo: Quando o objeto direto é constituído de pronome oblíquo e vem seguido de apôsto, êste apôsto é preposicionado: "Ferem-nos, *aos credores*, as imprecações" — "Aconselhei-os *a todos*" — "O parentesco que as unia *a tôdas*".

7 — Vejamos esta oração: "Venho convidá-lo e *à* Exma. Família". O segundo objeto direto (a Exma. Família) vem preposicionado para dar clareza à expressão. Bastará, para abonar essa construção, o exemplo de Herculano (Monge de Cister): "...de que o reitor o esperava e *aos* seus respeitáveis hóspedes". — Muito certas, portanto, são as seguintes construções: "Amando-o e *aos* seus irmãos..." — "Saúdo-o e *aos* seus parentes" — "Detesto-o e *aos* demais que o acompanham" — "Inscrevo-o e *aos* sócios componentes do clube" — "Degredou-o e *aos* filhos" — "Viu-a e *a* suas corrigendas".

684 — Querem muitos autores que os verbos de **dupla regência** (V. § 305) que podem indiferentemente vir com objeto direto ou com indireto sejam sempre transitivos diretos e o objeto sempre direto; segundo essa opinião, tanto é objeto direto "puxar *a espada*", como "puxar *da espada*". Querem outros que a desigualdade de regência só passe a existir quando trouxer desigualdade de sentido; para êstes, o verbo *esperar*, na frase "esperar *alguém*" é transitivo direto, passando a ser transitivo indireto na frase "esperar *em alguém*", visto haver diversidade de sentido.

Não concordo com essa manobra sintática; para mim o verbo só continuará transitivo direto quando se enquadrar nos casos do parágrafo anterior; mesmo assim, a única preposição que poderá aparecer é a preposição *a*; não se dando isso, o verbo, quer conserve quer não o mesmo sentido, deixará de ser transitivo direto para ser transitivo indireto.

OBJETO INDIRETO

685 — É assim chamado o complemento do verbo transitivo indireto, pelo fato de vir unido ao verbo *indiretamente*, isto é, mediante preposição. Exemplos: "Não obedeço *a ninguém*" — "Depende *do câmbio*" — "Acredito *nêle*".

Nada resta que dizer sôbre êste ponto; limito-me a lembrar a justificativa que dei (§ 334) das construções "roubaram-*me* o chapéu", "levaram-*me* o guarda-chuva", "conhecia-*lhe* os pais". Nessas construções, os pronomes oblíquos *me* (no 1.º e 2.º exemplo) e *lhe* (no 3.º), empregados pelos possessivos, são objetos indiretos. Em tais casos, o

número do pronome oblíquo depende do número da pessoa gramatical; referindo-nos a uma só pessoa, diremos: "Desconheço-*lhe* as intenções"; se a duas: "Desconheço-*lhes* as intenções".

Outras vêzes o oblíquo, em vez de corresponder a possessivo, corresponde ao dativo (*dativo de interêsse*): "Não *me* levem êsse livro, porque não é meu".

AGENTE DA PASSIVA

686 — É o agente da passiva o último dos têrmos integrantes da oração, já inteiramente estudado na explicação da voz passiva: § 390.

QUESTIONÁRIO

1 — Quais os *têrmos integrantes* da oração?
2 — Por que êsses têrmos se chamam integrantes?
3 — Quando um têrmo integrante se chama *complemento nominal?*
4 — Como se inicia o complemento nominal?
5 — Três frases em que apareça complemento nominal.
6 — Que é *genitivo objetivo?* Exemplo.
7 — Que é *genitivo subjetivo?* Exemplo.
8 — "Na infração da lei" — "Na infração à lei": Qual o mais certo? Por quê?
9 — Que é *complemento verbal?*
10 — Como se descobre o objeto de uma oração?
11 — O objeto direto como pode ser? Resposta exemplificada (§ 682).
12 — O objeto direto pode ser preposicionado? Quando? Um exemplo de cada um dos 7 casos.
13 — Que é *objeto indireto* e por que assim se denomina? Exemplos.
14 — "Desconheço-lhe as intenções": Qual a função e qual o significado do pronome *lhe?*
15 — Qual o último dos têrmos integrantes da oração? Dê um exemplo.

Capítulo XLVIII

TÊRMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

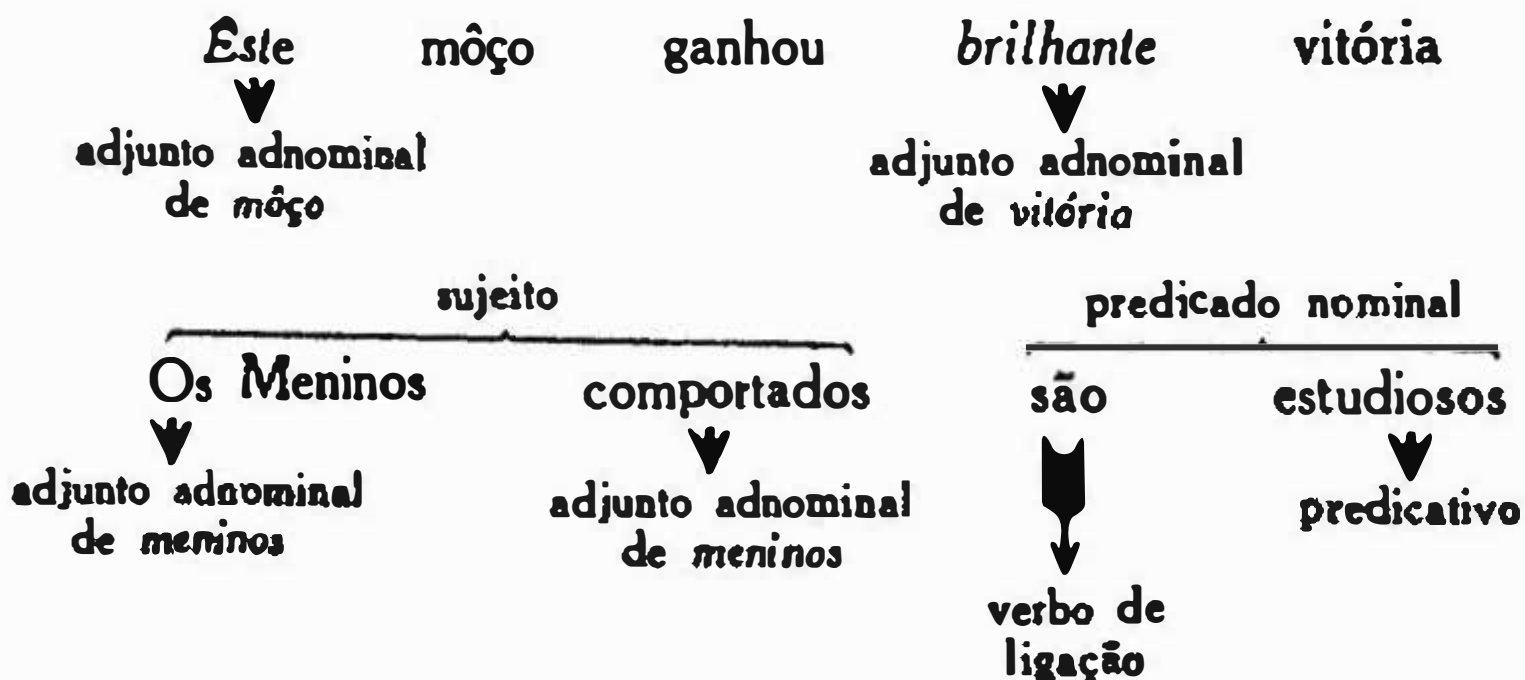
690 — Enquanto os têrmos integrantes, há pouco estudados, são pràticamente exigidos na oração para que esta tenha sentido completo, os têrmos acessórios são os complementos que nela aparecem com efeito meramente informativo. São êstes os têrmos acessórios da oração:

adjunto adnominal
adjunto adverbial
apôsto

Obs. — *Adjunto* é particípio irregular de *adjungir* = jungir a.

ADJUNTO ADNOMINAL

691 — Chama-se **adjunto adnominal** tôda a palavra ou expressão que, junto de um substantivo, modifica-lhe a significação.

Enquanto *predicativo* é o nome que se dá em análise sintática ao complemento que modifica a significação de um substantivo por intermédio de um verbo de ligação, *adjunto adnominal* é o complemento do substantivo a êle prêso, a êle adjunto, sem verbo nenhum de per meio:

692 — Quando o adjunto adnominal se constitui de ma expressão, esta muitas vêzes se inicia com a preposição *de*, mas a significação do adjunto pode variar; se sintàticamente não há diferença entre os complementos "casa *de João*" e "casa *de tijolos*" (ambos são adjuntos adno-

minais), há todavia diferença de sentido: se em "casa *de João*" temos um adjunto adnominal que indica **posse**, em "casa *de tijolos*" o adjunto adnominal indica **qualidade**, é uma perfeita locução adjetiva.

Outras idéias pode ainda o adjunto adnominal indicar, como, por exemplo, **finalidade** (casa *de armazenagem*, agulha *de marear*), **medida** (casa *de 10 metros de frente*), **disposição** (casa *com muitos quartos*), **preço** (casa *de vários milhões*), **processo** (relógio *de sol*), **argumento** (livro *de filosofia*).

O adjunto adnominal às vêzes vem antes da palavra, como, ainda, uma palavra pode trazer vários adjuntos adnominais:

muitas compras *a prestações*
duas torneiras *de água quente*
todos os grandes homens *de antigamente*

693 — Se não devemos confundir *adjunto adnominal* com *predicativo*, tampouco devemos confundir com *complemento nominal:* o complemento nominal é integrante, é essencial, pertence intrìnsecamente ao nome; o adjunto adnominal é acessório, não é exigido para que se complete o significado do nome. Em "obediência dos cidadãos às leis" temos um exemplo de ambos os complementos:

obediência	dos cidadãos	às leis
	adjunto adnominal (têrmo acessório)	**compl. nominal (têrmo integrante)**

694 — O objeto indireto constituído de pronome oblíquo e correspondente ao dativo de interêsse latino pode, muitas vêzes, exercer a função sintática de adjunto adnominal: Não *me* aperte o braço (= Não aperte o *meu* braço).

ADJUNTO ADVERBIAL

695 — Se à oração "Pedro morreu" (de sentido perfeitamente completo, pois o verbo é intransitivo e, como tal, nenhum complemento pede) acrescentarmos uma idéia acessória, dizendo, por exemplo, "Pedro morreu no rio", *no rio* constituirá um *adjunto adverbial.*

O adjunto adverbial, portanto, não é exigido pelo verbo; é um complemento acidental, e, não, essencial; é, enfim, **um têrmo acessório da oração, que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio.** Numa palavra, adjunto adverbial é, em análise sintática, o que é o advérbio ou locução adverbial na morfologia.

"É muito	útil falar	claro e bem"
adjunto adverbial de *útil*		**adjunto adv. de *falar***

Observação importante — Quando vem modificando um verbo, e a êle se prende por preposição, o adjunto adverbial não deve ser confundido

com objeto indireto. O objeto indireto vem com preposição, mas é *exigido* pelo *verbo*, ao passo que o adjunto adverbial não é exigido. O verbo *ir*, por exemplo, não é verbo transitivo; portanto, na frase "Fui *a Belo Horizonte*", o complemento "a Belo Horizonte" não é objeto indireto, mas adjunto adverbial. Outro exemplo: "Viver *de esmolas*"; nesta oração, "de esmolas" é objeto indireto? — Não, porque "viver" não é verbo transitivo indireto.

É desanimador o que se está passando em alguns colégios e até em faculdades; desastrosamente, para o português e principalmente para o latim, andam ensinando que o verbo *ir* e outros são transitivos indiretos porque, dizem, vêm com complemento antecedido de preposição. Não! Isso é um atentado à sintaxe. Ensinar isso é não saber o que é regência verbal nem em latim nem em português; teria graça ensinar que há dois objetos indiretos na oração "Foi do Rio para Recife"; e se estivesse "Foi do Rio para Recife por Belo Horizonte"? Não temos aí objetos mas adjuntos adverbiais de lugar: de lugar donde, de lugar para onde e de lugar por onde.

696 — Na oração "Êle estudou *bem* a lição", "bem" é adjunto adverbial; na oração "Êle estudou *muito bem* a lição", "muito bem" é adjunto adverbial do verbo, e "muito", analisado sòzinho, é adjunto adverbial de "bem".

Obs. — Suponhamos a oração: "*Fiz de ouro* o relógio de Pedro" — *De ouro* está modificando o verbo *fazer;* é adjunto adverbial. Se dissermos: "Comprei um relógio *de ouro*" — não teremos um adjunto adverbial, mas um *adjunto adnominal*, porque *de ouro* não está modificando um verbo, mas o substantivo *relógio*.

697 — Os adjuntos adverbiais podem indicar várias idéias; vejamos algumas delas:

a) **lugar** — *onde:* Estou *na sala*. *Em casa de enforcado* não falar em corda. Andava *à beira da estrada*.
donde: O avião vai sair *do Campo de Marte*.
por onde: Vim *pelo melhor caminho*. Voou *por cima da igreja*.
para onde: Vou *à cidade*. Dirigimo-nos *para a vitória*.
aproximação: Combatemos o inimigo *perto do rio*.
distância: Estamos *a cinco quilômetros do inimigo*.

Nota — Um complemento p de indicar, virtualmente, lugar: Saí *do apêrto*. Passamos *por dificuldades*. Caminhamos *para a vitória*.

b) **tempo** — *quando:* *No verão* os corpos se distendem — Vamos jantar *às cinco horas* — *Todos os dias* temos aborrecimentos — *De pequenino* se torce o pepino.
em quanto tempo: Seremos vencedores *em menos de cinco dias*.
há quanto tempo: Somos assim *desde crianças*.

por quanto tempo: Choveu *o dia inteiro.*
de quanto em quanto tempo: As olimpíadas se realizam *de quatro em quatro anos.*
para quando: Deixemos isso *para domingo.*
quantas vêzes: Alimentamo-nos *quatro vêzes por dia.*

Nota — As construções: "Todos os dias temos aborrecimentos" — "Segunda-feira não há aula" — "Dia 24 sairemos" — são expressões corretas. Procedem errôneamente os que sempre exigem a preposição *em* em tais expressões.

c) **modo** — "Estudem *da melhor maneira possível* a lição" — "Não peça *com tanta insistência*" — "Êle come *a granel*" — "Faremos isso *sem mêdo*".
d) **companhia** — "Farei fortuna *com meu irmão*".
e) **causa** — "O filho partiu *por conselho do pai*" — "Não saímos *por causa da chuva*" — "*Dado o mau tempo* não sairemos".
f) **matéria** — "Fiz *de ouro* o relógio de Pedro".
g) **instrumento ou meio** — "Comemos tudo *com faca*" — "Passou *com proteção*".
h) **preço** — "Avaliei todos os objetos *em dez cruzeiros*" — "Vendeu tudo *por pouco dinheiro*".
i) **fim** — "Fiz os exames *para efeito de legalização*" — "Trabalho *para teu bem-estar*".
j) **oposição** — "Agiu *contra o próprio pai*".
l) **intensidade** — "Subiu *muito*" — "O aluno ficou *muito* prejudicado"
m) **afirmação** — "*Sem dúvida nenhuma* irei".
n) **dúvida** — "*Talvez* vá".
o) **negação** — "*Não* irei".

Nota — Há ainda outras espécies de *adjuntos adverbiais*, mas o nome dessas espécies é coisa fácil de encontrar, porque depende da idéia, da circunstância que o adjunto indica. O essencial é saber o aluno que o adjunto adverbial sempre modifica ou um adjetivo ou um verbo ou um advérbio ou uma locução ou uma oração inteira. Com êsse cuidado, é fácil ver se o adjunto adverbial, no modificar, indica *lugar, tempo... medida, valor, inclusão, exclusão* etc.

698 — Há um tipo de adjunto adverbial que merece esclarecimentos. No período: "*Acabada a festa*, os músicos partiram" — a oração participial "acabada a festa" constitui adjunto adverbial, porque indica uma circunstância, circunstância de tempo. Êsse adjunto adverbial é "absoluto", isto é, não tem relação especificada com nenhum têrmo da oração "os músicos partiram".

Tal adjunto adverbial absoluto (chamado em latim **ablativo absoluto**) constitui-se de um substantivo acompanhado de um particípio ou de um gerúndio, mas é preciso observar rigorosamente o seguinte: *A forma nominal do verbo deve vir antes do substantivo.* Incorreremos em galicismo

se invertermos essa ordem. Construções como estas: "*O discurso acabado*, ressoou uma salva de palmas", "*A festa acabada*, os músicos partiram" — são construções francesas e não portuguêsas.

APÔSTO

699 — Um tipo de adjunto adnominal existe que é estudado a parte; é o constituído de uma palavra ou grupo de palavras em aposição, palavra ou grupo de palavras que então se chama **apôsto**. Exemplo: "Sócrates, *filósofo grego*, foi condenado à morte".

Podemos definir o **apôsto**: Palavra ou frase que explica um ou vários têrmos expressos na oração: "Rio de Janeiro e S. Paulo, *cidades de caraterísticos muito diversos*, são grandes centros de atração".

O *apôsto*, quando vem depois do *fundamental*, isto é, depois da palavra modificada, coloca-se entre vírgulas:

"João, meu aluno, ficou doente"
fundamental ↑ apôsto ↑

O apôsto pode ser constituído de *títulos profissionais* ou *jerárquicos*: "O *professor* Carlos de Almeida" — "O *tenente* José Joaquim" — "O *conde* Ramiro". — Quando vêm depois do fundamental, êsses apostos exigem vírgulas: "Carlos de Almeida, professor..." — "José Joaquim, tenente...".

É interessante observar que o apôsto pode às vêzes vir ligado ao fundamental pela preposição *de*: "Rua *da* Consolação", "Duque *de* Caxias", "Praça *dos* Gusmões". Note-se que tanto é certo dizer "rua da Consolação" como "rua Consolação".

O apôsto pode ter como fundamental uma oração:

"O general não tem um braço, índice de esfôrço bélico".
fundamental — apôsto

Nota — Palavras podem referir-se a um têrmo da oração, com aparência de apôsto: "*Tez morena, olhos encovados, semblante acabrunhado*, apresentou-se a mim um rapaz". As palavras grifadas são complementos chamados *acusativos de relação*, como se fôssem objetos de "tendo", subentendido.

QUESTIONÁRIO

1 — Qual a diferença, em análise sintática, entre "têrmos integrantes" e "têrmos acessórios"?
2 — Quais são os *têrmos acessórios* da oração?
3 — Que é *adjunto adnominal*?
4 — Qual a diferença entre "predicativo" e "adjunto adnominal"? Exemplo.
5 — Qual a diferença entre "adjunto adnominal" e "complemento nominal"?

6 — Analise o complemento das seguintes frases:

casa sem *telhado* — olhar *de malandro*
bôlo *de ameixa* — homem *com ares de importância*
homem *sem alma* — aparelho *de abrir lata*

7 — Que é *adjunto adverbial?*
8 — Existe diferença entre "objeto indireto" e "adjunto adverbial"? Explicação exemplificada.
9 — Nos períodos seguintes, indicar a natureza dos complementos que aparecem grifados:

a) Estávamos todos *muito calmamente* conversando *na sala* || *de visitas*, quando vimos, *pelo buraco* || *da fechadura* || *do quarto fronteiriço*, um ladrão que, vindo talvez *da prisão*, dirigia-se *para a porta* || com *intuito de observar o que fazíamos*.
b) Deixemos *para outros* || *o desânimo* porque *dentro de cinco dias* seremos *vitoriosos*, a não ser que *de um momento para outro* sejamos *atraiçoados*.
c) Orfeu arrastou *com o seu canto* || *as florestas*.
d) José viveu fartamente *durante dois anos*.

10 — Corrija:

a) O rei morto, dividiu-se o país em cinco estados independentes.
b) O sol escondendo-se, os pássaros não cantam.

11 — Que é *apôsto?* Exemplo.

Capítulo XLIX

VOCATIVO

701 — Outro elemento que pode aparecer na oração é o **vocativo.** A função do vocativo é indicar *apêlo, chamado.* Quando vemos um amigo e dizemos: "*Pedro,* venha cá" — a palavra *Pedro* está indicando *apêlo, chamado;* a palavra *Pedro,* portanto, é *vocativo.*

Quando chamamos a atenção de alguma pessoa ou de alguma coisa, recorremos sempre ao vocativo. Consideremos a oração: "*Meninos,* estudem o ponto". — Com essa oração, nós chamamos a atenção dos meninos; a palavra *meninos* é, pois, *vocativo* (do latim *vocare* = chamar).

702 — O vocativo pode vir no comêço, no meio ou no fim da oração:

no comêço: "*Meninos,* estudem a lição".

no meio: "Estudem, *meninos,* a lição".

no fim: "Estudem a lição, *meninos*".

Observe-se que o vocativo vem sempre acompanhado de vírgulas; quando o vocativo inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes.

Essa pontuação é sempre observada; dessa forma, a própria pontuação indica ao aluno o *vocativo.*

703 — O vocativo, em português, ora vem constituído sòmente da palavra, ora vem acompanhado da interjeição *ó:*

1 — *Menino,* você não tem experiência da vida.

2 — *Ó m nino,* você não tem experiência da vida.

O aluno não deve confundir o *ó* que aparece nos vocativos com o *oh!* que aparece nas orações exclamativas; o *oh!* das orações que indicam admiração vem com *h* e ponto de admiração, ao passo que o *ó* que às vêzes acompanha o vocativo não deve vir com *h* (§ 596, n. 2 ao pé da pág.).

704 — Pode o vocativo vir acompanhado de um adjunto: "*Hom m de pouca fé,* por que deixou seus filhos sem a luz da ciência?"

QUESTIONÁRIO

1 — Qual a função do vocativo?
2 — Como se constitui o vocativo?
3 — A simples pontuação pode indicar o vocativo? Por quê?
4 — Um exemplo de vocativo modificado por adjunto.
5 — Construa três orações diferentes em que haja vocativo. Na 1.ª coloque o vocativo no começo; na 2.ª no meio; na 3.ª no fim.
6 — Corrija os seguintes textos:

a) Fiz três exames, falto fazer outros três.
b) Precisam-se de duas caixeiras novas.
c) Chamam-se meridianos aos círculos máximos que passam pelos pólos.
d) As famílias ítalas-brasileiras são particularmente numerosas em S. Paulo.
e) Choveu tanto que não pudemos sair, nem para ir na esquina.
f) Dona Vitória pediu para mim ficar hoje aqui, porque tem muita lama nos caminhos; fazem sete dias que está chovendo.
g) Como você vai fazer exame, se não pegou nos livros e se todo o tempo que você dispunha foi pouco para divertimentos?
h) Prefiro muito mais desistir do que me sujeitar a isto (§ 276, 4.ª).
i) Tem paciência; você vai ficar aqui.
j) Eu disse para jogarem fora todos os cacaréus (§ 581, n. 1).

CAPÍTULO L

PROCESSOS SINTÁTICOS

SINTAXE REGULAR DE CONCORDÂNCIA

706 — Tendo já estudado os têrmos da oração e as relações existentes entre êles, iremos agora estudar o procedimento, o comportamento de um têrmo para com outro.

Sob três aspetos podemos considerar o procedimento entre os têrmos da oração, aspetos que se denominam *processos sintáticos*:

1 — quanto à *concordância* { *nominal* / *verbal*

2 — quanto à *regência* { *nominal* / *verbal*

3 — quanto à *colocação*

707 — Cada um dêsses aspetos pode ser encarado normal ou *regularmente* e anormal ou *irregularmente*; daí a subdivisão de cada um de tais aspetos em *processo regular* (ou *sintaxe regular*) e *processo irregular* ou *figurado* (*sintaxe irregular* ou *figurada*).

Obs. — "*Figura*, em gramática, são as alterações da *forma* que não influem no *sentido*, autorizadas pelo uso de pessoas cultas. Assim, as *figuras de palavras* ou *metaplasmos* são alterações que fazemos nos vocábulos, *aumentando*, *diminuindo* ou *transpondo* sons; semelhantemente, as figuras de sintaxe são alterações que fazemos na oração, *aumentando*, *diminuindo* ou *transpondo* palavras, como a seu tempo veremos".

Sintaxe regular de concordância

708 — *Concordância* é o processo sintático pelo qual uma palavra se acomoda, na sua flexão, com a flexão de outra palavra de que depende.

Essa acomodação flexional pode efetuar-se quanto ao *gênero*, quanto ao *número* e quanto à *pessoa*.

Os têrmos que na oração devem *concordar*, *acomodar-se* são:

1 — O *verbo*, que se acomoda ao sujeito.
2 — O *adjetivo*, que concorda com o substantivo.

3 — O *predicativo*, que concorda com o sujeito.
4 — O *pronome*, que concorda com o nome a que se refere.

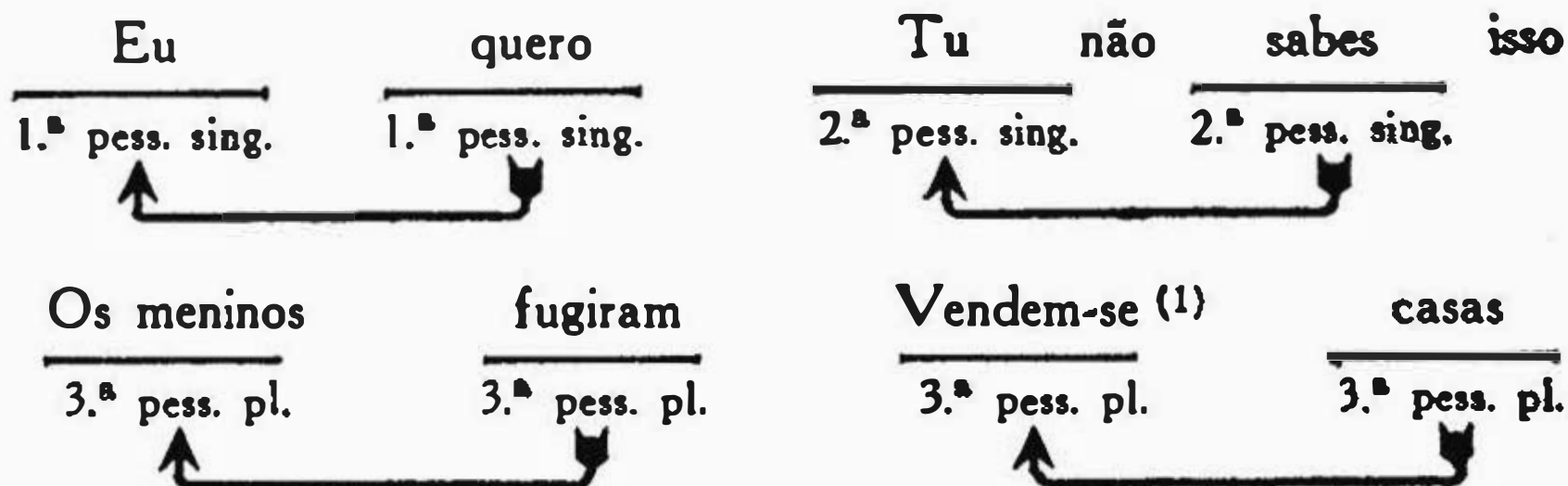
No primeiro caso temos a **concordância verbal**, nos demais a **concordância nominal.**

CONCORDÂNCIA VERBAL

Sujeito simples

709 — REGRA GERAL: — O verbo concorda com o sujeito **em** *número e pessoa.*

Quer isso dizer que o verbo deverá ir para o mesmo número e pessoa do sujeito.

Está claro que é o verbo que deve concordar com o sujeito e não o sujeito com o verbo, porque o verbo é que depende do sujeito e não o contrário. Exemplos:

OUTROS EXEMPLOS: Que *horas são?* (2) — *É uma* hora — *São duas* horas — *Quantos são* hoje? (3) — Hoje *são vinte* — Hoje *são três* — *Eram treze* de maio — *Eram* perto das seis *horas* (4).

---

(1) De tal concordância temos já conhecimento (V. § 391, 2). Acrescentemos agora: Em orações como "Ouvem-se de vozes", o *de* traz idéia de partitivo, mas não impede a concordância do verbo com o sujeito.

(2) Com igual acêrto podemos perguntar — *Que hora é?* — deixando no singular o sujeito e, conseguintemente, também o verbo. Está claro que, pelo fato de ser assim construída a pergunta, não se irá responder "*É* duas *horas*" — mas, sim: "*São duas horas*"; dizer "*É* duas *horas*" — é incorrer em gravíssimo êrro de concordância.

(3) Como no caso anterior, tanto poderemos perguntar: "*Quantos são* hoje?" — como: "*Quanto é* hoje?" — É mais comum dizer "*quanto é* hoje? — Hoje *é vinte*" — expressão esta perfeitamente analisável, desde que tomemos o cardinal pelo ordinal: "Hoje é o dia *vinte*" ou "*vigésimo* dia do mês". Seria mais consentâneo com os antecedentes da língua formular a pergunta e a resposta no plural: "*Quantos são* hoje?" — Hoje *são dez* (= dez dias andados do mês).

(4) Quando se intercala entre o verbo e o sujeito qualquer das locuções *perto de*, *cêrca de* ou a palavra *senão*, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular; exemplos: *Eram* perto das seis horas da tarde do dia seis de maio de 1889 — *Passaram-se* perto de duas horas — *Eram* perto de oito horas — Quando abri os olhos *era* perto de nove horas

REGRAS ESPECIAIS

710 — Coletivo geral — O verbo fica no singular, embora o sujeito venha seguido de um complemento no plural: "O *exército* dos aliados *ficou* inteiramente derrotado" — "O *exército* dos persas *invadiu* a Grécia" — "A *gente quer* ser respeitada".

Notas: 1.ª — Encontram-se nos clássicos exemplos de concordância não com o coletivo sujeito (concordância gramatical), mas com a idéia de plural que êle encerra (concordância siléptica ou lógica). Tal sintaxe não é, porém, para ser hoje imitada: "Ditosa condição, ditosa gente, que não *são* de ciúmes ofendidos" (Camões, 7.º, 41).

2.ª — Nos períodos em que há duas orações cujos verbos se referem ao mesmo coletivo, o primeiro verbo segue a concordância gramatical; o segundo pode seguir a mesma concordância ou a lógica, indo para o plural. Note-se nestes exemplos o afastamento do segundo verbo do período; esquece-se a *forma* singular do sujeito, conservando-se a *idéia* do plural: "Vadeado o rio, a cavalgada *encaminhou-se* por uma senda tortuosa que ia dar à entrada do mosteiro, aonde *desejavam* chegar" (Alexandre Herc., Eur., 129) — "Logo ao outro dia *se abalou* o exército, ao som de muitos instrumentos bélicos, e, chegando aos muros, *começaram* a arvorar escadas" (J. Freire).

Isto de afastamento é ponto que não deve ficar esquecido em casos de sujeitos coletivos. Não há quem nos obrigue a aceitar hoje, por certas, construções como estas — *o exército batalharam, o povo aplaudiram* — por repugnantes ao ouvido e ao gôsto de todos; igualmente, não poderemos tachar de errada estoutra — "Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o *exército*, ao som de muitos instrumentos bélicos, com as bandeiras desenroladas, que se viam tremular dos nossos, e, chegando aos muros, *começaram* em tôrno da fortaleza a arvorar escadas" — por longe estar o verbo do sujeito coletivo, e, direi melhor, por obliterarem autor e leitor a forma singular do sujeito e suporem a ação praticada, separadamente, pelos indivíduos de que o coletivo se compõe. Do mesmo modo, não há êrro nestoutra — "que dos citas *grande número vivem*" — por nela haver o partitivo *dos citas*.

711 — Coletivo partitivo — A) Quando a ação do verbo pode ser atribuída separadamente aos indivíduos que o coletivo representa, pode ir o verbo para o plural, concordando com a totalidade dêsses indivíduos (concordância siléptica ou lógica) ou ficar no singular, concordando com o coletivo (concordância gramatical): "A maior parte dos homens não *quer* salvar-se" — "A maior parte dos moradores *acredita* nos feitiços e bruxarias" — "A maior parte dos seus companheiros *haviam* trazido os pais decrépitos" — "A maior parte dos homens *são* analfabetos" — "A maior parte dos homens *é* analfabeta" — "A maioria dos condenados *acabou* nas plagas africanas" — "*Vivificavam*-te o seio um sem número de bem nascidos espíritos".

B) O verbo ficará de preferência no singular quando a ação do verbo só puder referir-se ao nome coletivo e não a cada indivíduo, ou coisa, separadamente: "Um trôço de soldados *enchia* o pavimento do edi-

---

da manhã — ... não *restavam* sôbre a terra senão os nomes — Por êles ainda não *vieram* senão tributos ao povo — Na bula não se *continha* senão os mesmos poderes que o papa usualmente conferia a qualquer dos seus núncios ordinários — Nas cidades e praças de guerra não se *ouviram* senão as aclamações.

fício" — "Um grande número de chefes *prejudica* a disciplina" — "Uma companhia de granadeiros *estava* aquartelada no paço" — "...apenas a quarta parte das quantias depositadas *pertence* aos operários".

712 — Palavra tomada materialmente — Quando uma palavra, ainda que venha no plural, é considerada materialmente, ela tem a idéia de singular; disso resulta ficar o verbo, também, no singular: "Lágrimas *é* coisa que êle não tinha" — "Nós *é* um pronome" — "*Dançou-se* os Lanceiros" (*Lanceiros* é nome de uma peça, de uma dança; a idéia é singular) — "Vozes *está* no plural".

713 — Preço, quantidade, porção — Quando o predicativo é *muito*, *pouco*, o verbo fica geralmente no singular: "Cinco mil libras *é* muito" — "Dois capítulos *é* pouco" — "Seis anos *era* muito". Outros exemplos, em que a idéia é de preço: "Duas cadeiras por Cr$ 50,00 *é* barato" — "Quatro gravatas por Cr$ 500,00 *é* muito caro". Com idéia de quantidade: "Quanto *é* dois terços de um meio?" — "Dois terços de um meio *é* dois sextos".

Note-se o aparecimento do verbo *ser* em tais construções.

714 — Nome próprio plural — Quando o sujeito é constituído de nome próprio de forma plural e sempre vem acompanhado de artigo, o verbo concorda com o número do artigo que o antecede: "Os Andes *lançam* seus píncaros" — "O Amazonas *corre*" — "Os Estados Unidos *são*..." — "Os Lusíadas *são*..." — "Os Três Mosqueteiros *fazem* parte...".

715 — Quais (interrogativo), **aquêles, quantos, alguns, nenhuns, muitos, poucos,** seguidos de **pronome** como complemento — Quando dessa forma fôr constituído o sujeito, o verbo concordará com o pronome que serve de complemento: "Quantos de vós *olhareis* com desprêzo" (e não: "Quantos de vós *olharão*..."; o verbo concorda com *vós* e não com *quantos*) — "Quais dentre vós *sois* neste mundo sós?" — "Alguns de nós *atiramo*-nos ao trabalho".

Notas: 1.ª — Todavia, Castilho escreveu: "Deus sabe se alguns de vós não *estarão* predestinados" e Bilac tem, também, esta construção: "Aquêles de nós que *iam* passar as férias nas fazendas..."

2.ª — Se nesses casos o sujeito estiver no singular, o verbo ficará também no singular: "*Qual* de vós me *argüirá* de pecado?" — "*Qual* de vós, cavalheiros, *duvidará* um momento...?" — "...*nenhum* de nós ambos se *lembrava* de pensar no futuro" — "*Nenhum* dos processos *veio*" (= Dos processos, *nenhum veio*).

— Contudo, Garrett escreveu: "Não a *podemos* tirar *nenhum* de nós".

716 — Cada um — Quando o sujeito é *cada um*, o verbo fica na terceira pessoa do singular: "Cada um dêles *trazia* seu barco..." — "Cada um de nós *está* no lugar que lhe assina a sua educação..."

— "Cada um dos engenheiros *era* servido por cem homens" — "Cada um dos dois escritores *busca* atribuir aos seus a glória".

Nota — Exemplos contrários a esta regra se nos deparam em alguns antigos puristas da linguagem; não são, porém, para ser imitados.

717 — Mais de um — Quando o sujeito é *mais de um*, o verbo:

A) Fica no singular, se não houver reciprocidade de ação: "Mais de um coração *teria* de bater apressado. . ." — "Mais de um fato confuso *será* esclarecido" — "Sôbre esta fronte mais de uma verdade me *transluziu*" — "Mais de um réu *obteve* a liberdade. . ." — ". . .que mais de uma espada *saísse* da bainha. . .".

Nota — Otoniel Mota e Carlos Pereira dizem poder ficar o verbo no singular ou ir para o plural. Tal opinião encontra apôio sòmente em raríssimos documentos da língua.

B) Vai para o plural, se indicar reciprocidade: "Mais de um político *deram*-se as mãos" — "Mais de um se *esbofetearam*" — "Mais de um velho se *logram* recìprocamente".

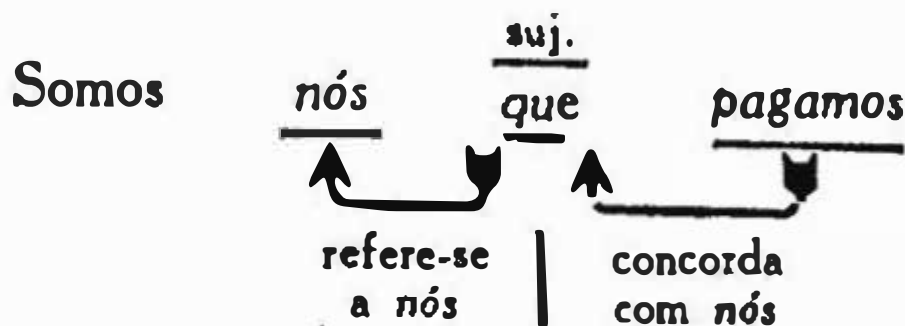
Nota — MAIS DE, seguido: *a*) de nome no plural ou de nome coletivo acompanhado de complemento plural leva o verbo para o plural: "Mais de sete séculos *são* passados. . ." — "Mais de um milhão de cruzados *foram* desviados. . ." — "Mais de metade de suas obras *acusam* nomes de autores. . ." — "Mais de um de nós outros *poderíamos* dizer. . .".

b) de complemento no singular, deixa o verbo no singular: "Mais de um lhe *roía* na consciência" — "Mais de um coração *teria* de bater apressado" — como nos exemplos da lêtra A dêste parágrafo.

718 — Quem — Sabemos já que é imprescindível, para efeito de análise, a separação do *quem* (quando pronome relativo — V. § 379) nos seus dois pronomes equivalentes "o que" ou "aquêle que". Essa divisão já por si indica que o verbo deve ficar no singular, qualquer que seja a pessoa e o número do sujeito da oração principal: "Somos nós quem *paga*" (= Somos nós aquêle que *paga*) — "Sou eu quem *vai*" — "Quem *vai* sou eu" (= Sou aquêle que *vai* — Aquêle que *vai* sou eu) — ". . .fui eu quem *abriu* esta polêmica" — "Eu e V. Exa. somos quem *vende*. . ." — ". . .fui eu quem o *deu*" — ". . .és tu quem *favorece* a minha resolução" — "Fôssemos nós quem *fizesse* isso!"

Notas: 1.ª — Todavia, antecedendo expresso na frase a *quem* um pronome pessoal, pode (note bem o aluno: *pode*; é isto justificativa para certos exemplos de escritores de nomeada) o verbo deixar influenciar-se pelo número, pessoa e gênero dêsse pronome: "Sou eu quem primeiro *pude* tirar a limpo" (devia ser *pôde*) — "És tu quem *lucras*" (devia ser *lucra*) — "Fui eu quem os *apresentei*" (devia ser *apresentou*) — "Não fui eu quem *obrei* diversas maldades" (devia ser *obrou*).

2.ª — Quando o *quem* equivale a "que pessoas", o verbo vai para o plural: "Quem *serão* os pais dêstes meninos?" — "Eis aqui quem *são* os aduladores" — "Mas quem *eram* êstes dois homens?"

719 — Que (pronome relativo) e **quanto** — Quando tais palavras constituírem o sujeito da oração, levarão o verbo para o número, pessoa e gênero do seu antecedente ou antecedentes:

OUTROS EXEMPLOS: "Sou eu que *pago*" — "Todos (nós) quantos aqui *estamos*" — "O homem, a mulher e o menino que *foi prêso*. . ." (o verbo *foi prêso* está no sing. porque o relativo *que* só se refere a *menino*).

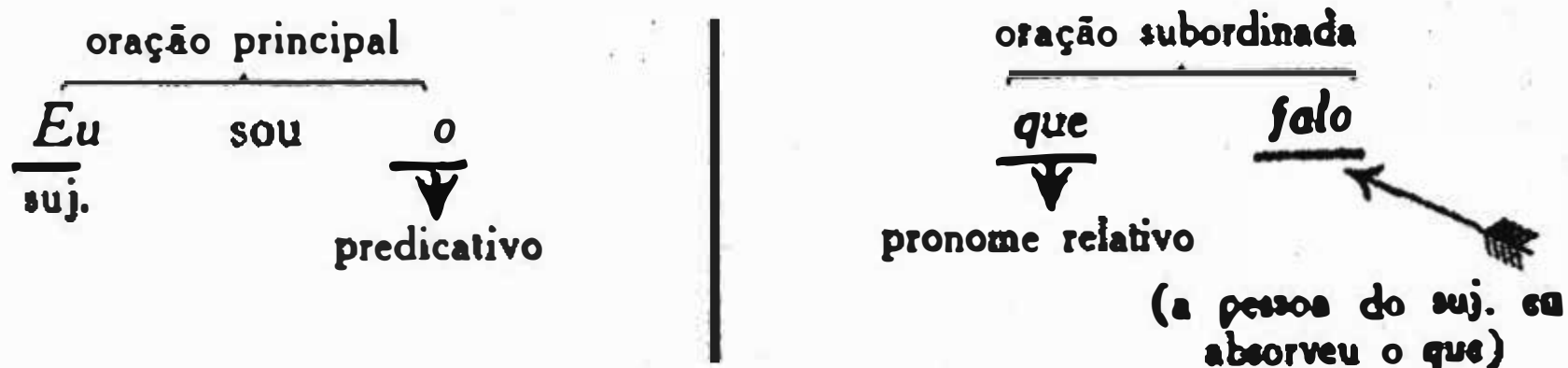
Notas: 1.ª — Se o *que* possui dois ou mais antecedentes de pessoas gramaticais diferentes, o verbo vai para o plural da pessoa que tem prioridade, de acôrdo com uma regra que breve veremos (§ 732): "Era eu e minha irmã que *chorávamos*" — "Não hei de ser eu nem tu que a *havemos* de reformar".

2.ª — Quando o *que* faz parte de um vocativo, o verbo vai para a segunda pessoa: "Alma minha gentil que te *partiste*" — "Ó alma que *viveis* na tôrre do luar da graça e da ilusão" — "Maria, que *desces* do seio dos anjos...".

3.ª — Quando o verbo tem por sujeito um infinitivo, êle fica na 3.ª pessoa do singular: "Arbitrando as quantias *que* lhe *pareça* necessário *fazê-lo*" — "O pior é que não tenho uns *que* me *era* necessário *ter*" — "Os inimigos *que era* fácil *derrotar*..."

— Observe-se que, se o infinitivo não vem expresso, o verbo passa a concordar com o antecedente do *que*: "Arbitrando as quantias que lhe *pareçam* necessárias".

4.ª — Resulta do estudo dos parágrafos 718 e 719 a conclusão: Tanto é certo: "Sou eu *quem paga*" — quanto: "Sou eu *que pago*", devendo-se evitar a construção "Sou eu *quem pago*".

720 — O que, aquêle que — Pode o "que" perder a autonomia pessoal (de 3.ª pessoa gramatical) e ser absorvido pela pessoa do sujeito da oração principal. Quer isso dizer que tanto podemos dizer: "Eu sou o que *fala*", como, de acôrdo com o que acabamos de explicar: "Eu sou o que *falo*". Aqui explano melhor o segundo caso:

(Recorde-se o § 345) (1)

OUTROS EXEMPLOS: "Eu sou o ilustre Ganges, que na terra celeste *tenho* o bêrço verdadeiro" — "Não sou eu aquêle que *vomitei* palavras

(1) É dever do aluno, sempre que o remeto a um parágrafo, ver o que nêle ficou dito. Tal é necessário para a perfeita compreensão do que está sendo explicado e para explanação ainda maior do ponto a que o aluno é remetido.

cheias de blasfêmia?" — "Fui eu o primeiro que *clamei*" — "Mas como eu sou o que *hei* de falar..." — "Não sou eu o que lhes *intimo* êste perigo" — "Não sereis vós os que *haveis* de expiar as minhas culpas" — "Os corruptos somos nós, os que *cuidamos* saber e ignoramos tudo".

Notas: 1.ª — Às vêzes o antecedente do relativo está omitido: "Não seremos nós (os) que *iremos* assentar-nos" — "(Nós) Os que *defendemos* a escola temos êsse egoísmo".

2.ª — Se há dois ou mais antecedentes de diferentes pessoas gramaticais, o verbo vai para o plural e para a pessoa que tem prioridade: "Não sou eu nem os que me detestam, que *havemos* de julgá-lo".

721 — Um dos que — O verbo vai para o plural ou fica no singular conforme a ação verbal se refere a todos os indivíduos ou a um só:

"Osório foi um dos generais brasileiros que mais se *distinguiram* na guerra do Paraguai" — isto é, Osório foi um general dentre os generais brasileiros que mais se distinguiram. — "Osório foi um dos generais brasileiros, que mais se *distinguiu* na guerra do Paraguai" — isto é, Osório foi dentre os generais brasileiros o general que mais se distinguiu". — "Napoleão foi um dos guerreiros de fama universal, que *morreu* na ilha de Santa Helena" — "O Sena é um dos rios europeus que *atravessa* a cidade de Paris" — "O Tietê é um dos rios brasileiros que *passa* pela cidade de São Paulo" — "Era êste Catual um dos que *estavam* corruptos pela maometana gente" — "Quem sabe se o meu nome não é um dos que *envergonham* moralmente esta terra?" — "Sou um dos que maior abalo *sofreram* com a notícia de tua angústia" — "Foi uma das tuas tragédias, que se *representou* ontem..." — "Foi um dos meus filhos, que *jantou* em vossa casa" — "Foi uma das peças de Plauto que *tiveram* maior êxito" — "Sendo um dos que absolutamente não *aceito* a deplorável reforma...".

Obs. — Vê-se, dos exemplos, a existência de casos em que o verbo fica obrigatòriamente no singular, porque o verbo só se refere a um indivíduo ("O rio Tietê é um dos rios da capit l paulista que *desagua* no Paraná" = dos rios da capital paulista o Tietê é o único que desagua no Paraná), e a existência de outros casos em que o verbo vai obrigatòriamente para o plural, porque o verbo se refere a todos os indivíduos: "Êle foi um dos que *falaram*".

Êsse é o motivo por que o verbo vai obrigatòriamente para o plural quando ocorre qualquer das palavras *êste*, *êsse*, *aquêle* antes do nome plural, porque é nítida a participação de todos os indivíduos na ação verbal: "Courtin é um dêsses homens que não *dormem*" — "Pedro é um dêsses que não *receiam* jamais o perigo".

722 — Um que — Quando num período aparece a frase "um que", o verbo vai para o número e pessoa do sujeito da oração principal, ou exclusivamente para a 3.ª pessoa, que é a concordância mais seguida pelos bons manejadores da língua: "Sou um homem que ainda não *renegou* nem da cruz..." — Eu sou uma voz que *anda* bradando neste deserto" — "Eu sou uma voz que *clama* no deserto" — "Quem é o senhor? — Um homem que *procura* os infames quando..." — "Eu

sou uma desgraçada que *vim* do Algarve" — "Sou um homem que *anda* a lutar há anos...".

723 — Isto — Quando o sujeito é *isto* e vem seguido de complemento no plural, o verbo vai para o plural ou fica no singular: "Isto dos livros não *são* senão uns retratos mortos" — "Isto de unhas *são* como enxertos de mato bravo" — "Isto de balanças *deve* estar muito vigiado" — "Isto de leis *anda* sempre a mudar" — "Isto de campos depressa me *enfastia*".

QUESTIONARIO

Faça um trabalho (carta, descrição ou composição), aplicando *tôdas* as regras expostas do § 710 ao 723 (Coloque, em cada caso, entre parênteses o número do parágrafo, nota ou observação a que se refere o exemplo).

É desnecessário dizer que êsse trabalho, conquanto apresente certa dificuldade, é muito útil. Procure, o mais possível, ser conexo.

CAPÍTULO LI

SUJEITO COMPOSTO

726 — O **sujeito composto** leva o verbo para o plural, pelo fato de concorrer na ação verbal mais de um praticante:

"Pedro e Paulo souberam" — "Tanto *Pedro* como *Paulo souberam* a lição".

suj. composto v. plural

Nota — No segundo exemplo, os sujeitos estão ligados por *tanto... como;* caso viessem ligados ùnicamente pelo *como*, o verbo ficaria no singular, concordando com o primeiro sujeito; "como Paulo" funcionaria com se viesse entre parênteses: "*Pedro* (como Paulo) *soube* a lição".

Caso *Pedro* e *Paulo*, sujeitos do verbo, viessem ligados por *bem como*, *assim como*, ou *do mesmo modo que*, o verbo continuaria no singular: "*Pedro* bem como Paulo *soube*" — "O *sol* assim como a caridade *procura...*" — Se, neste exemplo, a ordem fôsse esta: "*Assim* o sol *como* a caridade" — o verbo iria para o plural: "Assim o sol como a caridade *procuram* com o ativo dos seus infuxos unir e congregar tôdas as coisas".

Outro exemplo em que a ordem altera o comportamento do verbo: "A administração pública, tanto a federal como a estadual, *acha*-se..." (ao lado de: "Tanto a administração pública federal como a estadual *acham*-se...").

727 — Se o sujeito composto vier depois do verbo, poderá o verbo ficar no singular: "*Passará* o céu e a terra" — "...se a tanto me *ajudar* engenho e arte" — "*Foge*-me a côr e a voz" — "...lugar onde *caiba* êle, eu e meu ódio".

Notas: 1.ª — Preste atenção o aluno aos dizeres da regra: "...*poderá* o verbo..." — Não há obrigação de ficar no singular o verbo; preferem, até, muitos, mesmo em tal caso, pô-lo no plural, talvez por temor de críticas de ignorantes em assuntos gramaticais. Segundo Cândido de Figueiredo, o verbo anteposto aos sujeitos deve ficar sempre no singular, mesmo nos casos em que os últimos elementos do sujeito estejam no plural ("*Morreu* Pedro e todos os que lá estavam"), porque assim exige a índole da língua e a prática dos melhores mestres.

2.ª — Sendo o sujeito composto de nomes próprios, melhor se fará a concordância no plural, e se dirá com o próprio Antônio Vieira: "*Passaram* Heitor e Aquiles, *passaram* Aníbal e Cipião; *passaram* Pompeu e Júlio César". — Esta concordância no plural é de rigor, quando, sendo *ser* o verbo da oração, a êle seguir substantivo no plural: "*Foram inventores* dêste jôgo Hércules, Pito, Teseu e outros heróis".

3.ª — Irá o verbo para o plural, se indicar reflexibilidade ou reciprocidade de ação: "De parte a parte *faltavam* a confiança e o amor" — "Dêste modo *lutaram* o confessor e o enfêrmo".

728 — O sujeito composto deixa de levar o verbo para o plural, desde que haja **gradação,** quer ascendente, quer descendente:

"Uma *palavra*, um *gesto*, um *olhar bastava*"

Há gradação de intensidade de fôrça nestas 3 coisas.

OUTROS EXEMPLOS: "Qual de vós, cavaleiros, duvidará um momento de que, se um mensageiro chegasse e lhe dissesse: "Vossa *espôsa*, vossa *filha*, vossa *irmã caiu* em poder dos infiéis", hesitava em ajudá-lo...?" — "O próprio *interêsse*, a *gratidão*, o mais restrito *dever fica* impotente...".

Nota — Os sujeitos estão, em tal caso, geralmente, no singular e não ligados por e. Se, porém, os vários sujeitos não têm o caráter de gradação, o verbo segue a regra geral de concordância, isto é, vai para o plural. "O luxo, o jôgo, as devassidões, a miséria *são* as mais das vêzes os conselheiros dêstes deploráveis negócios" — "...a inércia, o desânimo, a indiferença *hão* de dar fôrça de resistência quase invencível...".

729 — Quando o sujeito composto é constituído de palavras **sinônimas** ou tomadas como um *todo*, o verbo fica no singular, pois o sujeito é aparentemente composto:

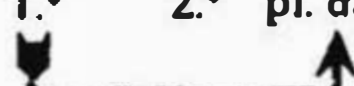
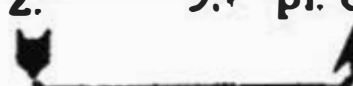
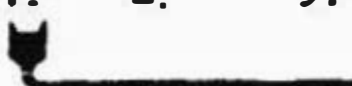
"A *vida e o tempo* nunca *pára*" — "Êste *clima e êste mar* nos *apresenta*"

(*vida e o tempo*: sinônimos; *clima e êste mar*: considera-se um todo)

— "O escuro da noite, o estrondo das ondas, o sôpro do vento, o ranger da matéria, as vozes dos que mandavam, a grita de todos não *representava* menos que a confusão do inferno" — "Os nossos vícios, as nossas virtudes e a nossa mesma vida *passa* como fábula" — "Êstes receios, êste proceder meticuloso *pode* matar-nos".

Obs. — A concordância do verbo com o sujeito, observa o Sr. Vasconcelos, em sua Gramática Histórica, obedece atualmente a leis muito variadas e complexas, tendo sido o resultado do trabalho evolutivo da língua. No antigo português passava-se tudo muito mais simplesmente. Sendo o sujeito composto ou múltiplo, o verbo concordava geralmente com o mais próximo; sendo um coletivo, empregava-se o verbo ordinàriamente no plural, concordando com a idéia que era plural e não com o vocábulo que era singular: "Os céus e o mar e a terra *apregoa* a glória de Deus" — "Compadecei-vos de tôda esta gente que *morrem* de fome".

Nos velhos adágios de nossa língua encontramos freqüentes confirmações dêsse fato atestado pelo ilustre gramático português: "Amor e senhoria não *quer* companhia" — "O amor e a fé nas obras se *vê*" — "Amor, dinheiro e cuidado não *está dissimulado*" — "O ignorante e a candeia a si *queima* e a outros *alumeia*".

730 — Continuará ainda no singular o verbo, quando o sujeito composto terminar por **tudo, nada, nenhum, ninguém, cada um, cada qual** ou equivalente expressão do singular: "Jogos, conversação, espetáculos, *nada o tirava* de seu intento" — "Cícero assegurava que espírito e corpo, *tudo* se *acabava* no sepulcro" — "A noz, o burro, o sino e o preguiçoso, sem pancadas *nenhum faz* o seu ofício" — "Vizinhos,

amigos, parentes, *cada qual prefere* o seu interêsse ao de qualquer outro" — "Os astrólogos tratam do porvir, de que êles nem *ninguém sabe* pouco nem muito".

731 — Quando o sujeito é *composto oracional*, isto é, constituído de orações, o verbo fica no singular:

"*Serem os homens uma coisa* e *parecerem outra* é fácil".

Nota — Se, porém, houver contraste entre os sujeitos fraseológicos ou oracionais, ou se forem individuados por pronome adjetivo ou artigo, irá o verbo para o plural: "Amar, agravar e empecer não se *compadecem*" — "O comer, o andar e o dormir *são* proveitosos à saúde" — "Dormir e aprender *são* coisas diversas" — "Outro pensar e outro sentir *trouxeram* novas artes".

732 — Se o sujeito composto fôr constituído de pessoas gramaticais diferentes (1.ª e 2.ª, 1.ª e 3.ª, 2.ª e 3.ª), o verbo, de acôrdo com a primeira regra (§ 726), irá para o plural, mas para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na ordem da gramática:

"Eu (1.ª) e tu (2.ª) seremos" (pl. da 1.ª) — "Tu (2.ª) e êle (3.ª) sereis" (pl. da 2.ª) — "Eu (1.ª), tu (2.ª) e êle (3.ª) seremos" (pl. da 1.ª)

OUTROS EXEMPLOS: "Receio que eu e o meu enviado não *possamos* estar muito tempo juntos" — "Eu e tu *temos* de cumprir o nosso juramento" — "Se eu, se vós *chegássemos* neste momento".

Notas: 1.ª — O verbo irá para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na ordem da gramática e não para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na oração. Quer se diga "êle e tu", quer "tu e êle", *tu* é sempre a pessoa que, em gramática, tem prioridade, isto é, vem em primeiro lugar: "As tuas cartas hão de ser lidas quando *tu* e *eu estivermos* em cinza".

2.ª — Quando o verbo está anteposto, segue a mesma sintaxe acima ou concorda com o sujeito mais próximo: "Só *faltamos* eu e os meus amigos" — "*Acuso*-vos disto eu e todo o povo de Santarém" — "Em que nos *diferençamos* meu pastor e eu?" — "*Era* eu e minha companheira que chorávamos" — "Rogo-te que *entres* a barra tu com tôda a armada" — "*Poderás* tu e o Soliz transportar-me nos braços até ao côche?".

733 — Quando o sujeito composto é constituído de **um e outro, nem um nem outro,** o verbo fica, *indiferentemente*, no singular ou vai para o plural: "Um e outro *é* bom" — "Um e outro *são* bons" — "Nem um nem outro *apareceu*" — "Nem um nem outro *são* meus irmãos" — "Nem uma nem outra coisa *sucedeu*".

Nota — Se depois de "um e outro" vier um substantivo, êste ficará no singular: "Um e outro *homem* são bons".

734 — Ou — Quando o sujeito composto é ligado por *ou*, o verbo:

a) ficará no singular se houver exclusão, isto é, se não fôr possível a ação conjunta dos dois sujeitos: "O pai ou o filho *será* eleito

presidente" = "Ou o pai ou o filho será eleito presidente" (Caso seja eleito um, o outro não será);

b) irá para o plural se a ação couber a todos os sujeitos: "O bacharel formado ou o pároco pensionista *podem* ser oficiais do Registro Civil" — "É claro que a ventura ou a desdita *residem* nos objetos com os quais nos pomos em contato" — "A charneca ou paul não se *convertem* em vinha" — "...cuja prorrogação ou cancelamento *deveriam* ter sido solicitados".

Notas: 1.ª — Se, nesse caso, o sujeito fôr constituído de diferentes pessoas gramaticais, observa-se a regra do § 732, se bem que alguns prefiram a concordância com o pronome mais próximo: "O aluno ou eu *devemos* recordar as lições".

2.ª — Se o verbo vem anteposto, concorda com o primeiro sujeito: "Ou *pagas* tu ou eu" — "Mas aqui *entra* a dúvida ou admiração...".

3.ª — Se houver diferença de número entre os sujeitos, o verbo irá para o plural: "O outro, ou os outros, *servem* sòmente para...".

735 — Nem — Quando os sujeitos são ligados por *nem* (que o mais das vêzes aparece repetido), o verbo:

1 — ficará no *singular:* *a*) se houver exclusão: "Nem Paulo nem João *será* porteiro da secretaria" — "Nem o pai nem o filho *será* eleito presidente";

b) quando se pretender que a ação se refira a cada sujeito em separado: "Nem a confissão nem o efeito dela *está* na sua mão" — "Nem a pesca nem a caça o *diverte*". — Neste caso, pode ir também para o plural, fazendo-se o verbo referir-se aos sujeitos em conjunto: "Nem a pesca nem a caça o *divertem*";

2 — irá para o plural quando não houver exclusão, ou seja, quando a ação se referir a todos os sujeitos: "Nem a guerra nem a fome *preocuparam* ainda a cidade" — "...nem a rainha nem o infante *conheciam* bem o caráter de D. Sebastião" — "A Jugurta nem o dia nem a noite *eram* tranqüilos".

Notas: 1.ª — Se os sujeitos forem de diferentes pessoas gramaticais e o verbo só se referir a um dos sujeitos, concordará com o mais próximo: "Nem tu nem Antônio *será*..." — ou "Nem Antônio nem tu *serás*...".

2.ª — Se o verbo vier anteposto, concordará com o mais próximo: "Não quero que me *perdoes* nem tu nem ninguém" — "...não *conheces* nem tu nem os da ralé...".

736 — Com — O sujeito no singular, que tem um complemento regido da preposição *com*, pode levar o verbo ao plural, quando a intenção é indicar cooperação, na ação verbal, de ambos os elementos: "D.ª Rosa Guilhermina com a sua amiga *ocuparam* a casa do Laranjal". — Na construção "Napoleão com seus soldados *venceu*", quer-se evidenciar a ação de Napoleão, ficando por isso o verbo no singular.

OUTROS EXEMPLOS: "O tigre com o leão *ganhavam* dinheiro nas feiras" — "Tu com todos os teus *eras* digna de morte" — "...onde a

tristeza c'o silêncio *mora*" — "El-rei com os seus cavalheiros *assistia* àquele préstito lúgubre de famílias sem pátria".

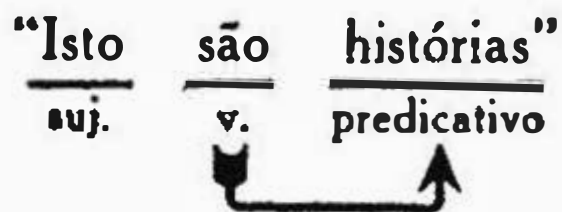
Nota — Se o verbo vier anteposto, ficará no singular, salvo se indicar reciprocidade: "*Padecia* o general com todos os seus soldados grande fome" — "*Apareceu* o filho mais novo com o mais velho" — "Rogo-te que *entres* a barra tu com tôda a armada" — "*Dão-se* as mãos a ferocidade com a covardia".

737 — Isto e... — Quando o sujeito é assim constituído, fica o verbo no singular: "Isto e o que veio depois *trouxe* esperanças aos náufragos" — "Isto e a impaciência do auditório *fêz*-me lembrar a história...".

Nota — Se o segundo elemento estiver no plural, para o plural irá o verbo: "Isto e outras contrariedades *tornaram*-me..." — "Isto e as dificuldades do caminho *impediram*-me...".

PARTICULARIDADES

738 — Há certos casos curiosos em que o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Constitui êsse um fenômeno de "concordância por atração" (1) e se opera sempre que na frase entra o verbo *ser* ou *parecer* e um sujeito constituído de *o, aquilo, isso, isto, tudo:*

"Isto	são	histórias"
suj.	v.	predicativo

OUTROS EXEMPLOS: "O que lhe desejo *são* felicidades" — "*Tudo são* vestígios do agradecimento" — "Não *são isto* conceitos nem encarecimentos" — "O que eu fiz aqui melhor *foram* os meus desenhos" — "O que trago *são* fatos e teses".

Nesses exemplos, o verbo, ao invés de concordar com o sujeito (*o, isto, tudo*), concorda com o predicativo.

Notas: 1.ª — Caso o predicativo e o sujeito venham invertidos de lugares, a concordância então se efetua com o sujeito, isto é, fica o verbo no singular: "Histórias *é isto*" — "Sangue e vidas *é o* que peço".

2.ª — Havendo mais de um predicativo do singular ou de números diversos, o verbo concorda com o mais próximo: "O que lhe desejo *é saúde* e felicidades" ou: "O que lhe desejo *são felicidades* e saúde".

3.ª — Exemplos, no entanto, não faltam, que contrariem a regra acima transcrita, de autores que muito souberam manejar nosso idioma, contando-se entre êles Júlio Ribeiro, Camilo, Herculano e outros: "Ao chegarem junto da caneleira, ainda *tudo era* trevas" — "O que me falta *é* exemplos de bons costumes" — "O que eu precisava *era* limonadas e orchatas" — "O que não queremos *é* questões" — "Depois

(1) CONCORDÂNCIA POR ATRAÇÃO, fenômeno que se opera em muitas línguas, vem a ser a "modificação que sofre o gênero, o número, o tempo ou a pessoa de uma palavra, em conseqüência da vizinhança de outra, com que se faz a concordância, contra as regras ordinárias".

disto, *o* que eu poderia desejar-te *era* doze contos de renda" — "O que não somos obrigados a aceitar *é* os erros e abusos dos ministros".

4.ª — Se, em tais casos, o sujeito fôr nome de *pessoa*, a concordância se efetuará regularmente: "Maria *é* as delícias da mãe" — "O homem *é* cinzas".

5.ª — Se também o predicativo fôr pessoa, a concordância se efetuará livremente: "Porventura Herodes *é* muitos reis?" — "Êsses que riram *é* a vilanagem".

6.ª — Se o sujeito fôr nome de coisa, o verbo poderá concordar com êle ou com o predicativo: "O estudo *era* as suas delícias" — "O mantimento *eram* só ervas" — "Êsses monumentos *são* a voz do passado" — "Obras *é* a minha paixão".

739 — Com os verbos **dar, soar, bater** (referindo-se a horas), a concordância se opera regularmente: "*Deram* duas horas" — "*Soavam* onze horas...".

740 — Os verbos que significam **carência, falta, abastança, suficiência,** segundo Júlio Ribeiro e Carlos Pereira, cingindo-se a exemplos isolados, ficam no singular, estando o sujeito no plural. Da prática, porém, da maioria dos pontífices da língua colhe-se que a concordância no plural é a que deve ser observada: "*Falta*-lhes pincel, *faltam*-lhes côres" (Camões) — "Amanhã em Lisboa não *faltarão* negócios" (Garrett) — "Para falar ao vento *bastam* palavras" (Vieira) — "Não *bastam* alívios do mundo" (Camilo) — "...*sobravam* ainda seis dinheiros" (Bernardes) — "*Restavam* apenas quinze mil homens" (Herculano).

741 — **Fazer,** em construções como: "*Faz* anos que estou aqui" — é impessoal, isto é, não tem sujeito e mantém-se, por isso, na 3.ª pessoa do singular: "Hoje *faz* quinze dias que me enviaste tua poesia" — "Vinte e sete dias *faz*" — "*Faz* dois meses que nos vimos".

Obs. — Dizemos igualmente, seguindo sintaxe análoga: "*Vai* por (em, para) dois meses que morreu meu irmão". Levando, porém, o verbo ao plural, dizemos: "Já lá *vão* doze anos que êle desapareceu" — "Lá *vão* quatro meses que o vi".

Outros exemplos: "...*vai* em trinta anos que pouco ou nada obteve para se melhorar" — "Eis aqui o que eu, *vai* já em oito anos, solicitava a bem da mocidade" — "Já lá *vão* os dias em que a ignorância era para a nobreza um fôro essencial" — "Já lá *vão* vinte anos" (Havendo preposição depois do verbo *ir*, êste fica no sing.; não havendo, concorda com o suj. plural).

742 — Nas **orações optativas,** os sujeitos são os pronomes ou nomes que se seguem aos verbos e com êles deve o verbo concordar: "*Tomaram* êles poder vê-la na fôrca" — "*Vivam* os Ataídes, *vivam* os Vilhenas, *vivam* os portuguêses leais" — "*Tomáramos* nós que todos os vigários de nosso tempo...".

QUESTIONÁRIO

Faça, procurando ser conexo, um trabalho (carta, descrição ou composição), em que se apliquem *tôdas* as regras expostas do § 726 ao 742. Coloque, em cada caso, entre parênteses, o número do parágrafo, nota ou observação a que se refere o exemplo.

Capítulo LII

CONCORDÂNCIA NOMINAL

CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO (*) COM O SUBSTANTIVO

745 — REGRA GERAL: O adjetivo, quer adjunto adnominal quer predicativo, quer anteposto quer posposto, concorda em *gênero* e *número* com o substantivo a que se refere:

artigo O	*subst.* menino	A	menina
masc. sing.	masc. sing.	fem. sing.	fem. sing.

Outros exemplos: Homem *santo*, mulher *santa*, homens *santos*, mulheres *santas* — "Via *recolhidas* no santuário as tábuas de bronze" — "Hei de fazer *públicos* os seus desaforos".

REGRAS ESPECIAIS

746 — Se o adjetivo se refere a **vários substantivos do singular e do mesmo gênero,** e vem:

1) **Posposto** — vai, indiferentemente, para o plural e para o gênero dos substantivos ou fica no singular: "Nessa leitura e escrita tão *arrepiadas* de dificuldade" — "Rugido, grito, gemido *conglobados* num só hiato" — "...a consciência e a dignidade *humanas*" — "Coragem e disciplina *digna* de granadeiros" — "...rudeza e pusilanimidade *alheia*".

Nota — Será de obrigação o singular, quando o adjetivo só se referir ao último substantivo: "O casaco e o chapéu *redondo* eram o meu alvará".

2) **Anteposto** — concorda com o substantivo mais próximo: "...*cujo* *trajo* e gesto indicavam..." — "...notando o *estrangeiro* modo e uso" — "*Chegada* a hora e a ocasião".

Notas: 1.ª — Os exemplos de construção no plural não devem ser imitados: "*Desbotadas* a côr e a frescura da infância" — "A mão *cujos* índice e polegar".

(*) Para facilidade de exposição, o *artigo* e o *numeral*, não obstante constituírem classes autônomas, estão incluídos entre os adjetivos nas regras de concordância nominal.

2.ª — Sòmente quando predicativo do objeto é que o adjetivo pode ir para o plural: "Eu julgava *satisfeitos* o pai e o filho" — "...entretinham *vivas* a idéia e a saudade".

3.ª — Se aos substantivos precederem títulos ou pronomes de tratamento, a concordância se efetuará no plural: "Os *apóstolos* Barnabé e Paulo" — "Os *irmãos* Joaquim e José" — "Os *Sres.* Silva e Cia.".

747 — Se o adjetivo se refere a **vários substantivos do singular e de gênero diferente,** e vem:

1) **Posposto** — vai para o plural masculino: "Nariz, face e bôca *monstruosos*" — "...comércio é navegação *costeiros*" — "Uma posse e um domínio *incompletos*".

Notas: 1.ª — Pode também concordar com o substantivo mais próximo se o sentido o exige, ou o queremos: "Manda-me livro e fruta *madura*" — "Talento e habilidade *rara*" (ou *raros*) — "Ali dei *a* tradução em língua e estilo *moderno*" — "...o retrato de Maria com túnica e escapulário *branco*".

2.ª — Se os substantivos forem sinônimos, o adjetivo concordará com o mais próximo: "As maldições se cumpriam no povo e gente *hebréia*".

2) **Anteposto** — concorda com o mais próximo ou, indiferentemente, vai para o plural masculino: "*Pasmado* Diogo e a multidão" — "...*atentos* o juízo e generosidade" — "De mais disso, *sua* mãe e irmão eram ricos" — "*Perdida* a côr e o alento" — "...tinha tornado *inúteis* a inteligência e o braço" — "...declarou *criminosa* a ré e o réu" — "Verão os homens *ensangüentados* o sol e a lua".

748 — O adjetivo que se refere a **substantivos do plural** e **de gêneros diversos** vai, geralmente, para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo: "As armas e os barões *assinalados*" ou: Os barões e as armas *assinaladas* — "...carícias e bens *paternos*" — "...mordomos e confrarias *festeiras*" — "...casas e corações *abertos*" — "...atos e fórmulas *religiosas*".

Nota — Há em bons escritores nossos o emprêgo exclusivo do plural masculino: "Os recursos e as tropas *desproporcionados*" — "Pais e mães *carregados* de família" — "...enviando os breves e cartas *destinados* a protegê-los" — "*Pagos* as rendas, fôros e impostos".

749 — Se o adjetivo se refere **a substantivo do mesmo gênero e de números diferentes,** e vem:

1) **Anteposto** — concorda com o substantivo mais próximo: "Os *seus* filhos e marido são meus hóspedes" — "*Sua* astúcia e tiranias" — "*Sua* mulher e filhos".

2) **Posposto** — vai para o plural de igual gênero dos substantivos: "...com as colônias e com a civilização *romanas*" — "Se os recursos e o tempo *absorvidos*..." — "Vês aqui as mãos e língua *delinqüentes*".

750 — Se os substantivos forem **sinônimos** ou formarem **gradação** nas idéias enunciadas, a concordância do adjetivo se efetuará com o mais próximo, quer venha antes quer depois: "...depreender-se de uma idéia e pensamento *falso*" — "...ingratidão na fraqueza e temor *natural*" — "...para servirem ao interêsse e gôsto *alheio*" — "...a fé e a amizade *declarada*".

751 — **Mais de um adjetivo qualifica ou determina o mesmo substantivo** — Podem ser dadas à frase várias formas: O primeiro *batalhão* e o segundo; o primeiro e o segundo *batalhão;* o primeiro e segundo *batalhão.*

Gramáticos há que permitem a construção: "O primeiro e o segundo *batalhões*" — levando-se para o plural o substantivo ao qual se referem vários adjetivos no singular. Aceitam essa concordância Constâncio, Pacheco Júnior, Soares Barbosa, Rui Barbosa e Mário Barreto, aos quais apóiam exemplos dos melhores manejadores do idioma. Conceitua Epifânio Dias que se pode dizer: "Os dois poderes, temporal e espiritual"; "Os dois poderes, o temporal e o espiritual" (Observe-se a vírgula no primeiro exemplo e a repetição do artigo no segundo).

Reconheço casos em que o plural do substantivo se impõe pelo uso ("Nos *dias* 24 e 29 de junho"), mas o mais seguro é evitar, sempre que possível, a flexão do substantivo, porque, seja como fôr, o adjetivo é que concorda com o substantivo e não êste com aquêle.

Exemplos diversos: "As expressões que se empregam na *lei* prussiana e na francesa" — "...na terrível peleja do bom e do mau *princípio*" — "As personagens são as do velho e do novo *testamento*" — "A primeira e a segunda *ameia*".

752 — Se o substantivo vem antecedido de **um e outro, nem um nem outro,** o adjetivo vai para o plural (ficando o substantivo sempre no singular: V. *nota* do § 733): "Uma e outra coisa *juntas*" — "Em um ou outro caso *paralelos*" — "Um e outro fato foram maliciosamente *impugnados*" — "Um e outro advogado são *hábeis*".

753 — Se o adjetivo vem antecedido de **alguma coisa, qualquer coisa,** vai para o feminino se não intervém a preposição *de* ("Alguma coisa *consoladora*") e para o masculino com a presença dessa partícula ("Alguma coisa de *consolador*").

754 — Em expressões como "pobre do homem", "desgraçado de ti", a interposição da preposição *de* não impede a concordância do adjetivo: "*Desgraçadas* das mulheres" — "*Coitados* dos que foram para a guerra".

755 — O adjetivo antecedido de *nada, algo, muito, um quê, um quid, o que quer que seja, um não sei quê* mais a preposição *de* concorda com

o sujeito conforme pelo sentido estiver em relação com êle ou com o nome de significação geral e indefinida que aquelas palavras e expressões encerram: "Êstes escritores têm o que quer que seja de *ímpios* e *ateus*" — "Têm muito de *garridas* e *romeiras* essas raparigas" — "Mostram êles na linguagem muito de *duro* e *áspero*" (ou de *duros* e *ásperos*) — "Possuem elas um não sei quê de *esquisito*".

756 — O substantivo *apôsto* concorda com seu fundamental em gênero e número sempre que possível: "O ódio, *filho* do orgulho" — "A esperança, *filha* da fé" — "Êstes instrumentos, *produtos* de nossa fabricação" (§ 699).

CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO COM O SUJEITO

757 — **REGRA GERAL:** O *predicativo*, quando constituído de **adjetivo** ou de **pronome,** concorda com o sujeito em gênero e **número**: "Pedro é *generoso*" — "Maria parece *bondosa*" — "É você o procurador da casa? — Sou-*o*" (O pronome está concordando com *procurador*).

REGRAS ESPECIAIS

758 — Quando o predicativo é constituído de **substantivo abstrato** ou de substantivo de **uma só forma genérica,** deixa de concordar com o sujeito, ficando invariável: "As propriedades não são *natureza*" — "As lágrimas do aflito não são *crime*" — "As côres que no camaleão são *gala*, no polvo são *malícia*".

759 — Há casos curiosos de discordâncias do predicativo com o sujeito quando êste, sem nenhuma determinação, é expresso em sua generalidade abstrata: "*Cerveja* não é *bom* para a saúde" — "*Pimenta* é *bom* para estimular" — "É *necessário paciência*" — "É *proibido entrada*" — "Não é *necessário mulheres* na fábrica".

Os predicativos *bom*, *necessário*, *proibido* assumem a forma aparentemente masculina, mas realmente *neutra*, visto que os substantivos a que se referem, tomados em sua generalidade abstrata, assumem sentido vago, no qual como que se oblitera o conceito genérico.

OUTROS EXEMPLOS: "É *bom* tôda a cautela" — "É *necessário* prudência nos negócios" — "É *preciso* mais areia" — "Não é *preciso* margem".

É êste um dos vestígios interessantes do gênero neutro em português. Logo, porém, que êsses sujeitos recebam uma determinação positiva, despojam-se do caráter *neutro*, e o predicativo assume a flexão genérica correspondente: "*Esta* cerveja não é *boa* para a saúde" — "*Aquelas*

pimentas são *boas* para estimular" — "É *necessária a* paciência" — "É *proibida a* entrada".

760 — Quanto à concordância do *predicativo*, devemos observar o seguinte:

1) Referindo-se a nome tomado em sentido determinado (antecedido de artigo), varia em gênero e número: "Sois *a mãe* desta criança? Sou-*a*" — "Sois *a professôra* desta escola? Sou-*a*" (Êste *a* é pronome articular, e não pronome pessoal).

2) Referindo-se a nome tomado em sentido vago, indeterminado (não antecedido de artigo, e equivalente, então, a *isto, isso, aquilo*) ou referindo-se a adjetivo, fica invariável na sua forma masculina, ou, antes, *neutra:* "Sois *mãe*? Sou-*o*" (= Sou *isso*) — "Sua mãe era vã como *o* são tôdas" — "Se Henrique fôra ambicioso não *o* era menos sua mulher" — "Se jamais houve condição para invejas, aquela *o* foi sem nenhuma falta".

CONCORDÂNCIA DO PRONOME

761 — REGRA GERAL: Quando flexível, o pronome concorda em gênero e número com o nome a que se refere: "Para isso é preciso mais esfôrço que para defrontar a morte, mas tu *o* terás; inspirar-*to*-ão o meu exemplo e a santa memória de nossos pais" — "Quero tê-*lo*, Vasco, porque tu o desejas".

REGRAS ESPECIAIS

762 — Os pronomes oblíquos *o, a, os, as*, referindo-se a substantivos de gêneros diversos, tomam no *plural* a flexão *masculina:*

> Porque essas *honras* vãs, êsse *ouro* puro
> Verdadeiro valor não dão à gente:
> Melhor é merecê-*los* sem *os* ter
> Que possuí-*los* sem *os* merecer.

763 — Referindo-se a um substantivo modificado por outro regido da preposição de companhia *com*, pode o pronome ir para o plural, como acontece com o verbo (§ 736): "Passava um dia de inverno o arcebispo com sua comitiva a serra de Gerez... salteou-*os* uma chuva fria e importuna".

QUESTIONÁRIO

1 — Que diz da concordância do adjetivo, quando se refere a substantivos do plural e de gêneros diversos?
2 — Que diz da construção: "A primeira e a segunda *séries ginasiais*"?

3 — Corrija, JUSTIFICANDO AS CORREÇÕES, os seguintes textos:

a) Êle ameaçou tornar público os seus dizeres.

b) O livro cujos autor e editor foram presos acaba de ser apreendido pela polícia.

c) O presidente Roosevelt e Lebrun tudo fizeram para a manutenção da paz.

d) Qualquer coisa assustador vai acontecer.

e) É proibido a entrada — É proibida entrada.

f) As estrêlas, como são os príncipes da noite, desaparecem ante o fulgor da rainha, a lua.

g) Sois mãe? Sou-a.

h) Atualmente só estudam as lições você e eu.

i) O réu não foi condenado no grau máximo da pena devido os seus bons procedentes.

j) Quero que você me copie esta poesia até as palavras "mas não vens" inclusives.

k) As duas senhoras que você me viu conversando ontem na rua era minha irmã e minha prima.

CAPÍTULO LIII

CONCORDÂNCIA IRREGULAR OU FIGURADA

SILEPSE

766 — *Concordância irregular*, também chamada *concordância figurada* (V. § 707), é a que se opera não com o têrmo *expresso*, mas com outro têrmo *latente*, isto é, oculto, mentalmente subentendido.

Outros nomes tem ainda semelhante concordância: *semiótica*, *lógica*, *latente*, *anormal*, *mental*, nomes que denotam operar-se a concordância não com a *lêtra*, mas com o *espírito*, com a *idéia* da frase.

Tal tipo de concordância se denomina **silepse.** Etimològicamente (do grego *syn* = *com*, mais *lépsis*, do verbo *lambánô* = *tomar*, *prender*), *silepse* é sinônimo de *compreensão*.

767 — A *silepse* pode ser de *gênero*, de *número* e de *pessoa*.

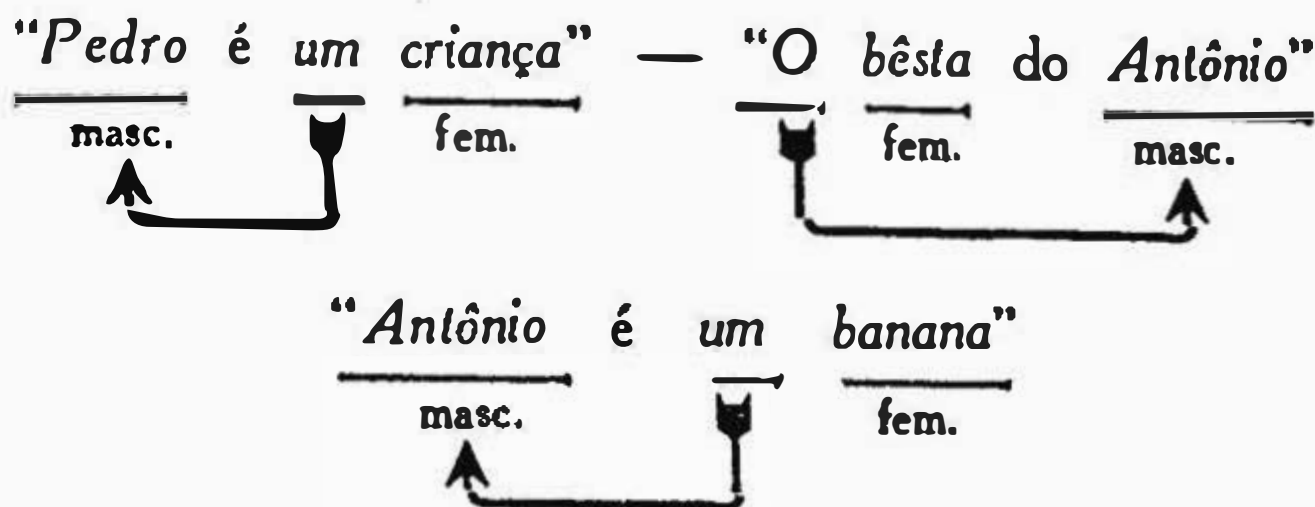
768 — A **silepse** de **GÊNERO** opera-se:

1 — Com os nomes próprios de *rios* e de *cidades*, concordando o adjetivo não com o substantivo próprio em si, expresso na frase, mas com o apelativo dessas classes (*rio*, *cidade*): "CartagO foi *destruídA* (*cidade*).

masc. fem. feminino femin.

Nota — Sabemos já (§ 187, B, 3) que constituem exceções alguns nomes de cidades vindos de substantivos comuns masculinos ou de nomes próprios masculinos: "O *Pôrto* está cheiO de visitantes" — "*S. Paulo* é dinâmicO".

2 — Nas expressões de tratamento (vossa senhoria, vossa mercê, vossa alteza, sua excelência, sua majestade etc.), em que a concordância se opera não com o gênero dessas expressões, mas com o sexo ou com a natureza do cargo da pessoa a que essas expressões são dirigidas: "Vossa *majestade* é poderosO" (rei) — "Vossa *alteza* é bondosO" (príncipe) — "Vossa *senhoria* foi indicadO" (homem) — "Você está enganad*A*" (mulher).

3 — Com os artigos *o* e *um*, quando, em certas frases já consagradas, constituem atributivos de nomes femininos que se referem a pessoa de sexo masculino:

4 — Em outros casos em que o pronome concorda não com o gênero da palavra expressa, mas com o sexo da pessoa a que a palavra se refere: "Conheci uma *criança*... mimos e castigos pouco podiam com *êle*; mas em lhe falando na mãe e no que custara para lhe dar a vida, o infeliz, que nunca a vira, enternecia-se" — "Só nove *crianças* de 6 até 8 anos e tais que é lástima vê-*los*".

5 — Como preencher, uma ficha em que se discriminam os dados identificadores de uma pessoa, o que pede a nacionalidade? Se homem, como escrever na frente da palavra *nacionalidade: brasileiro* ou *brasileira*? Se de homem se tratar, *brasileiro* é que se deverá consignar. *Brasileira*, tão só quando de mulher forem os dados.

Não haja nisso admiração. À pergunta "Qual o estado civil?" ninguém se aventuraria a declarar "casado", quando de mulher se tratasse. "Estado" está na ficha, mas "casada" se põe, porque não o estado mas a mulher é que se qualifica.

769 — A **silepse** de **NÚMERO** opera-se:

1 — Com o adjetivo no singular em função predicativa aos sujeitos *nós* (empregado em lugar de *eu*), *vós* (quando empregado em lugar de *tu*): "Antes sejamos *breve* que *prolixo*" — "Vós estais *enganado*" — "*Amigo atento* e *obrigado* somos" — "Estamos *persuadido* disso".

Notas: *a*) Ao emprêgo de *nós* com valor de *eu*, e de *vós* com valor de *tu* já tivemos ocasião de referir-nos no § 342, 1. *Nós* é empregado em lugar de *eu* pelos reis, pelos papas e prelados (Plural majestático). O verbo irá para o plural, mas o adjetivo, como dissemos, concordará silèpticamente.

b) Emprega-o ainda o escritor ou o orador, para efeito retórico, mas não poderá empregar ora *eu*, ora *nós*; ou sempre uma, ou sempre outra forma, notando-se ainda que as formas pronominais oblíquas e os possessivos devem ser uniformes com a escolha: *Nós* julgamos... foi-*nos* relatado... *nossa* opinião.

c) *Vós* emprega-se em lugar de *tu* quando se trata o interlocutor com referência especial. Curioso é notar a não existência de tal emprêgo em latim; o interlocutor, fôsse quem fôsse — superior jerárquico, rei ou o próprio Deus — era sempre tratado por *tu*. *Vós*, nesse idioma, só se empregava quando realmente plural.

2 — Quando, sendo o sujeito coletivo de forma singular, vai, entretanto, o verbo para o plural, conformando-se com a pluralidade lógica do coletivo: "*Estavam pegados* com êle uma *infinidade* de homens" — "A máxima *parte* dos homens *morrem* antes dos cinqüenta" — "Abalou o *colégio* quase todo em procissão pelas ruas de Coimbra, *capitaneados* pelo seu reitor".

Note-se, nesses casos, uma destas particularidades: 1 — a pluralidade lógica contida no coletivo; 2 — a distância geralmente existente entre o sujeito e o verbo; 3 — a presença de um genitivo plural.

Nota — Qual o correto: "90% dos homens VIAJARAM" ou "90% dos homens VIAJOU"? — Pelo que vemos nos nossos escritores, concluo não haver pràticamente nessa questão nenhuma exigência, podendo-se "ad libitum" empregar uma ou outra forma; a singular explica-se pelo sujeito gramatical 90%, que se considera um todo, uma só porção, e, pois, uma só coisa; a plural igualmente se justifica pela influência do partitivo dos *homens*, que, lògicamente, pertence também ao sujeito.

Vice-versa, quando singular fôr o partitivo, o verbo poderá deixar-se por êle influenciar ou concordar com o número porcentual: 90% do eleitorado *compareceu* — ou *compareceram*. — 90% da imprensa *defende* — ou *defendem*.

Tanto é verdade que o partitivo dessas construções influi na concordância, que ninguém diz: 90% das mulheres eram analfabetos.

Discriminemos, pois, êstes casos:

a) "90% das mulheres eram analfabetas": Quando o verbo é de ligação, o verbo e o predicativo se deixam influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo. Outros exemplo: "30% da nossa produção é exportada" — "20% da população estava acamada".

b) Quando o número porcentual vem de qualquer forma qualificado ou determinado, é melhor aceitar o plural: "Bons 30% da mercadoria foram salvos" — "Os restantes 30% do colégio dão conta das obrigações" — "Êsses 5% da boiada morreram".

c) É ainda a influência do partitivo que explica estas outras construções: "Duas têrças partes da população é aliadófila" — "Parte dêles já tinham sido absolvidos pela Penitenciária apostólica".

770 — A silepse de **PESSOA** consiste em operar-se a concordância do verbo não com a pessoa do *apôsto claro*, mas com a pessoa do *fundamental oculto:* "Dizem que os cariocas *somos* pouco dados ao jardins públicos" — isto é: "...que **nós,** os cariocas, somos..." (O verbo concorda com o fundamental oculto *nós*, e não com o apôsto claro "os cariocas").

OUTROS EXEMPLOS: "Ali *ficamos* alguns amigos" — "Os dois *íamos* ali por visita" — "Os portuguêses *fazemos* êste nome particular" — "Amigos e criados *saímos* todos pelo caminho de Refojos" — "Os outros *saltamos* para testemunhar a catástrofe" — "Todos os filhos de Adão *padecemos* nossas mutilações e fealdades" — "Uns esperando *andais* noturnas horas, outros *subis* telhados e paredes" — "Os quatro que *escapamos*, nos *lançamos* ao mar".

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *silepse?* (Resposta completa).
2 — Como pode ser a silepse? — Especifique todos os casos de cada espécie, com exemplos diversos e explicação clara e completa.
3 — Indicar nas orações seguintes as palavras que concordam por silepse e discriminar a espécie de silepse:

Diógenes viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões. Os palanques estavam cobertos de infinita gente, todos a ver. Vós sois infinitamente bom. Nós somos obrigado a isso. São estas crianças na primeira infância lindíssimas, porque em muitos a côr é branca. Vossa majestade está indisposto. Todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades.

CAPÍTULO LIV

REGÊNCIA

773 — **Regência** vem a ser a relação de subordinação, ou seja, de dependência dos têrmos, uns dos outros, ou ainda, é a propriedade de ter uma palavra, sob sua dependência, outra ou outras que lhe completem o sentido. *Regência* é, pois, em gramática, sinônimo de *dependência, subordinação.*

A palavra que está servindo de complemento chama-se palavra *regida* ou *subordinada* ou, simplesmente, *regime;* a palavra que é completada, inteirada na sua significação chama-se palavra *regente* ou *subordinante.* Assim é que se diz que as preposições *regem* (= subordinam, põem debaixo de sua dependência) palavras, e as conjunções subordinativas *regem* orações subordinadas.

774 — As relações de regência são na frase indicadas:

a) pela *posição*
b) pela *preposição*
c) pela *conjunção subordinativa*

775 — **POSIÇÃO:** Muitas vêzes, a função sintática de certos têrmos da oração só é revelada pela posição em que êsses têrmos se encontram na frase. O sujeito e o objeto são têrmos que freqüentemente se distinguem tão só pela posição, vindo o sujeito *antes* e o objeto *depois* do verbo:

sujeito (antes)	verbo	objeto (depois)
O soldado	feriu	o ladrão
O ladrão	feriu	o soldado

O advérbio é outra classe que em muitos casos se manifesta pela posição: conforme o lugar em que vem na frase, sabe-se qual o têrmo por êle modificado; são diferentes as orações "Minha residência aqui é conhecida" (= Todos sabem que moro neste lugar) e "Minha residência é conhecida aqui" (= Aqui sabem onde moro). Uma é dizer "Relatou, ainda, que não encontrou o filho" — onde o *ainda* modifica *relatar* (= também, além disso) — outra é dizer "Relatou que não encontrou ainda o filho", onde o *ainda* modifica o v. *encontrar* (= até agora). O mesmo se diga dos adjuntos, quer adnominais quer adverbiais; uma

coisa é dizer "Colombo descobriu *só* a América" e outra: "*Só* Colombo descobriu a América" — "Meias para senhoras pretas" e "Meias pretas para senhoras".

"E assim, em geral, os complementos na frase revelam a sua regência pela posição *junto* aos têrmos completados ou regentes. A colocação dos têrmos foi um dos recursos neolatinos para suprir a perda dos casos latinos".

Em latim tanto podemos dizer "Paulus Petrum amat" quanto "Petrum Paulus amat", "Paulus amat Petrum", "Petrum amat Paulus", "Amat Paulus Petrum", "Amat Petrum Paulus" — que o sentido será sempre o mesmo, dado o *caso* em que estão os nomes, ao passo que em português (a não ser que preposicionemos o objeto — § 683, 1) tão sòmente desta maneira podemos dizer: "Paulo ama Pedro".

Nota — Já é do nosso conhecimento a fôrça regencial da *preposição* e das *conjunções subordinativas* pelo que ficou dito na morfologia (§ 542 e 556).

776 — CASOS DIVERSOS: 1 — O sujeito, como elemento soberano da frase, pois é o causador da ação verbal, não pode ligar-se a preposições (Sôbre o assunto recorde-se o § 653).

Nota — Quando a preposição rege um infinitivo ela não se combina nem com o sujeito, nem com o objeto anteposto ("Invoca o tempo *de os* pagar co'as sombras"), nem com os advérbios *aí*, *aqui*, *ali* ou outro começado por vogal: "É tempo *de aí* ter chegado" — Nesses exemplos, a preposição está regendo os infinitivos *pagar* e *ter chegado*, razão por que não se combina com as palavras postas entre a preposição e o seu verdadeiro regime. Outro exemplo: "Não poderá fazer grandes progressos, *por o* não ajudar a memória".

Quando não estiver regendo infinitivo, é claro que a preposição poderá combinar-se: "*Daqui* partiam as bandeiras" (V. § 653).

2 — Outros casos concernentes à regência já conhecemos do estudo feito nos parágrafos 303, 304 e 305.

3 — Duas ou mais palavras podem ter um mesmo complemento, com tal que essas palavras tenham a mesma regência: "A obediência e o amor *à pátria*" ("obediência" e "amor" têm a mesma regência; podem, pois, ter por complemento a mesma palavra). Não seria correto dizer: "O conhecimento e o amor à pátria" — porque "conhecimento" e "amor" exigem preposições diferentes (conhecimento *de* alguma coisa, amor *a* alguma coisa); o correto é: "O conhecimento *da* pátria e o amor *a ela*". Outros exemplos: "Conheço *êste* livro e gosto *dêle*" (e não: "Conheço e gosto dêste livro" — Sabe já o aluno que não se deve dizer: "Conheço êste livro e gosto *do mesmo*" — § 342, 4) — "No espaço de meia hora comprei *um* livro e *dêle* me desfiz" (e não: "...comprei e me desfiz de um livro").

Nota — Quando o complemento comum é constituído de pronome oblíquo, êste deve vir anteposto ao primeiro verbo: "Eu *o* vi e saudei", "Não *o* quero nem desejo" — Virá posposto ao primeiro verbo quando êste iniciar o período: "Perdôo-*lhe* e obedeço".

Não há necessidade de repetir o pronome: "Êle *se* rasgava e desfazia em elogios" — "... por entenderem que as almas dos defuntos *se* propiciavam e consolavam com sangue humano".

777 — Aqui ofereço a regência ou regências de alguns verbos. De antemão aviso que as regências aqui dadas são as usadas *atualmente* e que sempre apresento a significação ou as significações do verbo, pois é do nosso conhecimento o que ficou dito no § 305:

ACONSELHAR — (= dar conselho): *a*) Aconselhar alguém a alguma coisa: "Aconselhou-*o a* que fôsse para casa". *b*) Aconselhar a alguém alguma coisa: "Lourenço *lhe* aconselhou *o* claustro". *c*) Aconselhar alguém sôbre alguma coisa: "Aconselharam-*me sôbre* o modo de viver".

— (= entrar em acôrdo): *a*) "Depois *nos* aconselharemos *no* que mais nos convier". *b*) "... aconselharam-*se para* me tirarem a vida".

— (= tomar conselho): "Aconselhei-*me com* êle".

AGRADAR — (= parecer bem, ser visto ou considerado com satisfação, gôsto ou complacência): "Êste chapéu não *lhe* agradará" — "Agrada *à* vista".

— (= contentar, satisfazer): "Procurei agradá-*lo*".

Nota — Com objeto direto é hoje usado sòmente com o significado de *mimar, acariciar, afagar*: agradar *uma* criança, agradar *o* gato.

AGRADECER — (agradecer a alguém alguma coisa): "Agradeci-*lhe o* presente" (objeto direto da coisa agradecida e indireto da pessoa a que se agradece). Dizer "agradecer alguém por uma coisa" é incorrer em italianismo intolerável.

Nota importante — Quando, em se tratando de verbo transitivo direto-indireto, fôr omitido um dos objetos, o outro continuará obedecendo à regência que lhe cabe. Assim, se quisermos *agradecer* sòmente a *coisa*, ela continuará constituindo objeto *direto*: "Agradeci *o* presente" — Se, agora, mencionarmos sòmente a pessoa, esta constituirá o objeto *indireto*: "Agradeço-*lhe*". O verbo *pagar*, para citar outro exemplo, constrói-se: "Pagar *a* alguém *alguma coisa*"; se mencionarmos sòmente a pessoa, diremos: "Paguei *ao* padeiro", "Paguei-*lhe*"; se sòmente a coisa, diremos: "Paguei *o* meu débito", "Paguei-*o*".

AJUDAR — (ajudar alguém em alguma coisa): "Ajudei-*o no* serviço" (Se a coisa fôr um infinitivo, a preposição será *a*: "Ajudou-*o a* carregar com a cruz").

— (= servir de acompanhante): "Ajudar *à* missa" (Neste caso não se diz *ajudei-lhe*, mas *ajudei a ela*).

— (= valer-se, aproveitar-se): "Ajudou-se *dos* pés e *das* mãos para subir".

ANELAR — (= almejar, ansiar, aspirar): "Alguns anelam *o* dinheiro" — "... não anela *eleger* um espôso". — "... aquêles que anelam *pela* segurança de uma relação íntima" — "Anelar *ao* legado".

APOIAR-SE — *a*) Apoiar-se *ao* muro, *à* mesa.
b) Apoiar-se *no* povo, *em* documentos.
c) Apoiar-se *sôbre* a direita.

ASPIRAR — (= respirar, sorver, absorver): "Aspirei *o* pó" — "Devemos aspirar *o* h".

— (pretender, desejar): "Aspiro *a* um cargo". — "Aspirava *à* coroa" (Não admite neste caso a forma *lhe*, a qual deve ser substituída por *a ela*).

— (= no sentido poético de favonear, favorecer): "Imploramos favor que nos guiasse, e que *nossos começos* aspirasse".

ASSISTIR — (= prestar assistência, ajudar): "O médico assiste *o* doente".
— (= estar presente): "Assistir *a* um espetáculo".

— (= residir, permanecer): "... muitos potuguêses que assistiam *na* côrte" — "Por causa da muita continuação, com que assistia *na* oração".

— (= intervir, tomar parte): "*N*esse processo eu não assisti".

Nota — Na acepção de "estar presente", o verbo *assistir* exigirá as formas "a êle", "a ela", se o objeto fôr pronome da 3.ª pessoa: "Quando eu assistia *a êles*" (aos jogos) — e não: "Quando eu *lhes* assistia".

ATENDER — Constrói-se, indiferentemente, com acusativo ou com dativo: "Não *o* atenderam os criados" — "... até vos merecerem, um dia, a bênção de *lhes* atenderdes".

ATIRAR — (= disparar arma de fogo): "O alvo *a* que atiram os ambiciosos" — "...deu ordem de *lhe* atirar" — "Atirei *a* êsse pássaro" (1).

— (= arrojar, arremessar, lançar): "Atirar *pedras ao* telhado do vizinho" — "...atirar *aos* juízes *lama* entrelinhada".

Renovo aqui a advertência feita na **Antologia Remissiva**: Não se deve confundir objeto indireto com adjunto adverbial. Quando se diz "atirar pedras ao telhado do vizinho" — *telhado* é verdadeiro recipiente da ação verbal (contra êle se atirou); quando porém se diz "atirar a carta no lamaçal" — *lamaçal* indica o lugar em que se atirou (adjunto adverbial de lugar onde), e não o recipiente da ação de atirar.

A comparação presta-se para outros adjuntos adverbiais em que aparecem outras preposições.

AVISAR — Constrói-se das seguintes maneiras: *a*) "Avisá-*lo*-ei *da* sua chegada". *b*) "Avisar-*lhe*-ei a sua chegada". *c*) "Avisá-*lo para* receber". *d*) No sentido de *acautelar-se* é pronominal e se constrói: "Tratou de avisar-se *das* importunações".

BATER — Tem as seguintes regências: *a*) bater *à* porta; *b*) *na* porta; *c*) *pelas* portas; *d*) bater *nêle*; *e*) bater-*lhe*; *f*) batê-*lo*; *g*) bater *sôbre* alguma coisa.

CARREGAR — Além da regência transitiva direta, êste verbo pode ser construído com a preposição *com*: "Carregou *com* o cadáver" — "Carreguei *com* êle" — "Carregar *com* o pesado jugo dos respeitos humanos".

CHAMAR — Na acepção de *apelidar*, êste verbo deve de preferência construir-se "chamei-o sábio" e não "chamei-*lhe* sábio" nem "chamei-*lhe de* sábio".

— No sentido de *invocar, pedir que venha*, constrói-se com objeto direto: "Chama o Rei *os senhores* a conselho" — ou com a prep. *por*: "...a filha chamava *por* ela".

COMUNGAR — Constrói-se de diferentes formas: *a*) com acusativo: "Outros homens de têmpera enérgica comungavam (= tinham entre si) *as* mesmas idéias" — "O padre que *os* confessou e comungou" (= dar a comunhão a).

b) com *com*: "Uma confissão filosófica *com* que não comungamos" (= não concordamos) — "Há quase glória em comungar *com* tais homens".

c) com *de*: "Reputo-me habilitado para comungar *dos* fôros do ceticismo" — "Quis romper a clausura e vir cá fora comungar *das* liberdades públicas".

d) com *em*: "E ficaram os dois absortos, soluçantes, comungantes *na* mesma dor" — "Onde tôdas as opiniões comungavam *no* mesmo sentimento".

CONTENTAR — (= agradar, satisfazer): "...que não saibam contentá-*los*". No sentido de *ficar contente* é pronominal e se constrói com *com*, *de* ou *em*: "Contento-me *com* isso" — "Contentar-se *de* salvar a bandeira" — "Contentou-se *em* levantar os ombros".

CUSTAR — Na acepção de "ser difícil, demorado, penoso", êste verbo só se emprega na 3.ª pessoa: *custa, custa*-me: "Custou-me muito contê-los" — e não: "Custei muito para contê-los" — "Custar-lhe-á muito fazer isso" e não: "Êle *custará*

(1) No Brasil, mais comumente se constrói com *em*: "Não atire *nesse* passarinho".

muito para fazer isso" — "A criada custou atender" e não "A criada custou para atender".

— Quando ao verbo *custar* se pospõe um infinitivo, êste aparece às vêzes em bons escritores antecedido de *a*: "Mas tanto custava-me *a* crê-lo" — "Há de custar *a* dar o primeiro passo".

DEPARAR — (= fazer aparecer de repente, apresentar inesperadamente): "Qual é no mundo o santo que depara *as* coisas perdidas?" — "Pedia ao padre Santo Antônio que deparasse *a* cabra perdida".

— (= achar por acaso, encontrar de repente): "Deparei *com* um pobre homem".

— (= vir, chegar, aparecer inesperadamente): "Deparou-se-lhe excelente ensejo".

ENCONTRAR — Pode construir-se: *a*) "Encontrei *o* livro". *b*) "Encontrei *com* um pobre". *c*) "Encontrou-se *com* muita gente".

ENSINAR — *a*) "Ensino *ao* aluno *a* gramática". *b*) "Ensino *o* aluno *a* escrever" — "Ensinaram-no *a* assim proceder".

ENTRAR — Na acepção de *penetrar*, era antigamente construído: *a*) com obj. direto: "O vapor entrou *a* barra" — "...mães que entravam *o* templo". — Com essa regência temos êste exemplo de Bilac: "O exército entrou *as* portas de Cartago". — *b*) com a preposição *a*: "Venceslau entrou *ao* pátio do palacete" — "Entrar *aos* nossos lares".

Hoje, nessa acepção, constrói-se com *em*: "Entrou *na* sala"; com *para*: "... entrando *para* a nova igreja".

Entre as muitas acepções e construções dêste verbo note-se esta: *entrar de guarda, entrar de serviço, entrar de cantor* no côro do teatro.

ESQUECER — Hoje empregamos reflexivamente, quando, antigamente, eram os verbos *lembrar, esquecer, admirar* e *recordar* usados com significação ativa. Se hoje comumente dizemos: "Lembro-*me de* um fato" — "Esqueci-*me de* uma coisa" — "Admirei-me *de* ter visto" — "Recordo-*me daquilo*" — primitivamente se dizia: "Lembra-me um fato" — "Esqueceu-me uma coisa" — "Recorda-me ter visto" — "Admira-me sua paciência". — São construções estas portuguêsas, não merecedoras do esquecimento em que se encontram, não obstante aparecerem num ou noutro bom escritor moderno.

Êsses verbos admitem, pois, três construções:

a) Lembro ter ouvido.
b) Lembro-*me de* ter ouvido.
c) Lembra-me ter ouvido (a pessoa é obj. ind.; a coisa lembrada é sujeito).

FELICITAR — *a*) Felicitar *alguém de* alguma coisa: "...felicitando *Guilherme da* rapidez da sua cura".

b) Felicitar *alguém por* alguma coisa: "...felicitando *o* primo *pela* ventura de ter..."

FUGIR — *a*) "...e todos *o* fugiam" — "E sem o conhecer fugiste *o* mundo".

b) "Mas Simão teme-o e foge-*lhe*" — "É preciso, pois, fugir-*lhe*" — "Vão fugindo *ao* doce laço".

c) (= abandonar, retirar-se): "...não fugirei *dela*".

HONRAR-SE — Constrói-se: *a*) com *em*: "Honra-me *em* estar presente".

b) com *de*: "...a sintaxe do ingranzéu em que se honra *de* exprimir".

c) com *com*: "Muito se honrava *com* lhe ficar ao lado".

IMPORTAR — (= trazer, acarretar, ter como conseqüência): "A guerra importa *grande calamidade*" — "As idéias liberais importam *a* felicidade do povo".

— (= atingir o total de): "As despesas importam em tanto".

— (= representar): "Não apostilei erros ortográficos, senão quando importavam *em* erros gramaticais" — "Uma larga incisão na traquéia, importando *na* supressão dessa veia".

— (= dizer respeito, interessar): "... ensinamentos que importam *à* pureza e correção da língua" — "...missão que importava *às* classes privilegiadas".

— O verbo *importar* constrói-se ainda: *a*) com *com*: "Não me importo *com* isso".

b) com *de*: "Qual dos leitores se importa *dessas* pequenas coisas?".

c) dando-se-lhe como sujeito a coisa, ficando a pessoa como obj. indireto: "Isso não me importa" — "Importa-vos advertir que..." — "Pouco me importa já muito sofrer" — "Não me importa que êle venha".

INDAGAR — "No mesmo dia saiu a indagar *a* residência de Caetano". — "Voltemos atrás para indagar um pouco *das* manhas e feitos do leigo".

(= indagar de alguém alguma coisa): "Indagaram *de* mim *os* acontecimentos" — "...curiosidade em indagar *da* própria dama *os* motivos da sua reclusão".

INFORMAR — Perguntado sôbre se se deve dizer "informá-*lo*" ou "informar-*lhe*", dei esta resposta: "Quando dúvidas nos assaltarem no atribuir a determinado verbo a regência direta ou a indireta, de um processo poderemos lançar mão: É sabido que os verbos transitivos diretos podem ser empregados na voz passiva. Se é possível dizer, passivamente, "êle foi roubado", é sinal de que "roubei-o", ativamente, é seguríssima construção. Para o caso transportado êsse processo, em dois segundos se desfará a dúvida. Não dizemos, na passiva, "Êle foi informado de que..."? Essa construção é mais que bastante, já não digo para justificar, mas para mostrar a mais aconselhada regência do verbo *informar*. Se "êle foi informado *de que*..." dizemos, é porque "eu informei-*o de* que" é sã construção. Exemplos não faltam que essa regência confirmem: "...informando-*o de* que a frota dos cristãos se compunha..." — "Quem poderia informá-*lo do* destino de Albertina?" — "...para *o* informar *daquele* tal objeto".

Em vez de *de*, encontra-se ainda a preposição *sôbre*: "Monçaide informou *o* prudente Gama *sôbre* as armadas que todos os anos vinham" — "...informar *o* leitor *sôbre* o que o mundo tem de vir a saber a respeito do tendeiro".

Não podemos, no entanto, deixar de aceitar a regência "informar a alguém uma coisa", da qual não faltam exemplos de bons autores: "Apenas *lhe* informaram que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados" — "...posso informar ao Mendes *que*..."

Com o significado, pois, de *avisar*, *participar*, é o verbo *informar* sempre transitivo direto-indireto; se a pessoa fôr objeto direto, a coisa será indireto; vice-versa, se a pessoa fôr objeto indireto, será direto a coisa: "informei-o de que" ou "informei-lhe que" — "informei-o disso, sôbre isso" ou "informei-lhe isso".

INTERESSAR — (= dar interêsse material, prender a atenção, a curiosidade): "Interessei-*o nesta* emprêsa" — "Procure o mestre interessar *os* meninos *em* repararem na côr dos cavalos".

— (= ser proveitoso, dizer respeito): "Isto interessa *a* todos" — "...falar de objeto que interessa *à* felicidade de ambos" — "Meus dotes não *lhe* interessam".

— (= tomar interêsse) *pr.*: "Como de passagem *nos* interessamos *por* uma flor".

LEMBRAR — V. *esquecer*.

NECESSITAR — "Necessitar uma coisa" ou "de uma coisa".

OBEDECER — Este verbo é hoje usado exclusivamente com regência indireta: Obedecer *ao* pai, *às* leis, obedecer-*lhe*.

— Conquanto seja *transitivo indireto* admite o verbo *obedecer* a construção passiva: "A lei *foi* obedecida".

PAGAR — (Põe-se no *dativo* a *pessoa* a que se paga, e no *acusativo* a *coisa* paga): "Paguei *o pão*, paguei *ao padeiro*" — "Já *lhe* pagamos *a conta*" (V. *nota importante* no verbo *agradecer*).

PERDOAR — (Dativo da pessoa a que se perdoa, e acusativo da coisa perdoada): "Perdoei-*lhe a* falta" — "Não *lhe* posso perdoar".

PERSUADIR — Persuadir *uma pessoa de alguma coisa* (= levar a crer, induzir a aceitar): "É preciso persuadi-*lo destas* verdades".

— Persuadir *alguém a alguma coisa* (= instigar): "Com êste pretexto, persuadiu-*a à* fuga" — "Quero persuadi-*lo a* ir amanhã" — "Persuadiu-*o a* que desistisse" — "Mas o povo *à* morte crua *o* persuade".

— Persuadir *a alguém alguma coisa* (= dispor a praticar, determinar): "Os príncipes persuadiram *à* turba *que* pedissem" — "...argumentos que *ou nos* persuadem *o* êrro, ou nos confirmam o acêrto".

PRESIDIR — Constrói-se indiferentemente com dativo ou com acusativo: Presidir *o* congresso, *os* tribunais, *o* país — ou: "Presidir *ao* congresso, *aos* tribunais, *ao* país.

Tal qual se passa com o verbo *assistir*, repele o verbo *presidir* a forma pronominal *lhe*, admitindo sòmente *a êle, a ela:* Presidi *a êle, a ela* (e não "presidi-*lhe*").

PROVIDENCIAR — A regência mais usada para o verbo *providenciar* é a transitiva: providenciar *a* remessa. — Não deixam, entretanto, de ter abono estas outras regências:

a) *sôbre:* "*Sôbre* ela deliberam e providenciam".

b) *para:* "...gravemente se providencia *para* a alteração do calendário".

c) *em:* "Se o médico não providenciasse *na* situação da viúva".

QUERER — (= desejar): "Não *o* queremos conosco".

— (= ter afeto, amar): "Hei de querer-*lhe* como se fôsse também meu filho".

RESIGNAR — (= renunciar, demitir-se voluntàriamente): "Resignou o bispado" — "Poderá ser que resigneis *situações* como eu *as* tenho resignado".

— (= conformar-se) *pr.* e se constrói: *a*) com *a:* "Só por amor *me* resigno *aos* labôres de tão espinhosa missão".

b) com *com:* "Êle *se* resigna *com* a divina vontade".

RESPONDER — O que se profere como resposta é que é obj. dir., não a coisa nem a pessoa a que se dá resposta; nas orações: "Êle respondeu *sim*", "Êle não respondeu *nada*" — *sim* e *nada* são objetos diretos, como ainda é objeto direto a subordinada do período: "Êle respondeu *que estava bem*".

Uma vez que se pretenda declarar a coisa ou a pessoa a que se dá resposta, esta deve vir preposicionada, isto é, esta é sempre objeto indireto, quer venha ou não exp resso na oração o que se profere por resposta: "Respondo-*lhe*", "Devemos responder *às cartas*".

SATISFAZER — *a*) No sentido de *contentar, agradar*, tanto se diz: "Satisfazer *o* desejo" — quanto: "Satisfazer *ao* desejo".

b) No sentido de *convencer, persuadir*, tem também as duas regências: "Êste chora porque não acha bem que *o* satisfaça" — "...e quando *lhes* satisfazia com divinas respostas".

c) (= contentar-se): "Satisfez-*se com* a exposição".

d) (= indenizar-se, vingar-se, fartar-se): "Satisfazer-*se da* perda" (= indenizar-se) — "Se o difamador não se satisfaz *das* injúrias a quem o injuriou" (= vingar-se) — "...de como se satisfazia *delas*" (= fartar-se).

SOCORRER — É verbo que hoje leva para o acusativo a pessoa: "Socorrer os pobres" — "Vamos socorrê-*lo*".

— Pronominalmente é empregado para significar "valer-se da proteção de alguém, tirar proveito de alguma coisa": "Socorreu-se *das* jóias para pagar as suas dividas" — "Tive de me socorrer *da* competência e obsequiosidade de muitos dos nossos mais notáveis homens da ciência".

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *regência?* — Explicação completa e exemplificada.
2 — Como é indicada, na frase, a regência?
3 — Qual a diferença de sentido entre "Minha residência *aqui* é conhecida" e "Minha residência é conhecida *aqui*"?
4 — Discorra sôbre o defeito desta oração, reproduzindo-a com os têrmos na verdadeira posição: Asno come bugalhos com fome.
5 — Posso combinar a preposição *de* com o advérbio *aqui* na frase "*De aqui* não sairei"? Por quê?
6 — Que se entende pelas frases: "Êste verbo rege acusativo" — "Aqueloutro rege dativo"? (V. nota do § 180).
7 — Com os verbos *assistir* (na acepção de presenciar), *recorrer*, *presidir* e *aspirar* (na acepção de desejar, ambicionar) pode-se empregar *lhe* em lugar de "a êle"?
8 — Corrigir:

a) Ainda não paguei o padeiro êste mês.
b) A criada custou muito para arrumar o meu quarto.
c) Precisamos assistir a fita que está passando no Rosário.
d) Se não o perdôo é porque não merece.

9 — Dizer o que entende pelas orações:

a) Devemos avisar-nos dos ladrões.
b) Eu e tu não comungamos muito bem.
c) Não lhe quero — Não a quero.
d) Nem por tudo posso responder.
e) Tive de socorrer-me dêle para êsse negócio.

10 — Corrija os seguintes textos:

a) O bom velhinho compreendeu então que o rei o tinha perdoado (Lembre-se: Perdoar *a alguém*).
b) Só aspiro hoje uma vida calma, em um sìtiozinho qualquer, onde espere a grande paz da morte, que não deverá demorar (Aspirar *o* perfume, aspirar *ao* cargo).
c) Onde está o vasculho que nós nos servimos? (§ 345, n. 3: Claro está que...).
d) Venho avisá-lo, meu bom amigo, que estou na fazenda, onde lhe espero por todo êste mês. Dou-te ainda esplêndida notícia: está aqui o Pedrinho, que estivemos no ano passado em casa dêle, em Resende (Avisar alguém de algo ou avisar a alguém algo. V. também o § 382 e a pergunta 12 após o § 382).
e) O pai dêste menino perdeu tôdas as duas pernas em um lamentável incidente de estrada de ferro (§ 352, n. 2).
f) O caso que você se refere não se passou pròpriamente assim (§ 345, n. 3: Claro está que...).

CAPÍTULO LV

REGÊNCIA IRREGULAR

780 — Quatro espécies há de *figuras* ou de casos *irregulares* de regência dos têrmos; essas *figuras* só se permitem quando usadas *criteriosamente*, segundo as normas que vamos estudar.

Essas quatro figuras denominam-se:

Elipse
Pleonasmo
Anacoluto
Idiotismo

781 — ELIPSE: Assim se denomina o caso em que um dos têrmos da frase não vem expresso, sendo, ao mesmo tempo, fàcilmente subentendido.

Nota — Não se confunda *elipse*, da sintaxe irregular de *regência*, com *silepse*, da sintaxe irregular de *concordância*.

782 — Há os seguintes casos de **elipse:**

A — Elipse do **sujeito:** Não posso sair (= *Eu* não posso sair) — Quer vir comigo? (= Quer *você* vir comigo?).

Nota — A elipse dos pronomes-sujeitos nas diversas pessoas dos tempos verbais não se dá quando se quer dar ênfase à expressão e contrastar os diversos sujeitos: "*Eu* pasmo! *eu* tremo! *eu* gelo! *eu* me arrepio!" — "O que quereis que os homens façam, fazei *vós* a êles" — "Êsses turcos e janízaros, que dêste lugar estamos vendo, vêm restaurar conosco a honra que no primeiro cêrco perdemos: porém nem *êles* valem mais que os que então foram vencidos, nem *nós* valemos menos que os vencedores" (V. § 317).

B — Elipse do **verbo:**

No mar (*há*) tanta tormenta e (*há*) tanto dano!
Tantas vêzes a morte (*é*) apercebida!
Na terra (*há*) tanta guerra, (*há*) tanto engano!
Tanta necessidade aborrecida (*há*)!

"Isso merece publicado" (= merece *ser* publicado) — "Sôbre miserável (= sôbre *ser* miserável), êle é ignorante" — "Por inúteis (= por *serem* inúteis), não foram recebidas" (*).

(*) Remeto o aluno para o lindo trecho, de duas páginas inteiras, de D. Antônio de Macedo Costa, intitulado *Discurso sem verbos*, que se encontra no 1.º vol. de minha *Antologia Remissiva*.

C — Elipse da **ligação**: "Alumia minh'alma, não se cegue no perigo em que está" (= *para que* não se cegue...) — "Peço-lhe me deixe ir" (= peço-lhe *que* me deixe...) — "Mandou se fizesse quanto antes" (= mandou *que*...) — "Navegamos vento à pôpa" (= navegamos *com* vento à pôpa) — "Espertar já sol nascente" (= *com* o sol já a nascer).

Nota — É freqüente e elegante a elipse da conjunção *que* depois dos verbos *mandar, requerer, pedir, pensar, parecer* e sinônimos. Tem essa elipse por vêzes a vantagem de desembaraçar a frase da demasiada repetição do conectivo *que*.

783 — ZEUGMA — (do gr. *zeugma* = união) vem a ser o caso de elipse em que se subentende um têrmo ou têrmos já anteriormente enunciados na frase:

"A Pedro *dei* uma pêra, e a João (*dei*) uma maçã".

Notas: 1.ª — A vírgula, *quando não traz perigo de confusão*, é usualmente empregada para indicar o *zeugma* do verbo: "Tu fôste meu soldado, e eu, teu capitão" — (*fui*)

"Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios" (*levam*)

Quando outras vírgulas já houver em partes de um período que encerrem zeugma, coloca-se ponto e vírgula entre essas partes, para maior clareza: "Seu rosto era sem rugas; a cútis, alva e delicada; as faces, roseadas; os olhos, castanho-escuros, vivos, expressivos de placidez e bondade; a fronte, alta e vasta; a fisionomia, aberta, desanuviada, serena, reveladora de respeitosa afabilidade".

Quando, ao contrário, curtas e já separadas por vírgula forem as partes de um período nas quais há zeugma, desnecessário se tornará êsse ponto e vírgula e também desnecessária a vírgula indicativa do zeugma: "Seus movimentos eram rápidos, o olhar perscrutador, o ouvido atilado".

2.ª — Muitas vêzes o nome, anteriormente citado, é subentendido com modificações em seus acidentes de *gênero*, de *pessoa* ou de *número*:

"*Foi* vencido o inimigo, e (*foram*) soltos os prisioneiros"
(*Foi*: sing.; *foram*: plur.)

"Tu *queres* passear, e eu (*quero*) ficar"
(*queres*: 2.ª pess.; *quero*: 1.ª pess.)

"A um é *dada* a palavra de sabedoria, a outro (é *dado*) o dom de curar moléstias"
(*dada*: fem.; *dado*: masc.)

— "Nem êle nos *entende*, nem nós (*entendemos*) a êle".

3.ª — Outros casos de *zeugma*: No período — "Desanimados, desesperados, *recorrem* êsses homens ao muito conhecido expediente, *qual náufrago* à tábua de salvação" — nenhuma necessidade há de no plural ser colocado o substantivo *náufrago*, por tratar-se aqui de construção contrata, elítica, na qual se subentende o verbo da subordinada: "qual náufrago *recorre*".

OUTRO EXEMPO: "...para se conseguirem tantos títulos quantos fôr possível" — está igualmente certo: nêle se subentende o infinitivo *conseguir* (... quantos fôr possível *conseguir*), que figurará como sujeito da locução *fôr possível*, exercendo o *quantos* função acusativa dêsse infinitivo.

4.ª — O *zeugma* pode abranger uma palavra ou um conjunto de palavras: "Nem as lágrimas me são estranhas, nem (*me é estranho*) o longo e aflito orar".

5.ª — O *zeugma* é às vêzes *antecipado*, isto é, a omissão da palavra ou palavras é feita na primeira frase, para ser expressa essa palavra em frase que se vai proferir logo em seguida: "Não fôsse esta (*coisa*), muitas outras *coisas* teria feito".

6.ª — Há, ainda, as elipses de uso em muitos provérbios e rifões, em que sòmente aparecem as idéias principais:

> Casa de ferreiro, espêto de pau.
> Tal amo, tal criado.
> Ôlho por ôlho, dente por dente.
> De tal árvore, tal fruto.
> Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

7.ª — Há, finalmente, em português, elipse, entre outras, das seguintes palavras:

coisa: "Essa (—) é boa" — "Uma (—) assim é que eu não esperava" — "Fizeram-lhe uma!" — "Deu na mesma" — "Fiquei na mesma" (V. § 342, 2, n. 2).

tempo: "Há muito (—) que isto devia acontecer" — "Vi-o há pouco (—)" — "Em breve (—) nos veremos".

possa ou *deva:* "Não sei para onde (—) ir" — "Já sei como (*poder*) ganhar a vida".

784 — PLEONASMO: Indica a palavra *pleonasmo* (gr. *pleonasmós* = superabundância) a figura de regência que consiste na *redundância* de expressão, ou seja, na repetição de uma mesma idéia, mediante palavras diferentes:

"*Vi* com os meus próprios olhos"

Notas: 1.ª — Quando a repetição de idéia não traz nenhuma energia à expressão, o *pleonasmo*, antes de ser *figura*, passa a ser *vício*, *que se denomina perissologia* (= excesso de palavras), *tautologia* (= repetição de palavras) ou *batologia* (= repetição, gaguez): *comer com a bôca, subir para cima, descer para baixo, ver com os olhos*.

2.ª — Deixa de ser vicioso o pleonasmo quando, no repetir a idéia já expressa, acrescenta um especificativo qualquer, que dê graça e fôrça à expressão, ou quando indica contraste: "Fiz a caminhada com meus *próprios* pés" — "Êsse ouro e prata, pôsto que naturalmente *desce para baixo*, havia de *subir para cima*" — "Êle sabe *pescar peixe*, mas não sabe *pescar homens*" — "*Ver com os olhos* não é o mesmo que *ver com os dedos*".

3.ª — Deixa, outrossim, de ser viciosamente pleonástica uma expressão, quando os têrmos que a compõem já não conservam sua significação de origem, deixando, por conseguinte, pràticamente, de haver repetição de idéia: "*Sé catedral*" — etimològicamente *cadeira da cadeira*. "*Meu monsenhor*" — etimològicamente *meu meu senhor*. "*Meu menino*" — etimològicamente *meu meu niño* (do espanhol).

4.ª — Opera-se também o pleonasmo quando se repetem membros da oração (**oração pleonástica**); neste caso é preciso cautela e parcimônia para que surta efeito:

"Os *sinos* já não há quem *os* toque" — "Ao qual recado *êle Hidalcão* não respondera" — "*Sabedor* nunca *o fui*" — "*A mim me* parece" — "*A podenga negra, essa* corria pelo aposento" — "Parece-*me a mim*" — "...maltratando-se *a si próprio*" — "Os bens dêste mundo, como são corruptíveis, ainda que não haja quem os furte, êles mesmos se nos roubam".

A repetição pleonástica do objeto na forma oblíqua ou do sujeito se dá, geralmente quando êsses têrmos vêm no rosto da oração ou antes do verbo: "Semelhantes *cortejos*, de contínuo *os* oferece a cidade" — "O *estímulo* da hora, tê-*lo*-ia o jovem pernambucano".

Observe-se, em alguns dos exemplos em que se repete o objeto direto, a vírgula antes da repetição pleonástica, pontuação essa às vêzes exigida pela clareza.

5.ª — Constitui também *pleonasmo* o emprêgo de certas partículas que não fazem parte da oração e dela podem ser suprimidas sem comprometer a clareza nem a construção: "Não *me* desças a escada pela grade" — "Sei *lá* o que quer êle!" — "Que santa *que* é esta mulher!" — "Eu *é que* a isso não me atrevo!" — "Quase *que* caí".

Tais partículas ou locuções se dizem *expletivas*.

6.ª — Próprio da língua portuguêsa é repetir a negação. No falar hodierno emprega-se essa linguagem pleonástica quando a palavra *não* vem mencionada *antes* das outras negativas: "*Não* digas *nada*" — "*Não* tinham coisa *nenhuma* para comer" — "*Não* apareceu *ninguém*" — "O vulto *não* respondeu *nada*" — "*Não* deixara entrar *ninguém*".

Podem-se também empregar em lugar da segunda negação as expressões *coisa alguma, pessoa alguma*: "*Não* vi *coisa alguma*" — "*Não* quero aqui *pessoa alguma*".

O que é êrro é agir de maneira inversa, isto é, colocar um *nem*, um *ninguém*, um *nada* ou outra negativa em primeiro lugar e, depois, acrescentar o *não*. Deve-se redigir "Nem eu pude ver" (e não: Nem eu não pude ver), "Ninguém de nós falou" (e não: Ninguém de nós não falou), "Nada que o contrariasse podíamos fazer" (e não: Nada que o contrariasse não podíamos fazer).

785 — ANACOLUTO (gr. *an* = não, mais *acólouthon* = acompanhado; não conseqüente, não coerente) especifica a figura de regência em que um têrmo da oração vem *sôlto, sòzinho*, sem nenhuma relação sintática com os outros têrmos; vem a ser, por outras palavras, a *interrupção* ou *mudança* de construção já começada, por outra de nexo diferente. Em geral essa interrupção, não raras vêzes elegantíssima, traduz mais fielmente o pensamento do que a coordenação lógica, por si mesma despida de sentimento.

> *Eu* que cair não pude neste engano
> (Que é grande dos amantes a cegueira)
> Encheram-me com grandes abondanças
> O peito de desejos e esperanças (Camões).

OUTROS EXEMPLOS: "*A terra* em que tu morreres, nessa morrerei" — "*Os três reis orientais*, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da Igreja que um era prêto" — "*Eu* me parece que..." — "*Eu* por bem farão de mim tudo, e por mal, nada" — "*Lá a mãezinha, essa, coitada*, é que lhe custou muito eu vir-me embora" — "*Eu* que falo aos olhos dos presentes, não me é necessário deter-me em tão sabido assunto".

São igualmente exemplos de anacoluto muitos provérbios em que as orações não mantêm entre si relação gramatical:

"Quem se bem estréia, bom ano lhe venha"
"Quem te não roga, não lhe vás à voda"
"Bezerrinho que sói mamar, prui-lhe o paladar".

786 —IDIOTISMO (gr. *ídios* = próprio) ou expressão *idiomática* é o têrmo ou dicção existente numa língua, sem correspondente em outros idiomas. Por *idiotismo* se compreendem também as frases e modismos que se afastam dos princípios gerais da sintaxe, sendo, porém, consagrados pelo uso de pessoas cultas e geralmente adotados na boa linguagem.

São *idiotismos* nossos: *a*) O *infinitivo pessoal flexionado*, pois, segundo os princípios gerais da gramática, nenhuma das formas infinitivas deveria tomar desinência pessoal.

b) O emprêgo da locução *é que*, usada expletivamente em "Eu *é que* fiz isso" (= eu fiz isso), "Nós *é que* quisemos assim", "*É* lá *que* o rio se derrama".

Nota — Em casos como êste: "Só depois da chegada *foi que* o assunto mereceu atenções" — o "foi que" não constitui oração; é a mesma locução expletiva "é que", e poderia por esta ser substituída nesse exemplo. É no entanto obrigatória a flexão do verbo, quando há inversão e, ao mesmo tempo, deslocamento do "que". Ou se diz: "Êle *é que* fêz isso" ou "*Foi* êle *que* fêz isso". Tanto o "é que" do primeiro exemplo, quanto o "foi que" do segundo constituem a mesma locução expletiva. Ou se dirá: "*Foram* êles *que* fizeram isso" ou "Êles *é que* fizeram isso".

c) O emprêgo da preposição *de* nas expressões "pobre *do* homem", "coitado *de* meu tio", "o bom *do* velhinho".

d) A anteposição do artigo aos possessivos: *o* meu livro, *os* teus caprichos, *as* nossas relações.

e) A palavra *saudade*, que não encontra tradução perfeita em outras línguas.

QUESTIONÁRIO

1 — Como se denominam as *figuras de regência?*
2 — Quantos casos há de *elipse* e quais são? (Resposta completa e exemplificada).
3 — Faça uma oração com cada um dos verbos *mandar, requerer, pedir, pensar, arpcer*, em que haja elipse da conjunção integrante *que*.
4 — Que é *zeugma?*
5 — Quando e como vem o *zeugma* indicado na frase?
6 — Que é *zeugma antecipado?* Exemplos.
7 — Que diz da oração: "Uma assim é que eu não esperava"?
8 — Diga o que aprendeu sôbre *pleonasmo*.
9 — A oração "Eu por bem farão de mim tudo" encerra anacoluto, isto é, nela existe um têrmo sôlto, sem função sintática; qual é êsse têrmo?
10 — Que vem a ser *idiotismo?* Explique e exemplifique.

Capítulo LVI

COLOCAÇÃO

790 — **Colocação** ou **ordem** é a maneira de dispor, na oração, os têrmos que a constituem ou, num grupo de palavras, os vocábulos que o formam.

COLOCAÇÃO DOS TÊRMOS DA ORAÇÃO

791 — Construímos de ordinário a oração começando pelo sujeito, declarando a seguir algo sôbre o sujeito, ou seja, o verbo, e ajuntando em terceiro lugar têrmo ou têrmos que completem a predicação.

A tal colocação de sujeito, verbo e complemento dá-se o nome **ordem direta** (ou *analítica*, por ser própria de línguas analíticas — § 180, nota).

sujeito verbo complemento
ordem direta

Alterando-se essa disposição dos têrmos, diz-se que a oração está na **ordem indireta** (ou *inversa*, ou *sintética*, por ser própria de línguas sintéticas).

792 — No geral, a ordem direta não é observada em alguns casos, como os seguintes:

793 — A necessidade de externar desde logo o sentimento ou a idéia que nos preocupa pode levar-nos a iniciar a oração com o objeto ou com o predicativo:

Desta água não beberei.
Pão para os filhos pedem estas mulheres.
Livros não tenho melhores que os teus.
Teatro tão grande como êste nunca vi em minha vida.
Cansado estou das tuas queixas.
Tolo serias se o procurasses.
Aos cachorros é que deveria você dar isso.

Nota — A deslocação do sujeito para o fim, ou do objeto para o princípio, não é possível com o pronome relativo, cujo lugar é sempre no princípio, qualquer que seja sua função (Veja o § 796).

794 — Quando se quer chamar atenção especial para o sujeito da frase, é êle deslocado para depois do verbo:

Se nenhum de vós quiser ir, irei *eu*.
Aqui quem perde és *tu*.
Por essa fico *eu*.
Atrás do rei vinham *os fidalgos* da côrte.

Nota — Nem sempre há necessidade de fazer a inversão. Em muitos casos basta recorrer à expressão *é que*, a qual, pelo contraste da acentuação fraca, faz sobressair o vocábulo anterior: "Tu *é que* podias explicar o caso" — "Nós *é que* não podemos ficar aqui" — "Eu *é que* não espero".

795 — Verbo em primeiro lugar, tratando-se de linguagem expositiva, é construção típica para os casos seguintes:

a) Quando se combina o verbo com o pronome *se* para denotar que fica indeterminada a pessoa que pratica a ação:

Luta-se pela existência.
Ganha-se com dificuldade.

b) Quando a oração tem sentido existencial, quer se empreguem os verbos *ser* ou *existir*, quer o verbo *haver*:

Era uma vez um rei.
Existem naquela terra povos de costumes diferentes.
Há muitos prédios elegantes na cidade.

Notas: 1.ª — *Existir* e *haver* ocorrem também pospostos, podendo-se dizer *povos existem*, *homens há* etc., mas esta construção é justamente a inversa. Sucede o mesmo com algumas frases de agente indeterminado.

2.ª — É de uso mencionar o verbo em primeiro lugar nas proposições que têm por fim assinalar uma época em que se enquadram outros acontecimentos. A começarmos pelo sujeito, perderia o enunciado sua fôrça de expressão: "Quando fui eleito deputado, era presidente da república um amigo".

c) Em certas frases em que se determina *tempo*, *distância*, *pêso*, *medida* ou *número*:

São duas horas e meia.
Faltam três laranjas para completar a dúzia.
Era dia claro quando me levantei.
São três léguas a cavalo.

d) Nas *orações condicionais* empregadas sem conjunção:

"*Visse-a* Juno, talvez se abrandaria" — "*Fôsse* filho meu que tão cruelmente te houvesse ofendido..." (V. § 585, n. 1).

e) Quando o predicado é expresso por uma das *formas nominais* do verbo:

> É tempo de *falarem* os fatos.
> *Acabado* o discurso... (V. § 698).
> *Tendo* o orador acabado de falar...

796 — O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer sirva de sujeito, quer de complemento:

> Examinei a jóia *que* êle comprou (obj. dir.).
> Aqui está a casa *em que* morei (adj. adverbial).
> O homem *que* nos recebeu era surdo (suj.).

797 — Interrogações em que se faz uso de alguma das palavras interrogativas *quem, que, quanto, como, por que, onde, quando* constroem-se de ordinário começando-se pela expressão interrogativa e enunciando-se depois o verbo seguido do sujeito, quando êste não é pronome interrogativo:

> *A quem* procura *êle* enganar?
> *Com quem* vives *tu?*
> *Quanto* custa o *metro* desta fazenda?
> *Por que* não deixas *tu* isso para mais tarde?
> *Como* soube *êle* de tal coisa?

Nota — Pode-se, contudo, fazer às vêzes a transposição, quer pondo-se o sujeito no começo da pergunta, quer colocando-se a expressão interrogativa no fim:

> E tu *que* dizes a isto?
> Teu primo *por que* não apareceu?
> Receias *o quê?* (V. § 367).

798 — Nas orações exclamativas os têrmos se colocam como nas interrogativas e admitem análoga transposição:

> *Quantas* lágrimas amargas não verteu ela!
> *Como* é triste a vida neste êrmo!
> Aquêles areais *como* são saudosos e contemplativos!

799 — Certas expressões optativas (e também simplesmente exclamativas) têm construção fixa, empregando-se o verbo sempre no começo; outras se constroem indiferentemente com o verbo em primeiro ou em segundo lugar:

> *Viva* o soldado cumpridor do seu dever!
> *Morram* os traidores!
> *Benza*-vos Deus!
> Deus vos *ajude!*

Nota — Na linguagem optativa também precedem aos demais dizeres as expressões *prouvera a Deus, tomara* (V. § 742), *quem me dera* e outras semelhantes.

800 — Os períodos compostos que têm subordinada substantiva ou adverbial, podem ou não iniciar-se pela principal ("Avise-me quando terminar" ou "Quando terminar avise-me") — exceto se forem empregadas certas expressões como *é necessário*, *é preciso*, *importa*, *cumpre* etc., as quais se dizem em primeiro lugar.

801 — Há elegante deslocação idiomática dos têrmos da oração nas seguintes frases: "*Fácil* é isso de dizer e difícil de fazer" — por: "Isso é fácil de dizer e difícil de fazer". "*Velozes* corriam os dias" — por: "Os dias corriam velozes". "*Chegados* que foram" — por: "Logo que foram chegados". "Êles *que* fujam" — por: "Que êles fujam".

802 — Embora, quando há dois objetos, um direto e outro indireto, não haja colocação fixa para êles (O § 793 deve ser aqui lembrado), costuma-se, na oração declarativa comum, colocar o direto em primeiro lugar quando nenhum dêles é constituído de pronome:

Pretendo distribuir *brinquedos* às crianças.
Esqueci-me de levar *cigarros* para os presos.

Nota — Quando constituídos de pronomes: § 321.

803 — Quando o verbo vem modificado ou acompanhado de vários complementos, êstes devem ser distribuídos de maneira que fiquem uns antes do predicado e outros depois, procurando-se com isso dar não sòmente equilíbrio mas fôrça de expressão ao período; o não cumprimento dessa norma torna o período coxo ou inexpressivo:

Por amor ao filho *lançou-se* o pai ao rio.

Em tais casos, coloca-se em primeiro lugar o complemento mais importante, isto é, aquêle cuja idéia se pretende evidenciar: "*Por causa de um macaco* a mulher perdeu a vida".

804 — Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transposições completamente estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios a do rei potente mimosa filha" (= A filha mimosa do rei potente ama a vivenda dos rios undosos, contrários ao fogo).

"Dos sem conto que há passado maléficos portentos" (= Dos portentos maléficos sem conto que há passado).

Nota — Quanto à colocação do advérbio recorde-se o § 775.

COLOCAÇÃO DO ADJETIVO

807 — No geral, o adjetivo vem depois do substantivo, mormente quando restritivo. Quando explicativo, costuma também vir depois em orações que encerrem comparação ou contraste:

> Comprei uma gravata *vermelha*.
> Vi um prédio *alto*.
> Os meninos *estudiosos* têm mais brio.
> Tomei um café *amargo*.
> Ela tem cabelos *compridos*.
> Experimentei um açúcar *doce* como nenhum outro.
> Água *mole* em pedra *dura*.

Notas: 1.ª — Quando é explicativo e expresso na sua generalidade, sem nenhum interêsse de informação nova nem para formar comparações ou contrastes, o adjetivo costuma vir antes.

> As *tímidas* ovelhinhas pastavam calmamente.

2.ª — Certos explicativos, mormente quando indicativos de côr, têm posição geralmente fixa, ora antes ora depois, conforme o substantivo modificado. Assim enquanto se diz "a safira azul", "o céu azul", "o topázio amarelo", costuma-se dizer "a verde esmeralda", "a branca neve".

3.ª — Em frases de efeito enfático, o restritivo vem geralmente antes:

> Vão passar um *bom* filme.
> Trata-se de um *belo* coração.
> Tenho *brilhantes* alunos na minha classe.
> É sem dúvida uma *grande* cidade.
> Seus *compridos* cabelos.
> Deu o *último* suspiro.

808 — Em muitos casos a anteposição ou posposição do adjetivo acarreta mudança de sentido (§ 360):

bom homem (homem ingênuo)	homem bom (de boas qualidades)
rico homem (homem nobre)	homem rico (endinheirado)
grande homem (eminente)	homem grande (alto)
pobre homem (infeliz)	homem pobre (sem dinheiro)
simples homem (mero homem)	homem simples (homem singelo)
santo homem (homem bom)	homem santo (homem sem mancha)
verdadeiro homem (homem real)	homem verdadeiro (homem veraz)
vários homens (diversos homens)	homens vários (homens diferentes)
gigantes há ladrões	ladrões há gigantes
verdadeira unha	unha verdadeira

Nota — *Rico homem*, na linguagem medieval, significava *homem nobre, fidalgo*. Não tem aplicação no falar moderno.

Rico, anteposto a substantivo, usa-se hoje como equivalente de *valioso, precioso*, e também (em Portugal) com a acepção de *querido, estimado*: *Rica pedraria, ricas jóias*, meu *rico* amigo.

COLOCAÇÃO DE OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

811 — O **artigo,** o numeral **cardinal** e o **ordinal,** as **preposições** e, em geral, os **pronomes adjetivos** vêm antes do substantivo:

Êste homem perdeu *a* vista *em um* combate.
Nosso vizinho possui *muitos* prédios.
Cada criança trazia *duas* cestinhas *com* flôres.

Notas: 1.ª — Há casos, porém, em que a posposição do pronome adjetivo traz graça à expressão: "Homem *êste* que não conheço" — "Venturas *mil*".

Há até um caso em que a posposição dá sentido inverso à expressão: "Homem *algum* nos viu". Confrontem-se:

Em *caso nenhum*
Em *caso algum* } deixarei meu pôsto
Em *nenhum caso*

2.ª — Quando para êles se quer chamar a atenção, os *possessivos* vêm depois:

Filho *meu* não seguirá tal carreira.
Não farão revolta com dinheiro *nosso.*

3.ª — Os *numerais* vêm depois quando designam datas, páginas, monarcas, papas:

Página 25 (vinte e cinco)
Dia *quinze*
Luís *XIV* (catorze)
Carlos *I* (primeiro)
Pio *XII* (doze)

812 — Os *advérbios de intensidade* vêm antes do adjetivo:

Terreno { muito / pouco / mais / menos / tão / bem / assaz } extenso

Carne { bem / mal } assada

Nota — Quanto a *bastante*, veja a nota 3 do § 530 e o § 358.

813 — *Não* e *nem* vêm sempre antes da palavra modificada:

Não fui *nem* irei.
Não vi Pedro *nem* João.

814 — Nas locuções verbais o verbo auxiliar vem normalmente antes:

Tenho visto muita miséria.
O soldado *ficou ferido.*
Deves dizer a verdade.

Nota — Quanto à colocação do particípio e do gerúndio nas orações correspondentes ao ablativo absoluto latino, veja o § 698.

Quanto a outros casos, consulte o *Índice Analítico* sob o verbete "colocação".

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *colocação?*

2 — Ordinàriamente, qual a ordem dos têrmos da oração portuguêsa e que nome recebe?

3 — Cite e exemplifique os principais casos em que a ordem direta não é observada.

4 — Por que razão a oração "O pai lançou-se ao rio por amor ao filho" não é tão expressiva e harmoniosa quanto esta: "Por amor ao filho lançou-se o pai ao rio"?

5 — Quando há dois objetos, um direto e outro indireto, qual dêles costuma vir antes?

6 — Que diz da ordem dos têrmos usada na poesia?

7 — Corrija:

a) A festa acabada, todos se retiraram.

b) O trabalho ficando pronto, podem ir brincar.

8 — Ordinàriamente, o adjetivo vem antes ou depois do substantivo? Especifique e exemplifique.

9 — Dê exemplos de mudança de sentido decorrente de mudança de posição do adjetivo.

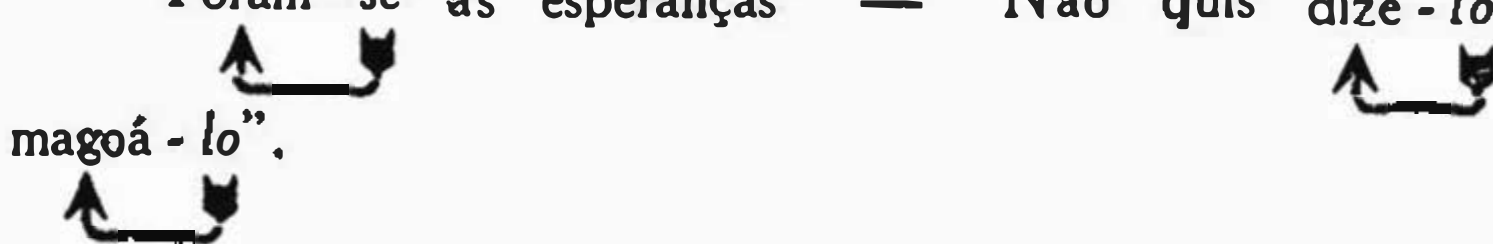
10 — Quando *algum* tem significação negativa? Exemplo.

11 — Corrija (O êrro nestas orações, não está na colocação):

a) Sabia-se que, não obstante a indignação de ambos, Pedro e Paulo, se entenderiam entre êles (V. o 2º exemplo no início do § 408).

b) Devemos procurar uma produção vultuosa.

Capítulo LVII

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

818 — Conforme vimos no § 102, há em português alguns vocábulos sem acentuação própria, sem autonomia prosódica, que se apresentam como sílabas átonas do vacábulo seguinte ou do vocábulo anterior. Entre tais palavras átonas estão compreendidos os pronomes oblíquos *me, te, se, o, lhe, nos, vos* [1], *os, lhes.*

Uma vez átonos e, ao mesmo tempo, com função de complemento verbal, os pronomes oblíquos *terão de apoiar-se,* para efeito de acentuação, nos próprios verbos de que são complementos. Ora, com relação ao verbo, êles podem, na frase, ocupar três posições, podendo vir *antes, depois* ou no *meio* do verbo. Vindo antes, o pronome oblíquo se diz *proclítico* (e a posição se chama *próclise*); vindo depois, *enclítico* (e a posição se chama *ênclise*); vindo no meio, *mesoclítico* (e a posição, *mesóclise*).

Exemplos de *próclise:*

"Não foi isso que *vos* disse" — "Nada *lhe* fiz" — "Nem tudo *se* perdeu".

Exemplos de *ênclise:*

"Foram-*se* as esperanças" — "Não quis dizê-*lo* para não magoá-*lo*".

Exemplos de *mesóclise:*

"Dir-*te*-ei (dir(te)ei) depois o que aconteceu" — "Se fôsse escrita, aprender-se-ia melhor a lição".

---

(1) Não se confundam as formas sem acento *nos* e *vos*, casos oblíquos, com *nós* e *vós*, casos retos, acentuados.

819 — A palavra **regra,** quando se fala em "regras para a colocação dos pronomes oblíquos", deve ser bem compreendida. A causa, o móvel, o eixo, o princípio fundamental, que explica a diversidade de posição, na frase, do pronome oblíquo, é tão só, única e exclusivamente um: a *eufonia* (gr. *eu* = bom + *phoné* = som), isto é, a harmonia, a agradabilidade do som, ou, ainda, a facilidade, a suavidade na pronunciação (Isto se denomina, com mais propriedade, *eustomia* — do gr. *eu* = bom + *stóma* = bôca). Mas que é realmente, em gramática, *eufonia?* Não tem aí a palavra sentido absoluto, conceituação própria, independente, senão relativa: é eufônico, numa língua, o que é habitual, o que é costumeiro, o que é geral, e neste sentido é que o aluno deve compreender afirmações como "a posposição não é agradável ao ouvido", "repugna ao ouvido...". O uso, repito, tanto relativo a um grupo quanto a um indivíduo, é que torna eufônica, ou não, determinada incidência tônica: a agradabilidade do som e a suavidade da pronúncia são decorrência natural do hábito. Nesse sentido, pois, é que se deve compreender, no presente estudo, que "regra não passa de exigência da eufonia ou da eustomia" e, ainda, quando se diz que para os portuguêses não existe o problema da colocação dos pronomes oblíquos; é que êles, *habitualmente*, observam as regras. Êsse estudo iniciou-se e só se faz no Brasil, cuja extensão territorial exige muito mais escolas e muito mais vias de comunicação para que se preserve sua unidade política e lingüística.

REGRAS DE COLOCAÇÃO

820 — Disse no início do § 818 que certos pronomes oblíquos, por serem átonos, apóiam-se, para efeito de acentuação, nos verbos de que são complementos. É isso sinal de que, **em regra geral,** os pronomes oblíquos devem vir depois dos verbos, isto é, devem ser *enclíticos*. Acontece, porém, que em diversos casos essa colocação postverbal não é seguida. Tal acontece ou em virtude do próprio verbo, cuja forma repele depois de si o pronome, ou em virtude de certas palavras colocadas antes dos verbos, as quais atraem o pronome oblíquo para antes do verbo (Vindo depois do verbo, essas palavras nada terão que ver com a colocação do pronome oblíquo). Quer isso dizer que, rigorosamente falando, as formas oblíquas tornam-se enclíticas dessas palavras; no entanto, na prática, toma-se por base o verbo, e daí as três posições já nossas conhecidas, cujas regras passaremos a ver, começando, como é natural, pelo estudo da *ênclise*.

ÊNCLISE

821 — Se é de natureza dos oblíquos funcionar como complementos dos verbos, nada mais justo dizer que, em regra geral, os oblíquos

devem vir pospostos aos verbos. Como é a eufonia que regula esta questão da posição dos oblíquos, podemos formular a seguinte regra:

Quando não há nada que eufônicamente atraia o oblíquo, deve-se dar preferência à posposição: "Os homens *dizem-se* sábios quando..." (melhor do que: Os homens *se dizem* sábios...). "O homem *mantinha-se* de pé" (melhor do que: O homem *se mantinha* de pé). "A menina *machucou-se* tôda" (melhor do que: A menina *se machucou* tôda).

Essa colocação dá mais ênfase à frase.

822 — Uma vez que, para efeito de prosódia, o pronome oblíquo deve apoiar-se no acento do verbo, *não se pode iniciar um período com pronome oblíquo:* "Disseram-*me* isso ontem" e não: "*Me* disseram isso ontem".

823 — Exige a eufonia a posposição dos oblíquos aos *gerúndios:* "Não queira conquistá-lo confiando-*lhe* segredos" e não: "Não queira conquistá-lo *lhe* confiando segredos".

Notas: 1.ª — Existe, para êste caso, uma exceção, motivada pela eufonia. O pronome oblíquo passa a vir antes do gerúndio quando êste estiver precedido da preposição *em* e, ainda mais, quando fizer parte de locuções verbais (V. § 517 e 518): "Em *o* nomeando, fêz o govêrno justiça" e não: "Em nomeando-*o*..." — "Êle está-*se* levantando". Pode a eufonia permitir que, em certos casos de locução verbal, o oblíquo se posponha ao gerúndio.

2.ª — Se a uma forma verbal simples em *ndo* preceder palavra de valor atrativo (§ 827 e ss.), o oblíquo virá antes: "Não *se* revestindo..." — Quando nada houver que atraia, o oblíquo virá depois: "...e, detendo-*nos* para beber água, vimos...".

824 — Além de mais eufônica, é da tradição da língua a posposição dos oblíquos nas orações imperativas: "Ó menino, vai-*te* daqui".

825 — Quanto à **posposição do oblíquo "o"** ao verbo, devemos obedecer às seguintes normas:

1 — nenhuma modificação acarreta ao verbo em formas terminadas em vogal (*amo-o, diga-o*);

2 — transforma-se em *lo*, quando posposto a formas terminadas em *r*, *s* ou *z*, consoantes estas que desaparecem (*amá-lo, amaste-lo, di-lo, fi-lo, ei-lo*);

3 — adquire a forma *no* quando posposto a formas terminadas em *m* (*amam-no, tinham-no*), notando-se que formas como "cercavam-*nos*" exigem cuidado para clareza: o *nos* poderá enquadrar-se no caso presente (= os cercavam) e pode ser forma oblíqua de *nós;*

4 — não se pospõe às formas do futuro nem do particípio (jamais *amarei-o, terei-o, amaria-o,* se eu *fizé-lo, amado-o*).

Exemplos:

amo	+ o = amo-o	tenho	+ o = tenho-o
amas	+ o = ama-lo	tens	+ o = tem-lo
ama	+ o = ama-o	tem	+ o = tem-no
amamos	+ o = amamo-lo	temos	+ o = temo-lo
amais	+ o = amai-lo	tendes	+ o = tende-lo
amam	+ o = amam-no	têm	+ o = têm-no

Notas: 1.ª — O aluno atento saberá, mediante as regrinhas e os exemplos acima dados, encontrar tôdas as formas verbais que podem vir com o "*o*" posposto (V. § 121 e 124. V. § 243, B, obs. 2).

2.ª — A desinência pessoal *mos* perde o *s* antes de formas pronominais enclíticas: *preparamo-nos, fizemo-lhes, demo-los.*

Pode-se operar a supressão do *s* tanto com a primeira quanto com a segunda pessoa do plural e tanto com *nos* e *vos* como com qualquer outro pronome oblíquo.

Louvamo(s)-nos, louvamo(s)-vos, louvamos-lhe ou *louvamo(s)-lhe o arrôjo, louvamo(s)-los, louvemo(s)-te, ó Deus. Vós recriminaste(s)-nos, recriminaste(s)-lo, recriminaste(s)-lhe vós a imprudência.*

Gramaticalmente não se pode dizer errada a forma *queixamos-nos.* Se outro, no entanto, é o uso geral, explica-o a facilidade, ou melhor, o hábito da pronúncia, o qual regula a omissão ou não do *s* final nos diferentes casos.

826 — V. § 776, 3, nota (*Complemento comum*).

PRÓCLISE

827 — Há casos em que o verbo perde sua fôrça enclítica, o que é motivado pela anteposição, aos verbos, de partículas que, para efeito de eufonia, atraem o pronome oblíquo; tal se dá nos seguintes casos:

828 — Nas orações negativas, uma vez que a negativa, quer constituída de advérbio, quer de pronome, quer de conjunção, atrai o pronome oblíquo para antes do verbo: "Nada *lhe* fiz" e não: "Nada fiz-*lhe*" — "Ninguém *o* conhece" e não: "Ninguém conhece-*o*" — "Êle não foi nem se deixou levar" e não: "... nem deixou-se levar".

Outros exemplos: "Não *me* é lícito" — "Não *me* seria possível".

Nota — Entre escritores, clássicos e modernos, é muito comum a elegante deslocação do pronome oblíquo para antes do *não*: "Eu *o não* vi" — "Contanto que *se não* atreva a passar" — "... que *me não* pode dar" — "Se *lhe não* houvesse dito...". Procedimento semelhante é o da anteposição do oblíquo ao reto em outros casos de próclise: "...quando *lhes* eu dou a ler alguns dêstes oitenta discursos".

829 — Com certas conjunções coordenativas aditivas e comparativas (*nem, não só... mas também, que*): "Não foi nem se lembrou de

levar" — "Não só *me* disse que ia, mas também *me* pagou a viagem" — "Diz-me com quem andas, que eu *te* direi quem és".

830 — Com as alternativas *ou... ou, já... já, quer... quer, ora... ora, agora... agora, quando... quando*: "Quer *o* diga, quer *o* não diga" — "Ora *se* arrepende, ora *se* revolta".

831 — Com os adjetivos e pronomes relativos (*que, qual, quem, cujo*): "O livro que *me* deu é bom" — "Aí está o livro cujas páginas *se* estragaram".

832 — Com as conjunções subordinativas:

Integrantes — "Disse que *se* ia embora".
Causais — "Dei-lho porque *mo* pediu".
Comparativas — "Isso é mais bonito do que *lhe* parece".
Concessivas — "Embora êle *se* arrependa..."
Condicionais — "Perdoai-me se *vos* ofendi".
Consecutivas — "Portou-se tão bem que *o* elogiaram".
Finais — "Dou-lhe êste livro para que *se* lembre sempre de mim".
Temporais — "Quando eu *te* vi pela primeira vez..."
Proporcionais — "À medida que *se* preparava o trabalho..."
Conformativas — "Conforme *se* vê..."

Notas: 1.ª — Não se esqueça o aluno disto: A *eufonia* é o primeiro fator que regula a posição do oblíquo. Nesta frase: "...porquanto atirá-*la*-ia...", o oblíquo está eufônicamente bem colocado, não obstante o "porquanto" que antecede o verbo. A posição: "...porquanto *a* atiraria..." é desagradável ao ouvido.

2.ª — Caso curioso opera-se com o *que* integrante: atrai o oblíquo ainda quando oculto pela figura elipse: "Requeiro *se* digne a Presidência informar..." — "Peço-lhe *me* deixe ir".

833 — Nas orações optativas: "Bons olhos *o* vejam" (e não: "Bons olhos vejam-*no*") — "Bons ventos *o* levem" (e não: "Bons ventos levem-*no*").

834 — Com os indefinidos (*algum, alguém, diversos, muito, tudo, vários* etc.), quando vêm antes do verbo: Tudo *lhe* dei, saúde e dinheiro" (e não: "Tudo dei-*lhe*...") — "Pouco *se* faz em prol do idioma pátrio" (e não: "Pouco faz-*se*...").

835 — Com os advérbios, quando precedem ao verbo: "Sempre *lhe* disse" (e não: "Sempre disse-*lhe*") — "O que aqui *me* fizeram" (e não: "O que aqui fizeram-*me*").

836 — Repugna ao ouvido a colocação dos pronomes oblíquos depois do *particípio*. Jamais se dirá: "Os pais têm descuidado-*se* da formação moral dos filhos" — Ou se diz: "Os pais têm-*se* descuidado da formação moral dos filhos" ou: "Os pais *se* têm descuidado da formação moral dos filhos".

Em tais casos, o pronome oblíquo deverá apoiar-se no verbo que antecede ao particípio. Mesmo que entre o verbo e o particípio haja uma locução, o pronome oblíquo deverá vir junto do verbo. Ou se diz: "Os pais *têm-se*, embora inconscientemente, *descuidado* da formação moral dos filhos" — ou: "Os pais *se têm*, embora inconscientemente, *descuidado*..." ou: "Os pais *se têm descuidado* embora inconscientemente..." — mas nunca: "Os pais *têm*, embora inconscientemente, *se descuidado*..." — deixando-se o *se* sôlto e desamparado do seu apoio, que é o *têm*.

Seja qual fôr a forma que se dê a essas orações, o pronome oblíquo deverá prender-se ao auxiliar e não ao particípio.

PAUSA — DISTÂNCIA — LIBERDADE POÉTICA

837 — Mais uma vez lembro ao aluno: A causa, o móvel, o eixo, o princípio fundamental, que explica as várias posições do pronome oblíquo, é tão só, única e exclusivamente um: a **eufonia**. As regras para a colocação dos pronomes oblíquos são efeito — decorrente da eufonia — e não causa. Pois bem, a mesma eufonia que determina o cumprimento das regras da próclise pode determinar as exceções; para isto, três fatôres podem concorrer: a *pausa*, a *distância* e a *liberdade poética*.

838 — PAUSA: Vimos há pouco que os advérbios atraem os oblíquos; suponhamos, no entanto, uma oração como esta: "*Antigamente* passava-se o caso de outro modo". O não cumprimento, à primeira vista, da regra (*Antigamente* deveria atrair o oblíquo: § 835) evidencia uma *pausa* depois do advérbio; por causa dessa pausa, perde êle sua fôrça atrativa, obrigando-nos ao cumprimento da segunda regra da ênclise: "Uma vez que, para efeito de prosódia, o pronome oblíquo deve apoiar-se no acento do verbo, não se pode iniciar um período com pronome oblíquo".

A anteposição ou a posposição do oblíquo denuncia-nos como deve ser feita a leitura e, conseguintemente, a intenção do autor no assim

redigir a oração. Construções como: "*Aqui* canta-se, *ali* dança-se" — denunciam-nos, evidentemente, uma pausa depois dos advérbios *aqui* e *ali*, como se aí existisse vírgula; a leitura seguida, sem pausa, não é eufônica nem expressiva.

Não devemos, pois, estranhar colocações como estas de Antônio Vieira: "Porque *hoje* pregam-*se* palavras e pensamentos, e *antigamente* pregavam-*se* palavras e obras". A posposição pronominal força o leitor a parar depois dos advérbios *hoje* e *antigamente*. Isso requerem a eufonia e a energia de expressão.

Concluindo: Havendo pausa, perde a partícula o valor atrativo: "Aluguei uma casa *que*, diga-se de passagem, não vale uma pataca".

839 — DISTÂNCIA: Se entre a palavra de valor atrativo (advérbi, indefinido, relativo, conjunção subordinativa, partícula negativa) e o verbo houver uma locução, um parêntese, uma oração interferente, se, enfim, houver *distância*, perderá essa palavra o valor atrativo, desobrigando a anteposição do oblíquo: "*Nada*, apesar de tôda a boa vontade, torna-*o* digno do lugar" (em vez de: "*Nada*, apesar de tôda a boa vontade, *o* torna digno do lugar") — "É que nós conhecemos a vida pública dos visigodos, e não a sua vida íntima, *enquanto* os séculos da Espanha restaurada revelam-*nos* a segunda" (em vez de: "...*enquanto* ...*nos* revelam...") — "...flor *que*, disse êle, chama-se dália".

840 — LIBERDADE POÉTICA: Perguntaram-me certa vez se não havia êrro no seguinte verso da "Sagres" de Bilac: "Em *que* soidão o sol sepulta-*se*". Insistindo em sua dúvida, perguntava o consulente: "O pronome se não é atraído pelo *que*?" — Limitei-me a responder, estribado numa passagem de Horácio (Arte Poética, 9, 10), que ao poeta tudo é permitido; de tantas liberdades goza êle, que é mais fácil, quanto à pureza gramatical, a redação de uma poesia que a de um trecho em prosa.

Importa acrescentar que no caso presente não ficaria eustômica a seqüência de três *ss:* "Em que soidão o sol se sepulta".

MESÓCLISE

841 — Repugna ao ouvido, nas formas do **futuro do presente** e nas do **futuro do pretérito**, a posposição dos oblíquos. A não ser que tenha os ouvidos inteiramente estragados, ninguém irá dizer *farei-te, fará-nos, fará-vos, faremos-lhe, faríamos-lhe* etc. Se tais formas iniciarem o período, torna-se forçada a colocação dos pronomes no meio do verbo: *dir-te-ei, dar-me-ás, far-vos-á, encontrar-nos-emos, queixar-vos-eis, castigar-nos-ão, vender-te-ia, dar-lhe-íamos* etc.

Ainda que essas formas não iniciem período, pode-se empregar a mesóclise, bastando para isso que não exista nenhuma palavra de valor

atrativo que obrigue a próclise: "O tempo *dir-lhe-á* quem está com a verdade".

Nota — Erros gravíssimos são mesóclises como estas: *dizer-te-ei, fazer-lhe-ia, trazer-lhe-á*. Excluídos os oblíquos, teríamos: *dizerei, fazeria, trazerá*, inomináveis erros de conjugação. O certo é: *dir-te-ei, far-lhe-ia, trar-lhe-á* (V. § 463, 4, obs. 4).

OS OBLÍQUOS E O INFINITIVO

842 — Com um pouco de ouvido, fácil se torna a correta colocação dos oblíquos, quando o verbo da oração não está no infinitivo. Quando o verbo da oração é empregado nesta forma nominal, surgem então as dificuldades; à eufonia da expressão vêm agora juntar-se o estilo do autor e a função do oblíquo.

Não prometo eliminar tôdas as dúvidas nem entrar em tôdas as minúcias, mas o possível farei para, com clareza e método, expor o assunto.

843 — O artigo, por ser palavra de valor tônico nulo, não tem fôrça atrativa sôbre o oblíquo: "*O* queixar-se o paciente não influi no tratamento".

Nota — Ainda que o artigo venha combinado com a preposição, continua sem valor atrativo sôbre o pronome: "A vantagem está *no* criarem-se os filhos".

844 — As preposições e locuções prepositivas (quando desacompanhadas de artigo) dão liberdade à anteposição ou posposição do oblíquo: "*Sem os* perder de vista" ou "*Sem* perdê-*los* de vista" — "*Depois de se* esvair o sangue" ou "*Depois de* esvair-se o sangue" — "*Até se* descobrir o assassino" ou "*Até* descobrir-se o assassino" — "*Para o* castigar" ou "*Para* castigá-*lo*".

Exceções: *a*) A preposição *por* repele depois de si os oblíquos *o, a, os* e *as*: "*Por* traí-*lo*, foi castigado" (e não: "*por o* trair...") — "*Por* quererem-*nos* presentes, mandaram entrar" (e não: "*Por os* quererem...").

Os antigos redigiam: "Eu me esforcei *pelo* conseguir", combinando o *per* com o oblíquo; não só a combinação mas a própria anteposição do oblíquo caiu em desuso.

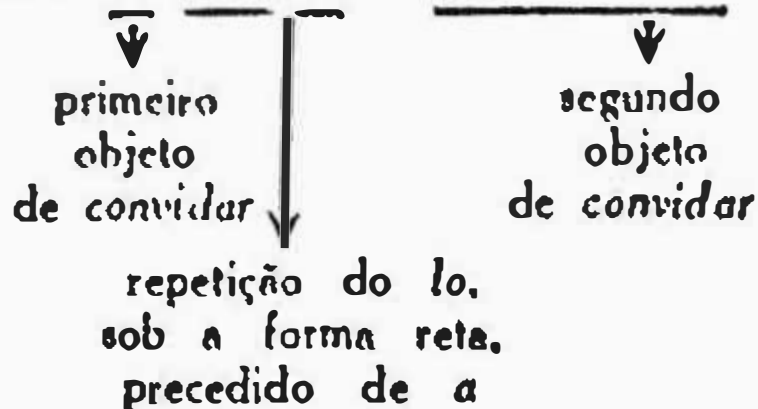
Tratando-se de outros oblíquos, é indiferente a colocação: "*Por nos* impedir a lei" ou "*Por* impedir-*nos* a lei".

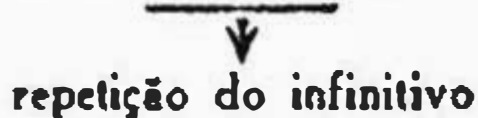
b) A preposição *a* não permite depois de si os oblíquos *o, a, os* e *as*: "*A* deixá-*lo* ficar prefiro morrer" — e não: "*A o* deixar ficar...".

Visa esta norma a evitar o hiato: "Passei *a o* castigar". — Uma vez que, com os outros oblíquos, não se dá o hiato, torna-se livre a colocação: "*A* aceitar-*te*" ou "*A te* aceitar".

845 — Quando uma preposição rege mais de um infinitivo, a regra, bem como as exceções, continua a mesma para o primeiro infinitivo, mas os outros infinitivos deverão trazer os oblíquos depois de si: "*Para* castigá-*lo*, corrigi-*lo* e educá-*lo*" ou "*Para o* castigar, corrigi-*lo* e educá-*lo*" (mas não: "*Para o* castigar, *o* corrigir e *o* educar" nem: "*Para* castigá-*lo*, *o* corrigir e *o* educar").

846 — Se a preposição rege um infinitivo que possui outro complemento além do pronome oblíquo, êste deverá vir posposto ao verbo. Quando o infinitivo está nessas condições, ou se repete o primeiro pronome (precedido de *a*), ou se repete o infinitivo:

1.ª forma: "Para convidá-*lo* *a você* e *sua senhora*"

2.ª forma: "Para convidá-lo e *convidar* sua senhora"

repetição do infinitivo

OUTROS EXEMPLOS: "Com salvar-me *a mim* e *a ela*" ou "Com salvar-me e *salvá-la*" — "Não é para humilhar-te *a ti* nem *teus companheiros*" ou "Não é para humilhar-*te* nem *humilhar* teus companheiros".

Há ainda a variante, para certos casos, exposta no § 683, 7.

847 — Havendo, num período, dois infinitivos que indiquem contraste, cada qual com sua preposição e respectivo pronome oblíquo, êste deverá vir posposto ao infinitivo: "Não será *para* prendê-*lo*, mas *para* resguardá-*lo*".

848 — IMPORTANTE: Tratando-se de infinitivo impessoal, as partículas negativas, os advérbios, os pronomes relativos e as conjunções subordinativas não têm fôrça atrativa sôbre os oblíquos; êstes podem continuar a ficar depois dos infinitivos e, note-se, esta era a posição preferida pelos clássicos: "Sem *nunca* alcançá-*lo*" — "Por *não* amá-*lo* é que tal fêz".

849 — As partículas negativas sòmente obrigam a anteposição do oblíquo ao infinitivo quando êste é pessoal e flexionado: "Para *não vos divertirdes*" — "Julgamos oportuno *não nos afastarmos*".

850 — Mais de acôrdo com a análise, os clássicos preferiam a posposição dos oblíquos ao infinitivo quando êste dependesse dos verbos *dever*, *poder*, *querer*, *mandar*, *ir* e outros: "Êle deve pagar-me" — de

preferência a: "Êle deve *me* pagar". — "Pode mandar-*nos* a mercadoria" — de preferência a: "Pode *nos* mandar a mercadoria". — "Êle deve queixar-se" — de preferência a: "Êle deve se queixar".

Observações: 1.ª — Quando, em casos como êsses, há uma partícula de valor atrativo antes dos dois verbos, o oblíquo será colocado ou antes do primeiro ou depois do segundo e nunca entre os dois verbos: "Não o quero melindrar" — ou "Não quero melindrá-*lo*" (e nunca: "Não quero-o melindrar") — "... homens que *lhe* devem dar" ou "... homens que devem dar-*lhe*" (e nunca: "... homens que devem-*lhe* dar") — "Êle que se vá queixar" ou "Êle que vá queixar-se" (e não: "Êle que vá se queixar").

2.ª — Quando também o verbo de que depende o infinitivo está no infinitivo, o pronome pode vir antes do infinitivo de que é complemento: "Mandei o empregado embora por não podê-*lo* suportar" ou "... por não poder suportá-*lo*".

3.ª — Note-se a diferença entre as construções "O diretor mandou-*me* inscrever" e "O diretor mandou inscrever-*me*". No primeiro caso, *me* é o agente (sujeito) de *inscrever*, sendo, no segundo exemplo, o recipiente (objeto direto) de *inscrever*. O primeiro exemplo corresponde a: "Mandou que eu me inscrevesse"; o segundo: "Mandou que inscrevessem a mim".

4.ª — Quando o pronome *se* indica passividade, êle pode ficar entre o infinitivo e o verbo de que o infinitivo depende: "Deve-se repartir a herança" — "Promete-se acabar com as injustiças" — "Pode-se ver o que fêz êle" — "Peixes podem-se pescar...".

QUESTIONÁRIO

1 — Onde se apóia o acento dos oblíquos átonos?
2 — Qual o fator que mais influi na colocação dos pronomes oblíquos? (§ 819).
3 — Que sentido tem, em gramática, a palavra "eufonia"?
4 — Quantas posições pode o pronome oblíquo ocupar na frase? Como se denominam essas posições e como, em cada caso, passa a chamar-se o pronome? Dois exemplos de cada caso (§ 818).
5 — Quais os fatôres que podem alterar a colocação dos oblíquos? — Resposta completa e exemplificada (V. § 837 e ss.).
6 — Que diz da colocação dos oblíquos junto a infinitivos impessoais, quando existem partículas atrativas antes dêsses infinitivos? (§ 848).
7 — Dizer o que acha da colocação pronominal das seguintes orações:
a) Vamos nos apresentar em um espetáculo.
b) Vieram me dizer que...
c) Para o castigar, o corrigir e o educar...
d) Deve repartir-se a herança entre todos.
8 — Que outra forma podemos dar à construção: "Não é para humilhar-te nem humilhar teus companheiros"?
9 — Corrija a colocação do oblíquo nas seguintes orações:
a) O ministro tinha, desde o ano passado, se desinteressado do assunto.
b) O candidato havia, dentro do prazo legal, se desincompatibilizado para a eleição.
c) Da decisão proferida a exeqüente interpôs embargos declaratórios, tendo o tribunal os rejeitado.
d) Naquele dia em que estava se fazendo...
e) Nuvens que vêm se adensando.
f) Requeiro que a Presidência digne-se informar...
g) Eis que chegar-se-ia à conclusão...
h) Quando ia me retirar...
i) Em elegendo-o, o povo praticou ação justa.
j) Tudo fiz-lhe para curá-lo.

Capítulo LVIII

COLOCAÇÃO IRREGULAR

853 — Uma das belezas que o português, mais do que as línguas suas irmãs, conservou do latim é a liberdade no dispor os têrmos da oração. Essas liberdades, ou melhor, essas inversões se reduzem a quatro *figuras:*

Hipérbato
Anástrofe
Tmese
Sínquise

854 — HIPÉRBATO, ou **transposição,** é nome que designa os casos de inversão em que se interrompem dois têrmos, que entre si se relacionam, para dar lugar à interposição de outro têrmo:

"Em pesada *caiu* melancolia"

palavra que interrompe a seqüência de dois têrmos que se relacionam: *pesada* e *melancolia*

Outros exemplos: "O das águas *gigante* caudaloso" (= O *gigante* caudaloso das águas) — "*Suporta* dos homens *tormentos*" (= *Suporta tormentos* dos homens) — "... é d'alma *um arroubo* em ânsias d'amor" (= ... *é um arroubo* d'alma...) — "... estão *ladeando* do Eterno Padre *o luminoso sólio*" (= ... estão *ladeando o luminoso sólio* do Eterno Padre).

855 — ANÁSTROFE (gr. *anastrophé* = inversão) é nome que designa a simples inversão dos têrmos da oração, isto é, a deslocação do sujeito, do verbo ou dos complementos:

"... que *escuta* dos angélicos coros *a harmonia*"

em vez de: "... que *escuta a harmonia* dos angélicos coros".

Outros exemplos: "Um mundo de vapôres no ar flutua" (... flutua no ar) — "Mas aos pombais as pombas voltam, e êles aos

corações não voltam mais" (Mas as pombas voltam aos pombais, e êles não voltam mais aos corações) — "Mas à nossa residência traz de dezembro a inclemência delícias a plenas mãos" (Mas a inclemência de dezembro traz delícias à nossa residência, a mãos plenas) — "Nos vergéis suaves, cantam as aves, sem cessar, amôres" (As aves cantam amôres nos vergéis suaves, sem cessar).

856 — TMESE (gr. *tmêsis* = *corte*) é como se denomina a intercalação dos oblíquos no futuro do presente e no futuro do pretérito: dir-*lhe*-ei, dir-*lhe*-ia (V. § 841).

857 — SINQUISE (gr. *sýnchysis* = confusão) é o nome da figura de colocação que consiste na transposição violenta de têrmos, produzindo certa confusão artística das palavras: "Enquanto manda as ninfas amorosas, *grinaldas* nas cabeças pôr *de rosas*" (= ... pôr grinaldas de rosas nas cabeças) — "*A grita* se levanta ao céu, *da gente*" (= A grita da gente se levanta ao céu).

Nota — Observe o aluno, nesses dois exemplos de sínquise, a importância e necessidade da vírgula (depois de *amorosas*, no primeiro exemplo, e depois de *céu*, no segundo), sem a qual impossível se tornaria distinguir o sentido das orações.

858 — A figuras acima vistas são mui freqüentes na poesia; delas, no entanto, não deve abusar o poeta a ponto de tornar obscuro ou ambíguo o período como se vê nesta passagem:

> Entre *todos* com o dedo eras notado,
> *Lindos moços* de Arzila, *em galhardia*. — (§ 804).

TIPOS SINTÁTICOS DIVERGENTES

859 — Quer quanto à *concordância*, quer quanto à *regência*, quer quanto à *colocação* pode uma oração ser construída variadamente, sem que o sentido se altere. Essas variações se denominam **tipos sintáticos divergentes** ou *tipos sintáticos equivalentes*.

860 — Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **concordância** (*):

Era tudo flôres	*Eram* tudo flôres
Passará o céu e a terra	*Passarão* o céu e a terra
Chamam-te fama e glória *soberana*	Chamam-te fama e glória *soberanas*
Mas contigo se *acabe* o nome e a glória	Mas contigo se *acabem* o nome e a glória
Os primeiros lugares *leve-os* João e Diogo	Os primeiros lugares *levem-nos* João e Diogo
A língua e a poesia *portuguêsa*	A língua e a poesia *portuguêsas*
Palavras de gênero *masculino*	Palavras de gênero *masculinas*

(*) Tirados da Gramática Expositiva de E. C. Pereira.

861 — Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **regência**:

Usar de roupa branca	Usar roupa branca
Êle deve de fazer	Êle deve fazer
Tirou a espada	Tirou da espada
Cercado de soldados	Cercado por soldados
Anda falando	Anda a falar
Perecer à fome	Perecer de fome
Tenho-o por honesto	Tenho-o como honesto
Creio ser êle bom	Creio que êle é bom
Entrar a barra	Entrar na barra
Esta água não beberei	Desta água não beberei
As povoações parece terem sido habitadas	As povoações parecem ter sido habitadas

862 — Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **colocação**:

Ao campo damasceno o perguntara	Perguntara-o ao campo damasceno
Gália ali se verá	Ver-se-á Gália ali
Esta é a ditosa pátria minha amada	Esta é a minha ditosa pátria amada
Nomes com que se o povo néscio engana	Nomes com que o povo néscio se engana
Novos mundos ao mundo irão mostrando	Irão mostrando ao mundo novos mundos

863 — O tipo sintático pode ser duplo, triplo, quádruplo etc.: "Amor às lêtras, *para as* lêtras" — "Bruto matou César, a César matou Bruto, Bruto a César matou, Bruto matou a César, matou a César Bruto, matou Bruto a César".

Obs. — Alguns alunos, no responder à pergunta 2 do questionário, apresentam orações com têrmos diferentes, o que não é acertado. Tratando-se de divergência de regência, é claro que haverá certa mudança no complemento, mas o têrmo, isto é, o núcleo, o complemento empregado deverá ser o mesmo. Tratando-se de divergência de concordância ou de colocação, os têrmos devem ser absolutamente idênticos, só variando, só divergindo a concordância ou a colocação. Havendo mudança de têrmo ou de significado, deixará de existir divergência sintática.

Além disso, deve o aluno dar as duas formas divergentes, como neste exemplo: cumprir o dever — cumprir com o dever.

QUESTIONÁRIO

1 — Quantas e quais as *figuras de colocação?* — Resposta completa, pormenorizada e exemplificada (De sinquise não é necessário dar exemplo).

2 — Que são *tipos sintáticos divergentes?* — Um exemplo de cada caso, que não conste na lição.

3 — Corrija, *justificando* as correções, os seguintes textos:

a) Me parece que já lhe encontrei hoje nalgum lugar.

b) Os jornais ocultaram do público parte dos fatos, iludindo-lhe quanto à extensão do desastre.

c) Se tivéssemos intervido mais cedo, o resultado teria sido favorável à nós (§ 464, 3, obs. 2).

d) Se eu ver que não chego à tempo, lhe telegrafo, que é para mim ser substituído. Mas lhe peço um grande obséquio: me espere para a última discussão, a qual estarei presente (§ 463, 14 — Cuidado com a colocação dos oblíquos).

e) Mandei o empregado na farmácia, que levou também uma carta para pôr na caixa do correio (§ 376).

f) Ela tinha me pedido para levar você comigo, mas se você não quer ir, não insisto consigo (§ 581, n. 1 — § 408).

g) Sua tia, nesta carta, reitera os conselhos que dera-lhe.

h) Quando Carlos soube que o delegado nos detera, veio logo e assistiu todo o interrogatório (§ 431, obs. — § 777).

i) A missa foi assistida por muitas pessoas gradas, que mostravam-se muito compungidas.

CAPÍTULO LIX

VÍCIOS DE LINGUAGEM

866 — *Vícios de linguagem* são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam ou dificultam a manifestação do pensamento.

867 — São os seguintes os *vícios de linguagem:*

1 — Barbarismo	6 — Hiato
2 — Solecismo	7 — Eco
3 — Anfibologia	8 — Colisão
4 — Obscuridade	9 — Preciosismo
5 — Cacofonia	10 — Provincianismo

868 — **BARBARISMO** ou **peregrinismo** ou **estrangeirismo** (Para latinos *bárbaro* era todo o estrangeiro) é o emprêgo, na língua, de palavras estranhas na *forma* ou na *idéia*, ou inteiramente desnecessárias ou contrárias à sua índole (Note-se bem: quando *necessário*, deixa de constituir barbarismo).

O barbarismo pode estar já no vocábulo, já na frase, donde a divisão em barbarismos vocabulares ou *léxicos* e barbarismos *fraseológicos*. Assim, quem emprega a palavra *habitué* (de origem francesa), em vez de *freguês, freqüentador*, pratica um barbarismo *léxico*, por estar empregando uma palavra estrangeira, desnecessária; quem, agora, diz "boa manhã" em vez de *madrugada* pratica um barbarismo *fraseológico*, porque já não são os vocábulos, em si, que são estrangeiros, mas o fraseado, a locução (também aqui de origem francesa).

Tais *estrangeirismos* se discriminam pela língua de que procedem: *galicismo* (da *Gália*, antigo nome da França), *anglicismo* (do inglês), *castelhanismo* (do espanhol) etc.

Nota — O que determina a inclusão de uma palavra no vocabulário de uma língua é, sem dúvida, o uso, caprichoso na escolha e, muitas vêzes, ingrato a ponto de rejeitar o que é prata de lei para substituir por desprezível escória:

> Multa renascentur quae jam cecidēre, cadentque
> Quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus,
> Quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi.

(Horácio, *Arte poética*, 70)

(Muitas palavras que já caíram renascerão, e as que agora estão em voga e estimação também hão de cair se assim o quiser o uso, o qual é o juiz, o árbitro e a regra da linguagem).

Não disse Horácio que tanto mais caprichoso é o uso quanto menos escolas tem o povo.

869 — Galicismo — Mais do que qualquer outra língua, tem o francês concorrido para abastardar ou barbarizar a nossa. As causas dessa influência achamo-las não só nas primitivas relações históricas de Portugal com a França, que lhe forneceu a dinastia fundadora de sua nacionalidade no século XII, como também na disseminação entre nós da literatura francesa. Por esta razão bradam constantemente nossos puristas contra o *galicismo* ou *francesismo*, não só *léxico* ou no *têrmo*, mas *sintático* ou na *frase*.

Há galicismos e galicismos, isto é, há os que se admitem, ou chegam até a justificar-se, e há-os inadmissíveis, injustificáveis, meramente escusados e graciosos. A permuta de vocábulos é, até certo ponto, admissível entre as diversas línguas como consectário do comércio ou intercâmbio internacional. São aceitáveis os que servem para nomear objetos, artefatos, usanças, ritos, privativos ou originários de nação estranha, bem como produtos da flora, da fauna ou da geologia local, quando, em vez de designados por nome técnico científico, ou nome universitário com equipolentes nos outros idiomas, o são por antonomásia filiada a tradições ou acidentes meramente indígenas. Neste caso, porém, indispensável se torna que o vocábulo exótico, ao entrar no português, se expunja desde logo de todos os estigmas, que lhe assinalam a ascendência, isto é, da marca exótica, do cunho alienígena, e sofra a naturalização, transplantação ou aclimação, vestindo-se dos caraterísticos idiomáticos, adaptando-se à mesma forma daqueles com que vem concorrer, assumindo na república de palavras, que é o vocabulário ou léxico, a côr ambiente, a feição mesológica, o tipo ou a fácies consentânea com a fisionomia da língua do país.

Em regra, a transplantação do francês para o português obedece às seguintes normas de alteração:

a) Os sons fechados convertem-se em abertos: assim, domino, paletot, bonnet, filet, cabriolet, triolet, livrée, baudrier, fricassée, chapiteau etc. passaram para o português: dominó, paletó, boné, filé, cabriolé, triolé, libré, boldrié, fricassé, chapitéu.

Mui raramente ocorre a conversão de voz "nasal fechada" em "oral aberta"; registra-se capilé, de capill*aine*, ou a de "som aberto" para "fechado": registre-se br*ai* (bré), que passou a br*eu* (brêu).

São violações dêsse preceito: *bouffet*, *bébé*, *cachenez*, *coupé*, *landaulet*, *balancé*, *camelot*, *carnet*, que no Brasil se pronunciam à francesa; os portuguêses, porém, muito mais ciosos da fisionomia prosódica do idioma pátrio, pronunciam à lusitana: *bufé*, *bébé*, *cachené*, *cupé*, *landolé*, *balancé*, *cameló*, *carné*.

b) A voz nasal *on* ditongaliza-se em *ão*, ditongo êsse que é o maior, o mais belo idiotismo prosódico de nossa língua, e tão nosso, tão local, tão arraigadamente étnico, que lábios estrangeiros dificilmente logram emiti-lo em sua pura e clara eufonia, só o conseguindo ao cabo de muitos anos de aclimação. Assim, odeon, plastron, panteon, partenon devem ceder a odeão, plastrão, panteão, partenão. Confrontem-se os vocábulos alerião (de alerion), armão (de armon), Avinhão (de Avignon), bar-

bilhão (de barbillon), betão (de beton), camião (de camion); *caminhão* é a forma consagrada, mas errada, pois nada tem a palavra que ver com *caminho*), cantão (de canton), carampão (de grampon), carrilhão (de carrillon), Rubicão (de Rubicon), valão (de wallon, dialeto francês, falado na Bélgica) etc.

Excetuam-se as palavras francesas *bonbon* (que deu em português *bombom*, por influência analógica do adjetivo *bom*, com o qual nada tem de afim morfològicamente), *bothrion* (que deu *bótrio*, por influência do grego *bóthros*) e a interjeição *chiton!* (de *chut donc*).

Coupon deve dar em português *cupão*, cujo plural é *cupões*.

c) A desinência feminina e passa para *a*: bobin*a* (de bobine), ágat*a* (de agate), aléi*a* (de allée), babuch*a* (de babuche), badern*a* (de baderne), marmit*a* (de marmite), opal*a* (de opale), barbotin*a* (d barbotinc), vals*a* (de valse), avalanch*a* (de avalanche), Baion*a* (de Bayonne) etc. Coqueluche é forma errônea, já consagrada, que deveria ter dado coqueluch*a*. Dresd*a* (capital da Saxônia) é forma preferível a Dresde.

d) A desinência masculina e passa a *o*, ou alonga-se em *io* ou *eo*: azôt*o* (azote), carbon*o* (carbone), contrôl*o* (controle), creosot*o* (creosote), estér*eo* (estere). Cyclone, cerne, telephone são formas que deveriam ter dado ciclono, cerno, telé*f*ono (como no italiano) ou telefôn*io*.

e) O sufixo *age* passa a *agem*: cliv*agem*, embal*agem*, esclav*agem*, colmat*agem*, de cliv*age*, emball*age*, esclav*age*, colmat*age*.

f) O ditongo *ou* passa a *u*: bugre, calembur (de bougre, calembourg). Excetua-se carrocel (de carrousel), por influência dos cognatos carroça e carro.

g) O ditongo *eau* passa a *o*: burocracia por bur*eau*cracia (de bur*eau*cratie).

h) O *c* final passa a *que*: opodeldo*que* (de opodeldoc), cavanha*que* (de cavaignac). Co*gnac* deve naturalizar-se em con*haque*.

i) O sufixo diminutivo *ette* (aberto) passa a *êta* (fechado): bacin*eta* (de bassin*ette*), barb*eta* (de barb*ette*). Essa a razão por que se deve dizer *coquêta*, *raquêta*, *grisêta*, *lorêta*, *plaquêta*, *marquêta*, *camionêta*.

Biciclêta deveria ser a forma portuguêsa, mas *biciclêta* é forma já arraigada e generalizada.

j) O grupo consonantal *gn* grafa-se *nh*: champa*nh*a (de Champa*gn*e), cava*nh*aque (de *Cavaignac*). Excetua-se *Colônia* (de *Cologne*). *Cognác* deve ceder a *conháque*.

l) Em certos casos há deslocação do acento tônico: *cêntimo* (por influência do espanhol), em vez de *centímo*; *pátina* (por infl. do lat.), em vez de *patína*; *Madagáscar* (por infl. do malaio), em vez de *Madagascár*; *métope* (por infl. do grego), em vez de *metópe*. *Nenúfar*, e não *nenufár* (plural *nenúfares*).

m) O sufixo *ureto* (da desinência francesa *ure*) passa a *eto* em português; assim, *carbureto*, *cianureto*, *clorureto*, *iodureto* devem corrigir-se para *carboneto*, *cianeto*, *cloreto*, *iodeto*. *Sulfureto* pode-se tolerar por preexistir o radical *sulfur*, se bem que não se diga *sulfurato* mas *sulfato*, *sulfurídrico* mas *sulfídrico*.

n) O ditongo grego *ei*, que em francês se mantém com a forma originária, em português passa a *i*: quirópteros e não queirópteros; clidorrexia e não cleidorrexia; calidoscópio e não caleidoscópio; calidofônio e não caleidofônio.

o) O sufixo *ien* passa a *io* e *ítico*: acrídio e não acridi*ano* (fr. acridien); patrício e não patrici*ano* (fr. patricien); sincrân*io* e não sincrani*ano* (fr. syncranien); proboscídios e não proboscidi*anos* (fr. proboscidiens); sinfítico e não sinfisi*ano* (fr. symphysien).

p) Os radicais franceses devem substituir-se pelos equipolentes portuguêses: *aluminação* (lat. alumen, *aluminis*) e não *alunação* (do fr. *alun*); *aluminífero* e não *alúnico* (do fr. *alun*); *âmnico* (do gr. *ámnion*) e não *amniótico* (do fr. *amniotique*); *antipleurítico* (do port. *pleurite*) e não *antipleurético* (do fr. *antipleuretique*); *glicínio* (por infl. do gr.) e não *glucínio* (por infl. do francês); *mamilão* (de *mamilo*) e não *mamelão* (do fr. *mamelon*); *siringa* (gr. *syrigx*) e não *seringa* (fr. seringue); *plumbagina* e não plombagina.

870 — Galicismos LÉXICOS:

Abordar — Deve-se dizer "*tratar* de um assunto", "*ventilar*, *explanar* uma questão", e não "*abordar* um assunto, uma questão". Na acepção de "*assaltar* uma embarcação" ou na figurada de "*assaltar* alguém" não é francesismo: "Abordei o patife".

Algéria — em vez de *Argélia* (donde *argelino*, e nunca *algerino* nem *algeriano*).

Afixe — em lugar de *edital*.

Anvers (cidade da Bélgica) — em lugar de *Antuérpia*.

Bale (cidade suíça) — em lugar de *Basiléia*.

Berne (capital da Suíça) — em vez de *Berna*.

Bordeaux (cidade francesa) — em vez de *Bordéus*.

Boudoir — em lugar de *toucador*.

Bouquet — em vez de *ramilhete*, *tope*, *capela*.

Chance — em vez de *oportunidade*.

Chauvinismo — em vez de *xenofobia* (gr. *xênos* = estrangeiro, e *phóbos* = mêdo, horror).

Chefe-de-obra — em vez de *obra-prima*.

Comitê — em vez de *junta*, *comissão*, *delegação*, *conselho*.

Costume — galicismo na acepção de *fato*, *vestido*, *trajo*, *roupa*.

Debacle — em vez de *derrocada*, *derrota*.

Detraquê — em vez de *telhudo*, *lunático*, *adoidado*, *atoleimado*.

Eclodir — em vez de *estalar* ("Foi nesse dia que estalou a revolta"), *rebentar* ou *arrebentar* ("...comprou-se a guarda mourisca do alcáçar e a revolução rebentou"), *nascer*, *estourar*. — Como têrmo de botânica, traduza-se por *desabrochar*, *desabrolhar*, *surdir*, *nascer*. — Em outros casos troque-se por *surgir*, *irromper*, *romper*.

Eclosão — galicismo vogante e enervante. O ato de sair à luz expressa-se em português, conforme o caso, por *desabrochar*, *desabrolhar*, *desabrocho*, *desabrolho*, *aparecimento*, *desenvolvimento*, *nascimento*, *nascença*, *floração*, *origem*. — O têrmo científico é *antese* (do gr. *anthos*, flor).

Eletrôdo — galicismo prosódico; o acento português é *elétrodo*, como *período*, *método*.

Esquimau — a forma vernaculizada é *esquimó*.

Faringe — é palavra feminina: *a faringe*.

Feérico — em vez de *fantástico*, *mágico*, *maravilhoso*, *edênico*.

Fetiche, *fetichismo*, *fetichista* — em vez de *feitiço*, *feitiçaria*, *feiticeiro*. É curioso notar que o vocábulo francês *fétiche* foi tirado do português *feitiço*.

Flanar — em vez de *banzar*, *vadiar*, *cabular*.

Frapante — em vez de *notável*.

Gafe — em vez de *rata*, têrmo muito mais expressivo.

Grenoble — em vez de *Granobra* (cidade da França).

Grimaça — em vez de *careta*, *trejeitos*, *caramunha*, *momo*, *momice*.

Gris — em vez de *cinzento*. O verdadeiro aportuguesamento obriga a pronúncia do s.

Habitué — em vez de *freguês, freqüentador, viciado.*

Insurmontável — em vez de *insuperável, invencível.*

Marcante — em vez de *notável, distinto, conhecido, ilustre, eminente* etc.

Mayença — em vez de *Mogúncia* (cidade alemã).

Montra — em vez de *mostruário, vitrina, exposição, mostra.*

Negligé — em vez de *à frescata, ao desalinho, à vontade, ao léu, frasqueiro.*

Numismática — em vez de *nomismática.*

Orquidéa — galicismo prosódico; em português o acento é no *i: orquídea.*

Plateau ou *platô* — em vez de *planalto.*

Polipo — a pronúncia verdadeira é *pólipo*, que aliás é corrente em Portugal no seio do próprio povo.

Propriedade — galicismo na acepção de *alinho, apuro, limpeza, asseio:* Êle se veste com "propriedade". Em outras acepções (*qualidade, bens de raiz, emprêgo apropriado*) é lídimo português.

Remarcável — em vez de *assinalado, notável.*

René — em vez de *Renato.*

Renomado — em vez de *afamado, famigerado, célebre.*

Revanche — em vez de *desforra, vingança, vindita, despique.*

Reveria — em vez de *arroubo, enlêvo, devaneio, extasiamento.* Como gênero de música traduza-se por *fantasia.*

Robe de chambre — em vez de *roupão, bata.*

Soirée — em vez de *sarau* (reunião dançante) ou *serão* (reunião para palestra).

Solvável — em vez de *solvível;* o substantivo é *solvibilidade* (ou *solubilidade*).

Soi-disant — em vez de *suposto, inculcado, pseudo, falso, gabolas.*

Sortida — galicismo na acepção de *repreensão, invectiva;* em outros sentidos é vernáculo.

Surmontar — em vez de *superar, avantajar-se, sobrepujar, vencer.*

Tabagismo — em vez de *tabaquismo* (tabaquista, tabaquear, tabaqueiro).

Troupe — em vez de *elenco, grupo, companhia.*

Vitraux — em vez de *vitral. Vitraux* é, em francês, plural; dizer, pois, em português "um vitraux" é, além de galicismo, solecismo.

871 — Galicismos FRASEOLÓGICOS ou sintáticos:

Através isso — *Através* requer sempre depois de si a preposição *de:* através *d*isso, através *d*a sombra.

Conheci *os* homens *os* mais sábios — Não se deve repetir o artigo em expressões superlativas; ou se diz: "Conheci homens os mais sábios" ou: "Conheci os homens mais sábios" ou: "Conheci os mais sábios homens".

Estar ao fato de tudo — em vez de: Pôr-se ao fato de tudo, estar ciente, estar inteirado, estar ao cabo, estar a par de tudo.
A que serve tanto luxo? — em vez de: De que serve tanto luxo?
Não há nada a ver — em vez de: Não há nada que ver *ou* para ver (§ 546, n. 1, b).
Ou bem — em vez de "ou então", em frases alternativas, como a seguinte: Ou obedecereis à lei *ou bem* sereis punido severamente — em vez de:. . . *ou então* sereis etc.
Todos os dois, tôdas as duas — em vez de: ambos, ambas.
Seus haveres consistem *de* prédios e muitas apólices federais — em vez de: Seus haveres consistem *em* prédios etc.
Proceder *de modo a, de maneira a* satisfazer a todos — em vez de: . . . *de modo que, de maneira que* a todos satisfaz.
Copiado *sôbre* uma antiga fotografia, feito *sôbre* modêlo — em vez de: Copiado de acôrdo com uma antiga fotografia, conforme uma antiga fotografia, feito conforme o modêlo.
Modelar o seu procedimento *sôbre* o de seu amigo — em vez de: Modelar o seu procedimento *pelo* de seu amigo.
Não se o compreende, não se o entende — em vez de: Ninguém o comprende, ninguém o entende (V. § 406).
Erigir-se em censor, em juiz — em vez de: Constituir-se censor, constituir-se juiz, arrogar-se a autoridade de censor, de juiz.
Abstração feita — em vez de: fazendo-se abstração (§ 698).
Guardar o leito — em vez de: Estar de cama, estar acamado, ou, como diziam os nossos clássicos, estar em cama.
Regular-se sôbre alguém — em vez de: Regular-se por alguém.
Fazer as delícias — em vez de: Ser, constituir as delícias.
Obras, artefatos, lavôres *em* prata, *em* ouro, *em* platina — em vez de: obras, artefatos, lavôres *de* prata, *de* ouro, *de* platina. Estátua *em* bronze, *em* ouro, em vez de: estátua *de* bronze, *de* ouro. — Mesa, colunas, escadas, balaustrada *em* mármore, em vez de: mesa, colunas, escadas, balaustrada *de* mármore. — Vestido *em* sêda — em vez de: vestido *de* sêda.
Grande mundo — em vez de: alta sociedade. O mundo dos médicos, o mundo dos engenheiros — em vez de: a classe médica, a classe dos engenheiros.
Jogos de espírito — em vez de: chistes.
Isso vem mal a propósito — em vez de: Isso não vem a propósito.
Redator em chefe, general em chefe — em vez de: redator-chefe, general-chefe.
Mais eu penso, mais me convenço — em vez de: Quanto mais penso, mais me convenço.
Ponto de vista — Não obstante já vulgarizado, não nos esqueçamos de outras vernáculas maneiras de dizer: *a qualquer luz* (Tudo isso é deplorável a qualquer luz que se considere), *a que luz* (Examinai a

que luz vos aprouver o mundo romano), *à luz que* (Examinai à luz que vos prouver o mundo romano), *por qualquer face* (Por qualquer face em que encaremos o assunto), *aspeto* (Qualquer que seja o aspeto por que encaremos a questão), *modo de ver* (São modos de ver de cada um).

Ter lugar — em vez de: efetuar-se, realizar-se: "Realizar-se-á amanhã a festa..." e não: "Terá lugar amanhã a festa".

Vir — Galicismo na acepção de *acabar de:* "Vem de aparecer o último livro do escritor..." em vez de: "Acaba de aparecer..." — "Vem de estrear a Companhia Nacional" em vez de: "Acaba de estrear a Companhia Nacional".

O verbo é lídimo vernáculo na acepção de *vir* (movimento), *chegar, voltar:* "Donde *vens*, ó mulher minha? — *Venho* de ouvir missa nova" — "Ei-lo aí *vem* de dizer missa" — "Saiu um magote de damas e homens que *vinham* de passar um delicioso sarau" — "Frades *virão* vinte e sete que *vêm* de partir melões" — "Quando chegou àquele pôrto Luís Falcão que *vinha* de governar Ormuz".

Tomar a palavra, tomar armas, tomar luto, tomar alguém pela mão, tomar o hábito, tomar véu — em vez de: usar da palavra, ter a palavra, pegar em armas, estar, ficar de luto, segurar alguém pela mão, fazer-se frade, fazer-se freira.

872 — 1) Quando, numa frase de dois membros, começa o primeiro pelas conjunções *quand, comme, si, puisque*, é muito comum no francês o uso da conjunção *que* antes do segundo membro, que se liga assim ao primeiro. Vertendo à lêtra tais frases em português, é de todo alheio da índole de nossa língua fazer conta do *que* do segundo membro da construção francesa, copiando-o servilmente.

Tais são os seguintes passos, em cuja tradução para o português se deve elidir êsse *que:*

"Neptune, *quand* il élève son trident, et *qu*'il menace les flots soulevés, n'apaise point plus soudainement les flots" — "*Comme* l'ambition n'a pas de frein, et *que* la soif des richesses nous consume tous, il en résulte que le bonheur fuit à mesure que nous le cherchons" — "*Si* Voltaire eût également soigné toutes les parties de son style, et *qu*'il eût plus tendu à la perfection qu'à la fécondité, il serait incontestablement le premier de nos poètes" — "*Puisqu*'on plaide et *qu*'on meurt, et *qu*'on devient malade, il faut des médecins, il faut des avocats".

Em português, suprimindo o *que* do segundo membro, dizemos limpamente: "Quando Netuno levanta seu tridente e ameaça as vagas revôltas, não as amaina mais repentinamente" — "Como a ambição não tem freio e a sêde das riquezas nos consome a todos, resulta que a felicidade foge

à medida que a procuramos" — "Se Voltaire tivesse igualmente limado tôdas as partes de seu estilo e aspirado mais à perfeição que à fecundidade, seria incontestàvelmente o primeiro de nossos poetas". — "Já que o homem pleiteia, adoece e morre, é mister que haja médicos e advogados".

Corre outro tanto, quando o primeiro membro da frase principia no francês pelas conjunções ou locuções conjuntivas *quoique, lorsque, tandis que, après que, jusqu'à ce que* e outras, em que o segundo elemento componente é a conjunção francesa *que:* na tradução para o português nunca se enuncia o *que* do segundo membro da frase, sem cair em censurável galicismo.

2) Os substantivos franceses adjetivados designativos de côres, tais como *paille, marron, lilas, crème, orange, citron, saumon, grenat,* sempre invariáveis em tais casos, transladados à lêtra em nossa língua, produzem expressões alheias do bom falar português. Assim, em vez de sêdas lilás, vestidos marron, vestidos creme, noisette; fitas, tafetás limão, laranja, cereja, carmin; luvas gris-perle, blusas grenat, como descuradamente é correntio no falar vulgar, em que tão mal se disfarça e confeita a estranha vestidura, devemos dizer: vestidos côr de palha, côr de castanha, sêdas côr de lilás, côr de salmão, côr de cereja, de avelã, de limão, de laranja, de creme, de carmim; luvas côr de pérola, blusas côr de granada, côr de romã, e anàlogamente, comparando a côr do objeto com a de objetos comumente conhecidos: côr de telha, côr de cinza, côr de barro, côr de rosa, côr de tijolo, côr de lírio, côr de carne, côr de flor de algodão, côr de chumbo, côr de abóbora, côr de rapé, côr de ouro, de azeviche, de canela, de azeitona, de casca de carvalho, de melão, de rubim, de púrpura, de vinho, de café, de ferrugem, de chocolate, de enxôfre, de gema de ôvo, de sangue.

873 — SOLECISMO é todo o êrro léxico ou sintático. Exemplos: *Haviam* muitas pessoas no baile, em vez de *havia* muitas pessoas no baile; *fazem* três semanas, em vez de *faz* três semanas; hão de me *obedecerem,* em vez de hão de me *obedecer; custei* muito a encontrá-lo, em vez de *custou-me* muito encontrá-lo; não lhe passou *desapercebido* êsse fato, em vez de não lhe passou *despercebido* êsse fato; preferir *antes* fazer uma coisa *do que* outra, em vez de preferir fazer uma coisa *a* fazer outra; não saia sem *eu,* em vez de não saia sem *mim:* entre eu e êle, entre vós e eu, entre Pedro e eu, em vez de entre mim e êle, entre mim e vós, entre mim e Pedro; não crede, não suponde, em vez de não creiais, não suponhais; pediu-me de os visitar, em vez de pediu-me que os visitasse; aspirar altas posições, em vez de aspirar a altas posições; senhor de braço e cutelo, em vez de senhor de baraço e cutelo; guerreiro *intemerato,* em vez de guerreiro intrépido, denodado, destemido, *intimorato* (*Intemerato* quer dizer inviolável, sem mancha, puro, incorrupto: Virgem intemerata; verdade e fé intemeratas).

Os solecismos podem ainda ser *prosódicos* e *ortográficos*. Exemplos:

Errado	Certo
ab*i*solutamente	ab*s*olutamente
ad*e*jetivo	ad*j*etivo
ad*e*vogado	ad*v*ogado
*á*lcools	alcoóis
alv*é*ja	alvêja
Bord*eaux*	Bordéus
c*a*dorna	codorna
d*é*cano	decâno
descaril*h*ar	descarrilar
desouveram	desavieram (1)
entret*í*	entretive (2)
esgarranchar	escarranchar
fizéste*i*s	fizestes (3)
fôste*i*s	fôstes (3)
hipodrômo	hipódromo
pégada	pegáda
previlégio	privilégio
proposital	propositado
propositalmente	propositadamente
prototípo	protótipo
púdico	pudíco
saloba	salobra

Nota — *Cacografia* (gr. *cacós* = mau) é o nome que se dá aos erros ortográficos, como:

Errado		Certo
aza	em vez de	asa
ascenção	em vez de	ascensão
defeza	em vez de	defesa (4)
despeza	em vez de	despesa (4)
empreza	em vez de	emprêsa (4)
repreza	em vez de	reprêsa (4)
explendor	em vez de	esplendor (5)
paiz	em vez de	país
pacivo	em vez de	passivo
sugeito	em vez de	sujeito

874 — ANFIBOLOGIA ou **ambigüidade** é o vício pelo qual se dá tal construção à frase, que esta apresenta *dois sentidos* diversos.

"Bato, que em dura pedra converteu
Mercúrio, pelos furtos que revela".

Dada a construção, não se percebe quem foi convertido em pedra, se Bato ou Mercúrio.

"Ama o povo o bom rei e dêle é amado" — onde o objeto do verbo *ama* se confunde com o sujeito do mesmo verbo.

---

1) O verbo é *desavir* (des + a + *vir*: *vieram*; V. § 464, 3, obs. 2).
2) De *entreter* (entre + *ter*: eu *tive*).
3) 2.ª pess. do plural do pretérito perfeito.
4) O étimo dessas palavras acusa *s* (V. § 84, 4, n. 1, b).
5) Do latim *splendorem*.

"O amor de minha mãe me fortalece" — onde não se sabe se *mãe* é o recipiente ou o agente do *amor*.

"Êle prendeu o ladrão em sua casa" — onde fica duvidoso se na casa do sujeito ou na do ladrão.

875 — OBSCURIDADE é a *falta de clareza* pela disposição enleada da frase: "...que em terreno não cabe o altivo peito tão pequeno" (= em terreno tão pequeno).

O *preciosismo*, o *neologismo*, as *elipses* e os *hipérbatos* viciosos, as *inversões* afetadas, a *ambigüidade*, os *parênteses* extensos, o emprêgo exagerado dos *homônimos*, a acumulação das orações *interferentes*, a *perissologia*, as *circunlocuções*, os períodos demasiado longos e a má pontuação são circunstâncias que, pela maior parte, trazem *obscuridade* ao discurso.

876 — CACOFONIA ou **cacófato** é a união de duas palavras de forma tal que a última ou últimas sílabas da primeira, mais a primeira ou primeiras da segunda formem uma terceira palavra de sentido *torpe, obsceno* ou *ridículo: Ela trina* muito bem — *Uma minha* prima — Dê-*me já* isso.

Nota — Só haverá cacofonia quando a palavra produzida fôr *torpe, obscena, realmente ridícula*. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em *por cada, ela tinha, só linha* etc. Cito a propósito os dizeres de Rui Barbosa: "Se a idéia de *porta*, suscitada em *por tal*, irrita a *cacofatomania* dêsses críticos... outras locuções vernáculas têm de ser, com essa, refugadas".

877 — HIATO é a afluência, seguida, de vozes acentuadas:

"*Vá à au*la" — "*Lá há al*mas"

acentos seguidos — acentos seguidos

878 — ECO é a repetição, desagradável, de fonemas iguais: "Clem*ente* s*ente* constantem*ente* dores de d*ente*" — "O instrum*ento* do consentim*ento* do casam*ento*".

879 — COLISÃO é a desagradável repetição de consonâncias iguais ou semelhantes: "A enfa*dada* vi*da* *d*os *d*euses" — "*Para papai pôr* o *pó*" — "*Só se salva* o *santo*" — "O *sol se* *s*epulta".

Nota — Na poesia, há vêzes em que a colisão passa, de vício, a recurso onomatopaico, ou seja, o som da expressão interpreta o seu significado: "Zunindo as *asas azuis*".

880 — PRECIOSISMO é o uso de *palavras, expressões* e *construções* ou antigas (mais pròpriamente o vício se denomina, então, **arcaísmo**) ou inusitadas, esquisitas, rebuscadas, de forma que o pensamento se torne de difícil compreensão. Exemplos:

Substantivos e adjetivos: *hostes*, inimigos; *heréu*, herdeiro; *incréu*, incrédulo; *comunal*, comum; *ucha*, arca; *infançon*, môço fidalgo; *avença*,

concórdia; *fazenda*, negócio ou sentimento; *manceba*, mulher jovem; *cuidança*, cuidado; *naviamento*, navegação; *primente*, primeiramente; *vizindade*, vizinhança; *livridõe*, liberdade; *similidõe*, similitude; *segre*, século; *malo*, mau.

Dêsses citados alguns são ainda usados com discrição. Entre os arcaísmos, convém notar os particípios em *udo: recebudo, estabeleçudo*, da 2.ª conjugação. De tais particípios há três vestígio ainda usados: *teúdo, manteúdo* e *conteúdo* (tido, mantido, contido). Notem-se os arcaísmos resultantes da incerteza de sufixos na derivação: *sofrença* e *sofrimento; livridõe* e *liberdade;* ainda possuímos *nascença* e *nascimento*, que não se arcaizaram.

O arcaísmo *avença* (concórdia) deixou vestígio em *desavença*. O arcaísmo *heréu* ocorre na expressão *terra d'heréu*. *Ucha* sobrevive em *ucharia*. *Malo* sobrevive na expressão "Pedro das *malas* artes".

Verbos: *jeitar*, lançar; *endurentar*, endurecer, sofrer; *conquerer*, conquistar; *emprir*, encher; *chantar*, plantar, fincar; *catar*, olhar; *trebelhar*, brincar etc. Note-se que alguns verbos deixaram vestígios: *jeitar* sobrevive nos compostos *rejeitar, sujeitar*. — *Catar* observa-se em *cata-cego, cata-vento*. — *Coitar* (magoar) nota-se em *coitado*. — *Chantar* ainda se encontra de quando em quando: "...cruz chantada em terra" — "Chantando esteios" — "O demônio se chantou naquele miserável corpo".

881 — PROVINCIANISMOS ou **provincialismos** são modos de falar particulares a um país ou a uma circunscrição maior ou menor de um país.

São conhecidas as corruptelas que introduzem na língua portuguêsa os diversos modos de falar, peculiares às diversas divisões territoriais do mesmo país. Tais corrupções não respeitam sòmente a modificações prosódicas dos vocábulos, senão muitas e muitas vêzes à significação mesma dos têrmos, que nem sempre se tomam exatamente no mesmo sentido em Portugal e no Brasil.

1) **Lusitanismos**: No Minho é notável a tendência para transformar o *o* fechado, longo, e o *u* longo em *õ, ũ*, nasalados, sendo muito comum entre os habitantes dessa província ouvir dizer: *bõa, ũa, lũa* em vez de *boa, uma, lua*.

No Algarve os vocábulos *pedir, pedaço, cegueira* são pronunciados como se se figurassem *pidir, pidaço, cigueira;* outras vêzes trocam o *i* pelo *e:* em vez de *fizer, fizera, dizer*, dizem *fezer, fezera, dezer*.

Os habitantes do Minho fazem ainda as permutas do *b* e *v*, dizendo *binho* por *vinho; fevre* por *febre; berde* por *verde; lôvo, vraço, São Vento* por *lôbo, braço, São Bento; bisconde* por *visconde; barão* por *varão*.

Nos coimbreses nota-se-lhes o defeito da intercalação de um *i* para evitar o *hiato*. Assim dizem: *a-i-alma* em vez de *a alma; a-i-aula* em vez de *a aula; a-i-água* em vez de *a água*.

Na Beira observa-se o vício de transformar o *ou* em *oi*, dizendo os beirões: *coive, oivir* em vez de *couve, ouvir*.

Os habitantes da própria capital portuguêsa não se isentam de provincianismo, pronunciando *mensa, manjor*, em vez de *mesa, major; todó dia, todó tempo*, em vez de *todo o dia, todo o tempo*.

2) **Brasileirismos:** Dentre os *brasileirismos* notam-se certos vocábulos tomados às línguas e aos dialetos americanos e africanos. Tais os seguintes, que a língua timbra com a chancela nacional: *tapera, caipora, cacique, quilombo, quiabo, maniva, tocaia, tujupar, tabu, taquara, acaçá, taquari, umbu, açu, mirim, peva, pindoba, pucumari, patativa, piaçava, jiló, mucujé, sucuriúba, sapiranga, sicupira, lundu, oiti, taba, cuia, taboca, muriçoca, sururu, guaiamu, cutucar, imbira, cupim, coivara, côco, cuité, catapora, carimã, cará, patuá, sagu, samba, samburá, traíra, uru, urupema, tanga, xará, tipóia, arapuca, moquém, moqueca, mucuim, mondé, mingau, mutirão* (muxirão), e os vocábulos de tratamento *nhonhô, nhanhã, nenê, iaiá, ioiô, seu* (= senhor).

Os vocábulos *paixão, baixo, caixa, caixeiro, deixar* e outros análogos são no Brasil pronunciados, em geral, como se se escrevessem com *a* ou *e* simples e não com os ditongos *ai* ou *ei*, cujas vozes componentes se fazem bem ouvir em Portugal.

Na Bahia, além de muitos americanismos, limitados a essa circunscrição do país e que se estendem às vêzes ao estado de Sergipe, referentes pela maior parte a produções animais ou vegetais, peculiares aos dois estados, a utensílios e têrmos da arte culinária, notam-se alguns outros provincialismos. Assim é que se não ouve bem distintamente o *l* molhado na pronúncia das palavras *mulher, bilhete, alheio, colher, talher*, dando-se a êstes vocábulos a prolação do *l* simples. Também é comuníssimo ouvir da bôca de muitos as expressões *me parece, me perdoe, me deixe, me dá*, em lugar de *parece-me, perdoe-me, deixe-me, dê-me*, a locução admirativa *ó gente!* pronunciada como se escrita *ó chente!* e terminações verbais como *deixá, falá, vendê*. Abusa-se ainda habitualmente do advérbio *mesmo*, pospondo-o ao adjetivo ou substantivo, e dando-se-lhe significação superlativa; são comuns e trilhadas as frases: Pedro é soberbo *mesmo*, é sabido *mesmo*, é inteligente *mesmo*, tem dinheiro *mesmo*.

No Pará é habitual o trocar o som do *ô* ou *ou* por *u* e vice-versa, dizendo-se: *canúa* por *canôa; cuco* por *côco; pupa, prua*, por *pôpa, prôa; Jouca* por *Juca; môro* por *muro; bui* por *boi*.

Em Pernambuco e nos estados vizinhos o *E* e o *O* átonos são caraterìsticamente pronunciados com som aberto: *Récife, Jésuis, Pérnambuco, prófessor, pórtuguês*.

No Rio de Janeiro é para notar o uso do advérbio *sim* interrogativo imediatamente depois de uma oração, para consultar a aquiescência ou consentimento de alguém com respeito à realização do ato ou ação contida na proposição anteriormente enunciada: "Vens jantar conosco,

sim?" — "Êle te ama com muito afeto, *sim?*" — "Tu gostaste muito do Rio, *sim?*"

Êsse *sim*, que se pode considerar como um provincianismo, difere do *sim* interrogativo empregado só e absolutamente, e que exprime a admiração e estranheza a respeito de um fato ou ação que se nos diz ou relata. Assim, dizendo-se-nos que tal ou tal homem foi chamado para fazer parte de uma comissão importante, acudimos logo com um *sim* interrogativo: *Sim?*

O primeiro *sim*, que é um *provincianismo*, equivale à expressão francesa *n'est-ce pas?* ou à nossa frase *não é assim?* O segundo, porém, que não é um *provincianismo*, corresponde às locuções portuguêsas *de veras?*, *é certo o que dizes?*, *não estarás porventura iludido?*, *não será gracejo teu?* ou a outras de sentido análogo.

Na conversação é freqüente entre os fluminenses o uso desapropositado do verbo *saber* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, sem relação alguma gramatical com os elementos da frase, em que se êle intercala, como parêntese, constituindo uma espécie de vêzo ou sestro no falar. Com os residentes na cidade do Rio difícil é entreter uma conversação, por breve que seja, que nos não venha, amiúde, ferir o ouvido êsse repisado *sabe*, empregado sem propósito, estrangulado, na frase (*sá? num sá?*).

QUESTIONÁRIO

1 — Que são *vícios de linguagem?*
2 — Quais são os vícios de linguagem?
3 — Que é *barbarismo* e que outro nome tem?
4 — Dos barbarismos, qual o mais funesto ao nosso idioma?
5 — Na transplantação do francês para o português, a que normas obedecem as palavras? Resposta completa e exemplificada.
6 — Corrija os seguintes textos:
 a) Não posso abordar essa questão.
 b) Através os matizes os mais lindos o sol apareceu.
 c) Você não será feliz com essa troupe.
 d) Meu pai está guardando o leito.
 e) Mais estudo, mais me convenço que nada sei.
7 — Cite 4 dos mais usados galicismos fraseológicos, dando a respectiva forma portuguêsa.
8 — Que é *solecismo?* Exemplos.
9 — Reproduza, corrigidos, os seguintes cacógrafos: *expontâneo*, *despeza*, *sugeito*.
10 — Explique, com exemplos, a diferença entre *intemerato* e *intimorato*.
11 — Corrija os seguintes textos:
 a) Não bebe dessa água, que é saloba (§ 413, 3, b).
 b) Não foi propositalmente que eu lhe maxuquei.
 c) Não pensa que você tem o previlégio de esgarranchar-se na carteira (§ 413, 3, b).
12 — Que é *anfibologia?* Exemplos.
13 — Em que consiste a *obscuridade?*
14 — Diga, com exemplos, o que vem a ser *cacófato*.

15 — Que é *hiato*? Exemplos.
16 — Que é *eco*? Exemplos.
17 — Um exemplo de *colisão*.
18 — Que é *preciosismo*?
19 — Que é *provincianismo*?
20 — Corrija os seguintes textos:

a) Eu fui sempre um dos que mais se esforçou.
b) Temos grande variedade em sêdas e em lãs.
c) Passado duas horas, já ninguém lembrava-se o que é que tinha acontecido.
d) Chamam-se serviços públicos aos serviços cuja manutenção todos nós concorremos por meio de impostos e taxas.
e) Êstes livros são muito raros; não se os obtém senão por muito dinheiro.

Capítulo LX

PERÍODO

885 — Como vimos no § 558, **período é uma ou mais orações que formam sentido completo.**

TIPOS DE PERÍODO

886 — Temos já conhecimento inteirado do período, dado o que vimos no necessário estudo introdutório das conjunções, onde vimos também que o período pode ser **simples** e **composto** e, quando composto, que o pode ser *por coordenação* e *por subordinação* (§ 558 e ss.).

Vejamos agora como podem classificar-se as orações que constituem um período.

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

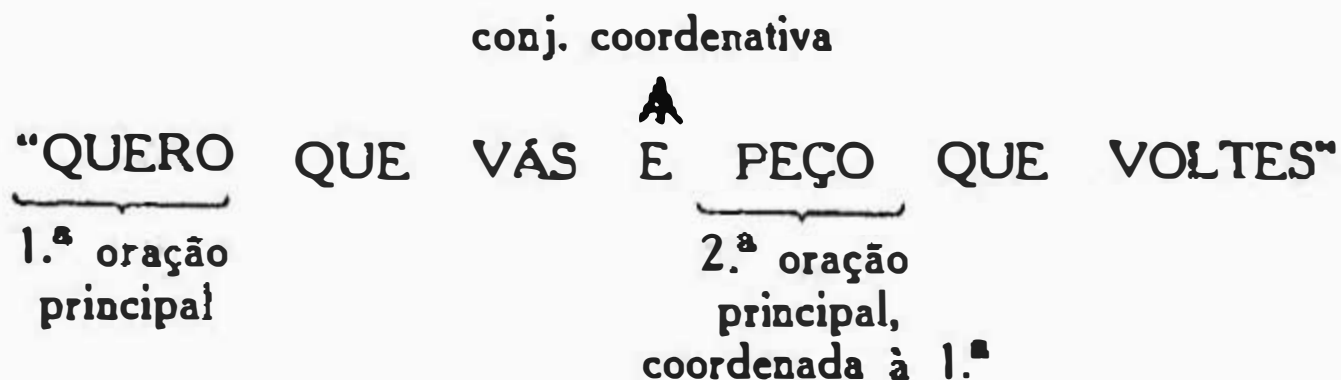
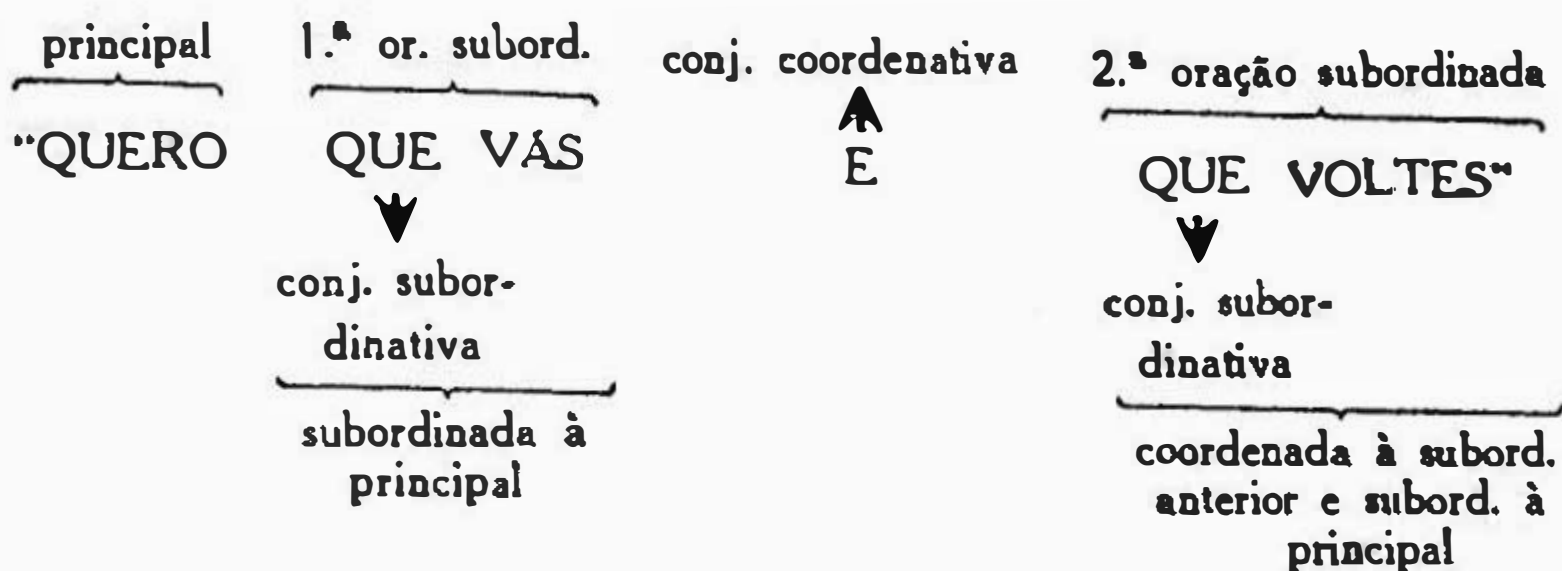
887 — As orações classificam-se em *absolutas, principais, coordenadas* e *subordinadas.*

Absolutas: *Oração absoluta* é a que forma, por si, sentido completo ou independente: "*O sono da morte exclui os sonhos da vida*" — "*Os vícios antecipam a velhice* e *as virtudes a retardam*".

1.ª oração absoluta — 2.ª oração absoluta

888 — **Principais**: *Oração principal* é a que tem o sentido principal no período, e que, embora não dependa de outra oração, tem seu sentido inteirado por outra ou outras: "*Convém* que êle vá" — "*Desejo* que êle fique" — "*Isso depende* de que êle venha" — "*A ignorância não duvida,* porque desconhece que ignora".

889 — **Coordenadas**: *Oração coordenada* é a que vem ligada a outra de igual função, ou seja, as coordenadas entre si podem estar quer absolutas, quer subordinadas, quer principais.

1.ª oração absoluta	conj. coordenativa	2.ª oração absoluta
"MEU MANO PARTIU	MAS	NÃO VOLTOU"

Notas: 1.ª — Há vêzes em que duas orações absolutas, em vez de virem ligadas por conjunção coordenativa, vêm separadas por vírgula:

"Faça boa viagem, volte logo"
↑

Em tal caso as orações se dizem coordenadas *assindéticas* (= sem união, sem ligação); quando ligadas por conjunção, elas se dizem coordenadas *sindéticas* (= com união, ligadas): "Faça boa viagem e volte logo".

2.ª — As sindéticas, ou seja, as ligadas por conjunção coordenativa, podem ser:

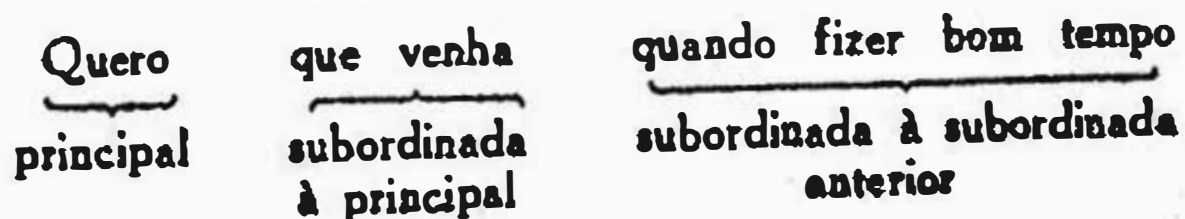
aditivas
adversativas
alternativas
conclusivas
explicativas

segundo a espécie da conjunção coordenativa (§ 571 e ss.).

890 — Subordinadas: *Oração subordinada* é a que completa o sentido de outra de que depende, chamada *principal*, à qual se prende por conjunções subordinativas ou pelas formas nominais do verbo: "Não dês o dedo ao vilão, *porque te tomará a mão*" — "Fiz *entrar primeiro os homens*".

Notas: 1.ª — A subordinada carateriza-se, pois, pelo *sentido dependente*, pelas *conjunções subordinativas* ou pelas *formas nominais do verbo com sujeito próprio* (V. § 905).

2.ª — Uma subordinada pode depender de uma principal ("Quero que venha"), e pode depender de outra que já é subordinada:

Quero	que venha	quando fizer bom tempo
principal	subordinada à principal	subordinada à subordinada anterior

ORAÇÕES SUBORDINADAS

891 — As **orações subordinadas** dividem-se em:

substantivas
adjetivas
adverbiais

conforme a função sintática que exercem no período.

892 — **SUBORDINADA SUBSTANTIVA** é a que em relação à oração principal equivale a um *substantivo;* assim, dizer:

"Desejo que sejas feliz"
subordinada substantiva

é o mesmo que dizer: "Desejo a tua *felicidade*".
substantivo

Nota — Nem sempre é possível tal substituição; no período: "Vi *que não podiam com êle*" não podemos recorrer à substituição da subordinada substantiva pelo equivalente substantivo, mas o aluno tem capacidade bastante para ver que essa subordinada funciona como *objeto* de *vi*; ora, como os *objetos* são constituídos de *substantivos*, é claro que a oração que funciona como *objeto* é também *substantiva*.

893 — Não sòmente *objetiva* pode ser a subordinada substantiva; uma vez que o substantivo pode exercer funções diversas, diversas são também as **espécies de subordinadas substantivas**:

subjetivas
objetivas { diretas / indiretas
completivas nominais
predicativas
apositivas

894 — **Subordinada substantiva subjetiva** é a que exerce função de sujeito com relação ao predicado da principal (Em todos êstes exemplos, as orações grifadas são *sujeitos* da oração principal, o que fàcilmente se pode averiguar, fazendo-se uma pergunta com o predicado da principal: Que é dura coisa? — Que é bom? — Que é então? — Que convém? — Que importa? — conforme os verbos dos exemplos que se seguem):

"Dura coisa é para ti *recalcitrares contra o aguilhão*".
"É bom *que estudes*".
"É então *que o catolicismo lhe oferece as pompas das suas solenidades*".

"Convém *que te apliques às artes*".
"Importa *viver honestamente*".
"É admirável *o como a instrução modifica as nações*".
"É sabido *quando êle vem*".
"Não é certo *que êle morreu ontem*".
"Obra é de vilão *atirar a pedra e esconder a mão*".

895 — **Subordinada substantiva objetiva** é a que exerce função de objeto com relação ao predicado da principal, e será **direta** ou **indireta**. se a ela vier ligada sem ou com preposição.

1) **Diretas:**

"O Brasil espera *que cada um cumpra o seu dever*".
"Dize-me *se sabes a lição*".
"Vêde *como o tempo voa*".
"Creio *estarem elas preparadas*".
"Êle esperava *vir*".
"Tenho mêdo (= temo) *que êle sucumba*".
"Estou com esperança (= espero) *que êle seja aprovado*".
"Êle é de opinião (= opina) *que fiques*".

Nota — Êstes três últimos casos são curiosos; nêles se vê que a locução é que tem fôrça transitiva direta equivalente a verbo transitivo direto. Quase sempre aparece nessas construções a preposição *de* antes da conjunção *que*, transformando as substantivas objetivas diretas em substantivas completivas nominais: Tenho medo *de que êle sucumba* — Estou com esperança *de que sejas aprovado*.

2) **Indiretas:**

"Isso depende *de que êle esteja em casa.*"
"O desastre obstou *a que prosseguíssemos.*"

896 — **Subordinada substantiva completiva nominal** é a que se prende complementarmente a substantivo ou adjetivo:

"Estou de acôrdo *com que você vá.*"
"Êle está inclinado *a que estudes medicina.*"
"O fato *de que falas várias línguas* é de si vantajoso."
"Estou receoso *de que não cheguemos a tempo.*"
"Comprei uma agulha *de marear.*"
"Consertei a tábua *de bater roupa.*"
"A idéia *de que você vai arrepender-se* é ridícula."

897 — **Subordinada substantiva predicativa** é a que funciona como predicativo do sujeito:

"O certo é *que êle não vem.*"
"A verdade é *que nem todos entendem.*"
"Sou eu *quem fala.*"

898 — Subordinada substantiva apositiva é a que funciona como apôsto:

"Só tenho uma idéia: *que você vai arrepender-se.*"

"Uma coisa vos confessarei eu, Senhor Leonardo, *que os portuguêses são homens de ruim língua.*"

Nota — Certas completivas nominais que vêm ligadas com a preposição *de* podem, elidida a preposição, transformar-se em apositivas:

"A idéia *que você vai arrepender-se* é ridícula."

899 — SUBORDINADA ADJETIVA é a que em relação à principal equivale a um *adjetivo;* assim, dizer:

"A aluna que era de muita instrução faleceu"

subordinada adjetiva
(modifica o substantivo *aluna*)

é o mesmo que dizer: "*A aluna* muito *instruída* faleceu"

subst. — modifica o subst. *aluna*

EXEMPLOS:

"Guarda-te d'homem | *que não fala,* | e de cão | *que não ladra.*"
"Aquêle | *que ama a vida,* | guarde sua língua do mal."
"A pessoa | *com que trato* | é honesta."
"O | *que é a baleia entre os peixes,* | era o Gigante Golias entre os homens."
"Pedro não é o | *que parece.*"
"Viste jamais alguém | *que seja verdadeiramente feliz?*"
"Êle, | *que é incapaz de mentir,* | foi acusado de hipocrisia."
"A cidade | *onde* (= em que) *nasceste,* | prima pela beleza de seus arredores."

Nota — Tal qual acontece com as subordinadas substantivas (V. *nota* do § 892), nem sempre é possível a substituição; bastará, no entanto, que esteja modificando um substantivo, para que a subordinada seja *adjetiva.*

900 — As subordinadas adjetivas dividem-se em *explicativas* e *restritivas.*

Explicativas são as que indicam qualidade *inerente* ao substantivo a que se referem, e podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: "O homem, | *que é mortal,* | passa rápido sôbre a terra".

Restritivas são as que exprimem sentido acidental, e não podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: "O homem | *que é justo* | deixa na terra memória abençoada".

Observe-se que há diferença de entoação e de pontuação entre as explicativas e as restritivas: Enquanto as explicativas vêm entre vírgulas

e se proferem com certa acentuação enfática, as restritivas não se põem entre vírgulas e se proferem sem nenhum acento enfático.

Notas: 1.ª — A subordinadas adjetivas vêm ligadas à principal por **pronome relativo**: O homem | *que* vi | morreu — "A mulher, | *cujos* olhos a mim se voltavam, | era piedosa"
ou por **advérbio relativo**: "A casa | *onde* moro | é pequena" — "É formoso o

adv. rel. (§ 525, n. 8)

país *onde* (= em que, no qual) nasceste".

2.ª — Não raro acontece que vem elidido o antecedente do pronome relativo que prende a subordinada adjetiva: "Ignoro (o lugar) *donde* vens" — "Não sei (a coisa) de *que* se trata".

3.ª — Outras vêzes, a repetição do antecedente dá ênfase à subordinada adjetiva: "Comprei êste livro, *livro* que há muito desejava adquirir".

4.ª — Para separar e analisar orações em que entram os relativos *quem* e *onde*, é necessário desdobrá-los, respectivamente, em "aquêle que" e "o lugar em que": "Vi quem chegou" = "Vi aquêle || que chegou".

obj. dir. de *vi* — suj. de *chegou*

"Não vejo *onde* você está = Não vejo o lugar || em que você está".

Dêsse modo, poderão resolver-se em subordinadas *adjetivas* tôdas as subordinadas ligadas por êsses relativos. Contudo, tôda a vez que a regência não exigir o *antecedente*, é preferível tomar essas palavras como conectivos oracionais e considerar *substantiva* a subordinada, que de outra sorte seria *adjetiva;* assim, nos seguintes períodos: Não tenho *quem me socorra* — Não sei *quem esta aí* — Ignoro *onde estou* — *Quem quer*, vai; *quem não quer*, manda — as orações subordinadas são *substantivas*.

Quem só pode ter antecedente expresso quando é preposicionado: "O homem *de quem* falei".

5.ª — Casos há notáveis em que o pronome relativo (*que*) servindo de ligação a uma *subordinada adjetiva*, é ao mesmo tempo têrmo de uma subordinada subseqüente: "São estas as leis *que* êle ordenou que fôssem promulgadas". O relativo *que* é a ligação da adjetiva (*que êle ordenou*) e ao mesmo tempo é o *sujeito* da substantiva *que fôssem promulgadas*.

Coisa semelhante se observa com outros pronomes: "Êle deu-me os livros, *os quais* eu julgava ter perdido" — "Tu não sabes *quantas* lições afirma êle que estuda por dia". Os pronomes *os quais* e *quantas* ligam as orações imediatas, e são *objetos* dos verbos das orações subseqüentes. Outro exemplo: "Que queres que eu te diga?" — onde o primeiro *que* é obj. direto de *diga*, e não de *queres* (= *Queres que eu te diga o quê?*).

6.ª — A subordinada adjetiva pode às vêzes converter-se em uma coordenada com a principal: "Comprei uma casa *de que já estou de posse*" = "Comprei uma casa *e já estou de posse dela*".

conjunç. coordenativa — coorden. à oraç. anterior

901 — SUBORDINADA ADVERBIAL é a que, em relação à oração principal, equivale a um *advérbio:*

"Morreu | quando menos esperava"

subordinada adverbial
(modifica o verbo morreu)

902 — As **subordinadas adverbiais** vêm ligadas às orações principais ou por **conjunção subordinativa** (Maria encanta *porque* é estudiosa), ou por **advérbios e pronomes relativos** (§ 525, n. 8: Não jogues *quando* estiveres cansado — Vive *para quem* te ama), ou pelas **formas nominais** dos verbos (*Chegando* a primavera, as aves se tornam mais belas).

Notas: 1.ª — A **subordinada adverbial** pode, não raras vêzes, converter-se em adjunto adverbial: Êle chegou *quando eu entrei* = Êle chegou *na minha entrada*.

2.ª — A **subordinada adverbial** é ainda conversível, às vêzes, em uma *coordenada* com a principal: Êle chegou *quando eu entrei* = Êle chegou e eu entrei.

903 — A **subordinada adverbial** pode ser:

causal
comparativa
consecutiva
concessiva
condicional
conformativa
final
proporcional
temporal

EXEMPLOS:

1 — **Causal**: "Eu sairei *porque êle entrou*" — "*Como êle entrou*, eu sairei" — "Deus existe, *visto que eu existo*" — "Vou ao teatro, *porque gosto das representações dramáticas*".

2 — **Comparativa**: "Dão-se os conselhos com mais boa vontade, *do que geralmente se aceitam*" — "Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que os outros em nos ouvir*" — "A atividade sem juízo é mais ruinosa *que a preguiça*" — "Ninguém se agasta tanto do desprêzo, *como (se agastam) aquêles* que mais o merecem" — "A Índia mais vão *do que tornam*".

3 — **Consecutiva**: "Perdeu êle o crédito, de sorte *que ninguém se fia dêle*" — "De tal maneira nos amou *que se deu por nós*" — "Tal foi a sua audácia *que ninguém lhe ousou resistir*" — "Voou tão alto *que o perdi de vista*" — "Nunca fui a sua casa, *que o não achasse estudando*" — "Não correu muito tempo, *que a vingança o não alcançasse*".

As duas últimas têm na realidade sentido exclusivo; nelas o *que* equivale a "sem que", correspondente ao *quin* latino. (1)

4 — **Concessiva**: "Eu sairei, *embora êle entre*" — "*Ainda que enterrem a verdade*, a virtude não se sepulta" — "*Ainda que vistas a mona de sêda*, mona se quêda".

5 — **Condicional**: "Eu sairei *se êle entrar*" — "Feliz seria o gênero humano, *se os homens fôssem tais* como geralmente se inculcam"

(1) V. *O Período Latino*, § 374, n. 3; § 429 (*in fine*).

— "*Se queres saber* quem é o vilão, mete-lhe a vara na mão" — "As palavras boas são *se assim fôsse o coração*".

6 — **Conformativa**: "Eu sairei *como êle entrou*" — "Há economias ruinosas, *como há prodigalidades proveitosas*" — "Êle fêz *segundo foi mandado*" — "*Como me tangerem*, assim bailarei" — "*Como (é) dente quebrado e pé desengonçado*, é a confiança no desleal em tempo de angústia".

7 — **Final**: "Eu sairei *para que êle entre*" — "Retira o teu pé da casa de teu próximo *para que não suceda* que êle de enfastiado te venha a aborrecer" — "... as gentes da terra tôda enfreias, *que não passem o têrmo limitado*".

8 — **Proporcional**: "*À medida que o menino compreendia*, êle se tornava mais alegre" — "*À proporção que o inverno entrava*, os pássaros desapareciam" — "*Quanto mais se sobe*, (tanto) maior queda se dá" — "*Qual é Maria*, tal é sua cria" — "Portou-se tal *qual não convinha*" — "*Onde está teu tesouro*, aí está o teu coração".

9 — **Temporal**: "Eu sairei *quando êle entrar*" — "*Quando nos lembramos do passado*, receamo-nos do futuro" — "*Enquanto temos tempo*, façamos bem a todos".

904 — SUBORDINADAS REDUZIDAS: As subordinadas podem apresentar-se, também, com os verbos numa de suas *formas nominais*; chamam-se, neste caso, **reduzidas**.

Podem ser:

reduzidas *de infinitivo*
reduzidas *de gerúndio*
reduzidas *de particípio*

de infinitivo:

É bom *estudares* = É bom *que estudes*.
Julgo *deveres ir* = Julgo *que deves ir*.
O que me vinga de sua ignorância é *acreditarem êles a sua opinião* = O que me vinga de sua ignorância é *que êles acreditam a sua opinião*.
Isto depende *de sêres feliz* = Isto depende *de que sejas feliz*.
Mandei *os convidados entrar* = Mandei *que os convidados entrassem*.
Fique *até eu mandar sair* = Fique *até que eu mande sair*.

de gerúndio:

Estudando as lições, o menino aprende = *O menino que estudar as lições* aprende.
Reinando Tarqüínio, veio Pitágoras para a Itália = *Quando reinava Tarqüínio*...
Proferindo o orador estas palavras, a assembléia rompeu em aplausos = *Quando o orador proferiu*...

de particípio:

Acabada a festa, os músicos partiram = Quando a festa acabou...
Pôsto o sol, os pássaros deixam de cantar = Depois que o sol se põe...
(Recorde-se o § 698).

Notas: 1.ª — A oração que tem o verbo numa das formas nominais denomina-se reduzida; denomina-se desenvolvida a oração cujo verbo se encontra num dos modos verbais.

2.ª — As subordinadas reduzidas classificam-se como as subordinadas desenvolvidas, isto é, podem ser *substantivas* (subjetivas, objetivas etc.), *adjetivas*, *adverbiais* (causais etc.).

905 — Quantas orações há num período, ou por outra, como descobrir o número de orações existentes num período?

Há num período tantas orações quantos são os verbos em formas modais, quer em conjugação simples, quer em conjugação composta, quer em locução verbal. Por exemplo, no período "*Quero* que você *vá*" há duas orações, por há duas formas modais de verbo, uma no indicativo (*quero*), outra no subjuntivo (*vá*). No período "Eu *haveria conseguido* que você *ficasse* bom" há também duas, porque duas formas modais existem: *haveria conseguido* (forma composta) e *ficasse*. No período "Eu *tenho de ir* porque êle *está passando* mal" há ainda duas orações, porque há sòmente duas formas modais: *tenho de ir* (locução verbal) e *está passando* (outra locução verbal: § 513 e ss.).

Também as formas nominais constituem oração quando têm sujeito próprio (isto é, diverso do sujeito do verbo da oração subordinante) ou quando conversíveis em formas modais. Por exemplo: No período "Mandei Paulo sair" há duas orações e não sòmente uma, porque o infinitivo *sair* tem sujeito próprio (*Paulo*), diverso do sujeito de *mandei*, que é *eu*. — No período "Mandei-os sair" há também duas orações, porque o infinitivo é conversível em forma modal: "Mandei que êles *saíssem*" (Recordem-se os exemplos do § anterior).

Nota — Períodos como "*Pedro* e *Paulo* partiram" melhor parece que se considerem "períodos simples, de sujeito composto", do que "períodos compostos de duas orações coordenadas" (Pedro partiu e Paulo partiu). O memo se diga quando o "e" liga objetos (Comprei um *lápis* e uma *pena*) ou outros têrmos que exerçam a mesma função: Êle é *inteligente* e *rápido*.

906 — Como fazer para dividir as orações, ou por outra, onde começa a nova oração?

As formas conjuntivas (conjunções, pronomes relativos, advérbios relativos) indic am o início de nova oração. Por exemplo: no período "Não veio o aluno que é bom" o *que* inicia nova oração, porque é pronome relativo:

"Não veio o aluno || que é bom"

Quando os pronomes relativos vêm antecedidos de preposição, esta preposição fica pertencendo à nova oração:

"Não veio o aluno || *a* que você deu boa nota"

A inversão dos têrmos não deve perturbar-nos na separação:

"O aluno || que é bom || não veio"

2.ª oração

primeira oração

Quando o verbo da oração está numa forma nominal, pertencem a essa oração os têrmos que têm relação com a forma nominal:

"Posto o sol || os pássaros deixam de cantar" (§ 698).
"Mandei- || o sair" (§ 652).

907 — As orações do verbo **haver**, quando indicam noção de tempo — *há muito* (tempo), *havia anos* — aparecem na frase com feições diversas:

1 — Há muito tempo que moro nesta casa.
2 — Há muito moro nesta casa.
3 — Moro há muito nesta casa.
4 — Moro nesta casa muito há.
5 — De há muito moro nesta casa.

O primeiro tipo é manifestamente de um período composto por subordinação, em que *há muito* é a oração principal e *moro nesta casa* é subordinada adverbial temporal (*que* = *desde que*). A esta análise subordinam-se os seguintes exemplos: "Havia poucos dias que era chegado" — "Talvez não haja uma hora que passou pelo retiro".

O 2.°, o 3.° e o 4.° tipo só divergem entre si quanto à colocação dos têrmos, devendo a análise ser a mesma. Aí a oração do verbo *haver* tem caráter de *interferente*. A esta análise subordina-se o seguinte exemplo: "E andam a prometer há um ano que se hão de levar lá" (O conectivo *que* pertence ao verbo *prometer*).

O 5.° tipo assume a feição de mero adjunto adverbial de tempo. Sôbre ela escreve A. Coelho: "Influência semelhante se nota na expressão freqüente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação de tempo passado; *há* não é percebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o antepor-se-lhe *de* por analogia com expressões como *de então*, *de ontem*, *de muito*". A esta análise se reduz, por exemplo: "Uma lei de há três séculos".

Quando encravada em subordinadas, como "Creio que *há muito* está doente", tal expressão existencial assume igualmente o caráter de

adjunto adverbial de tempo. Tal análise poder-se-ia estender mesmo ao 2.º, ao 3.º e ao 4.º tipo (*há muito = desde muito*). A ela com certeza devemos subordinar o seguinte passo de Camões, considerando expletivo o segundo *que*: "E navegar meus mares ousas, que eu *tanto tempo há já que tenho*".

Notas: 1.ª — Nos quatro primeiros tipos pode o verbo *haver* ser substituído por *fazer*. Tanto o verbo *haver* quanto o v. *fazer* são impessoais em orações como essas e devem ficar no singular: "*Faz* dois dias que chove" — e não: "*Fazem* dois dias...".

2.ª — Não confundamos o *há* de tais expressões com a preposição *a* de outras: "Daqui *a* dois anos" (e não: "Daqui *há* dois anos"). "Os bombeiros chegaram *a* tempo" (= Os bombeiros chegaram *em* tempo, *com* tempo) é oração que não se deve confundir com "Os bombeiros chegaram *há* tempo" (= "... *faz* tempo").

3.ª — Subordina-se o verbo *haver*, quando impessoalmente empregado em expressões de tempo (= passar-se, ter decorrido, ser decorrido) às regras de correlação ou correspondência temporal; será simples verificar o acêrto ou o êrro do tempo do verbo, se substituirmos *haver* por *fazer*: "Em conseqüência de uma sêca que já durava *havia* meses" (= que já durava *fazia* meses — e não: que já durava *faz* meses). O imperfeito aí se impõe, não se podendo dizer: "...que já durava há meses". Outro exemplo: "*Havia* poucos dias que era chegado".

"Modernamente, contra a índole da língua dos melhores escritores, com freqüência se perde de vista o paralelismo das formas verbais, e redige-se: *Há* dias que se *trabalhava*. Evite-se esta construção" (Vasco Botelho de Amaral).

908 — Sinopse da análise sintática da ORAÇÃO

(Elementos possíveis numa oração)

sujeito { simples / composto / indeterminado

predicado { nominal / verbal / verbo-nominal

predicativo { do sujeito / do objeto

complemento nominal

(complemento verbal) objeto { direto / indireto

agente da passiva
adjunto adnominal
adjunto adverbial
apôsto
vocativo

PERIODO

- simples: 1 oração absoluta
- composto
  - por coordenação (2 ou mais orações absolutas)
    - coordenada assindética
    - coordenada sindética
      - aditiva
      - adversativa
      - alternativa
      - conclusiva
      - explicativa
  - por subordinação
    - principal
    - subordinada (desenvolvida ou reduzida)
      - substantiva
        - subjetiva
        - objetiva
          - direta
          - indireta
        - completiva nominal
        - predicativa
        - apositiva
      - adjetiva
        - restritiva
        - explicativa
      - adverbial
        - causal
        - comparativa
        - consecutiva
        - concessiva
        - condicional
        - conformativa
        - final
        - proporcional
        - temporal

910 — Modelos de análise sintática:

1. *O menino correu para o campo.*

   Período simples (oração absoluta).
   O — adjunto adnominal.
   menino — sujeito simples.
   correu para o campo — predicado verbal.
   para o campo — adjunto adverbial de lugar para onde.
   o — adjunto adnominal.

2. *Tenha sempre, meu filho, cuidado com os livros, seus verdadeiros amigos.*

   Período simples (oração absoluta).
   Tenha sempre cuidado com os livros — predicado verbal.
   sempre — adjunto adverbial de tempo.
   meu filho — vocativo.
   cuidado — objeto direto.
   com os livros — complemento nominal.
   os — adjunto adnominal.
   seus verdadeiros amigos — apôsto.
   seus, verdadeiros — adjuntos adnominais.

3. *A menina passou nos exames || e o menino foi reprovado pela professôra.*

   Período composto por coordenação.

   1.ª oração: *A menina passou nos exames* — oração absoluta.
   A — adjunto adnominal.
   menina — sujeito simples.
   passou nos exames — predicado verbal.
   nos exames — adjunto adverbial de lugar onde.

   2.ª oração: *e o menino foi reprovado pela professôra* — oração absoluta, coordenada sindética aditiva.
   e — conectivo (conjunção coordenativa aditiva).
   o — adjunto adnominal.
   menino — sujeito simples.
   foi reprovado pela professôra — predicado verbal.
   pela professôra — agente da passiva.

4. *O aluno || que examinei || é inteligente.*

   Período composto por subordinação.
   1.ª oração: *O aluno é inteligente* — principal.
   O — adjunto adnominal.
   aluno — sujeito simples.
   é inteligente — predicado nominal.
   inteligente — predicativo.

2.ª oração: *que examinei* — subordinada adjetiva restritiva.
que examinei — predicado verbal.
que — objeto direto.

5. *Quero* || *que você vá ao Rio* || e *volte* || *quando mamãe ficar boa.*

Período composto por coordenação e subordinação.

1.ª oração: *Quero* — principal.
quero — predicado.

2.ª oração: *que você vá ao Rio* — subordinada substantiva objetiva direta.
que — conectivo (conjunção integrante).
você — sujeito simples.
vá ao Rio — predicado verbal.
ao Rio — adjunto adverbial de lugar para onde.

3.ª oração: *e volte* — subordinada à principal e coordenada (sindética aditiva) à subordinada anterior.
e — conectivo (conjunção coordenativa aditiva).
volte — predicado.

4.ª oração: *quando mamãe ficar boa* — subordinada adverbial temporal.
quando — conectivo (conjunção subordinativa temporal).
mamãe — sujeito simples.
ficar boa — predicado nominal.
boa — predicativo.

911 — A clareza e a elegância do período dependem da boa ›locação das orações que o formam. O espírito disciplinado e o tra›iejo literário na leitura dos bons autores dispensam as regras, aliás ›uco seguras, que se possam dar sôbre o assunto.

Crendo oportuna a ocasião, aqui ofereço ao aluno uma lista de ›tores recomendáveis pela harmonia e concatenação das orações bem ›mo pelo conhecimento de vasto e erudito vocabulário, mencionando ao ›esmo tempo algumas de suas obras.

AUTORES E OBRAS

BERNARDIM RIBEIRO, clássico quinhentista (1482-1562): "Me›na e Môça", poema lírico em prosa, em que o autor, em linguagem ›stiça e harmoniosa, mostra tôda a suavidade e carinho no contar melan›lico de seus amôres infelizes.

Luís Vaz de CAMÕES, clássico quinhentista (1524-1580), a maior ›pressão do Gênio português: "Lusíadas", uma das grandes epopéias da ›eratura universal.

Padre Antônio VIEIRA, clássico seiscentista (1608-1697), de estilo vivíssimo, descrições cheias de colorido, de propriedade, de riqueza e adjetivação muito segura: "Sermões".

Padre Manuel BERNARDES, clássico seiscentista (1644-1710), autor de linguagem pura, harmoniosa, majestosa e opulenta, de períodos maravilhosamente elegantes, bem feitos e melodiosos: "Nova Floresta", "Luz e Calor".

J. B. da Silva Leitão de Almeida GARRETT, romancista (1799-1854), de estilo colorido e ao mesmo tempo espontâneo: "Frei Luís de Sousa", "Viagem de Minha Terra", "Fôlhas Caídas", "Flôres sem Fruto".

ALEXANDRE HERCULANO de Carvalho e Araújo, romancista (1810-1877), modêlo dos que se dedicam a descrições, de estilo sóbrio e a um tempo vigoroso e de linguagem pura: "Lendas e Narrativas", "Eurico", "O Monge de Cister", "O Bôbo", "A Harpa do Crente".

Antônio Feliciano de CASTILHO (1800-1875), de linguagem pura, variada, elegante e abundante: "Poesias" e várias traduções (Ovídio, Anacreonte, Virgílio, Molière, Shakespeare, Goethe).

CAMILO Castelo Branco, romancista (1826-1890), de propriedade e variedade assombrosas, de estilo admiràvelmente seguro e enérgico: "Amor de Perdição", "Amor de Salvação", "A Corja", "Eusébio Macário".

José Maria EÇA DE QUEIRÓS, romancista naturalista (1845-1900), de estilo nem sempre puro, mas flexível e irônico: "O Crime do Padre Amaro", "O Primo Basílio", "O Mandarim", "Os Maias", "A Relíquia".

Abílio Manuel de GUERRA JUNQUEIRO, poeta satírico e mordaz (1850-1923): "Os Simples", "Orações".

Antônio GONÇALVES DIAS, poeta indianista (1823-1864), o maior poeta lírico brasileiro: "Primeiros Cantos", "Novos Cantos", "Últimos Cantos".

JOSÉ DE ALENCAR, romancista indianista (1829-1877), de lirismo imaginoso e de forma brilhante: "O Guarani", "As Minas de Prata", "Iracema", "O Tronco do Ipê", "O Sertanejo", "Mãe".

Joaquim Maria MACHADO DE ASSIS, naturalista (1839-1908), clássico na linguagem e moderado na expressão: "Crisálidas", "Falenas", "Histórias da Meia Noite", "Iaiá Garcia", "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "D. Casmurro", "A Mão e a Luva".

ALBERTO DE OLIVEIRA, poeta parnasiano (1860-1911), de espírito pessimista, mas claro e discreto, o maior ourives dos ourives parnasianos: "Primeiros Sonhos", "Sinfonias", "Poesias".

OLAVO Brás Martins dos Guimarães BILAC, poeta parnasiano (1865-1918), de versos impecáveis e espontâneos, de imagens e expressões brilhantemente coloridas: "Via Láctea", "Sarça de Fogo", "O Caçador de Esmeraldas", "Alma Inquieta".

EUCLIDES DA CUNHA, historiador, sociólogo, polígrafo (1866-1909), um dos maiores literatos brasileiros, de espírito observador levado ao grau sumo: "Os Sertões", "Contrastes e Confrontos", "Martim Garcia", "À Margem da História", "Peru versus Bolívia".

QUESTIONÁRIO

1 — Como encontrar o número de orações existentes num período, ou melhor, quantas orações há num período? (§ 905).
2 — Quando as formas nominais constituem oração? (§ 905).
3 — Como dividir as orações que constituem o período? (§ 906).
4 — Separe as orações que constituem o período "Quem se esforça vence" — NÃO SE ESQUEÇA DO QUE FICOU DITO NA NOTA 4 DO § 900 — VEJA TAMBÉM O 3.º EXEMPLO DADO NO § 906: "O aluno que é bom não veio".
5 — Separe as orações que constituem o período: "Irei quando você quiser" — e analise as orações (§ 887 e ss.).
6 — No seguinte período há uma oração principal, uma adjetiva e uma adverbial: "Quando o sol lançou o último olhar sôbre a terra, todos dirigiram ao Criador uma oração que agitava imperceptìvelmente os lábios". Diga qual é a principal, qual a adverbial e qual a adjetiva e dê a análise sintática dos têrmos que as constituem (Proceda de acôrdo com os modelos do § 910).

Capítulo LXI

PARTICULARIDADES SINTÁTICAS

FLEXÃO DO INFINITIVO PESSOAL

915 — É verdadeiramente desconcertante para o professor de português o problema da flexão do infinitivo pessoal; tropeços enormes encontram-se para a própria exposição e explanação do assunto, quanto mais para a fixação, não digo de regras, mas de normas que possam guiar o aluno. Tal a barafunda de certas gramáticas, que o leitor chega a conclusões desesperadoras e, muitas vêzes, falsas e nocivas, como esta que aqui traslado: "Observadas tão sòmente as exigências da clareza e da eufonia, o emprêgo do infinitivo é *facultativo*".

Por mais escabroso, no entanto, êsse lusismo, irei explicá-lo, procurando ser o mais possível claro e sintético nessa árida e árdua questão.

916 — Há duas espécies de infinitivos: o *impessoal* e o *pessoal*. O impessoal é o infinitivo puro, é a forma nominal essencialmente substantiva do verbo; é inflexível. O pessoal é o infinitivo empregado com referência a um sujeito e — aqui nasce a dificuldade — em português ora é flexionado de acôrdo com a pessoa do sujeito, ora não é flexionado e se confunde com o impessoal. Quando flexionado, assim se conjuga:

por *ter* eu	por *têrmos* nós
por *teres* tu	por *terdes* vós
por *ter* êle	por *terem* êles

Obs. — Fiz anteceder as diferentes flexões do infinitivo da preposição *por* para evitar confusão com o futuro do subjuntivo, confusão de que, às vêzes, não sabem furtar-se alguns alunos: quando *tiver*, quando *tiveres*, quando *tiver*, quando *tivermos*, quando *tiverdes*, quando *tiverem*.

É coisa já sabida que sòmente nos verbos regulares as flexões do infinitivo pessoal são idênticas às do futuro do subjuntivo (§ 433, n. 3, ao pé da página).

917 — A flexão do infinitivo é coisa exclusiva do português: "Gerado na língua êsse maravilhoso lusitanismo, um dos privilégios mais invejáveis do nosso idioma..." (Rui Barbosa).

Os outros idiomas, portanto, carecem de tais formas flexionais, notadas, aliás, nos mais antigos documentos da literatura lusa. Gil Vicente cometeu o êrro de escrever em espanhol: "Teneis gran razon de *llorardes* vuestro

nal" (Obras, II, 71). Alguns poetas do Cancioneiro Geral caíram no mesmo engano. Camões, que muito escreveu em espanhol, foi sempre correto.

Conforme iremos ver, três grandes vantagens temos nesse modismo:

a) *clareza* na expressão do pensamento, pois a flexão sempre evidencia o sujeito;

b) *beleza*, uma vez que a pessoalização do infinitivo oferece ao escritor mais largo ensejo para *variar* e *colorir* o estilo, dando mais ensanchas à linguagem;

c) *concisão*, conforme vimos no § 904.

918 — Foi Soares Barbosa o primeiro gramático que tentou regular o problema da flexão do infinitivo, formulando os dois seguintes princípios (Gramática Filosófica — 1803):

1 — Flexiona-se o infinitivo quando tem êle *sujeito próprio*, diverso do sujeito do verbo regente; não se flexiona quando os *sujeitos* são idênticos.

Em resumo:

Sujeito *próprio* = flexiona-se
Sujeito *idêntico* = não se flexiona

EXEMPLOS:

Declaramos (nós) ESTAREM (êles) prontos.
Ouvi (eu) CHAMAREM-me os amigos.
Julgo (eu) PODERES (tu) com isso.
Assinei (eu) o "Estado" para *proporcionar* (eu) a meus filhos oportunidade de LEREM (êles) as "Questões Vernáculas".
Solicitamos (nós) não DEIXAREM VV. SS. de comprar...
Envio-lhes esta carta, que peço (eu) ASSINAREM E DEVOLVEREM (êles).

OUTROS EXEMPLOS:

Solicitamos a VV. SS. o obséquio de *enviarem*...
Peço aos meus amigos o obséquio de não *entrarem*...
É louvável o desejo de *aprenderem*.
Anima-nos a esperança de *triunfarmos*.
Referi-me à intenção de *partirem*.
Só me cabe aplaudir a resolução de *amparardes* os pobres.

Em todos êsses exemplos da primeira parte da regra de Soares Barbosa, os sujeitos dos infinitivos são diferentes dos sujeitos dos verbos de que dependem êsses infinitivos.

Vejamos agora exemplos da segunda parte da regra, em que os infinitivos não são flexionados por terem sujeito *idêntico* ao do verbo de que êsses infinitivos dependem:

Declaramos (nós) ESTAR (nós) prontos.
Declararam (êles) ESTAR (êles) prontos.

Julgas (tu) PODER (tu) com isso.
Julgo (eu) PODER (eu) com isso.
Temos (nós) o prazer de lhe PARTICIPAR...
Tivemos (nós) a honra de INFORMAR...
Eles tinham a certeza de TRIUNFAR.
Tinham necessidade de tudo DECLARAR.

2 — Continua Soares Barbosa:

Flexiona-se ainda o infinitivo quando empregado como *sujeito*, *predicado*, ou *complemento de alguma preposição*, em sentido não já abstrato, vago, mas concreto, determinado — isto é, quando o infinitivo é empregado não em significação geral, universal, mas em referência a determinado, a especificado sujeito.

Exemplos em que o infinitivo é **sujeito:**

O *louvares*-me tu me causa novidade.
Lutarmos é o nosso dever.
Não é necessário *pedires*-me tu isso.
Santificares-te e *fazeres* o bem deve ser teu lema.
O *falares* dessa maneira prejudicará o negócio.
Sirva-nos de lenitivo à derrota o *têrmos* resistido com coragem.
Era de crer que o *seguirmos*, os membros do segundo, a lição...
Bem custoso seria *resistirem* os inimigos a Tarik.
Não é possível *assaltarem* êsses perversos o arraial.
Cumpre *avisares* Ruderico.
É pouco provável *resistirem* os jovens à prova.
Nem é menos de ver no meio do ar *saírem* as águas e o fogo juntamente das nuvens.
É certo *terem* partido os navios.
Não é de prudência *dizerem*-se tais coisas pùblicamente.
Não compete a vocês *queixarem*-se de nós.
Como nos havia de ser defeso *recorrermos* para a mesma serventia...
Viu-se ao longe, para a banda das serranias... *resplandecerem* as cumiadas das montanhas.

Exemplos em que o infinitivo faz parte do **predicado:**

Nada mais surpreendente do que *verem*-na desaparecer.
Os trabalhadores que acontecia *passarem* por ali.

Exemplos em que o infinitivo é **complemento de alguma preposição ou locução prepositiva:**

Os maus, com se *louvarem*, não deixam de o ser.
Em virtude de *estarem* entrando os despachos de setembro...
A maneira de os alunos *estudarem* as lições...
Êles, os homens, para se *desculparem*...
As flôres, além de *constituírem* matéria prima...

É tempo de *partires*.
Pede-se aos senhores passageiros a fineza de, ao *entrarem* ou *saírem*, *fecharem* as portas do elevador.

Obss.: 1.ª — Vê o aluno nos exemplos da 2.ª regra de Soares Barbosa que os infinitivos pessoalizados *determinam*, *concretizam* o verbo com relação ao sujeito o que não aconteceria se viessem não flexionados: Fácil é *vencer* — *Lutar* é o nosso dever.

2.ª — Corolário evidente desta 2.ª regra é o princípio: Não se flexiona o infinitivo quando, empregado como sujeito ou predicado ou complemento de alguma preposição, é tomado em sentido *vago*:

Imaginavam que *seguir* metáforas é *descabeçar* adágios — Pede-se aos senhores passageiros a fineza de, ao *entrar* ou *sair*, *fechar* as portas do elevador.

3.ª — Pode-se seguramente afirmar: Também quando *objeto* o infinitivo se flexiona, quando empregado em sentido determinado e quando necessária a flexão para determinação do sujeito:

Perdoe-te o céu o *haveres*-me enganado.

919 — Ótimas seriam as duas regras de Soares Barbosa, se êsses sòmente fôssem os casos de emprêgo do infinitivo; tanto não são elas completas que Camões, como todos os clássicos e modernos representantes de nossas lêtras, apresentam exemplos que a elas não se adaptam. Camões escreveu: "Folgarás de *veres*" — construção que contraria a 1.ª regra de Soares Barbosa, pois os sujeitos são idênticos (Folgarás — tu — de *veres* — tu). Bernardes escreveu: "Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se?" — onde, não obstante serem idênticos os sujeitos, o infinitivo está flexionado. Castilho redigiu: "Assaz mostraste *sêres* cabal..." — flexionando o infinitivo, quando o sujeito é o mesmo do verbo *mostraste: tu.*

920 — Aparece então outra regra, 33 anos depois da de Soares Barbosa, formulada por Frederico Diez (pronuncie *ditz*), em sua "Gramatik der Romanischen Sprachen" (Gramática das Línguas Românicas — 1836-1844), procurando justificar milhares de exemplos de centenas de autores:

"Só se flexiona o infinitivo quando é possível ser substituído por uma forma modal, sendo indiferente que êsse infinitivo tenha sujeito próprio ou não".

EXEMPLOS:

Alegram-se por *terem* visto o pai = Alegram-se *porque viram*...
Acreditando tu não me *teres* ofendido = ...*que* não me *ofendeste*[1].
Afirmo *terem* chegado os navios = ...*que chegaram* os navios.

---

(1) "Acreditando tu não me *teres* ofendido" (= ... que não me ofendeste) — A redação "Acreditando tu não me *ter* ofendido" traria sentido reflexivo ao verbo *ofender*, supondo seu sujeito a 1.ª pessoa: "... não me ter (*eu*) ofendido" — quando não é êsse o sentido que o autor quer dar à frase. A flexão aí se impõe, já por ser conversível a forma nominal em forma modal, já por a exigir a clareza.

Veja-se estoutro exemplo de Herculano: "Os dois dias que me pediste para *chorares* o teu cativeiro" (= para que chorasses) — A não flexão do infinitivo não evidenciaria com precisão o sujeito.

Que mal te fiz eu, ó meu Deus, para não me *deixares* = para *que* não me *deixes*...
Deviam persegui-lo sem descanso nem tréguas até o *cativarem* = até *que* o *cativassem*.
Ficaram feridos até *conseguirem* reaver... = até *que conseguissem* reaver...
Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se? = ...para *que comessem*.
Que também êsses se ergam para *pelejarem* batalhas tremendas = para *que pelejem*...
Guarda-o para o *empregares* melhor = para *que* o *empregues*.
Trabalha, meu filho, para *agradarem* tuas obras a Deus = para *que agradem*.
Leis que se fazem para se não *cumprirem* = para *que não se cumpram*.
A cidade de Goa não queria largar seus ossos para se *trasladarem* à de Lisboa = para *que se trasladassem*.
Grandes razões para nos *convencerem* têm VV. SS. = para *que nos convençam*...
Sem que tal circunstância obrigue os amigos a *efetuarem* = a *que efetuem*.
O govêrno obrigou as fábricas a *produzirem* = a *que produzissem*.
Temíamos por *sermos* homens = *porque éramos* homens.
Já tivemos oportunidade de nos *referirmos* = de *que nos referíssemos*.

Obs. — Saiba o aluno compreender a significação do "só" que inicia a regra de Frederico Diez: a regra é justificativa da flexão e não imperativo que nos obrigue a flexionar o infinitivo sempre que seja conversível numa forma modal. Achando um autor que o infinitivo, embora conversível numa forma modal, nenhuma necessidade sofre de flexionar-se, pode deixá-lo não flexionado: "Curvam-se para *beijar* a fímbria da sua estringe" — "Preparavam-se para *morrer*" — "Precisávamos cavar o chão para *obter* água" — "Cometeram tais atrocidades para *agradar* aos chefes" — "Grandes razões para *convencer*-nos têm VV. SS." — "Já tivemos oportunidade de *referir*-nos" — "Obrigai-nos a *confessar* que sois amigos dos brasileiros" — "Obrigando-os por via de tormento a *restituir* aquilo que tinha ocupado" — "Convidam os homens a *perseverar* na continuação do pecado" — "Forçou os inimigos a *fugir*".

De igual maneira, caso o autor julgue conveniente a flexão, não tanto por ser o infinitivo conversível numa forma modal, mas por achar outra razão qualquer, como a clareza ou a eufonia ou o ritmo da frase, tem liberdade de flexioná-lo: "Pela capacidade em que ficam para *viverem* fora da prisão" — "Não temos tempo nem papel para *tratarmos*..."

921 — Confrontando as regras de Soares Barbosa com a de Diez, pode o aluno fazer estas considerações:

1 — É interessante notar que Diez encarou o problema por faces inteiramente diferentes.

2 — A nova regra vem justificar grande número de legítimos exemplos que não se amoldavam às regras de Soares Barbosa: "Folgarás de

veres" (de que vejas) — "Mostraste *sêres* cabal" (que és cabal) — "Que traça dariam para todavia *comerem*...?" (para que comessem).

Quer isso dizer que, ao mesmo tempo que esclarece o assunto, vem chocar-se com a regra de Soares Barbosa, pois justifica a possibilidade da flexão do infinitivo em casos em que os sujeitos são idênticos.

3 — Mesmo chocando-se numa parte, esclarece, por outra, o problema, servindo ambas de "fio condutor no labirinto do uso clássico do infinitivo flexionado".

922 — Ficam ainda essas duas normas *aquém dos fatos*, os quais, em grande variedade e incerteza, não se subordinam à disciplina gramatical. Contra a teoria de Soares Barbosa insurgem a cada passo *fatos* de incontestável vernaculidade clássica, muitos dos quais vão igualmente fazer rosto ao eminente gramático alemão. Por exemplo:

"Não nos deixeis *cair* em tentação"
"Deixai *vir* a mim os pequeninos"
"Fazei-os *sentar*"

são construções em que os infinitivos *cair*, *vir*, *sentar*, têm *sujeito próprio* (vão, pois, contra a regra de Soares Barbosa), e podem ser substituídos por formas modais (contrariando, dessa forma, ao mesmo tempo, a regra de F. Diez).

Notemos, ainda, exemplos como êstes: "Alguns mancebos mais destros fingiam **acometer-se,** *pelejarem, vencerem, serem vencidos*" (Herculano) — "Assaz mostraste *sêres* cabal para **dizer** verdades" (Castilho). Os infinitivos *acometer* e *dizer* tinham os mesmos motivos que os outros (peleja*rem*, vence*rem*, se*rem* — para o 1.º exemplo — e sêres, para o 2.º) para se flexionarem. De semelhante liberdade encontramos *freqüentes* exemplos nos clássicos.

923 — Vê, pois, o aluno a insuficiência das duas regras tradicionais sôbre o assunto; daí a necessidade de outras normas *secundárias*, que expliquem e convenientemente justifiquem centenas de exemplos que contrariam os dois citados mestres. Tais normas iremos estudar, subordinando-as, quanto possível, às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez.

LOCUÇÃO VERBAL

924 — *a*) Deve o aluno compreender que as regras dos eminentes mestres são, antes de regras, *justificativas* da pessoalização do infinitivo. Isto quero frisar: No caso de serem idênticos os sujeitos, devemos dar preferência à forma flexionada quando o exigir a *clareza* e a *eufonia*. Emprego aqui a palavra *eufonia* no sentido por mim sempre defendido: é eufônico o que não contraria o *uso*, o que não contraria o *hábito* do ouvido (§ 819).

Sempre, portanto, que se chocarem as regras de Soares Barbosa com a de Frederico Diez, servir-nos-á de árbitro o uso, a *clareza*, o *ouvido*. Inútil e, conseguintemente, errada será a flexão, tôda a vez que o infinitivo formar com o verbo subordinante uma *locução verbal* (§ 513 e ss.), isto é, quando o infinitivo vier intimamente subordinado ao verbo de que depende, não obstante a regra de Frederico Diez.

Construções como:

"Desejamos *comprarmos* livros"
"Desejando VV. SS. *comprarem* livros"
"Lamentamos não *podermos*. . ."
"Estão merecendo *serem*. . ."
"Acham-se em mau estado, devendo *serem* substituídas"
"Esperando *sermos* atendidos. . ."

são construções inteiramente obtusas; nelas os infinitivos tornam-se como partes essenciais do verbo de que dependem, como, *mutatis mutandis*, os têrmos que concorrem para a formação de uma locução adverbial: É tudo um só verbo e, por conseguinte, só o principal se flexiona. Os infinitivos *comprar* (para os dois primeiros exemplos), *poder* (para o 3.º) e *ser* (para os três últimos) dependem, intrìnsecamente, das formas verbais *desejamos*, *desejando*, *lamentamos*, *estão merecendo*, *devendo*, *esperando*.

b) Entram no rol das locuções verbais exemplos como êstes: "Tinham muito com que se *alegrar*" — "Tiveram bastante com que se *ocupar*". — Há nesses exemplos elipse do verbo *poder*, que forma com o infinitivo da oração a locução verbal: "Tinham muito com que se (*pudessem*) *alegrar*" — "Tiveram bastante com que se (*pudessem*) *ocupar*".

ORAÇÃO INFINITIVO-LATINA

925 — Sabe já o aluno o que vem a ser "oração *infinitivo-latina*" (Recorde todo o § 652). Pois bem, quando o infinitivo, juntamente com o seu sujeito (quer realmente expresso, quer substituído pelo correspondente pronome oblíquo) constituem oração infinitivo-latina, o infinitivo é de preferência empregado na forma não flexionada, não obstante as regras dos dois mestres:

"Mandei os homens procurar"

os homens → suj. de *procurar*
procurar → objeto de *mandei* (1)

---

(1) Não confunda o aluno essa construção com estoutra: "Mandei procurar os homens", onde *os homens* passa a ser objeto de *procurar*. A primeira se converte em:

"Mandei-*os* procurar"
↓
sujeito acusativo de *procurar*

e a segunda em: "Mandei procurá-*los*"
↓
objeto dir. de *procurar*

Vê o aluno que essa construção não se enquadra nas normas de Soares Barbosa (pois, por serem diferentes os sujeitos, o infinitivo deveria flexionar-se) nem na de F. Diez (o infinitivo é conversível numa forma modal: *que procurassem*); não obstante, é tal construção *legítima* e *usual*.

OUTROS EXEMPLOS: Fazei-os *parar* — Os raios matutinos faziam *alvejar* os turbantes — Viram *desaparecer* os godos — Vendo (êle) *voltear* ante si as imagens risonhas do opróbrio — Mandou-os o Senhor *pregar* pelo mundo — Que nem no fundo os deixa *estar* seguros — Não nos deixeis *cair* em tentação — Deixai *vir* a mim os pequeninos — Napoleão viu seus batalhões *cair* — Vi os navios que partiam *desaparecer* no horizonte — Vejamos do ar *cair* as nuvens e as neves — Solicitamos não *deixar* VV. SS. de atender... — O presidente Opas pensa que importa *fortificar*-nos no Calpe (Tem o aluno neste exemplo outra confirmação do que disse na *nota* do § 920).

Obs. — Rara e excecionalmente aparece a forma flexionada:

"E *verão* mais...
Os dois amantes míseros *ficarem*
Na férvida e implacábil espessura".

"Que eu vos prometo, filha, que *vejais*
Esquecerem-se gregos e romanos
Pelos ilustres feitos..."

— Lembro aqui o que ficou dito no § 840 quanto à liberdade dos poetas.

ÊLE NÃO NOS DEIXARÁ ENGANAR

926 — Quando, nas orações infinitivo-latinas em que o sujeito é expresso por um oblíquo, o infinitivo fôr constituído de *verbo pronominal*, manda a eufonia que não se empregue o oblíquo do pronominal. Assim é que não dizemos: "Fazendo-*nos* sentar-*nos* junto de si" nem, com maior rigor: "Fazendo-*nos* sentar*mo-nos*" (construção arrepiante), mas, simplesmente: "Fazendo-*nos sentar*".

Ouçamos, para o caso, o professor Álvaro Guerra: "De boa sintaxe, pois, são os seguintes torneios de elocução: "Faz-*me recordar* do passado" — "Fêz-*te arrepender* dos teus crimes" — "Fazia-*nos curvar* ante a sua majestade" — em vez de: "Faz-*me* recordar-*me* do passado" — "Fêz-*te* arrepender-*te* etc. A duplicação do pronome átono, em tais expressões, evita-se, simplesmente, por eufonia. A mesma sintaxe, aliás, se nos oferece com os verbos *mandar*, *deixar*, *ver*, *ouvir* etc., quando, conjugados ou não, regem um infinitivo em idênticas condições: "Mandou-*nos* sentar" — "Deixou-*nos* levantar" — "Viu-*nos* deitar" — "Ouviu-*nos* queixar da sorte" — "Êle não *nos* deixará enganar" (§ 776, 3, n.).

PREPOSIÇÃO+INFINITIVO

927 — 1) Quando o infinitivo, juntamente com a preposição *a*, equivale ou a um *particípio presente* latino (Flôres *a rescender* cheiros = flôres *rescendentes*) ou a um *gerúndio* (Andavam *a entrar*-lhe por casa = andavam *entrando*), devemos, de preferência, usar a forma não flexionada:

"Seculares *a desfrutar* cinco ou seis abadias".
"...flôres *a rescender* cheiros vários".
"E tu *a reprovar*".
"Os santos *a pregar* pobreza... *a persuadir*-lhe humildade".

2) Mesmo que o infinitivo regido da preposição *a* constitua *complemento de substantivo* ou de *adjetivo*, emprega-se, de preferência, a forma não flexionada:

"*Destinados a conseguir* grandes coisas" — "...fadados *a passar*" — "...tendentes *a submeter*".

Obss.: 1.ª — A mesma preferência tem o infinitivo *não flexionado* quando constitui complemento de substantivo ou de adjetivo, *qualquer que seja a preposição:*
"Estâncias de propósito *fabricadas para hospedar* os peregrinos".
"*Penas para escrever* cartas" — "*Instrumentos para lavrar* a terra" — "*Desejosos de alcançar* vitória" — "Olhos *cansados de a chorar*".
2.ª — Se o infinitivo, quando complemento de substantivo ou de adjetivo, tem sentido passivo, permanece inflexível: Ossos *duros de roer* — *Cartas por escrever.*
Não há necessidade de, em tais casos, colocar o pronome apassivador *se:* osso duro de roer-se (V. § 404, notas 4 e 5).

POSIÇÃO — DISTÂNCIA

928 — Quando um *infinitivo preposicionado* precede ao verbo regente ou quando, quer preposicionado quer não, vem distanciado do verbo regente, a *clareza* permite e às vêzes exige a flexão, mesmo no caso de serem idênticos os sujeitos.

EXEMPLOS:

Infinitivo preposicionado antes do verbo regente: "Para se *consolarem*, os infelizes dormiam tranqüilos" — "Na expectativa de *sermos* atendidos, muito lhe agradecemos".

Infinitivo distanciado:

"*Possas* tu, descendente maldito,
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros
Sêres prêsa de vis Aimorés".

"*Deviam*-no TRAZER todos vocês nas palmas, dar mil graças aos
s, e ACABAREM de crer" — "*Foram* dois amigos à casa de outro a
de PASSAREM as horas da sesta" — "*Viam*-se LAMPEJAR
armas nos visos dos dois últimos outeiros que por aquela parte rodeavam
ampo, e AGITAREM-SE ondas de vultos humanos e SUMIREM-SE,
la após onda..." — "As aves aquáticas redemoinhavam nos ares ou
isavam sôbre as águas, e *pareciam*, nos vôos incertos, ora vagarosos,
rápidos, FOLGAREM com os primeiros dias da estação...".

Vê o aluno que a intercalação de palavras ou frases entre o verbo
ordinante e o infinitivo pode justificar a flexão: "Quando, na redação
frase, grande número de palavras mediam entre a primeira e a segunda
ma infinitiva, nem sempre fere o ouvido o supérfluo e inconveniente da
xão a esta desnecessàriamente impressa" (Rui). — Ao mesmo tempo
permite, acha Rui desnecessária a flexão. A verdade é que o ouvido
esquece da subordinação, provindo daí a não inconveniência da flexão
infinitivo.

Veja o aluno estoutro exemplo em que o primeiro infinitivo, por vir
ximo do verbo subordinante, encontra-se na forma não flexionada,
ando no entanto flexionados os outros infinitivos, que já se distanciam
verbo subordinante: "Praza a Deus que Bolívar, San Martin, Nabuco
antos outros *continuem* a IMITAR os servos dêste Novo Mundo, a
ROSSEGUIREM na sua marcha e a MANTEREM vivo o fogo...".

Verbo PARECER

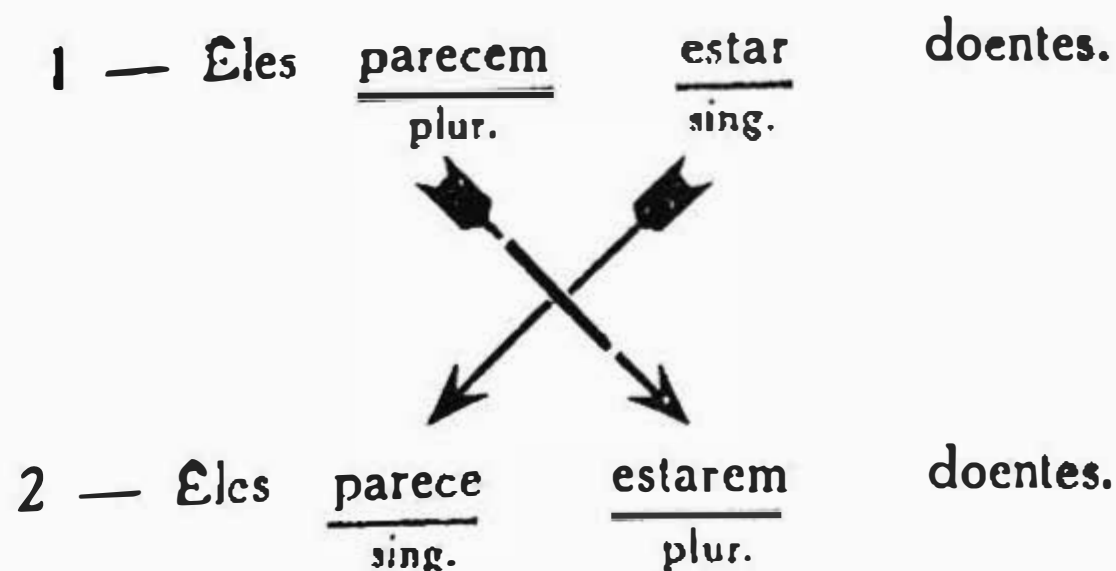
929 — Dá-se com o verbo *parecer* o seguinte: Tanto podemos
er: "Êles *parecem estar* doentes" — como: "Êles *parece estarem*
entes".

No primeiro caso ("Êles *parecem* estar doentes") o verbo *parecer*
á empregado como verbo de ligação, sendo seu predicativo "estar
ntes":

Êles	parecem	estar doentes
sujeito	v. de ligação	predicativo

No segundo caso ("Êles *parece* estarem doentes"), o verbo *parecer*
á empregado intransitivamente, isto é, com sentido completo, e é seu
eito "estarem doentes" — equivalendo a oração a
arece *estarem êles doentes*" ou Parece *que êles estão doentes*".

estarem êles doentes	*que êles estão doentes*
sujeito de *parece*	sujeito de *parece*

O verbo *parecer*, pois, quando o sujeito da oração está no plural,
ulta estas duas construções:

Nada, portanto, deverá estranhar-nos a flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* estiver no singular, nem a não flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* vier no plural:

"Escudos que os compridos saios de malha *pareciam tornar* inúteis" — "Que *pareciam desprezar* as tribos bereberes" — "Que *parece entoarem*-lhes já o hino da morte" — "Lanças que *parecia encaminharem*-se" — "Os quais lhes *pareceu dirigirem*-se para os lados do célebre mosteiro" — "Tais condições me *parecia reunirem*-se...".

EXCLAMAÇÕES E INTERROGAÇÕES

930 — Nas exclamações e nas interrogações o uso do infinitivo flexionado mostra que se quer referir a ação em especial a certo sujeito: "Tu, Hermengarda, *recordares*-te?!" — "*Assassinares* uma fraca mulher!".

QUESTIONÁRIO

1 — *Justifique* ou *corrija*, explicando a razão da justificativa ou da correção, as seguintes construções:

a) Desejam comprarem livros.
b) Êles continuam a hostilizar-nos.
c) Juro terem êles partido.
d) Logrei ser êles nomeados.
e) Acabam de publicar-se os dois últimos volumes (V. no § 404: "Note-se, porém, esta diferença...").
f) Os cavaleiros e besteiros deviam auxiliarem-se uns aos outros.
g) Tinham agora, na sua estropiada condição, de se defrontarem com êles (§ 924).
h) Não será difícil chegarmos a entender-nos.
i) A primeira questão de que deveríamos termo-nos ocupado...
j) Em poucas páginas vemos afluírem tôdas estas locuções (§ 925).
l) Convido V. Ex.ª e Ex.ᵐᵃ Família para assistirem... (V. obs. do § 920).
m) Pedro convida parentes e amigos a assistir à missa (ibidem).
n) Devemos evitar mantermos relações com essas pessoas que chegaram agora.
o) De uma coisa podeis estar certos: obrigar-vos-ei a vos comportardes bem (§ 926 e obs. do § 920).
p) Se não souberdes vos aplicardes, sereis prejudicados em vossa carreira.
q) Êstes homens ficam por aqui e devem, nas ocasiões de acidentes, mergulharem, nadarem e irem buscar as vítimas (§ 918: sujeitos idênticos).

r) Esta cena faz-me vir à memória aquela outra a que assistimos faz três meses: aquêles homens a rirem, a saltarem (§ 927, 1).

s) O serviço telefônico deve ser feito com muita presteza, devendo para tal as mesas de recepção ficarem sempre aparelhadas com o material necessário (Não leve em conta a distância, por ser pequena).

2 — Justifique a igualdade de pureza gramatical entre as orações: "Os homens *parecem ter* perdido a felicidade" e "Os homens *parece terem* perdido a felicidade".

CAPÍTULO LXII

PARTICÍPIO

933 — Se o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo* constituem as formas *modais* do verbo, o *infinitivo*, juntamente com o *particípio* e o *gerúndio*, constituem as formas *nominais*, denominação devida ao fato de o infinitivo, o particípio e o gerúndio poderem exercer função de *nomes*, isto é, de substantivo e de adjetivo (§ 248, 3.ª).

Exemplos em que o infinitivo aparece com função nominal: "*Estudar* é bom" (sujeito), "É hora de *estudar*" (adjunto adnominal), "Ouvimos o *troar* dos canhões" (obj. direto), "Cansado de *estudar*" (complemento nominal).

934 — Três eram os *particípios* em latim(*):

1 — *presente* — amantem
2 — *passado* — amatum
3 — *futuro* — { *ativo:* amaturum / *passivo:* amandum }

935 — O particípio **presente** latino, que nos deu as formas em **ante** (*amante*) para a 1.ª conjugação, **ente** (*movente*) para a 2.ª e **inte** (*constituinte*) para a 3.ª, perdeu em português o valor participial, sendo hoje considerado mero adjetivo (homem *amolante*, voz *suplicante*, rapaz *impertinente*), tendo em muitos casos passado para a classe dos substantivos: os *assistentes*, o *crente*, o *lente*.

Encontram-se no velho português essas formas com seu etimológico valor, isto é, com fôrça verbal: "Per'las ricas e *imitantes* a côr da aurora" (C.) — "Aníbal *passante* os montes Alpes" (Soares Barbosa) — "Mandou recado a certos mouros *estantes* em Cananor" (João de Barros) — e ainda hoje, em algumas frases feitas, como "*temente* a Deus", "não *obstante* isso", "*salvante* o caso", "bem *falante*", "*dependente* de", "*constante* em" (nomes constantes na lista), conservam ainda tais formas o valor do particípio presente latino.

936 — O particípio **futuro ativo** deixou vestígios em português, como: *vindouro* (lat. *venturum* = que há de vir), *morredouro* (lat. *moriturum* = que há de morrer, que vai morrer), mas são hoje usados como meros adjetivos.

(*) V. *Noções Fundamentais da Língua Latina* — § 248.

937 — O mesmo se diga do particípio **futuro passivo**, em latim denominado **gerundivo**, cujos resquícios funcionam como adjetivos uns, como substantivos outros; ninguém, ao ouvir "*venerando* mestre", pensa no sentido etimológico: "mestre *que deve ser venerado*"; o mesmo se aplique a *reverendo, colendo, execrando, examinando, doutorando, memorandum, legenda, vivenda, oferenda* etc., palavras que perderam a idéia de "obrigatoriedade", de "dever ser", de "futuro passivo", idéia implícita no gerundivo latino (*legendus* = que deve ser lido: *vivendus* = que deve ser vivido; *oferendus* = que vai ser oferecido) (*).

Nota — Outra forma nominal existia ainda no latim, o *supino*, que indicava finalidade e nenhum vestígio deixou em português.

938 — O próprio particípio **passado** latino sòmente era usado com sentido passivo, na conjugação da voz passiva, concordando sempre com o sujeito a que se referia. Em português, no entanto, onde se designa pelo simples nome de *particípio*, é usado também na voz ativa (tenho *amado*, havia *merecido*), notando-se que, no velho português, flexionava-se de acôrdo com a palavra a que se referia: "*Cartas* que êle tinha *escritas*" — "...*mercês* que êste reino tem *recebidas*" — "...depois de ter *pisada* a *areia* ardente". Depois que, fenômeno operado do século XVI em diante, os verbos *ter* e *haver* se esvaziaram de sentido (§ 428), os particípios adquiriram sentido *ativo*, imobilizando-se na forma indeclinável, por muitos errôneamente chamada *supino*. Distintas são hoje as significações das frases "Eu tenho *escrito* cartas" e "Eu tenho cartas *escritas*".

939 — É interessante notar que, não obstante empregados **na voz passiva**, certos particípios têm significação **ativa**; por outras palavras: a pessoa, a que êsses particípios se referem, em vez de receber, *pratica* a ação expressa por êsses particípios. Assim é que "homem *lido*" não indica o autor cujas obras são muito lidas (sentido passivo), mas o homem que muito lê (sentido ativo), isto é, que pratica a ação de ler. Tais particípios se denominam particípios **depoentes**, à semelhança do que se passa em latim, onde certos verbos têm significação **ativa**, embora só possam vir conjugados na forma passiva.

Outros particípios em idênticas condições:

FORMA PASSIVA		SIGNIFICAÇÃO ATIVA
êle é *acreditado*	=	êle tem crédito
eu serei *agradecido*	=	agradecerei
não seja *atrevido*	=	não se atreva
fiquei *calado*	=	calei-me
seremos *comedidos*	=	teremos comedimento
rapaz *confiado*	=	rapaz que confia
menino *crescido*	=	menino que cresceu

(*) V. *Noções Fundamentais da Língua Latina* — § 248, 2.

rapaz *despachado*	=	rapaz que despacha
homem *fingido*	=	homem que finge
êle é *lido*	=	êle leu muito
sejamos *moderados*	=	tenhamos moderação
êle está *ocupado*	=	êle se ocupa
lei *ousada*	=	lei que tem ousadia
êle é *pausado*	=	êle trabalha com pausa
homem *sabido*	=	homem que sabe muito
estou *sentido*	=	senti muito
rapaz *viajado*	=	rapaz que viajou muito

Obss.: 1.ª — O mesmo fenômeno de *depoência* do particípio se dá quando, por elegância, empregamos o verbo *ser* pelos auxiliares *ter* e *haver*: "São *chegados* os visitantes da cidade" — "Já cinco sóis eram *passados*" (§ 429).

2.ª — Recorde o aluno o que ficou explicado no § 430 sôbre a construção "Chegados ao Rio".

QUESTIONÁRIO

1 — Quais são as *formas nominais* do verbo e porque assim se denominam?

2 — Discorra sôbre as várias espécies de particípios latinos, explicando a relação existente entre êles e o português atual.

3 — Que diz dos particípios *lido, viajado, sabido, confiado*? Como se chamam tais particípios?

CAPÍTULO LXIII

GERÚNDIO

942 — Uma vez ter-se o particípio presente latino transformado em adjetivos terminados em *ante, ente, inte,* passou o gerúndio a exercer suas funções:

"Ouvi a Isaías *falando* com a mesma república de Jerusalém" (Vieira) — "Vi-o *voando*" — "Fazemos o milagre de Anfião *arrastando* as pedras" (C. C. B.) — "Com os olhos *vagando* por êste quadro imenso..." (Garrett).

Em todos êsses exemplos, as formas gerundiais portuguêsas correspondem ao *particípio presente* latino, ou seja, são adjetivos, porque vêm modificando substantivo ou palavra substantivada.

Nota — Sempre que o autor queira ou a eufonia exija, tais formas gerundiais podem ser substituídas pelo infinitivo precedido de *a:* Com os olhos *a vagar* por êste quadro imenso (V. § 927, 1).

943 — OUTROS EMPREGOS DO GERÚNDIO:

1. Como **modificativo de um verbo,** para ajuntar-lhe uma circunstância: "Êles fortaleceram a conjuração nascente não *crendo*" — O gerúndio *crendo* apresenta-se como **adjunto adverbial de modo** do verbo *fortaleceram:* Fortaleceram de que maneira? — Não *crendo.*

OUTROS EXEMPLOS:

causa: *Sendo* ainda novo, não quis ir só.
concessão: Não quis, *sendo* sábio, resolver as dúvidas por si mesmo.
condição: Triunfarás, *querendo.*
meio: O carneiro defendia-se *dizendo* que...
modo: Êle fala *cantando* — Êle dorme *roncando.*
tempo: *Proferindo* o orador estas palavras, a assembléia deu vivas (= Quando proferiu...).

2. Para a formação de locuções verbais **freqüentativas** (§ 517) e **incoativas** (§ 518): andar *estudando,* estar *trabalhando,* ir *aprendendo,* vir *vindo* — ou quando por semelhante modo se prendem a outros verbos: viver *penando,* morrer *vencendo,* acabar *brigando,* ficar *chorando.*

Nota — Nas locuções verbais, que indicam continuidade de ação, o gerúndio pode ser substituído pelo infinitivo preposicionado: andar *a estudar,* estar *a trabalhar,* viver

a pensar, *ficar a chorar* etc. (Escapam, porém, a esta substituição locuções verbais que indicam desenvolvimento gradual de ação, formadas com os verbos *ir* e *vir*: *ir aprendendo*, *ir indo*, *vir vindo* — V. § 518).

3. Como **predicativo** e, mais raramente, como **sujeito**: Êle está *lutando* (predicativo) — Seria satisfazer a vossos desejos *calando-me* (sujeito).

Obs. — Uma vez que o gerúndio latino não possui nominativo (a forma subjetiva é o próprio infinitivo), é naturalmente estranho, em português, o seu emprêgo com função subjetiva ou predicativa, mas exemplos não faltam dêsse emprêgo: "E o modo com que êle toma êste tempo é não lho *dando*" (Vieira) — "...seria não corresponder a vossa reconhecida bondade, *omitindo*-vos a interessante nova..." (Camilo).

4. Como **apôsto** do sujeito. Dá-se neste caso franca invasão do gerúndio português na esfera do particípio presente latino: "Tudo, *vendo*-me chegar, me perguntava por ela". *Vendo*, que em latim seria o particípio presente (*videns*), com a função de apôsto do sujeito (*tudo*), guarda seu valor, em português, de substantivo-gerúndio, como se vê pela preposição *em* que o pode reger: "Tudo, *em* me *vendo* chegar, me perguntava por ela" (Castilho).

EXEMPLOS: "Dessem-me uma capa de tal condão, que, em me *emboscando* nela, me visse por encanto em longes terras" (Castilho) — "Depois, *tirando* o chapeirão, cortejou a turba-multa por um e outro lado" (H.) — "A febre, *havendo* entrado com grande vigor, não quer despedir de todo" (Vieira) — "*Comendo* alegremente, perguntavam" (C.) — "O sol logo em *nascendo* vê primeiro" (C.) — "Pedro, em *tomando* do Reino a governança, a tomou dos fugidos homicidas" (C.).

5. Em *orações reduzidas de gerúndio* correspondentes ao **ablativo absoluto** latino (§ 698): "*Reinando* Tarqüínio, veio Pitágoras para a Itália" (lat. "*regnante* Tarquinio..."). — Como no caso antecedente, usurpou neste o gerúndio a função do particípio presente latino, conservando, entretanto, seu valor substantivo, revelado pela anteposição da preposição *em*: *Em reinando* Tarqüínio, veio Pitágoras para a Itália.

Obss.: 1.ª — Neste emprêgo, como no antecedente, a preposição *em* é facultativa, e, entre nós, limita-se o seu uso à língua culta. Exemplos: "Frolalta, como ficava Antíoco, *em* te tu *vindo*?" (C.) — "Tudo quanto há na capital do Pará, *tirando* as terras, não val dez mil cruzados" (Vieira) — "*Em despontando* a aurora, adeus Bootes" (Castilho).

2.ª — Em orações reduzidas de gerúndio é de rigor a posposição do sujeito ao gerúndio. Até o século XVI, porém, tal posposição era facultativa: "E êles assi *jazendo*, apareceu-lhe o dito cavaleiro em ávito de palmeiro" (em hábito de peregrino) (Crest. Arc., 110) Em Camões se lê: — "Pròsperamente os ventos *assoprando*, os portuguêses..." — Em Manuel Bernardes (séc. XVII), encontra-se ainda a mesma colocação, que Antônio de Castilho, criticando, tacha de galicismo: "Frei Domingos *vindo* de Tortosa para Valença..." Havia de dizer: "*Vindo Frei Domingos*", etc. Tal construção, acrescenta o insigne mestre, "mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo". Entretanto, diz agora Carlos Pereira, mais parece soar a *arcaísmo*, como dos exemplos cita de se vê.

6. Em orações em que é admissível a noção de tempo, isto é, quando a forma em *ndo* fôr conversível em subordinada adverbial de tempo, iniciada ou pelo advérbio *quando* ou pelo infinitivo regido da preposição *a:* "Fazemos o papel de Anfião *arrastando* as pedras" — isto é, *quando arrastava* ou *a arrastar.* "A seguinte comédia foi feita ao muito poderoso rei D. João III, *sendo* príncipe..." — isto é, *quando era príncipe* ou *ao ser príncipe.*

944 — **É incorreto** o emprêgo do gerúndio quando não se verificar uma dessas seis situações: deve, então, ser substituído por uma destas construções, conforme a idéia ou a possibilidade:

a) por subordinada adjetiva: "Foi comprada a casa *que tinha* o n.º 40" (e não *tendo*) — "Precisamos de um auxiliar *que saiba* escrever a máquina" (e não *sabendo*);

b) pela preposição *de* ou pela preposição *com:* "Foi comprada a casa *de* n.º 40" (e não *tendo*) — "caixa *de* penas" (e não "caixa *encerrando* penas") — "livro *com* imagens" (e não "livro *contendo* imagens") — "carta *com* vale" (e não "carta *incluindo, contendo* ou *encerrando* vale");

c) quando possível, pela forma correspondente ao particípio presente latino (terminada em *nte*): "fronte *porejante* de suor" (e não "fronte *porejando* suor") — "bôlsa *transbordante* de dinheiro" (e não "bôlsa *transbordando* dinheiro") — "côr *tirante* a negro" (e não "côr *tirando* a negro") — "papelão *imitante* a couro" (e não "papelão *imitando* couro").

"Água *fervendo*" é expressão que contraria êsse princípio; o certo seria "água *fervente*".

Notas: 1.ª — É de tôda a prudência seguir essas normas para que se evitem grosseiros galicismos. Em frases semelhantes à seguinte, a presença da forma em *ndo* seria de todo inadmissível: "Le crétien croit a un Dieu *possédant* toutes les perfections" = "Crê o cristão em um Deus *que possui* (e nunca: *possuindo*) tôdas as perfeições".

2.ª — "Hoje repetem-se de modo enfadonho os gerúndios: "Os nacionalistas estiveram *cercando* a cidade, *conseguindo* por fim tomá-la, *sendo* muito aclamados" — Correção: "Os nacionalistas cercaram a cidade e conseguiram tomá-la finalmente, pelo que foram muito aclamados" (V. Botelho de Amaral).

QUESTIONÁRIO

1 — Quando a forma gerundial portuguêsa corresponde ao particípio presente latino? Um exemplo.

2 — Redija 6 orações em que apareça um gerúndio:

a) como *adjunto adverbial;*
b) em *locução verbal;*
c) como *predicativo;*
d) como *apôsto do sujeito;*
e) que forme uma *subordinada reduzida;*
f) que traga *idéia de tempo.*

3 — Dê exemplos de gerúndios antecedidos de *em*.
4 — Por que construções deve o gerúndio ser substituído quando incorreto?
5 — Corrija, explicando a correção, êste período: "Língua extinta é a que não deixou documentos provando a sua existência".
6 — Modifique a redação (V. a nota 2 do § 944) dos seguintes períodos:

a) O baile decorreu animadíssimo, dançando-se até alta madrugada, ficando todos com gratas recordações.

b) O ilustre escritor escreveu muitas obras, sendo eleito sócio da Academia, conseguindo lá muitos êxitos.

CAPÍTULO LXIV

PONTUAÇÃO

947 — Segundo a ótima definição de Júlio Ribeiro, *pontuação* é a "arte de dividir, por meio de sinais gráficos, as partes do discurso que não têm entre si ligação íntima, e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes".

Obss.: 1.ª — Note bem o aluno, na definição, os dizeres: "...dividir... partes do discurso que *não têm* entre si *ligação íntima*"; ora, têm ligação íntima entre si os têrmos da oração: o *sujeito* com o *verbo*, o *verbo* com o seu *complemento;* entre o *sujeito* e o *verbo*, como entre êste e o *complemento*, não pode, pois, haver vírgula.

2.ª — O processo de pontuação do português atual diverge do seguido pelos clássicos, dos quais pouco seguras seriam as regras de pontuação que pudéssemos induzir.

948 — São as seguintes as notações de pontuação usadas em português, que se dividem em três classes: *objetivas, subjetivas* e *distintivas:*

objetivas	1 — *vírgula* (antigamente *coma*)	,
	2 — *ponto e vírgula* (ant. *semicólon*)	;
	3 — *dois pontos* (antig. *cólon*)	:
	4 — *ponto final*	.
subjetivas	5 — *ponto de interrogação*	?
	6 — *ponto de exclamação*	!
	7 — *reticências*	...
	8 — *parênteses*	( )
distintivas	9 — *aspas*	« »
	10 — *travessão*	—
	11 — *parágrafo*	§
	12 — *chave*	{
	13 — *colchêtes*	[ ]
	14 — *asterisco*	*

VÍRGULA

949 — É comum vermos esta doutrina: "A vírgula indica pequena pausa". — De fato, essa indicação tem a vírgula, mas não devemos aceitar como certa a recíproca: "Havendo pausa, há vírgula". Essa recíproca induz a erros e erros; pausas existem que na leitura se fazem

meramente por ênfase; vêzes há — e isso fàcilmente poderá comprovar o aluno — que separamos, na leitura ou em um discurso, o sujeito do verbo; outras, em que separamos o verbo do seu complemento, mas êrro cometeremos se gràficamente representarmos tais pausas por vírgula, porque **não se pode pôr vírgula entre o sujeito e o verbo nem entre o verbo e o seu complemento**, ou seja, não se concebe que se separem têrmos que mantêm entre si íntima relação sintática.

Em grande número de casos, as vírgulas exercem papel de parênteses; aberto o parêntese, claro é que o devemos depois fechar: "Pedro (de acôrdo com as ordens recebidas) partiu". — Se por vírgulas subs-
↑ ↑
tituirmos os parênteses que entram nesse período, teremos:

"Pedro, de acôrdo com as ordens recebidas, partiu".
↑ ↑

A supressão de uma das vírgulas constituirá êrro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito *Pedro* do verbo *partiu:* *OU AMBAS AS VIRGULAS SE COLOCAM, OU AS DUAS SE TIRAM.*

Essa simples norma engloba várias regrinhas comumentes oferecidas em gramáticas.

Sem que a pessoa saiba o que venha a ser *oração interferente, subordinada adjetiva explicativa, apôsto, vocativo*, saberá colocar com precisão as vírgulas. Exemplos ofereço em que, para mostrar a seqüência do período, os parênteses aparecem em lugar das vírgulas: "*Damão* (condenado à morte) *impetrou* ir primeiro à sua casa" — "*Vem* (tu que duvidas da honra) *observar* o proceder dêste pobre" — "*Francisco* (com o dinheiro ganho no negócio) *comprou* uma linda chácara" — "*Diógenes* (filósofo cínico) *morava* dentro de uma cuba" — "*Os reinos e as terras* (segundo a sentença do Eclesiástico) *passam* de umas a outras gentes" — "Nem mesmo *agora* (disse dêles o chefe) *devemos* retroceder" — "O *homem* (que é mortal) *é* apenas forasteiro na terra".

Uma vez, em todos êsses exemplos, excluída a locução que ficou entre parênteses, aparecerão ligados os têrmos essenciais da oração ou os que tenham entre si íntima relação sintática:

"Damão impetrou ir. . ." — "Francisco comprou. . ."

"Vem observar. . ." — "Diógenes morava. . ." etc.

EMPREGOS DA VIRGULA

950 — Emprega-se a vírgula entre palavras, membros e orações de idêntica função; por outras palavras, emprega-se a vírgula *entre vários sujeitos* (Pedro, João, Antônio saíram — A riqueza, a saúde, o prazer
↑ ↑ ↑ ↑
são coisas transitórias, *entre vários objetos*, quer constituídos de subs-

tantivos, quer de orações (Francisco disse-me que eu fôsse, que batesse,
↑ ↑
que entrasse, que tirasse os livros), *entre orações absolutas assindéticas*
↑
(Antônio vive, Pedro vegeta) etc.
↑

Notas: 1.ª — Entre o penúltimo e o último têrmo ou membro coordenado, pode vir, em lugar da vírgula, uma conjunção aditiva ou, conforme o caso, alternativa: A água, o ar, o fogo e a terra... — Pedro, Antônio *ou* Carlos...
↑ ↑ ↑

2.ª — Pode, todavia, acontecer que, antes da conjunção e ou da conjunção ou, apareça ainda uma vírgula, o que se dá quando *há* ênfase na citação da série coordenada:

"Ou êle vá, ou pare, *ou* retroceda..."
↑ ↑

"Êle fêz o céu, e a terra, e o mar, e tudo quanto há nêles"
↑ ↑ ↑

3.ª — Quando se usa entre dois têrmos a partícula *ou* para indicar equivalência, ou se prescinde da pontuação ou se usa uma vírgula antes do *ou* e outra depois da palavra que indica equivalência:

O substantivo ou o adjetivo deve vir...
O substantivo, ou o adjetivo, deve vir...
↑ ↑

4.ª — Pela comparação feita no parágrafo anterior, é justificável a vírgula antes do *e* em períodos como êstes: "Pedro deu, e o caso exigia, violenta tunda no irmão"
↑ ↑
— A conjunção *e* não está ligando o verbo *deu* ao substantivo *caso*; abre ela uma locução que, excluída do período, nenhum prejuízo trará à sua integridade.

"Disse êle muitas coisas, e mais coisas teria dito não fôsse a carência de tempo"
↑
— constitui outro exemplo da vírgula antes do *e*, vírgula necessária para separar complementos de verbos diferentes.

"... maduram laranjas, e esbeltos coqueiros balouçam as suas graciosas umbelas" — é outro exemplo de possibilidade e de necessidade de vírgula antes de *e*, pois esta conjunção não está aí ligando *laranjas* a *coqueiros*; cada pala ra pertence a verbos de orações diferentes.

Outros exemplos: "...sentença de morte para Tiradentes, e para os outros a pena de destêrro" — "A infância sabe só que vive, e ri".

5.ª — O que se disse da vírgula antes do e, diga-se da vírgula antes do *etc.*, conforme há muito ficou dito na nota do § 81; em enumerações, não se irá escrever: "Comprei selos, papel, lápis, tinta, *e* outras coisas" — colocando-se vírgula antes da conjunção; nada mais justo que condenar tal pontuação antes das lêtras que abreviam dita locução latina.

6.ª — Objeção comum entre alunos é esta: "Por que, no redigir-se um endereço, não se coloca vírgula antes do número que discrimina a caixa postal, quando é essa pontuação empregada antes do número que especifica a casa de uma rua?" — Nada mais simples: No primeiro caso, o adjetivo numeral está modificando o substantivo "caixa postal"; é um atributo que, como tal, não pode vir separado por vírgula do substantivo por êle modificado: é o mesmo que dizer: "Caixa postal quadragésima quarta". No segundo caso, o numeral não modifica o nome da rua, mas o substantivo *casa*, que aparece claro quando também a rua é discriminada por número: "Rua 23, casa 4".

951 — Para marcar a pausa no fim da subordinada adjetiva restritiva, quando esta é constituída por dizeres muito longos: "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos...".
↑

952 — Para evitar ambigüidade na *sínquise* ou deslocação violenta dos complementos (V. nota do § 857):

"*A grita* se levanta ao céu, *da gente*".
↑

OUTRO EXEMPLO:

"Pagou-se, com o dinheiro do amigo, de tanto sacrifício e de tantas
↑
importunações que sofreu" — Sem a vírgula, *de tanto sacrifício* pareceria complemento de *amigo*, quando o é de *pagou-se*. Desde, porém, que a vírgula apareça depois de *amigo*, necessário é que apareça antes de *com*, tornando intercalada a frase tôda — *com o dinheiro do amigo*. A mesma função explanatória da vírgula aparece no seguinte trecho de Frei Luís de Sousa: "E ficou murada, a uso daqueles tempos, de boa
↑
cantaria" — e neste de Coelho Neto: "...movimento que intima aos que a escutam, o entusiasmo e a persuasão".
↑

953 — Para separar nas datas o nome da localidade:

Itaí, 8 de janeiro de 1911.
↑

954 — Para indicar o *zeugma* do verbo, conforme ficou visto na nota 1 do § 783: "Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios".
↑

955 — Para separar os *elementos paralelos* de uma expressão proverbial:

"Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso".
↑

"A pai muito ganhador, filho muito gastador".
↑

956 — Para separar certas conjunções *pospositivas*, tais como *porém, contudo, pois, todavia*: "Vens, pois, anunciar-me uma desventura?"
↑ ↑
— "Naquele dia, porém, as lanças...".
↑ ↑

Nota — *Porém, contudo* e outras que tais conjunções podem dispensar as vírgulas: "...idéias porém sólidas" — "Desempenham todavia funções...".

957 — Para dar *ênfase* a certas *conjunções, advérbios* e *locuções adverbiais:* "...cuja tez suaviza, ainda mais, o brando raio do luar" —
↑ ↑
"Mas, apesar disso, não deixarei..." — "Alguém, talvez, queira...".
↑ ↑ ↑ ↑

Nota — Não vá o aluno pensar que é obrigatória a vírgula depois de *mas, todavia, logo* etc., quando tais conjunções iniciam uma coordenada. É ela colocada sòmente quando exigida para dar ênfase a alguma expressão que se segue a essas conjunções; em tal caso aparecem duas vírgulas: uma antes da expressão, outra depois. No período "Acho isso impossível, pois, estive ontem com êle" não só não é obrigatória, mas errada a vírgula que está após o *pois*.

É também êrro colocar sistemàticamente entre vírgulas advérbios e locuções adverbiais; só devem elas aparecer quando indicam ênfase, obrigando o leitor a notar a fôrça do advérbio ou da locução.

958 — Depois de *sim* ou *não*, colocados no princípio da sentença: "Sim, quero" — "Não, porque já foi".
↑ ↑

959 — Depois de *assim, então, demais* e de outros advérbios e locuções adverbiais, empregados em princípios de sentenças, com sentido de conjunção: "Então, iremos hoje?" — "Assim, espero por você".
↑ ↑

960 — Para separar certas *locuções explanatórias*, tais como *isto é, por exemplo, verbi gratia, por assim dizer, a meu ver, por outra, além disso, a saber* etc.: "Porei todavia aqui mais um exemplo, isto é, acrescentarei mais uma prova".
↑ ↑

961 — O vocativo vem sempre acompanhado de vírgula; quando inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes: "*Alunos*, recordem as correções" — "Recordem, *alunos*, as correções" — "Recordem as correções, *alunos*".

962 — Pode a vírgula ser empregada, enfàticamente, em lugar do verbo *ser*, em orações de fácil compreensão: "Êstes, os maiores perigos" — "Êles, os homens que indico".
↑ ↑

Nota — V. a parte final da nota 4 do § 784.

PONTO E VÍRGULA

965 — Tem o **ponto e vírgula** mais fôrça que a **vírgula** e menos que o ponto final. A vírgula separa conceitos, idéias, frases; o ponto e vírgula separa juízos, orações, e o ponto final indica o término do raciocínio, do período.

Usa-se o ponto e vírgula:

1) Para separar orações absolutas que têm certa extensão, sobretudo se tais orações possuem partes já divididas por vírgula:

"Das graças que há no mundo, as mais sedutoras são as da beleza; as mais picantes, as do espírito; as mais comoventes, as do coração"
↑ ↑
— "O mundo moderno descende do Calvário; a sua origem foi na raiz
↑
da cruz; mais tarde ou mais cedo os povos, que o formaram, vieram
↑
ali fundir-se e regenerar-se" — "O bem é um; o mal se divide e não
↑
tem número; uma saúde, muitas as doenças; uma harmonia, muitas as
↑ ↑
dissonâncias".

Nota — Quando as orações absolutas são de pouca extensão, basta a vírgula para separá-las: "Os povos dividiram-se, as raças combateram-se, os colossos dissolveram e
↑ ↑
a unidade moral não se obteve senão pela aliança da Igreja".

2) Para separar as partes principais de uma frase cujas partes subalternas têm de ser separadas por vírgulas: "Santos, Campinas, Recife são cidades do Brasil; Madri, Sevilha, Barcelona, da Espanha; Lisboa,
↑ ↑
Pôrto, Coimbra, de Portugal".

3) Para separar os *considerandos* (com exceção do último) que constituem o preâmbulo de um decreto, portaria, sentença, acórdão ou documento análogo:

Considerando que o recorrente, valando o seu olival, usou do direito de tapagem que lhe conferia o artigo 234, § 6 do código civil; ←

Considerando, porém, que no uso dêste direito deixou de observar o artigo 84 do código de posturas; ←

Considerando que, por essa falta, o valado foi arrasado, conforme depuseram as testemunhas no auto; ←

Considerando que no processo não há um único documento que justifique a servidão pública no terreno do recorrente; ←

Considerando. . . :

Hei por bem revogar o acórdão recorrido e remeter as partes para as justiças ordinárias.

(Decr. publicado em Port., 1876, apud S. Valente).

DOIS PONTOS

966 — Servem os **dois pontos**:

1) Para anunciar uma *citação*: "Aristóteles dizia a seus discípulos: Meus amigos, não há amigos".
↑

2) Para indicar ou uma *enunciação* ou uma *enumeração*, quer venham os objetos enumerados ou a coisa enunciada depois do verbo da oração: "Os meios legítimos de adquirir fortuna são três: trabalho,
↑
ordem e economia" — quer venham antes do verbo ou palavra que apresenta os objetos: "Trabalho, ordem e economia: eis os meios legítimos de adquirir fortuna".
↑

Nota — Às vêzes não há verbo nenhum, nem antes nem depois da apresentação: "Primeira regra de estilo, uma das principais e porventura a mais esquecida de tôdas: naturalidade por oposição a afetações ridículas".
↑

3) Antes de uma *reflexão* ou de uma *explanação:* "Nada faças encolerizado: levantarias ferro em ocasião de tempestade?" — "Não
↑
podias crer, por certo, que eu me houvesse esquecido de ti: larga expe-
↑
riência te ensinou que as minhas afeições são duradouras e profundas" — "Lá dizia Sócrates que as raízes da virtude são amargosas, e os frutos dela, suaves: símbolo natural desta virtude é a erva loto, amargosa nas
↑
raízes e doce nos frutos".

Nota — Nos casos 2 e 3, após os dois pontos vem lêtra minúscula.

4) Para separar o *preâmbulo* e o *último* de uma série de considerandos das leis, decretos, portarias, alvarás, sentenças, acórdãos e diplomas sociais (V. exemplo do n.º 3 do § anterior). — "Tomando em consideração o relatório do Ministro e Secretário dos Negócios da Fazenda: Hei por bem decretar...".

PONTO FINAL

967 — Indica o **ponto final** a conclusão do período gramatical. São desnecessários, para o caso, exemplos; uma observação, no entanto, devo fazer: tome o aluno um trabalho literário de clássicos nossos, e veja o período: longo, "recheado de múltiplas circunstâncias, de compreensão árdua". Modernamente, o período se resolve, multiplica-se em períodos mais curtos, de acôrdo com as circunstâncias, tornando-se mais claro, rápido e incisivo. Regra, porém, não há, nem pode haver, para a divisão dos períodos gramaticais. É assunto que depende em grande parte do autor, pertencendo-lhe ao estilo. "Do critério e traquejo literário do escritor depende a boa divisão dos períodos no desenvolvimento de qualquer assunto".

Não devemos levar ao exagêro a multiplicação dos períodos. Se os longos períodos dos clássicos produzem cansaço, os períodos demasiadamente curtos de certos modernistas causam fastio. Se coisa bela existe

em literatura é saber o escritor concatenar su ordinadas e coordenadas, dando ao período um todo harmonioso, fluente, natural.

968 — Quando, terminado um período, podemos começar o outro na mesma linha, e quando começá-lo na linha seguinte? A seqüência do pensamento é que deve servir de critério. Havendo separação, havendo corte no pensamento, começa-se o período seguinte na outra linha; se o pensamento continua, constituindo o período seguinte conseqüência ou continuação do período anterior, o novo período se inicia na mesma linha (V. § 975).

PONTO DE INTERROGAÇÃO

969 — **Ponto de interrogação** é o sinal que se coloca no fim de uma oração para indicar uma pergunta direta:

Quem quer ir? ←

Obs. — Nem sempre o ponto de interrogação indica fim de período; no período: "Quem quer ir? perguntou o chefe" — o ponto de interrogação indica, além da função que lhe é própria, a pausa de uma simples vírgula, pois o período continua; em tais casos, a lêtra que vem depois dêle deve ser minúscula.

PONTO DE EXCLAMAÇÃO

970 — O **ponto de exclamação** emprega-se depois das interjeições (oh! arre! chi!) ou depois de orações que designam espanto, admiração,
↑ ↑ ↑
surprêsa: "Quanto peixe!" — "Por essa é que eu não esperava!"
↑ ↑

Obs.: 1.ª — Empregam-se, às vêzes, os dois sinais, o interrogativo e o exclamativo, para denotar, ao mesmo tempo, dois sentimentos, o da pergunta e o da admiração:

A paz?! — Já?! — Eu entregar-me?! — Quê?!
↑↑ ↑↑ ↑↑ ↑↑

2.ª — A observação feita sôbre o ponto de interrogação deve aplicar-se igualmente ao de exclamação:

"Meu filho! exclama a pobre mulher".
↑

3.ª — Lembro aqui o que ficou dito no § 596: O *ó* que às vêzes acompanha o vocativo (*ó* menino, *ó* fulano) não deve ser confundido com o *oh!* de admiração; sòmente êste admite e sempre requer depois de si o ponto de admiração.

4.ª — Nas frases interrogativas e nas exclamativas, costumam os espanhóis colocar no comêço, de cabeça para baixo, o ponto de interrogação ou o de exclamação, para advertência do leitor. Inùtilmente tentou Castilho introduzir tal uso em português:

¿Ter trabalhado tôda a minha vida com o maior afã para colhêr o quê?
↑

RETICÊNCIAS

971 — As **reticências** indicam interrupção ou suspensão do pensamento ou, ainda, hesitação ou desnecessidade de exprimi-lo:

"Nestes paços eu ficarei segura... Depois... Se tu soubesses... oh! nada... absolutamente nada... Sou eu que não sei o que digo..." — "Quem conta um conto..." — "Se êle é bom, ela..." — "Mas... vamos deixar o problema para amanhã?"

PARÊNTESES

972 — Servem os **parênteses** para separar palavras ou frases explanatórias, intercaladas no período: "Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem...".
↑ ↑

Obss.: 1.ª — Na leitura, a frase que vem entre parênteses deve ser proferida em tom mais baixo. Na escrita, ela se inicia com maiúscula sòmente quando constitui oração à parte, completa, com uma consideração ou pensamento independente.

2.ª — Quando a frase intercalada é curta, os parênteses são geralmente substituídos por vírgulas. Já sabemos que os parênteses muitos longos são viciosos, pois prejudicam a clareza do período.

3.ª — Servem ainda os parênteses para incluir um número (24), uma data (22 de agôsto de 1939), uma lêtra (a), um asterisco (*). Se a lêtra inicia o período, para indicar os vários itens de um texto, basta o segundo semicírculo: a) — b) — c) — O asterisco entre parênteses chama a atenção do leitor para alguma observação ou nota feita no final do artigo ou da página.

4.ª — *Parênteses*, no plural, indica os dois semicírculos; *parêntese*, no singular, indica todo o conjunto, isto é, os dois semicírculos com o que dentro dêles se encontra: *Entre parênteses, abrir um parêntese, fechar o parêntese.*

ASPAS

973 — As **aspas**, também chamadas *vírgulas dobradas* ou *comas*, usam-se:

1) No princípio e no fim das *citações*, para distingui-las da parte restante do discurso: Um sábio disse: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".
↑

2) Para distinguir palavras e expressões estranhas ao nosso vocabulário: Pedro vive num verdadeiro "dolce far niente".
↑ ↑

3) Para chamar a atenção do leitor a certas palavras que pretendemos fazer sobressair: A palavra "mandar" nem sempre significa o mesmo que "enviar".

Obs. — Freqüentemente sublinhamos, na escrita, as citações e os dizeres para os quais queremos chamar a atenção; neste caso dispensamos as aspas. As palavras sublinhadas, ou grifadas, correspondem, nas obras impressas, ao tipo diferente, ao negrito ou normando (lêtras de corpo mais cheio), ao *itálico* (lêtras inclinadas), ao cícero (lêtras de corpo maior e grosso), ao *versal* (tôdas as letras maiúsculas), ao *versalete* (tôdas maiúsculas, mas a inicial maior).

TRAVESSÃO

974 — **Travessão** é um traço de certa extensão, maior do que o hífen, que indica a mudança de interlocutor:

Quem é?
— Sou eu.
— Tu prisioneiro, tu?
— Vós o dissestes.
— Dos índios?
— Sim.
— De que nação?
— Timbiras.

Obs. — O travessão substitui comumente os *parênteses* (A la fé — disse Mem Moniz — que a festa de vossos anos, senhor Gonçalo Mendes, será...), as *vírgulas* (Não fôra eu — que há muito a acompanhava — e ela teria perecido) e os *dois pontos*: Prestem atenção — Ninguém deve sair. Serve, ainda, para evitar repetição de um têrmo já mencionado, emprêgo êste comum nos dicionários.

PARÁGRAFO

975 — Num ditado, quando queremos dizer ao escrevente que o período seguinte deve começar em outra linha, dizemos **parágrafo** ou *alínea*.

"O parágrafo pode conter um ou mais períodos, e encerra um pensamento ou grupo de pensamentos que, em geral, têm com o parágrafo antecedente relação menos íntima do que a que liga os períodos de um mesmo parágrafo. Êle denota, pois, pausa mais forte do que o simples ponto final. Todavia, para formar parágrafo, como para formar período, não se podem dar regras seguras; fica isso, até certo ponto, ao arbítrio, gôsto ou critério do escritor, a não ser nos decretos, leis etc., em que os parágrafos são determinados pelo próprio assunto".

Notas: 1.ª — O símbolo do parágrafo é §, constituído de dois ss entrelaçados, iniciais das palavras latinas signum sectionis = sinal de secção, de corte.
2.ª — A palavra *alínea* (do lat. *a* + *linea*) significa "distanciado da linha" isto é, fora da margem em que começam as linhas do texto.

3.ª — Salvo nos artigos de lei, onde serve para discriminar casos particulares, muito raro é o emprêgo do símbolo do parágrafo.

4.ª — Quando, corrigindo uma composição tipográfica, queremos fazer ver ao tipógrafo que o período que se inicia deve começar na outra linha, usamos as *alíneas:*] [.

Exemplo: "Tudo se perdeu.] [Quanta agrura naqueles corações".

OUTROS SINAIS

976 — De uso mais raro há ainda outros sinais:

1) A **chave** { que serve para enfeixar as partes ou divisões de um assunto:

Objeto { direto / indireto

2) Os **colchêtes** [ ] que funcionam como os parênteses.

3) O **asterisco** * que serve umas vêzes para chamar a atenção do leitor para alguma nota e, outras, para simbolizar qualquer juízo prèviamente indicado.

4) A **adaga** †, a **dupla adaga** ‡, a **mãozinha** ☞, as **paralelas** || — sinais de significação convencionada pelo autor no início da obra.

5) A **barra,** nome do traço oblíquo usado nas abreviações das datas: 2/6/942.

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *pontuação?*

2 — Um exemplo de cada um dos seguintes casos nos quais as vírgulas venham separando, na frase, um:
a) apôsto (V. § 699).
b) vocativo (V. § 701 e ss.).
c) oração interferente (V. § 561).
d) locução explanatória (V. § 960).
e) ablativo absoluto (V. § 698).

3 — Corrija a falta ou a presença da vírgula nos seguintes textos:
a) ... uma vez que entre as nações que mùtuamente se hostilizam, muitas há que...
b) A guerra pode ser às vêzes, conseqüente de incompreensão.
c) ... os quais, depois de alguns segundos levaram tudo o que aí havia.
d) Lente, quando designa objeto é nome feminino.
e) Os poetas podem na poesia, fazer de um ditongo duas sílabas.
f) O *qu* representa, portanto uma só consoante.

4 — *Pontuar o trecho seguinte:* Vamos bom cavaleiro disse el-rei pondo-se de pé não haja entre nós doestos O arquiteto do mosteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores eu tornei célebre o meu nome a consciência mo diz entre os príncipes do mundo porque segui avante por campos de batalha ela vos dirá também que a vossa fama será perpétua havendo trocado a espada pela pena com que traçastes o desenho do grande monumento da independência e da glória desta terra Rei dos homens do aceso imaginar não desprezeis o rei dos melhores cavaleiros os cavaleiros portuguêses Também vós fôstes um dêles e negar-vos-eis a prosseguir na edificação desta memória desta tradição de mármore que há de recordar aos vindouros a história de nossos feitos

Capítulo LXV

APÊNDICE LITERÁRIO

980 — ESTILO: O estudo da gramática não passa de munição para um combate; quanto maior fôr o nosso conhecimento de gramática, tanto mais munidos nos encontraremos para a luta. Não basta estar apercebido de abundantes e valiosos petrechos, conhecer cabalmente o funcionamento das armas: é preciso servir-se delas. Se a *gramática* estuda as palavras e a sua combinação para a expressão correta do pensamento, a *estilística* mira a *beleza*. Se a gramática tende a fixar-se em moldes uniformes de expressão, a estilística, isto é, o *estudo do estilo* não tolhe a liberdade ao gênio nas combinações estéticas da palavra. Se aquela é geral, esta é individual. **Estilo** é, pois, a maneira peculiar, individual, de expressar cada escritor os seus pensamentos.

981 — LITERATURA: Se à maneira de expressar um indivíduo os seus pensamentos se dá o nome *estilo*, à arte de expressar o Belo mediante a palavra, falada ou escrita, dá-se o nome *literatura;* essa é, tomada a palavra em seu sentido próprio, a definição de *literatura*.

Em sentido lato, a palavra literatura pode indicar:

a) O conjunto de normas que ensinam a expressar o Belo mediante a palavra. Assim é que se diz: "A literatura (isto é, o *tratado* sôbre literatura) de sicrano é melhor que a de beltrano".

b) A *bibliografia*, ou seja, o conjunto de livros, a coleção de obras sôbre um assunto qualquer; tal é o sentido da palavra *literatura* nas expressões "literatura policial", "literatura bélica" (sôbre a guerra), "literatura botânica", "literatura pitórica" (sôbre a pintura) etc.

982 — BELO: Belo é o que, uma vez conhecido, agrada já pelo esplendor de sua *grandeza*, já pelo de sua *ordem*. Ora, para que algo assim agrade, é necessário:

a) *Integridade*, visto ser disforme e não belo aquilo a que falta alguma de suas partes ou de suas perfeições.

b) *Harmonia*, isto é, proporção das partes entre si e delas com o todo, visto não haver agrado no que é desproporcional. Não é belo o rosto cujo nariz, muito embora perfeito em si, é desproporcional com as outras partes do rosto.

c) *Claridade*, visto não poder parecer-nos belo o objeto desacompanhado de côres harmônicamente distribuídas numa luz suficiente.

Obs. — Na literatura, concorrem para o cumprimento dêsses fatôres do Belo as *frases curtas*, o emprêgo de *palavras apropriadas*, a *simplicidade*, ou seja, *fuga* ao preciosismo; o emprêgo de *palavras elevadas*, ou melhor, fuga à trivialidade, pois há vocábulos e expressões que, embora tolerados na conversa, destoam num trabalho escrito; por fim, evitar o emprêgo repetido dos mesmos têrmos, dos mesmos torneios, procurando, ao invés, fazer *uso variado das figuras sintáticas*. A leitura exclusiva de *bons* escritores deve servir-nos de alimento para o nosso trabalho literário.

983 — GÊNERO LITERARIO: Constitui *gênero literário* o conjunto de obras de igual natureza, de tendências essencialmente idênticas. Diversas podem ser as espécies de gêneros literários, segundo o aspeto por que são tomados, mas, em geral, a mais importante e generalizada das divisões dos gêneros literários é a que se baseia na *finalidade* a que se propõe o literato; daí os dois grandes gêneros literários:

1.º — A **poesia** (gênero poético), que tem por fim essencial o Belo, ao qual se subordinam todos os demais fins que possa ter o autor.

2.º — A **prosa** (gênero prosaico), que tem por fim essencial a moção da vontade humana para a realização de determinados atos.

POESIA

984 — Quatro são as subdivisões do gênero poético:

gênero *épico* — EPOPÉIA
gênero *lírico* — LÍRICA
gênero *dramático* — DRAMATICA
gênero *didático* — DIDÁTICA

985 — O *gênero épico* ou EPOPÉIA consiste na *narração poética* de *grandes feitos* de heróis e de deuses (da mitologia).

Principais epopéias: *Ramaiana*, dos indianos; *Iliada* e *Odisséia*, dos gregos; *Niebelungen*, dos germânicos; *Eneida*, dos romanos; *Divina Comédia*, dos italianos; *Paraíso Perdido*, dos inglêses; *Lusiadas*, dos portuguêses.

986 — O *gênero lírico* ou LÍRICA consiste na *expressão poética* dos *pensamentos* e *sentimentos pessoais* do autor, traduzidos em ritmos análogos à sua emoção: *Ode*. A *ode* (composição poética, dividida em estrofes semelhantes entre si tanto pelo número como pela medida dos versos) pode ser:

1) *Sacra*, que, segundo as circunstâncias, pode chamar-se *salmo*, *hino*, *cântico*.

2) *Anacreôntica* (de *Anacreonte*, poeta lírico grego), em que se canta decente e graciosamente o amor, os prazeres e o vinho.

3) *Heróica* ou *pindárica* (de Píndaro, príncipe dos poetas líricos gregos), de assunto e estilo nobres e elevados, em honra e louvor dos heróis, para festejar os seus feitos.

4) *Epódica*, que se ocupa de matéria filosófico-moral.

5) *Sáfica*, que tem por objeto a regularidade nas estâncias, que são de quatro versos cada uma; assim chamada por ter sido muito cultivada por Safo, poetisa grega.

Ao gênero lírico reduzem-se também: a *canção*, a *elegia* (poema pequeno, consagrado ao luto e à tristeza), a *écloga* (poesia pastoril), o *sonêto* (poesia de 14 versos, composta de 2 quartetos e 2 tercetos).

987 — O *gênero dramático* ou DRAMATICA consiste na *representação* poética dum fato por meio da palavra e da ação.

O gênero dramático subdivide-se em:

1) *Trágico*, que compreende a *tragédia* pròpriamente dita (ação heróica e infeliz); a *tragédia popular* ou *drama* (ação infeliz na vida comum); o *melodrama* (cantos e danças) e a *tragédia lírica* ou *ópera* (ação heróica, infeliz e às vêzes fantasiosa).

2) *Cômico*, que compreende a *comédia* pròpriamente dita (de caráter, de costumes, de intriga: o ridículo risível), a *comédia popular* (caricatura da comédia: *farsa*, *paródia*) e a *ópera cômica*.

988 — O *gênero didático* ou DIDATICA consiste no ensino de alguma verdade, ajudado pelos encantos da imaginação e do verso. Temos no gênero didático:

1) O *poema didático* pròpriamente dito (estudo dum assunto grave).
2) A *epístola*, quando toma a forma de carta.
3) A *sátira*, quando procura corrigir os vícios.
4) O *apólogo*, quando velado pela ficção.

PROSA

989 — Possui também a prosa quatro gêneros:

gênero *histórico*
gênero *oratório*
gênero *romântico*
gênero *didático*

990 — O *gênero histórico* consiste na *narração consciencíosa* e *autêntica* dos acontecimentos sociais ou individuais. Grandes historiadores: Tucídides, Xenofonte, Tácito, Tito Lívio, Varnhagem e Capistrano de Abreu.

Reduzem-se ao gênero histórico: a *biografia*, o *diário*, as *crônicas*, as *memórias*, as *monografias* e a *imprensa periódica*.

991 — O *gênero oratório* consiste na *expressão artística* de uma seqüência lógica de opiniões ou juízos, próprios ou alheios.

Subdivide-se o *gênero oratório* ou *eloqüência* em:

1) *sagrada* ou *sacra* (sermão, prática, homília etc.) e

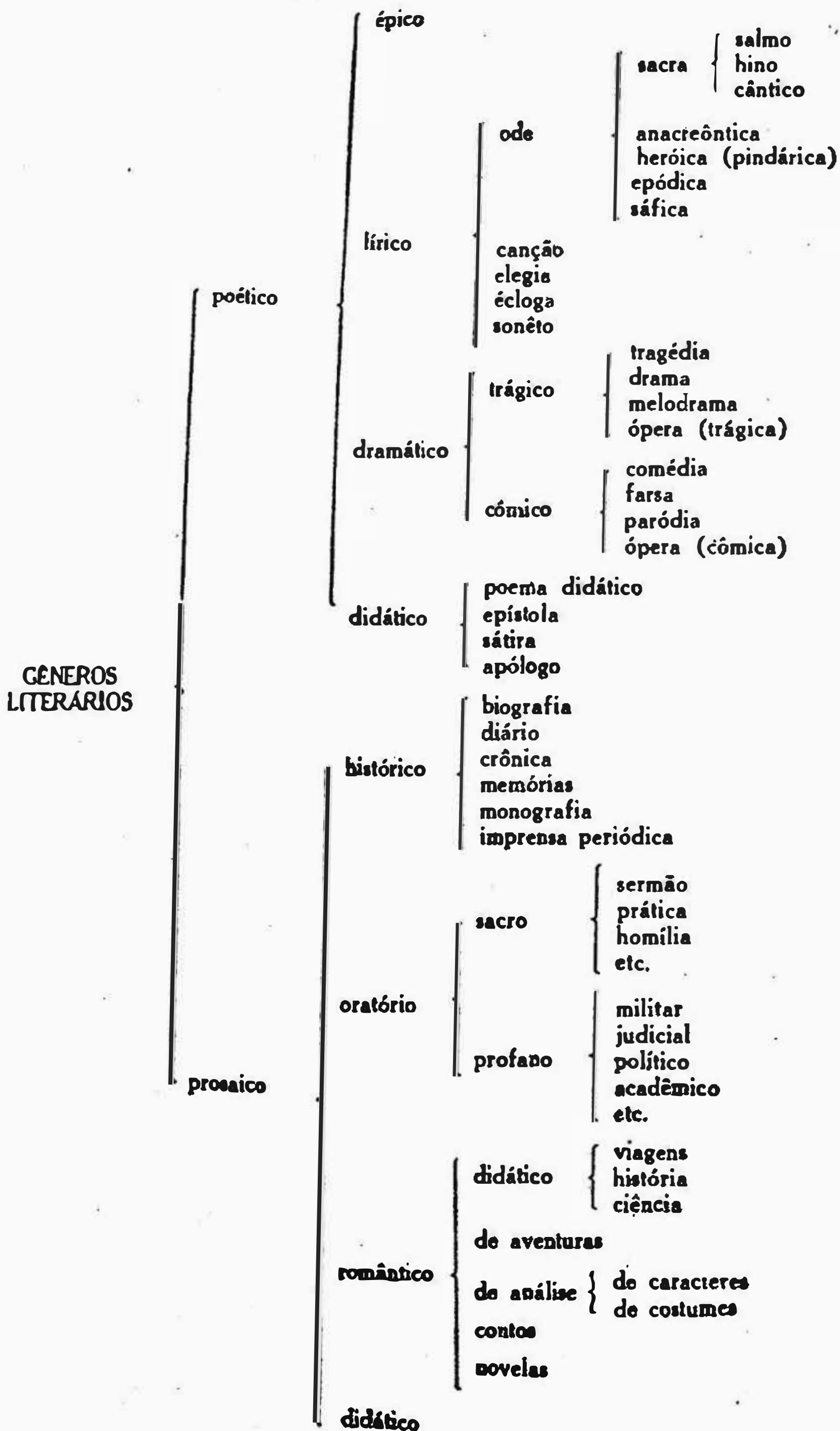
2) *profana* (militar, judicial, política, acadêmica etc.).

992 — O *gênero romântico* ou *romance* consiste na *narração desenvolvida* de uma ação *total* ou *parcialmente fictícia*.

O *romance* pode ser: a) *didático* (de viagens, científico, histórico); b) de *aventuras*; c) de *análise* (de caracteres, de costumes). Reduzem-se ao romance os *contos* e as *novelas*.

993 — O *gênero didático* consiste na *exposição* artística e metódica de *teorias* científicas, artísticas, sociais ou morais.

994 — Os diversos gêneros literários filiam-se a *épocas* e *escolas*, mas o estudo dos seus caraterísticos foge já, muito, da finalidade da Gramática.

SINOPSE DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *estilo?*
2 — Que é *literatura?*
3 — Que é *Belo?*
4 — Quais os *requisitos* do *Belo?*
5 — Quais os dois grandes *gêneros literários* e qual a sua *finalidade?*
6 — A poesia de quantos gêneros consta e em que consistem êles?
7 — Quais as principais *epopéias?*
8 — Quais as subdivisões do gênero *lírico?*
9 — Quais as subdivisões do gênero *dramático?*
10 — Quais as subdivisões do gênero *didático?*
11 — Quais as divisões do *gênero prosaico* e em que consistem?
12 — Corrija os seguintes textos:

a) Não me importo que êle venha (§ 777).
b) Encontrei-me ontem com João que a tanto tempo não via (§ 907); daqui há quanto tempo irei vê-lo outra vez? (V. a nota 2 do § 907).
c) ... de modos que não é preciso vocês se incomodarem (§ 586, n.).
d) O indivíduo era teimoso e procedeu sem nenhum respeito pelas opiniões (§ 871).
e) Felizmente agora as coisas vão bem melhores.
f) Não se alugam bicicletas fiadas (§ 537, n. 2).

Capítulo LXVI

VERSIFICAÇÃO

1000 — **POESIA** é o gênero literário que manifesta o Belo por meio da palavra rítmica, ou seja, por meio do *verso.*

1001 — **VERSO** ou **metro** é um ajuntamento de palavras e até, em algumas vêzes, uma só palavra, de determinado número de sílabas, intervaladamente acentuadas, do que resulta uma cadência aprazível.

1002 — **RITMO** vem a ser o resultado dos três seguintes fatôres:

a) *métrica*
b) *cadência*
c) *rima*

MÉTRICA

1003 — **MÉTRICA** é a *medida* do verso, isto é, a contagem de sílabas que entram num verso. Acontece, porém, que o poeta não conta as sílabas como o impera a gramática; esta manda considerar duas sílabas o ditongo crescente, e uma o ditongo decrescente, ao passo que o poeta não se prende a isso; todo o agrupamento de vogais, cuja pronúncia possa efetuar-se de um só impulso de voz, o poeta *pode* considerar uma única sílaba, coisa que em gramática não se dá; essa é a razão por que se diz que a sílaba gramatical difere da sílaba poética.

Exemplifiquemos; na frase:

"Florir num descampado ou no úmido recanto"

há, gramaticalmente, 15 sílabas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Flo-	rir	num	des-	cam-	pa-	do	ou	no	ú-	mi-	do	re-	can-	to

Se constituir um *verso*, essa frase terá 12 sílabas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Flo-	rir	num	des-	cam-	pa-	do‿ou	no‿ú-	mi-	do	re-	can-	to

Notas: 1.ª — Deve compreender o aluno a razão por que grifei a palavra *pode*; o poeta não é obrigado a contrair numa só sílaba duas ou mais vogais átonas; fica isso a seu critério, competindo ao leitor saber se tais vogais devem ou não unir-se na leitura, coisa fácil para quem conhece versificação.

Para a contagem das sílabas muito importa o conhecimento dos parágrafos 49, 50 e suas notas. Deve-se, contudo, acrescentar que só pela leitura constante das composições poéticas se poderá apreciar o modo de contar as sílabas das palavras no verso.

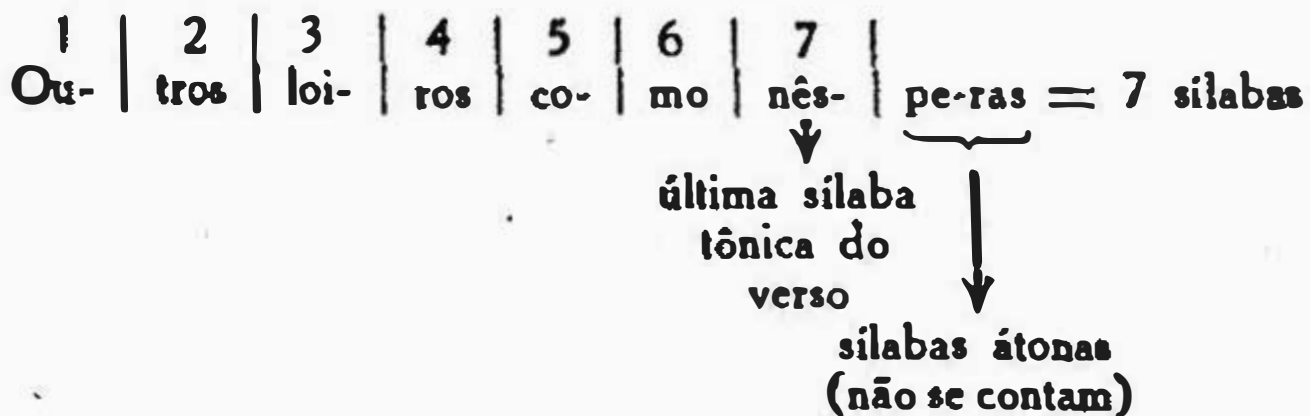
2.ª — O *h* inicial não impede a fusão das vogais átonas; veja, na frente, o 1.º verso de 8 sílabas.

1004 — Contagem das sílabas: Para a contagem das sílabas de um verso, devem ser observadas as seguintes normas:

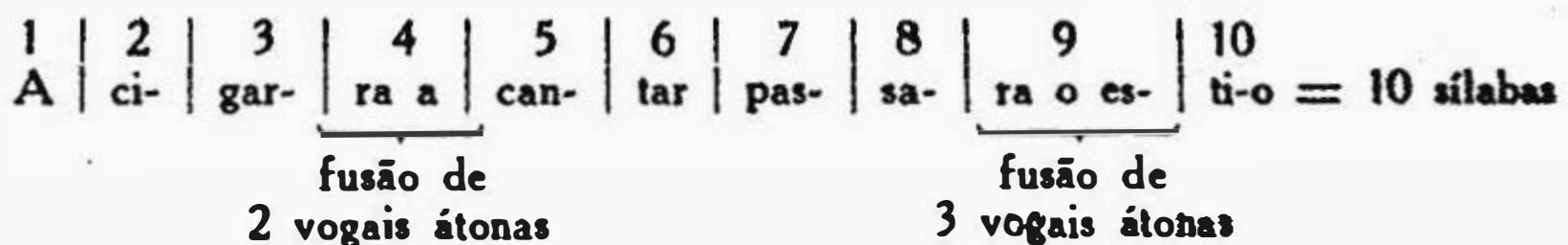
1 — Não se contam as sílabas que vêm depois da *última* sílaba tônica do verso.

1	2	3	4	5	6	7	
Ou-	tros	loi-	ros	co-	mo	nês-	pe-ras = 7 sílabas

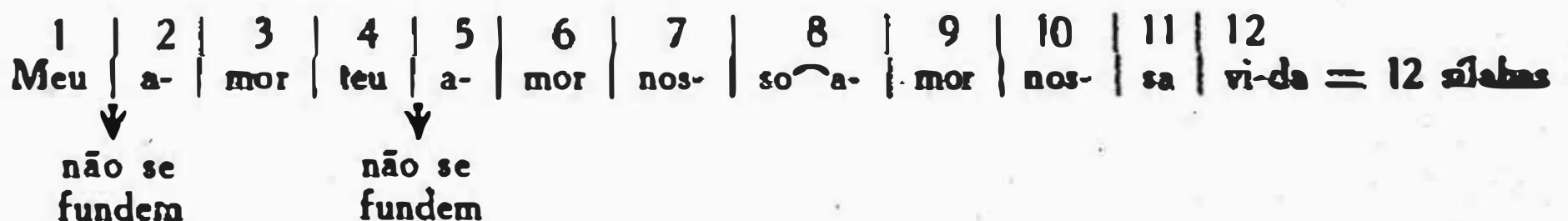
↓ última sílaba tônica do verso

↓ sílabas átonas (não se contam)

2 — Duas ou mais vogais átonas, juntas, fundem-se (segundo vontade do poeta) em uma só sílaba:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	ci-	gar-	ra a	can-	tar	pas-	sa-	ra o es-	ti-o = 10 sílabas

fusão de 2 vogais átonas (4) — fusão de 3 vogais átonas (9)

3 — A vogal tônica final (simples ou ditongal) não se funde com a vogal que inicia a palavra seguinte:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Meu	a-	mor	teu	a-	mor	nos-	so‿a-	mor	nos-	sa	vi-da = 12 sílabas

↓ não se fundem (1–2) — ↓ não se fundem (4–5)

CADÊNCIA

1005 — Cadência é o agradável efeito eufônico resultante da disposição das sílabas tônicas no verso. Em todos os tipos de versos, há acentos que obrigatòriamente devem cair em determinadas sílabas, como passaremos a ver.

1006 — Nenhuma dificuldade há para a *cadência*, isto é, para a disposição das sílabas acentuadas, nos versos de uma, duas, três, quatro, cinco, seis e sete sílabas, pois nesses versos só existe *um* acento obrigatório: nos versos de uma sílaba o acento obrigatório é na primeira; nos de duas, na segunda; nos de três, na terceira, e assim por diante, até os de sete. Exemplos (Não se esqueça de que as sílabas átonas finais do verso não se contam):

Versos de 1 sílaba:

1	
A	mo

1	
Ge-	mo

1	
Cla-	mo

1	
Tre-	mo

Versos de 2 sílabas:

1	2
A-	*mi*-go

1	2
Pas-	*sei*-a

1	2
Co-	*mi*-go

Versos de 3 sílabas:

1	2	3
Lin-	do	*so*-nho

1	2	3
Vem	a	*mim*

1	2	3
Vem	ri-	*so*-nho

1	2	3
Que-	ru-	*bim*

Versos de 4 sílabas:

1	2	3	4
An-	da-	va‿um	*di*-a

1	2	3	4
Em	pe-	que-	*ni*-no

Versos de 5 sílabas: (redondilha menor)

1	2	3	4	5
Não	cho-	res	meu	*fi*-lho

1	2	3	4	5
Vi-	ver	é	lu-	*tar*

Versos de 6 sílabas:

1	2	3	4	5	6
Ao	ho-	mem	que	ce-	*ga*-ra

1	2	3	4	5	6
De	no-	vo	ver	fi-	*zes*-te

Versos de 7 sílabas: (redondilha maior)

1	2	3	4	5	6	7
Os	o-	lhos	des-	sas	me-	*ni*-nas
São	me-	ni-	nas	dos	meus	*o*-lhos

1007 — Nos versos de oito sílabas em diante até os de onze, começa a haver dois acentos obrigatórios: um da mesma maneira que nos versos anteriores (na oitava para os de 8, na nona para os de 9 etc.), outro numa sílaba mais ou menos medial do verso. Assim, no verso de oito sílabas, além do acento na oitava, há outro na quarta sílaba, nada importando a posição dos acentos restantes; pode, porém, êste segundo acento ser deslocado, mas, em tal caso, dois outros acentos deverão aparecer para substituí-lo: um na 2.ª, outro na 5.ª. Quer isso dizer que o verso de oito sílabas pode ter o acento na 4.ª e na 8.ª sílaba, ou na 2.ª, 5.ª e 8.ª. Recaindo os acentos, no verso de 8 sílabas, na 4.ª e na 8.ª, ou na 2.ª, 5.ª e 8.ª, nada importa a posição dos outros acentos; cadencialmente, o verso está perfeito. Exemplos:

Versos de 8 sílabas:

a)

1	2	3	4	5	6	7	8
No‿hor-	ren-	do	*pân-*	ta-	no	pro-	*fun*-do.
			↓				↓

sílabas acentuadas

b)

1	2	3	4	5	6	7	8
Bem	*co-*	mo	ser-	*pen-*	tes	que‿o	*fri*-o.
	↓			↓			↓

sílabas acentuadas

Versos de 9 sílabas: Têm o acento obrigatório na 4.ª e na 9.ª, ou na 3.ª, 6.ª e 9.ª:

a)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Noi-	te	de	*ro-*	sas	noi-	te	de	*pal*-mas.
			↓					↓

sílabas acentuadas

b)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Ó	guer-	*rei-*	ros	da	*ta-*	ba	sa-	*gra*-da.
		↓			↓			↓

sílabas acentuadas

Versos de 10 silabas: Têm o acento obrigatório na 6.ª e na 10.ª, ou na 4.ª, 8.ª e 10.ª:

a)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
As	ar-	mas	e‿os	ba-	rões	as-	si-	na-	*la*-dos.

b)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Vai	al-	ta‿a	*lu-*	a	na	man-	são	da	mor-te.

Versos de 11 sílabas: Têm o acento obrigatório na 5.ª e na 11.ª:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Sou	ín-	dia	sou	*vir-*	gem	sou	lin-	da	sou	*dé*-bil.

1008 — Os *versos de 12 sílabas*, chamados **alexandrinos**, devem ser considerados como 2 versos de 6 sílabas, versos êstes que então se denominam *hemistíquios*, e chama-se *cesura* o ponto em que êles se dividem. Têm o acento obrigatório na 6.ª e na 12.ª sílaba:

cesura ← | →

1.º hemistíquio						2.º hemistíquio					
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Ma-	nhã	de	ju-	nho⁀ar-	*den*-te	u-	ma⁀en-	co-	ta⁀es-	cal-	*va*-da

(-te) não se conta esta sílaba

Certa vez objetaram a Castilho: "Se o verso alexandrino se compõe de 2 versos de 6 sílabas, então não é preciso fazer alexandrinos; basta compor versos de 6 sílabas". — Castilho respondeu: "É verdade, mas o alexandrino tem mais imponência, mais brilho. Assim, quando temos muita sêde, preferimos beber um só copo grande de água a beber dois pequenos".

Nota: Tratando, ainda que resumidamente, de métrica, julgo necessário apresentar estas 3 regras do alexandrino *clássico:* 1 — Quando o primeiro hemistíquio termina por palavra paroxítona, a palavra que inicia o segundo hemistíquio deve começar por vogal ou *h*. Esta regra é essencial; o não cumprimento dela faz com que o alexandrino deixe de ser clássico. 2 — Quando a última palavra do primeiro hemistíquio é oxítona, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por vogal ou por consoante. 3 — A última palavra do primeiro hemistíquio nunca pode ser proparoxítona.

Variante — Poetas portuguêses e brasileiros adotaram, para os versos de 12 sílabas, uma variante, acentuando a 4.ª, a 8.ª e a 12.ª sílaba, inutilizando a cesura:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
De-	pois	do⁀in-	*cên-*	dio⁀a	ca-	te-	*dral*	fi-	cou	em	*ruí*-nas

1009 — O agrupamento de versos denomina-se *estrofe* ou *estância*, que passará a chamar-se *tercêto*, *quarteto*, *quintilha*, *sextilha*, *septena*, *oitava*, *nona* e *décima*, segundo fôr composta de 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 ou 10 versos juntos.

RIMA

1010 — **Rima** é o resultado da conformidade de sons das sílabas finais de dois ou mais versos.

As rimas podem ser consideradas quanto à *qualidade* e quanto à *disposição*.

1011 — Quanto à *qualidade*, as rimas podem ser:

a) *Más*, quando não combinam perfeitamente: *estrêla* com *bela*, *nus* com *azuis*.

b) *Vulgares*, quando são muito comuns: *ado*, *ade*, *ão*, *eza*, *ar* etc.

c) *Boas*, quando não são nem más nem vulgares: *feras* com *crateras*.

d) *Ricas*, quando são raras (*lágrima* com *consagre-ma*) ou silabadas: crep*úsculo* com op*úsculo*.

e) *Assonantes*, quando as sílabas átonas finais apenas se assemelham: *al*tos com *al*vos.

1012 — Quanto à *disposição*, as rimas podem ser:

a) *Alternadas:*

Porém já cinco sóis eram passados +
Que dali nos partíramos, cortando ÷
Os mares nunca doutrem navegados, +
Pròsperamente os ventos assoprando; ÷
Quando uma noite, estando descuidados +
Na cortadora proa vigiando ÷

b) *Opostas:*

— Minha mãe, quem é aquêle +
Pregado naquela cruz? ÷
— Aquêle, filho, é Jesus, ÷
É a santa imagem dêle. +

c) *Paralelas:*

Dava-lhe a custo a sombra escassa e pequenina +
De um galho sem vida um pé de casuarina; +
Batia-lhe de chapa o sol no dorso forte, ÷
Vergastava-a de rijo o vendaval do Norte. ÷

d) *Deslocadas:*

De novo ante o rei se inclina ⟶
A cabeça do ancião,
Depois elevando a fronte ⟶ não rimam
Altiva, estendendo a mão,
Busca achar da ignota cifra ⟶
A divina inspiração.

Nota.— Versos brancos ou *soltos* dizem-se os que não têm rima.

QUESTIONÁRIO

1 — Que é *poesia?*
2 — Que é *verso?*
3 — Que é *ritmo?*
4 — Que é *métrica?*
5 — Qual a diferença entre *sílaba gramatical* e *sílaba poética?*
6 — Quais as normas para a *contagem das sílabas* do verso?
7 — Que é *cadência?*
8 — Nos versos de 8, 9, 10 e 11 sílabas, onde caem os acentos?

9 — Explique a cadência dos versos de *12 sílabas;* tais versos como se chamam? Qual a sua variante?

10 — Que é *rima?*

11 — Escandir (segundo a maneira adotada nos exemplos), grifando as sílabas acentuadas, os seguintes versos:

a) Quando uma noite estando descuidados.
b) Minha mãe, quem é aquêle?
c) "Pobre, eu te agradeço", o honrado velho diz.
d) Sabei, brava gente, que sei com destreza.
e) Entre os gratos perfumes da flor.
f) No desconfôrto do meu quarto de estudante.

ÍNDICE ANALÍTICO

Os **números** *indicam* **parágrafos**

A

B

E

G

J

M

O

P

Q

R

U

V

X

Z

REFERÊNCIAS

SEMINÁRIOS, COLÉGIOS DIOCESANOS E RELIGIOSOS

BAHIA

SALVADOR (SEMINÁRIO CENTRAL): "Feliz ano novo. Adotei sua gramática" (Monsenhor Ápio Silva).

> *É Monsenhor Ápio Silva um dos maiores conhecedores de português da Bahia, onde sempre participa de bancas examinadoras de candidatos a cátedras de filologia.*

SALVADOR (COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA): "Um padre, meu colega, disse-me que na universidade daqui, que êle freqüenta, foi indicada a sua gramática como a melhor do Brasil; eu me permito acrescentar que tal juízo pode abranger também Portugal" (Padre Caetano Oricchio S. J.).

SALVADOR (COLÉGIO N. S. DA VITÓRIA — IRMÃOS MARISTAS): "Resolvemos telegrafar à Editôra para que nos remeta 250 gramáticas" (Irmão Cirilo, Diretor).

SALVADOR (COLÉGIO VIEIRA): "Sou prefeito dos internos e professor de latim do Colégio Vieira. Vim da Itália há catorze meses. Mal chegado, precipitei-me no estudo da língua portuguêsa mas, mergulhando cada dia mais no mar gramatical, desconfiei e enfim acreditei que nada aproveitaria... Um dia, porém, falando com um padre do colégio, descobri a GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA. O padre ma ofereceu. Mergulhei de novo no mar gramatical, mas com satisfação, com verdadeiro gôsto e fiquei encantado com tanta erudição e simplicidade e especialmente com tanta clareza de exposição, como só podia ter quem estudou e se dedicou ao ensino com a paixão de um apóstolo" (Padre João Dell'Anna).

SALVADOR (INSTITUTO PADRE ALEXANDRE DE GUSMÃO): "Aqui há um padre, que leciona no Colégio Antônio Vieira, que mostra sempre um júbilo cordial quando afirma que a sua gramática portuguêsa superou e derrubou a fama privilegiada de Carlos Pereira como o melhor gramático brasileiro" (Padre Carlos Bresciani).

CEARÁ

FORTALEZA (ESCOLA APOSTÓLICA): "Apraz-me comunicar-lhe que a sua insubstituível GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA foi adotada em nossa Escola Apostólica. Tanta propaganda fiz, com justeza e verdade, que ora me sinto satisfeito e plenamente confortado, sabendo que os nossos alunos vão ter um manual que os vai levar, de manso e com segurança absoluta, ao conhecimento e prática da nossa língua" (Padre Rinaldo Guimarães da Silva).

IPU: "Venho manuseando assìduamente e há vários anos a incomparável GRAMÁTICA METÓDICA, jóia preciosa para os admiradores da nossa língua" (Irmã Nogueira, diretora do Gin. S. C. de Jesus).

GOIÁS

GOIÂNIA: "Na realidade, será difícil encontrar trabalho mais pedagógico (Pe. José Balestieri).

BURITI ALEGRE: "Tanto mais aprecio sua gramática quanto mais dela vou tomando conhecimento; acho original e completo seu modo de ensinar" (Padre João Botelho).

GUANABARA

PARECER DO PADRE LEONEL FRANCA (S. J.): "Examinei o livro, que é um dos mais instrutivos" (Processo 1.100-46, da Comissão Nacional do Livro Didático).

RIO DE JANEIRO: "Enche-nos de prazer o seu método didático. Eu mesmo, como modesto professor, tenho aprendido grandes coisas que não são encontradas em outros autores de nota. Que Deus Nosso Senhor pague ao eminente Mestre Napoleão os trabalhos que tem produzido não só para alunos como para professôres" (Cônego Lauro de Souza Fraga).

MATO GROSSO

CORUMBÁ (Irmãs Salesianas): "Seus ótimos livros de português irão auxiliar-nos, muitíssimo, na árdua missão de ensinar. Pediremos ao Supremo Doador de tôdas as graças faça cair sôbre o boníssimo prof. Napoleão as suas escolhidas bênçãos e lhe outorgue muitos anos de existência para que possa, por meio da pena, continuar a espalhar suas luzes pelo nosso amado Brasil" (Irmã Bartira Constança Gardés e Irmã Maria de Lourdes Magonhato).

MINAS

ESCOLA APOSTÓLICA DO CARAÇA: "Por ter emprestado a sua "Gramática Metódica" a um professor, sòmente agora terminei a leitura desta sua obra. Ótima a sua Gramática Metódica. Nela se encontram, a par da doutrina geral, aliás muito clara e distribuída com muito método, notas explicativas e matéria de que outros gramáticos não cogitam.

Perfilho as boas referências de vários críticos, as quais se lêem nas últimas páginas de sua obra.

Prometo-lhe tornar conhecida a sua Gramática que já é indispensável ao professor de português que deseje ensinar bem a sua língua" (Padre Antônio da Cruz).

Professor de português do afamado Colégio do Caraça, é o Padre Cruz autor de vários livros de nosso idioma: Arte da composição e do estilo — Ó e O — Prontuário de análise gramatical — Prosódia dos nomes próprios pessoa s e geográficos — Regimes de substantivos e adjetivos.

CONGONHAS (SEMINARIO MENOR REDENTORISTA): "Desnecessário se me torna elogiar, por minha vez, a sua "Gramática Metódica" depois que tantos ilustres homens de nossas lêtras se dignaram de lhe prestar as devidas homenagens pela elaboração realmente metódica dessa gramática, que tanto facilita o aprendizado de nossa querida língua portuguêsa. Conhecida que se me tornou essa gramática, propus, com outros colegas, a sua adoção em nosso Seminário como compêndio de português" (Padre Mário Ferreira Gonçalves).

PASSA QUATRO: "... sua METÓDICA, que desde 1955 estamos adotando em nosso Seminário S. José, em Conceição do Rio Ve de" (Padre Carlos, S. C. J.).

PONTE NOVA (COLÉGIO D. HELVÉCIO): "...encaminhar o nosso pedido, a essa livraria de 150 exemplares da GRAMÁTICA METÓDICA, que vamos começar a adotar êste ano" (Padre Leonel Mariano, Salesiano).

SABARÁ: "...um admirador de tudo quanto o ilustre e estimado Mestre tem publicado em prol do ensino. Bendigo o extraordinário acolhimento que vêm obtendo nas escolas a METÓDICA, a REMISSIVA e os seus valiosíssimos livros de latim" (Padre Pedro Alcântara).

POÇOS DE CALDAS (IRMÃS DOMINICANAS): "...pude capacitar-me do valor do seu trabalho. É a METÓDICA um dêsses livros que aparecem raramente... Creia-me de agora em diante uma propagandista de seus livros" (Irmã Maria Antonieta).

MANHUMIRIM (SEMINARIO APOSTÓLICO): "... GRAMÁTICA METÓDICA DA LINGUA ORTUGUÊSA, insuperável pela didática e clareza" (Frater José Herval).

TRÊS CORAÇÕES: "Quero afiançar-lhe que sua Gramática continua a merecer minha preferência. Adotei-a sempre: no Seminário Diocesano de Campanha, no Colégio Três Corações e atualmente na Escola de Sargentos das Armas. A meu ver, é a justiça ao mérito!" (Padre José Maria Ferreira Maciel).

UBERABA (COL. N. S. DAS DORES) "...estou ansiosa pela publicação de sua nova gramática, uma vez que a antiga, tão rica em regras simples e claras, tão abundante em exemplos, ainda não encontrou outra que a substituísse" (Irmã Maria Celestia).

PARÁ

BELÉM (COLÉGIO SALESIANO): "Tendo conhecimento do seu método, vou adotar a sua gramática" (Cl. Luís Piauiense).

PARAIBA

JOÃO PESSOA: "Sou uma das grandes admiradoras de sua *Gramática Metódica*, pela completa e clara exposição da matéria... No próximo ano daremos preferência aos compêndios da sua autoria" (Madre M. Elisabeth).

PERNAMBUCO

RECIFE (SEMINARIO CRISTO REI): "Há cinco anos, quando a obediência me colocara no difícil e árduo magistério, recebi de pessoa amiga lindo e grandioso presente, a sua GRAMATICA METÓDICA DA LINGUA PORTUGUÊSA. A partir de então se me abriram novos horizontes no conhecimento do idioma pátrio. Para falar sinceramente, a sua gramática tornou-se-me o pão de cada d'ia

Quero na presente carta significar-lhe a minha admiração, os mais calorosos encômios pela feliz realização dessa obra pedagógica de alto valor. Não é intenção ferir-lhe a modéstia ao dirigir-lhe os elogios dos quais sua ilustre pessoa é merecedora. Em minhas palavras, aqui escritas, domina um só pensamento: prestar honra ao mérito. Em tôda a sua obra, fruto de largos conhecimentos linguísticos, produto de um mestre aprimorado, reflexo de uma inteligência lúcida, pude observar a tão perfeita coordenação das lições, a clareza meridiana ao expor os enigmas da língua; ouso afirmar ser o senhor mestre sem igual, incomparável pedagogo, profundo psicólogo" (Padre João Batista Lippo Netto).

RIO DE JANEIRO

NITERÓI (SEMINARIO DE S. JOSÉ): "A sua GRAMATICA METÓDICA DA LINGUA PORTUGUÊSA vem sendo adotada, há vários anos, com real aproveitamento dos alunos" (Padre Francisco Paulo Veiga).

PETRÓPOLIS: "Desde que fiquei conhecendo sua Gramática Metódica sirvo-me dela constantemente, consultando-a em minhas dúvidas, que logo se elucidam" (Sóror Maria Manoelita de Sion).

RIO GRANDE DO NORTE

MOSSORÓ (Seminário): "Cheguei hoje à última página de sua "Gramática Metódica". Gostei muito. Encontrei nela tôdas as qualidades de que as "Referências", no fim, falam. Pretendo adotá-la em nosso curso ginasial (6 anos). O que mais me agradou foi o fato de o senhor recorrer sempre à análise da palavra ou da frase para marcar o sentido ou a função. Ótimo, porque dá ao aluno a satisfação de saber como é e porque é assim. Essa sua boa qualidade de aprofundar e examinar as coisas me agrada muito na sua gramática.

Apareceu assim uma obra de cunho particular, pessoal, cujo autor está com os alunos diante de si, a explicar-lhes a matéria, e não com a lembrança dos professôres, para lhes mostrar o que sabe" (Padre F. Jansen).

CAICÓ: "Só agora tive a felicidade de conhecer a Gramática Metódica que o senhor escreveu e que merece todos os elogios que se encontram nas últimas páginas, e muitos mais ainda. Gostei do seu livro porque não sòmente dá a regra com explicações como também o porquê da regra. Quero agradecer-lhe os muitos e grandes serviços que a sua gramática me vem prestando" (Padre Bernardo Devries).

MOSSORÓ (Seminário): "Tive a grande satisfação de receber sua carta circular intitulada "Nomenclatura Gramatical Brasileira". Li-a com satisfação e saboreei, com gôsto, as verdades que V. S. revela sem subterfúgios... Falando a verdade, sem nenhum interêsse, a sua GRAMÁTICA METÓDICA é a melhor, a mais clara e a mais completa que conheço" (Cônego Francisco de Sales Cavalcanti).

RIO GRANDE DO SUL

S. LEOPOLDO (SEMINÁRIO CENTRAL): "O primeiro livro de português manuseado neste Seminário foi a "Língua Vernácula", do senhor José de Sá Nunes; adotou-se depois a gramática de Carlos Pereira, e, agora, a sua Gramática Metódica, porque o valor dêste seu trabalho é incontestável e superior a qualquer outro valor lingüístico" (Severino de Toni).

PÔRTO ALEGRE (COLÉGIO ANCHIETA): "A qualificação que deram de suas obras foi irrestrita de "excelentes" e de "o melhor que temos no campo de língua nacional". Um até me declarou: "Nos livros do Prof. Napoleão encontro resposta pronta e segura para tôdas as minhas dúvidas" (Padre Luís Gonzaga Jaeger, S. J.).

VERANÓPOLIS (SEMINÁRIO SERÁFICO): "Já vai para mais de um triênio que adotamos em nosso seminário sua excelente gramática. Admira o entusiasmo e o interêsse com que nossos duzentos seminaristas se aplicam em estudá-la, assimilando-a do melhor modo possível. Apresento-lhe, senhor professor, os mais entusiásticos parabéns e os mais ardentes agradecimentos" (Padre Frei Romeu de Garibaldi).

SANTO ÂNGELO (Ginásio Santo Ângelo): "É um humilde professor marista que tem a ousadia de escrever-lhe. Tenho conhecimento de sua pessoa por referência de amigos admiradores de seus livros. Quisera conhecê-lo de perto, porque o considero hoje meu particular amigo, o verdadeiro amigo. Há vários anos faço da GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA o meu livro de cabeceira..." (Irmão Acelino).

PÔRTO ALEGRE (INSTITUTO CHAMPAGNAT): "O que mais me atrai na sua obra é a clareza e o método como expõe e apresenta as lições mais embrenhadas de nossa língua. Os alunos que compulsarem a sua gramática serão profundos conhecedores da língua e hão de adquirir brevemente o gôsto e o método do estudo do nosso idioma" (Irmão Elvo Clemente).

BAGÉ: "Sempre adotei a METÓDICA e acho-a excelente sob qualquer aspecto. Com relação à nova nomenclatura, estou a seu lado. Infelizmente são assim os tempos... Luto e lutarei sempre por sua magnífica gramática, que tantas satisfações me trouxeram no magistério e no ensino da última flor do Lácio" (Padre Zeno Antônio Schweitzer).

CARAZINHO: "Sua Gramática Metódica da Língua Portuguêsa é realmente notável" (Irmão João Dionísio).

CAXIAS DO SUL (IRMÃOS SALISTAS): "Admirador dos seus livros didáticos, com satisfação recebi a notícia da publicação da sua gramática já enquadrada na nova nomenclatura. As minhas indecisões quanto à escolha e adoção de uma boa gramática para o próximo ano letivo desde logo desapareceram" (Alfonso Hillebrand).

SANTA CATARINA

RIO DO SUL: "Sabíamos que o senhor se dedicava ao estudo da língua portuguêsa e pudemos averiguar êsse fato agora, manuseando em aulas de português a Gramática Metódica, de sua autoria. Gostamos imensamente dêsse trabalho, pela abundância de matéria, pela clareza de exposição e pela novidade de particularidades tão instrutivas. Por êsse motivo é que ministramos tôdas as aulas com material exclusivamente haurido de sua obra" (Padre Albano Slamp e Padre João Chiarot).

LAGES: "Apresentamos-lhe, senhor professor, nossos entusiásticos parabéns por tão perfeito trabalho, e agradecemos-lhe o benefício que aos professôres de português do Brasil nos prestou" (Frei Elzeário Schmidt, O. F. M.).

CORUPÁ (SEMINÁRIO SAGR. CORAÇÃO): "Muitos elogios mereceu de meu mestre sua GRAMÁTICA METÓDICA. Aconselhado pelo referido professor, venho por meio desta testemunhar as felicitações mais calorosas pelo êxito de seu trabalho" (Augusto César Pereira).

SÃO PAULO

SÃO PAULO (SEMINÁRIO METROPOLITANO): "Até que enfim encontrei *UMA GRAMÁTICA!* e esta é a de autoria de V. S. Estudei-a e, ato contínuo, adotei-a. Admita-me em o número de seus admiradores. Só lamento não conhecê-lo a meu gôsto, fôsse tão só por intermédio de suas obras" (O grifo é do missivista, Cônego Lino Vítor Foureaux, O. Praem.).

COLÉGIO NOSSA SENHORA DO CARMO — IRMÃOS MARISTAS (S. PAULO): "Poucas vêzes ou nenhuma terei encontrado, na minha já não pequena existência (60 anos), maior consciência profissional aliada a tanta competência. O Prof. Napoleão Mendes de Almeida é para mim a personificação, a idealização do que dizem os inglêses: The right man in the right place. Não sei se estou enganado, mas creio que são raros, raríssimos os professôres que tanto respeitam e honram o magistério como o Sr. Napoleão Mendes de Almeida" (Irmão Epifânio Maria, Vice-Reitor).

SÃO PAULO (SEMINÁRIO S. CAMILO): "Sei do alto alcance, dos profícuos métodos empregados por V. S. para tornar mais prático, mais atraente aos alunos o árduo estudo da língua vernácula" (Padre Pedro Mayer).

RIO CLARO: "Fiquei assaz entusiasmado com êsse trabalho verdadeiramente metódico e erudito. Satisfez-me êle plenamente. Repito aqui o que mais de uma vez disse aos meus alunos: "Com esta gramática aprende-se a falar e a escrever escorreitamente o vernáculo. Socorri-me dela inúmeras vêzes em minhas próprias aulas de latim. Outro tanto fêz o professor da mesma disciplina, da quinta série. Êle não cessa de elogiar e de manuseá-la em suas preleções" (Padre Luciano Orlando Giovanni).

PIRACICABA (Seminário S. FIDELIS): "Queira receber os mais sinceros parabéns por trabalho de tão subido valor. Que Deus, Senhor nosso, continue a abençoar seus trabalhos, a fim de que sua diamantina pena possa espargir sempre o bem entre os homens" (Frei Estêvão Maria de Piracicaba. O. F. M. Cap.).

TAUBATÉ (SEMINÁRIO DIOCESANO): "É com a maior satisfação que me dirijo a V. S. para apresentar-lhe as minhas congratulações juntamente com meus sinceros agradecimentos pelo seu trabalho notável "Gramática Metódica da Língua Portuguêsa", magnífica contribuição para o estudo tão necessário do nosso sublime idioma. Coincidiu minha nomeação para o cargo de reitor do Seminário Diocesano desta cidade, com o aparecimento da sua tão bem elaborada gramática. Veio-me então o desejo de adotá-la em todos os cursos dêste Seminário, o que, aliás, foi sugerido pelo meu amigo, Prof. Leôncio Amaral, Diretor do Ginásio de S. José dos Campos" (Padre Teodomiro Lôbo).

PINDAMONHANGABA (SEMINÁRIO SALESIANO): "Bem sabes o quanto a Metódi a é apreciada entre nós" (Pe. Luís Garcia de Oliveira),

LAVRINHAS (SEMINÁRIO SALESIANO): "Um menino disse assim: "A gramática do Napoleão a gente basta ler e logo entende; o Carlos Pereira, não" — Êle falava assim com o senhor Padre Diretor, de quem ouvi o "abalizado" juízo! Ex ore infantium..."! (Cl. Hilário Passero).

S. CARLOS (SEMINÁRIO DIOCESANO): "Ainda há pouco recebi um exemplar da sua GRAMÁTICA METÓDICA, que realmente imenso me agradou. Pena que os alunos de meu seminário já haviam adquirido outra. No entanto, como demais apreciei a clareza das suas explicações, bem como o método genuìnamente psicológico, desejaria vê-la na mão dos meus seminaristas..." (Padre Armando Antônio Salgado).

PIRACICABA (SEMINÁRIO SERÁFICO S. FIDELIS): "...nova nomenclatura. Até o momento, um problema nos preocupava: qual gramática seguir? Estávamos esperando — dizemos com sinceridade — A SUA GRAMÁTICA. Aqui no Seminário temos sempre seguido a sua gramática, com o máximo proveito dos alunos. Continuaremos a manuseá-la ainda com maior entusiasmo. Nossos sinceros parabéns pela nova gramática, fruto de tanto trabalho e amor a nosso idioma pátrio. Que Nosso Senhor abençoe copiosamente êstes seus trabalhos ASSÍDUOS e SINCEROS em prol de um tão grande ideal: alfabetização e cultura do povo brasileiro" (Frei Luís Maria de Limeira O. F. M. Cap.).

ITAPORANGA (MOSTEIRO CISTERCIENSE): "Não há gramáti a portuguêsa que a ela se possa comparar" (Padre Bernardo Pani).

SERGIPE

PROPRIÁ: "Entre os que hoje se dedicam ao ensino do português, o nome do Prof. Napoleão Mendes de Almeida se destaca com brilho singular por sua erudição, sua clareza e seus sólidos conhecimentos de filologia e lingüística (Frei Basílio de Alagoinhas).

EDUCADORES E PROFESSÔRES

ALAGOAS

MACEIÓ: "No ensejo desta carta mister se faz, grande Mestre, salientar-lhe a minha admiração pela sua cultura e extraordinária apacidade de trabalho, fotografadas, bem ao vivo, nas notas de suas Antologias Remissivas, que vão encontrar explicações precisas nesse magnífico trabalho, que é a sua GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA. Perlustro-as de contínuo e nelas tenho aprendido muita coisa boa. Se lhe fôra dizer, em tôrno das suas obras, tudo o que desejara, então seria preciso escrever-lhe muitas tiras de papel. Fico contente em lhe dizendo por agora: o senhor está prestando uma magnífica e

real colaboração ao professorado nacional; e ainda: é grande a minha admiração pela sua bela cultura e irrequieta capacidade de trabalho" (Graça Leite).

MACEIÓ: "... ao incomparável, ao magnífico gramático e mestre que é essa figura conhecidíssima e admirada pelo talento e desejo de servir a juventude brasileira, o preclaro Napoleão Mendes de Almeida" (Antônio Nonô).

MACEIÓ: O professor Napoleão Mendes de Almeida revela o maior devotamento à cultura da língua vernácula... a excelência do seu plano didático é manifesta através da distribuição racional dos assuntos" (José Cajueiro).

PILAR: "V. S., caro Mestre, pode orgulhar-se de ser autor das melhores obras didáticas que conheço. Sabe, como nenhum outro filólogo, e de maneira brilhante, aliar a simplicidade e a clareza à profundidade" (Enoch Gavalcanti de Barros).

AMAZONAS

MANAUS: "Sua GRAMÁTICA METÓDICA é um repositório de ensinamentos conscientes e proveitosos dos meandros de nossa língua, que deve ter como preciosos guias as mui bem organizadas Antologias Remissivas que apresentam o problema lingüístico, remetem o estudante, para uma consulta segura e consolidadora de conhecimentos, ao farto e prefalado repositório" (João Chrisóstomo de Oliveira).

MANAUS: "Suas obras estão sendo adotadas por diversos professôres, inclusive por mim. Os alunos muito têm aproveitado com as suas lições, que são realmente metódicas" (Herbert Palhano).

BAHIA

ALAGOINHAS: "Li, encantado e atentamente, os seus magistrais livros, sem nenhum favor os melhores e mais completos até agora publicados, representando uma soma enorme de trabalho consciencioso, inteligente e dedicado. Mostra o competente autor dominar por completo a "última flor do Lácio inculta e bela", revelando através das lições o seu magnífico tirocínio como professor abalizado e culto que nos oferece tudo o que há de mais seguro, moderno e pedagógico sôbre o assunto, que sabe transmitir seus profundos conhecimentos aos discípulos, de uma maneira clara, atraente e persuasiva. Elaborados em harmonia com os programas oficiais, seus livros possuem concisão, clareza, graduação nas lições ministradas, em suma tôdas as qualidades que tornam recomendáveis os seus primorosos manuais didáticos, dignos de serem adotados em todos os etabelecimentos de ensino.

Qualquer estudioso pode tranqüilamente subscrever as justas e elogiosas referências dos competentes e abalizados professôres, críticos, filólogos, autoridades etc. a respeito de suas inigualáveis produções linguísticas. Recomendei entusiàsticamente os seus trabalhos aos meus alunos, aos colegas de magistério e aos amigos de bons livros" (Antônio José Pimentel).

SALVADOR (COLÉGIO MILITAR): "Sua GRAMÁTICA METÓDICA sempre teve de minha parte a melhor acolhida; desconheço que outra "ensine" melhor o nosso idioma; o mesmo digo de Noções Fundamentais da Língua Latina. São os dois primeiros livros que indico aos meus alunos, quer de ginásio, quer de colégio ou do Curso de Oficiais da Polícia Militar" (Aristides Fraga Lima).

SALVADOR: "Já comuniquei a todos os colégios em que leciono que os livros adotados serão os do Prof. Napoleão" (Benjamim Câmara da Silva).

JUAZEIRO: "... pelo primor que é a sua GRAMÁTICA METÓDICA, que vivo a folhear e a que não poupo elogios, por considerá-la a mais atualizada de quantas conheço" (Benedito F. de Araújo).

CEARÁ

FORTALEZA: "... Já estou de posse da Antologia Remissiva", magnífico trabalho da sua autoria. Lendo-a, atenta e refletidamente, vou-me capacitando, cada vez mais, de que o provecto mestre é o didata perfeito, pelo método de ensino, experiência e domínio absoluto da língua pátria.

Isso, porém, me não surpreendeu, porque eu já lhe conhecia o talento e ilustração, através de trabalhos notáveis, mormente depois que li e adotei, no meu curso de português, com grande proveito para mim e meus alunos, a *Gramática Metódica*, incontestàvelmente a melhor que já se publicou no Brasil". (Antônio Soares).

Presidente do Tribunal de Fortaleza, é o culto Dr. Antônio Soares dos mais renomados professôres de português do Ceará.

IPU: "Há quase um ano conheci e li, pela primeira vez, sua excelente Gramática Metódica; tornei-me logo tão entusiasta dela que a adotei na Escola Rural desta cidade e nos cursos particulares que mantenho.

A maneira clara e judiciosa por que V. S. expõe e explana certos pontos controversos, algumas novidades postas a lume em seu precioso compêndio, o critério e o método originais de sua obra de insuperável senso pedagógico, tudo isso me fêz lembrar as lições que recebi de meus cultos mestres de português, há anos, no Seminário dos Jesuítas, em Baturité" (Moacir Timbó).

FORTALEZA: "Todos os livros que lhe saem do cérebro luminoso e da pena amestrada são de uma clareza solar impressionante.

A GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA já devia ter sido premiada como obra didática insuperável; a ANTOLOGIA REMISSIVA é indispensável na boa e segura orientação dos ginasianos" (Antônio Soares).

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA: "Somos colecionadores de gramáticas, pois possuímos as dos mais ilustres autores nacionais, mas, fôrça é convir, colocamos a GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA do Prof. Napoleão Mendes de Almeida entre as que melhor nos satisfazem. É, com efeito, um "curso completo". Professôres e alunos encontram, nesse magnífico trabalho, solução para todos os problemas da língua" (Mesquita Neto, do Jornal "A Gazeta").

GUANABARA

RIO DE JANEIRO: "Receba meus cumprimentos pela publicação da Gramática Metódica da Língua Portuguêsa" (Gustavo Capanema, Ministro da Educação, 1944).

RIO DE JANEIRO: "Devo dizer-lhe que não vejo possibilidade de escrever-se um livro de ensino mais claro, completo e rigoroso quanto o seu. Nêle encontra-se tudo quanto um jovem precisa aprender para se servir com firmeza de nossa língua. O seu trabalho revela que é de um autor dotado de excecionais dotes de inteligência e extraordinárias qualidades pedagógicas. Os muitos conhecimentos são expostos com arte invulgar" (Tomaz D'Almeida Correia).

MARECHAL HERMES: "Sendo profundo admirador seu e, mais ainda, de seus dois trabalhos, um a "GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA" e, o outro, "NOÇÕES FUNDAMENTAIS DA LÍNGUA LATINA", os quais lastimo-me de não haver adotado de há mais, recorro-me à presente com duas finalidades: uma, a de tecer os mais elevados aplausos aos seus dois citados livros, que são, ao ver dêste humilde missivista, simplesmente notáveis, dotados de um alto nível didático que, suponho, neste século, nunca encontrarão outros que os superem..." (Mauro da Silva De Felice).

MATO GROSSO

CORUMBÁ: "É, prezado professor, uma grande gramática, superior a tôdas as que têm passado por minhas mãos. Sôbre ela tenho tecido, em minhas aulas, os mais sinceros elogios" (Alexandrino dos Santos Mauro).

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE: Costumam pedir-nos a indicação de uma boa gramática para o estudo de nossa língua, e não é com segurança que inculcamos, porque as antigas já se antiquaram e as novas oferecem de ordinário menos solidez e equilíbrio que as antigas.

Entre as que temos aconselhado acha-se a GRAMÁTICA METÓDICA do senhor Napoleão Mendes de Almeida, que nos encantou pela boa doutrina e clara exposição.

De tal sorte nos caiu em graça que, havendo de adquirir algumas dezenas de gramáticas como prêmio e fecho de um curso de aperfeiçoamento, a fim de assegurar aos aperfeiçoandos estímulo e meio para continuarem o estudo da língua, optamos por ela, com aplauso dos interessados.

Não será demais observarmos que não conhecemos o operoso professor paulista, nem temos com a editôra Saraiva outras relações senão as que todo o advogado do Sul do Brasil, nesse último quartel de século, necessàriamente entabulou com o velho e generoso Saraiva que a fundou e prosperou.

Se assim pensamos, com maioria de razão continuamos a pensar, porque a terceira edição da obra é o que sempre promete e nem sempre realiza uma nova edição, a saber, correção e aumento da anterior.

É o senhor Napoleão Mendes de Almeida, em verdade, um avisado conhecedor de nossa língua, mas, bem mais do que pelo seu saber lingüístico, impõem-se-nos pela paixão com que se lhe consagra ao estudo, pela honestidade de seu magistério, e, sobretudo, pelo singular senso pedagógico que revela. Não conhecemos, por exemplo, livro mais didático do que as suas NOÇÕES FUNDAMENTAIS DA LÍNGUA LATINA.

Claro está que, ao longo de mais de quinhentas páginas, depara-nos não pouca matéria para controvérsia. A nossa língua encerra ainda muitos enigmas e o preclaro professor agrada-se de posições claras e definidas. É bem certo, de outro lado, que nelas o estudioso encontrará solução para boa parte de suas dificuldades, de tal sorte o autor as prevê e explica.

Não menos se hão de insurgir os cultores da metodologia da linguagem contra alguns aspectos de orientação pedagógica do autor. O consciencioso e inteligente tirocínio levou-o a conclusões que, certas para êle, não serão geralmente recomendáveis. Ensino é arte, e, pois, depende muito das qualidades do artista. Tal processo dará frutos preciosos nas mãos de um, que os dará mofinos nas mãos de outro.

O que é, porém, certo de tôda a certeza é a fraqueza que revelam os nossos alunos, em matéria de gramática expositiva, e isso se há de levar em conta do modo dispersivo, fragmentário e confuso que o autor justamente estigmatiza no prefácio.

Dessa maneira, pela substância das lições e pelo processo de ensino, constitui a GRAMÁTICA METÓDICA uma obra por muitos títulos recomendável, e é com justiça que a recomendamos a quantos queiram ter à mão um precioso instrumento de trabalho.

MÁRIO CASASANTA

É o professor Mário Casasanta catedrático de português da Escola Normal Oficial de Belo Horizonte, cadeira que conquistou com a brilhante tese "A

palavra MESMO", de 85 páginas; é catedrático de Direito Constitucional da faculdade de Direito, tendo já ocupado a Secretaria da Educação do Estado de Minas e a Reitoria da Universidade de Minas.

BELO HORIZONTE: "Confesso desconhecer outra gramática que à sua se compare no que diz respeito à clareza, ao método, que é original, e, sobretudo, à eficiência" (J. G. de Almeida).

BELO HORIZONTE (CURSO CHAMPAGNAT): "Sou um dos atuais diretores do "Curso Champagnat", onde leciono português. Adotamos seus dois livros, a insuperável GRAMÁTICA METÓDICA e o utilíssimo livro seu de latim, NOÇÕES FUNDAMENTAIS" (Delson Gonçalves Ferreira).

BELO HORIZONTE: "Estou simplesmnente radiante por ter encontrado uma gramática que me satisfizesse" (Isaura Martins Cardoso).

CARATINGA: "Não me abstenho de confessar-lhe que seu trabalho é jóia de quilate inestimável, ouro de lei, porque representa a erudição do filológo no ourives do mestre" (Francisco dos Reis Alves).

ELÓI MENDES: "Estou convencido de que a Gramática Metódica é a melhor gramática do idioma português" (João Alves Pereira Penha).

JUIZ DE FORA: "... GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA. Como tenho aprendido! Desnecessário dizer-lhe que vou adotá-la nas quatro séries do Colégio São José" (Leo Caldas Renault).

PIRAPORA: "Tenho adotado sempre nos estabelecimentos em que leciono a sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA" (Carlos Nunes Lopes).

POÇOS DE CALDAS: "A grande preferência atesta-lhe o valor inigualável do método pedagógico, insuperável quanto à simplicidade e à clareza na exposição integral dos fatos gramaticais" (Jesus Bernardino da Costa, de uma carta aberta, publicada no "Diário de Poços de Caldas" de 28-6-55).

S. JOÃO DEL REI: "Acabo de ler a sua Gramática Metódica. Excelente! Ótima! Parabéns, efusivos e sinceros parabéns!" (José Américo da Costa).

UBERABA: "A sua forma incisiva, inerente àqueles que discorrem a cavaleiro, tirou do compêndio gramatical todo o dissabor que promana dos livros congêneres... A parte sintática clareia o nosso raciocínio" (Dirceu Pacheco de Matos).

PARANÁ

CURITIBA: "O prof. Napoleão Mendes de Almeida é guia e mestre que já lançou alicerces à grande obra histórica, crítica, literária e didática da gramática portuguêsa; afirmou-se, como expositor pedagógico de fatos e de idéias simples e intuitivo, um libertador vernaculista espiritual das graves regras conservadoras. A Gramática Metódica da Língua Portuguêsa interessa essencialmente todos aquêles que se ocupam com tornar resolvidas antigas querelas como o infinito pessoal, a colocação dos pronomes oblíquos e outras questões escabrosas, certeiramente caraterizadas e julgadas com sinceridade.

O autor tem, por suas lúcidas exposições, o método que falta às congêneres gramáticas... Nenhum livro, mais nítida e lùcidamente, como a Gramática Metódica da Língua Portuguêsa, pode transmitir-nos essa verdade sem eclipses nem contornos ornamentais" (Jaime Balão Júnior).

CURITIBA (GINÁSIO ADVENTISTA PARANAENSE): "Tenho como livros de cabeceira as obras do ilustre e original mestre paulista: GRAMÁTICA METÓDICA e NOÇÕES FUNDAMENTAIS. Sou propagandista tão entusiasmado q e quase orça pelo fanatismo" (Elemer Hasse).

PONTA GROSSA: "Deseja V. S. saber a opinião do meu espôso, prof. Meira, relativa a sua gramática? Tanto a sua obra, como a do prof. S. Bueno e a de C. Jucá êle as leu vagarosamente: Indicou aos professôres a sua. — Não é preciso dizer mais nada" (Eleonora Amaral de Angelis).

PERNAMBUCO

RECIFE: "... autor da GRAMÁTICA METÓDICA, que o brilhante filólogo prof. Olímpio Magalhães considera, com razão, a melhor gramática expositiva da língua portuguêsa, pela quantidade de questões nela tratadas".

"Relativamente ao verbo "precisar" vejamos o que diz o maior gramático moderno brasileiro, Napoleão Mendes de Almeida...".

"O preclaro mestre Napoleão Mendes de Almeida, em sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA, que é, repetimos mais uma vez, a mais completa gramática expositiva da língua portuguêsa, discorre com mestria sôbre êste assunto..."

"Possuímos a Gramática Metódica do prof. Mendes de Almeida e recomendamo-la, iterativamente, aos nossos alunos. O notável mestre paulista escreveu obra imorredoura que só mui dificilmente poderá ser superada, pois é a gramática mais completa que conhecemos, não só quanto à profundidade, senão também quanto à extensão e variedade dos assuntos tratados" (Adauto Pontes).

Trechos tirados de vários artigos publicados pelo erudito prof. Adauto Pontes no "Diário de Pernambuco", de Recife, em sua seção filológica "Em doses homeopáticas".

RECIFE: "Adotei sua Gramática em tôdas as séries do curso ginasial e do básico, assim como a ANTOLOGIA. Fi-lo com a convicção de servir aos meus alunos da melhor maneira possível" (Hulmo Passos).

PIAUÍ

TERESINA: "Em sua Gramática Metódica e nas Noções Fundamentais da Língua Latina aprendi muita coisa que nunca tive oportunidade de conhecer e saborear durante todo o tempo que passei na sementeira sagrada do Seminário.

Minha homenagem, pois, mui cincera, e gratidão perene ao mui caro e egrégio mestre, que tanto tem feito pela grandeza e glória de nossa nacionalidade" (Severino Gomes de Oliveira).

RIO DE JANEIRO

NITERÓI: "O cônego Lino Vitor Foureaux expressou tôda a satisfação que os mestres experimentamos, quando achamos certo o resultado de um problema difícil que procurávamos resolver: *Até que enfim encontrei uma gramática.*

Não vejo outras palavras que traduzam melhor minha debilíssima opinião sôbre tão excelente compêndio. Sua gramática, prof. Napoleão, é livro de cabeceira; é breviário, é relicário de que tanto precisam todos quantos procuram falar, ler, escrever corretamente o idioma português. Adoto-a, na certeza de estar guiando meus alunos por um caminho seguro, e recomendo-a, sempre, aos meus amigos, como livro indispensável" (Eduardo Antônio Viana).

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL: "São, por assim dizer, livros puramente didáticos, feitos de maneira superior, pelo método e pelo conhecimento, sob a inspiração excelsa dos manes de Pestalozzi, de Comenius, de Gregório Girard e de D. Bosco! São, enfim, livros despidos daquele intolerável vezo da mercantilização limpa e sêca! A pedagogia do prof. Mendes de Almeida é, como diz Afrânio Peixoto da de Hebart, ciente e consciente!" (F. Rodrigues Alves).

NATAL: "Com o mais acentuado respeito, ven o cientificá-lo de que hoje tive a feliz oportunidade de encontrar numa das livrarias locais a sua preciosa e singularíssima Gramática Metódica. Fiquei radiante, pois de há muito desejava conhecer essa grande obra. Sem nenhuma sombra de bajulação, sua Gramática Metódica é a maior gramática da língua portuguêsa das já editadas, quer em Portugal, quer no Brasil" (Cícero Mendonça).

NATAL: "V. Senhoria está sempre presente à minhas aulas; jamais me cansarei de preconizar que os seus livros de português, pela maneira farta, desenvolta e simples com que V. S. trata dos assuntos, arvoram-se em verdadeiro "Abre-te Sésamo" para todos aquêles que se debatem por um aprendizado mais acentuado da língua pátria" (Arnaldo Azevedo).

NATAL: "Francamente, professor, deixe que eu lhe dê os parabéns por tão maravilhosa obra: ela é digna de louvor, ela é motivo de orgulho para a nossa pátria" (Gláucia César da Silva).

NATAL: "São meus conhecidos os seus excelentes livros de português e os tenho adotado com indiscutível proveito nas classes em que leciono" (Antônio Fagundes).

CAICÓ (GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE): "... e confesso desconhecer outra que a ela se compare no que diz respeito à clareza, ao método, à eficiência. Posso seguramente afirmar que é a melhor gramática do idioma português" (João Maria Filho).

MOSSORÓ: "Li e comentei os seus trabalhos com alguns professôres, inclusive com o prof. Dr. Mozar Menescal, juiz de direito aqui no Estado, recebendo de todos palavras de louvores, as quais se associaram às minhas.

Pelo moderníssimo, pelas compreensíveis exposições de sua gramática, ligadas às completas páginas dos dois volumes de sua ANTOLOGIA REMISSIVA, formando um conjunto magnífico e homogênio, considero-os de inestimável valor aos estudantes do Brasil" (Ivanaldo Lopes).

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE: "Desejo aqui salientar ao ilu tre colega que meu profundo interêsse por seus trabalhos nasceu do conhecimen o de sua GRAMÁTICA METÓDICA, que, digo-o sem receio de contestação, é um grande livro, notável contribuição de V. S." (Godofredo O. Gomes).

PORTO ALEGRE: "Tenho-me valido muito da exposições de seus livros em minhas preleções aos alunos. O método empregado por V. S. é claro, seguro e profundo" (Maximiliano Bottari).

CACHOEIRA DO SUL: "As questões de nosso idioma são tratadas nesse livro com tanta ordem, método, simplicidade, precisão, clareza, com tal coordenação e lógica, com tão positivo e forte encadeamen o de raciocínio na demonstração e explanação dos assuntos, que o estudante se vê forçado a aprender o idioma sem recorrer a explicadores. Êsse modo especial, engenhoso de explicar os fatos da linguagem, com segurança, firmeza e persuasão, dá a impressão ao leitor que está ouvindo o próprio autor da gramática a falar-lhe "(Cel. Carlos Abreu, de um ar igo do "Comércio" de 13-1-1954).

RIO PARDO: "Sou sua fã número um. Sua GRAMÁTICA METÓDICA é simplesmente formidável. Parabéns, professor, pela elaboração de tão excelentes livros" (Vera Beulke).

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS: "Como professor que sou, no Colégio Catarinense, nesta cidade, tenho tido oportunidade de citar e manusear, como diretriz de minhas aulas, sua excelente Gramática Metódica" (Alfredo Zimmer).

SÃO PAULO

SÃO PAULO: "... quero contar-lhe o que encontrei escrito na primeira página do exemplar da sua gramática; copiei as palavras, às escondidas, para mandar-lhe. São estas: "Orgulho-me de possuir esta gramática, fonte de aber e visão; que Deus me ajude a trazê-la também na mente".

Êsse rapazola escreveu aquilo provàvelmente numa conversa com Deus, sem jamais imaginar que o autor da gramática viria a saber. Assim sendo, acredito que aquelas palavras são um bom testemunho de que o seu amor pelo nosso idioma encontra o mais fervoroso eco no coração dos seus patrício . E é bom que o exemplo tenha vindo de um jovem: isso faz pensar que a esperanças no tão falado "futuro melhor" se justifiquem" (Judith Martins).

SÃO PAULO: "... folheia daqui, folheia dacolá, quando dou por mim estou a ler quase de cabo a rabo o excelente livro" (Léo Vaz).

SÃO PAULO: "Posso afirmar-lhe que o trabalho é excelente, metódico e claro, e que em tôda as minhas aulas de português será êle o guia dos alunos" (Antônio D'Ávila).

SÃO PAULO: "... A propósito, permitimo-nos recomendar aos estudiosos do idioma pátrio a monumental "Gramática Metódica", de autoria do dedicado e preclaro professor Napoleão Mendes de Almeida. Mestre que é, tendo observado o estudo e a aplicação da gramática, no convívio com os estudantes, escreveu a obra supra citada, numa disposição adequada e estilo suave para fácil aprendizagem" (Dorival Soares Ramos).

SÃO PAULO: "É proveitosa e indispensável não só ao estudantes dos vários anos, mas a todos os que desejam manejar corretamente nosso idioma. Em linguagem escorreita, todos os fatos concernentes à nossa língua são tratados de modo imples e intuitivo. As inovações introduzidas, na disposição da matéria, são de raro alcance pedagógico" (Manuel Pereira do Vale).

SÃO PAULO (Do Jornal O OPERÁRIO): "Verdadeiramente o rapaz sabia e sabe. Só então é que verifiquei que NOÇÕES FUNDAMENTAIS DA LÍNGUA LATINA é o único manual existente em língua portuguêsa que podemo chamar "Latim sem Mestre". Soube também que o mesmo acontece com a GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA. O autor desafia qualquer professor a não saber explicar ou qualquer estudante a não entender seus pontos. Livros assim, sim. Autores assim, que sentem e v vem com os alunos, dão gôsto. Livros assim valem por muitos pedagogos demagogos que acumulam os alunos com tantos livros novos no princípio do ano e sem as partes estudadas nos anos anteriores. Livros completo assim formam uma biblioteca completa" (José Pedro Miranda).

SÃO PAULO: "Foi como sol de estio por sôbre os meus dantes mu to mais pálidos laivos gramaticais. Sem hipocrisia ou intuito de louvaminhá-lo, assevero-lhe que nunca houvera visto gramática tão ilucidativa e de tão fácil e suave tirocínio. O caso da regência em geral, mormente a dos verbos; a doutrina sôbre a partícula "se"; a riqueza de advérbios e locuções e de verbos onomatopaicos; a colocação dos pronomes oblíquos etc., nenhum outro mestre explana tão precisa e expressivamente. Um abundante oásis de saborosa aprendizagem, em que se dessedenta gostosamente — eis ao que comparo, abalizado professor, a sua riquíssima GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA (Penitenciária, Sentenciado 12.929).

CAMPINAS: "Trata-se — digo-lho sem o menor favor — do melhor livro que, no gênero, possuímos" (Hildebrando Siqueira).

JAÚ "Só hoje tive a felicidade de adquirir um exemplar do magnífico trabalho de V. S., intitulado "Gramática Metódica da Língua Portuguêsa". Deixei de lado tôdas as demais obras para o ensino da língua e passei a adotar êsse valioso trabalho do prezado mestre" (Prof. O waldo Brandão Tófano).

JAÚ: "Como professor de português do primeiro ano do curso técnico de contabilidade desta academia, adotei a sua inigualável gramática" (Adonis M. Piràgine).

MOGI DAS CRUZES: "Acabei de ler, com a devida atenção, vossa Gramática Metódica da Língua Portuguêsa, 3ª edição, e, dentre inúmeras que tenho lido, foi a que mais me impressionou, pela clareza e pelo método, considerando-a a melhor que apareceu. ...A sintaxe está tão bem exposta que, a quem ler, não sobrará mais justificativa para ignorar análise lógica. Felicito-vos, exultante, pela publicação dessa magnífica obra lingüística e altamente patriótica" (Coronel Carlos Abreu).

NOVA GRANADA: "Minha admiração pela sua pessoa não tem limites. O senhor é uma dessa raras pessoas que nasceram para fazer algo de extraordinário. Acho seus livros de português e de latim notáveis. Aprende-se e toma-se gôsto pelo estudo" (Dirceu Penteado).

OURINHOS: "Nada se poderia desejar de melhor e passo a adiantar-lhe que será a escolhida e adotada em todos os meus cursos" (Aparecido G. Lemos).

PIRACICABA: "Êste professor, como todos sabem, é incansável na disseminação do ensino de nossa língua. Sua gramática é um livro precioso, como preciosa é a advertência com que o mestre inicia o seu prefácio, que encerra um trecho que todo o professor precisa conhecer, especialmente os mestres do vernáculo de tôdas as categorias, daquém e dalém mar..." (Sílvio de Aguiar Sousa).

SANTOS: "Particular admirador da Gramática Metódica do Prof. Napoleão Mendes de Almeida, tenho feito dela sinceras e por isso mesmo as melhores recomendações a alunos e colegas, adotando-a invariàvelmente como compêndio dos alunos das classes onde leciono" (Rubens Nunes).

claro na exposição, simples nos pontos controvertidos, é prático na correção dos erros mais comuns em nosso idioma" (Hercílio Angelo).

SOROCABA: "No terreno da gramática não conheço nada mais perfeito, mais limado, mais metódico, mais claro, mais preciso e mais conciso. Problemas tão debatidos, como o do infinitivo flexionado, da colocação dos pronomes átonos e da bizantina sintaxe do pronome "se", trata-os sempre com cunho original, com método didático surpreendente e até com certo sainete... e o faz sem a falta de método de Carneiro Ribeiro, sem o estilo pesado de Said Ali e sem o excesso analítico de Carlos Góis. Sua gramática, sôbre científica, é simples, estética e simpática. Parabéns. Exultei por averiguar que nesta geração tão prática, tão utilitária, ainda há homens que querem ao idioma pátrio e dêle zelam com dileção entranhável. Faz-me lembrar Santa Teresinha, a florzinha mimosa de Lisieux: "Com amor tudo se consegue". Faz-me lembrar, também, o ardente e austero Santo Agostinho: "Ama et fac quod vis" (Marius Teixeira Neto).

TAQUARITINGA: "Examinei página a página, questão a questão, comparando-a com os velhos mestres e só achei superior a sua gramática" (Paulo Gu man).

TATUÍ: "Li-a tôda e fiquei encantado; não há exageração no têrmo: fiquei realmente encantado" (Silvio Azevedo).

SERGIPE

ARACAJU: "... sua preciosa *Gramática Metódica*, onde observei o interêsse do mestre em tornar a gramática mais acessível à simpatia dos alunos, obedecendo a um método todo singular, o que lhe dá um aspecto de novidade" (José Bezerra dos Santos).

TERRITÓRIO DE RONDONIA

PORTO VELHO: "Quanto ao método, po so garantir que de tôdas as gramáticas é a melhor, porque qualquer pessoa que a leia compreenderá perfeitamente os problemas de nossa língua como se fôssem expostos em uma história em quadrinhos" (Raimundo Nonato dos Reis Eirado).

ALEMANHA

BERLIM — LANKWITZ: "Venho participar a V. Ex.ª que pedimos à Livraria Saraiva a sua GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORT GUÊSA, a fim de ser enviada para a Seção Brasileira desta biblioteca onde é procurada por muitos interessados" (Hermann B. Hagen, Ibero-Amerikanische Bibliothek).

CHECOSLOVAQUIA

PRAGA: "Há dois anos comprei a última edição de sua GRAMÁTICA METÓDICA, com a qual fiquei realmente encantado. Não preciso dizer ao senhor que a sua obra me tem satisfeito em todos os sentidos, por poder encontrar nela, fàcilmente, tudo o que preciso aclarar. O seu método é o mais apropriado também para nós estrangeiros que queremos aperfeiçoar as noções da língua portuguêsa, pois sua gramática oferece um aspecto completo da estrutura do português.

Em especial e com muito interêsse li o capítulo que trata dos particípios duplos, parte que, na verdade, é uma das coisas mais difíceis, pelo menos com respeito a nós estrangeiros. Adotei a sua gramática nos meus cursos de português, considerando o guia que nunca falha: a qualquer momento que a consulto, sempre encontro solução para os problemas que surgem" (Jaroslav Holbik).

ITÁLIA

ROMA: "É com grande prazer e avidez que estou estudando sua preciosa GRAMÁTICA METÓDICA, verdadeira jóia para mestres e alunos de nossas escolas" (Padre Anselmo Goulart).

POLONIA

RACIBORZ: "Leio os seus l vros diàriamente; são livros que recomendo a todos os que intentam aprender o português, pois figuram entre os melhores que se publicaram" (Paulo Kaleta, filólogo polonês).

PORT GAL

LISBOA: "Recentemente publicou o Prof. brasileiro N. Mendes de Almeid uma Gramática Metódica da Língua Portuguêsa. É, na verdade, em mistura de simplicidade e erud ção, um resumo sistemático do que de melhor existe no terreno de nosso idioma" (Vasco Botelho do Amaral, *Lisboa*).

— A apreciação supra encontra-se no livro "Meditações Críticas sôbre a Língua Portuguêsa", Lisboa, 1945.

LISBOA: "...não, porém, assim no Brasil, onde o assunto começa a entrar em livros didáticos. Nas escolas secundárias do Brasil adota-se um trabalho notabilíssimo, intitulado

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO: "A Gramática Metódica, do Prof. Napoleão Mendes de Almeida, é, sem favor algum, excelente método de língua portuguêsa — seguro na doutrina, "Gramática Metódica da Língua Portuguêsa", pelo Prof. Mendes de Almeida. Ora, nessa excelente grámatica..."

Do mesmo autor, apreciação que se encontra na obra "Glossário Crítico de Dificuldades do Idioma Português", Lisboa, 1947.

LISBOA: "Em vez de defender meu modo de ver com palavras minhas, prefiro transcrever aqui o que ensina o distinto professor brasileiro Napoleão Mendes de Almeida..." (Fernado V. Peixoto da Fonseca).

A citação de uma página inteira, encontra-se no "Boletim Mensal" (fevereiro de 1952) *da "Sociedade de Língua Portuguêsa".*

LISBOA: "Se quer ainda uma boa gramática, se não a melhor, recomendamos a do professor brasileiro Napole o Mendes de Almeida, GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA" (F. V. P. da Fonseca, Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguêsa, abril de 1953).

LISBOA: "Está aqui uma GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, feita pelo eminente filólogo brasileiro, Prof. Napole o Mendes de lmeida. Percorrendo as páginas, encontro o que n o se vê em livros similares portuguêses, e é isto — ensina a escrever bem, com domínio expressional, com riqueza de conhecimentos práticos em vez de teorias bafientas, com exposiç o de fatos da língua e não com regrinhas fastidiosas. Trata-se de regência? Apresentam-se os verbos com as regências. Expõe-se o assunto da pureza da língua? Fazem-se listas com erros e suas emendas" ("Palestras" de Língua Portuguêsa, nº 34, pág. 299).

RÚSSIA

LENINGRADO: "Tem o prazer de escrever-lhe um estudante da universidade de Leningrado. Estudo na faculdade de filologia, seção de línguas românicas... Com grande dificuldades recebi de São Paulo a sua famosa GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA. Eu a considero a melhor obra sôbre língua portuguêsa" (Anatólio Gach).

SUÉCIA

ESTOCOLMO: "Me deziras lernar la portugalana linguo. Me deziras korespondar kun Vu. Me skribas e parolas perfekte La Moderna Esperanto — Ido" (Erik Järnstad).

*

PAQUETÁ: "Quando escrevo, tenho sempre perto de mim, companheiros inseparáveis, dois volumes. Um é o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa; o outro, a GRAMÁTICA METÓDICA. São as autoridades a que recorro, em plena confiança, para resolver as dúvidas que com freqüência me assaltam neste meu canhestro lidar com o idioma.
Aprendi assim de longa data, por essa prática constante, a apreciar as muitas e preciosas qualidades do seu livro: método, clareza de exposição, segurança dos conceitos, precisão dos exemplos, tudo se conjuga para torná-lo instrumento de máxima utilidade para os que ambicionem sólido conhecimento do vernáculo" (Vivaldo Coaracy).

*

QUEIMARAM: "O senhor professor nem pode imaginar o entusiasmo e o interêsse dos alunos pela METÓDICA. Tanto que, no dia em que a adotamos, os alunos amontoaram os exemplares todos da "Moderna Gramática Expositiva", antes adotada, e lhes atearam fogo. O ato talvez não conviesse a seminaristas, mas estudante é estudante" — Padre Santo Contessotto — Antônio Carlos, Minas.

P RA O LIXO: "Talvez o senhor venha a estranhar o conceito que faço de sua METÓDICA, classificando-a como a primeira, após a oficialização da nova nomenclatura. É que os outros compêndios são simples comentários, acéfalos, que deixam a entender o quão mercenários são os seus autores, especialmente lmeida Tôrres, Rocha Lima e Carlos Góis. Sua Gramática, professor Napoleão, fêz com que eu lançasse ao lixo todos êsses livros, adquiridos por alto preço". — Ivanaldo Lopes — Natal, R. Gr. do Norte.